GRAMMATICA HISTORICA

DA

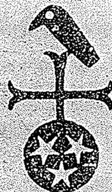
LINGUA PORTUGUEZA

POR

M. SAID ALI

2.ª edição melhorada e augmentada de LEXEOLOGIA e FORMAÇÃO DE PALAVRAS E SYNTAXE DO PORTUGUEZ HISTORICO

(1.º Premio Francisco Alves de 1921 e de 1927)



EDITORA-PROPRIETARIA
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

GRAMMATICA HISTORICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

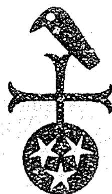
POR

M. SAID ALI

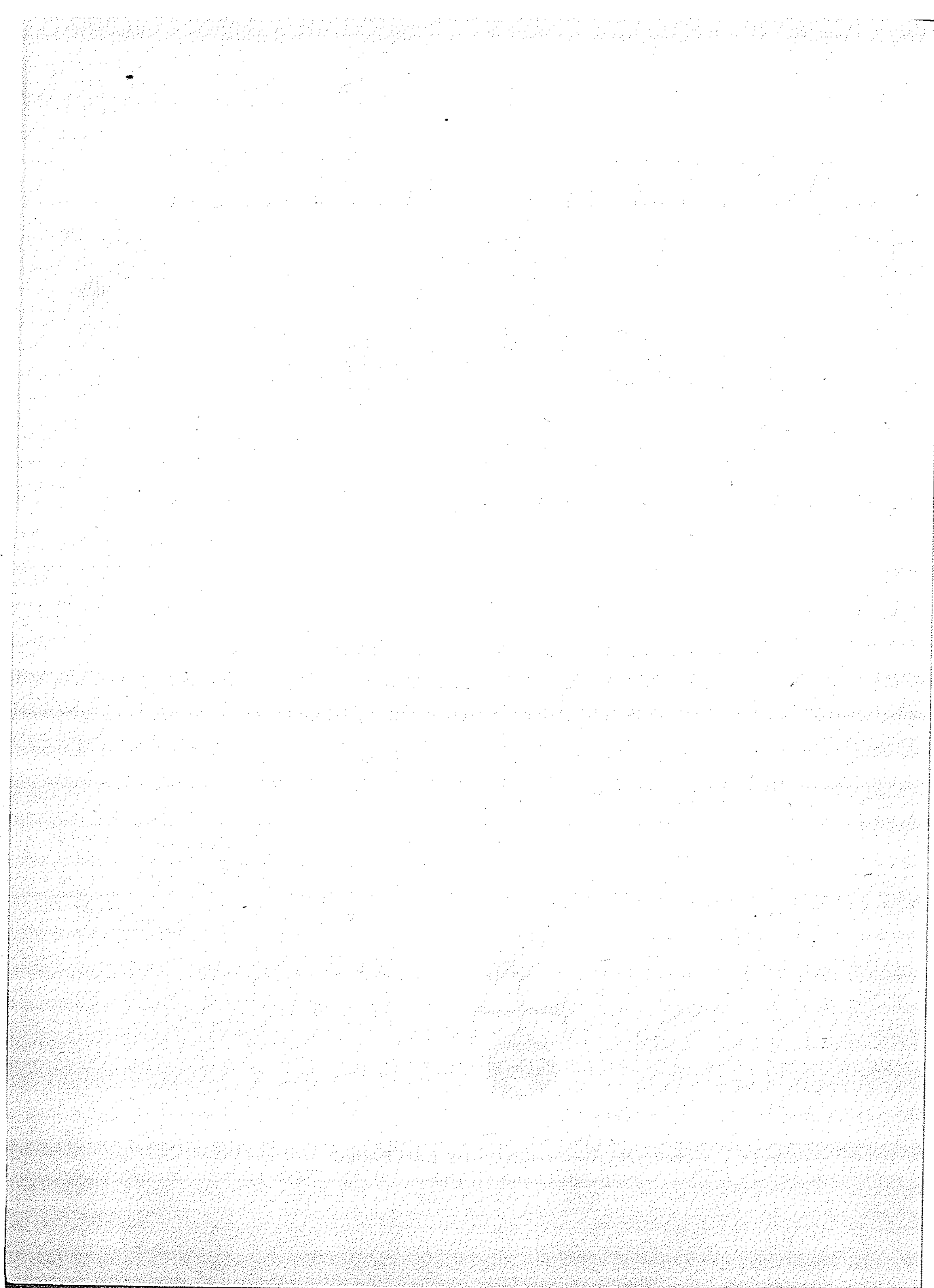
2.ª edição melhorada e augmentada de LEXEOLOGIA e
FORMAÇÃO DE PALAVRAS
E SYNTAXE DO PORTUGUEZ HISTORICO

(1.º Premio Francisco Alves de 1921 e de 1927)





EDITORA-PROPRIETARIA
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO



PROLOGO DA LEXEOLOGIA

(1.ª EDIÇÃO)

Terreno vasto, arido e difficil de lavrar é a perspectiva que se offerece a quem se lembra de estudar o desenvolvimento de um idioma como o portuguez desde a remota phase dos primeiros documentos escriptos até os nossos dias. Consciente das difficuldades, senti-me todavia attrahido pelo assunto. Tarefa intermina, e limitadas as minhas forças para colher algum fruto, dediquei aqui toda a attenção especialmente á lexeologia. Servem de introducção algumas paginas sobre a evolução phonetica do portuguez historico segundo se conclue da maneira de representar os sons nas differentes epocas.

Sem a menor preoccupação de descobrir novidades ou tratar questões linguisticas melhor do que outros o haviam feito, não podia comtudo deixar de ir directamente ás fontes buscar a solução dos problemas, porque a isto me obrigava a natureza do trabalho. Averiguei que certas theses sabidas em parte se confirmavam, em parte porem se tornavam insustentaveis. Alem disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, factos linguisticos cuja existencia a principio nem suspeitava.

Não dissocio do homem pensante e da sua psychologia as alterações por que passou a linguagem em tantos seculos. É a psychologia elemento essencial e indispensavel á investigação de pontos obscuros. As mesmas leis phoneticas seriam inexistentes sem os processos da memoria e da analogia. Até o esquecimento, a memoria negativa, é factor, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma.

Adoptado semelhante methodo de pesquisa, adquiriu o livro certo aspecto de lexeologia semantica, ou, se preferirem, de semantica lexeologica, destoando assim de vetusto systema de classificação. Descance em paz a contenda sobre a conveniencia ou inconveniencia de guardar costumes antigos; sómente advirto que deixará de ser historico o estudo de vocabulos que desprezar as alterações semanticas. No correr das seguintes paginas não faltará ao leitor opportunidade para ver como certos vocabulos variam de categoria grammatical em virtude da mudança de sentido.

Em pontos de nomenclatura evitei em geral o recurso de inno-

vações desnecessarias. Preferi a denominação mais vaga de alternancia vocalica a metaphonia e apophonia por me parecer que estes termos, segundo os encontro definidos, não exprimem com rigor a natureza da alteração phonetica. Um ou outro termo novo que empreguei se impunha para designar factos que ainda não haviam sido definidos ou se estudavam por aspecto differente.

Distingo no portuguez historico dous periodos principaes: o portuguez antigo, que se escreveu até os primeiros annos do seculo XVI, e o portuguez moderno. A esta segunda phase pertencem já a Chronica de Clarimundo (1520), de João de Barros, as obras de Sá de Miranda, escriptas entre 1526 e 1558, as de Antonio Ferreira, a chronica de Palmeirim de Inglaterra e outros trabalhos literarios produzidos por meiados do seculo. Robustecida e enriquecida de expressões novas a linguagem usada nas chronicas desta epoca, que relatam os descobrimentos em Africa e Asia e os feitos das armas lusitanas no Oriente, culmina o apuro e gosto do portuguez moderno nos Lusiadas (1572). E' o seculo da Renascença literaria, e tudo quanto ao depois se escreve é a continuação da linguagem desse periodo.

Não ficou, nem podia ficar, estacionario o portuguez moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos quinhentista, seiscentista, setecentista a linguagem propria das respectivas eras. Reservo a denominação de portuguez hodierno para as mudanças caracteristicas do falar actual creadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do seculo XIX, ou que por ventura remontam ao seculo XVIII.

Limites entre os diversos periodos não podem ser traçados com rigor. Alterações linguisticas não dependem do calendario, nem do anno em que o seculo acaba ou começa. Alem disso, autores ha cuja actividade literaria se exerce, parte num seculo, parte no immediato. O que devemos entender por linguagem quinhentista, seiscentista, etc., é a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nella principalmente. Dizeres peculiares a qualquer das epocas continuam muitas vezes a ser usados por alguns dos escriptores do periodo seguinte.

Ignora-se a data ou momento exacto do apparecimento de qualquer alteração linguistica. Neste ponto nunca será a linguagem escripta, dada a sua tendencia conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a innovação, formulada acaso por um ou poucos individuos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalisar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repelle-a, a principio, mas com o tempo succumbe ao contagio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos annos, até que por fim a linguagem literaria, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide tambem a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não sómente de factos isolados, mas ainda do apparecimento de todo o portuguez moderno.

Não é de crer que poucos annos depois de 1500, quasi que bruscamente e sem influxo de idioma estranho, cessassem em Portugal inveterados habitos de falar e se trocasse o portuguez antigo em portuguez moderno. Nem podemos attribuir a escriptores, por muito engenho artistico que tivessem, aptidões e autoridade para reformarem a seu sabor o idioma patrio e sua grammatica. Consistiria a sua obra antes em elevar á categoria de linguagem literaria o falar commum, principalmente o das pessoas educadas, tornando-o mais elegante e desterrando locuções que lhe dessem aspecto menos nobre. Este falar commum remontaria aos tempos de Ruy de Pina e Zurara, ou se usaria talvez antes. Mas os escriptores antigos evitavam afastar-se da pratica recebida de seus avós, e, posto que muitas concessões tivessem de fazer ao uso para serem entendidos, todavia propendiam mais a utilisar-se de recursos artificiaes que dessem ao estilo certo ar de gravidade e acima do vulgar.

O seculo XVI, descerradas as cortinas que encobriam o espectaculo de novos mundos, e dada a facilidade de pôr a leitura das obras literarias ao alcance de todos, graças ao desenvolvimento da imprensa, devia fazer cessar a superstição do passado, mostrar o caminho do futuro e ditar a necessidade de se exprimirem os escriptores em linguagem que todos entendessem. Resolveram-se a fazel-o. Serviram-se da linguagem viva de facto, como o demonstram os dialogos das comedias de então, que reproduzem o falar tradicional da gente do povo. Trariam estes dialogos os caracteristicos grammaticaes do portuguez antigo, se fosse este ainda o idioma corrente.

Nos seculos que precederam a era quinhentista claro está que a linguagem soffreu tambem evolução. Entre os antigos autos de partilhas e a chronica de D. João I é palpavel a differença. Seria comtudo prematura qualquer subdivisão do portuguez antigo, pois que nos faltam ainda muitos documentos e de varios codices publicados resta a saber a data certa em que foram pela primeira vez escriptos.

Na citação dos exemplos conservei em geral a graphia usada nos livros donde os extrahi, sem todavia levar o rigor ao extremo de sacrificar a legibilidade. A attenção para com o leitor faz-me simplificar mais do que ultimamente se costuma nas edições de obras antigas; pois que alem de desligar palavras, desfazer abreviaturas, empregar o signal hyphen, etc., substituo frequentemente o til por *m* ou *n* postos adiante da vogal, e escrevo *u* e *v* de accordo com a pratica hodierna, desprezando a confusão que outrora reinava no emprego destas letras. Quanto ás palavras de graphia indecisa, e sem interesse phonetico, não me julguei obrigado a variar supersticiosamente a escripta a todo o instante e ao sabor da fantasia do texto original.

Elucidados estes pontos, cumpre accrescentar que escrevi este livro com o intuito de expôr sómente as conclusões a que chegara depois de ler e cotejar muitos e differentes textos. Citei provas e exem-

plos. Não tomei compromisso de discretear com assuntos interessantes e questões obscuras para cuja solução não encontrei elementos bastantes no passado do idioma, ou na comparação deste com outros. Prefiro deixar por ora taes casos em silencio.

Apesar destas precauções e de toda a boa vontade, não sahirá o livro sem falhas. Eram inevitaveis, sobretudo em primeira edição.

Resta-me agora manifestar a minha gratidão para com aquelles que concorreram para que meus esforços pudessem ser levados a termo. João Ribeiro e Silva Ramos, distintos collegas e perscrutadores, a todo o momento deixaram que me utilisasse das rarissimas obras de que são possuidores. Prestaram-me serviços inestimaveis. O meu collega Capistrano de Abreu, não lhe bastando pôr á minha disposição os thesouros de sua bibliotheca, auxiliou-me ainda na penosa tarefa de rever provas, suggerindo-me o seu saber opulento proveitosos accrescimos e modificações.

Agradeço a todos estas finezas, e agradeço tambem aos Snrs. Weiszflog Irmãos, firma agora incorporada em sociedade anonyma, a galhardia com que se houveram incumbindo-se da impressão do livro, e felicito-os pelo excellente trabalho e pela habilidade com que venceram os enredados meandros de graphias antigas.

Rio, Março de 1921.

M. SAID ALI

PROLOGO DA GRAMMATICA HISTORICA

A parte complementar que a Lexeologia reclamava sahiu a lume dous annos depois. Constituiam os dous volumes uma grammatica historica que, sem desprezar a evolução do latim para o portuguez, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas phases do portuguez historico, isto é, no largo periodo decorrido desde o tempo que se conhece o portuguez como lingua formada e usada em documentos.

Na presente edição foram transpostos para o lugar devido os capitulos referentes a conhecimentos preliminares que, a titulo de appendices, se haviam ajuntado á segunda parte. Expungiram-se falhas e incorreições e fizeram-se alterações e accrescimos para melhor esclarecimento de alguns factos da linguagem.

Rio, Janeiro de 1931.

M. SAID ALI

INDICE DA 1.ª PARTE

INDICE DA 2.ª PARTE

Formação de palavras

Syntaxe

1.ª PARTE

ESTUDO DOS SONS
E
LEXEOLOGIA

LITERATURA

A. Ferr. Obras = Obras completas de Antonio Ferreira. Rio de Janeiro — Paris, 1865.
A. Ferr. Poemas Lus. = Poemas Lusitanos de Antonio Ferreira. Lisboa, 1829, Typographia Rollandiana.
Arr. = Dialogos de Dom Frey Amador Arraiz. Lisboa, 1846, Typographia Rollandiana.
Barros, Dec. = Da Asia de João de Barros. Lisboa, 1778 (Cita-se decada, livro e capitulo).
Barros, Clar. = Chronica do Imperador Clarimundo de João de Barros. Lisboa, 1843, Typographia Rollandiana.
B. Cruz, D. Seb. = Chronica d'El-Rei D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz. Lisboa, 1903.
Bern., N. Flor. = Nova Floresta do Padre Manoel Bernardes. 1706-1728.
Bern., L. e C. = Luz e Calor do Padre Manoel Bernardes.
Cam., Lus. = Os Lusiadas de Luis de Camões (Cita-se canto e estancia).
Canc. Aj. = Cancioneiro da Ajuda.
Canc. Din. = Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal von Henry R. Lang. Halle A. S. 1894.
Castanh. = Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portugueses por Fernão Lopes de Castanheda. Lisboa, 1833, Typographia Rollandiana (Cita-se tomo e capitulo).
Castilho, Georg. = As Georgicas, traducção de A. F. de Castilho.
Castilho, Fast. = Fastos, traducção de A. F. de Castilho.
Castilho, Fausto = Fausto, traducção de A. F. de Castilho.
Castilho, Tart. = Tartufo, traducção de A. F. de Castilho.
Castilho, Metam. = Metamorphoses, traducção de A. F. de Castilho.
Castro, Ulys. = Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro. Lisboa, 1826, Typographia Rollandiana (Cita-se canto e estancia).
Castello Branco, Boh. do Esp. = Bohemia do Espirito de Camillo Castello Branco. Porto, Livraria Chardron, 1903.

Corte Imp. = O Livro da Corte Imperial (Collecção de Manuscriptos Ineditos). Porto, 1910.

Couto, Dec. = Da Asia de Diogo de Couto. Lisboa, 1778 (Cita-se decada, livro e capitulo).

Damião de Goes = Chronica de D. Manuel por Damião de Goes. Lisboa, 1749.

Din., Morg. = A Morgadinha dos Cannaviaes por Julio Diniz, 1918.

Din., Ser. da Prov. = Serões da Provincia por Julio Diniz, 1916.

Diogo Bern. = O Lyma de Diogo Bernardes. Lisboa, 1820, Typographia Rollandiana.

D. Duarte, Leal Cons. = Leal Conselheiro por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.

D. Duarte, Ens. de Cav. = Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.

Duarte Galvão = Chronica de el-rei D. Affonso Henriques por Duarte Galvão. Lisboa, 1906.

E. de Queiroz, Crime = O Crime do Padre Amaro por Eça de Queiroz. Lisboa, 1876.

F. Lopes, D. J. = Chronica del Rei dom Joham, por Fernão Lopez. Edição do Archivo Historico Portuguez.

F. M. Pinto = Peregrinação de Fernão Mendez Pinto. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1829.

F. M. de Mello, Ap. Dial. = Apologos Dialogos por D. Francisco Manuel de Mello. Lisboa, 1721.

F. M. de Mello, Fid. Aprend. = Auto do Fidalgo Aprendiz por D. Francisco Manuel de Mello. Edição revista por Mendes dos Remedios. Coimbra, 1898.

Fil. Elysio = Obras de Filinto Elysio. Lisboa, 1836-1840.

Frad. Men. = Chronica da Ordem dos Frades Menores. Edição de José Joaquim Nunes. Coimbra, 1918.

Gab. Soares = Tratado descriptivo do Brasil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, publicado por F. A. Varnhagen. 2.ª edição. Rio de Janeiro, 1879.

Garr., Fr. L. de Sousa = Garrett, Frei Luis de Sousa.

Garr., Cam. = Garrett, Camões.

Garr., Viagens = Garrett, Viagens na minha Terra.

G. Vic. = Obras de Gil Vicente. Lisboa, 1852.

H. Pinto = Imagem da Vida Christã por Frei Heitor Pinto. Lisboa, 1843, Typographia Rollandiana.

Herc., Eur. = Eurico o Presbytero por A. Herculano. Lisboa, 1876.

Herc., Lendas e Narr. = Lendas e Narrativas por A. Herculano. Lisboa, 1858.

Herc., M. de C. = O Monge de Cister por A. Herculano. Lisboa, 1887.

Hist. T. M. = Historia Tragico-Maritima compilada por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa, 1904.

Ined. = Collecção de Livros Ineditos de Historia Portuguesa. Lisboa, 1792. Acham-se nesta collecção varias chronicas de Fernão Lopes, Zurara, o Livro Vermelho e outras obras a que teremos occasião de nos referir.

J. Ferr., Eufros. = Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcellos. 1786.

Itin. = Itinerarios de India a Portugal por terra revistos e prefaciados por Antonio Baião. I. (até pag. 127) Itinerario de Antonio Tenreiro. II. Itinerario de Mestre Affonso. Coimbra, 1923.

Leite de Vasc., Textos Arch. = Textos Archaicos pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1908.

L. da Mont. = Livro da Montaria por D. João I.

L. de Esopo = O Livro de Esopo. Edição Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1906.

Mor., Palm. = Chronica de Palmeirim de Inglaterra por Francisco de Moraes. Lisboa, 1786.

Mend. Jorn. de Afr. = Jornada de Africa por Jeronymo de Mendonça. Lisboa, 1904.

Nunes, Chrest. Arch. = Chrestomathia Archaica por José Joaquim Nunes. Lisboa, 1906.

Ord. D. Man. = Ordenações de D. Manuel. Coimbra, 1797.

Pina, D. Du. = Chronica del-rei D. Duarte por Ruy de Pina. Lisboa, 1901.

Port. Mon. Hist. — Portugaliae Monumenta Historica.

Sá de Mir. = Obras de Sá de Miranda. Edição D. Carolina de Michaellis (Onde ha indicação de volume, seguiu-se a edição rollandiana).

Sam. Usque = Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel por Samuel Usque. Coimbra, 1906.

S. Amaro = A Vida de Santo Amaro. Texto publicado por Otto Klob na Romania.

S. Graal = A Historia dos Cavalleiros da mesa redonda e da demanda do Santo Graal. Edição Reinhardtstoettner. Berlim, 1887.

S. Josaph. = Texto critico da Lenda dos Santos Barlaão e Josaphate por G. de Vasconcellos - Abreu. Lisboa, 1898.

S. Mar. Egyp. = S. Maria Egypciaca na Revista Lusitana.
Santos, Eth. = Ethiopia oriental por Fr. João dos Santos. Lisboa, 1891.
Sousa, Arceb. = Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres por Frei Luis de Cacegas, reformada em estilo e ordem, etc., por Fr. Luis de Sousa, Lisboa, 1842, Typographia Rollandiana.
Vieira, Serm. = Sermões do Padre Antonio Vieira (Todas as referencias são feitas ao texto dos volumes da 1.ª edição).
Vieira, Cartas = Cartas do Padre Antonio Vieira. Lisboa, 1885. (Foi tambem consultada a edição de J. Lucio de Azevedo).
Virt. Bemf. = O Livro da Virtuosa Bemfeitoria (Collecção de Manuscriptos Ineditos). Porto, 1910.
Zur., Guiné = Chronica do descobrimento e conquista de Guiné por Gomes Eannes de Zurara. Paris, 1841 (As chronicas de D. Pedro de Menezes e D. Duarte de Menezes do mesmo Autor acham-se na Collecção de Ineditos).

Introducção

Historia resumida da Lingua Portugueza

Do latim procedem os diversos idiomas chamados romanicos, romances ou neo-latinos. O dominio destes idiomas abrange na Europa, a partir de éste para oeste, a Rumenia, como região isolada, a Italia (comprehendendo a borda do Adriatico com o Trieste e toda a Dalmacia), parte da Suissa, a França com parte da Belgica e finalmente a Peninsula Iberica. Para o linguista todo este dominio constitue a Romania.

Os idiomas neo-latinos não ficaram localisados sómente na Europa. Com a colonisação que alguns povos fizeram em certos pontos remotos da Africa e da Asia e em grande extensão do continente americano, passaram a ser faladas as respectivas linguas tambem nest'outras partes do mundo. Assim veio o portuguez ao Brasil, e o hespanhol á America hespanhola.

Não ha rigoroso accordo entre os homens de sciencia sobre a classificação dos diversos falares da Romania; mas está assentado hoje que não deve prevalecer sómente a divisão politica, nem se deve attender só ao desenvolvimento literario. Nas diversas regiões onde imperam as linguas literarias, ha dialectos muito notaveis que a sciencia não pode desprezar. De alguns delles o estudo está apenas no inicio, e isto difficulta sobremodo a classificação.

Segundo Meyer-Lübke, dividem-se as linguas romanicas em: rumeno, dalmatico, retico, italiano, sardo, provençal, francez, hespanhol e portuguez. Cada um destes idiomas comprehende por sua vez uma serie de dialectos.

Todas estas linguas e dialectos originaram-se do latim; não do latim literario, que em muitos pontos era linguagem artificial, e sim do latim vulgar, isto é, da linguagem viva, do latim falado.

Transformou-se o latim em tantos idiomas novos, principalmente porque teve de accommodar-se a antigos habitos de pronuncia dos povos que o adoptaram, habitos em que os povos differiam uns dos outros. E as modificações se davam não sómente porque os orgãos de phonação, habituados aos sons indigenas, sentiam difficuldades em reproduzir sons estranhos, mas tambem porque o ouvido percebia mal certos sons que lhe não eram familiares.

Entre dialecto e lingua não ha differença essencial senão a circumstancia de ser a lingua aquelle dialecto que, entre outros muitos usados no mesmo paiz, se preferiu empregar como linguagem de chancellaria, servindo para a escriptura de todos os documentos officiaes. O dialecto, que se adoptou na côrte dos reis, passou a ser o falar da gente culta, ficando por fim a linguagem usada nas producções literarias.

Ao cabo de algum tempo a lingua assim constituida emancipa-se necessariamente do falar regional que lhe deu origem. Dá-se-lhe um caracter de uniformidade, submettendo-a a regras de bom gosto e a normas grammaticaes mais fixas; introduzem-se nella expressões novas, que em grande parte se vão buscar ao latim. De popular que era, o antigo dialecto, agora lingua official, adquire feição erudita e nobre, desprezando, por plebéas, certas maneiras de dizer que pareciam mal em boca de gente de educação mais fina.

As innovações, tomadas ao latim ou a outro idioma, pronunciavam-se com terminações e formas similares ás que já andavam em voga. Fazia-se sentir a acção da analogia. Mas já agora os homens, ao reproduzirem sons estranhos, tinham mais facilidade do que na epoca em que pela vez primeira aprenderam o latim e o substituiram ao falar nativo. Vocabulos que então penetram no idioma, os chamados vocabulos de origem erudita ou culta, não estão sujeitos ás mesmas alterações phoneticas de outrora.

Em Portugal foi entre os dialectos falados no norte

do paiz que se tomou aquelle que constituiu a lingua portugueza. Parece ter sido o de Entre Douro e Minho, quer dizer, o interamnense, ou talvez o gallecio-portuguez, isto é, o idioma falado nas margens do Minho.

Os mais antigos documentos escriptos em portuguez que se conhecem, datam do seculo XII. Vê-se por elles que o idioma se formou em epoca muito mais antiga, pois a linguagem nos apparece já bem caracterisada e mais semelhante ao falar de hoje do que ao latim. Essa antiguidade do idioma se confirma por alguns vestigios de portuguez que se encontram em documentos de latim barbaro do seculo IX.

Tomado o seculo XII como inicio do portuguez historico, distinguiremos na evolução do idioma dous periodos principaes: o do portuguez antigo, que é a linguagem escripta usada até fins do seculo XV e ainda nos primeiros annos do seculo seguinte; e o do portuguez moderno, que é a linguagem empregada dessa epoca em diante.

O portuguez antigo legou-nos, alem dos textos de leis, foraes, ordenações, etc., os Cancioneiros, a historia do Santo Graal, a de S. Amaro, a lenda de S. Barlaão e S. Josaphate, o livro de Esopo, o Livro da Côrte Imperial, o da Virtuosa Bemfeitoria, o livro da Montaria de D. João I, o Leal Conselheiro e Arte de cavalgar de D. Duarte, a Chronica dos Frades Menores, as Chronicas de Fernão Lopes, Zurara e Ruy de Pina e varias outras obras. Alguns textos têm sido publicados ultimamente e ha outros ainda por publicar.

Mostram esses differentes escriptos não ser o vocabulario portuguez de exclusiva procedencia latina. Outros povos que depois dos Romanos dominaram a peninsula iberica deviam deixar vestigios de sua passagem. Nota-se principalmente no portuguez antigo a adopção de varios termos de origem arabe.

O portuguez moderno subdivide-se nas phases quinhentista, seiscentista e hodierna, podendo-se admittir como transição entre estas duas ultimas a phase setecentista.

São notaveis, sobretudo, os escriptores quinhentistas por terem ousado romper com a velha tradição, pondo a linguagem escripta mais de accordo com o falar corrente, que nessa epoca se achava bastante differenciado do falar

de dous ou tres seculos atraz. Modernisaram a linguagem e tornaram-na tambem mais elegante.

Publicaram-se em portuguez quinhentista alguns romances de cavallaria, como a Historia do Imperador Clarimundo de João de Barros, e o Palmeirim de Inglaterra de Francisco de Moraes; mas a epoca foi sobretudo fecunda no genero propriamente poetico e em narrações e descripções relativas ás conquistas de ultra-mar. Sá de Miranda e Antonio Ferreira escrevem poesias e fundam o theatro portuguez. São seus contemporaneos muitos outros escriptores igualmente illustres. A todos porem excedeu Luis de Camões com o immortal poema dos Lusiadas publicado em 1572.

Camões não foi propriamente o creador do portuguez moderno porque essa nova linguagem escripta já vinha empregada por outros escriptores. Libertou-a, sim, de alguns archaismos e foi um artista consummado e sem rival em burilar a frase portugueza, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as idéas de modo elegante, energico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoneana, a sua influencia fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias.

Entre as obras em prosa da era quinhentista cabe o primeiro lugar, quer pela excellente linguagem, quer pelos vastos conhecimentos do autor, ás Decadas de João de Barros publicadas entre 1552 e 1563, em cujas narrações se inspirou por vezes o autor dos Lusiadas. Diogo de Couto foi digno continuador das Decadas.

Historiadores contemporaneos de João de Barros foram: Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Goes, Gaspar Corrêa e outros.

No genero viagens sobresaem, entre outras obras, as Peregrinações de Fernão Mendes Pinto e a Ethiopia Oriental de Fr. João dos Santos. As cousas novas e curiosas do Brasil descrevem-nas minuciosamente Magalhães de Gandavo, Gabriel Soares de Sousa e Frei Vicente do Salvador, este já em principios do seculo XVII.

Nas descripções dos paizes de ultra-mar se revela o enriquecimento do vocabulario portuguez, de um lado com

termos asiaticos e africanos, de outro lado com expressões das linguas brasilicas.

Lugar á parte occupam na literatura quinhentista as comedias, autos e farças. São de valia inapreciavel para o conhecimento da linguagem popular da epoca. Avultam entre as producções deste genero os Autos de Antonio Prestes, de Chiado e de Jeronymo Ribeiro, a Eufrosina e Ulysippo de Jorge Ferreira de Vasconcellos e o thesouro riquissimo das obras de Gil Vicente.

A era seiscentista caracterisa-se sobretudo pelas obras moralistas, sermões, historias da vida e milagres de santos, etc. Esta orientação literaria não é inteiramente nova; teve tambem seus representantes no seculo anterior em escriptores como Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arraiz, João de Lucena e outros. Por fins do seculo XVI e primeiros annos do seculo XVII viveram e escreveram Frei Luis de Sousa e Rodrigues Lobo. As historias da literatura portugueza costumam incluil-os na epoca seiscentista. Usam estes escriptores ainda de certas expressões proprias da epoca precedente e devem ser considerados, na historia da linguagem, como representantes do periodo de transição.

O vulto mais notavel de toda a nova epoca é sem duvida o padre Antonio Vieira, em cujos sermões encontram os estudiosos abundante material para as investigações de lingua portugueza.

Singularisa-se pela elegancia de estilo e facilidade em cultivar diversos generos literarios o polygrapho D. Francisco Manoel de Mello.

Mais moderno que estes dous escriptores é o padre Manoel Bernardes, autor da Nova Floresta, de Luz e Calor e outras obras.

Em poesia deu-nos a epoca seiscentista a Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro e a Ulysippo de Sousa de Macedo, poemas modelados sobre os Lusiadas.

Á producção literaria em lingua portugueza do seculo XVII costuma-se chamar escola gongorica. Ha exagero neste qualificativo. Applicavel embora a certas obras de ficção, que hoje se acham na maior parte esquecidas, não se pode entretanto affirmar que revelem a mesma decadencia de linguagem os escriptos de um Vieira, de um Bernardes, de um Francisco Manoel de Mello, ou de um Frei

Luis de Sousa ou Rodrigues Lobo, autores mais antigos, porem computados na mesma escola. Encontram-se em alguns por vezes trechos cuja linguagem hoje nos parece amaneirada. Explicam-se essas singularidades, nomeadamente nos sermões, pela argumentação propria da escholastica de que se serviam os seus autores. Em exposições meramente narrativas ou descriptivas usam todavia de linguagem simples, natural e elegante, como a que empregavam os quinhentistas.

O seculo XVIII é o das academias literarias. Floresce a poesia tanto em Portugal como no Brasil. Mal se notam modificações na grammatica e contextura da linguagem. Mas a attenção dos homens de letras vai-se dirigindo para França, centro de grande movimento intellectual como de revolução politica. A cultura franceza e a lingua franceza passam a ser, em Portugal como em outras partes da Europa, a principal fonte de informação e inspiração para a literatura, a philosophia, as instituições politicas e sociaes. E assim penetram no idioma portuguez vocabulos creados no estrangeiro e postos em voga pelas necessidades da civilisação moderna. Reagem os puristas contra a onda de gallicismos que, segundo imaginam, ameaça demolir tudo quanto é vernaculo. Consegue-se abafar varias expressões superfluas; mas aquellas que satisfazem a necessidades reaes, que exprimem com clareza e precisão idéas novas, incorporam-se definitivamente ao idioma.

O enriquecimento do vocabulario com expressões e processos devidos ao estrangeiro perdura no portuguez hodierno. Perdura tambem a reacção purista, implacavel em alguns casos, e complacente em muitos outros.

Alterações phoneticas do latim vulgar

I. Vogaes

U tonico pronunciado em latim como vogal longa passou ao portuguez sem soffrer modificações: *uva* (ūva), *lume* (lūmen), *luz* (lūce-), *duro* (dūru-), *fumo* (fūmu-), *puro* (pūru-), *cura* (cūra-), etc.

U tonico que em latim classico era breve por natureza ou cuja pronuncia era forçadamente de pouca dura, por vir seguido de consoante geminada ou de um grupo de consoantes differentes, apparece em nosso idioma ora como *u*, ora alterado em *o*: *boca* < bŭcca-; *gota* < gŭtta-; *cruz* < crŭce-; *noz* < nŭce-; *junto* < junctu-; *ponto* < punctu-; *onde* < unde; *onda* < unda; *mundo* < mundu-; *fundo* < fundu-; *torre* < turre-; *surdo* < surdu-; *tordo* < turdu-; *torpe* < turpe-; *somma* < summa-, etc.

A causa desta disparidade deve procurar-se na pronuncia da vogal em latim vulgar; *u* breve do latim classico soaria aqui como um phonema intermediario entre *u* e *o* fechado, ou, se não estava fixada a pronuncia, oscillaria entre estas duas vogaes, proferindo-se ora de um modo, ora de outro. Como quer que fosse, certo é que por fim se decide a preferencia ora por uma vogal, ora por outra, não só nos diversos vocabulos de um mesmo idioma, mas ainda nos diversos idiomas romanicos quanto aos vocabulos considerados isoladamente. Comparem-se port. *noz*, *cruz* e ital. *noce*, *croce;* port. *junto*, *ponto*, hesp. e ital. *junto*, *punto*; port. *surdo*, *tordo*,

hespanhol e ital. *sordo*, *tordo* (genov. *turdu*); port. e hesp. *torpe* e ital. *turpe;* port. e hesp. *mundo*, ital. *mondo*, fr. *monde;* prov. *ongla*, catal. *ungla*, fr. *ongle*, port. *unha*, etc.

Roto, procede de *ruttu-* < ruptu-. Nas palavras em que entra a combinação *uct-*, de latim classico, simplificada depois em *utt-*, a vogal *u* resiste em portuguez á mudança em *o: fructo*, *producto* (ital. *prodotto*), *lucto*, *lucta* (ital. *lotta*). Compare-se tambem o port. *muito* com o ital. *molto* < lat. *multu-*.

Desapparecidos certos suffixos latinos, ficou a muitas palavras por terminação a vogal *u*, que passou a pronunciar-se como *o* na peninsula Iberica e na Italia. Ainda hoje se profere em italiano e em hespanhol este phonema terminal vibrando as cordas vocaes como succede com *o* tonico, de que differe pela menor intensidade. Em portuguez porem a pronuncia actual differe da primitiva. Falta presentemente á vogal atona com que as palavras se terminam, a sonoridade que tão clara se percebe no castelhano. Proferindo o dito *o* atono, ou damos mui fraco movimento ás cordas vocaes, ou as deixamos em completo repouso, e, dando á boca a forma propria á prolação do phonema, fazemos ouvir uma vogal cochichada que tanto pode ser *o* como *u*.

I tonico medial, pronunciado em latim demoradamente, conservou em portuguez o valor de *i: vida* (vīta-), *pinho* (pīnu-), *vinho* (vīnu-), *amigo* (amīcu-), etc. Mudou-se-lhe porem o timbre em *e* onde em latim tinha valor de phonema breve, quer por natureza, quer pela necessidade de articular depois da tonica uma consoante geminada ou grupos de consoantes differentes: *secco* (siccu-), *menos* (mĭnus), *penna* (pinna-), *pero* (pĭru-), *verga* (virga-), *cerca* (circa-), *elle* (ille), *cabello* (capillu-), *pelo* (pĭlu), etc. *Villa* soava em latim vĭlla (V. Bourciez, Ling. Romane p. 41).

Prevaleceu a regra tambem nos casos de desapparecimento de certos phonemas no interior do vocabulo: *dedo* (dĭgitu), *verde* (vĭride), *seta* (sagĭtta), *sello* (sigillu-), etc. A mesma alteração vocalica observa-se em *-elho*, *-elha*, resultantes de *-ĭculu-*, *ĭcula-*: *ovelha* (ovĭcula)-, *orelha* (aurĭcula-), *abelha* (apĭcula-), *artelho* (artĭculu-), etc.

Coelho ou é formação analogica portugueza, ou originou-se de *cunĭculu-*, por *cunīculu-*.

Contrariamente á regra, conservou-se *ĭ* tonico nas terminações *-iciu-*, *itiu-*, talvez por influencia do segundo *i*: *vicio* (vĭtiu-), *officio* (offĭciu-), etc. A par da terminação *-iça* (-itia) existe a forma romanisada *-eza* (com *e* tonico): *justiça* e *justeza*, *malicia* e port. ant. *malleza*, etc.

O latim *scrībere* (com *i* longo) deu em port. *escrever* (e não *escriver*) por analogia de *beber*, *receber*, *dever*, etc.

i final atono converteu-se em *e* atono e, á semelhança de *o* atono em igual posição, soa fracamente na pronuncia actual portugueza. Tanto *i* como *e*, sendo vogaes atonas, desapparecem quando se acham no interior da palavra, entre consoantes que sem a vogal constituem combinações de pronuncia facil: *asno* (asinu-), *tenro* (teneru), *ermo* (eremu-), *obra* (opera-), *verde* (viride-), etc.

Nos derivados em *-idade* ha exemplos de manutenção: *facilidade* a par de *faculdade*, *urbanidade* a par de *divindade*, etc. Entraram na linguagem em epoca relativamente moderna.

Os ditongos *ae*, *oe* do latim classico estavam desde longo tempo simplificados em *e* quando se formaram os idiomas romanicos. Foi maior a vitalidade do ditongo *au*, mas houve sempre tendencia, principalmente em certas regiões, para transformal-o em *ou* e simplifical-o por ultimo na vogal *o*. Assim veio de lat. *auru-* port. *ouro*, hesp. e ital. *oro*, fr. *or*; *paucu-* deu port. *pouco*, ital. e hesp. *poco*, catal. *poc*. A par deste ditongo antigo surgiu, em lat. vulgar, outro ditongo *au* resultante de *al* nas combinações *alte-*, *alce-* nos vocabulos **auteru* (**autru*) < *alteru*, **fauce* < *falce*), **cauce* < *calce-*). Tambem não tardou a simplificar-se: port. *outro*, fr. *autre*, hesp. *otro*; port. *fouce*, fr. *faux*; port. *couce*. Assim alterados, introduziram-se em lingua portugueza os ditos vocabulos e outros semelhantes, parte directamente, parte por analogia; mas o povo que os recebeu sabia pronunciar o ditongo *au* com facilidade e assim poude revivel-o em *auto* (de *actu* e *aptu*), *trauto* (de *tractu*) e em palavras recebidas ulteriormente, como *pausa* (a par de *pouso*), *causa* (a par de *cousa*), etc.

Por vocalisação de consoante desenvolveram-se, alem de *au*, os ditongos *ou* de *oc*, *ui* de *uc* e *ul*, *ei* de *ec* e *ep*,

quando seguidos estes grupos de consoante dental, como mostraremos ao tratar das consoantes.

Outro processo a que se deve a formação de ditongo é o contacto de duas vogaes, quer em virtude do desapparecimento de uma consoante intermediaria, como em *mais* (*magis*), *raio* (*radiu-*), *meio* (*mediu-*), quer por effeito de metathese, como em *contrairo* (*contrariu-*), *primeiro* < *primairo* (primariu-), *raiva* (rabia-), *ajudoiro* (adjutoriu-). Na evolução das formas verbaes constituiu-se como uma das terminações da 3.ª conjugação o ditongo *iu*: *seguiu*, *destruiu*, etc.

---

2. Consoantes

Em portuguez, como em hespanhol, passaram de surdas a sonoras as occlusivas latinas *p, t, k* (graphia *c*), em posição media, usadas depois de uma vogal: a) como consoantes simples: *riba* (ripa-), *vida* (vita-), *lago* (lacu-), *fogo* (focu-), *jogo* (jocu-), *mudo* (mutu-), *figo* (ficu-), *lado* (latu-), *amigo* (amicu-), *agudo* (acutu-) *espada* (spatha-), *roda* (rota-); b) nas combinações *pr, tr, cr: cabra* (capra-), *obra* (op(e)ra-), *vidro* (vitru-), *pedra* (petra-), *sogro* (soc(e)ru-), *padre* (patre-), *madre* (matre-).

Esta modificação das occlusivas produziu-se, nos citados exemplos, por effeito da sonoridade da vogal tonica precedente. Trata-se portanto aqui de um caso de assimilação parcial progressiva. Proferida a vocal tonica com certa demora, estendeu-se, por inercia, a vibração das cordas vocaes á consoante occlusiva. Favorecia a esta vibração prolongada a vogal precedente longa, como o era as mais das vezes em latim a tonica seguida de occlusiva simples. É de suppor que, na Peninsula Iberica, se passasse tambem a pronunciar com alongamento a tonica que em latim classico fora breve, quer antes de occlusiva simples, quer antes das combinações *pr, tr, cr*. Assim procederia *roda* de *rōta*<*rŏta; padre* de *pātre*<*pătre*. Notamos ainda hoje certa demora na pronuncia de vogal anterior a *b, d, g*. (Confrontem-se *errada* e *errata, lado* e *lato, quadro* e *quatro, figo* e *fico*). A mudança de *u* tonico em *o* e de *i* tonico em *e*, como vimos atraz, ter-se-ia dado em epoca anterior á do alongamento: *lŭpu*>*lŏpo*>*lōpo* >*lobo; pŭtre*>*pŏtre*>*pōtre*>*podre; cĭto*>*cĕto*>*cēto*>*cedo*.

É claro que o processo da sonorisação consonantal se havia de applicar, por analogia, aos vocabulos derivados e a outros casos em que a vogal já não era nem longa nem tonica. Nos verbos, desde que se tornava sonora a occlusiva das formas rhizotonicas, pronunciando-se *pago, pagas*

por *paco*, *pacas*, e *mudo*, *mudas* por *muto*, *mutas*, tambem se passou a dizer *pagamos*, *mudamos*, *pagar*, *mudar*, por *pacamos*, *mutamos*, *pacar*, *mutar*.

Nos vocábulos esdruxulos a sonoridade da vogal tonica reflectiu-se sobre a consoante da syllaba final, ora deixando intacta a consoante mais proxima, como *etego* (de *hecticu-*), ora abrangendo-a igualmente, como em *padroádigo*, *sodomidigo* (substituido mais tarde por *sodomitico*), *achádego*, etc. Deste processo do port. ant. subsistem ainda *clerigo* (de *clericu-*), *conego* (de *canonicu-*), *estomago* (de *stomachu-*), *pecego* ou *pessego* (de *persicu-*), *amargo* < **amarego* (de *amaricu-*) e poucas mais.

O suffixo latino *-itāt-* tomou a forma *-idade*, e *-dade* (com absorpção de *i*): *felicidade* (de *felicitate-*), *verdade* por *veridade* (de *veritate*), *bondade* (por *bonidade*), etc. Sonorisou-se aqui, pelo processo normal, a consoante posttonica, e sonorisou-se tambem a consoante pre-tonica.

Esta alteração da syllaba *ta* em *da* é devida, parte á influencia regressiva da syllaba final, parte á presença da syllaba anterior com vogal *i*, cuja pronuncia excessivamente breve fez reproduzir-se na consoante occlusiva phenomeno analogo ao que observamos nas palavras esdruxulas. A sonorisação não se poude effectuar em *ta* do vocabulo *vontade* (de *voluntate-*) por vir aqui a dental encostada directamente a outra consoante.

Sonorisação da occlusiva precedida de *i*, observa-se ainda em *cidade* (de *ci(vi)tate-*), *delgado* (de *delicatu-*), *amargoso* (de *amaricosu-*) á semelhança do já citado *amargo*, etc.

Seguida das geminadas *cc* (pronuncia *kk*), *pp*, *tt*, ou dos grupos *pt*, *ct*, ou de outra qualquer combinação de consoantes surdas, pronunciava-se a vogal tonica com decidida rapidez, cessando a vibração das cordas vocaes bruscamente para fazer sentir a demora propria da geminada surda ou a articulação das duas surdas differentes. Daqui procede o ficarem inalterados *c* e *t* em *boca* (de *bucca-*), *vacca* (de *vacca-*), *gota* (de *gutta-*), *dito* (de *dictu-*), *escrito* (de *scriptu-*), etc. Se nos grupos *ct* e *pt* a primeira consoante se resolvia em phonema que ia constituir ditongo com a vogal antecedente, esse novo phonema, tendo o valor de subjuntiva ou consoante, não possuia sono-

ridade bastante para influir sobre a explosiva surda *t*: *oito* (de *octo*), *noute* ou *noite* (de *nocte-*), *peito* (de *pectu-*), *receita* (de *recepta-*), etc.

Vogal tonica seguida de *lp*, *lt*, *lc*, *rp*, *rt*, *rc*, *rs* não podia de modo nenhum exercer acção sobre o segundo phonema do grupo consonantal. Assim se conservaram como em latim: *culpa*, *consulta*, *alto*, *calculo*, *falso*, *arca*, *barca*, *porta*, *porto*, *forca* (*furca*), *forte*, *morto*, *parte*, *arte*, *pulso*, *sorte*, *marca*, *diverso*, *persa*, *polpa* (*pulpa*), etc. Se a vibrante e lateral tivessem aqui o mesmo valor que tem em *sala*, *caro*, podiam por ventura communicar a sonoridade ao phonema contiguo *p*, *t*, *c*, *s*. Mas a vibrante e a lateral soam nestas combinações sempre como consoantes surdas. Percebe-se bem este facto pronunciando *sala*, *saldo* e depois *salto*, *culto*, assim como *mora*, *morde*, e depois *morte*, *parte*, e verificando, com o dorso da mão collocado na parte anterior da garganta, a vibração das cordas vocaes. O resultado será positivo no primeiro caso e negativo no segundo.

Quanto ás constrictivas surdas, notamos que sentiram a acção da vogal tonica, porem não de modo identico ao caso das occlusivas.

São poucos os vocabulos com *f* simples intervocalico procedentes do latim. Neste limitado campo de observação apparecem com a consoante sonorisada *proveito* (profectu), e antigos verbos em *-ivicar* < *ificar*.

Abrego de *africu*, *ourives* de *aurifice*, *trevo* de **trefolo* < *trifoliu-* e *Estevão* de *Stephanu-* mostram que a sonorisação se fazia tambem em vocabulos de pronuncia esdruxula.

Passou de surda a sonora a constrictiva *s*, usada em posição medial, como consoante simples e precedida e seguida de vogal. Realisou-se este processo sempre que a vogal precedente correspondia a uma tonica longa em latim classico: *uso*, *caso*, suffixo *-oso*, *improviso*, etc. Alongamento ulterior da tonica explica a sonorisação da constrictiva em *casa*, *rosa*, etc. A articulação demorada da geminada *ss* compensava-se antecipadamente com a pouca dura de vibração das cordas vocaes ao ser proferida a tonica, continuando portanto surda a sibilante em *osso*, *fosso*, *promessa*, *classe*, *passo*, *successo*, *processo*, etc.

Vogaes tonicas nasaes não alteram o valor surdo de *s* + vogal da syllaba seguinte; convertendo-se porem em vogaes puras, communicam a sonoridade á sibilante: *mesa* (mensa), *defesa* (defensa), *preso*, *acceso*, etc.

A sibilante media seguida de vogal differe essencialmente das occlusivas medias em adquirir sonoridade de um ditongo precedente: *causa*, *repouso*, *lousa*, *deuses*, *pausa*, etc. Este processo, facilitado aliás pela propria articulação da constrictiva, deu-se talvez em epoca diversa daquella em que certos grupos consonantaes tiveram uma das occlusivas resolvida em subjuntiva de ditongo (*oct* > *out*; *cpt* > *cit*).

Empregando-se a letra *s* para representar a sibilante, sabe-se que em posição intervocalica o symbolo simples traduz modernamente em muitos idiomas a pronuncia sonora, e o symbolo duplicado corresponde á consoante surda. Prevalecendo esta convenção orthographica em lingua portugueza, é certo que as regras de pronuncia hoje observadas remontam a varios seculos. Podem suscitar duvida certos casos de divergencia encontraveis em escriptos antigos. A frequente troca de *s* por *ss*, e *ss* por *s*, que se nos depara nos documentos anteriores ao seculo XVI, é naturalmente devida á circumstancia de, naquelle tempo, não se haver ainda fixado o systema orthographico. Alguns casos analogos de confusão poderiam ainda persistir nos primeiros tempos do port. mod. Mas os exemplos de rima de *isso* com *riso*, *siso*, *paraiso*, de *missa* com *camisa* (G. Vic. 3, 17; 3, 22; 3, 140; 3, 156; 3, 46; 3, 40) mostram que, a par da pronuncia culta, ouvia-se em Portugal, pelo menos em certas regiões, *s* simples intervocalico como sibilante surda á semelhança do que se dá na lingua hespanhola, onde a *s* intervocalico se attribue o mesmo valor que a *s* inicial.

Alem do processo de sonorisação de consoante intervocalica por effeito da tonica precedente, houve tambem o da sonorisação antecipada por influencia da tonica subsequente: *seguro* (securu-), *maduro* (maturu-), *cegonha* (ciconia-), *sabor* (sapore-), *cabello* (capillu-), *lagosta* (locusta-), *agora* (hac hora), etc. É o caso da assimilação parcial regressiva.

Ao constituir-se o idioma portuguez, a occlusiva *b*

do latim classico, vindo em posição intervocalica, pronunciava-se como constrictiva. Este facto é attestado pelos vocabulos *dever* (debere), *haver* (habere), *trave* (trabe), *fava* (faba), *escrever* (scribere), *cavallo* (caballu), e outros. Nestas palavras perdura ainda hoje a pronuncia do *v*. Em outras restabeleceu-se a consoante antiga por influencia erudita. *Beve, bevado, avorrecer, tavoa* (tabula), *tavoada, avondar* (abundare), usados ainda em linguagem quinhentista, volveram a *bebe, bebado, aborrecer, taboa, taboada, abundar*.

Quanto a *v* intervocalico do lat. classico, sabemos que em port. ant. se representava pelo symbolo *u*. Como a graphia daquelle tempo applicava as letras *u* e *v* sem discriminação de consoante ou vogal, não podemos decidir qual seria o valor exacto do phonema. A pronuncia hodierna articula com firmeza a constrictiva *v* em *ave, vivo, grave, suave, oitavo, breve, ovo, novo, uva, cavar;* mas não ha certeza se nestes e noutros vocabulos analogos a intervocalica soava de modo identico em port. ant. Admittindo que soasse, é facto em todo o caso curioso o amortecimento e desapparecimento de *v* em *rio* (rivu-), e geralmente na terminação *-io*, do suffixo *-ivu: vazio* (vacivu-), *estio* (aestivu-), *sadio* (sa(n)ativu-), *fugidio* (fugitivu-), etc. A facil absorpção do phonema nest'outras palavras leva a crer que elle soasse aqui como a consoante *w* em inglez; de sorte que teriamos *rio* < *riwo* < *rivo; vazio* < *vaziwo* < *vazivo*, etc.

A consoante *g* precedida de vogal e seguida de *a, o, u*, soaria, na phase da formação do portuguez, como occlusiva, do mesmo modo que em lat. classico, a julgar pela pronuncia que se conservou em *chaga, agouro, jugo, agosto, pagão, castigar, rogar, legume, praga*. Mas esta maneira de articular a consoante não seria um facto geral, porque não explica satisfatoriamente a mudança do phonema e sua absorpção em *praia* (de *plaga-*), *vaadio* (de *vagativu-*), *real* (de *regal-*), *meestre* < *maestre* (de *magistre-*), *seeta* < *saeta* (de *sagitta-*), *leer* (de *legere*), *leal* (de *legal-*), e *eu* (de *ego*). Parece tratar-se antes de uma pronuncia variavel, que oscillaria em *g* e *γ*, á semelhança do que succede em allemão moderno, e que em certos casos, pelo menos, se daria preferencia a *γ*.

É physiologicamente mais facil passar da fricativa γ para *i* do que da occlusiva *g* para *i*, e mais facil é tambem que *vaadio* se originaria de *vaγadivo* < *vagadivo*; *real* < *reγal* < *regal*.

De *eyo*, e não directamente de *ego*, procederia tanto o port. *eu*, como hesp. *yo*, ital. *io*, etc.

Se *v* e *g* intervocalicos, preexistentes em latim, puderam persistir em muitos vocabulos portuguezes, outro tanto não succedeu a *d* intervocalico de igual procedencia: *paraiso* (paradisu-), *seer*, depois *ser* (sedere), *veer* (vedere), *creer* (credere), *pee*, depois *pé* (pede-), *roer* (rodere), etc. Ao mesmo tempo que a dental surda, em posição media, era sonorisada pela vogal tonica a que se encostava, a dental sonora preexistente, em igual posição, era absorvida pela mesma vogal tonica. Esta consoante soava talvez como fricativa *), ao passo que a outra era occlusiva.

Do amortecimento da dental em **loudar* (de *laudare*), **oudir* (de *audire*) e **goudir* (de *gaudere*) resultou desdobrar-se *u* em *uv*, tornando-se estas palavras em *louvar*, *ouvir*, e *gouvir* (verbo este que occorre em port. ant. e em Ord. D. Man. 5, tit. 52, e 2, tit. 38, em concorrencia com *gozar*, o qual acabou por supplantal-o).

N intervocalico em uns casos conservou-se como consoante; em outros nasalisou a vogal precedente. A vogal nasalisada em muitos vocabulos mudou-se ulteriormente em vogal pura.

L não geminado, entre vogaes, não se poude manter em *paaço* (palatiu-), *door* (dolor-), *coobra* (< colobra < colubra-), <*poombo* (< paombo < palombo < palumbu-), *beesta* (< baesta < balista-), *quente* (< caente < calente), e em outros muitos vocabulos.

Conservou-se todavia em *pelo* ou *pello* (pilu), em *malo*, *mala* a par de *mão*, *maa* (*quem malas manhas ha* Sá de Mir. 430), *valer* e alguns outros.

É sobretudo notoria a absorpção de *l* nos suffixos *-ulu*, *-ula*, *-olu*, nas palavras cujo thema acaba em consoante labial; *parvoo* (parvulu-), *poboo* (populu-), *tavoa* (tabula-), *diavoo*, *diaboo* (diabolu-). Semelhantemente *perigoo*

---

*) E' pronuncia conhecida ainda hoje em Portugal (Veja Gonçalves Vianna. Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes. Leipzig, Teubner, 1903).

(periculu-), não se dando aqui a mudança de que passamos a tratar.

Nas palavras formadas com o suffixo *-culu*, *-cula*, conservou-se o accento na vogal precedente, e o suffixo alterou-se em *lho*, *lha*: *espelho* (speculu-), *artelho* (articulu-), *orelha* (auricula-). É mudança difficil de explicar com o simples recurso do systema orthographico de que a principio dispunham as linguas romanicas para representar os diversos sons. Apparentemente, deu-se o primeiro passo na alteração phonetica, eliminando uma vogal: *-culu* > *-c'lu* > *clo*. Mas isto pouco adianta. Primeiro que tudo, a modificação em *lho*, *lha*, não se faria sem a previa sonorisação da consoante *k*, e o novo phonema devia ter qualidade palatal capaz de influir no phonema vizinho, palatalisando-o igualmente. Em vez de imaginar desde logo o desapparecimento da vogal entre as duas consoantes, deve-se antes suppor que ella persistisse a principio, e que não soaria rigorosamente como *u*, mas que, sendo atona, a sua pronuncia se aproximasse de *i*; teriamos pois *spek-ulu* > *spek-ilu* > *spe(g)ilu* ou *spe(γ)ilu*. Dar-se-ia depois metathese na terminação: *speilu* > *spe-liu*. Ao contrario da explicação antiga, que se limita a passar de um enigma a outro enigma maior, a que aqui proponho attende ás possibilidades physiologicas. Quanto ao desapparecimento da consoante, nada temos de accrescentar ao que atraz ficou dito sobre a palatal intervocalica.

Como puderam *vitulus*, *anulus*, *catulus* e outros semelhantes transformar-se em *vitellus*, *anellus*, *catellus*, etc.?

O phenomeno importante é o da deslocação do accento tonico. Quanto ás outras modificações, são mais apparentes do que reaes. A graphia *ulus* não é prova de que naquelles proparoxytonos o primeiro *u* correspondesse sempre á pronuncia; é mais natural que o phonema *u* cedo se convertesse por dissimilação em *e* (se é que não soava quasi como *i*), pronunciando-se *vítəlus*, *ánəlus*, *cátəlus*. Quando mais tarde se deu a deslocação do accento, definiu-se *ə* em *e* fechado e a consoante geminada *ll* vinha então significar que o dito *e* recebia o icto forte e era ao mesmo tempo vogal breve. A evolução seria *vítulus* > *vítəlus* > *vitellus*. Ulteriormente, *e* fechado podia tornar-se *e* aberto, como succede com o port. *vitela*, *cadela*, etc.

Persistiu *l* intervocalico naquelles vocabulos em que a lingua latina pronunciava a consoante geminadamente: *cabello* (capillu-), *cavallo* (caballu-), *pelle* (pelle-), *bello* (bellu-), *cuitello* e *cutello* (cultellu-), *castello* (castellu-) *valle* (valle-), *gallo* (gallu-), *villa* (villa-), *villão*, *molle*, (molle-), etc. Vê-se que era nitida a articulação demorada do *ll*. Se, pelo contrario, a palavra tinha em igual posição sómente um *l* simples, a pronuncia da vogal affectava a consoante contigua, dando em resultado articulação enfraquecida e final desapparecimento da consoante *l*.

Os grupos consonantaes latinos *sp*, *st*, *sc* passaram inalterados ao portuguez quando mediaes, e com *e* prothetico quando iniciaes: *vespa*, *suspiro*, *peste*, *gosto*, *esperar*, *estar*, *mosca*, *escrever*, etc.

Os grupos consonantaes *rt*, *rd*, *rv*, *rp*, *rm*, *rn*, permaneceram intactos: *virtude*, *parte*, *corda*, *perder*, *corvo*, *servo*, *corpo*, *serpente*, *forma*, *romper*, *forno*, *tornar*, etc. A combinação *rb* transforma-se em *rv*: *erva* (erba-), *arvore* (arbore-). Grupos formados da lingual *l* com uma occlusiva (*lp*, *lt*, *lc*) persistiram em *culpa*, *alto*; em outros casos a lingual revelou-se instavel, vocalisando-se em *u* nas combinações *alt* > *aut* > *out*, *alc* > *auc* > *ouc*, e em *i* na combinação *ult*>*uit*: *outro* (alteru-), *couce* (calce-), *fouce* (falce-), *muito* (multu-), *cuitello* (cultellu-).

Dos grupos latinos constituidos por duas occlusivas (*ct*, *pt*) passou intacta ao portuguez a dental pronunciada por ultimo. Os phonemas *c* e *p* vocalisaram-se: a) em *u* nas combinações *act*, *apt*, *oct*: *auto* (actu-), *trauto* (tractu-), *auto* (aptu-), *bautismo* (baptismu-), *noute* (nocte-), *doutor* (doctor-); b) em *i* nas combinações *ect*, *ept*: *aspeito* (aspectu-), *aceito* (acceptu-), *respeito* (respectu-), *direito* (directu-). *Sete* filia-se ao lat. vulgar *sette*<*septe*. Em *ipt*, *opt*, *ict* houve primeiro assimilação de uma consoante a outra, dando lugar ás geminadas *itt*, *ott*, *itt* em lat. vulgar, e dahi a dental simples em portuguez: *escrito* < *scrittu* < *scriptu*; *roto*<*rotto*<*ruptu*. De *uct* resultou a dupla forma *uit* e *ut* em *fruita* e *fruta*, *luita* e *luta*, *truita* e *truta*, prevalecendo porem a pronuncia *ut*.

A occlusiva *p*, consoante de transição no grupo latino *mpt* deixou de subsistir desde o momento em que *m* perdia seu valor de consoante labial, indo nasalisar a vogal pre-

cedente. Pronunciou-se *prõnto* (lat. promptu-), *assũnto* (lat. assumptu-), *isento* (lat. exemptu-). Por outra parte, gerou-se em port. entre *m* e *r*, em virtude de suppressão da vogal intermediaria, a labial de transição *b*: *hombro* < *hum'ru* < *humeru*.

dv reduziu-se a *v*: *avogado* (advocatu-), *aversario* (adversariu-).

mn simplificou-se *n*: *dano*, *sono*, *condenar*.

O grupo *gn* em *agn*, *ogn* e *ugn* adquiriu o valor do phonema que hoje representamos com *nh*: *tamanho* (tam magnu-), *camanho* (quam magnu-), *anho* (agnu-), *punho*, *punha* (pugna-), *repunhancia* (linguagem encontravel em escriptores quinhentistas), *conhecer* (cognoscere), *cunhado* (cognatu-).

A combinação *ign* simplifica-se em *in*: *sino* (signu-), *dino* (dignu-), *ensinar*, etc. O latim *insigne* vem romanceado em quinhentistas (Heitor Pinto) ora como *insigne* ora como *insinhe*. Á reacção erudita deve-se o restabelecimento de *gn* em varios casos.

Nos grupos *rs*, *bs*, persiste a sibilante, e desfaz-se a articulação da vibrante e da occlusiva, podendo esta resolver-se em *u*. Nos vocabulos *usso* (ursu-), *dosso* (dorsu-), *cosso* (< corso < cursu-), e seu derivado *cossairo*, *cossario* restabeleceu o port. mod. *rs*, por influencia da linguagem culta. Outro tanto não succedeu com *avesso* (adversu-), *travesso* (travessu-), *pessego* ou *pecego* (persicu-) e *pessoa* (persona-).

Da alteração do grupo *bs* são exemplos *ausente* (absente-), *assolver*, *assoluto*, *ausoluto* (absolvere, absolutu-), *asconder*, *esconder* (abscondere).

Quanto á mudança dos grupos *cl*, *fl*, *pl* na consoante chiante, veja-se pags. 33-35 desta obra.

Os sons em portuguez e sua representação

Cabe á grammatica historica traçar e explicar, primeiro que tudo, as diversas modificações por que passaram os phonemas de uma lingua no decorrer dos seculos. Da phase primitiva tratámos nas paginas precedentes. Daqui em diante teremos de attender ao objectivo bem definido da presente obra. Só incidentemente nos occuparemos da epoca durante a qual o latim ou romanico, em certa parte da peninsula iberica, se foi transformando em idioma portuguez. Não cotejaremos phonetica portugueza com phonetica latina, e sim textos portuguezes com textos portuguezes, os quaes durante longo periodo não offerecem á pesquisa phonetica outra informação mais que as letras representadoras dos phonemas.

Espinhosa e ardua, portanto, a estrada que permitte chegarmos a resultados positivos. De boa mente cremos que a pronuncia dos lusitanos da era de D. Duarte diversificava bastante do falar dos tempos de D. Affonso Henriques, e que, proferidas por Filinto Elysio, as palavras já não soavam exactamente como em boca de Camões ou de Vieira. Mas as palavras de todos estes tempos voaram e desappareceram; ficaram sómente os escriptos. E nestes ha mais semelhança que disparidade, pela sabidissima razão de ser a tradição escripta muito mais conservadora que a oral.

Daqui se segue que a proposito de vocabulos que sempre se escreveram da mesma maneira, e de letras e combinações de letras cuja applicação não differe da hodierna, só poderemos dizer que apparentemente a pronuncia não tem variado. A nossa phonetica historica occupar-se-á, portanto,

unicamente dos casos em que a diversidade da escripta fornece elementos para o estudo da evolução dos phonemas depois de constituida a lingua portugueza.

AS VOGAES

Vogaes simples

A distinção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo. Não teria nos primeiros seculos da lingua escripta a mesma extensão que hoje tem; mas que *a* fechado existia em port. ant. conclue-se da circumstancia de representar-se ás vezes, em syllaba atona, *a* etymologico pela letra *e*, e outras vezes *e* etymologico pela letra *a*: *ventajem, estronomia, estrolosia, estroso, rezom, epocalipse, fantesia, mes* (em Leal Cons. alternando com *mas*), *abobedas, tomas de equino* (Leal Cons.), *apistola* (ib. 302), *avangelho* (ib. 302), etc.

A vogal *a* podia enfraquecer-se e desapparecer, como nas combinações *atéqui, atélli, atégora, algũora*, ainda usadas nos sermões de Vieira. *Jele, jela* (por *já elle, já ella*), encontraveis em J. Ferr. Eufr., pertencem á linguagem popular. *Algorrem* (G. Vic. 1. 257) seria antes *algurem* de *algũrem* (algũa rem) á semelhança de *algũora*. *Algo* era pronome absoluto, não se dizia acompanhado de substantivo.

a proveniente de *e* é raro, sobretudo em syllaba tonica. Em port. ant. havia a preposição *antre* (inter), usada ainda por varios quinhentistas. Camões e os que aprenderam a sua linguagem restabeleceram a forma *entre*. De *pietat-* vieram não sómente *piedade* e os respectivos derivados, mas ainda as variantes, *piadade, piadoso, apiadar*. Para as formas rhizotonicas firmou-se o uso da vogal *a*; para as restantes oscillam os escriptores (ainda os seiscentistas) entre *a* e *e*. Vieira tem *piadoso* (Serm. 3, 488, 489), *piedade* (ib. 3, 489).

Desapparece a vogal *e* da preposição *de* ligada a *elle, ella* e *o*. Em port. ant. era usual ligar-se do mesmo modo

a particula a outros vocabulos, como *dagua, doutro;* mas de Camões em diante pratica-se semelhante elisão com bastante sobriedade.

Abandonou-se de todo a antiga pratica, ainda seguida por alguns chronistas do seculo XVI (Castanheda por exemplo), de eliminar a vogal terminal de outras preposições e combinal-as com o pronome *elle (antrelle, perantelle, parelle, sobrelle)*, ou com o demonstrativo *(sobristo, sobrisso)*.

Perda effectiva de *e* terminal houve em certas formas verbaes (*quiz, fez, poz,* etc.), como veremos em seu lugar.

Não é proprio da evolução do idioma portuguez, e sim a expressão de mero gosto literario individual, o emprego desenfreado da elisão que se nota nas obras de A. Ferreira. O autor dos Poemas Lusitanos quiz talvez imitar o estilo italiano do poeta Dante ao escrever: *não m'és pai, rompa-s'alma, salvas-lh'alma, com que t'ama, t'andassem, se s'arte usar, qu'alma já via, que m'ouves qu'o vês,* etc.

u transformado no ditongo *ui* occorre em *fruito, muito, mui, enxuito, ventuira* (F. Lopes, D. J. 227 e passim), *chuiva* (Corte Imp. 36; 116, tres vezes; F. Lopes D. J. 310), *luita* (Leal Cons. 103), *truitas* (rimando com *fruitas,* Sá de Mir. 250), *escuitar* (S. Josaph. 13).

Recente e pedantesca, sem fundamento na pronuncia nem na tradição, é a graphia que põe *e* em lugar de *i* nas palavras *igual, idade* e respectivos derivados. Topam-se innumeras vezes estes vocabulos, e sempre com a inicial *i,* em quaesquer escriptos antigos ou modernos até o seculo XVIII. É a graphia de Filinto Elysio e é a de Herculano.

Quanto ao vocabulo *igreja,* a pronuncia primitiva era, como se vê pelos textos antigos, *eigleisa,* depois *eigreja.* A syllaba *ei* inicial, sendo atona, mudou-se finalmente em *i.* O vocabulo passou a pronunciar-se *igreja.*

Igreja, com *i,* é escripta usual em port. quinhentista e seiscentista. Assim sempre em Heitor Pinto (2, 214, cinco vezes; 2, 137 passim), em Amador Arrais (468-70 cinco vezes; 502-505, dezoito vezes), em Castanheda (1, 56-57, seis exemplos), em Frei Luiz de Sousa (2, 196-200, nove casos), em Antonio Vieira e Bernardes (innumeros exemplos).

A pronuncia de *i* inicial no referido vocabulo documenta-se tambem na linguagem antiga. É *igreia* a lição de D. Duarte, Leal Conselheiro (54, tres exemplos; 111, tres

exemplos; alem disso, nas pags. 70, 103, 114, 115, 119, 121, 129, 138, 195 e 299). Em outras obras antigas adopta-se comtudo a graphia *egreja*. Tal é o caso em S. Graal, em Corte Imperial (á pag. 138 ha quatro exemplos), em Fernão Lopes, Chronica de D. João (vejam-se as pags. 24, 25, 80, 86, 87 e outras).

Esta dissonancia de representar a palavra com *e* inicial parece explicavel por acudir á mente a escriptura de *ecclesiasticus*, *ecclesia* da lingua em que se celebra a missa. Não se estampando no espirito nem tão viva nem tão pronta a imagem dos etymos de *igual* e *idade*, puderam est'outras dicções ao mesmo tempo escapar da graphia reversiva.

O falar moderno, tomando por norma a linguagem de Camões, poz termo á deslocação de *i*, corrigindo em *-ario* o outrora predilecto *-airo* de *vigairo*, *campanairo*, *sudairo*, *contrairo*, *corsairo*, etc. De *cartairo* (F. Lopes, D. J. 299) ou *cartario* (ib. 6) fez-se *cartorio*.

Restabeleceu-se o prefixo latino em *inflammar* (Leal Cons. 41 a 50: *enframado*), *infamado* (F. Lopes, D. J. 349 e passim: *emfamado*), mas conservou-se *ensinar*, e escreve-se *engenho* por *ingenho*.

Vogaes duplicadas. — Pela medição de versos dos antigos cancioneiros vê-se que *leer*, *creer*, *seer*, *teer* e *veer* eram vocabulos dissyllabicos com accento tonico no segundo *e*. Menos facil é atinar com a pronuncia que teria *aa*, *oo* e *ee* em outras palavras.

O primeiro dado para a solução do problema offerecem aquellas palavras em que houve aproximação das vogaes pelo desapparecimento de algum phonema intermedio; em segundo lugar estão os vocabulos em que uma das vogaes parece ter vindo em substituição da consoante desapparecida. Mas a occorrencia da antiga geminação ultrapassa esse schema; e se os escriptores, ignorantes, como eram, das leis linguisticas, faziam orthographia consultando o ouvido, trata-se de um caso de summo interesse.

A vogal duplicada tanto podia vir em syllaba tonica, como em syllaba atona *(geeral, ceeos, doo, perigoo, poboo, diaboo, door, voontade)*, com o que se prova que era a sua pronuncia independente da accentuação. A regularidade com que se usava em certos vocabulos, ao mesmo tempo que em

outros nunca se dobrava a vogal, permitte admittir em *aa*, *ee*, *oo* pronuncia diversa de *a*, *e*, *o*. Consistiria, no primeiro caso, provavelmente em demorar um pouco a voz, fraca a principio e logo mais forte.

Alem de outros muitos casos, que aqui não enumeramos, é de notar em varias obras antigas o emprego constante da vogal dobrada na terminação *-aaes*, plural de *-al*, em *-ees*, plural de *-el*, e nas vogaes nasaes dos ditongos *-ãao*, *-ãaes*, *õoes* provenientes de formas latinas, em *-anu*, *-ane*, *-one*, e tambem *ũu* nos vocabulos *ũu* (graphado ás vezes *hũu*) e seus compostos, *commũu*, *consũu*.

i, j, y

Se na applicação das letras do alphabeto, feita em port. ant. diversamente do uso hodierno, se consegue descobrir em geral algum systema ou tendencia que projecta luz sobre a pronuncia daquelle tempo, falham em todo o caso os esforços para explanar a notoria confusão que então se fazia com o emprego das letras *i*, *j* e *y*.

Facto admissivel como certo é que naquellas palavras onde hoje escrevemos e pronunciamos *j*, a pronuncia antiga não diversificaria da nossa, embora nas ditas palavras puzessem ora *j* ora *i*, como em *peleja* e *peleia*, *seja* e *seia*, *aja* e *aia*, *junto* e *iunto*, *jaz* e *iaz*. Mas não se percebe o que viria fazer *j* em *ajnda* por *ainda*, nem em *jguaaes* a par de *yguaaes* e *iguaaes*.

Em syllabas atonas, e em geral nos casos onde ao *i* pronunciado rapidamente se seguia outra vogal, como em *speriencia*, *speciall*, *martires*, *proprio*, *giolho*, observa-se de preferencia o emprego de *i*. Onde, pelo contrario, a voz se demorava, ou podia demorar-se, escrevia-se com mais frequencia *y*: *assy*, *sy*, *ryjo*, *todavya*, *hyr*. Isto, comtudo, não era regra que peasse o escriptor ou escrevente. A mesma palavra podia vir em uma frase com *y*, e com *i* na frase seguinte. Assim vemos *guysa* e *guisa*, *bullyr* e *bullir*, etc.

Tambem no principio da palavra podia achar-se *y* como em *ydade* e *ygual*, que outras vezes se escreviam *hidade*, *igual* e *jgual*.

Usualissimo era *y* nos ditongos, sendo esta pratica se

guida ainda por escriptores quinhentistas e seiscentistas. De Heitor Pinto são estes exemplos: *arrayal, atolleyro, primeyra, deyxou, cõtrayro, desfeyta, roseyras, foy, peyto, muyto, pregoeyros, rey, reyno,* alem de muitos outros. Com tudo isto escreviam-se de ordinario com *i* as palavras *mais, pois, depois.*

A duplicação *ii* occorre em Fernão Lopes em *assiinadas* e a cada passo em *tiinha,* alem de outros vocabulos. O emprego de *ij* em *consijrar* é commum no Leal Conselheiro e outros escriptores antigos.

Vogaes nasaes

As vogaes *ã, ẽ, ĩ, õ, ũ,* procedem em geral de vogaes puras que tomaram antecipadamente a nasalidade de *m* ou *n,* desapparecendo a articulação destas consoantes. Observa-se o phenomeno nos monosyllabos *tam, quam, cum (com), sum (som),* mas não se verifica na maior parte dos vocabulos que na lingua-mãi se escreviam com *m* terminal, porquanto, para taes casos, já nesta lingua se havia dado a reducção da pronuncia da consoante final. (Veja-se a este respeito Sommer, Handbuch, §§ 166 e 176, 5).

Vogal nasal proveniente da absorpção de *n* seguido de outra consoante, é facto normal em portuguez, como em outros idiomas romanicos: *cĩco* (cinco), *dãsa* (dança), *mãso* (manso), *pẽsar* (pensar), *frãgo* (frango), *domĩgo* (domingo), *mõje* (monje), *trõco* (tronco), etc.

A difficuldade sentida em portuguez de articular uma consoante nasal posta no fim do vocabulo, remediou-se nasalando a vogal que a precedia. Assim originaram-se de palavras em *n: bẽ* (ben), *ũ* (un), *cã* (can), *pã* (pan), *opiniõ, forõ, amã, virõ, sentirõ, recebiã,* etc. Alem do til (que outra cousa não é senão *n* engenhosamente sobreposto á vogal), servia tambem de indicar a vogal alterada o accrescimo de uma das letras *m* ou *n.*

Semelhantes entre si, mórmente se não eram oxytonas, as finaes *-õ* e *-ã* deviam confundir-se ao cabo de certo tempo. Accelerou o processo o juntar-se a *ã* a vogal *o,* dando o ditongo *-ão.* Assim diversificavam em L. de Esopo 27 e

28 *leom* e *leam*, e, entre os quinhentistas, se escreve na mesma linha *estavam* e *tornavão* (H. Pinto 1, 97), *andam* e *andão* (ib. 1, 98), *descobrirão* e *ganharam* (ib. 1, 99), sem contar *virám* (futuro), *choram, hiam, nam, sam* (ib. 1, 256). As duas edições dos Lusiadas de 1572 empregam como differença que mais dá nos olhos, segundo a frase de Epiph. Dias, uma, de preferencia a graphia *-ão*, a outra *-am* tanto nas syllabas atonas como nas tonicas.

Em tempo de Vieira as duas terminações se usavam indifferentemente:

Depois os *seguiram* e *abraçárão*... e se *consagraram* (Serm. 3, 52) — *Ouviram* a palavra de Deos e *guardarãona*... *ouvirão* a palavra de Deos e *guardarãona* (ib. 3, 52) — *Petiçam, liçam, eleiçam, acçam* (ib. 3, 66, 67 e passim) — *Temerám, bastarám*, (formas de futuro, ib. 3, 88 e passim) — *Declaração, acção* (ib. 3, 134).

Notavel é o desapparecimento da terminação *-om*, usualissima em port. ant. e que se conserva na linguagem moderna, dos quinhentistas em diante, sómente em *bom, dom, som, trom, com* e *tom*.

Concorreu para a fusão das primitivas terminações no ditongo *ão* a preexistencia do referido ditongo em camada mais antiga da linguagem, e oriundo de *n* intervocalico: *mão* (mã-o de manu-), *christão* (christã-o de christianu-), *são* (sã-o de sanu-), *vão* (vã-o de vanu-), *chão* (chã-o de planu-), *pagão* (pagã-o de paganu-) e outros. Desta alteração escaparam *anno* e *panno*, vocabulos não menos antigos, certamente em virtude da consoante geminada. Nas formas femininas *christãa, pagãa, irmãa*, etc. pronunciou-se a principio *ã-a*, isto é, separando a desinencia da nasal thematica.

Vogal nasal proveniente de *n* intervocalico occorre ainda em *lũa* (luna-, port. mod. *lua*), *bõo* (bonu-, port. mod. *bom*). Reducção da nasal á vogal pura observa-se em port. ant. em *meos, al de meos, meor, comeos*, que em port. mod. volveram a: *menos, menor, comenos*. Manteve-se entretanto *noa* (de nona) na locução *hora de noa*, e *mosteiro* (port. ant. *mõesteiro* de monasteriu-).

Antão, Fernão e port. ant. *diamã(o)* e *demom* resultaram respectivamente de *Antonio, Fernando, diamante* e *demonio*, tendo a pronuncia desprezado a syllaba final ou parte della. Ao mesmo processo se devem as formas *sã(o)* (por

santo) usada antes de nome que comece por consoante, e *grã(o)* por *grande*, de que se serviu Camões varias vezes e que se conservou em *Grão-Pará, Grão-Mogol*, etc.

Está á espera de solução o obscuro problema das vogaes que se nasalaram sem terem apoz si *n* ou *m*. O phenomeno é, sobretudo, notavel em *i* terminal, tendo-se dado depois de constituida a lingua portugueza. *Si* (lat. sic), ainda usado nos seculos XVI e XVII, transformou-se em *sim*; *assi*, frequentissimo ainda em Vieira, converteu-se em *assim*. Á *rubi* de outrora prefere-se hoje *rubim*. Com o pronome *mi* já em port. ant. poude coexistir a forma *mim*. De *madre* e *multu* vieram respectivamente *mai* e *muito*, nasalando-se mais cedo a tonica do primeiro destes vocabulos.

No extraordinariamente usado *muito*, foi tão tardia a mudança, que o cantor dos Lusiadas ainda podia dar-lhe para rima *fruito* e *enxuito*. Não se sabe a data da alteração definitiva, porque em *muito* e *mui* nunca se assignalou — caso unico — a vogal nasal pela escripta. Que em port. ant. se pronunciava a tonica como *u* puro é fora de duvida, porque, em caso contrario, não lhe faltaria o til, signal tão profusamente usado naquella epoca.

Se houve influencia progressiva de *m* inicial, esta acção não foi alem dos vocabulos monosyllabicos terminados em *i*: *mãi, mĩ mũi* e do possessivo *mĩa* (minha) por *mia*. Por analogia de *mũi* se passaria a dizer *mũito*. Por effeito do *n* inicial o lat. *nec* teria dado *nem* em portuguez.

Para a forma pronominal *sim*, em lugar de *si*, usada por Damião de Goes (não occorre em outros escriptores), influiu em parte o adverbio *sim*, em parte o pronome *mim*.

Explicando-se como tendencia geral os diversos casos de nasalação de *i* tonico no fim das palavras, não se saberá dar a razão da resistencia da vogal nos pronomes *ti* e *si*, assim como em alguns substantivos. Isto sem falar de *i* como terminação verbal.

Uma nasal pode exercer acção sobre outra. Assim, por effeito da nasal interna de *membrar* (de mem(o)rar-), desassimilou-se a consoante inicial, transformando-se o vocabulo primeiro em *nembrar* e finalmente em *lembrar*. Estas duas formas occorrem simultaneamente em port. ant. *Nenbrar, nenbrança* testificam-se, v. g., em Leal Cons. 7, 11, 15, 76; *lembrar, lembrança* na mesma obra, pag. 11, 41, varias vezes.

Outro exemplo de desassimilação regressiva é o da locução *no'mais* por *não mais*. Alem do conhecido exemplo camoneano *No'mais, Musa, no'mais, que a lyra tenho destemperada e a voz enrouquecida*, podem-se mencionar:

Mas pague-me vossa mercê o meu aluguer, *no'mais*, que me quero logo ir (G. Vic. 3, 220 e passim) — Estiveram para ho matar, *no'mais* que por ser christão (Castanh. 2, 15) — Avia *no'mais* de hũ anno (ib. 3, 77) — *No'mais* que ho inverno da India (ib.).

Nas contracções *co, cũa* (de *com o, com hũa*), de que ha bastantes exemplos em quinhentistas (veja-se a edição dos Lusiadas de Epiphanio Dias), e que ainda hoje se ouvem em boca de lusitanos, deve-se a perda da nasalidade de *com* á rapidez e pouco esforço com que se pronuncia esta palavra atona seguida de artigo, que é outro vocabulo atono.

As formas *enxempro, enxecuçom, enleger*, frequentes em port. ant., porem abandonadas em port. mod., produziram-se naturalmente por contaminação dos vocabulos formados com o prefixo *en-* (*ensinar, enduzer*, etc.).

Inserção de *i*

As dicções *meio, meia, veio, veia, seio, cheio, cheia, receio, correio* e outras do mesmo genero, que hoje se escrevem com *i* por ouvir-se nellas claramente um som palatal, representavam-se em port. ant. quasi sempre simplesmente com a terminação *-eo, -ea*. Poucas vezes occorrem as graphias *meeo, meyo, veyo*, a par de *meo, veo*, etc., nas obras daquelle tempo.

Devia pois a pronuncia do port. ant. differir da moderna; que, a ser identica, não havia motivo para dispensar *i* ou *y* em taes dicções, quando em outras tanto uso e abuso se fazia destas letras.

Ao amortecimento de *n* entre a vogal tonica e a final em *vena-, plenu-* (a linguistica de hoje não permittiria crer em queda subita) seguiu-se de certo a producção de outro phonema compensativo. A evolução fez-se naturalmente deste modo: *vena* > *vẽa* > *veea* > *vea*. De sorte que o apparecimento de *i* é posterior.

Quanto ás palavras que tiveram *di* antes da vogal terminal não se pode repudiar a conclusão da existencia de *i* primitivo; pois que teriamos: *mediu* < *meeio* > *meio*. O des-

uso da palatal no port. ant. em vocabulos desta especie deve-se attribuir á influencia da pronuncia de *vea, freo, cea, cheo*, etc.

Foi tal a acção da analogia, que a terminação *-eo* chegou a ser pronunciada como ditongo. Assim, conta-se como uma syllaba *veu* (= *veio* do verbo *vir*) em *Suspirou-se melhor, veu outra gente* (Sá de Mir. 223), e *seo* (= *seio*) rima com *deu* em *E meteo-lhe a mão no seo* (ib. 386). Analogos exemplos de *seo, receo, veu* occorrem em A. Ferreira.

Camões não se conformou com a pronuncia consagrada pela linguagem literaria, e ainda menos com a reducção das duas vogaes a ditongo. Que, segundo o poeta, se podia e devia pronunciar o *i*, conclue-se dos innumeros exemplos de *creio, meio, seio, cheio, feio, alheio*, etc., que se encontram nos Lusiadas, embora outras vezes as mesmas palavras appareçam graphadas — effeito da lei da inercia — pelo antigo systema. Valia a terminação em todo o caso sempre por duas syllabas.

Autores posteriores a Camões preferiram muitas vezes a graphia tradicional.

Ditongos *oi* e *ou*

O ditongo *oi* procede de fonte diversa da que deu origem ao ditongo *ou*. A subjuntiva *i* representa um antigo *e* nas palavras *boi* (bove) e *sois* (sondes), e reproduz o *i* primitivo em *foi*. Em port. ant. a vogal de syllaba tonica podia attrahir a vogal *i* da syllaba seguinte terminada em *-io, -ia*. O ditongo *oi*, proveniente de metathese, observa-se em vocabulos como *coifa* (cofia), *goiva* (gubia), e particularmente na terminação *-oiro* por *-orio*: *Doiro* (Duriu-), *ajudoiro* (a(d)jutoriu-), *agoiro* (a(u)guriu-), *tesoira* (to(n)soria), *suadoiro* (su(d)atoriu-).

Inconfundivel com esta terminação era *-ouro* procedente do lat. *-auru*. Assim escrevia-se invariavelmente *louro* (lauru-), *ouro* (auru-), *mouro* (mauru-, porem *moiro* de morior), *tesouro* (t(h)esauru-, porem *tesoira* de to(n)soria), *touro* (tauru-). Outros exemplos, alem dos desta especie, mostram que o primitivo ditongo *au*, quer do latim, quer de outra procedencia, deu em port. literario *ou*, e não *oi*. Basta lembrar:

ou (au(t), *pouco* (paucu-), *rouco* (raucu-), *outono* (autu(m)nu-), *ouvir* (au(d)ir-), *houve* (*haubi de habui), *soube* (*saubi de sapui), *vou* (*va(d)u de vado), *roupa* (*raubha), etc.

Com o ditongo *ou*, e não *oi*, entraram na linguagem literaria: *outro* (alt(e)ru-), *couce* (calce-), *loução*, *Sousa*, *Vouga*, *moução*, *outorgar*, *couto*, *doutrina*, *noute*, *souto*, *chouto*, *couve*, *choupo*, *rousar*, *açougue*, *azougue*, *açoute*, *mouco*, *amouco*, *louco*, *touca*, *roubar* e outros.

Á influencia deste amplo emprego da subjuntiva *u* não puderam escapar os vocabulos que a principio se diziam com a terminação *-oiro*: *Doiro* passou a ser *Douro*, e *moiro* (verbo morior) identificou-se com *mouro* (substantivo). Por outro lado porem gerou-se a par de *noute*, a forma *noite*, que é a usada actualmente; a par de *outo*, *outavo*, *outenta*, *outubro*, vieram a usar-se *oito*, *oitavo*, *oitenta*, *oitubro*, tres dos quaes conseguiram desalojar os antigos competidores. Á forma *açoute*, ainda usada em Leal Cons. 276, prefere Vieira *açoite* em Serm. 3, 236 e 446.

Os primeiros exemplos de uso de *oi* por *ou* não são comtudo, prova de evolução definitiva. Em Leal Cons. 302 e, entre quinhentistas, em Heitor Pinto 1, 268 e passim lê-se *noite*, *noytes*; mas restabelece a antiga forma *noute* Bernardes em Luz e Calor, 511 e outros passos. Nesta mesma obra de Bernardes encontra-se *outeyro* á pag. 538, como em port. ant. muitas vezes em Chrest. Arch. 53 e em S. Graal, ao passo que *oiteiro* é a lição de Vieira em Serm. 3, 94 e 5, 169-170 (tres vezes), mas *outeiro* 6 vezes em Serm. 5, 404. No poema de Camões occorre sómente a forma *outeiro*. Assim em Lus. 5, 30; 5, 35; 5, 83; 6, 92; 8, 35; 9, 54; 9, 55 e 9, 57.

Levadas em conta as palavras *oito* (e derivados excepto *outubro*), *noite* e outras, cujo numero em todo o caso não é grande, o uso generalisado do ditongo *ou* perdurou até que no seculo XIX Castilho Antonio e alguns outros, a quem melhor soava a forma dialectal *oi*, se puzeram a escrever systematicamente *oiro*, *tesoiro*, etc., vezo esse que nunca se apossou de outros escriptores não menos notaveis (e nesta conta está Herculano), como tambem não contaminou a maior parte dos escriptores actuaes, principalmente brasileiros, que preferem conservar-se fieis á tradição.

Note-se que essa tentativa de dialectisação parcial da

linguagem literaria ficou circumscripta a alguns typos de palavras, deixando sempre illesos da innovação termos como *outro, doutor, açougue, couve*, etc., nos quaes certa pronuncia regional lusitana usa o ditongo igualmente com a subjuntiva *i*.

Ou por *u* inicial usou-se, durante algum tempo, em *oufano* (Heitor Pinto e outros). *Ou* por *o* inicial escreveu-se outrora em *ouccano, ouriente, oulá, oucioso* e alguns outros vocabulos. *Prouximo* por *proximo* lê-se a miudo em D. Duarte, Leal Conselheiro.

Consoantes geminadas

O emprego das consoantes geminadas *rr* e *ss* no interior das palavras, entre vogaes, funda-se na necessidade de representar pela escripta sons que, sem essa precaução, se confundiriam com outros. Não dispunha o alphabeto commum senão de um symbolo unico tanto para o *r* lene, como para o *r* rolado. A duplicação da letra no segundo caso foi o engenhoso expediente que occorreu para differençar *carro* de *caro, ferro* de *fero*.

Impunha-se igualmente a necessidade de representar de maneira differente *s* surdo e *s* sonoro. Resolveu-se o problema, graphando *rosa, caso, cousa*, e, de outra parte, *nosso, vosso, possuir*.

O port. mod. conservou até o presente o mesmo criterio no emprego de *rr* e *ss* intervocalicos. Ao port. ant. pareceu conveniente geminar, alem disso, as consoantes ainda em casos onde *r* é sempre rolado e *s* é sempre surdo, a saber, no principio dos vocabulos e em posição interna apoz consoante ou vogal nasal. Assim depararam-se-nos frequentemente *ssegundo, consselho, pulsso, rreyno, rrico, rreligião, onrra, hõrra, ssaber, sse, penssar, enssinar*.

Por muito estranha e desnecessaria que nos pareça a geminação em taes vocabulos, ella tem em parte explicação razoavel, desde que se leve em conta o antigo systema de escrever.

Os procliticos vinham, de accordo com a pronuncia, frequentemente ligados á palavra seguinte, como *desseu* por *de seu, asseu* por *a seu, ossexto*, por *o sexto, orreyno*,

e os encliticos uniam-se á palavra precedente, não se recorrendo ainda ao emprego do signal hyphen; de sorte que apparecia *ss* como intervocalico em *devesse* por *deve-se*, *posesse* por *pose-se*, *faziasse* por *fazia-se*.

Obscuro é o motivo da geminação *ll* em *apostollo*, *epistolla*, *Paullo*, *capitullo*, *tall*, *mall*, *quall*, *geerall*, etc. de que ha exemplos de sobra no livro da Virtuosa Bemfeitoria, no Leal Conselheiro e em Fernão Lopes, Chronica de D. João. As obras latinas que constituiam a principal leitura desses tempos, e donde se tiravam alguns dos referidos vocabulos directamente, deviam antes induzir a fazer uso do *l* simples.

Tambem não é nada transparente a causa da geminação, usual por essa epoca, de *ff* em *beneffício*, *benffeitor*, *benffeituria*, *ffe*, *perffia*, *magniffico*, *signiffica* quando ao mesmo tempo se escrevia *benfazer*, *fazer*, etc.

Estas duplicações de *ll* e *ff*, desusadas na linguagem moderna, sem fundamento na etymologia nem na analogia, não se devem attribuir tão pouco ao mero prazer de accumular letras inuteis para dar aos vocabulos aspecto mais elegante. Se dominasse este mau gosto, não haveria motivo para deixar de enfeitar tambem outras palavras da mesma maneira, ou para manifestar-se parcimonia ou abstinencia quanto á duplicação de *p*, *t* e *c*.

Possivel é que com essa curiosa geminação de *ll* e *ff* quizessem os antigos escriptores significar que em alguns vocabulos, ou em algumas occasiões, a vogal junto a *ll* ou *ff* recebia intonação ou icto forte, mas muito rapido.

Fosse este o movel ou outro qualquer, o certo é que deu por terra com tal systema orthographico a reacção do port. mod., firmando cada vez mais a doutrina de subordinar a representação das palavras do nosso idioma ao que estava estabelecido na lingua de Cicero e Vergilio. E aonde não podiam chegar os conhecimentos etymologicos, suppria-se, em materia de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o superfluo ao estrictamente bastante, como em *chinello*, *panella*, *janella*, etc.

Presentemente fazem-se tentativas no sentido de simplificar a escripta.

Emprego da letra *h*

Em port. ant. o emprego do *h* inicial não era determinado pela preoccupação etymologica. Isto se vê nos documentos publicados na Chrestomathia Archaica[2] de J. J. Nunes e nos Textos Archaicos[2] de Leite de Vasconcellos. No Foral da Guarda encontramos *homẽes* a par de *omẽes, onrrar, ospede.* Na historia do Castello Perigoso occorrem *horações, honde, oras* a par de *homem, homrrado.*

Com *h* apparece geralmente escripta a forma verbal *ha*, mas sem *h aver, ouve, avemos,* etc.

D. Duarte, no Leal Conselheiro, falando na duração dos diversos officios da capella, escreve a cada passo *oras* sem *h*. Fernão Lopes grapha, como os seus contemporaneos, *husar, husança, huniom, hi, hordenar, homde* alternando com *onde, hir, homrroso* e *desomrra.*

Denotaria o *h* inicial o pequeno esforço com que proferiam, ou suppunham proferir, a vogal inicial de alguns vocabulos. Isto resalta sobretudo dos monosyllabos *he, hũ, hi* (ainda hoje *ahi*), nos quaes se respeitou esta escripta ainda muito tempo depois de modernisado o systema orthographico medieval.

O espirito da Renascença, aproximando-se mais do latim, supprimiu *h* em algumas palavras, e restabeleceu-o em outras. Ficaram algumas excepções, como as que acabamos de mencionar, com a dita letra, e sem ella outras que etymologicamente a deveriam ter. Os quinhentistas não se puderam resolver todos a deixar de escrever *aver*, como dantes; e só entre os seiscentistas se começa a generalisar a graphia *haver*.

O *h* interno do possessivo do port. ant. *mha*, tambem escripto *mia* (Testam. de D. Aff. II), e sempre contado como uma syllaba, equivalia ao som *i* pronunciado muito rapidamente, ou talvez como consoante. Igual pronuncia teria o *h* interno de *cambha, saibha.*

Permuta de *l* e *r*

Aos antigos incolas de Portugal que adoptaram o falar dos dominadores romanos eram sobremodo estranhos os gru-

pos consonantaes latinos *cl, fl, pl.* Accommodando-os aos seus habitos de phonação, substituiram-nos pela chiante surda: *chamar* (clamare), *chave* (clavis), *chamma* (flamma), *cheirar* (flagrare), *Chaves* ([aquas] Flavias); *chão* (planus), *chuva* (pluvia), *chato* (platus), *cheio*, *encher* (plenus, implere), *inchar* (inflare), *chumbo* (plumbum), *chorar* (plorare), *chaga* (plaga), *chantar* (plantar), *choupo (plopus*, metathese de *populus)*, *chus* (plus).

Não duraria muito a phase da surpresa. Com o descostume do falar indigena e o exercicio da pronuncia na acquisição de novos vocabulos latinos, a difficuldade devia estar vencida mais ou menos na segunda geração. Não se reformou comtudo a maneira de proferir certos termos de uso diario (a maior parte dos supra-mencionados), que desde logo se arraigaram, obliterando-se da memoria a sua connexão com as respectivas expressões latinas.

Naquellas palavras que cedo se introduziram em portuguez com os grupos consonantaes latinos, observa-se a frequente troca de *l* por *r*.

Esta permuta, de que resulta tornarem-se *cl* em *cr*, *fl* em *fr*, *pl* em *pr*, estendeu-se a *bl* e *gl*, que alternam respectivamente com *br* e *gr*. Em certos vocabulos, como *prazer*, *dobro*, *regra* (reg(u)la), *nobre* (nob(i)le), *igreja* (ecclesia), a alteração ficou definitiva; em outros não passou de um phenomeno temporario, posto que, para certos casos, perdurasse até o seculo XVII.

A causa da longa vitalidade das formas duplas, conquanto não esteja explicada, deve, todavia, ser de ordem psychologica, e não physiologica. Concorreu a analogia; mas porque se manteve o luxo das formas parallelas? *Praga* e *plaga*, com a mesma significação, se lê em Fernão Lopes, D. J. 279. *Claros*, *clara* no mesmo autor a pags. 2, 3, 345; mas em Sá de Miranda (ed. Mich.), com ser autor bem mais moderno, volta, de vez em quando, a saudade de *craro*. *Planta* occorre em Corte Imperial 36; o quinhentista Heitor Pinto usa frequentemente *prantar*, mas tambem *plantas* 1, 32. Notavel predilecção se manifesta em port. ant. por *simprez*, *pubrico*, *freyma*, *enframado*, *Ingraterra*, *ingres*.

Tenaz é a permanencia de *ingres* ou *ingrez*. Quando em tantas outras palavras se havia restituido definitivamente o etymologico *l*, Vieira ainda lhe presta homenagem na de-

dicatoria que serve de prefacio a um dos volumes dos seus sermões (*ingrezes* 11, IV, *ingreza* ib. 11, IV). As duas edições dos Lusiadas de 1572, alem do pelicano com o bico para a direita em uma, e com o bico para a esquerda em outra, e pequenas variações de texto, differençam-se ainda, preferindo uma o *ingles* com *l*, a outra o *ingres* com *r*.

Da antiga linguagem persistem em ambas as primeiras edições do poema camoneano: *frauta, sembrante, Frandes, pubrico, pranta, pruma.*

A duvida sobre a maneira de proferir os grupos consonantaes, em que o segundo phonema era etymologicamente um *l*, influiu regressivamente em certas palavras com *r* etymologico. Exemplos disto são *descliçom* (= descriçom) (Leal Cons. 13, 15); *complazer* (ib. 13).

Troca de *l* intervocalico por *r* é phenomeno raro; em *clelugos* (menos frequente do que *clerigos*) (Leal Cons. 16), *pirollas* (= pilulas) (ib. 66 e 334), *priol* (prior) e *cellorgiães* (= cirurgiães) influiu a presença de *l* ou *r* em syllaba proxima. São casos de assimilação (ou dissimilação) ora progressiva, ora regressiva.

Em Corte Imperial 46, occorrem abundantes exemplos de *plular, plularidade,* em que é visivel a acção da analogia de *singular, singularidade*. Seriam vocabulos de pronuncia difficil; um tanto melhor era *plurar*, preferido mais tarde por Vieira (Serm. 9, 115; 2, 283 e passim). A uma e outra forma avantaja-se o hodierno *plural,* de accordo com o latim, por alternarem regularmente as consoantes *l* e *r*.

A repetição de *r* evitou-se ás vezes, omittindo o som na syllaba atona. Temos *prostar* (por *prostrar*) em Vieira, Serm. 6, 636; 7, 494 e passim; porem *Frandes* em Cam., Lus.; *rosto* em Cam., Lus. e frequentissimo em Vieira 6, 319 e 334; 7, 282 e passim, ainda que *rostro* reappareça, alternando com *rosto,* em Bern. L. e C. 447 e N. Flor 2, 132; *terrestes* (para que teria concorrido *celeste*) em Vieira, Serm. 8, 437 e 438. Hoje preferimos *rasto* a *rastro;* mas conservamos *lastro* e dizemos *mastro,* apesar de *masto* em Barros, Dec. 1, 1, 13. Vieira tem *masto* (Serm. 9, 332) e *mastro* (ib. 7, 157).

Frequente em port. ant. era a metathese de *r*, procurando este som a contiguidade de outra consoante (principalmente *c, t, p* e *f*): *Fremoso, fremosura, afremosentado*

(S. Josaph. 27 e F. Lopes, D. J. 2, 2, 3, 3); *Crasto* (Castro). Restos deste processo são *preverter, trocer, retrocer* (Mello, Ap. Dial. 149 e diversos passos dos Serm. de Vieira); *graganta* (Arr. 10).

A estas trocas de lugar, alliadas á possibilidade de se substituir um phonema a outro, devem-se as variantes *ffiglesia, ffijgrisia, ffiglisia, ffriglesia* e *flijgisya* dos titulos gallegos de venda e emprazamento reproduzidos por Leite de Vasconcellos em seu livro *Textos Archaicos.* A unica cousa que não apparece em meio de tanta variedade é a palavra *freguesia.*

Accrescentem-se a estes exemplos de permuta *competra* (Leal Cons. 301, 3 vezes) por *compreta* = completa, *entrepetar* = interpretar (ib. 306).

Influencia dos encliticos

Escreviam-se outrora os encliticos unindo-os, sem separação alguma, á palavra a que ficavam subordinados e continuou-se esta pratica ainda em tempo de Vieira e Bernardes. Aqui servir-nos-emos do hyphen de maneira tal, que se possa apreciar a acção phonetica do vocabulo atono.

O enclitico *lo,* cujo emprego tem lugar junto ás terminações verbaes em consoante (*r, s* ou *z*), ou junto aos pronomes *nos, vos,* apparece desde os mais antigos tempos da lingua portugueza com effeito reductivo sobre a consoante precedente. As consoantes terminaes assimilam-se primeiro ao *l* do enclitico, resultando d'ahi: *nol-lo* por *nos-lo, vol-lo* por *vos-lo, amal-lo* por *amar-lo, dail-lo* por *dais-lo, destel-lo* por *destes-lo, fal-lo* por *faz-lo.* Mas o phonema geminado reduziu-se, finalmente, a *l* simples.

Nas mesmas condições empregou a linguagem popular — e esta pratica perdura ainda em alguns falares regionaes de Portugal — a palavra *lo* como artigo, em razão de poder o artigo, na pronuncia rapida, passar de proclitico do substantivo a enclitico de alguma palavra precedente.

Não teve a gente culta, entretanto, tal cousa por bastante elegante ou melodiosa para aceital-a geralmente na linguagem literaria. Admittiu a junção com certas preposições, como *pel-lo, pol-lo,* mas usou ainda por bastante tempo *per, por* seguido de *o,* e tolerou em concomitancia com *am-*

bos os e *todos os*, *ambol-los* e *todol-los*, mas acabou por desprezar est'outras formas do seculo XVII em diante. Dicções como *Joanna e mai-lo* (= mais o) *marido* foram sempre consideradas plebeismos. Em D. Duarte (Ens. de Cav. 88), occorre *desvialla a cabeça* e (ib. 34, 90) *trallas ancas* por *desviar a cabeça, trás as ancas*. (Confronte-se *Tralos montes* por *Trás os montes*).

Em seguimento á palavra *pois* usa-se em geral o pronome accusativo sob a forma *o;* ha todavia alguns exemplos de *lo*, com effeito reductivo sobre a consoante *s:*

Poi-la podedes veer (Canc. Din. 32) — E *poi-la* fez das melhores melhor (ib. 39) — Não hahi que debater *poilo* affirma o mesmo sam Jeronymo (H. Pinto 1, 29).

Casos sporadicos de regeneração da primitiva linguagem, sem influencia no falar usual, são:

Fosteslo aprazar a certas horas (F. Lopes D. J. 72) — Vãao *deposla* perfeiçom dalgũas virtudes (Leal Cons. 104) — Devemos *creerlos* [artigo] outros aprovados per a sancta igreja (ib. 121).

Ás terminações verbaes em vogal nasal ou ditongo nasal ajunta-se, como accusativo enclitico do pronome da 3.ª pessoa, a forma *o;* mas com este enclitico revive o antigo phonema *n*. Assim em port. ant. *comyãnos, rreceberõno, levarõno*, que hoje se grapham *comiam-nos, receberam-no, levaram-no*. E semelhantemente: *tem-no, fazem-no* por *tẽno, fazẽno*.

O mesmo enclitico *o* ajunta-se tambem ás terminações verbaes em vogal pura, ou em ditongo puro, e neste caso conservam-se inalteradas as terminações. Devem-se attribuir á influencia dialectal alguns casos de suppressão da subjuntiva do ditongo tanto antes do enclitico *o*, como antes de outros encliticos:

Cerceou-a e vesti'-lhe [= *vestiu-lhe*] *o aveto* (S. Am. 514) — *E el beenzeos* [benzeo-os] (ib. 511, 513), mas: *e elle beenzeoa* (ib. 515, bis) — *Vi'-os hũu minhoto... e comê'-os ambos* (L. de Esopo 11) — *Matou-ho e comê'-o* (ib. 10) — *Sai'-sse* [= saiu-se] *do paaço do infante* (S. Josaph. 25).

As formas pronominaes *me, te, lhe* seguidas do pronome *o, a, os, as* combinam-se em *m'o, t'o, lh'o*. É linguagem usada já nos antigos textos. Remonta igualmente á

epoca destes textos a suppressão da vogal *e* na preposição *de* combinada com artigo definido (*do*, *da*, *dos*, *das* por *de o*, *de a* etc.).

Regido da particula *em*, o artigo definido soffre modificação por influencia da nasalidade da particula. Em port. ant. até o seculo XIV inclusive encontramos geralmente *ẽ no*, *ẽ na*, alternando com a graphia *em no*, *em na*: *mortas ẽno mar* (S. Am. 508); *em na sancta jgreja* (ib); *andam ẽ nas teebras* (ib. 509); *em na regra* (Frad. Men. 44); *em no caminho* (ib. 45). A par de *ẽ no*, *ẽ na*, occorre, ainda que com menos frequencia, a simples forma *no*, *na*: *deus no mũdo quis dar* (S. Am. 508); *estava no parayso* (ib. 512).

O elemento preposicional *em* acabou todavia por obliterar-se, ficando o sentimento de que *no*, *na*, usado, diversamente de *o*, *a*, em frases de sentido locativo, equivaleria á contracção da particula com o artigo. E é assim que ainda hoje costumamos analysar.

O uso regular de *no*, *na* por *em no*, *em na*, apparece no livro de Esopo e accentua-se depois na linguagem do seculo XV. Encontramos a nova dicção, a cada passo, em Fernão Lopes e em D. Duarte. Deve-se attribuir á tendencia archaisante a preferencia dada á dicção antiga no Livro da Virtuosa Bemfeitoria, composto pelo irmão de D. Duarte. Do seculo XVI em diante usa-se geralmente *no*, *na*.

A preposição *a* combina-se com o artigo definido, dando para o masculino *ao*, *aos*, ou, em linguagem popular de Portugal, *ó*, *ós*, e para o feminino *á*, *ás*. A forma *ó*, *ós* foi aceita por alguns escriptores quinhentistas. A graphia *aa*, *aas*, usada outrora para o feminino, correspondeu a principio á pronuncia de duas vogaes; continuou, todavia, a usar-se durante algum tempo, quando a combinação da particula com o artigo feminino já soava como uma só vogal aberta.

As sibilantes *s* e *z*

Em port. ant. havia dous phonemas parecidos, porém não identicos, representados um por *s* ou *ss*, e outro por *ç*

ou *c*; [a cedilha *), usada antes de qualquer vogal acabou por ser dispensada antes de *e* e *i*]. Nos vocabulos de origem latina, coincide o uso de *s* com o desta letra em latim e o de *ç* ou *c* corresponde a *c* ou *ti* da lingua-mãi. Mas nem por isso poderiamos attribuir a diversidade da escripta a motivo de etymologia. A reminiscencia do latim teria influido, porem em medida assaz limitada. Os antigos escriptores não tinham preoccupação etymologica e, se a tivessem, a falta de preparo philologico os levaria a aberrações que todavia não lhes notamos.

É singular que vocabulos como *çoçobrar, açucar, çapato, çujo, çarça* e outros que não têm que ver com a evolução phonetica latina, se escrevessem geralmente com *ç*. Quando o termo era tomado a idioma estrangeiro, nem sempre a pronuncia seria tal que não houvesse lugar para o emprego da letra *s*. Verdade é que nos nomes buscados á Asia e Africa nos seculos XV e XVI a duvida apparecia: *Massuá* ou *Maçuá*, *çamorim* e *samorim*, *Çocotorá* e *Socotorá*, *Cingapura* e *Singapura*, *Çamatra* e *Samatra*, como deixei documentado no livro «Difficuldades da Lingua Portugueza[2]», pags. 284-286.

Qualquer que fosse a causa da primitiva distinção entre as referidas letras, certo é que *s* ou *ss* (entre vogaes), *ç* ou *c* (antes de *e* ou *i*) representam, em port. mod., um só phonema, a sibilante surda, decidindo-se a escripta pela etymologia, quando esta é facil de apurar. Este criterio fez que o erudito *sc* viesse substituir o antigo *c* em palavras como *crescer* por *crecer*, *descer* por *decer*. Por desconhecimento da etymologia e influencia analogica de outros vocabulos deixou-se de graphar *pessego* e *sossego* (ainda usados no seculo XVI) para escrever *pecego* e *socego*.

Não se percebendo a razão do excepcionalissimo *ç* inicial, quando a cada instante se escreviam palavras começadas por *s*, passou-se a escrever tambem com esta letra *sapato, sarça, sujo*, etc. Mudou-se ainda *açucar* em *assucar* talvez por influencia do francez *sucre* *).

---

*) O signal a que chamamos cedilha resulta de um pequeno *z* e collocava-se entre a consoante e a vogal sempre que se empregava *C* maiusculo, tomando depois a forma simplificada de virgula: *C,ingapura; C,unda; C,ocotorá*, etc.

*) A palavra *assucar* vem do arabe *as-sukar* (*as* alteração do artigo *al*), e não do latim *saccharum* ou grego ςάκχαρον.

Mas não é sómente a actual sibilante surda que se vê embaraçada diante de tanto symbolo apto para represental-a no papel; igual sorte toca á sibilante sonora entre vogaes, ou em certas terminações em face das letras *s* e *z*.

Inconfundiveis foram a principio os valores de *s* e *z* entre vogaes e no fim das palavras, e o que a escripta distinguia era o que o ouvido então percebia. Este facto pode observar-se na graphia dos nomes patronymicos. Até fins do seculo XIV escreveram-se sempre com *-iz*, *-ez*: *Pirez*, *Fernandiz*, *Fernandez*, *Vaasquez*, *Alvarez*, etc. Do seculo XV em diante occorrem já *Vaasques*, *Gonçalves* a par de *Vaasquez*, *Gonsalvez*; o que quer dizer que já não havia distinção phonetica entre *-ez* e *-es*, mantendo-se a primeira forma sómente pela força do habito.

Outra particularidade da graphia antiga, que perdurou ainda entre os quinhentistas, era o emprego da letra *z* no interior das palavras, antes de consoante, como em *mezquita*, *mezquinho*, *mazcara*, *almizcar*, *liznar*, *ezquerdo*. Se *z* tinha em geral o valor de consoante sonora, hypothese muito aceitavel, em se tratando da sua situação antes de vogal e antes de consoante sonora, evidentemente havia de soar como phonema surdo se lhe seguia consoante surda.

Nas Decadas de Barros, nos Lusiadas e em outras obras publicadas no seculo XVI, nota-se, quanto á graphia de vocabulos já existentes no idioma, a distinção entre *s* e *z* feita em geral com a regularidade observada nos escriptos de epocas anteriores. Devemos attribuir o facto em parte á tradição orthographica, bem como á influencia do hespanhol. Barros, Camões e outros eram muito lidos em obras antigas e versavam o hespanhol como a propria lingua materna.

A falta ou inefficacia desse freio conservador fez com que em livros sahidos a lume não muito tempo depois dos Lusiadas (1572), viesse notoriamente confundido o emprego de *s* e *z*. Não é de crer que a causa fosse a identificação rapida, para não dizer subita, de dous phonemas rigorosamente differençados até então, e desde longo tempo, tanto na escripta como na pronuncia.

Da edição de 1604, feita em Coimbra, na officina de Diogo Gomez Loureyro, impressor da Universidade, dos

Dialogos de Amador Arrais, «revistos e acrescentados pelo mesmo autor nesta segunda impressão» (da 1.ª, feita em 1589, creio não existir, no Brasil, exemplar algum), posso apontar: *portugueza* (com *z* e não *s*) e *uzar* logo no Prologo; *canonisou* (20); *anatomisou* (9, duas vezes) a par de *eternizar* (7); *introdusir, introdusio* (7 e 8); *pezares* (7); *loquases, efficases* (33); a terminação *-eza* escripta ora com *z*, ora com *s*, *fraquesa, grandesa* (31), *certesa* (8), *tristesa*. Os verbos *fazer, dizer* occorrem umas vezes com *z*, de accordo com a tradição, outras vezes com *s*, *faserdes* (8), *fas, faseis* (5), *fasimento* (10), *faser* (33), *diser* (31), etc. No mesmo livro confunde-se tambem *s* com *ç* em *sapatos*, antigamente *çapatos* (2, 2), e *sujo* (13 e passim) a par do tradicional *çujo*.

Pelo seculo XVII não sómente era nullo o criterio do ouvido para decidir sobre o emprego das mencionadas letras, mas ainda devia ir-se enfraquecendo a influencia da graphia tradicional. Interessados entretanto os editores, mais que os autores, em evitar a balburdia, esforçaram-se até certo ponto por conservar o costume antigo. Naquelles casos, porém, em que havia incerteza ou esquecimento da escripta usual de outrora e, por mingua de conhecimentos etymologicos, ou não acudia ao espirito a imagem do respectivo termo latino ou não se percebia a relação phonetica entre os vocabulos de uma e outra lingua, nesses casos vacillava-se na graphia, escrevendo o vocabulo ora de um, ora de outro modo, ou então firmava-se a maneira de escrever muitas vezes em pura contradição com a pratica do passado.

No volume da Historia de S. Domingos de Fr. Luis de Sousa, do anno de 1632, posto que publicado depois dos Dialogos de Arrais, empregam-se todavia as letras *s* e *z* menos irregularmente. Não são tantas as hesitações e a graphia se aproxima em geral mais do criterio antigo. Esta melhoria na systematisação da escripta evidentemente não significa a restituição de um phonema desde muito tempo desapparecido. Casos de escripta duvidosa são: *thezouro* (Prol. e 177) a par de *thesouro* (3); *dezejarão* (Prol.); *roza* a par de *rosas, rosario* (178); *francez* (91), *ingrez* (31, 182), *aragonez* (20) ao lado de *ingres* (177, 181); *portuguez* com *z* (18, 19, 3 vezes, 20, 21, 23, 181) a par de *portu-*

gues com *s* (20, 23, 24, 180, 187, 4 vezes, Prol. 3 vezes) etc.

Nos Sermões de Vieira occorrem frequentemente *dezejo, dezejar, pezo, pizar, empreza* e outros. Nomes patrios apparecem com *-ez* e *-es*. No sermão de S. Antonio (vol. 2) manifesta-se decidida preferencia pela letra *z* na graphia *portuguez, portugueza, portuguezes* em dezenas e dezenas de exemplos. Só nas paginas 130, 135, 131, 129 assignalamos respectivamente dous, quatro, seis e onze casos.

Em algumas das obras impressas no seculo XVIII encontramos *filozofia, quazi, curiozo, dezalmado, fermozo, carinhozo, Luzitania* etc., parecendo querer a letra *z* usurpar o lugar do *s* intervocalico. É a epoca em que Luis Antonio Verney propõe reforma orthographica na qual inclue semelhante modificação, e logo applica a reforma em seus escriptos.

Contra esta pratica revolucionaria reagiu-se no mesmo seculo XVIII, bem como no seculo XIX, attendendo-se á etymologia latina, quando esta era evidente. Mas quando intercorriam palavras de origem menos conhecida, deixava-se de insistir no criterio etymologico. Como alterações hoje geralmente aceitas, nota-se a terminação *-es* dos patronymicos (*Gonçalves, Soares, Nunes* etc.) em que já não se usa *-ez*, e bem assim o emprego de *s* antes de consoante (*mesquita, mesquinho, tisnar* etc.). Duvida ha sobre a terminação tonica primitivamente representada por *-ez* (ou *-ês*). A graphia *-ez* é mais simples; a outra, fiel ao antigo uso, requer o auxilio do accento circumflexo para differençar-se a terminação oxytona da não accentuada.

Apesar de todas as regras, a representação ora por meio de *s* ora pelo symbolo *z*, de um só phonema — a sibilante dental sonora — não deixa de causar, por vezes, embaraços, mórmente quando o phonema se acha entre vogaes. Uma simplificação pratica se adoptou no seculo XIX relativamente a um suffixo verbal em que a sibilante se filia a certa consoante grega transcripta, segundo a tradição, pela letra *z*. Rompeu-se com o passado e systematicamente se substituiu *-isar* a *-izar*: *suavisar, caracterisar, tranquillisar, horrorisar, agonisar, realisar, generalisar, judaisar, monopolisar, baptisar, escandalisar, civilisar* etc.,

vocabulos mil vezes repetidos com esta graphia e assim usados por Herculano e outros escriptores coevos *).

Com esta pratica facilitou-se a escripta, passando a letra *s* a servir tanto para o referido suffixo, como para a representação da sibilante entre *i* e as vogaes *a*, *o* e no interior de certos vocabulos cuja filiação é menos facil de apurar, senão de todo obscura, como *brisa*, *avisar*, *aviso*, *liso*, *alisar*, *balisa*, *abalisar*, *friso*, *frisa*, etc.

Esta escassa conquista no sentido da uniformisação e simplificação orthographica tem sido ultimamente menoscabada, graças á preoccupação etymologica que leva a escrever *suavizar*, *realizar*, etc.

O estudante, para ter certeza da graphia de *balisa*, *frisa* etc., tem de consultar diccionario ou vocabulario orthographico. Não poderá dar a razão do *s* em taes palavras, por muito que se jacte de saber que *z* de *-izar* provém do grego. A origem do suffixo *-iser* da lingua franceza não seria cousa menos conhecida aos linguistas da Sorbonne; entretanto, nem por isso se lembraram por lá de alterar a graphia de *réaliser*, *civiliser*, *baptiser*, etc.

---

*) E' digna de nota esta insistencia em escrever sempre *-isar* no autor das Lendas e Narrativas, que estaria farto de ver *-izare* em latim e *-izar* em portuguez antigo. Manteve sempre a mesma graphia ainda depois de 1859, quando, em attenção ao latim *-ense*, passou a escrever *português*, *inglês*, *irlandês*, etc.

Os vocabulos:
especies, formas e significação

A parte da grammatica que estuda os vocabulos denomina-se **lexeologia.** Differe da phonetica em considerar os sons combinadamente e denotando idéas e relações. No exame das palavras verifica serem estas geralmente formadas de duas partes: o *radical,* parte mais ou menos estavel e de significação propria, e *affixos,* elementos variaveis, de significação relativa, isto é, de valor semantico sómente na combinação com o radical. Palavras ha que não apresentam mais que o radical, por ter desapparecido o elemento variavel em que terminavam.

Os affixos, divididos em prefixos, suffixos, terminações e desinencias, dão ao vocabulo a diversidade de formas. Daqui o costume de se chamar *morphologia* ao estudo destes elementos e de suas relações com o radical. Esta feição particular que se dá á lexeologia tem fundamento na grammatica de linguas como o latim e o grego, com desenvolvido systema de declinação e conjugação, e tambem na grammatica das linguas romanicas quando se mostra como as formas latinas se mudaram nas destes idiomas modernos. Porem vem menos a proposito o termo morphologia, e promette mais do que tem para dar, quando, posto em lugar de lexeologia, se propõe estudar a evolução das palavras em lingua moderna já constituida.

Não examina a lexeologia as palavras sem primeiro dividil-as em um pequeno numero de grupos de accordo com certos caracteres communs. Base desta classificação é o

sentido geral das palavras, inquirindo-se se denotam seres, qualidades, acções, relações, etc.; e dahi a divisão em nomes, pronomes, verbos, etc., que por sua vez se subdividem, attendendo sempre a caracteres de ordem semantica, como veremos em seu lugar.

Nomes em geral

As palavras com que se designam os seres e seus attributos chamam-se simplesmente *nomes*. É o termo mais despretencioso e mais acertado de toda a nomenclatura grammatical. Fazendo-se, como se faz, distinção entre as denominações dos seres propriamente ditos e as denominações dos attributos de dimensão, tamanho, cor, consistencia, etc., pelos quaes os differençamos uns dos outros, torna-se necessario dividir os nomes em **substantivos** e **adjectivos.**

Os attributos, posto que sejam inherentes aos seres, são considerados muitas vezes como se existissem separados delles, como se fossem outras entidades. Os substantivos que os representam chamam-se **abstractos;** são **concretos** os nomes de referencia directa aos seres. *Alegria, tristeza, formosura, probidade* são substantivos abstractos; *casa, mulher, jardim, homem* são nomes concretos.

Dá-se ao substantivo o qualificativo *commum* se é nome applicavel não sómente a um ser, mas a todos aquelles que tiverem os mesmos caracteres; e chama-se substantivo *proprio* o nome com que se distingue algum individuo de entre outros congeneres desprezando os caracteres genericos.

Nomes com terminações adequadas para denotar diminuição ou augmento das dimensões, proporções ou condições usuaes, são **diminutivos** ou **augmentativos.**

Uma ou mais unidades se assignalam pelos numeros, **singular** e **plural;** varias unidades em conjunto se dizem por meio de termos usados no singular e chamados **collectivos.**

Os substantivos têm genero: **masculino** ou **feminino.**

Os adjectivos têm formas de singular e plural e genero de accordo com o substantivo. De alguns podem-se formar

augmentativos e diminutivos. Peculiar aos adjectivos são os graus de comparação.

Nomes diminutivos

Querendo significar que certo ente possue dimensões notavelmente inferiores ás que deveria ter segundo o conceito medio que formamos de outros seres congeneres, dizemos o respectivo nome seguido de um qualificativo apropriado ou ajuntamos ao nome um suffixo de função diminutiva: *mesa pequena, mesinha; jardim pequeno, jardimzinho.*

Nomes derivados de outros por meio de taes suffixos chamam-se **diminutivos.** O suffixo *-inho -inha* accrescenta-se directamente ao vocabulo terminado em consoante *(lugarinho)*, e, se o substantivo terminar por vogal pura atona, esta será previamente supprimida *(livrinho)*. Não serve este suffixo para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tonica ou em ditongo. É necessario substituil-o então por *-zinho, -zinha* (pode graphar-se depois de vogal *-sinho, -sinha*); *jejumzinho, pásinha, liçãosinha, paisinho, mãisinha.* Pode-se usar este suffixo *-zinho* tambem para os demais substantivos, a que se ajunta directamente, e é em geral a forma preferida.

Em linguagem familiar substituem-se, mais em Portugal que no Brasil, os mencionados suffixos não raro por *-ito, -ita, -zito, -zita.*

Noção diminutiva exprime tambem *-ola* nas palavras seguintes, ao passo que em outras tem sentido differente: *aldeola, bandeirola, portinhola.* Limitado é o emprego de outros suffixos para derivar puros diminutivos, como em *ilheta, naveta, maleta, baleote,* etc.

Á percepção de seres pequenos, como crianças, crias de animaes, objectos de uso commum, delicados e de pequenas proporções, associa-se facilmente o sentimento de carinho, e d'ahi resulta dizerem-se muitas vezes, tão sómente para despertar este sentimento, sob a forma diminutiva os nomes de seres que na realidade não são pequenos, e estender-se este uso aos adjectivos: *mocinho, bomzinho, bonitinho, amiguinho, tolinho, grandesinho, pobresinho,* etc.

Em alguns casos o adjectivo em *-inho* é usado com o valor de superlativo: *bolsa cheiinha, prato limpinho* (= perfeitamente limpo), etc.

O emprego, tão estimado na linguagem familiar de hoje, de adjectivo com a terminação diminutiva *-inho, -zinho*, occorre, de alguns seculos a esta parte, tambem em linguagem literaria, faltando naturalmente este signal de tom carinhoso ao estilo rude e secco do portuguez antigo. Em Fr. Luis de Sousa, Vieira e Bernardes, para não mencionar outros autores, topam-se exemplos analogos ao falar de hoje:

Este *esfarrapadinho* innocente ensina a Fr. Bertolomeu a ser arcebispo (Sousa, Arc. 1, 97). — Notou... a paciencia do *pobrezinho* (ib. 1, 96). — Tomavão da terra, lançavão-na sobre a cabeça... Fazia o *surdinho* outro tanto (Sousa, S. Dom. 118). — Belchior, porque era *pretinho*, ficasse em Belem por escravo (Vieira, Serm. 4, 533). — E estes degradados... são os *santinhos* que lá se mandão (ib. 4, 538). — Aquella lesma tão *tenrazinha* (Bern. N. Flor. 1, 284). — E não sómente fazer-se homem, mas menino, *pobrezinho* entre palhas, *enfaxadinho* em pannos... e tomando o peito da Virgem Mãi, para se fazer mais carinhoso, meigo e accessivel (ib. 1, 242). — Contradizem-me a mim e me perseguem em meus filhos *pequeninos* (ib. 1, 146). — Viu hum *velhinho* (ib. 1, 308). — A *pobrezinha* Roma (ib. 2, 144). — Não porque... se mostre ser *maiorzinho* o beneficio (ib. 2, 145). — Era tão *baixinho* que huma vez para ser ouvido se atrepou a um cepo (ib. 3, 196) *).

Nomes augmentativos

Diz-se que está na forma augmentativa todo o nome (substantivo ou adjectivo) marcado de certa terminação por meio da qual se denota ir extraordinariamente alem do commum a noção expressa pelo radical. A terminação pode ser: *-az*, precedido de outros phonemas, como em *fatacaz* (= fatia grande), *ladravaz* (= grande ladrão); *-aço*, como em *ricaço, ladroaço* (*alguns delles não são só ladroensinhos, se não ladroassos;* Bern. N. Fl. 4, 271), *peccadoraço* (Bern. N. Fl. 4, 340) e outros; *-il*, como em *corpanzil*, ou, finalmente, a mais usual de todas, *-ão*, que tambem pode occor-

*) O proprio adverbio *cedinho* na forma diminutiva, não é nenhuma creação dos nossos tempos: *Ai de ti, oh terra cujos governadores almoçam cedinho* (Bern. N. Flor. 1, 28).

rer, conforme o vocabulo, desenvolvida em *-arão*, *-arrão*, *-eirão*, *-zarrão*, *-alhão*, *-gão*.

Quanto ao emprego e formação do augmentativo em *-ão*, continua-se em portuguez, posto que com vocabulos novos, a historia dos substantivos latinos em *-o*, gen. *-onis*, designativos de pessoas, os quaes pertenciam, explica Lindsay, em geral á linguagem plebéa ou familiar e tinham sentido depreciativo. Derivavam-se de adjectivos, de substantivos e verbos.

Do augmento exagerado ao ridiculo não é grande a distancia; e assim se usam por ironia *valentão*, *sabichão*, *santarrão* augmentativamente. Nem é por elogio que chamamos *solteirona* á mulher que, carregada de primaveras, não se casou.

Francamente depreciativos são *comilão, beberrão, chorão, besuntão, trapalhão, pedinchão, pedintão, babão, brigão, resmungão, mandão, mandrião*, derivados de verbos para denotar a pessoa que pratica a acção com frequencia ou insistencia.

Alguns augmentativos designam actos violentos: *empurrão, empuxão, trambolhão, bofetão, carapetão, escorregão, esfregão, mergulhão, apalpão, apertão, beliscão, arranhão. Comichão* exprime sensação viva de prurido (= alguma cousa que come).

Substantivos femininos designativos de cousas concretas passam a masculinos se se transformarem em augmentativos: *a casa, o casarão; a vaga, o vagalhão; a parede, o paredão*. Em varios destes termos em *-ão* operou-se a especialisação de sentido. *Florão* não é qualquer flor grande, mas certo ornato de architectura em forma de flor; *portão* não é necessariamente porta grande, o de um gradil até pode ter dimensões bem pequenas; *garrafão* chama-se certa vasilha avantajada propria para aguardente; *facão* é utensilio differente da grande faca de mesa; *palavrão* se diz de termo empolado e tambem de palavra obscena; *boqueirão*, augmentativo de *boca*, usa-se como termo geographico; *pulgão* é insecto differente de *pulga*.

Augmentativos de sentido especialisado, e tambem varios outros, podem tomar suffixo diminutivo: *portãosinho, caixãosinho, facãosinho*.

Comparada com a derivação diminutiva, caracterisa-se

a derivação augmentativa pela maior variedade de formas, mas ao mesmo tempo pela sua extraordinaria deficiencia. Pode-se geralmente accrescentar *-inho, -zinho* a qualquer substantivo, mas é relativamente diminuto o numero de vocabulos a que é possivel ajuntar *-ão* ou alguma das suas variantes: *cabecinha, vestidinho, penninha, cadeirinha,* porem *cabeça grande, vestido comprido, penna grande, cadeira grande,* etc.

Os diminutivos, alem disso, têm facil accesso á linguagem elevada, ao passo que os augmentativos se usam antes no estilo comico, na prosa faceta e na linguagem familiar. Sá de Miranda nas comedias empregou *toleirão, freirões* (2, 92); *cachoparrão* (2, 85); *beliguinaz* (2, 101); A. Ferreira na comedia de Bristo: *velhancão* (2, 312); *doudarrão* (ib.); *mansarrão* (2, 322); *rafianaz* (2, 357); *ladravaz* (2, 358); F. Manoel de Mello, em Ap. Dial. 101: *o simplalhão do abbade Gabriel;* em Fid. Apr. 22: *queres sempre ser princeza e eu seja madraceirão.* Nada disto apparece nos Lusiadas. Nem haveria lugar para *molleirão, asneirão, mocetão, pobretão.* Em compensação: *eu o vi certamente — e não presumo que a vista me enganava — levantar-se no ar hũ vaporzinho* (Cam., Lus. 5, 19); e em Vieira, Serm. *bordãosinho* (11, 269); *corposinho* (11, 223); *fradinho* (11, 362) etc.

Substantivos collectivos

Seres da mesma especie apparecem aos nossos sentidos, ou á nossa imaginação, ora como individuos dispersos, ora como individuos agrupados. Designam em especial esta segunda situação nomes chamados **collectivos**, como *multidão, collecção, exercito, banda* e outros.

O caso mais simples é o do collectivo dual, em que serve o termo *casal* para dous seres de sexo differente, e *par* significando dous objectos que costumam andar juntos, como *par de luvas, par de sapatos,* ou duas partes similares de um objecto que constituem o todo, como *par de oculos.*

Collectivos de pluralidade referentes a animaes são: *manada* (de animaes de certo vulto); *rebanho* (de ovelhas); *fato* (de cabras); *vara* (de porcos); *cardume* (de peixes); *ma-*

tilha (de cães de caça); *enxame* (de abelhas, vespas ou outros insectos); *cafila* ou *corja* (de camelos).

Esta distinção que hoje se faz era menos rigorosa na antiga linguagem; pois que se podia dizer:

Fezerom presa em dous *fatos de vaccas* (F. Lopes, D. J. 163) — Elefantes... quasi em manadas, como *fatos de vaccas* (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Grande *fato de ovelhas* (ib. 1, 1, 11) — *Cardume de rans* (Vieira, Serm. 8, 52) — Lobo voraz que na *manada das ovelhas* entrou (Castro, Ul. 6, 62) — Hum *rebanho de vaccas* vê defronte (ib. 2, 66).

Figuradamente applicam-se tambem a pessoas algumas destas expressões. Não é raro por exemplo o termo *cardume* em Barros e Couto para denotar massa compacta de gente. No mesmo sentido usam estes escriptores as metaphoras *pinha*, *peso*:

Logo acudio hum grande *peso de gente* (Barros, Dec. 2, 2, 1) — Logo que o vio [ao ilheu] feito hũa *pinha de gente* (ib. 2, 2, 1) — Remetiam os elefantes ao *cardume de gente* (ib. 6, 4).

Não menos frequentes são *golpe*, *ramo* e *manga:*

Ajunta *dos seos hũ boõ golpe* pera ir sobre os nossos (Castanh. 3, 106) — E dalli mandou hum *ramo de gente* miuda ao passo de Agacij (Barros, Dec. 2, 5, 4) — A entrada delle foi *com golpe de gente* (ib. 2, 3, 6) — Foram dar com *hum golpe de Rumes* (ib.). — Tres *mangas* de arcabuzeiros (B. Cruz, Seb. 2, 65).

Cafila, no arabe, donde o importámos, significa o mesmo que caravana. Esta noção não a haviam perdido os Portuguezes quando applicavam o termo a pessoas, navios etc. que caminham uns atraz dos outros:

Veio huma grande *cafila de gente* a pé toda preta (Barros, Dec. 2, 1, 2) — Despedio Fernão Rodrigues de Carvalho pera Barcelor com *hũa cafila de navios* de mercadores (Couto, Dec. 8, 37).

Diversamente usado vem o collectivo em Castilho (Metam. 133): *açulam a cafila* (de cães) *bravia.*

Ás vezes pode-se formar o collectivo por simples suffixação, como em *boiada, cavalhada, carneirada, casaria, fradaria, gritaria*. Por meio da terminação *-al* obtêm-se nomes que designam grande porção de vegetaes da mesma especie plantados ou que crescem em certa extensão de terreno: *bananal, feijoal, trigal, laranjal, seringal, faial, rosal, pinhal* (ou *pinheiral*), *cafésal*, etc.

Plural dos substantivos

Forma-se o plural dos substantivos accrescentando *-s* á terminação vocalica, e *-es* á terminação consonantal: *rio-s, penna-s, mar-es, cruz-es.* Palavras terminadas em vogal nasal simples em que se representa a nasalação pela letra *m*, mudam esta letra em *-n* ao passarem para o plural: *homem, homens; jardim, jardins.*

Vocabulos não-oxytonos terminados por sibilante, como *oasis, ourives,* conservam-se, segundo a linguagem hodierna, inalterados no plural. Em portuguez antigo dizia-se porem *ourivezes,* de que ha bastantes exemplos no Livro Verm. (Ined. 3, pags. 428, 448, 449, etc.) e ainda em escriptores quinhentistas. Do plural *alferezes* dão testemunho: *Alferezes volteião as bandeiras* (Cam., Lus. 4, 27). — *Então se chegaram os alferezes ás bandeiras* (Sousa, Arceb. 2, 375).

Das palavras em *-l* seguem rigorosamente a regra geral *mal, males* e *consul, consules.* No plural dos demais nomes dá-se o desapparecimento de *l*: *dedaes* (por *deda(l)es*); *lençoes* (por *lenço(l)es*). Em port. ant. *sol* conservava a consoante no plural: *se o sol tomasse outra molher, faria outros filhos que seriam soles e dariam tanta quentura de si* (Livro de Esopo 14). Nas Ord. D. Man. 1, tit. 45 usa-se ainda *roles* como plural de *rol.*

Real formou, segundo a regra, *reaes* no plural. Applicado o termo á moeda portugueza, o plural *reaes* ao cabo de certo tempo degenerou completamente em *réis,* apesar do voto de Fernão d'Oliveira: «*real reais* assi quando he substantivo como ajétivo. E não digamos dous reeis, tres reeis».

Nos vocabulos em *-el,* desapparecendo a consoante ao formar-se o plural, entram em contacto duas vogaes semelhantes. Dissimila-se a segunda, ficando *-eis* por *ees* (de *-e(l)es*): *annel, anneis; papel, papeis.* O antigo *meles,* plural de *mel,* resistiu por muito tempo á alteração. Castilho ainda usou esta forma em *espremia aos panaes os meles espumantes* (Georg. 241); mas em outros passos (Georg. 19, 227, 235, 245, 251, 257, 295) emprega já o plural *meis.*

No plural dos substantivos em *-il* houve, pelo contra-

rio, assimilação e final absorpção da segunda vogal, resultando *-is* de *-iis* < *-ies* < *-iles*: *covil, covis; ardil, ardis.*

Os substantivos em *-il* são oxytonos. *Reptil*, apesar da origem latina, não se usa em portuguez como adjectivo; toma, por analogia dos outros substantivos, accentuação na syllaba final, e o seu plural *reptis*, formado igualmente por analogia, acha-se documentado em Castilho (Misant. 18); em Garret (Viagens 2, 112): *esmaga os reptis que te corroem;* em Herc. (M. de C. 2, 251): *os reptis mais extravagantes;* e em Fil. Elysio (14, 68): *mudados canta os numes, varões mudados em reptis, em aves.*

Nas mesmas condições se acha *projectil*, que, não se usando senão como substantivo, deve ser oxytono com o plural *projectis*. Em Portugal dizem comtudo *projecteis*. *Fossil*, pelo contrario, tanto substantivo como adjectivo, conserva a accentuação latina e tem o plural em *-eis, fosseis*, como os demais adjectivos paroxytonos.

Innumeros são os substantivos terminados em *-ão*. Como procedem, salvo poucas excepções, uns por filiação directa, outros por creação analogica, de nomes latinos em *-o*, gen. *-onis*, formam naturalmente o plural em *-ões*. Manteve-se aqui a regularidade do plural, ao passo que a antiga terminação do singular *-õ* (que tambem se graphava *-om*) se alterou em ditongo. Em *-õoes*, dos velhos codices, o segundo *o* sem til representaria o prolongamento phonetico da primeira vogal, cousa que hoje não se percebe: *oraçom, oraçõoes; entençom, entençõoes; coraçõ, coraçõoes; razom, razõ, razõoes; deleitaçom, deleitaçõoes; condiçom, condiçõ, condiçõoes; naçõoes; perfeiçom, perfeiçõoes; desposiçõ, desposiçõoes; tentaçõoes; cuidaçõoes*, etc.

A regra geral do plural em *-ões* vigora para a linguagem moderna, sendo applicada naturalmente a quaesquer termos novos: *civilisações, vagões, salões, montões, felicitações, estremeções*, etc. Deste oceano de substantivos em *-ão* mal tiramos umas duas duzias de vocabulos com plural differente, a saber:

a) com a terminação *-ães*: *pão, pães; cão, cães*, e do mesmo modo, *capitão, capellão, charlatão, escrivão, bestião* (Herc., M. de C. 2, 247), *catalão, allemão* (tambem adjectivo), *guardião, sacristão, sultão, deão.*

b) com a terminação *-ãos*: *christão, irmão, pagão, mão, chão, cidadão, alão, grão, cortezão, romão* (port. ant.) *vão* (e o composto *desvão*). Accrescentem-se a estes os paroxytonos em *-ão*: *accordão, orfão, sotão, orgão* e outros. A mudança de accentuação deu lugar a que a palavra *benção*, cujo plural era *benções* (assim usado ainda pelo padre Vieira) viesse a fazer *bençãos*. Inversamente, *zangão*, tornado oxytono, tem hoje o plural *zangões* (em vez de *zángãos*).

Nos seguintes, posto que passem por ter plural duvidoso, tende a fixar-se a forma regular em *-ões*: *aldeão, aldeãos* e *aldeões*; *ancião, anciãos, anciães* e *anciões*; *villão, villãos* e *villões*; *truão, truães* e *truões*.

Entre os escriptores antigos e, ainda, entre quinhentistas e seiscentistas, eram em maior numero as excepções e oscillações. *Cidadães* (occorre ainda em Sá de Miranda, vol. 2, pags. 105, 139 e 140); *gaviães* (Couto, Dec. 4, 7, 10); *anãos* (Bern., N. Flor. 1, 402); *cidadões* (Bern., N. Flor. 2, 114); *ermitãos* (Arr. 440); *ermitães* (em port. ant. e Vieira, Serm. 8, 403); *pãaos* (= pavãos, L. de Esopo 23); *cirurgiães* (Bern., L. e C. 334); *peães* (frequente entre os quinhentistas).

O plural do antigo *diamã* ou *diamão* (= diamante) era *diamães*.

Os termos em *-ane* e *-anu*, donde se originaram os pluraes em *-ães* (port. ant. *-ãaes*) e *-ãos* (port. ant. *-ãaos*), recebidos do latim, foram mui poucos em comparação da onda de nomes em *-one* com que se enriqueceu o idioma portuguez; e teria havido menos difficuldade em formar o plural desses diversos nomes se no singular as terminações *-om, -am* e *-ão* houvessem permanecido sempre distintas entre si. Ao contrario disso, principiaram ellas cedo a confundir-se na pronuncia, e d'ahi o embaraço não sómente para o plural de vocabulos de filiação latina, cuja etymologia era obscura ou esquecida, mas ainda para os termos que novamente se cunharam ou importaram do estrangeiro.

Certos nomes hoje usados no singular diziam-se antigamente no plural. Assim *peitos*, por influencia do sentido especial de seios, mammas, *narizes*, por tomar-se tambem na accepção de ventas, e *queixadas* (= maxillares) denotando queixo:

Pela bocca e pellos *nareces* (S. Graal 6) — Chegou-lhe ás *queixadas* e logo ho vazou com hũa estocada (Castanh. 5, 17) — Poseram-

lhe hũ punhal nos *peytos* porque se calasse (ib. 2, 122) — Onde rosto e *narizes* se cortava (Cam., Lus. 3, 41) — Obrigou a que o anjo ao passar por elle tapasse os *narizes* (Bern., N. Flor. 1, 232).

Costas, a principio mero plural de *costa*, significando o mesmo que o hodierno «costella», continúa a usar-se no plural, esquecida esta significação, como equivalente de «dorso».

Nomes de materia, empregados actualmente quasi sempre no singular, podiam dizer-se outrora com a forma de plural:

Açucares, melles, manteigas (Pina, D. J. 2.º, 116) — Todos os *arrozes* que vierão de fora (Castanh. 3, 72) — Quisesse trocar carnes por *azeites* e *vinhos* (Castanh. 5, 18).

Igualmente alterados na terminação eram os nomes de ventos *levante, ponente* para exprimir o cursar frequente:

Como já os *levantes* cursavão fez muy pouco caminho (Castanh. 5, 19) — Ora cõ *ponentes*, ora com *levantes* chegou a vinte legoas de Judá (ib. 5, 11) — E tornando os *levantes* avia de tornar a Judá (ib. 5, 11).

Dizemos hoje em dia tanto *gema* como *clara de ovo*, porem Diogo de Couto:

Este de hum ovo, que poz hum galo, formara o mundo todo, da gema os ceos, e das *claras* os elementos (Dec. 5, 8, 12).

Não costumamos pluralisar certos termos como *vontade, cabeça* e outros referidos a diversos individuos, ao contrario do antigo uso nestas frases:

Homens, mulheres e meninos metidos na agua com as *cabeças* de fora (Vieira, Serm. 7, 818). — La escrevo aos Pautagatins e regedores que lhe acudam com alguma esmola: fazei que seja por suas *vontades* e não por força (ib. 8, 288).

Genero dos substantivos

Appellativos que designam seres humanos tomam o genero naturalmente de accordo com o respectivo sexo: *o homem, a mulher; o genro, a nora; o pai, o padre, o padrinho, o compadre; a mãi, a madre, a madrinha, a comadre; o padrasto, a madrasta.*

Raros são os casos como os exemplos precedentes, em que o feminino é vocabulo muito diverso do masculino. Basta em geral alterar a terminação, sendo caracteristica do feminino a vogal *-a*: *filho, filha; noivo, noiva; menino, menina*. Semelhantemente *irmão*, pronunciado a principio *irmã-o*, deu no feminino *irmãa*, isto é, *irmã-a*, hoje reduzido a *irmã*. *Avô* e *avó* resultam respectivamente de *avoo, avoa*, tornando-se aberta a vogal *o* do feminino por influencia da terminação *-a*. *Rei, rainha* procedem do latim *rex, regina*.

Rapaz faz no feminino *rapariga*.

Certos nomes de titulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-issa, -isa, -essa, -eza*: *sacerdote, sacerdotisa; diacono, diaconisa; prior, prioreza* (tambem *priora*); *abbade, abbadessa; conde, condessa; principe, princeza* (em lugar de *principeza*); *barão, baroneza; duque, duqueza*.

Nomes em *-e* não comprehendidos nesta categoria resistem em geral á mudança, tornando-se communs de dous, como *amante, estudante, hereje, agente, cliente, protestante, viajante*. Usam-se porem com a caracteristica *-a*: *freira*, feminino de *freire* ou *frade, parenta, mestra, monja, hospeda* e *infanta*.

Tornou-se o falar hodierno, neste ponto, mais sobrio que a linguagem quinhentista e seiscentista, onde se encontram:

Casado com hũa *nayra* christãa (Castanh. 2, 28) — Duas *cafras* (ib. 2, 6 e passim) — Esta *giganta* era rica (Barros, Clar. 164 e passim) — Huma *comedianta* (Vieira, Cart. 2, 180) — Gracejando com as *farsantas* (Bern., N. Flor. 2, 314) — Huma *comedianta* (ib. 5, 248).

Não estariam, entretanto, grandemente convencidos os quinhentistas da correcção desta linguagem se já hesitavam entre *a infante* e *a infanta*, como facilmente se vê na Chronica de D. Manoel por Damião de Goes. A forma *infanta*, tornou-se, comtudo, a preferida por Vieira e outros, e prevaleceu.

Feminino de *heroe* é *heroina*. Os nomes de origem estrangeira *landgrave, margrave, czar* fazem respectivamente *landgravina, margravina, czarina*.

Dos appellativos em *-or* formam *embaixador, imperador, actor*, o feminino em *-triz*: *embaixatriz, imperatriz* (o povo

portuguez dizia *emperadora*), *actriz*. Desconhecia-se esta formação na phase primitiva da linguagem portugueza; devem-se taes vocabulos á influencia erudita ou á importação directa do estrangeiro. Vieira, posto que empregue *emperatriz* (*entre a emperatriz e Catharina*, Serm. 11, 571, *emperatriz de Alemanha*, ib., app. 23), faz, todavia, concessão á linguagem popular quando diz: *rainha sobre todos os reys, e emperadora sobre todos os emperadores* (Serm. 11, 239).

Verdade é que a intenção aqui é dar relevo não tanto ao titulo, como á effectividade do acto de imperar. Fala-se da Virgem Maria. No mesmo sentido se emprega o termo em G. Vic. 1, 144: *Deos te salve, Emperadora.*

O proprio processo de accrescentar *-a* ao substantivo em *-or* só com o tempo conseguiu generalisar-se. Assim vemos o termo *senhor* usado nos Cancioneiros ainda como substantivo commum de dous.

Em lugar da formação regular, usam-se, em certos casos, femininos em *-eira*: *varredeira*, *vendedeira* (Livro Verm. ap. Coll. Ined. 3, 480 e 482), *tecedeira*, *serzideira*, *carpideira*, *arrumadeira* e outros. Nenhuma relação morphologica ha entre estes femininos e os masculinos em *-or*. Prendem-se, sim, aos derivados em *-eiro*, designativos de individuos que exercem certos mesteres ou profissões; e sendo varias occupações exercidas, desde tempos remotos, principalmente pela mulher, fixou-se, em taes casos, a forma feminina em *-eira*, antes que se creassem os respectivos termos masculinos, para os quaes o uso preferiu muitas vezes palavras terminadas em *or*.

Posto que se assignalem com a terminação *-a* os nomes femininos, não se infere d'aqui que femininos sejam, por sua vez, todos os nomes terminados por esta vogal. Assim, denotando varões, não podem deixar de ser masculinos *monarcha*, *heresiarcha*, *patriarcha*, *pirata*, *agiota*, *jesuita*, *homicida*, *nauta*, *camarada*, *espiritista* e muitos outros. Varios destes nomes podem-se applicar a mulheres, ficando então inalterados, excepto *poeta*, *profeta* que fazem *poetisa* e *profetisa*.

Para os nomes em *-ão* dispomos de tres maneiras de formar o feminino. Seguem o typo *irmã*, fem. de *irmão*, *aldeã*, *anã*, *anciã*, *castellã*, *charlatã*, *cidadã*, *cirurgiã*, *foã* (S. de Usque, 2, 129) *cortezã*, *peã*, *sacristã*; e tambem *christã*,

pagã, cintrã, coimbrã, comarcã, catalã, bretã, allemã, femininos de palavras usadas ora como substantivos, ora como adjectivos. *Romã*, adjectivo, é o feminino do antigo *romão* (=*romano*). Nada tem que ver com *romã*, substantivo, de origem arabe. *Sultão* faz excepcionalmente *sultana*.

Põem a terminação *-oa* em lugar de *-ão*: *abegoa, beiroa, bretoa* (tambem se diz *bretã*), *ermitoa, horteloa, patroa, rascoa, villoa* (ou *villan*). Do substantivo *tabellião* formou-se o adjectivo *tabellioa*. *Ermitão*, como adjectivo, faz *ermitã*. *Japão*, usado outrora em lugar de *japonez*, fazia *japoa*: *aos Japões á Japoa* (Vieira, Serm. 8, 164). De *capitão* usou-se outrora o feminino *capitoa*: *Esta foi eleita por capitoa de todas* (Couto, Dec. 6, 2, 2); *nao Capitoa*.

O terceiro modo, finalmente, consiste em mudar *-ão* em *-ona*. É, sobretudo, nos augmentativos que se usa esta forma: *bonacheirona, chorona, figurona, mandriona, besuntona, fanfarrona, porcalhona, resmungona, trapalhona, solteirona, valentona, santarrona, pedinchona, sabichona*; ha tambem o fem. em *-ã*: *as vossas velhas sabechans* (Mello, Ap. Dial. 229), *feianchona, parlapatona*.

Importa notar que até o seculo XVI reinava ainda bastante incerteza quanto ao feminino dos nomes em *-ão*. Diz o grammatico Fernão d'Oliveira assim: «Estes nomes eu nam os pronunciaria nesta forma *cidadoa: capitoa: viloa: rascoa: aldeoa*: mas pronuncial-os-ia assi: *aldeã: vilã: cidadã*: verdade he que *rascã* nem *capitã* não são mui usados: e, comtudo, *zamboa* e *padoa* e quaesquer que o costume consentir».

Palavras em *-eu* fazem *-éa* no feminino: *europeu, européa, plebeu, plebéa, hebreu, hebréa*. Diz-se, comtudo, *judia* de *judeu*, *sandia* de *sandeu*, *ilhoa* de *ilheu*, e *ré* de *réu*.

Para os nomes patrios em *-ez* v. Adjectivos.

Nomes de cousas. — Masculinos são todos os nomes de cousas terminados em *-o* atono, e femininos os que terminam em *-a* atono, exceptuando as denominações de letras do alphabeto, que como os demais nomes de letras são do genero masculino (*o alpha, o jota, o kappa* etc.), *dia, tapa* e os vocabulos de origem grega, quer vindos atravez do latim, quer tirados directamente do grego, e que neste idioma tomariam o genero neutro. Taes vocabulos são masculinos

em portuguez: *drama*, *thema*, *theorema*, *axioma*, *aroma*, *idioma*, *emblema*, *clima*, *problema*, *lemma*, *dilemma*, *cosmorama*, *panorama*, os compostos de *-gramma* (*diagramma*, *epigramma*, *telegramma*, *monogramma*, etc.), *diaphragma*, *syntagma*, *magma*, *clysma*, *prisma*, *aneurysma*, *sophisma* etc.

De alguns vocabulos de origem grega tem variado o genero (V. pag.as 65, 66 e 70). Em outros altera-se o genero incoherentemente, como *a cataplasma*, porém *o plasma*, *o protoplasma*, *o neoplasma*.

Ordem e *margem* (lat. *ordo*, *margo*), masculinos em latim, passaram a termos femininos em portuguez. Este mesmo genero têm os demais nomes em *-gem* (*a imagem*, *a vagem*, *a viagem*, *a ferrugem*, etc.). *Linguagem* e *linhagem* tambem se usaram no masculino (v. pag. 67).

Nomes abstractos em *-ião*, como *legião*, *opinião*, *occasião*, *região*, *rebellião*, são femininos conforme a regra dos nomes latinos em *-io*. Tomam o mesmo genero os innumeros termos abstractos em *-ção*, *-são*, *-zão*, filiados a palavras latinas em *-tio*, *-sio* (*condição*, *razão*, *fusão*, *producção*, *ambição*, *dicção*, *appellação*, *ampliação*, etc.) ou creados por analogia, de expressões verbaes modernas, como *mastreação*, *estagnação*, *civilisação*, *vaccinação*, *amalgamação*, etc. São ainda femininos: *multidão*, *solidão*, *fortidão* e outros, que se prendem com a formação latina em *-tudo* (*multitudo*, *solitudo* etc.).

Usam-se, pelo contrario, no masculino os nomes concretos em *-ão*, exceptuando *a mão*, por exemplo: *chão*, *grão*, *alcatrão*, *algodão*, *agrião*, *bastão*, *bordão*, *diapasão*, *feijão*, *pilão*, *pirão*, *pistão*, *latão*, *galão*, *limão*, *melão*, *pulmão*, *sabão*, *torrão*, *coração*, *tostão*, *turbilhão*, *violão*, *verão*, *bastião*, *pavilhão*, *botão*, *galeão*, *trovão* etc.

No masculino tambem se usam os augmentativos em *-ão*, *-arão*, *-eirão*, ainda que procedam de vocabulos femininos: *garrafão*, *carroção*, *casarão*, *boqueirão*, *caldeirão*, *pranchão*, *salão*, *florão*, *portão*, *barracão*, *caixão*, *palavrão* etc.

São femininos *grade*, *cidade* e todos os nomes abstractos (*amizade*, *verdade* etc.) em *-ade*, em *-ice* e *-ez*, derivados de adjectivos e substantivos (*altivez*, *solidez*, *velhice*, *macaquice*, *meninice* etc.), e os abstractos em *-ude*

(*saude, virtude, altitude*, etc.). Accrescentem-se ainda a esta serie de vocabulos, por serem de igual genero, *vez, fraude*, e os termos concretos *fez, tez, torquez, cegude* e *incude*. Outros nomes em *-ez* e *-ude* são masculinos (*pez, revez, jaez, arnez, calcez, convez, pavez, gurupez, grés, viez, envez; açude, alaude, ataude, almude, embude, grude, talude*).

Pondo de parte os nomes abstractos em *-ão* e os femininos em *-ez* a que acabamos de nos referir, são em geral masculinos os nomes oxytonos: *chá, tafetá, pé, dó, nó, pó, cipó, café, fubá, maracujá, gral, mal, sal, rubi, annel, mel, ar, lar, altar, lugar, chapeu, ceu, calhau, grau, sarau, pau, som, dom, jardim, sol, lençol, funil, buril, barril, papel, tonel, vergel, anzol, cinzel, docel, cordel, batel, ardil, redil, covil, canil, farol, paiol, caftan, yatagan, tapinhoan, afan, ademan, armazem, desdem, harem, vintem, trem, bergantim, espadim, anexim, estoquim, capim, tamborim, alecrim, festim, flautim, nariz, paiz, matiz, tamiz, chapariz* etc.

Exceptuam-se desta regra:

a) um nome em *-á*: *pá*.

b) os seguintes em *-é*: *fé, sé, galilé, galé, maré, polé, ralé, libré*.

c) os seguintes em *-ó*: *enxó, filhó, ilhó, mó*.

d) um nome em *-al*: *cal*. Por subentender-se algum termo feminino, tomam este genero os substantivados *bacchanal, saturnal* (festa); *pastoral, credencial* (carta); *inicial* (letra); *cathedral* (igreja); *diagonal, horizontal, vertical* (linha) e outros.

e) um nome em *-er*: *colher*.

f) tres nomes em *-or*: *cor, dor, flor*.

g) os seguintes em *-an*: *can, chan, lan, roman, gran, maçan, manhan, avellan, sertan, hortelan, barbacan, milhan*.

h) um nome em *-au*: *nau*, e os de ditongo *-ei*: *grei, lei*.

i) os seguintes em *-iz*: *boiz, cerviz, cicatriz, matriz, raiz*.

j) os seguintes em *-oz*: *foz, noz, tardoz, voz*.

k) dous nomes em *-uz*: *cruz, luz.*

l) tres nomes em *-az*: *paz, tenaz, agua-raz.*

m) um nome em *-em*: *cecem.*

Das palavras em *-e* atono, são do genero feminino, alem das já mencionadas:

1.º as que terminam em *-ede, -ide* (excepto *cabide*) em *-ave* (menos *conclave*), *-eve, -ebe*; em *-ase, -asse, -ace* (excepto *desenlace, passe* e compostos); em *-ese, -ece, -esse* (menos *interesse*); em *-ose.* Taes são: *parede, rede, sede, séde; vide, lide; ave, chave, trave, clave; neve, greve; plebe, sebe; base, face, phase, gase, alface; prece, messe, these* (e compostos), *analyse, catalyse, diocese; dose, apotheose.*

2.º as palavras *carne, tarde, glande, lande, falange, fome, febre, lage, haste, peste, veste, fouce, mole, prole, pelle, hecatombe, crise, couve, grippe, sege, estirpe, ellipse; arvore, tosse, posse, hoste, ode, noite.*

3.º os termos *glotte* e *epiglotte*, ao passo que são masculinos todos os mais nomes em *-ote.*

4.º *fonte, fronte, ponte*, em opposição a *monte, horizonte* e os compostos de *-odonte*, que são masculinos.

5.º os compostos de *-pole*: *metropole, necropole*, etc.

6.º *arte* e *parte*, sendo masculinos os demais nomes em *-arte.*

7.º *gente**), *frente, mente, semente, aguardente, vertente*, e os substantivados em *-ente* referidos ao conceito «agua» (no sentido proprio ou figurado): *nascente, enchente, torrente, corrente*, ou «linha» (*tangente, secante*, etc.).

8.º os termos eruditos derivados por meio de *-ite*, designando doenças, rochas, plantas (*bronchite, fulgurite, clematite*, etc.).

9.º os seguintes nomes em *-orte*: *sorte, morte, côrte, cohorte.*

10.º os terminados em *-ie*: *effigie, serie, especie, congerie.*

---

*) *Gente* é nome collectivo applicavel sómente a seres humanos considerados em conjunto; mas apesar desta particularidade o vocabulo é tratado em linguagem como os demais collectivos, como se fora nome de cousa.

11.º *praxe* e os compostos de *-taxe* (*syntaxe*, *parataxe*, *hypotaxe*).

Levadas em conta estas restricções e casos especiaes acima explicados, dá-se geralmente o genero masculino aos nomes designativos de cousas, paroxytonos e proparoxytonos, desde que não terminem em *-a* atono. Dizemos *o caracter*, *o aljofar*, *o assucar*, *o ambar*, *o orgão*, etc. *Benção* (do lat. *benedictione* —) entrou na linguagem como vocabulo feminino com accento tonico na syllaba final. Esta pronuncia persistiu durante muito tempo. Hoje proferimos o vocabulo, deslocando o accento para a syllaba *ben*, mas conservando o genero feminino.

Nomes de animaes. — Na determinação do genero grammatical não ha differença entre os nomes dos animaes e os demais substantivos, quando se trate de entes em que a distinção do sexo, ou por difficil ou por desnecessaria, não costuma ser feita na vida real. Assim são femininos, simplesmente por terminarem em *-a*, *baleia*, *aguia*, *formiga*, *pulga*, *onça*, *cobra*, *tartaruga*; e masculinos, por analogia de outros vocabulos, *badejo*, *rouxinol*, *gavião*, *salmão*, *sapo*, *tatu*, *rhinoceronte*, *hippopotamo*, *rato*, *tamanduá*. Os nomes *perdiz*, *codorniz*, *serpente*, *rez*, são femininos á semelhança de certos nomes de cousas com a mesma terminação.

Sendo mister alguma vez determinar o sexo, accrescenta-se a estes nomes, conforme o caso, a palavra *macho* ou *femea*: *a aguia macho* ou *o macho da aguia*; *o sapo macho*, *o sapo femea* ou *a femea do sapo*, etc.

Chamam-se em grammatica **epicenos** esses substantivos que com um só genero designam ambos os sexos; e epicenos são em geral os nomes de peixes, reptis e batrachios, de insectos e animaes inferiores e, com poucas excepções, os de mammiferos e aves.

A distinção sexual impõe-se, e com ella a necessidade de vocabulos que designem o macho e a femea, em se tratando de certos animaes domesticos, criados pelo homem para a alimentação, para a lavoura ou para outros fins. Assim, differençam-se, por vocabulos distintos, *boi* e *vacca*, *cavallo* e *egua*, *burro* (e *mu*) e *besta* ou *mula*, *carneiro* e *ovelha*, *bode* e *cabra*, *gallo* e *gallinha*, *cão* e *cadella*; e,

mudando simplesmente a terminação da palavra, *gato, gata; porco, porca; leitão, leitoa; pombo, pomba; peru, perua; pato, pata, marreco, marreca.*

Denotam particularmente certos machos destinados para a reproducção estes termos: *touro* (boi); *garanhão* (cavallo); *varrão* (porco).

Querendo-se designar a especie ou quaesquer individuos da especie, emprega-se a forma masculina, *cavallos, cães, porcos, gatos, perus, patos, leitões*; mas diz-se *criação de gallinhas, de cabras*, attendendo ao numero preponderante de femeas. De preferencia a *rebanho de carneiros* usa-se *rebanho de ovelhas*. Falando do gado bovino, o termo *vacca* ou *vaccas* individuará as productoras de leite, criadas em geral separadamente do outro sexo.

Macho e femea de certos animaes não-domesticos que ferem a vista pela grande dissemelhança no aspecto exterior, têm designações para os dous sexos: *faisão, faisã; pavão, pavoa; leão, leoa; veado, corça.*

Distincções que interessam particularmente a caçadores são *javardo* (javali macho), *loba* e *ursa*. Este ultimo feminino applica-se, fora do dominio de S. Huberto, sómente ás constellações *Ursa maior* e *Ursa menor*.

Os quinhentistas davam tambem forma feminina ao termo *elefante*:

Vinham dous elefantes grandes... e huma elefanta pequena, (Barros, Dec. 2, 9, 1).

Nomes proprios. — O genero dos nomes proprios de pessoas, nacionaes ou estrangeiros, dos sobrenomes, appellidos ou alcunhas, decide-se pelo sexo das pessoas portadoras de taes nomes: *Moysés, Judith, Ezequiel, Rachel, Norma, Numa, Jugurtha, Cleopatra, João de Castro, a nova Castro, Chateaubriand, Lafontaine, a Dubarry, a Pompadour, Irene, Alexandre, o Magalhães, a (senhora) Guimarães, o Chora-vinagre, o Prata Preta, José, Salomé, Montesquieu, a Montespan, Apollo, Sappho, Eduviges, Bruno, Juno*, etc.

Certos nomes de baptismo, como *Pedro, Adão, Arthur*, servem sómente para homens; outros, como *Martha, Leonor*, só se applicam a mulheres; outros, finalmente, usam-se para os dous sexos, fazendo-se a distinção na terminação

do vocabulo: *Francisco, Francisca; Antonio, Antonia; Manuel, Manuela; Luiz, Luiza; Paulo, Paula; Valenciano, Valenciana*, etc. Antigamente dizia-se tambem *Simoa* (como feminino de *Simão*) e *Julioa: a nao Julioa* (Barros, Dec. 1, 6, 3).

Esta pratica de variar a terminação foi por vezes adoptada pelos chronistas com relação a appellidos de familia:

Nom somente deu os bẽes delle, mas ainda de *Maria Anes Leitoa*, sua manceba (F. Lopes, D. J. 336) — Foi filha de dona MariAffomsso *Chichorra* (ib. 348) — Foi casado com D. Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que houve duas filhas *Dona Catharina Pereira Barreta*... e Dona Eleña Mascarenhas (Couto, Dec. 4, 4, 1) — Casado com *Dona Marianna Coutinha*, filha de Pero de Andrade de Caminha, que foi casado com *Dona Pascoela Coutinha* filha de Vasco Coutinho (ib. 8, 28).

Aos nomes dados a animaes, edificios, navios e outros objectos ajunta-se o artigo de accordo com o genero do substantivo commum que se tem em mente: *o (cavallo) Bucephalo, a (egua) Swift, o (navio) Santa Catharina, o Rainha Margarida, o (palacio) Itamaraty, o (navio) Dona Clara, o (cruzador) Republica, o Minas Geraes*, etc.

O artigo que sempre se antepõe aos nomes de rios e montes refere-se, não ao nome proprio, mas ao termo geographico, claro ou subentendido: *o (rio) Amazonas, o S. Francisco, o Madeira, o Parahyba, o (monte) Aconcagua, o Vesuvio, o Etna, os (montes) Alpes, os Andes*, etc.

Nas denominações *o Atlantico, o Pacifico* refere-se o artigo ao termo «oceano»; em *o Mediterraneo, o Adriatico, o Baltico* tem-se em mente a palavra «mar».

Pode-se deixar de mencionar o termo «ilha» junto aos nomes *Chypre, Naxos, Chio*, etc.; porem os adjectivos e pronomes irão para o feminino de accordo com o termo geographico não expresso. Diz-se comtudo *os Açores, os Abrolhos*.

Por motivo analogo vão referidos á palavra «cidade» os qualificativos em *Nova-York, Nova Friburgo, soberba Tui* (Cam., Lus. 3, 89); *Trancoso destruida* (ib. 3, 64); *sometida Bizancio* (ib. 3, 12); *a forte Arronches* (ib. 3, 55); *vê cercada Santarem* (ib. 8, 19); *fundada Arsinoe foi* (ib. 9, 2).

Esta regra relativa aos nomes de cidades soffre notaveis restricções. Diz-se por exemplo *o Rio de Janeiro, o*

Cairo, *o Havre*. Fernão Lopes emprega Londres com o genero masculino em *a mim pareçe que boom Londres he este* (D. J. 40).

Londres e *Paris* são nomes masculinos para Fernão Mendes Pinto, que só dá o feminino aos nomes terminados em *-a* atono neste passo:

Porque se não ha de imaginar que he ella [cidade de Pequim] *hũa Roma*, *hũa Constantinopla*, *hũa Veneza*, *hum Paris*, *hum Londres*, *hũa Sevilha*, *hũa Lisboa*, (ib. 2, 80).

Do mesmo genero é *Fez* segundo est'outro trecho quinhentista:

Fez he uma cidade, a maior e mais principal de toda a Berberia... ha nella duas partes, convem a saber: *Fez o novo*, que contém alcaçova, paços reaes, casas de senhores, alfandegas, aduanas: e isto cercado de mui bons muros, faz huma pequena cidade: logo junto della, dous tiros de pedra, ladeira abaixo, está *Fez o velho*, bem murado e assentado entre alguns outeiros e chapadas (Mend., Jorn. d'Afr. 1, 112).

Camões põe no masculino:

Tangere populoso (Lus. 4, 55) — *Foi tomado Alcacere do Sal* (ib. 3, 90) — *O extremo Suez* (ib. 10, 98);

e, vacillando, escreve:

Dará *na rica Dio* (ib. 10, 64) e hum ergue *Dio*, outro *o defende erguido* (ib. 10, 67).

Vieira contradiz seriamente a regra neste passo:

Por *huma Jericó* vos darey *hum Moçambique*, *hum Melinde*, *hum Socotorá*, *hum Bassorá*, *hum Ormuz*, *hum Diu*, *hum Damão*, *hum Chaul*, *hum Meliapor*, *hum Jafanapatam*, *hum Macao* (Serm. 8, 395).

Incluiu o orador nesta serie de nomes masculinos *Socotorá*, que é uma ilha. Comparem-se com a linguagem de Vieira os trechos camoneanos:

Verás de fronte estar no Roxo estreito *Socotorá* co amaro aloe *famosa* (Lus. 10, 137) — A canela com que *Ceilão he rica, illustre e bella* (ib. 9, 14).

Para os nomes proprios applicados a grandes extensões de terra, a paizes, provincias ou estados, e usados sem o termo geographico, regula-se o genero pela terminação

do vocabulo. São femininos os terminados em *-a* atono: *America*, *Asia*, *Europa*, *Australia*, *Noruega*, *Dinamarca*, *China*, *Siberia*, *Russia*, *India*, *Abessinia*, *Patagonia*, *Colombia*, *Andaluzia*, *Guyana*, *Hollanda*, *Hespanha*, *Belgica*, *Persia*, *California*, *Galliza*, etc. São masculinos os que têm outra terminação: *Peru*, *Japão*, *Chile*, *Brasil*, *Goyaz*, *Ceará*, *Sergipe*, *Mexico*, *Panamá*, *Haiti*, *Marrocos*, *Egypto*, *Iran*, *Indostão*, *Portugal*, *Aragão*, *Algarve*, *Pamir*, *Tibet*, etc.

MUDANÇA DE GENERO E GENERO DUVIDOSO. — Varios substantivos communs têm ou tiveram genero duvidoso:

a) **Planeta** (ou *praneta*, *preneta*, variantes em port. ant.). Na linguagem pre-camoneana podia usar-se o vocabulo indifferentemente no masculino ou feminino. No Leal Cons. cap. 39 occorre *as pranetas*, *das pranetas* nada menos de nove vezes. Na obra Corte Imp. notam-se a pag. 240 e 242 os casos seguintes de um e outro genero:

A planeta que chamam Jupiter que he *hũa das* sete *planetas* ha propiedade e condiçom de significar fe e rreligiom. — E *as* outras seis *planetas*... — saturno he *hũu* tal *planeta* que he mais grave que *todolos outros planetas* e *el* nom se aiunta a nehuũ *dos outros planetas e todalas outras planetas* se ajuntam a el — *o planeta* saturno — *o dito planeta* Jupiter — *este planeta* — *ao planeta* do Sol — quando *a planeta* Jupiter se aiuntar com *a planeta* que he a lũa — *do planeta* mercurio — *o planeta* Jupiter — *a planeta* mercurio — *o planeta* mercurio.

No seculo XVI tende a fixar-se o uso da forma masculina. Em Gil Vicente occorrem ainda:

Do védor he necessario | saber a *planeta sua*. | *Sua planeta* he a lua (3, 254) — Ou que *planeta he aquella* | que o fez tão sabedor | pera que adoremos *nella?* (ib).

Camões adopta o masculino em:

Já neste tempo *o lucido planeta* (Lus. 2, 1) — A quem fez *o seu planeta* restituidor de Hespanha (ib. 3, 19).

Difficil de explicar é o passo:

Mas já *o planeta* que no ceo primeiro habita, cinco vezes *apressada* agora meio rosto, agora inteiro mostrara (Lus. 5, 24).

Segundo alguns, seria um caso de syllepse de genero; mas cumpre notar que não costumava o poeta lançar mão

desse audacioso recurso. Outros entendem que Camões teria escripto *Mas já a planeta*, como o permittia o uso ainda naquelle tempo, e que por erro typographico sahiria *o planeta*. Parece mais plausivel a segunda explicação.

b) **Cometa.** Palavra masculina hoje, mas de genero incerto entre os quinhentistas:

Appareceo no ceo da parte do oriente *hũa cometa* (Castanh. 1, 98) — Appareceo no ar *hum grande cometa* com hum raio... *a qual foi vista* per todolos d'armada (Barros, Dec. 1, 5, 2).

Vieira, referindo-se ao cometa de 1695 (Serm. 14, 225-265), não dá ao termo senão o genero masculino.

c) **Tribu.** Para os seiscentistas *a tribu*, como hoje usamos, era tão correcto como *o tribu:*

Dando de barato a parte *das dez tribus* (Vieira, Serm. 8, 265) *De huma tribu a outra tribu* (ib. 8, 264) — Juraram *todos os doze tribus* de Israel (ib. 2, 120) — *Das doze tribus*, que juraram... *as dez* lhe negaram obediencia (ib. 2, 121) — Ajuntou *de todos os tribus* que poude (ib. 9, 442).

d) **Mappa.** De genero feminino no seculo XVI, passa a usar-se como masculino do seculo seguinte em diante:

Na mappa (H. Pinto 1, 353; 1, 208 e passim) — *O mappa* (Vieira, Serm. 7, 200 (3 vezes), 202 (2 vezes).

e) **Catastrophe.** Vocabulo outrora masculino:

O catastrofe da tragedia (Ser. 14, 241) — *Aquelle catastrofe* admiravel (ib. 9, 415) — Um famoso *catastrofe* (ib. 1, 459) — Depois *daquelle catastrofe* fatal (M. Aires, 381) — Vem a ser mais *pathetico, vehemente* e *horroroso o catastrofe* da tragedia (Freire, A. poet. 71).

f) **Hyperbole.** Hoje usa-se este termo no feminino; antigamente dizia-se *o hyperbole* a par de *a hyperbole:*

Isto he tão extranhado na Historia que melhor soffre *hum hyperbole* (Barros, Dec. 3, prol.) — Permitta-se *o hyperbole* (M. Aires, 42) — Deixo tambem *os empollados hyperboles* (Bern. N. Fl. 4, 267) — — Não he tão mal entendida *a hyperbole* (Vieira, Serm. 4, 203) — O estylo que segui, foi *huma hyperbole* ás avessas (ib.).

g) **Amethysta** e **amethysto.** — Contrariamente ao uso actual, encontramos a forma masculina em:

O amethisto pedra preciosa tem cor de vinho (Bern., N. Fl. 4, 124) — O calix consagrado e calix de *preciosos amethistos liquidos* (ib.).

h) **Fim.** Continuou a ter em portuguez o mesmo genero do lat. *finis* até que com a era dos seiscentistas passou a ser vocabulo exclusivamente masculino. Com este mesmo genero já apparece nos Lusiadas; autores de outras obras quinhentistas revelam tendencia conservadora:

Ja *na fim* de dezembro (Castanh. 2, 74) — Aquel era *ho fim* pera que lhe elrey dera aquella armada (ib. 2, 68) — Era *o fim* a que seus imigos faziam todas estas cousas (ib. 2, 109) — *Da fim* de agosto até *a fim* de outubro (Barros, Dec. 2, 6, 1) — *Na fim* de junho (Castanh. 1, 68) — *Na fim* dagosto (ib. 4, 42) — Como quem entendia *o fim* daquella sua viagem a Malaca (Barros, Dec. 2, 6, 2).

i) **Linguagem, linhagem.** Em port. ant. podia dizer-se: *Em linguagem grego* (S. Josaph. 49). Dizia-se tambem *livro dos linhagens* (Port. M. Hist. S. 1, 143); *seu linhagem* (F. Lopes, D. J. 147, 149) a par de *a humanall linhagem* (ib. 299). Segundo a grammatica de Fernão de Oliveira, *linguagem* e *linhagem* são femininos.

j) **Personagem.** Antepõe-se-lhe tanto o artigo *o* como o artigo *a:*

Todas as grandes personagens (Vieira, Serm. 2, 217) — Apparece *uma personagem* de grande autoridade (ib. 11, 182) — *Dous personagens* (Mello, Ap. Dial. 278) — Vira a seu lado *huma veneranda personagem* em habito sacerdotal (Bern., N. Fl. 4, 367) — As turbas que cercão *as personagens* illustres (ib. 4, 361) — *Estas personagens* achavam-se reunidas (Herc., Lend. e Narr. 1, 186) — Salvo *as personagens* (ib. 1, 187) — As palavras *dos dous personagens* (Herc. M. de C. 2, 28) — Respondeu *o personagem* (ib. 2, 91) — Alli chegaram *os tres personagens* (ib. 2, 106) — *A personagem* que dera azo (ib. 2, 115) — Diante *do nedio personagem* (ib. 2, 229) — Deixaram ver *um novo personagem* (ib. 2, 234) — *Esta personagem* é D. Vivaldo (ib. 1, 161).

k) **Banco roto** e **bancarrota.** Desde que em portuguez se usa a forma masculina para designar o estabelecimento de credito, logico parece o emprego do mesmo genero em: *Qualquer que se faz amigo do mundo faz banco roto com Deos* (H. Pinto 1, 411). Veio porem a prevalecer a forma feminina, naturalmente por influencia do italiano *bancarrotta* e do francez *banqueroute,* linguagens estas de accordo com o genero de *banca* e *banque.*

l) **Baralha** e **baralho.** Tratando-se do jogo de cartas, o port. hod. diz *baralho.* Do genero feminino, usado

outrora, occorrem a pag. 209 dos Apol. Dial. de Mello quatro exemplos. Igualmente em Vieira, Serm. 8: *As cartas não hão de ser de outra baralha, senão as mesmas* (261); as naos fossem providas... não *de baralhas de cartas* (262).

m) **Copa e copo** *) — Em linguagem hodierna servimo-nos geralmente da forma masculina para designar o vaso de beber. O feminino *copa* não é de uso corrente senão para denotar cousa diversa: lugar onde se guardam mantimentos, louça, etc.; a parte superior e arredondada de certos objectos (*copa de chapéu, copa de arvore*). Em port. ant. usava-se do feminino *copa* com a significação de «taça», quer fosse de metal o vaso de beber, quer de vidro. Exemplos de *copo*, no masculino, a par de *copa*, apparecem no seculo XVI, e tornam-se mais frequentes dessa epoca em diante:

Eu bebo em taças e *copas* douro (L. de Esopo 24) — Cada huũ bebe por hũa grande *copa* de ouro (M. Polo 33 r) — Dai cá a *copa* que hontem vos dei (Cam. Amphitryões) — Eis aqui *a copa* vem testimunho da verdade (Cam., ib.) — Trazia hum vaso de prata dourado a modo de *copa* (Barros, Dec. 1, 6, 4) — Tinha *huma copa* d'ouro de bordas largas (G. Corr. 1, 99) — Trouxerão mais outras muitas peças, como forão pratos grandes, saleiros e *copos* tambem de ouro, com que a vista se deleitava muito (F. M. Pinto 1, 278) — Hum envoltorio em que vinhão muytos *copos* e jarros de prata (ib. 2, 275) — Lançando-lhe o vinho nos *copos* (Sousa, S. Dom. 90).

No seguinte exemplo seiscentista já a palavra *copa* vem tomada no sentido de armario em que se guardam vidros:

A este imperador apresentaram huns embaixadores de Veneza huma *copa* de varios vidros artificiosos e esmaltados de ouro (Bern., N. Fl. 4, 267).

n) **Espinho e espinha**. Os seiscentistas serviam-se indifferentemente de uma ou outra forma, em exemplos como os seguintes, nos quaes o port. hod. não usa senão o masculino:

Cabeça coroada de *espinhas* (Bern. L. e C. 539) — Jesus teceo de nossos *espinhos* a sua coroa (ib. 540) — Tu foste o que açoutaste

*) Veja-se a proposito dos dous termos o respectivo capitulo em Said Ali Meios de Expressão e Alterações Semanticas.

a Jesus, tu o que o coroaste de *espinhos* (ib. 570) — Huns martyres caminhavão sobre as *espinhas* como sobre flores, outros a cada passo que davão, lhes brotavão dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos erão os *espinhos* (Vieira, Serm. 5, 265) — O trigo que parte cahio... entre *espinhos* e parte sobre pedras duras (ib. 8, 395).

Em port. ant. dizia-se no feminino:

O leão e o pastor que lhe tira do pé huma *espinha* (Livro de Esopo 27) — Sem cardos e sem *espinhas* (S. Josaph. 12).

A forma feminina podia tambem designar, como hoje, osso de peixe:

A invenção desta peçonha he dos moradores da ilha Çamatra, a qual se compõe com a *espinha* do peixe (Barros, Dec. 2, 6, 4).

o) **Teiró**. Da incerteza do genero desta palavra dão testemunho os seguintes passos:

Ouvira o nome de Gil Eannes, a quem tinha *antigo teiró* (Herc., M. de C. 1, 209) — Não obstante porém *a teiró* do donato (ib. 1, 251) — Sem saber porque, *a teiró* que tinha a Fr. Vasco sentia-a diminuir d'intensidade (ib. 1, 288).

p) **Tigre, lynce**. Usam-se geralmente no masculino. Alguns exemplos occorrem, comtudo, em que se tomam estas palavras no feminino:

As lynces mosqueadas (Castilho, Georg. 177) — *Tigres raivosas* (ib. Georg. 85) — *Tigre denegrida* (ib. 275); porem: *os tigres* apiedava (ib. 287) — *Crua tigre* faminta (Castilho, Metam. 238) — *A tigre* na selva (ib. 173).

q) **Espia, guia**. Dá-se-lhes hoje o genero masculino em attenção ao sexo dos individuos que exercem o officio de espiar, ou costumam guiar os outros. Outrora attendia-se á terminação dos vocabulos:

Foi avisado por *suas espias* (Castanh. 1, 75) — *A guia* fogio coeles (ib. 3, 151) — Como *espias domesticas* que sabião onde estavão os idolos tal vez escondidos (Vieira, Serm. 8, 475).

r) **Guarda**. Usado hoje no feminino, na accepção de «acto de guardar», e no singular no sentido collectivo de «soldados que estão de guarda», toma comtudo o genero masculino quando referido a individuos, quer no singular, quer no plural. Contrariamente a esta regra dizia-se:

O que derrubou amortecidas *as guardas* (Vieira, Serm. 7, 290) — Entrai, se vol-o permittirem *as guardas* (ib. 31).

Vieira distingue todavia *guarda* (= sentinela) de *guarda* (= guardador, pastor) neste passo:

Vencendo a quatro reys só com *os guardas* das suas ovelhas (Serm. 3, 253).

s) **Lingua** significando «interprete» apparece com o artigo *o* frequentemente em Castanheda. *Hum bom lingua* diz do mesmo modo Vieira, Serm. 1, 106. Continua a usar-se no masculino.

t) **Trombeta**, designando o soldado que toca o instrumento, occorre em Fernão Lopes no masculino:

Mandou-lhe dizer per *hũu seu trombeta* (D. J. 257) — Nun Alvarez recebeu bem *ho trombeta* (ib.) — Com esta reposta se partio *ho trombeta* (ib. 258) — E em contando *o trombeta* a reposta (ib.).

No seguinte passo vem a palavra no feminino, por pensar-se menos na pessoa:

E levarom comsigo *hũa trombeta* que andava em companhia dhuũ daquelles que se apartarom, e quando veo aa mea noite, *aquella trombeta*, per mingoa de boom avisamento, começou de tamger (259).

u) **Pyrames** por **pyramides** occorre varias vezes no masculino nas Decadas de João de Barros.

v) **Fantasma.** Usou-se no feminino:

A continuação tinha criado em Frey Gil animo para desprezar *suas fantasmas* (Sousa, S. Dom. 87) — Revestiu-se de noite de *uma fantasma medonha* (Vieira, Serm. 11, 267) — *A fantasma* arremette (Mello, F. Apr. 42) — Ainda que na verdade não seja mais que *huma fantasma* (M. Aires, 272) — *Fantasmas varias* (Castilho, Met. 275).

ADJECTIVOS

Formação do plural

Forma-se o plural dos adjectivos acabados em vogal, accrescentando-lhes *-s*, e o dos adjectivos acabados em consoante, por meio do suffixo *-es* exactamente como se fossem substantivos: *ricos, bons, amaveis, audazes*.

Diversamente dos substantivos, existem adjectivos terminados em *-il* não sómente oxytonos, mas tambem paroxytonos. Destes ultimos occorrem alguns com o plural regular em linguagem antiga: *fertiles* (Barros, Dec. 1, 1, 4); *esteriles* (ib. 2, 8, 1); *habiles* (F. M. Pinto 2, 114); *volatiles, aquatiles* (H. Pinto 1, 4); *difficiles* (ib. 1, 172 e passim). Era, aliás, a formação indicada, uma vez que no singular, alem de *debil, esteril, fertil*, etc., tambem se admittiam *debile* (Livro de Esopo 36), *esterele* (Barros, Dec. 1, 1, 10), *fertele*, etc.

O portuguez hodierno não reconhece para estes adjectivos paroxytonos senão o plural em *-eis: faceis, uteis, ferteis. Fossil*, com o seu plural *fosseis* usa-se muito como substantivo.

Simples ou *simpres* tinha outrora o plural *simplices* ou *simpreses*.

Não é prova de pronuncia differente do hodierno *-eis* a graphia *-ees* do port. ant. em *estavees* (Livro de Esopo 30), *prazivees* (S. Josaph. 7), *semelhavees* (ib. 11). É ainda de notar que por vezes se hesitava entre *-avel* e *-avil*, e entre *-ivel* e *ivil*. Em periodo menos remoto vemos o cantor dos Lusiadas decidir-se sempre pelas terminações *-abil* e *-ibil*.

Os adjectivos em *-ão* formam geralmente o plural em *-ões* segundo a regra para os substantivos de terminação identica. Excepcionalmente, fazem em *-ãos: loução, são, chão, comarcão, temporão, vão*, alem dos se-

guintes usados tambem como substantivos: *pagão*, *christão*, *romão* (port. ant. = romano). Em *-ães* fazem: *allemão*, *catalão*, *charlatão*, que tambem servem de substantivos.

Nas chronicas antigas lê-se *paçãos* (= port. mod. *palacianos*), *castelãos* (= port. mod. *castelhanos*); em G. Vic. 2, 489 *cintrãos*; em Castanh. 3, 145 e passim *meãos*, e em F. Lopes, Chr. D. F. 214 *cañãos* (= encanecidos): forom... sem barvas e que aa tornada veheram *cañãos*.

Genero

Nos adjectivos, como nos substantivos, a caracteristica do genero feminino é a terminação *-a*, posta em lugar da desinencia vocalica masculina, ou accrescida á terminação consonantal masculina. As modificações phoneticas que esta regra soffre foram desenvolvidas no capitulo sobre os substantivos.

Entre os adjectivos que mudam *-o* em *-a* estão comprehendidos o port. ant. *bõ-o*, *bõ-a* e *ma-o*, *ma-a*, que, simplificados pelo frequente uso, se tornaram respectivamente em *bom*, *boa* e *mau*, *má*. Procede o primeiro adjectivo do lat. *bonu-*, *bona-*, e o segundo de *malu-*, *mala-*, sendo de notar que durante algum tempo perdurou em port. ant. a par do feminino *maa*, a forma *mala*, bem como o adverbio *malamente*. Vestigios desta primitiva linguagem conservaram-se em certos dizeres até o seculo XVI: *Cousa velha e certa he: quem malas manhas ha, não has perde em quinze dias* (Sá de Mir. 430). Do emprego de *malamente* basta mencionar: *Aviia trautado malamente os seus monjes* (Frad. Men. 1, 41).

Applicam-se a um e outro genero sem soffrerem mudança alguma os adjectivos em *-e*, *-l*, *-az*, *-iz*, *-oz* e *-ar*, como: *forte*, *igual*, *facil*, *sagaz*, *feliz*, *veloz*, *particular*. Por excepção dizemos *hespanhol*, *hespanhola*.

Em *-uz* existe a palavra *andaluz* com o feminino *andaluza*.

Das palavras em *-ez* são invariaveis quanto a genero: *cortez*, *montez*, *pedrez*, *soez*, *tremez*. Em port. ant. esta invariabilidade estendia-se aos adjectivos patrios em *-ez*. Fer-

não d'Oliveira dá como sendo de genero commum *portugues*, *ingres*, *frances*, mas accrescenta: posto que tenhão femininos em *a* como *portuguesa*. João de Barros preferia a forma invariavel:

A nação portugues (Dec. Prol. e 1, 3, 12; 1, 4, 11) — *Da gente portugues* (Dec. 1, 1, 2; 1, 4, 9; 1, 4, 11) — *A nação genoes* (ib. 1, 3, 11) — *Lingoa portugues* (ib. 1, 8, 6; 2, 2, 5).

Camões adoptou o feminino em *-a*:

A policia portuguesa na paz e na milicia (Lus. 7, 72).

Esta pratica firmou-se, e dos seiscentistas em diante os adjectivos patrios são definitivamente considerados como palavras variaveis em genero.

A palavra *commum* serve, no falar hodierno, para ambos os generos sem soffrer modificação alguma, e assim serviria tambem a principio, attendendo a que não se fazia distinção em latim. Fernão Lopes: *a commuũ voz*, Chr. de D. J. 24 e semelhantemente em outros passos. Por analogia de *ũ*, *ũa* surgiu, comtudo, o feminino *commũa*, sendo seu emprego condemnado pelo grammatico de 1536. Discordava desta opinião João de Barros, entendendo que no feminino tanto se podia dizer de um modo como de outro, como o demonstram muitos passos das Decadas. Esta liberdade foi ainda reconhecida por Vieira, Bernardes e outros seiscentistas:

A gente commum (Barros, Dec. 2, 5, 8) — Segundo *a commum opinião* (ib. 2, 9, 5) — Sendo *ellas communs* a elles (ib. 2, 5, 11) — Por as *molheres* serem *communs* aos de suas dignidades (ib. 1, 9, 3) — A conclusão *mais commũa*, mais recebida e mais certa (Vieira, Serm. 3, 34) — He *commum allegoria* (ib. 3, 62) — A *commum exposição* dos interpretes (ib. 3, 6) — Esta definição he fundada na *doutrina commua* dos Padres (ib. 2, 160) — Nesta *desgraça commua* (ib. 2, 166). — Aquella devoção dos Athenienses era tão *commua* e tão vulgar (ib. 9, 40) — He *commua frase* dos Santos Padres (Bern., N. Flor. 1, 237).

Ainda no seculo XVIII se usou frequentemente o feminino *commua*. Assim em Durão, Caramuru 1, 15 e varios outros passos do mesmo poema. É de notar que com o tempo desnasalou-se a terminação *-ũa*, tornando-se em *-ua*, á semelhança do que succedeu com *lũa*, *lua*.

O desapparecimento do feminino *commua* deve-se na-

turalmente ao sentido baixo que veio a adquirir o vocabulo como substantivo.

Os adjectivos terminados em *-ão* formam de tres maneiras o feminino. Em *-an* existem: *chan*, *gran*, *san* (e *malsan*), *louçan*, *mean*, *folgasan*, *temporan*, assim como os seguintes que tambem servem de substantivos: *alleman*, *bretan*, *coimbran*, *cintran*, *catalan*, *comarcan*, *christan*, *pagan*, *roman* (port. ant. = *romana*). Com referencia a febres existem *terçan*, *quartan*, *quintan*, sem os masculinos correspondentes.

Raros são os femininos em *-oa*: *bretoa* (ao lado de *bretan*), *tabellioa*. Os augmentativos dizem-se geralmente com a terminação *-ona*: *feianchona*, *toleirona*, *bonacheirona*, etc.

Dos adjectivos em *-or* não distinguem o genero senão pelo sentido os compostos de substantivos, como *multicor*, *semsabor*, e os comparativos e superlativos *melhor*, *peior*, *maior*, *menor*, *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior* e *ulterior*.

Usa-se apenas o feminino *superiora* substantivadamente como *superiora de um convento*.

De procedencia erudita são *directriz*, *bissectriz*, *motriz* (tambem se diz *motora*) usados como femininos de *director*, *bissector* e *motor*.

Levados em conta estes casos particulares, os adjectivos em *-or* fazem em geral o feminino com o accrescimo da caracteristica *-a*: *cortador*, *cortadora*; *vingador*, *vingadora*. Esta forma feminina é usada já desde João de Barros e Camões; porem nos seculos XIV e XV eram taes adjectivos em *-or* considerados ainda como invariaveis quanto ao genero:

Espadas brancas muito *cortadores* (F. Lopes, D. J. 214) — Cada huũas *virtudes* som *mereçedores* de seus pregoões (ib. 56) — E nom somente deu os beẽs delle, mas ainda da Maria Anes Leitoa, sua *manceba*, *morador* em Lixboa, se achassem que fugira com elle, ou era *comssemtidor* naquella malldade (ib. 336) — E a dita comdessa era em ello *comssemtidor* (ib. 386).

Comparação

Dous ou mais seres podem ter o mesmo attributo ou qualidade em grau igual ou differente. Observar este facto equivale a comparar, e o resultado enuncia-se antepondo ao adjectivo a palavra *tão* para a igualdade, *mais* para a superioridade, *menos* para a inferioridade.

Tratando-se dos adjectivos *bom*, *mau*, *grande*, *pequeno*, usam-se, para denotar a superioridade, as formas syntheticas vindas do latim *melhor*, *peior*, *maior*, *menor*.

Se a comparação se limita a assignalar a differença ou igualdade entre dous entes ou duas series de entes, diz-se que o adjectivo está no grau comparativo. Se tem por intuito fazer sobresahir a qualidade de um ou mais seres de entre a totalidade dos seres da mesma especie, ou semelhantes quanto a outros attributos, o adjectivo estará no superlativo (relativo).

Em portuguez, como nas demais linguas romanicas, este superlativo não tem forma propria que o distinga do comparativo; e assim é que *maior*, *melhor*, *peior*, *menor* se usam para ambos os graus de superioridade, ao passo que em latim eram meros comparativos.

O artigo não é privilegio do superlativo relativo. Acompanha-o sempre, é certo, por assim o exigir o sentido; mas a sua presença no comparativo depende sómente da maneira de redigir a frase. Diz-se v. g.: *dos dous irmãos André e João, aquelle é o mais rico*, a par de *André é mais rico do que João*. Segundo a definição acima, o adjectivo *rico* está no comparativo tanto num como noutro exemplo.

A formação dos superlativos em *-ĭmus* e *-issimus*, prolifera no latim classico, esterilisou-se no latim vulgar, não chegando portanto ao portuguez vocabulos desta especie. A corrente erudita reviveu mais tarde o processo, restringindo comtudo o caso de taes formas ao sentido de superlativo intensivo. Puro latinismo é o emprego de *pessimo* por *o peior* em Bern. L. e C. 263: *e nesta forma bem podia hum S. Francisco entender que elle era o pessimo de todos os nascidos*.

Apesar desta regra, conseguiram insinuar-se na linguagem culta como superlativo relativo: *a*) *optimo* na lo-

cução *o ponto optimo* (= o ponto melhor); *b*) *maximo* e *minimo* em certas locuções como *o grau maximo* e *o grau minimo*, e tambem em substituição, não obrigatoria, a *o maior*, *o menor*, tratando-se de cousas abstractas; *c*) *supremo* ou *summo*, *infimo*, e *extremo*, usados, em certos casos especiaes, para significar «o mais alto», «o ultimo», «o mais baixo», «o que é chegado ao ponto derradeiro».

Por via erudita penetraram igualmente em nosso idioma os comparativos *superior*, *inferior*, *exterior*, *interior* (os tres primeiros respondem morphologicamente aos superlativos acima mencionados em *c*), tendo comtudo applicação mais ampla), e, em epoca mais recente, *anterior*, *posterior* e *ulterior*. Diversamente dos outros comparativos de superioridade, podem estes vocabulos subsistir sem os competentes adjectivos em grau positivo. Explica-se o paradoxo, por denotar a forma comparativa aqui tão sómente a opposição de idéas quanto ás circumstancias de lugar; e, se *superior* e *inferior* tambem se usam em sentido metaphorico, convem notar que as metaphoras não destroem processos grammaticaes.

Fazendo abstracção dos superlativos em *-imus* e *-issimus* extintos ao constituir-se o idioma portuguez, notamos, quanto á formação synthetica, que herdamos do latim *bom*, *melhor* (*bonus*, *melior*) e *mau*, *peior* (*malus*, *peior*) sem outra modificação mais do que a exigida pela diversidade da phonetica. *Pequeno*, *menor* differe do latim *parvus*, *minor* por haver outro vocabulo no grau positivo tomado o lugar do adjectivo *parvus*, o qual, embora se conservasse em portuguez (*parvoo*, *parvo*), deixou de exprimir dimensão para applicar-se especialmente á deficiencia intellectual. *Grande*, *maior* corresponde ao latim *magnus*, *maior*, havendo aqui substituição do qualificativo no grau positivo por um vocabulo synonymo. *Magnus*, com effeito, cahiu cedo em desuso; os unicos vestigios que de seu emprego nos ficaram em portuguez antigo encontram-se em *tamanho* (*tan* + *magnus*) e *camanho* ou *quamanho* (*quam* + *magnus*). O emprego de *Manho*, *Magno* junto a nome de pessoa, como titulo, p. ex. em Cam. Lus. 4, 32 *Julio Magno* (pronunciado *Manho* para rimar com *extranho*), introduziu-se em portuguez indirectamente, por via de outro idioma romanico.

Alem das formas *melhor*, *peior*, *maior* usuaes e frequentissimas em qualquer escripto, topam-se uma ou outra vez *mais bom*, *mais mau*, *mais grande*. Extrahidos das diversas obras, e reunidos, os exemplos dão a impressão de numerosos. Considerados, porém, relativamente aos incontaveis casos de emprego de *melhor*, *peior*, *maior*, a par dos quaes occorrem, são como raras ilhas esparsas por oceano vasto e sem limites. Quando os autores recorrem a taes formas analyticas, fazem-no em geral com o intuito de avivar melhor no espirito do leitor (ou ouvinte) as noções de «bom», «mau», «grande». Por vezes lançam mão de tal recurso exageradamente, parecendo-nos que se poderia dispensar, como neste caso:

Dentes... pouco *mais grandes* que de serra (Zur. Guiné 275).

É sem duvida para exprimir os conceitos com mais emphase que vêm as formas analyticas nestes exemplos:

De maao que sejas serás feito boom, e de boom que sejas serás feito *mais boom*... De boom que sejas serás feito maao e de maao que sejas serás feito *mais maao* (Frad. Men. 1, 225) — A frey Bernardo he dada cavalaria e vitoria de alguuns dos *mais grandes* e mais sotiis diabos (ib. 1, 67) — E porque moramos em terra de vyandas e beveres muyto avondosa contra este pecado de guargãtice nos convem aver *mayor* avysamento, e muyto *mais grande* aos que som postos em real estado (D. Duarte, Leal Cons. 110).

Prestando-se melhor á emphase, permittem as formas analyticas particularisar o sentido de *grande* como «grandioso», «magnificente», «potente», de *bom* como «bondoso», de *mau* como «malvado»:

Entre os Reys que forão em Portugal, ata sua idade, elle foi avido por *mais grande*, e a sua magnificencia procedia de sua mui grande magnanimidade (Zur. D. J. 2) — Nunca daquy partirey ataa que faça hũa cousa tão assiinada, que nunca jamais aquy venha outro semelhante, nem ainda *mais grande*, que a mayor nem milhor possa fazer (Zur. Guiné 143) — Outros querram dar per comto tantas boas cousas, feitas per alguũ de menos autoridade e homrra, dando rrazões pera os iguallar a este de *mais grande* estado (F. Lopes, D. J. 56) — Elrey de Calicut era ho *mais mao* homem que podia aver no mundo (Castanh. 3, 99) — Eram os *mais maos* homens do seu [tempo] (Vieira, Serm. 4, 198) — Esta he a *mais má* terra de todo o mundo, pois nella se commettem tantas maldades (ib. 4, 313) — Ao seu rey, que era Sardanapalo, o *mais mao* rey e *mais mao* homem que houve no mundo, deu Deus de prazo quarenta dias (ib. 2, 457) — O moço mais

garrido, mais amavel, *mais bom*, dar-se-ia por ditoso se chegasse a abraçar corpinho tão mimoso (Castilho, Fausto 239).

Todo o cabimento tem o emprego de *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* quando a comparação se faz com outro adjectivo:

Tornou o Santo com semblante grave: Madre minha, vós sois mais justa que boa; e convem serdes *mais boa que justa* (Bern. N. Flor. 2, 183).

O termo por onde a comparação se afere, enuncia-se, em caso de igualdade, antepondo-lhe a particula *como:*

Tem a casca *tão doce como* o gomo (Castanh. 2, 22) — Não era Sancho, não, *tão deshonesto como* Nero (Cam., Lus. 3, 92) — Nem *tão mau como* foi Heliogabalo (ib.) — Inimiga não ha *tão dura e fera como* a virtude falsa da sincera (ib. 10, 113) — A artelharia dos inimigos não era *tão boa como* a nossa (Castanh. 1, 51).

A mesma particula se usa na equiparação de dous adjectivos:

Assyria gente sugeita a feminino senhorio de hũa *tão bella como incontinente* (Cam., Lus. 7, 53) — Hum documento *tão necessario como util*, e *tão util como admiravel* (Vieira, Serm. 9, 297) — Hospedes *tão incommodos como frequentes* (Herc., M. de C. 1, 227) — *Tão ignorante como altivo*, a raça burgueza era para elle uma raça vil e reproba (ib. 1, 169) — Circumstancias que fora *tão longo como inutil* enumerar (ib. 1, 190) — Homem *tão violento* de genio *como duro* de braço (ib. 1, 236) — *Tão contrarios* ao Evangelho... *como conformes* á largueza da vida (Vieira, Serm. 8, 144).

Exemplos literarios do emprego de *tão... como...* são extremamente copiosos, mas os que acabamos de reproduzir bastam para dar idéa desta linguagem. Por excesso de logica, substituem muitos, hoje em dia, systematicamente *quanto* a *como*, dizendo, v. g. *tão rico quanto elle*. Os escriptores tinham outrora antes o sentimento de equiparação que o da proporcionalidade em taes frases, e o uso de *quanto*, aliás bem restricto, nota-se quando a segunda parte da comparação é uma oração longa, ou tem verbo differente, ou verbo igual, porem de tempo differente:

Tão cega fica quanto ficareis se raizes criar lhe não tolheis (Cam., Lus. 8, 50) — A relação da fortuna deste principe Bemoij *está tão curta quanto he copiosa* em os louvores delrey (Barros, Dec. 1, 3, 6) — Hũa mesa fazem, que se estende *tão bella quanto pode imaginar se* (Cam., Lus. 9, 55).

Com os comparativos *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior* o termo de comparação vem precedido da particula *a*. Com os demais comparativos de desigualdade usa-se *que* ou *do que* antes do termo de confronto. Esta ultima maneira de dizer prevalece na linguagem hodierna; os escriptores antigos e os da Renascença davam preferencia ao simples *que*.

Estando o adjectivo no grau superlativo, o termo de confronto virá precedido da preposição *de*.

Superlativo intensivo

Não tem sentido a denominação de superlativo «absoluto» definida como forma adjectiva que denota a «qualidade elevada ao ultimo grau». Pode-se, por comparação, formar conceito de uma serie infinita de cambiantes da mesma qualidade, mas é impossivel ter noção do limite extremo de cada qualidade em particular. Ninguem sabe o que possa ser o ultimo grau da temperatura, do peso, da força, da grandeza, da riqueza, da bondade, da maldade, da expansibilidade, e, entretanto, os respectivos adjectivos têm a forma superlativa. Por muito intensa que seja a qualidade, sempre podemos imaginal-a mais intensa ainda:

No mesmo dia de sua coroação... nos assombrou este ceu austral com hum cometa *maior que o grandissimo* de 1680. (Vieira, C. 2, 308) — *Terribilissimos* foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas, por ventura, *mais terrivel* é a sua significação (Herc., Eur. 50).

Sendo assim, volvemos á noção de relatividade; e como podemos evitar um termo susceptivel de confusão, preferiremos aqui a denominação de **superlativo intensivo**, definindo-o: é a forma adjectiva apropriada para expressar que a qualidade ou attributo ultrapassa a noção commum que se tem dessa qualidade ou attributo. Para traduzir isto em linguagem, dous processos se nos offerecem á escolha: ou antepôr ao adjectivo um adverbio de intensidade (*muito*, *extraordinariamente*, *consideravelmente*, *extremamente*, etc.) ou accrescentar o suffixo *-issimo* ao thema adjectivo.

O superlativo formado por meio do suffixo *-issimo* é

de origem erudita e regula-se em geral pelo superlativo latino. Assim *nobre* (de *nobil-e*) faz *nobilissimo*, *veloz* (de *veloc-e*) faz *velocissimo* e os adjectivos em *-avel*, *-ivel*, *-uvel* mudam estas terminações em *-abil*, *-ibil*, *-ubil* ao tomarem o suffixo *-issimo*: *notabilissimo*, *horribilissimo*, *solubilissimo*.

A par desta formação synthetica regular em *-issimo*, existem alguns superlativos em *-imo* tomados igualmente do latim: *optimo*, *pessimo*, *humilimo*, *facilimo*, *difficilimo*, *pauperrimo*, *asperrimo*, *miserrimo*, *integerrimo*, *acerrimo*, *celeberrimo*, *saluberrimo*.

Algumas vezes, sem embargo da forma latina, tiram-se directamente de vocabulos portuguezes superlativos em *-issimo*. *Asperissimo* (Cam. Lus. 3, 116; Couto, Dec. 4, 1, 3; 4, 3, 1; Sousa, Arc. 1, 115) usa-se a par de *asperrimo* (Cam. Lus. 5, 12; 5, 51; 8, 10); *pobrissimo* (Couto, Dec. 5, 7, 9; F. M. Pinto, 1, 50; 1, 90; Bern. N. Flor. 2, 170; Vieira, C. 2, 100; Herc., M. C. 1, 79) é usado na literatura de preferencia a *pauperrimo*, hoje mais em voga; *humildissimo* (Arr. 700, 706; Bern., N. Flor, 4, 339) concorre com *humilimo* (Cam., Lus. 4, 54); *facilissimo* era forma corrente entre quinhentistas (J. Santos, Eth. 1, 230; Arr. 47; Couto, Dec. 5, 1, 2; 4, 10, 3; Itin. 306).

Bom e *mau* têm, alem de *optimo* e *pessimo*, os superlativos intensivos *bonissimo* e *malissimo*, aquelle referido principalmente á bondade moral e este á maldade e caracter mau de alguma pessoa:

Entrava hum Castelhano, e rico, o qual lançou o filho pera a India por *malissimo* (Couto, Dec. 8, 6) — E como era fraco e cruel (cousas que sempre andam juntas) e sobretudo *malissimo*, mandando levar os Portuguezes ante si, os persuadio a se fazerem Mouros (ib. 4, 4, 9) — Saul, antes de se encarregar do Reyno de Israel, foy *bonissimo;* depois de ser Rey, foy *malissimo* (Arr. 700) — Mas a cobiça e perversidade dos ministros não deixavam ser bom rei quem de seu era *bonissimo* varão (Sousa, S. Dom. 69) — Que seja bom e *bonissimo* o sacrificio do corpo e sangue de Christo sacramentado, não haverá quem o negue (Vieira, Serm. 5, 550).

De *sabio*, *magnifico*, *benefico* não se tiram superlativos de formação synthetica; porem servem para denotar o grau intensivo destas qualidades *sapientissimo*, *magnificentissimo*, *beneficentissimo*, tirados respectivamente de *sapient-e*, *magnificent-e*, *beneficent-e*.

Pio admitte, alem do superlativo proprio *piissimo* (Bern., N. Flor. 4, 201; 3, 79; 1, 182) a forma *pientissimo* com o mesmo sentido (Arr. 288, 703), tomado ao lat. *pientissimus* (de *piens*) muito usado nas antigas inscripções romanas.

Grandissimo (lat. *grandissimus*, superl. de *grandis, e*) occorre frequentemente em quinhentistas e seiscentistas (Cam., Lus. 5, 12; 5, 59; Arr. 57; F. M. Pinto 1, 55; 1, 90; Couto, Dec. 8, 6; Vieira, C. 2, 308, etc.), desprezando-se, por plebéa e irregular, a forma *grandessissimo* que registramos em Esmeraldo 55 e 81, e cujo emprego perdura na linguagem familiar.

Escriptores da Renascença antepunham, a modo de reforço, ás vezes o adverbio *mui* ao adjectivo já terminado em *-issimo*. Ao sentir hodierno parece isso um pleonasmo desnecessario:

Cidade... *mui antiquissima* (Barros, Dec. 2, 7, 8) — Pao de aguila, e calamba excellentissimo e de *muito grandissimo* preço (Hist. T. M. 3, 85) — É *mui fertilissima* de todos os mantimentos do mundo (ib.) — E logo mais adiante está outra cidade chamada Confutá, cousa *mui antiquissima* (Barros, Dec. 3, 1, 3) — E logo lhes fazem huns pyrames *mui altissimos* (ib. 3, 2, 5) — Ficavam excluidos do Apostolado setenta discipulos, todos dignos e *muito dignissimos* (Vieira, Serm. 2, 364).

Outras vezes consiste o reforço em pôr a terminação *-issimo* a adjectivos exprimindo idéas taes, que parecem não comportar gradação:

Todos tinham *mortalissimas* feridas (Couto, Dec. 4, 4, 7) — O lume da gloria da Senhora e a visão beatifica com que vê a Deus, excede em *supremissimo* grau a de todos os bemaventurados (Vieira, Serm. 3, 27) — Neste mundo visivel humas cousas são imperfeitas, outras perfeitas, outras *perfeitissimas* (Vieira, Serm. 1, 294) — Está *prontissimo* a tudo (Vieira, C. 2, 6) — Neste artigo *principalissimo* da vida espiritual (Bern., N. Flor. 1, 31) — A todos sarava do *mortalissimo* mal da peste (Vieira, Serm. 2, 170).

Outro modo de expressar a qualidade em grau intenso consistia em juntar ao adjectivo a locução adverbial *em extremo* ou *por extremo* (ou *em grande maneira*), podendo o adjectivo vir, ou deixar de vir, reforçado ainda com a palavra *muito* (ou *mui*):

Estes vasos sam *muy duros em gram maneira* e estam cheios de humas castanhas muito doces e *saborosas em extremo* (Gand. 32)

— A casca delle [caroço do cajú] he *muito amargosa em extremo* (ib. 33) — Este peixe he *muito gostoso em grande maneira* (ib. 42) — Os quaes peixes são *muy peçonhentos por extremo* (ib.) — Andava na boca das gentes estimado e envejado e *por extremo contente* (Sousa, S. Dom. 85) — Estes taes demonios são pessimos e *por extremo malvados* (Bern., N. Flor. 1, 474) — Reconheceu que era mulher e *por extremo formosa* (ib. 1, 478) — Hum corpo morto, cheio de bichos e *asqueroso por extremo* (ib. 3, 260).

Mais antigo e talvez menos corrente era o superlativo formado com a locução *em cabo:*

ElRey se veste de vestidura de ouro, a qual he *preciosa muyto em cabo* (M. Polo 34) — Ha hy em aquelle lugar *muy fremosas* arvores *em cabo* (ib. 31) — Som mercadores *muy ricos em cabo* (ib. 37).

Como superlativos de *muito* existem, alem de *muitissimo*, o hyperbolico *mais que muito* e a duplicação *mui muito* usada em port. ant.:

Que te faço sabedor que dos *mui muitos* ciumes nace o *mui muito* amor (Gil Vic. 3, 276) — Meu muito amor, que, se elle não fora muito, e *mais que muito*, não me obrigara a escrever tanto (Vieira, C. 2, 310).

NUMERAES

Numeros cardinaes e multiplicativos

Os numeros cardinaes são em geral vocabulos invariaveis. Ao genero do competente substantivo accommodam-se apenas: *um, uma* (port. ant. *ũ, ũa*); *dous* (ou *dois*), *duas; ambos, ambas*, e os compostos de *-centos* (*seiscentos, seiscentas, quatrocentas*, etc.).

A caracteristica do plural ajunta-se a *cento* e a *milhão*, e demais formações em *-ão* (ficando *centos, milhões*, etc.) quando se trata de duas ou mais unidades destas classes. *Dous centos, tres centos, cinco centos* convertem-se em *duzentos, trezentos, quinhentos*.

Variaveis, quanto ao numero, são tambem as expres-

sões collectivas *dezena, centena, milhar, milheiro* e o antigo *milhenta* (reproduzido em Herc., Lendas e Narr. 2, 9: *A la fé de cavalleiro, não darei uma, darei milhentas palavras*).

Ambos differe de *dous* em ser applicavel sómente a dualidade já sabida ou anteriormente mencionada e não costuma seguil-o substantivo sem que venha determinado por demonstrativo ou artigo.

Pleonasticamente, ou, antes, reforçativamente usam os escriptores por vezes *ambos de dous, ambos os dous, ambos estes dous* ou invertendo: *os dous... ambos; estes dous... ambos...* Exemplos da primeira especie occorrem na linguagem do seculo XVI e são mais difficeis de encontrar a partir da era seiscentista:

Juraram *ambos de dous* em nome de seus senhores (Castanh. 5, 27) — A *ambos de dous* deu cavalos e joias (ib. 3, 47) — *Ambos estes dous* philosophos Platão e Xenofonte foram discipulos do grande Socrates (H. Pinto 1, 170) — *Ambas estas duas* partes (ib. 1, 155) — Pera proveito *dambos de dous* (Castanh. 4, 42) — He por desejar a honrra e proveito *dambos de dous* (ib. 2, 98) — Ainda que ho podião fazer ajuntandosse *ambos de dous* (ib. 3, 99) — Duas almadias grandes cõ traves pregadas em *ambas de duas* (ib. 3, 17) — E acordaram *ambos de dous* que tomassem a cidade (ib. 6, 96) — Mandou dar a *ambos de dous* senhos panos dalgodão e de seda (ib. 1, 15) — Ficando *ambas estas duas...* no mesmo clima (Luc. 1, 158) — Servindo-se Deos nosso Senhor de approvar e autorizar com milagrosos sinaes a fé d'*ambos os dous* (ib. 1, 241) — Partio pera Malaca com ricos presentes e ordem d'*ambos os dous* reys, pera em seo nome confirmar a irmandade na fé (ib. 1, 298) — De *ambos de dous* a fronte coroada (Cam., Lus. 4, 72) — Ajuntam-se aqui *ambas estas duas* costas (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Porque *ambas estas duas* costas fazem o mar mui çujo de ilhetas (ib.) — Se *ambas estas duas* vierem á nossa noticia (ib. 1, 5, 10) — *Ambos estes dous* instrumentos (Vieira, Serm. 8, 139) — *Estas duas* utilidades... *ambas* estão sujeitas a dous perigos (ib. 8, 278) — *Os dous* mercadores *ambos* comprirão a condição do contrato (ib. 8, 283) — *Estes dous* desprimores nascidos *ambos* do mesmo vicio (ib. 5, 193) — Nadavam *ambos estes dous* imperios de Espanha felicissimamente (ib. 8, 490) — O que é certo é que *ambos os dous* monges... caminhavam juntos, mas em silencio, como dous cumplices de um crime afastando-se do lugar onde o perpetraram (Herc., M. de C. 1, 104).

Estes e outros exemplos não autorisam todavia a affirmar que fosse tão corrente na linguagem literaria de Portugal do seculo XVI o uso de *ambos os dous* ou *ambos de dous*, como o era o emprego desse pleonasmo em fran-

cez antigo, em provençal antigo, em hespanhol e em italiano *). Em Castanheda occorrem, alem dos exemplos acima mencionados, ainda outros do emprego de *ambos de dous*. Aqui evidentemente nenhum escrupulo se faz quanto á forma pleonastica. Em outros autores da mesma epoca rareiam os exemplos. Em alguns faltam de todo.

Escrevendo por extenso os numeros 16, 17 e 19 o port. ant. ora separava os termos componentes, ora os ligava, de accordo com a pronuncia, em uma só palavra, mas sempre interpondo a copulativa *e* entre a dezena e a unidade. Seria uma questão de principio o uso desta letra e não de outra; provavel é que então, como mais tarde, proferidos os numeros rapidamente, a pronuncia da conjunção vacillasse entre *e* e *a*. Por lhes soar antes como *a*, alguns quinhentistas e, com mais firmeza, os seiscentistas passaram a escrever *dezaseis*, *dezasete*, *dezanove* em lugar de *dezeseis*, *dezesete*, *dezenove* **). De entre os varios exemplos de Vieira e Bernardes basta assignalar: *dezaseis* (Serm. 8, 215; N. Flor. 1, 234); *dezasete* (Serm. 5, 229; ib. 7, 57; N. Flor. 1, 256); *dezanove* (L. e C. 19; N. Flor. 2, 114; e Serm. 3, 160, onde occorre cinco vezes).

Em lugar de *cem* podia-se dizer *cento*, desacompanhado de outro numero, em port. ant. e ainda em linguagem quinhentista:

Avia nome Arguu, e avia *çem* olhos (Livro de Esopo 41) — Eeste Arguu, o qual avia *çento* olhos, ssignificava o senhor, que deve aver *çento* olhos a veer ssua fazenda (ib.) — Morriam *çemtõ*, e çemto

---

*) No Poema del Cid topa-se a cada momento *amos a dos* (=ambos a dos) alternando com o simples *amos*. Em francez antigo achamos innumeras vezes *ambedui* com as variantes *amdui*, *andui* e *amsdous*, *ambedeus*, etc. Semelhantemente no provençal antigo. O italiano antigo tem *ambedue*, *ambedoe* e na Divina Comedia de Dante occorrem exemplos como os seguintes:

Gli diretani alle cosce distese,
E misegli la coda tr'*ambedue*
(Inf. 25, 55)

Latin siem noi che tu vedi sì guasti
Qui *ambedue*, rispose l'un piangendo
(Inf. 29, 92)

Che due nature mai a fronte a fronte
Non transmutò, sì che *ambedue* le forme
A cambiar lor materie fosser pronte
(Inf. 25, 101)

**) Que a vogal *e* se podia trocar em *a* vê-se em *antrelles* e *piadoso* por *entre elles* e *piedoso* (Cf. sobre vogaes a pag. 21).

e cimquenta (F. Lopes, D. J. 272) — Oito de cavallo e *çemto* homẽes de pee (ib. 220) — A vós outros mais vos lembra huan serviço por fazer que *cento* feitos (Sá de Mir. 2, 152) — Os quinhentos eram espingardeiros, e *os cento* bombardeiros (Castanh. 4, 7).

Os termos *bilhão, trilhão* e outros nomes de numeros em *-ão* acima de *milhão* vieram modernamente do estrangeiro, graças ao estudo da arithmetica pelos compendios francezes *). O proprio *milhão*, usado ha bastantes seculos, nem por isso deixa de ser palavra importada. Em port. ant. a unidade de ordem superior ás centenas de milhares chamava-se *conto* e é neste sentido que se usa o termo nos seguintes passos: *concorre a ella tanta gente, que se affirma que passa de tres contos de pessoas* (F. Mendes Pinto 289); *constava serem necessarias para o [muro] guarnecer e para os presidios das praças... seis contos e setecentos e noventa e quatro mil e trezentos e cincoenta soldados* (Bern., N. Flor. 2, 136). Conservou-se o nome até a linguagem hodierna sómente em *contos de réis.*

O termo *milhão* era entretanto já conhecido dos quinhentistas: *Dizia-se que tinha* [o Bramá] *hum milhão e quinhentos mil homens e quatro mil alifantes* (Couto, Dec. 6, 7, 8).

Para enunciar um numero de muitos algarismos, tiveram curiosa applicação os termos **milhão** e **conto,** pelo menos até 1689, epoca em que se publicou o quinto volume dos Sermões de Vieira. A pag. 391 dá o autor conta de diversas multiplicações, e, como os productos são felizmente enumerados por extenso, vê-se que a nomenclatura de hoje differe bastante da daquelle tempo. Para se ler um numero de muitos algarismos por semelhante systema, seria preciso dividil-o em series alternadas de seis e tres algarismos. A 1.ª serie de seis algarismos dos numeros inferiores ia, como hoje, até centenas de milhares; subindo, seguiam-se os *contos* (tres algarismos), os *milhões* (seis algarismos), novamente os *contos* (tres algarismos), os *milhões de milhões* (seis algarismos), e novamente os *contos* (desta vez podiam ir a seis algarismos).

---

*) Parecido com *bilhão* havia em portuguez o vocabulo *belhão*, com que se designava a moeda de cobre para trocos, cousa portanto muito diversa e de valor infimo. Vieira empregou o termo neste passo: *A prata se lhe tem convertido em cobre, e a fama e opulencia de tanto milhão em belhão* (Serm. 4, 418).

Assim, um numero fabuloso como

413475,048449,671,90000,397,787136

se lê, segundo tal systema: *quatrocentos e treze mil, quatrocentos e setenta e cinco* **contos** *quarenta e oito mil quatrocentos e quarenta e nove* **milhões de milhões** *seiscentos e setenta e um* **contos** *noventa mil* **milhões** *e trezentos e noventa e sete* **contos** *setecentos e oitenta e sete* **mil** *cento e trinta e seis*.

Só em epoca relativamente recente passou a usar-se o termo *milhão* com o sentido unico que hoje tem. Ainda na segunda metade do seculo XVII Bernardes (N. Flor. 2, 136 e 4, 452), referindo-se a certas quantias de cruzados, julga necessario accrescentar esta explicação: *Chamo milhão de cruzados a* dez vezes cem mil cruzados.

Não raro convem enunciar os numeros indirectamente empregando os multiplicativos. No falar de hoje usamos *duplo* a par de *dobro* e as formas eruditas *triplo, quadruplo, quintuplo, sextuplo, decuplo, centuplo*, as quaes desbancaram as antigas formas *tresdobro, quatrodobro, cemdobrado* etc., ou *dous tanto, tres tanto, quatro tanto*, etc.:

A qual soombra pareçia a elle que era *duas tanta* carne que aquella que elle levava na boca (L. de Esopo 13) — E possa em ella morar *trestanto* tempo, do que lhe ainda ficava por morar... sem por ella pagando pensõm algũa pelo dito tempo do *tresdobro* (Ord. Aff. 4, tit. 74) — Queremos que o comprador pague em *quatrodobro* a valia da dita cousa (Ord. Man. 5, tit. 36).

Alguns exemplos occorrem de indicação indirecta em que se nomeiam apenas os numeros factores, deixando ao ouvinte o cuidado de calcular o producto:

E cada hũa [das tres mulheres] trazia comsigo *nove noves* de damas... E cada hũa destas rainhas tem *nove setes* de camelos pretos (Castanh. 3, 144).

Na legislação antiga encontramos as expressões *noveas, anoveado* para denotar o multiplicativo de *nove:*

Encorrem em pena de perdimento para os ditos Mercadores *anoveado* o que assi delles teverem recebido de seu soldo, as quaes *noveas* paguarám da cadea (Ord. Man. 5, tit. 98) — Paguem a dizema por a primeira vez em tresdobro e pola segunda *anoveada*, e pola terceira percam os officios (ib. 1, tit. 24).

O antigo distributivo **senhos** (tambem se dizia **senhes** e **sendos**), cuja significação era «cada um o seu», teve ainda certa aceitação entre os quinhentistas, cahindo em completo desuso do seculo XVII em diante:

Tres... fidalgos que tinham acesas *senhas* tochas de cera (Castanh. 2, 23) — Sete frades..., e os cinco tinham cada hũ sua cruz levantada, e os dous *senhes* retavolos de nossa senhora (ib. 5, 26) — Vinte aneis com *senhas* pedras finas (ib. 4, 43).

Numeros ordinaes

Os dous extremos da serie ordinal são expressos pelos termos *primeiro*, *primo* de uma parte, e *postumeiro*, *derradeiro* e *ultimo* da outra. A forma *primeiro* era tão usual em port. ant. e na linguagem da Renascença como o é no falar hodierno. Apesar disso, consagrou o uso a forma erudita na expressão *primo coirmão*, reduzindo-a finalmente ao vocabulo *primo*, convertendo assim o antigo ordinal em tão bom substantivo como os demais nomes de parentesco.

Apparece a mesma forma erudita, alem disso, nos compostos *primavera*, *primogenito*, e usa-se, com especialisação de sentido, nas locuções *obra prima*, *materia prima*, *numeros primos*. Occorre tambem nas expressões *quarto da prima*, *hora de prima*, usadas outrora, aquella para denotar o quarto da primeira vigilia da noite, esta para designar o espaço do dia correspondente a tres das nossas horas e que começava ao nascer do sol*).

---

*) Na divisão do dia em espaços que duravam tres horas das nossas distinguiam-se *hora de prima* (das 6 ás 9 horas da manhan), *hora de terça* (das 9 ao meio dia), *hora de nona* ou *noa* (das 3 ás 6). Ás 6 horas da tarde começava a *vespera* ou *hora de vesperas*. Os quartos da vigilia da noite abrangiam cada qual tres horas, e tinham estas denominações: *quarto da prima*, *quarto da lua*, *quarto da modorra*, e *quarto d'alva*. Ha engano da parte de Manuel Bernardes (N. Flor. 1, 281) quando põe por ultimo o quarto da modorra e procura dar a razão disso. Basta ler os chronistas para ver que este lugar não podia caber senão ao quarto d'alva. Em Castanheda, (8, 64), por exemplo, encontramos esta narração:

Parecendo isto bem a todos assi se fez, porem num durou mais que até o quarto da modorra rendido, que se dom João e Antonio Galvão acolheram a suas camaras a dormir, e ainda bem o piloto e ho mestre não sentirão que dormião, derão com as velas embayxo... Feita esta boa pilotagem... deitão-se a dormir muy descançados, e duas oras por passar do quarto dalva, começa-sse douvir o leme da nao, que ya roçando polo chão.

Para denotar o termo que remata a serie havia em portuguez *derradeiro* e o curioso *postumeiro*, derivado analogico bastante empregado apesar do desuso de *postumo*. Differença de sentido entre *derradeiro* e *postumeiro* não haveria, como se deprehende dos seguintes exemplos:

Sua *postumeira* conclusom foi esta (F. Lopes, D. J. 285) — *Derradeira* domaa (ib. 282) — Na *postumeira* parte de tamanha lastima e angostura (ib. 279) — Huũa quarta feira pela manhãa *postumeiro* dia do mez dagosto (ib. 264) — O *postumeiro* remedio (ib. 253).

Entrando em competencia com as duas palavras o termo *ultimo*, coube a este o triumpho. *Derradeiro* passou a ter uso mais restricto, e *postumeiro* desappareceu da linguagem.

Nenhum abalo padeceu o termo *segundo* no sentido rigoroso de ordem numerica. Os derivados eruditos *segundario* e *secundario* occorrem algumas vezes em linguagem scientifica com a mesma accepção. Fóra disso, usam-se em geral como equivalentes de «accessorio», cousa «de somenos importancia».

Á formação do usualissimo *terceiro*, que desbancou a *terço* (excepto em *terça-feira*, *terça*, parte da herança, na antiga locução *hora de terça* e nas expressões fraccionarias), serviu de modelo sem duvida a palavra *primeiro*.

Quarto, *quinto*, *sexto*, *setimo*, *oitavo*, *decimo*, nada offerecem de interessante no dominio da lingua portugueza, a não ser a variante *sesmo* (de **sextimo*), já ha muito esquecida, que deixou comtudo vestigios em *sesmar*, *sesmaria*, *sesmeiro*.

O feminino de *nono* tomou a forma *noa* na antiga locução *hora de noa* (V. a nota da pag. precedente).

Comquanto pareça muito natural formarem-se, de *decimo* em diante, os ordinaes *decimo primeiro*, *decimo segundo*, *decimo terceiro*, etc., haveria em todo o caso temeridade em affirmar serem estes e outros ordinaes superiores devidos á formação popular. O homem do povo aprende a contar, isto é, adquire a sciencia dos numeraes cardinaes com certa facilidade, digamos, até milhares e centenas de milhares; porem, desde o momento que se trate de ordinaes, para cuja formação se exija processo complicado, o seu saber e

habilidade depressa se esgotam. As denominações *undecimo, duodecimo, decimotercio* (Vieira, Serm. 2, 362), *tredecimo* (Ined. Port. 2, 5), *vigesimo, trigesimo,* e outras em *-esimo* não passam de injecções de latim em lingua lusitana. Os nomes *quaresma* e *cincoesma* ou *corcesma, cinquoesma* (Frad. Men. 1, 260), alterações de *quadragesima, cinquagesima* (lat. *quinquagesima*), dão idéa do amoldamento que o povo daria a semelhantes numeros ordinaes se lhe fossem tão familiares como certos nomes do calendario da Igreja.

Obviou-se á difficuldade e sem grande custo, pois ha um ponto em que a ignorancia de uns se encontra com a negligencia de outros. Resume-se isto em usar como ordinaes os proprios cardinaes. É o que geralmente fazemos, referindo-nos a certo dia do mez: *aos 24 dias do mez de agosto* em lugar de *ao vigesimo quarto dia;* ou á hora *são tres horas* por *é a terceira hora* (depois de meio-dia ou meia-noite); ou á idade em frases deste genero: *falleceu aos doze annos;* ou á pagina ou capitulo de um livro (pelo menos de certo ponto em diante): *a paginas sessenta e tres* por *a pagina sexagesima terceira, capitulo trinta e dous,* etc. Falando dos monarchas, dizemos o nome acompanhado do ordinal, de primeiro até decimo; d'ahi por diante valemnos commodamente os cardinaes: *Luiz XI, Carlos XII, Luiz XV,* etc.

O disparate, sancionado pelo uso, de pôr no plural o que de facto está no singular, como o fazemos com a indicação da data, da hora, da pagina, os escriptores antigos, e ainda os quinhentistas, mui logicamente o estendiam por vezes á referencia de algum capitulo de livro e á indicação do anno como data de qualquer successo:

Aos dezesete capitullos de Sam Matheu (Virt. Bemf. 164) — Da primeira destas faz Plinio menção *aos vinte capitolos* do quarto livro da sua estoria natural (Fern. d'Ol. 9) — No terceiro livro *aos tres capitolos* (ib.) — O mesmo sinte aos *tres capitolos* do segundo livro (ib. 39) — Falecco *nos annos* de 1331 (Couto, Dec. 4, 10, 1) — Esta batalha foi perto *dos annos* do Senhor de 1187 (ib. 4, 10, 2) — *Nos* [annos] de 1247 o Papa Innocencio IV mandou... (ib. 4, 10, 1) — Estava profetisado em Esechiel *aos vinte e quatro capitulos* (ib. 4, 10, 2) — *Nos annos* de seiscentos e cincoenta e seis (ib. 7, 10, 10) — *Aos doze capitulos* do Genesis diz a divina escriptura que... (H. Pinto,

1, 244) — *Christo... aos XXI capitulos* de São Lucas diz... (ib. 1, 247) — Affirma-o São João *aos XX capitulos* do Apocalypse (ib. 1, 480).

Em lugar dos vocabulos *quadragesimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo* etc., calcados sobre o latim e que presuppõem algum conhecimento deste idioma, poderia haver uma formação analogica mais accessivel ao vulgo como já ha em outras linguas modernas (cf. o francez *quarantième, cinquantième*, o italiano *ventesimo, trentesimo* etc.); mas a isto se oppõe o nosso eruditismo.

Alem das formações e maneiras de dizer até aqui estudadas, havia em portuguez para o numero «sete» e os numeros de «nove» em diante a formação ordinal em *-eno*, continuando-se, ainda que com alteração semantica, o processo latino creador dos distributivos *septenus, novenus, deceni*, etc. Dizia-se *dezeno sexto* (= 16º) e *dezeno oitavo* (= 18º). porque «seis» e «oito» não permittiam a formação em *-eno*. Admiravelmente simples e ao alcance de todo o mundo pela sua uniformidade, este processo teve porem de succumbir ante a reacção pedantesca dos escriptores. Resistiu, apesar disso, com vivacidade tal que ainda quinhentistas e seiscentistas o usaram de vez em quando, e o proprio Filinto Elysio não o desdenhou. Certos autores, principalmente os mais antigos, entremeiam, ás vezes, com apparente deleite, numeros ordinaes em *-eno* e numeros ordinaes de aspecto gravemente latino:

Dom Joam terceiro de nome, *quimzeno* dos reis de Portugal (Ined. Port. 5, 1) — Dos reys o *tredecimo* (ib. 2, 5) — Em o *dezemno* capitullo de sam matheu (Virt. Bemf. 163) — Em o *viceno septeno* capitullo do Genesy (ib. 168) — No capitullo *dezeno* sexto (ib. 168) — Em o *quadrageno nono* psalmo (ib. 168) — Em a *quadragesima quinta* defynçom (ib. 168) — Em o *dezeno septeno* capitollo de sam luca (ib. 168) — Em o psalmo *quinquageno* (ib. 169) — Em o *quatorzeno* capitullo (ib. 170) — Em o *decimo nono* (ib. 170) — Em a *quadragena quinta* defynçom (ib. 170) — Tomava já de Roma a *dozena* vez (Frad. Men. 1, 284) — D. Duarte deste nome o primeiro, dos reis de Portugal o *onzeno*... D. Duarte vosso avô, dos reis o *undecimo* (Pina, D. Du. 14-15) — O sexto, setimo, *onzeno*, decimo sexto (Barros, Dec. 1, 10, 1) — Foi Joanne segundo e rei *trezeno* (Cam., Lus. 4, 60) — Naquella casa *dozena* (G. Vic. 2, 395) — Elrei de Espanha D. Affonso *onzeno* (Mend. Jorn. de Afr. 1, 27) — Carlos *noveno* de França (ib. 1, 50) — Ao *seteno* [dia] falleceo (Barros, Dec. 8, 28) — O *onzeno* e *dozeno* capitulo (ib. 7, 10, 5) — No mesmo dia de seis de fevereiro, em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha

pouca saude este *seteno*, que apenas por mão alheia me permitte deitar estas regras (Vieira, Cartas 2, 355) — Tem como por *onzeno* mandamento jantar ás nove horas (Mello, Ap. Dial. 23) — Sobreposto ao meu lustro *quatorzeno* (Fil. Elysio, 2, 253) — No anno *dezeno* (ib. 3, 147) — Pela *novena* vez (ib. 14, 6).

Conservam-se com sentido especialisado os substantivos *novena*, *onzena*, *trezena* (de Santo Antonio), *quinzena*, *vintena*, *quarentena*.

Os pronomes: especies, formas e significação

Por muito suggestivo que seja o termo, não satisfaz, comtudo, á sciencia da linguagem definir o pronome como palavra suppridora do nome substantivo. Nada autorisa a crer que o homem, ao designar pela primeira vez os seres por meio de nomes com que os distinguir uns dos outros, se lembrasse ao mesmo tempo de crear substitutos para esses nomes.

Correcto, me parece o ponto de vista de Henry Sweet, que define os pronomes como *nomes* e *adjectivos geraes*, em opposição aos ordinarios nomes e adjectivos especiaes, devendo-se advertir que alguns nomes e adjectivos são mais geraes em sua significação do que outros. Assim, um nome de significação geral é, muitas vezes, quasi equivalente a um pronome. Pouco importa que num livro o autor, falando de si, diga *eu* ou *o autor*, e, referindo-se ao leitor, o trate de *vós* ou *o leitor*. E tanto é correcta esta observação que vemos certos nomes transformados em verdadeiros pronomes só por adquirirem um sentido geral. Assim *homem* em port. ant. era muitas vezes usado como pronome nos mesmos casos que o francez *on* (o qual é a propria palavra *homme* alterada). *Senhor* com sentido especial é nome, mas *o Senhor*, referido geralmente a qualquer pessoa a quem dirigimos a palavra, é pronome. O lat. *rem*, pela sua applicação geral, passou a ser pronome em romanico. E quantas vezes não nos serve a expressão *a cousa*, como equivalente de *isto?*

Todo o pronome é ou um substantivo (*pronome-substantivo*), ou um adjectivo (*pronome-adjectivo*). Alguns se

usam ora como substantivos, ora como adjectivos. Para não confundir a categoria dos pronomes com a dos nomes, diremos que são pronomes **absolutos** os que fazem vezes de substantivo, e pronomes **adjuntos** os que se empregam como adjectivo.

Dividem-se os pronomes em *pessoaes* (com as variedades *reflexivos* e *reciprocos*), *possessivos*, *demonstrativos*, *relativos*, *interrogativos* e *indefinidos*.

Pronomes pessoaes

Os pronomes pessoaes usam-se todos como absolutos. Têm singular e plural e formas de nominativo, dativo e accusativo. Alguns (os da 3.ª pessoa) distinguem o genero. Dividem-se em pronomes da 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa. *Eu*, pronome da 1.ª pessoa, representa o individuo que fala; o seu plural *nós* significa esta mesma pessoa associada a outra ou outras: *eu + tu; eu + elle; eu + vós*, etc. *Tu* e *vós* são pronomes da 2.ª pessoa; *elle, ella, elles, ellas*, são os da 3.ª pessoa.

Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* como tratamento directo da pessoa ou pessoas a quem se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insufficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indirecto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portugueza, o atrevimento de vir perante um individuo de hierarchia superior, e olhar para elle face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginario. Desta attenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa unica, se originou o costume de empregar o plural *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, depois de apagada da memoria a imagem da situação primitiva.

Outro modo de tratamento indirecto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um attributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ella propria. Assim, aproximavam-se os vassalos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê, vossa senhoria*, substituido depois por *vossa alteza* e finalmente por *vossa majestade*; assim usou-se o tratamento ducal de *vossa excellencia* e

adoptaram-se na hierarchia ecclesiastica *vossa reverencia, vossa paternidade, vossa eminencia, vossa santidade.*

Generalisando-se, de fins do seculo XVI em diante, o costume de dar «majestade» aos reis, reservou-se «alteza» para os principes, e deram-se os demais tratamentos não-ecclesiasticos aos nobres, aos que occupavam certos cargos publicos, e finalmente ás pessoas de notoria posição social. É de notar todavia que diversas ordens regias prohibiram aos governadores do Brasil aceitarem o tratamento de excellencia. Na monarchia brasileira uma das graças era o tratamento de excellencia; os barões sem grandeza não o tinham.

Do uso e abuso da formula *vossa mercê* nasceu em boca do povo a variante *você*, a qual não só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por applicar-se a individuos de condição igual, ou inferior, á da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um individuo, servimo-nos hoje de *vocês* como plural semantico de *tu*. Outra forma alterada de *vossa mercê* é *vossancê: Guarde Deos a Vossancê* (M. de Mello, Fid. Apr. 9).

O pronome *vós* cahiu em desuso, quer para denotar pluralidade de pessoas, quer como tratamento de polidez; conserva-se todavia nas preces, no estilo oratorio, na poesia, na linguagem de ficção quando a pluralidade não se refere a seres humanos e no estilo official.

A deficiencia de um pronome applicavel igualmente a qualquer pessoa a que se deva certo respeito, suppre-a o tratamento *o senhor* com as competentes variações de genero e numero. A generalisação desta linguagem no uso commum data do seculo XVIII. Filinto Elysio diz a este proposito: *Quando eu sahi de Lisboa, ainda não se tinha espraiado muito o tratamento do Senhor* (Obr. 13, 305).

Na primeira pessoa, o plural em vez do singular, emprega-se em duas situações diametralmente oppostas. Em boca de rei ou prelado é plural majestatico, mas, sahido da penna de um escriptor, *nós* parece signal de modestia.

FORMAS OBLIQUAS, ATONAS E TONICAS, DOS PRONOMES PESSOAES E O REFLEXIVO **se, si.** — O portuguez literario moderno conhece duas series de formas obliquas que se correspondem respectivamente. Umas, não podem ser regidas de preposição e figuram sempre como vocabulos ato-

nos, a saber: *me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se;* as outras são sempre tonicas e dependentes de preposição: *mim* (outrora *mi*), *ti, nós, vós, elle, ella, elles, ellas,* e o reflexivo *si*. Assim dizemos: *peço-te um obsequio; escrevo-lhe, escrevo-te; procurei-o; estas cartas são para mim, para ti, para elle,* etc.; *move-se por si.* Coherentemente se diz tambem *entre ti e mim; entre mim e ti está a cruz ensanguentada* (Herc., Eur. 46); porque a conjunção *e* só liga cousas homogeneas.

As formas tonicas que acabamos de mencionar empregam-se com as preposições em geral; soffrem todavia uma modificação quando regidas da particula *com*. Dizemos *com elle* na 3.ª pessoa, mas em vez de *com mim, com ti, com si,* etc. temos de dizer *commigo, comtigo, comsigo* (outrora *migo, tigo, sigo*), *comnosco, comvosco.* Diz-se, porem, *com nós outros* (Cam., Lus. 5, 69) e *com vós outros.*

Lhe com o seu plural*) é a forma de dativo (objecto indirecto); *o* com suas variações é o accusativo (objecto directo) da mesma 3.ª pessoa. Todas as demais formas atonas servem indifferentemente para um e outro caso.

As expressões *a mim, a ti, a elle, a si, a nós,* etc., alem de indicarem um objecto indirecto, usam-se tambem para exprimir o objecto directo emphatico: *viu-me a mim e não a elle; A quem cuidas que venceram os godos? a mim? não por certo, se não a ti* (Bern., N. Flor. 5,206). Anteriormente, porem, ao periodo dos quinhentistas, os nossos escriptores empregavam as formas obliquas tonicas como accusativo emphatico, dispensando a particula *a:*

Contando como cativarom *elle* e os outros oito (Zur., Guiné 190) — Sojugam *sy* meesmos (Zur., ib. 460) — Segure *mim* e meus portos (Zur., P. Men. 342) — Desomrramdo *ssi* desomrra nos e todo seu linhagem (F. Lopes, D. J. 11) Leixarei *elle* (S. Graal 129) — *El*, amiga, achei eu (Canc. Din. 2029) — Nom poss'eu... nem *mi* nem *el* forçar (ib. 1370).

As formas **mim (mi)** *e* **ti** *por* **eu** *e* **tu.** O emprego curioso das formas accusativas em lugar do nominativo repugna á linguagem culta de hoje. Já não era assim no falar

---

*) A forma *lhes*, com *s*, é relativamente recente. Nos Lusiadas e mesmo mais tarde, ainda encontramos *lhe*, quer para o singular, quer para o plural.

antigo em certas frases comparativas como as seguintes (cf. com o francez actual):

Mais o coraçom pode *mais ca mi* (Canc. Din. 1326) — Com'er poderom viver... senom coitados *come mi* (C. B. 141) — Porque mataste aquelle mouro que era *melhor que ti* (Livro de Linh. XXI) — Ca tu vees que *milhor* cavalleiro *ca ti* a guanhou (S. Graal 14) — Sodes milhor cavalleiro e *mais ardido ca mim* (ib. 141) — Porque fui *tal como ti* (G. Vic., III, 391).

Em Vieira ainda occorre este exemplo:

O mundo em estatua he muyto *maior que si mesmo* (Serm. 5,547).

Em lugar de *como eu* dizem ainda hoje na Beira *como mim*. Muito vulgar é em Portugal a frase: *Se eu a ti fosse* ou *se eu fosse a ti*. Em Gil Vic., 3, 325, lê-se:

A grandeza da misericordia e largueza que tu es e ella *he ti*.

Mais arrojadas ainda parecem frases como estas:

Ora vamos *eu e ti* ó longo desta ribeira (G. Vic., 1, 165) — Casemo-nos *eu* e *ti* (ib. 1, 137) — Amores que *mi e vós* sempr'ouvemos (V. 358).

O REFLEXIVO DA 3.ª COMO 2.ª PESSOA. — Em Portugal emprega-se, porem abusivamente, em linguagem familiar *si*, *comsigo* com referencia á pessoa com quem se fala. Este modo de substituir as expressões *o Senhor*, *com o Senhor* repugna em geral ao ouvido brasileiro, mórmente por dar, em certos casos, lugar a ambiguidade: *Falou comsigo* será *com o Senhor* ou *comsigo proprio? Não se referiu a si* será *a si mesmo* ou *ao Senhor?*

Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos designam, como o nome indica, a noção de posse; designam, alem disso, outras relações de dependencia, parentesco, situação moral ou social, com respeito a outrem, partes componentes de um todo, attributos de um ser, etc.

Os possessivos da nossa lingua usam-se ora como absolutos, ora como adjuntos e são os seguintes: *meu*, *minha*, *meus*, *minhas* para o possuidor na 1.ª pessoa do singular;

nosso, nossa, nossos, nossas para o mesmo possuidor no plural; *teu, tua, teus, tuas* para o possuidor na 2.ª pessoa do singular; *vosso, vossa, vossos, vossas* para o mesmo possuidor no plural; e finalmente *seu, sua, seus, suas* para o possuidor na 3.ª pessoa tanto do singular, como do plural.

Seu, sua, etc. applica-se tambem á pessoa com quem se fala, desde que a tratemos por *o senhor, vossa mercê* (*você*), *vossa excellencia*, etc. Esta pratica tornou-se regra da linguagem seiscentista para cá.

Alem das formas *minha, tua, sua* encontram-se em documentos de portuguez antigo os femininos *mha, ta, sa* (*ssa*), mas sómente como possessivos adjuntos.

Os possessivos derivam-se dos pronomes pessoaes, sendo formados, em latim, do caso genitivo; o seu thema por isso refere-se ao possuidor. Na terminação seguem o genero e numero do nome que indica a cousa possuida.

Em portuguez o possessivo admitte o artigo antes de si: *o meu, o teu, o nosso, o seu*, etc. Como pronome absoluto, o possessivo requer este reforço, devendo porem omittir-se o artigo quando o possessivo vier junto dos verbos *ser, tornar-se*, ou de algum verbo que signifique «considerar como pertencente», sem presuppôr confronto com alguma cousa pertencente a outrem. Assim, são pensamentos diversos *esta casa é minha* e *esta casa é a minha*. Os seguintes passos esclarecem a regra:

Tem determinado de vir por agoa... o capitão *dos seus* acompanhado (Cam., Lus. 1, 80) — *Os vossos*... novos mundos ao mundo hirão mostrando (ib. 2, 45) — Este povo, que é *meu*,... por elle a ti rogando choro e bramo (ib. 2, 40) — Sou *tua, tua* para sempre (Herc., Eur. 292) — Podes ter por *tua* a Cintra (Herc., Lend. e Narr. 1, 91) — Lisboa... essa sabe Deus se tornará a ser *minha* (ib. 90) — Havia de lograr.... eu *o meu*, porque é *meu*; e vós *o vosso*, porque é *vosso* (Vieira, Serm. 5, 451) — Assi tambem com falsa conta e nua á nobre terra alheia chamão *sua* (Cam., Lus. 3, 110) — Cuidam que é para si o que chamam *seu* (Vieira, Serm. 5, 455).

O POSSESSIVO ADJUNTO PRECEDIDO DE ARTIGO. — O possessivo adjunto occorre em portuguez, anteposto a um nome, ora sob a forma simples e originaria (*meu, teu, seu*, etc.), ora reforçado com o artigo (*o meu, o teu*, etc.). Não podemos precisar a epoca do apparecimento desta se-

gunda forma. Existia provavelmente muito antes dos primeiros documentos escriptos. Certo é que o seu emprego era relativamente restricto e só de Camões para cá se torna, de seculo para seculo, cada vez mais notoria a frequencia do possessivo reforçado. Fernão Lopes poucas vezes se soccorria desta forma; em seus escriptos ella figura, ao lado dos exemplos de possessivo destituido de artigo, em proporção muito pequena: 5 % aproximadamente. Já nos Lusiadas sobe a porcentagem a 30 %, na linguagem de Vieira a mais de 70 % e finalmente na de Herculano a mais de 90 % *).

A differença entre os adjuntos *o meu*, *o teu*, etc. de um lado, e *meu*, *teu*, etc. do outro, baseou-se a principio num sentimento de linguagem que se foi esquecendo com o tempo. O possessivo, alliado ao que originariamente era um demonstrativo, devia melhor determinar o nome, chamar a attenção antes para o possuidor do que para a cousa possuida, e o seu emprego vinha muito a proposito onde se tornava necessario estabelecer contrastes, v. g.: *os senhores e fidalgos que hi eram com elle viiam da sua parte* [i. e. da parte do rei] *tantas ajudas* (Fern. Lopes). O principio de economia (no portuguez antigo), a analogia e outros factores fizeram porem surgir casos numerosos, nos quaes ou se deixou de applicar o artigo requerido pela clareza, ou se passou a applicar, como hoje se pratica, sem visivel necessidade.

Prevalece na linguagem post-camoneana em geral o emprego do possessivo reforçado antes de um substantivo. Alguns dos exemplos em contrario subordinam-se a regras fixas, como veremos mais adiante. Os outros porem não parecem ser mais do que concessões que a tendencia geral faz ás vezes ás exigencias do estilo conciso e elegante. Cotejem-se, entre outros, os seguintes passos que se encontram em Vieira e Herculano:

Comereis o fruto *dos vossos* trabalhos, ou os mesmos trabalhos de *vossas* mãos (Vieira, Serm. 5, 456) — Resplandeceo *o seo* rosto

---

*) Tal estatistica sem pretenções a rigor absoluto foi por mim obtida, examinando, em paginas seguidas, todos os casos (em numero de 100 a 150 para cada autor) não sujeitos a regras especiaes e portanto parecendo permittir o emprego de possessivo com ou sem artigo. Ministraram exemplos: Fernão Lopes, Chronica de D. João, pag. 161 a 200; Camões, Lusiadas, cantos V a VIII; Vieira, Sermões, vol, 5. pag. 1 a 45; Herculano, Eurico, pag. 1 a 71.

(ib. 5, 434) — Nenhuma cousa viram *seus* olhos nem inventaram *seos* pensamentos (ib. 5, 438) — Dia que tem mais alegre *na sua* vida (ib. 5, 470) — Para que se veja *o nosso* engano (ib. 5, 440) — Apascenta *minhas* ovelhas (ib. 5, 303) — Apascenta *os meus* cordeiros (ib. 5, 304) — Que me dêem *o meu* arnez brunido... e *o meu* estoque francez (Herc., Lend. e Narr. 1, 118) — [Volto] a cumprir com *minha* obrigação (ib. 1, 116) — Eu costumo cumprir com *as minhas* promessas (ib. 1, 125) — Estes penhascos empinados sobre *nossas* cabeças (Herc., Eur. 64) — Armas penduradas por cima *das suas* cabeças (ib. 180) — *A minha* mão desfallecida abandonou-te (ib. 293) — Quero-o vivo em *minhas* mãos (ib. 216) — E' preciso que em breve estejam *nas minhas* mãos Pelagio e sua irman (ib. 217).

Em vez de vir antes do nome, apparece o possessivo adjunto ás vezes collocado depois delle; mas nesta posposição nunca pode arrastar comsigo o artigo:

Não é premio vil ser conhecido por um pregão do ninho *meu* paterno (Cam., Lus. 1, 10) — O rei..., alvoroçado da vinda *tua*, tem tanta alegria que não deseja mais que agasalhar-te (ib. 2, 2) — A sêde *tua* nem com lagrimas se mitiga (ib. 3, 119) — Mova-te a piedade *sua* e *minha* (ib. 3, 127).

O POSSESSIVO ANTEPOSTO. *Condições especiaes.* — Palavras como *este, esse, aquelle, um,* que não podem ser empregadas juntamente com o artigo definido antes de um nome, excluem igualmente este artigo quando se ajuntem a um possessivo:

Para que *estes meus* versos vossos sejam (Cam., Lus. 1, 18) — *Esta sua* fuga (Vieira, Serm. 5, 310) — *Estes meus* olhos — *Aquelle vosso* amigo — *Um seu* criado.

Frases que se costumam dizer sem o artigo, dispensam-no tambem se nellas incluirmos o possessivo. Assim, em certas locuções como *em poder de, em nome de, por vontade de, a respeito de, a gosto de, a favor de,* e outras semelhantes:

Falou *em meu nome, a nosso respeito, a teu favor* — Está *em meu poder* a carta — Nós mesmos sem outro inimigo ou ladrão bastamos e *por nossa* vontade para nos despojar delles (Vieira, Serm. 5, 450) — Pai meu, eu *em vossa presença* pequei contra o céu (cf. algumas linhas adiante: peccado commettido *em presença* do Rei (ib. 5, 457) — Legio cahiu hontem *em nosso* poder (Herc., Eur. 151) — Eis o que Suintila alcançou *a teu favor* (ib. 141) — Sangue derramado *em seu nome* (ib. 144). — Aquelle que eu cria viesse *em meu soccorro* não se esconderá de ti (ib. 197).

Por outro lado, e contrariamente á reciproca da regra anterior, pode o artigo vir junto ao substantivo e entretanto desapparecer ante o possessivo. Isto se verifica em certas expressões consagradas, como: *a seus pés*, *a meu lado* (apesar de se dizer *aos pés delle*, *ao lado de alguem*), *a seus olhos* ou *ante seus olhos*, *a meu ver*, *a meu cargo* etc.

Semelhantemente se fixaram na lingua sem a palavra *o* ou *a* as expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como os tratamentos *vossa mercê*, *vossa senhoria*, *sua excellencia*, *sua majestade*, etc.

Hoje, como outrora, os nomes que indicam parentesco requerem o possessivo sem artigo. Occorrem todavia casos em que se reforça o pronome para tornal-o emphatico.

Mais liberdade ha, todavia, quando os nomes de parentesco não são tomados no sentido proprio; v. g. *filho* significando individuo «natural de um lugar», *irmão* applicado a pessoa pertencente a uma determinada classe, communidade, nação ou raça.

1. *Tua* irman será salva ou nenhum de nós voltará mais (Herc., Eur. 182) — Promettia acompanhar o rei godo com um esquadrão mais lustroso que os de *seus* sobrinhos (ib. 82) — A' sombra do escudo de *seu* irmão (ib. 182) — Perdoai a *meu* velho pai, que não tem culpa da pobreza de *seu* filho (Herc., Lend. e Narr. 1, 125) — Salvar a honra do nome de *seus* avós (ib. 167) — Não vos abandonarei eu; que o devo... á... memoria de *vosso* virtuoso pai (ib. 178) — Jurava-o pelo céu, pelos ossos de *seus* avós (ib. 193) — Jura-lhe que *tua* filha repelliu o seu amor por obedecer-te (Herc., Eur. 142).

2. Eu não te amaldiçoarei, oh meu pai. *A tua* filha nunca te accusará ante o supremo juiz (Herc., Eur. 283) — E' o cemiterio em que jazem os ossos *dos nossos* pais (ib. 70).

3. Considerava-o como o mais *veneravel* entre *os seus* irmãos no sacerdocio (Herc., Eur. 19) — E' d'aqui que deves sahir com *os teus* irmãos do deserto (ib. 64) — São *os nossos* valentes irmãos. São *nossos* irmãos, que nos esperam (ib. 211) — Junto ao Chryssus a Hespanha pedia *aos seus* filhos que morressem sem recuar (ib. 223) — Podeis dizer *aos nossos* irmãos que o primeiro em fugir foi aquelle que nunca fugiu (ib. 225) — As recordações... embriagavam-lhes os animos ao lembrarem-se de que as armas *dos seus* avós da Germania tinham brilhado victoriosas (ib. 57) — Dize *aos teus* irmãos do Herminio que venham aqui (ib. 271).

A forma possessiva é ás vezes mero recurso de linguagem usado ou para referir o sentido de um nome a um caso particular, ou para indicar a pessoa a quem em espe-

cial interessa o individuo de que se fala. Numa ou outra hypothese é de praxe o emprego do possessivo reforçado:

Direi que tens algum receio que se escureça *o teu* querido Orpheio (Cam., Lus. 3, 2) — [Dario] mais *o seu* Zopyro são prezara que mil Babylonias que tomara (ib. 3, 41) — *Do teu* principe ali te respondiam as lembranças (ib. 3, 121) — Magoa e saudade *do seu* principe e filhos que deixava (ib. 3, 124) — O nome *do seu* Pedro que lhe ouvistes por muito grande espaço repetistes (ib. 3, 133) — E como *o nosso* menino cessava do choro e tomava o peito com Christo diante dos olhos... (Vieira, Serm. 5, 290) — Comprio melhor que todos *o nosso* peregrino o que Deos prometeo (ib., 5, 307) — Não foi admiravel *o nosso* santo velho porque isto fez (ib. 5, 307) — Contemplação... *do nosso* anachoreta (ib. 5, 311) — Os doze de Inglaterra com *o seu* Magriço (Cam., Lus. 1, 12) — E vereis ir cortando o salso elemento *os vossos* Argonautas (ib. 1, 18) — Não temais perigo algum *nos vossos* Lusitanos (ib. 2, 44) — Não ha Rachel que não tenha *o seu* Labão e *a sua* Lia (Vieira, Serm. 5, 441).

Pronomes demonstrativos

Do latim *iste, ista, istud* provieram em portuguez as variações pronominaes *este, esta, esto* (mudando-se a ultima forma mais tarde em *isto*). Reforçadas com a anteposição de **eccu-*, as mesmas formas latinas produziram em nossa lingua *aqueste, aquesta, aquesto*, que se deixaram de usar no falar moderno. Em escriptores pre-camoneanos, e ainda em Gil Vicente, são frequentes os exemplos:

Nom forom os requerimentos e vozes *daquestes* de tanta eficacya (Zur. Guiné, 12) — E *aquesto* foe feito por seer em lembrança do maravilhoso millagre (ib. 6) — Nom forom Mouros tomados com tam honrada vitorya como *aquestes* (ib. 219) — Tange as patas pera cá. Como es *aqueste*, Jesu (G. Vic. 3, 44) — *Aqueste* so animal tem veias no coração, onde lagrimas estão (ib. 3, 114).

De *ille, illa, illud* procederam *elle, ella, ello* e, com o reforço **eccu-*, *aquelle, aquella, aquello* (convertendo-se este ulteriormente em *aquillo*). Passaram comtudo *elle* e *ella* a servir desde logo de pronome pessoal, e *ello* usou-se sómente em port. ant. A par destas formas plenas do antigo demonstrativo, existem desde o começo da lingua até hoje as formas reduzidas *o, a* (e *lo, la*), sendo estas empregadas não sómente como pronome pessoal (accusativo), mas ainda como pronome demonstrativo.

O latim *ipse, ipsa, ipsum*, deu-nos *esse, essa, esso* (port. mod. *isso*). Não produziu formas reforçadas parallelas ás dos outros dous pronomes.

Todos os demonstrativos terminados em *-e* ou *-a*, assim como a forma reduzida *o, a*, variaveis não sómente em genero, mas tambem em numero, funcionam ora como pronomes absolutos, ora como pronomes adjuntos. Todas as formas plenas terminadas em *-o* occorrem como pronomes absolutos, invariaveis, significando «esta cousa», «essa cousa», «aquella cousa». *)

O emprego de *aquillo*, em lugar de *aquello*, remonta ao seculo XVI. Mais antiga é a admissão de *isto, isso;* em Fernão Lopes occorrem já com frequencia estas formas a par de *esto, esso*. Exemplos do uso das diversas formas de pronomes demonstrativos absolutos, privativas da linguagem de outrora:

A muytos *esto* nom peza (D. Duarte, Leal Cons. 5) — Pouco *dello* se contentom (ib. 5) — O entendimento encommenda que logo de nossa mocidade a *ello* per afeiçom nos enclinemos (ib. 8) — E *esso* medes faz a outra spiritual (ib. 14) — Saibham bem husar *daquello* por que som antre os outros tam avantejados (ib. 16) — E *naquesto* se desvaira esta quarta voontade (ib. 14) — Por ter em *ello* nom boa e fraca voontade (ib. 23) — Algũa enssynança acerca *dello* vos entendo declarar (ib. 235) — Filharemos em *ello* prazer (ib. 237) — Que lhe outorgava *aquello* que lhe demandava (S. Josaph. 37) — Que lhe ensinasse *aquello* que conpria (ib. 36) — *Esto* dizia Josaphate (ib. 45) — *Esto* me prometeo Jesu Christo (ib. 45) — Nom fallemos em *ello* mais (F. Lopes, D. J. 28) — No curarom *desto* (ib. 29).

DESIGNAÇÃO DE COUSAS MAIS OU MENOS NITIDAS. — Se compararmos as impressões do nosso espirito a um quadro representando figuras e objectos diversos, podemos dizer que o demonstrativo *este* serve para indicar as imagens nitidas do primeiro plano, ao passo que *esse* designa as imagens mais apagadas do segundo plano.

Este é o demonstrativo das noções claramente delimitadas, conhecidas ou que facilmente suggerimos na mente de quem nos ouve. *Esse* applica-se áquillo de que nós temos, ou o ouvinte tem, noções vagas, indecisas; applica-se ás cousas longinquas ou que se estendem para longe.

---

*) Alguns autores não seguem esta regra a rigor. Assim lemos em Duarte Galvão, D. Aff. Henr. (28-29): *dando-vos nellos para o diante; ao bem e houra destos reinos*, e em Mor. Palmeirim d'Inglaterra (1,171): *E por esta razom se chamam estos montes os montes das tres hirmãas.*

Se o emprego do demonstrativo tiver por fim suggerir uma noção do tempo, *este* indicará factos actuaes ou factos cujos effeitos perduram na actualidade; *esse*, pelo contrario, se referirá ao que existiu no passado ou existirá no futuro.

Os demonstrativos correspondentes á 1.ª e á 2.ª pessoa. — Com o demonstrativo *este*, *isto* indicamos cousas que dizem respeito a nós mesmos; com o pronome *esse*, *isso*, apontamos, pelo contrario, aquillo que tem antes relação mais intima com a pessoa a quem nos dirigimos. Esta regra se applica quando se trata de cousas que residem nas proprias pessoas (*esta alma*, *esta* (minha) *dor*, *essa* (tua) *paixão*) ou de partes do corpo, ou de lugar onde uma ou outra pessoa se acha (*esta casa*, *este paiz*, *este mundo*, *nesta cidade* (onde eu resido), *nessa cidade* (onde vós residis), como se vê nos seguintes passos:

Doce amparo *desta* cançada já velhice minha (Cam., Lus. 4, 90) — Para que *estes* meus versos vossos sejam (ib. 1, 18) — Inspira immortal canto e voz divina *neste* peito mortal (ib. 11, 1) — *Esta* perna trouxe eu d'ali ferida (ib. 5, 33) — A que novos desastres determinas de levar *estes* reinos e *esta* gente (ib. 4, 97) — *Esta* ilha pequena que habitamos (ib. 1, 54) — O Regente que *esta* terra governa (ib. 1, 55) — Se *este* nosso trabalho não te offende (ib. 6, 82) — Porque is aventurar ao mar iroso *essa* vida que é minha e não é vossa? (ib. 4, 91) — Inclinai por um pouco a majestade que *nesse* tenro rosto vos contemplo (ib. 1, 9) — *Esse* gesto que mostras claro e ledo (ib. 3, 105) — Quem és tu? que *esse* estupendo corpo certo me tem maravilhado? (ib. 5, 49) — Não temais... que ninguem comigo possa mais que *esses* chorosos olhos soberanos (ib. 2, 44).

Cousas que se acham proximas de nós indicamos com o demonstrativo *este*, e para mostrar que se acham um tanto afastadas empregamos *esse*, ainda quando não tenham relação alguma com a pessoa a quem falamos:

Eu só com meus vassalos e com *esta* (e dizendo isto arranca meia espada) defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Eu sou o illustre Ganges...; est'outro é o Indo, Rei que *nesta* serra que vês seu nascimento tem primeiro (ib. 4, 74) — E se te move a piedade *desta* misera gente peregrina (ib. 2, 32) — Gastar palavras em contar extremos de golpes feros, cruas estocadas, é *desses* gastadores que sabemos (ib. 6, 66) — Vê que *esses*, que frequentam os reaes paços, por verdadeira e sã doutrina vendem adulação (ib. 9, 27) — E guarde-se não seja inda comido *desses* cães que agora ama, e consumido (ib. 9, 26) — *Essas* honras vãs, *esse* ouro puro verdadeiro valor não dão á

gente (ib. 9, 93) — A *estas* criancinhas tem respeito (ib. 3, 127) — *Estas* reliquias suas (ib. 3, 129) — Fulgurara uma luz de alegria como *esses* astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento (Herc., Eur. 277).

Quando apontamos para cousas ou pessoas, proximas ao mesmo tempo de nós e daquelle com quem falamos, prevalece o demonstrativo *este*:

Vês *este*, que sahindo da cilada dá sobre o rei...? (Cam., Lus. 8, 16) — *Estas* figuras todas, que apparecem...; *este*, que vês, é Luso (ib. 8, 2) — *Este* é o primeiro Affonso, disse o Gama (ib. 8, 11) — *Este*, que vês olhar com gesto irado... Egas Moniz se chama (ib. 9, 13) — *Este* orbe, que primeiro vai correndo... Empyreo se nomeia (ib. 10, 81) — Olha est'outro debaxo, que esmaltado de corpos lisos anda (ib. 10, 87).

Semelhantemente fazem a distinção entre *isto* (que *eu* penso ou faço) e *isso* (que *tu* pensas ou fazes) ainda escriptores portuguezes do seculo XIX:

— Sabe? estou com idéa de mudar de casa. — Mudar de casa! Ora *essa!* Por que?... Então só hoje é que pensa *nisso*, creatura?! — E' verdade, tenho estado a pensar hoje *nisto*. Tenho minhas razões (E. de Queir., Crime 133); Embirro que faças *isso* diante do sr. parocho (ib. 100); nem me digas *isso* (ib. 114) — Nada: uma cousa de sentimento para o sr. parocho fazer idéa. — *Isso, isso*, disseram, uma cousa de sentimento! (ib. 65).

Na mesma obra de Eça de Queiroz ha frequentes exemplos de «nem diga *isso*» e «digo-lhe *isto*» (= é o que lhe digo), a pags. 194, 195, 198, 199, 257; «deixe-se *disso*» 257; «lá *isso*» 258 e passim. Confronte-se ainda:

— A senhora está certa *disso?* — Ora *essa*, sr. conego! (259); *Isso* [que tu dizes] não faço eu! (290) — *Isso* dizeis vós outros (Herc., Monge 1, 30).

O DEMONSTRATIVO REFERIDO A NOÇÃO DE TEMPO. — Nas determinações do tempo mais ou menos longo que abranja o momento em que se fala, emprega-se *este*, como: *esta semana, este mez, este anno, este seculo*. Reduzido o espaço de tempo á hora ou instante presente, usa-se, em linguagem familiar, muitas vezes o demonstrativo *isto* em lugar de *agora*:

Isto he noite fechada (G. Vic. 2, 467) — I-vos embora, senhor, que *isto* quer amanhecer (ib. 3, 37) — *Isto* vai sendo dia (ib. 3, 24)

— Mas *isto* é cedo (Garr. *Fr.* L. de Sousa, 126) — *Isto* são oito horas (ib. 57).

O demonstrativo *este* serve tambem para assignalar tempo muito proximo ao momento actual, mas este uso cinge-se a mui poucas expressões: *esta noite* (pode referir-se tanto á noite passada, como á vindoura), *esta manhan* (a manhan de hoje), *estes dias* (passados ou vindouros, mais proximos), *estes primeiros dias.*

Nisto no sentido de «então», «em tal momento» é expressão predilecta com que, durante uma narrativa, interrrompemos o curso das idéas e chamamos a attenção para uma occorrencia nova:

Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes, que pois eu fui... E *nisto*, de mimosa, o rosto banha em lagrimas ardentes (Cam., Lus. 2, 41) — Não disse mais o rio illustre... Acorda Emanuel cum novo espanto, e grande alteração de pensamento. Estendeu *nisto* Phebo o claro manto pelo escuro hemispherio somnolento (ib. 4, 75) — Partiu-se *nisto* emfim co'a companhia (ib. 1, 72) — Dai velas, disse, dai ao largo vento;... Alevanta-se *nisto* o movimento dos marinheiros (ib. 2, 65) — *Nisto* Phebo nas aguas encerrou co carro de crystal o claro dia (ib. 1, 56).

Em frases como as precedentes, *nisto*, indicando tempo, é expressão consagrada, que não se substitue por *nisso.* Não obstante dizemos *nesse instante*, *nesse dia*, *nessa hora*, *nesse anno*, alludindo a uma epoca distante da actual:

E logo *nesse instante* concertou pera a guerra o belligero apparelho (Cam., Lus. 1, 82) — Repartem-se e rodeião *nesse instante* as naos ligeiras, que hião por diante (ib. 2, 21) — Eis o que eu vi *nessa hora* de agonia (Herc., Eur. 51) — *Nessa noite* fria e humida, arrastado por agonia intima, vagava eu pelos alcantis escalvados (ib. 28).

A simples anteposição do pronome *esse* a um substantivo suppre muitas vezes a locução adverbial de tempo:

Depois, *esse* clarão sinistro [= o clarão sinistro que havia nesse momento] verberou na terra (Herc., Eur. 52) — Ao cruzar os umbraes domesticos, *esses* terrores [i. e. existentes nessa occasião] sumiram-se com os objectos que os geraram (ib. 50) — O espectaculo maravilhoso que se passava *nesse* espaço insondavel fazia-me erriçar os cabellos (ib. 51) — Deixarei submergir o meu debil esquife, sem que a *esses* gemidos que ouvi se vão ajuntar os meus (ib. 55).

Afastamento ou aproximação mental. — O demonstrativo *este* suggere a noção de proximidade em relação á pessoa que fala; por isso tambem o empregamos, na linguagem animada, para dar a impressão de que nos interessa muito de perto alguma cousa ou pessoa, comquanto de facto se ache um tanto afastada. O contrario se dá com o demonstrativo *esse*. Por outras palavras: com o pronome *este* a imaginação aproxima de nós cousas na realidade afastadas; com o pronome *esse* a imaginação arreda ou afasta de nós cousas que estão ou poderiam estar proximas:

Partimo-nos assi do santo templo... Certifico-te, oh rei, que se contemplo como fui *destas* [em vez de *dessas*] praias apartado, cheio dentro de duvida e receio, que a penas nos meus olhos ponho o freio (Cam., Lus. 4, 87) — Se *esta* gente, que busca outro hemispherio,... não queres que padeçam vituperio (ib. 1, 38) — Que gente será *esta?* em si diziam (ib. 1, 45) — Entendido tenho *destes* christãos sanguinolentos que quasi todo o mar tem destruido com roubos, com incendios violentos (ib. 1, 79) — Vês Africa, dos bens do mundo avara... olha *essa* terra toda, que se habita *dessa* gente sem lei, quasi infinita (ib. 10, 92) — [Neste ultimo passo a deusa, apontando para uma das muitas figuras que mostra ao Gama, deixa de empregar em opposição aos outros casos, o deictico *este*, indicando assim que Africa com seus habitantes é em tudo differente e apartada da gente e terra européa].

Notem-se ainda os seguintes exemplos:

Sabe que quantas naos *esta* viagem que tu fazes fizerem de atrevidas [*esta* por *essa* indica que quem fala é pessoa vivamente affectada ou interessada], inimiga terão esta paragem (Cam., Lus. 5, 43) — Que descuido foi *este* em que viveis? (ib. 6, 28) — Oh tu geração daquelle insano, cujo pecado e desobediencia... te poz *neste* desterro e triste ausencia (ib. 4, 98) — Já que *nesta* gostosa vaidade tanto enlevas a leve fantasia (ib. 4, 99) — Oh vã cubiça *desta* vaidade a quem chamamos fama (ib. 4, 95) — *Esta* vinda *desta* gente estranha (ib. 8, 45) — Senhor,... *estes* treedores *destes* Judeus dom Yuda, e dom Davi Negro que ssom da parte da rainha, teem gramdes tesouros escondidos (F. Lopes, D. J. 30) — Heide dar uma lição a *este* escravo *deste* povo que os soffre (Garr. Fr. L. 58) — Tens as mãos tão quentes! Beija-a na testa. E *esta* testa, *esta* testa!... escalda. — Se *isto* está sempre a ferver (ib. 84) — *Estes* ricos, *estes* grandes, que opprimem e desprezam tudo o que não são as suas vaidades (ib. 81) — Que ceremonias são *estas!* Que Deus é *esse* que está *nesse* altar e quer roubar o pai e a mãi a sua filha? (ib. 153) — Que mal te fiz eu para que *esse* desejo, *essa* idéa [a do anniquilamento] seja o que unicamente resta ao precito?... (Herc., Eur. 48) — Contam-se cousas incriveis *desses* povos que assolam a Africa (ib. 54).

O DEMONSTRATIVO ANAPHORICO. — Nos casos até aqui estudados considerámos o demonstrativo na sua função pura de *deictico*, isto é, indicando a situação de pessoas e cousas e o momento da acção em relação á pessoa que fala. Mas o demonstrativo desempenha tambem outro papel na linguagem: pode referir-se ás nossas proprias palavras, ao que acabamos de enunciar, como ao que vamos ainda enunciar. Neste caso diz-se que o demonstrativo é *anaphorico* *).

Serve á pessoa que fala *este, isto* de pronome anaphorico, para chamar a attenção tanto para o que se vai nomear ou citar em seguida, como para o que se mencionou ou explicou já anteriormente:

Entre *este* mar [que acabo de mencionar] e o Tanais (Cam., Lus. 3, 11) — E com *esta* victoria [que acabo de descrever] cobiçoso, já não descança o moço até que veja outro estrago, como *este*, temeroso (ib. 3, 76) — Entrava com toda *esta* companhia o Mir-almumini em Portugal (ib. 3, 78) — Passada *esta* tão prospera victoria (ib. 3, 118) — *Este* [o citado Pedro] castigador foi rigoroso de latrocinios, mortes e adulterios (ib. 3, 137) — *Estas* palavras taes falando orava: Sublime rei (ib. 2, 78) — Sentia escripta na consciencia... *esta* sentença cruel: nem a todos dá o tumulo a bonança das tempestades do espirito (Herc., Eur. 21) — *Isto* [que acabo de expor] chama prudencia o mundo estupido e ambicioso (ib. 46) — Mas se *isto* assim é, ao sacerdote não foi dado compreendel-o (ib. 7) — Os arabes! eis o unico grito..., e *esta* palavra é como a peste quando passa (ib. 61) — *Estes* aproximaram-se emfim (ib. 139).

Se alludimos a duas pessoas ou cousas differentes mencionadas antes, fazemos a distinção com o demonstrativo *aquelle* para a palavra nomeada em primeiro lugar, e *este* para a que vem por ultimo:

Não pudera desvanecer no coração do sacerdote os generosos affectos do guerreiro, nem as inspirações do poeta. O tempo havia santificado *aquelles*... e tornando **) *estas* mais solemnes (Herc., Eur. 12) — O somno ou a vigilia, que me importa *esta* ou *aquelle* (ib. 119).

A necessidade que sentimos de avivar bem a impressão deixada por nossas proprias palavras dá ao pronome anaphorico tal importancia, que o pronome *este, isto* predomina em geral, até mesmo em casos nos quaes, pelas con-

*) *Deictico* e *anaphorico* são termos tirados do grego e usados na linguistica moderna.

**) No original está *tornado*.

dições de afastamento ou tempo remoto, deveriamos esperar o uso do deictico *esse, isso*:

Ouvio-lhe *estas* palavras piadosas a fermosa Dione (Cam., Lus. 2, 333) — E *destas* brandas mostras commovido,... as lagrimas lhe alimpa (ib. 2, 42) — Já *neste* tempo o lucido planeta... chegava á desejada e lenta meta (ib. 2, 1) — Tanto com *estas* novas se alegrou (ib. 1, 98) — *Neste* tempo que as ancoras levavão (ib. 2, 66) — *Isto* dizendo, os barcos vão remando pera a frota (ib. 2, 106) — *Nestas* e outras (ib. 4, 92) — Pelejai verdadeiros Portugueses. *Isto* disse o magnanimo guerreiro (ib. 4, 38) — E dizendo *isto* arranca meia espada (ib. 4, 19) — Ser *isto* ordenação dos Ceos divina por sinaes muito claro se mostrou (ib. 4, 3) — Por *estes* vos darei um fero Nuno (ib. 1, 12) — Emquanto eu *estes* canto (ib. 1, 15) — Hum só homem houve no mundo, que nascesse homem. *Este* foi Adam (Vieira, Serm. 8, 285) — *Neste* momento... soava um correr de cavallo á redea solta (Herc., Eur. 105) — Desde *este* momento a ala direita dos mosselemanos começou de affrouxar (ib. 108) — Vingança! — *Este* brado foi repetido por Oppas (ib. 109) — A *esta* hora duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessou o ribeiro (ib. 131) — *Neste* momento aquellas vozes harmoniosas cessaram (ib. 136) — E é *neste* paiz [de que acabo de falar] que os caminhos de ferro estão devolutos por todo o tempo do officio divino (Herc., Lend. e Narr. 2, 214) — *Nesta* cidade de Manchester [a que me estou referindo] ha jardins zoologicos e botanicos que o povo frequenta gostoso (ib. 2, 214).

Querendo alludir ao que acaba de ser dito não por nós mesmos, mas pelo individuo ou individuos com quem falamos, servimo-nos do pronome anaphorico de 2.ª pessoa *esse, isso*:

Antiocho: Dai algum conforto a este desditoso a quem faltou a ventura — Calydonio: *Essa* [que tu acabas de proferir] palavra desditosa he alhea da escola de Christo (Arr. 582) — Por *essas* e outras taes visitas [de que vós falais] ficou o pobre do rei tão bem creado (Mello, Apol. Dial. 220) — Para que he fallar nesses [que dizes]? *Nesses* e outros semelhantes fallão todos, por isso não fallo eu (ib. 233) — Rogo-te... que me perdoes *isso* que dizes que te fiz (F. M. Pinto 3, 176) — Confronte com: E como tu *disto* que eu digo não podes ser o juiz... ey por escusado responder por mim (ib. 3, 170) — Mas... *nesse* caso... visto *isso* [= segundo o que tu acabas de dizer]... Visto *isso*, só o sr. Augusto pode explicar o mysterio (Din. Morg. 2, 114).

Expressões consagradas. — Posto que o emprego dos demonstrativos dependa em geral das regras até aqui expostas, ha comtudo certos dizeres em que se fixou, ou tende a fixar, o uso de um dos demonstrativos, sem attender a quaesquer considerações.

Assim, para indicar que vamos esclarecer um pensamento anterior, recorremos á expressão *isto é* (e nunca *isso é*).

Para representar pleonasticamente o sujeito, ou objecto, usa-se *esse*, *isso*:

Comer a baleia a Jonas, *essa* he a sepultura que o mar costuma dar aos homens (Vieira, Serm. 9, 321) — Quem fizer a vontade de meu pai... *esse* he minha mãe (ib. 3, 25) — A podenga negra, *essa* corria pelo aposento (Herc., Lend. e Narr. 2, 12) — A podenga negra, *essa* sumiu-se por tal arte, que ninguem no castello lhe tornou a pôr a vista em cima (ib. 2, 14) — Neves da serra no inverno, soes..., noites e madrugadas, *disso* se ria elle (ib. 2, 8) — Cujos eram os arreios, *isso* sabia-o o diabo (ib. 2, 41) — D. Diogo, *esse* ficou-o crendo (ib. 2, 45) — O' Lidador, *esse tinha* sido posto em cima dumas andas (ib. 2, 90) — A sciencia, *essa* é invulneravel (C. Castello Branco, Boh. 436) — Quanto ao... Simões... *esse* (ib. 446) — Aquelle que o alcançar, *esse* achou a tragedia nova (Garr. Fr. Luis de Sousa, 10).

Diz-se communmente *por isso*; mas encontra-se tambem a locução *por isto*. Na negativa usa-se dizer *não por isso* e *nem por isso*:

O pay pode não amar o filho, mas *nem por isso* deixa de ser pay; o filho pode não amar o pay, e *nem por isso* deixa de ser filho (Vieira, Serm. 8, 238) — Mas *nem por isso* vos negarei (ib. 2, 332) — João era parente, e parente muy querido; mas *nem por isso* João foi anteposto a Pedro (ib. 2, 358) — He verdade, que o primeiro amor he o primogenito do coração, porem a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas *não por isso* o mayor (ib. 2, 385).

Isto de equivale a «no tocante a», «no que diz respeito a»:

Isto das filhas tem muyta necessidade de attençam (Vieira, Serm. 8, 170) — *Nisto de* lugares vai grande engano (ib. 3, 152) — Como amasse, amou; e *isto de* amor sobre haver amado, não he só amar, senão amar mais (ib. 2, 388) — *Isto de* politicos (Din. Morg. 112) — *Isto de* metter scismas ás crianças (ib. 2, 158).

Demonstrativo e artigo. — O demonstrativo *o* seguido immediatamente de substantivo confunde-se em geral com o artigo. Acompanhado porem de preposição (geralmente *de*), v. g. na frase *força maior que a dos homens*, ou de uma oração adjectiva, v. g. *força maior do que a que os homens possuem*, resalta bem o caracter de pro-

nome anaphorico. No segundo caso *o* tambem pode ser substituido por *aquelle*. Ainda é pronome demonstrativo a palavra *o*, junto ao verbo *ser*, referindo-se a predicado mencionado antes, como *podia ser honrado, mas não o é*, ou referindo-se a uma frase inteira, que não queremos repetir. Nestes dois casos o demonstrativo tem a forma invariavel *o*, equivalente a *isso, tal* (cousa).

Pronomes relativos

Chamam-se pronomes *relativos* aquelles que, referindo-se a um nome ou a outro pronome anteriormente mencionado, o antecedente, iniciam oração subordinada a este. Pode a oração relativa delimitar o sentido do antecedente, como no exemplo *pedra que rola não cria bolor*, e neste caso é **restrictiva**; ou accrescentar simplesmente uma explicação, e então será **explicativa**, como neste exemplo: *contei o facto a Paulo, que por sua vez o contou a Antonio*.

Num e noutro exemplo a palavra *que* é pronome relativo, tendo para antecedentes respectivamente *pedra* e *Paulo*. No segundo caso vê-se que o pronome tem o mesmo sentido que *e elle, e este;* mas ao passo que os dous ultimos pronomes podem occorrer em orações principaes, cabe ao relativo *que* sempre papel secundario e dependente.

Possuimos em portuguez os pronomes relativos *que, o* (*a*) *qual, quem* e a forma possessiva *cujo* commum aos tres pronomes. Podemos ainda accrescentar a palavra *onde* quando equivalente de *em que*, e admissivel sómente quando se referir a nome que exprima cousa ou lugar:

Terra *onde* se informe da India e *onde* a gente se reforme (Cam., Lus. 1, 40) — Empresa *onde* rosto e narizes se cortava (ib. 3,41).

Variaveis são apenas: *o* (*a*) *qual*, plural *os* (*as*) *quaes*, de accordo com o antecedente, e *cujo*, que segue o genero e numero do substantivo posposto representando a cousa possuida.

Que, vocabulo atono ou de tonalidade fraca, é o relativo de emprego mais commum. Occorre em oração ex-

plicativa como em oração restrictiva, e tem para antecedente um nome ou um pronome.

O qual, pronome de tonalidade forte, presta-se a melhor avivar uma noção enunciada pouco antes (o seu antecedente); presta-se por isso mesmo tambem a evitar o sentido ambiguo em periodos com orações adjectivas subordinadas umas ás outras. Já se usou igualmente na accepção de «este», ou como pronome demonstrativo anaphorico, segundo se deprehende da leitura de documentos differentes até o seculo XVI, nos quaes com frequencia occorre depois de pausa forte (ponto e virgula ou ponto final). Exemplos em que *o qual* alterna com *que* afim de evitar o sentido dubio:

A mui grande Mandinga... *que* do curvo Gambea as agoas bebe, *as quaes* o largo Atlantico recebe (Cam., Lus. 5, 10) — Como o febricitante em dia ardente de estio, *que* aspira a brisa da tarde, *a qual* não pode saral-o, mas *que* lhe refrigera... o ardor do sangue, assim eu ainda me deixo afagar (Herc., Eur. 77) — Torrentes de guerreiros que... acomettiam ao lado dos Arabes, *os quaes* vacillavam e retrocediam (ib. 91).

Como demonstrativo anaphorico referido a um facto ou a um pensamento inteiro podia usar-se em port. ant., em lugar de *isto*, a expressão *o que* alternando com *a qual cousa:*

Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, rreçebemdoa depois de praça, *o que* fazer nom podia seemdo seu marido vivo (F. Lopes, D. J. 348) — E ell despemssando com elles... leixallo hia estomçe em emcarrego de sua comçiençia; *a qual cousa* nom ouve, nem numca lhe foi supplicado (ib. 359) — E posto que casar podessem sem despemssaçom, *o que* nom podiam... isto soo he abastamte (ib.) — E per esta guisa sse passaram sobre este feyto outras muytas rrazoões. *Ao que* elrey rrespomdeo que elle avia por milhor de teer assy seu arrayall (Zur. Ceuta 186) — E se trabalhariam de fazer alguũa novidade em vossos rreynos, *o que* seria azo de grande prigo (ib. 184) — E mandou logo fazer prestes toda a frota... *a qual cousa* foy feita muy ledamente (ib.) — Vos verees, disse elle, muito çedo aquillo que agora chamaaes fantasmas... *A qual cousa* nenhum dos outros podia creer (ib. 167) — Nom duvidou deçemder do çeeo, e poersse antre nós... ataa seer morto na cruz e livrarnos. *Em o que...* nos deu exemplo maravilhoso (ib. 162) — Rrogo... que façaaes delles [peccados] penitençia, avemdo firme proposito de vos guardar de pecar daqui em diante. *Polla qual cousa* serees assolltos de culpa (ib. 161).

Os escriptores da Renascença poucas vezes empregaram *a qual cousa*, *da qual cousa* etc., e adoptaram geral-

mente *o que, do que, no que, pelo que*, maneira de exprimir mais simples, mais elegante e que continuou a usar-se até os nossos dias. Dos exemplos sem conto desta linguagem bastará mencionar os seguintes:

Estes tres irmãos ficaram moços per falecimento de seu pai; *pelo que* o Emperador seu tio os criou em sua casa (D. de Goes 574) — As quaes partes o fizeram vingar o adulterio que a Emperatriz... cometia com hum seu veador della, e a matou com o mesmo adultero na cama, *do que* depois sobcedeo fazer o conde... crua guerra aos Saxões (ib. 574) — Tomou o castello de Cule... *o que* feito se foi a Arles (ib. 574) — Ficava por saber... donde procede esta real genealogia... *no que* assi como achei pareceres e opiniões differentes, achei tambem muito trabalho pera com verdade poder dizer cousa (ib. 577) — E lhe disserão que sem falta nenhũa seu filho morreria aquella noite, *pelo que* lhe seria melhor a elle mandarme cortar a cabeça (F. M. Pinto, 2, 221) — Elrey lhes respondeo que bem via quanta razão tinhão..., *pelo que* lhes rogava que lhe aconselhassem o que então devia de fazer (ib. 2, 222) — Passado o primeiro sono acendia candea, *pera o que* levava aparelho de fuzil e pederneira (Sousa, S. Dom. 198) — Acudio o prior... dizendo que seria bem tomar primeiro ordens de missa, *pera o que* logo deu traça (ib. 186) — Avia juntas mais de cem molheres... hũas lavrando em suas almofadas, outras cozendo, outras fiando...; *do que* tudo resulta ajudarem em hũa grande parte a despesa commum (Sousa, Arc. 1, 202) — Ganhou grande nome com os estrangeiros e naturaes, com grande alegria e aplauso dos padres que o criaram. *Do que* resultou declararem-no logo por Leytor de Artes do Collegio de Lisboa (ib. 1, 31) — Lembrava a elrey a obrigação que tinha... de ser S. Magestade o primeiro e mais riguroso zelador dos santos decretos... *pera o que* convinha que nem quizesse dispensação do Papa (ib. 1, 366) — Diz a mesma prophetiza que Deos para isso ha de conservar os pés dos seus santos... *O que* literalmente não só se póde, mas deve entender dos pés de São Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 440) — Não podia mover-se por espaço de tres ou quatro horas, que durou a conversação que tiveram [as ossadas] com ella. *Pelo que*, foi força acommodar-se áquelle trabalho penosissimo (Bern. N. Flor. 2, 130) — Desejará o leitor saber alguma cousa destas mysteriosas significações das vestes sagradas. *Ao que* satisfaremos brevemente (ib. 3, 382) — Logo o verdugo lhe cortou a cabeça. *O que* vendo Sto. Epitecto, deu gloria e louvor a Deus (ib. 3, 419) — *Ao que* elle respondeo (ib. 1, 28) — *Do que* tudo redundaram grandes cumulos de gloria (ib. 1, 85) — Em confirmação *do que* referirei... (ib. 1, 90).

As expressões *o que, no que, pelo que* (ou *polo que*, como tambem se dizia) referidas a facto que se acaba de enunciar, conservam sempre o determinativo *o*; diz-se porém, geralmente *com que*, e alguns autores costumam simplificar *ao que* em *a que*. Algumas vezes encontra-se tambem *de que* por *do que*:

Os nomes... achamos tambem no pergaminho... usando delles o autor... com pouca differença do poeta... *Com que* se fica acreditando bastantemente o poeta e o pergaminho, hum ao outro (Sousa, Arc. 1, 157) — Acudiram juntamente todos os fidalgos e gente nobre da cidade: *com que* foy tanto o rumor... que não pudera ser mayor se entrara a pessoa delrey (ib. 2, 43) — Considerando que as monçoens estavão no fim e que naquelle tempo se fechavão os portos, *com que* seria obrigado a invernar alli... no meyo desta afflicção fez voto a S. Francisco Xavier (Vieira, Serm. 8, 282) — Executou fielmente... e logo se ausentou para a sua patria. *Com que*, não houve lugar nem via por onde se soubesse... (Bern. N. Flor. 1, 489) — E assim lhe foi concedido; *com que*, chegou huma capa a cobrir toda huma cidade (ib. 2, 177) — *A que* elle replicou (F. M. Pinto 2, 235) — Qual foy a causa por que as vossas gentes... mataram os nossos tanto sem piedade...? *A que* respondemos que seria pelo successo de guerra (ib. 2, 236).

Com referencia a antecedente expresso por nome ou pronome, existe, ao lado da forma atona *que*, a forma tonica *quem*, usada porém sempre com preposição. Assim dizemos: *aquelle que procuras* e *aquelle com quem andas; o filho que obedece* e *o pai a quem respeita*. Este depender da presença ou ausencia de preposição é caso analogo ao das formas pessoaes *mim* e *me*, *ti* e *te*, etc. Mas como, em principio, não se applicam a cousas as expressões *a quem*, *de quem*, etc., o phenomeno deixa de ter a latitude que era de esperar.

Esta direcção no sentido dos seres animados, ou, mais rigorosamente, dos entes humanos, é devida sem duvida á influencia da palavra *quem* empregada como pronome interrogativo.

De facto, o pronome *quem*, preposicionado e com antecedente expresso, reserva-se hoje para seres humanos, (de um ou outro sexo, no singular ou no plural) raramente para outros entes animados:

Abasteciam a mesa desses godos, *a quem* a desgraça e a vida dura das solidões fizera mais fero (Herc., Eur. 103) — Comparavel ao bramido de cem leoas *a quem* os caçadores do Atlas houvessem... roubado os seus cachorrinhos (ib. 302) — Abandonado pelos mais nobres guerreiros, *para quem* a paz com os infieis seria incomparavel deshonra (ib. 165) — Quem fallava commigo sabei que he o anjo de Deus, como era o que S. Valeriano viu que fallava com Santa Cecilia sua esposa, *a quem* elegi por protectora do negocio que agora vos communicarei (Bern. N. Flor. 2, 344) — Converteu-se a Deus, e lhe entrou a luz do desengano com a morte de sua mulher, *a quem*

muito amava (ib. 3, 338) — Nelle tinha já destinadas as pessoas *a quem* havia de fazer o provimento (Vieira, Serm. 2, 112).

Ao sentir da linguagem actual parece pois um tanto arrojada a prodigalidade com que nos Lusiadas se emprega este pronome. Deixa-nos a impressão de que o poeta quiz dar vida e personalidade ainda ás cousas mortas; e de boa vontade substituiriamos *quem* por *o qual* nas seguintes passagens:

Jaz a soberba Europa, *a quem* rodeia... o Oceano e... o mar Mediterrano (Lus. 3, 6) — Cidade nobre e antiga, *a quem* cercando o Tejo em torno vai, suave e ledo (ib. 4, 10) — Desta vaidade *a quem* chamamos fama (ib. 4, 95) — Deixando a serra asperrima Lioa co cabo *a quem* das Palmas nome demos (ib. 5, 12) — Eu sou aquelle occulto e grande cabo *a quem* chamais vós outros Tormentorio (ib. 5, 50) — Chamam-te fama e gloria soberana, nomes *com quem* se o nescio povo engana (ib. 4, 96) — Andando, as lacteas tetas lhe tremiam *com quem* Amor brincava e não se via (ib. 2, 36).

Tambem na linguagem actual pode-se usar *o qual* em lugar de *quem* (referido a ente humano). A substituição é possivel quando o antecedente vem enunciado por um nome e não por outro pronome. Assim dizemos: *um amigo* **a quem** (ou **ao qual**) *devo muitos favores, uma filha* **a quem** *quero muito bem,* porém **tu a quem** *obedece todo o mundo;* **aquelle a quem** *tudo está sujeito;* **outros em quem** *poder não teve a morte.*

PRONOME RELATIVO INDEFINIDO. — Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança* servimo-nos de um pronome visivelmente destituido de antecedente. Mas como o vocabulo *quem* ahi suggere a noção de «homem (ou mulher) que», «alguem que» sentimo-nos propensos a ladear a questão linguistica, analysando não já o pronome tal qual em taes frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semantico. Esse methodo condemnavel, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espirito quando applicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse; não faças mal a quem quer que te offenda* *).

---

*) Que seria forçada a decomposição em «homem que», ainda se evidencia formando frases analogas em outras linguas, v. g. em francez com *quiconque,* em latim com *quisquis, quicumque,* etc.

Sweet propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois ultimos exemplos a denominação de relativo *condensado* « por desempenhar o proprio relativo tambem funções de antecedente». Qualificativo commodo, sem duvida, mas não ditado pelo criterio historico-comparativo. Estudos mais rigorosos (Delbrück e Brugmann) permittem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogações indirectas e ao indefinido *quem*.

O relativo indefinido gera orações de caracter substantivo; o relativo propriamente dito (com antecedente) dá origem a orações de caracter adjectivo. Comparemos *quem trabalha* (o trabalhador) e *o general que venceu* (o general victorioso).

Constituem as orações do primeiro typo um todo e se forem precedidas de preposição dependente de verbo ou nome de outra oração, esta particula regerá não a palavra *quem* sujeito, mas a frase toda como se fosse um substantivo:

O sprito deu a | *quem* lh'o tinha dado (Cam., Lus. 3, 28) — Por via irá direita | *quem* do opportuno tempo se aproveita (ib. 1, 76) — Não sabem nesta pressa | *quem* lhe valha (ib. 2, 25) — Tem cuidado de | *quem* sem ti não pode ser guardado (ib. 2, 31) — Por ter sujeito o coração a | *quem* soube vencel-a (ib, 3,127) — Sabe tambem dar com clemencia a | *quem* para perdel-a não fez erro (ib. 3, 128).

Evidentemente *quem* tambem pode servir de objecto na oração substantiva e como tal poderá ter sua preposição propria:

Não tendo Gothfredo | *a quem* resista (Cam., Lus. 3, 27) — Não tendo | *a quem* vencer na terra (ib, 4, 48) — Assi recebem junto e dão feridas como | *a quem* já não doe perder as vidas (ib. 4, 39).

Tudo quanto até aqui expuzemos a proposito de *quem* refere-se unicamente á função e emprego deste pronome. Quanto á origem do vocabulo, importa saber que o pronome *quem* nada mais é do que o accusativo latino *quem* dos pronomes relativo, interrogativo e relativo-indefinido *qui*, *quis*. O vocabulo, pronunciado differentemente do latim, accommodou-se a funções que não tinha, podendo

servir não só de complemento, mas ainda de sujeito de oração *).

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos da lingua portugueza desde os seus primeiros tempos são: *quem, qual, que*. Como equivalente de *que* (= que cousa), e em certos casos preferida, surdiu e fixou-se em portuguez hodierno a forma tonica *o que*.

Quem (do latim *quem*) é sempre pronome absoluto, invariavel, com o qual em pergunta nos referimos a pessoas desconhecidas ou indeterminadas, quer do sexo masculino, quer do sexo feminino:

Quem está ahi? — *Quem* te disse tal cousa? — *Quem* é aquella mulher? — *Quem* são os filhos do Egypto senão os filhos deste mundo? (Bern. N. Flor. 3, 458) — *Quem* são teus pais? (ib. 3, 404) — O' filhinhos, filhinhos meus, gerados agora de novo no interior de minha alma, *quem* fora tão bemaventurada que pudera remir vossas vidas...? (F. M. Pinto 2, 304).

Tem este pronome a forma possessiva *cujo*, dando-se-lhe genero e numero da cousa possuida.

Cujas sõ estas coroas tã esplandeçentes (S. Josaph. 47) — *Cuja* he esta barca que preste? (G. Vic. 1, 232) — *Cuja* he esta imagem? (Vieira, Serm. 5, 334) — E as despesas deste injusto intertenimento... por *cuja* conta correm? (ib. 2, 92) — E todos esses bens que juntaste a que chamas bens, *cujos* serão? (ib. 5, 456).

Esta forma possessiva é desusada hoje em dia nas interrogações. Em seu lugar diz-se geralmente *de quem*: *De quem* são estas coroas? *De quem* é esta barca? etc.

Que pode ser pronome absoluto ou adjunto. No primeiro caso é usado em opposição a *quem* para denotar cousa e não pessoa. No segundo caso tem o sentido de «que especie de»:

Que é isso? — *Que* te disse eu? — *Que gente* será esta?... (Cam., Lus. 1, 45) — *Que contos* poderemos ter milhores pera passar o tempo,

*) A função de accusativo que tinha a forma latina *quem* só persiste — diz Meyer-Lübke — no dialecto logudorense, ao passo que nos demais falares que se servem deste vocabulo (rumeno, campidanez, obwaldez, suisso, malhorquez, hespanhol e portuguez), é elle empregado tambem como nominativo.

que de amores? (ib. 6, 40) — *Que má tenção, que peito* em nós se sente, que de tão pouca gente se arreceia? (ib. 2, 81).

Qual com o seu plural *quaes* indica selecção entre diversas pessoas ou cousas e emprega-se em geral isoladamente, mas algumas vezes tambem com o nome logo depois:

Qual será o amor bastante de nympha que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Orgulho humano, *qual* és tu mais — feroz, estupido ou ridiculo? (Herc., Eur. 25) — Em *qual coração* resta hoje virtude e esforço, no vasto imperio de Hespanha? (ib. 27) — *Quaes* d'entre vós... sois neste mundo sós?... — *Quaes* de vós sois, como eu, desterrados no meio do genero humano? (ib. 185) — Em *qual* das atalaias estão os traidores? (ib. 208) — *Qual caminho* seguem os arabes? (ib. 262) — E *quaes* foram as novas dos pegureiros? (ib. 262) — Era necessario que as monjas soubessem *qual futuro* as aguardava (ib. 143).

Interrogações indirectas. — As perguntas não se fazem só directamente, isto é, elevando a voz no fim da proposição ou pondo um signal particular na escripta. Tornando a questão dependente de verbo que exprima ignorancia ou duvida, tambem denunciamos muitas vezes o desejo de uma resposta. Comparem-se estes exemplos: *Que gente é esta?* e *Não sei que gente é esta.* Sob a mesma feição indirecta (oração dependente) tambem podemos dar conhecimento a outrem de perguntas que na realidade se formulam directamente. Assim transformamos em *Perguntou-me quem eu era e qual o meu officio* a questão directa *Perguntou-me: quem és tu? Qual o teu officio?*

São ainda interrogações indirectas proposições como *vejamos quem elle é, e o que nos traz* correspondendo ao typo primitivo *Vejamos* (estas questões): *quem é elle? e (o) que nos traz?*

Vê-se claramente que as palavras *quem, qual, que* sendo pronomes interrogativos nas questões directas, tambem o são nas respectivas questões indirectas, nem podem ser outra cousa.

Origem e emprego do interrogativo o que. — Esta forma foi a principio estranha á lingua, mesmo nas interrogações indirectas onde mais tarde se generalisou. Restam-nos provas disto em passagens como as seguintes:

Sei eu bem *que* [= o que] vus van dizer (Canc. 36, 155) — Vedes *que* [= o que] lhe rogarei (ib. 75, 105) — Vedes *que* mi aven (ib. 99, 206) — Seu coraçom nunca soube *que* era medo senom de pecar (Zur. Guiné, 24) — Nom sabyam *que* [= o que] era pam nem vinho (ib. 137) — Não sei *que* he nem *que* não (G. Vic. 3, 73) — A vizinhança *que* [= que cousa] dirá se meu marido aqui não 'stá e vos ouvirem cantar (ib. 3, 35) — Nunca sabe *que* [= o que] é temor (ib. 3, 112).

Em muitos casos o sentido era dubio, ou pelo menos confuso, porque a palavra *que*, alem de pronome, tambem pode ser particula (conjunção); *eu bem sei que dizem* tanto corresponderia ao inglez *I know what they say* como a *I know that they say*. D'ahi a necessidade de um expediente, e este expediente se encontrou nas expressões *a cousa que*, *aquillo que*, ou, mais simplesmente, *o que*.

O confronto de *não sei o que é* com as frases parallelas *não sei quem é*, *não sei qual é*, determinou o escurecimento da noção demonstrativa no vocabulo *o*, passando elle a funcionar, nas interrogações indirectas, como um reforço do pronome *que*.

Admittida a forma *o que* na interrogação indirecta, estava dado o primeiro passo para a sua admissão nas perguntas directas. Aqui de facto penetrou, menos pelo sentido dubio da forma primitiva do que por uma questão de ordem phonetica. *Que* tornara-se vocabulo atono ou quasi atono; *o que* possuia accentuação forte, que conservou até hoje.

Collocado no fim da frase, o interrogativo necessariamente tem de sobresahir pela intonação; por isso o antigo *que* foi supplantado por *o que* nestas frases:

Vais escrever *o que?* [por *vais escrever que?*] — Via-se descer, romper, saltar... *o que?* (Herc., Lend. e Narr. 2, 39) — Foi aqui *o que?* (Garr., Viagens 1, 72) — Mas... ella *o que?* (ib. 1, 133) — Senão *o que?* (Garr., Cam. 1, 122) — Deveis *o que?* (ib. 68) — Dizem *o que?* Devo... *o que?* Dizes *o que?* Fazer *o que?* (exemplos de A. F. Castilho).

Nenhuma alteração requer o interrogativo *que* quando regido de preposição; esta, como palavra proclitica que é, basta para reviver a tonalidade amortecida dos pronomes *): *Escreves para quê?* (ou *para que escreves?*) *Fa-*

*) O mesmo phenomeno se observa nos pronomes pessoaes. Comparem-se *me* e *a mim*, *te* e *de ti*, *nos* e *para nós*. Em outras linguas tambem vemos factos analogos (v. g. em francez *me* e *à moi*, em allemão *er sicht mich* e *das ist für mich*).

larás de quê? Divertiram-se com quê? Dedicou-se a quê? (ou *a que se dedicou?*) *Em que consiste a felicidade?* (ou *a felicidade em que consiste?*).

No principio ou no meio da oração, o simples *que* (não preposicionado) pode ser substituido por *o que*, desde que o escriptor queira pôr em relevo o interrogativo. A necessidade desse relevo no começo de pergunta não se animaram os escriptores a manifestar senão modernamente. Ao senso commum parece tão legitimo *dizes o que?* como *o que dizes?* A grammatica, reconhecendo interrogativo accentuado no primeiro caso, reconhece-o tambem no segundo *). É isto o que explica as seguintes passagens:

O que é que eu vejo? Estes gritos, *que* são?! (Castilho, Metam. 154) — Eu, nympha, eu, menos forte, *o que* podia? (ib. 264) — *O que* foi isto? (Castilho, Fausto 177) — Logo, se não é drama, *o que* é? (Castilho, Cam. prol.) — Agora por isto, *que* será feito de frei Timotheo?!... — *O que* será feito delle? (Herc., Lend. e Narr. 2, 135) — *O que* hade ser della e de nós? (Garr., Fr. L. de Sousa 41) — E a voz da terra, *o que* é? (Herc., Harpa do Cr.) — *O que* é o direito da propriedade? *o que* é o livro? (Herc., Opusc. 2, 64-65).

Posto que os supracitados exemplos de *o que* a par do simples *que* sejam de autores do seculo XIX, não se colhendo exemplos analogos em seiscentistas nem na linguagem grave dos quinhentistas, é certo entretanto que o emprego do interrogativo *o que* na linguagem falada remonta pelo menos ao seculo XVI. Houve, neste longo periodo, da parte dos escriptores o receio de afastar-se da tradição, não ousando elles admittir em suas obras uma expressão já sancionada pelo falar usual. Provam a antiguidade do emprego do interrogativo *o que* os trechos seguintes:

O que farey a estes rostos que tão asinha se mudam? (Sá de Mir. 2, 98) — Riqueza ou grande poder, ou muito alta senhoria, ou bonança ou alegria, pois logo deixa de ser, quando era, *o que* seria? (G. Vic. 3, 344) — Ora, senhor, *o que* dizeis? (A. Prestes 199) — Agora *o que* has de fazer? (ib. 490) — *O que* hão botas com chinelas? (ib. 159) — Moço, isto *o que* quer ser? (ib. 315).

---

*) Tentaram alguns explicar o caso de *o que* posposto, e só esta hypothese, pela ellipse, esquecendo-se de que a elastica figura torna por identico raciocinio muitissimo legitimo tambem o caso de *o que* iniciando a oração.
Veja-se sobre este assunto o meu livro *Difficuldades da Lingua Portugueza*, cap. *Phenomenos de intonação*.

Pronomes indefinidos

Os pronomes pessoaes, referindo-se, segundo vimos, ao individuo que fala e áquelle com que se fala, representam, cada vez que se empregam, pessoas certas e determinadas. O pronome da 3.ª pessoa, substituindo um nome anteriormente mencionado, lembra um ente determinado e conhecido pelo discurso. Poderiamos, pois, dizer que o pronome pessoal é um pronome *definido*.

A par destes pronomes existe um grupo de vocabulos de caracter pronominal que, como a palavra «elle», requerem o verbo na 3.ª pessoa, differindo todavia do pronome pessoal por indicarem um ente vagamente, como a palavra *alguem*, ou um ente qualquer, que recordará, mas não necessariamente, algum nome enunciado antes. Constituem taes vocabulos o grupo dos pronomes *indefinidos*.

Parte dos pronomes indefinidos são invariaveis, v. g. *alguem, outrem, ninguem*, e, como os pessoaes, só se usam substantivamente; parte são variaveis, v. g. *algum, outro*, e empregam-se as mais das vezes como adjuntos, isto é, como adjectivos a delimitar os seres expressos pelos nomes a que se ajuntam. Excepcionalmente é o indefinido *cada* a um tempo adjunto e invariavel.

Os pronomes indefinidos confundem-se ás vezes com os quantitativos ou numeraes. E a classificação em uma ou outra categoria na verdade só é possivel pelo sentido, apurando-se se domina a noção de pessoa ou cousa vaga e indeterminada, ou se a de quantidade ou numero. Confronte-se o sentido de «muita» nestes exemplos: *muita gente não pensa assim; havia muita gente na praça.*

INDEFINIDOS DISTRIBUTIVOS. — Indicam distribuição, em frases coordenadas, dous ou mais pronomes differentes, como *um... outro*, ou o mesmo pronome repetido, porem reportado a seres differentes, como neste exemplo: *quem o abraça, quem o beija* por *um o abraça, outro o beija.*

Possuia a nossa lingua uma variedade notavel de indefinidos distributivos. Foram porem cahindo em desuso

com excepção de *um*... (*o*) *outro*, variaveis em genero e numero. O primeiro elemento «um» admittia tambem a anteposição do artigo definido, como se observa frequentemente na linguagem dos antigos chronistas e ainda nas Decadas de João de Barros:

As humas como as outras (Zur., D. P. de Men. 441) — Desculpando-se *o hum* e *o outro* (ib. 448) — *Da huma* como *da outra* parte (ib. 460) — Por duas razões: *a uma*... *a outra* (F. Lopes., D. Fern. 327) — Duas cousas: *a huma* que saqueassem a cidade primeiro; e *a outra* que cometessem o palmar (Barr., Dec. 1, 8, 8) — *Os huns* nem *os outros* (Zur., D. P. de Men. 466).

No plural tambem se usava *delles* alternando com *uns*, *outros*, ou *delles*... *delles* simplesmente:

Delles armados, *outros* sem armas (F. Lopes, C. F. 362) — *Huns*... *delles*..., *outros*... (F. Lopes, ib. 195) — *Delles* (= uns...) *delles* (= outros) (Zur., C. P. 378, 436, 532, 534, 540, etc.).

A repetição do pronome *al* tinha o sentido de «uma cousa»... «outra cousa», como o prova este adagio antigo: *all cuyda o bayo e all cuyda quem no seela*.

Nos Lusiadas não ha exemplos desses modos de dizer antiquados; mas ahi encontramos precedentes para o uso, hoje restricto, de *quem*... *quem*, *qual*... *qual*..., *este*... *este*... :

Quem se afoga nas ondas encurvadas, *quem* bebe o mar e o deita juntamente (Cam., Lus. 1, 92) — *Qual* vai dizendo: Oh filho a quem eu tinha só para refrigerio e doce amparo...; *qual* em cabello: oh doce e amado esposo... (ib. 4, 90-91) — *Qual* do cavallo voa, que não dece; *qual*, co cavallo em terra dando, geme; *qual* vermelhas as armas faz de brancas; *qual* cos pennachos do elmo açouta as ancas (ib. 6, 64) — *Este* rende munidas fortalezas...; *este* a mais nobres faz fazer vilezas...; *este* corrompe virginaes purezas...; *este* deprava ás vezes as sciencias...; *este* interpreta mais que subtilmente os textos; *este* faz e desfaz leis; *este* causa os perjurios entre as gentes (ib. 8, 98-99).

Os PRONOMES **rem, nada**. — A vulgarissima palavra *nada* é um exemplo de adjectivo ou, antes, de participio transformado em pronome. Semanticamente, equivale a «nenhuma cousa», isto é, refere-se de modo negativo a qualquer ser inanimado.

Nada é propriamente o participio feminino do verbo «nascer», e a expressão primitiva *rem nada*, significava o mesmo que «cousa nascida» (= lat. *rem natam*). Cedo se obliteraram estas duas noções, e como para pronome um dos vocabulos fosse sufficiente, veio a desapparecer o outro. Curioso é ter o adjectivo supplantado o substantivo. *Rem* com o mesmo sentido que o francez *rien* (em que prevaleceu o substantivo sobre o adjectivo), já de todo desconhecido no tempo do chronista Fernão Lopes, dominou no periodo mais antigo da nossa lingua e foi com predilecção usado nos Cancioneiros, onde a cada passo se topam exemplos como os seguintes:

Mas empero direi vos ũa *rem* (Canc. D. Diniz 23) — Desej'eu mui mais d'outra *rem* (ib. 26) — Ca sõo certo d'ũa *rem* (ib. 29) — Nom dou eu por tal enfinta *rem* (ib. 71) — Nunca Deus fez tal coita qual eu ei com a *rem* do mundo que mais amei (ib. 18).

«Cousa nascida» ou «rem nada» era metaphora de que a lingua se soccorria em frases negativas, para exprimir a inexistencia absoluta de qualquer cousa; processo analogo ao que se mostra posteriormente com as metaphoras *nem migalha*, *nem ponta*, *nem sombra* e outras. E o que a estes dizeres menos remotos impede de nos darem impressão perfeita de pronomes indefinidos como aquelles dois vocabulos antigos, é o não ter-se de todo apagado da memoria o sentido proprio dest'outros vocabulos.

Homem e a gente. — Tem de commum estes dois pronomes o mostrarem visivelmente que se originaram cada qual de um substantivo; ou, melhor, são nomes que assumem caracter pronominal quando usados, não já na accepção propria, mas para indicar agente vago e indeterminado.

Quanto á epoca de seu emprego, occupam polos oppostos na historia da lingua. *Homem* era de uso commum no portuguez primitivo; menos frequente no seculo 15, perdura todavia, mórmente na linguágem popular, deixando vestigios até o seculo 16. *A gente* é usado principalmente na linguagem familiar da actualidade. Exemplos do pronome indefinido *homem*:

Em aquel tempo nom podia *homem* achar em todo o regno de logres donzel tam fremoso nem tam bem feito (S. Graal 4) — Eu te

farei taaes cousas quaaes nunca *homẽ* fez a *seu* inimigo (S. Joseph. 24) — Era tam esprandecente que bem se podia *homem* veer em ella como em espelho (Corte Imp. 6) — Logo vossa tençom seria boa se *homem* tevesse lugar aparelhado em que trabalhando sperasse receber proveito (Zur. Guiné 313) — E *homem* dá-se mais que deve muitas vezes ó cuidado (Sá de Mir. 387) — Comem trigo e nós d'avea. Eles bebem, *homem* sua, doe-lhes pouco a dor alhea (ib. 360) — Certo he grande erro não conhecer *homem* seu erro (H. Pinto 2, 480) — Platão dizem, que dizia, que os amigos eram ladrões do tempo. Bem me parece tel-o de contino, mas nanos conversar se não raramente: porque como *homem* tem seus exercicios ordinarios, dão-nos os amigos molestia, se nos visitam amiude (ib. 2, 382) — Eu perdi a mor ventura que *homem* nunca perdeo (G. Vic. 3, 293).

A linguagem literaria, principalmente a partir da era camoneana, prefere indicar o agente indeterminado por outro modo. Os recursos mais communs são: a forma reflexiva do verbo, o verbo na 3.ª pessoa do plural sem nomear sujeito algum, o verbo na 1.ª do plural.

Os INDEFINIDOS: **alguem, ninguem, algum, nenhum, um.** — Os dois primeiros denotam, um affirmativamente, outro negativamente, qualquer ente humano. Os tres ultimos, sendo pronomes adjuntos, não podem ser empregados para o mesmo effeito senão unidos a substantivo como *homem, pessoa.* No portuguez antigo porem os pronomes *algum, nenhum* usavam-se não sómente como adjuntos, mas ainda como absolutos e, neste caso, na accepção de «alguem», «ninguem»:

Quando elle chegou aos tendilhões, catou dentro, mas nom viu *nenhuũ* fora hũa dona que jazia hi dormindo (S. Graal 122) — Nõ osabe *nenhũu* hu he (Vida S. Am. 118) — Tam grande sandice he... desprezar o estado das virtudes e escolher o estado dos pecados, como seria se *alguũ* quisesse passar alguũ ryo perijgoso e tormentoso (Leal Cons. 297) — Se *alguũ* que leer ou ouvir esta estoria fezer pregunta (F. Lopes, C. J. 6) — Nem era *alguũ* ousado de tall cousa dizer (ib. 6) — Disse mui escusamente ao comde de Barcellos que o nom sentio *nenhuũ* (ib. 28) — Nom que ell descobrisse a *nehuũ* tall segredo (ib. 15).

Em Camões encontramos *algum* como pronome absoluto, no sentido acima definido e, alem disso, o mesmo vocabulo como pronome adjunto na accepção de «muito» (francez *maint*) no seguinte passo:

Algum d'ali tomou perpetuo somno, e fez da vida ao fim breve intervallo; correndo *algum cavallo* vai sem dono, e noutra parte o dono sem cavallo (Lus. 6, 65).

Exemplos de *um* na accepção de «alguem» não são raros na Nova Floresta de Bernardes. Mas como difficilmente se encontra o indefinido com tal significação em escriptores anteriores, parece antes que o seiscentista se utilisou de um estrangeirismo (cf. o uso do ital. *uno*), o qual todavia não conseguiu acclimar-se em nossa lingua:

Quanto *hum* he mais pobre, tanto tem menos parentes (N. Flor. 1, 259) — Não he por certo esta a humildade que o Padre Affonso Rodrigues chama de garavato, que he dizer *hum* males de si proprio, para que os ouvintes acudam por elle (ib. 5, 272) — Avisa o Espirito Santo que não queira *hum* ser juiz, senão sente em si virtude poderosa para contrastar iniquidades (ib. 5, 269).

Cada, qualquer. — Servem para individualisar os seres: *cada* applica-se a um por um dos seres de que se trata; *qualquer* e seu plural *quaesquer* referem-se a individuo ou individuos tomados indifferentemente d'entre outros da mesma especie.

Cada não occorre isoladamente, senão em certos exemplos antigos como:

Soom porem tam triste *cada* que della ouço fallar (S. Graal 87) [por *cada vez que*] — *Cada* que as ouço (ib. 84) — Dizem que devem hy pousar *cada* que hi veherem (C. d'Elvas 47).

Diz-se *cada um*, *cada qual*, ou então a palavra *cada* seguida de um substantivo: *cada anno*, *cada hora*. Ainda neste ultimo caso mantinha-se outrora frequentemente a palavra *um*, v. g. *cada um anno*, *cada uma hora*:

Em dia de sam johã bautista ouverõ antre sy gram batalha... e *cada huũ* anno lidam assy en aquell dia (S. Am. 510) — Ella hya em *cada huũ* anno tres vezes aaquelle moesteiro (ib. 514) Apartando logo quatro pera *cada hũa* parte (Zur. Guiné 197) Huũ grande dito e mui proveitoso, que *cada hũu* Rei e Principe deve haver em sseu comsselho (F. Lopes, D. J. 88).

Outra particularidade do port. ant. é a variabilidade de numero do vocabulo *um* na combinação pronominal:

Cada huns pera suas casas (Zur., Ined. 2, 480) — *Cada hũus* pera seu cabo (Zur. Guiné 197) — *Cada huũs* se foram pera suas terras (F. Lopes, D. J. 13) — *Cada huũas* virtudes som mereçedores de seus pregoões (ib. 56).

Na antiga legislação portugueza usa-se *cada hum* não sómente com o valor additivo de «um por um», mas ain-

da como synonymo de «qualquer». Exemplos desta segunda especie:

Nem [averá lugar a pena] em mestre ou piloto de navio que castigar *cada huũ* dos marinheiros, ou servidores do navio, em quanto estiverem sob seu mandado (Ord. D. Man. 5, 11) — Pero naquelle que for ordenado por tal crime em *cada hũ* dos sobreditos casos nom se fará execuçom atee no-lo fazerem saber (ib. 5, 18) — E se o cavallo morrer a *cada huũ* dos sobreditos, que obrigados sam de o teer, pera gozar dos ditos privilegios, ou liberdades, será obrigado dentro de seis meses, do dia que elle morrer, comprar outro cavallo, pera gozar dos ditos privilegios (ib. 2, 38). — Todo homem que com outrem viver, quer por soldada, quer a bem fazer, e casar com a filha, ou madre, ou irmã, ou prima com irmã daquelle ou daquella com que viver, quer esteem das portas adentro, quer fora de casa, sem mandado, ou licença do senhor com que viver; ou dormir com *cada hũa* das sobreditas, quer dentro em casa de senhor, quer fora... moura por ello morte natural (ib. 5, 17).

Todo e tudo *) — O primeiro destes vocabulos, variavel em genero e numero, pertence á lingua desde os mais remotos tempos; o segundo, invariavel, data da literatura quinhentista e substitue o antigo *todo* empregado no sentido de «toda a cousa».

Serve o singular *todo* para designar o conjunto ou inteireza, e antepõe-se ou pospõe-se a nomes previamente determinados por outro pronome adjunto, ou pelo artigo: *todo este paiz* ou *todo o paiz está arruinado*. Se se trata de nome proprio, a presença do artigo dependerá de o dito nome usar-se ou não com artigo. Assim diz-se *todo o Brasil, toda a India*, porem *todo Portugal, toda Goa* (Veja-se o capitulo sobre o artigo).

Documentam a regra do emprego de *todo* denotando inteireza os seguintes passos:

Das grandes naos do Samorim potente, que encherão *todo o mar*... fará pedaços (Cam., Lus. 10, 28) — *O mar todo* ferve (ib. 10, 29) — *O polo todo* ardia (ib. 6, 76) — *A terra toda* possuia (ib. 7, 16) — Cabeça... de *Europa toda* (ib. 3, 17) — Não tirarão *toda a India* e Egypto (ib. 10, 37) — *Todo Portugal* aos Mouros toma (ib. 8, 18) — Fernão Peres o seguio *hũa tarde toda* (Barros, Dec. 2, 9, 3) — Esperarão *todo hũ dia* (Castanh. 1, 50) — Com *toda hũa coxa* fora (Cam., Lus. 10, 31) — Neste mesmo exemplo vemos como Deos castiga *todo um reyno* por culpa do seu rey (Arr. Dial. 187) — Inficionão *toda*

*) Veja-se a proposito de *todo, tudo*, Said Ali, *Difficuldades da Lingua Portugueza*[2] pag. 169-187.

hũa republica (ib. 62) — E ás vezes de não apagar hũa palha se vem atear o fogo nũa e noutra até que vem a queymar *toda hũa casa* (H. Pinto 1, 3) — Que será ver a Deus por *toda hũa eternidade* (Bern., L. e C. 339) — Abrahão dividido e por partes teve muytos semelhantes; *todo Abrahão*, e por junto, ninguem lhe foy semelhante (Vieira, Serm. 1, 414) — Segue-se que *todo Nabucodonosor* cabia dentro do dedo meminho da sua imagem (ib. 5, 342) — Se Christo está em *toda a Hostia*, *todo Christo* não pode estar em qualquer parte della (ib. 1, 192) — Em qual destes lugares ou tempos estava mais applicado *todo Xavier?* (ib. 8, 324) — A rainha... substituira á severidade antiga do paço *todo o brilho* de um luxo insensato (Herc., L. e Narr. 1, 186).

A locução *todo o mundo* usa-se não sómente no sentido rigoroso de «o mundo inteiro», mas ainda em accepção translata, designando-se hyperbolicamente pelo Orbe terrestre simplesmente a collectividade humana. Neste segundo caso, a locução tem caracter fixo, ao passo que na primeira hypothese é indifferente collocar a palavra *todo* antes ou depois de *o mundo:*

Posto que em *todo o mundo*... resuscitassem (Cam., Lus. 2, 55) — A santa providencia... governa *o mundo todo* (ib. 10, 83) — Para o juizo de Deos hade ir ao valle de Josaphat *todo o mundo;* para o juizo dos homens *todo o mundo* he valle de Josaphat (Vieira, Serm. 5, 81) — Para eu não sahir condenado, he necessario que *todo o mundo* seja innocente (ib. 5, 84) — Peccados... os quaes não só Deos, mas *todo o mundo* está conhecendo (ib. 5, 33).

Nas expressões de velocidade maxima *a toda a brida* (Herc., Eur. 212), *a todo o galope* (Herc., Lend. e Narr. 2, 91), *a toda a pressa* (Vieira, Serm. 2, 181; ib. 6, 539; Bern., L. e C. 303; Bern., N. Flor. 1, 14; 1,125; 1, 148; 1, 210; 1, 215; 1, 273; 2, 5), usa-se o artigo como no superlativo de adjectivos e adverbios.

Com as expressões *o resto*, *o restante*, *o mais*, *o outro* considera-se em conjunto a parte complementar de pessoas ou cousas mencionadas anteriormente. Como reforço a estas locuções se lhes antepõe a palavra *todo*, sendo que com *o mais* desacompanhado de substantivo e equivalendo a «as mais cousas», se usa, em port. mod., *tudo* em lugar de *todo:*

Tudo o mais eram cousas pera dar aos Reys (Barros, Dec. 1, 4, 3) — *Toda a mais* povoação era de madeira cuberta (ib. 1, 4, 7) — Destes dous generos de gente [Brammanes e Naires], sendo a mais nobre da terra, viviam nella [cidade] mui poucos: *toda a outra* povoação era de Mouros e Gentio mecanico (ib. 1, 4, 7) — Convoca as

filhas de Nereu com *toda a mais* cerulea companhia (Cam., Lus. 2, 19) — Animaes, que elles tem em mais estima que *todo o outro* gado das manadas (ib. 5, 63) — Logo *todo o restante* se partiu de Lusitania, postos em fugida: O Miralmomini só não fugio, porque antes de fugir lhe foge a vida (ib. 3, 82) — De *toda a mais* commodidade e alfayas que a velhice permitte e as doenças desculpão estava [a cella] erma (Sousa, S. Dom. 275) — Não renderá menos lustre a *todo o resto* de Hespanha (ib. 21) — Assim passa sómente por ella a vida, e *tudo o mais* [que são os peccados] fica dentro, e nada passa (Vieira, Serm. 5, 25) — Que um homem só e desassistido de *toda a outra* companhia e poder, se atrevesse (ib. 3, 312) — O mesmo professa toda a escola cega e torpe deste infame mestre... e com seu collega Calvino *toda a outra* sentina dos hereges de nosso tempo (ib. 9, 397) — Dá conta... de todas as palavras de tua lingua e *tudo o mais* que tu sabes (ib. 5, 49) — *Tudo o mais* contrastava... com ellas (Herc., Lend. e Narr. 1, 181).

Pratica usualissima desde o port. ant. é reforçar o pronome demonstrativo *o* acompanhado do pronome relativo *que*. O port. mod. introduziu apenas a novidade de substituir *todo* por *tudo* nos dizeres onde *o que* equivale a *aquillo que:*

Cesse *tudo o que* a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta (Cam., Lus. 1, 3) — Que os mouros cautelosos se guardaram de lhe mostrarem *tudo o que* pediam (ib. 2, 9) — Desbaratareis *tudo o que* quiserdes, quanto mais a quem já desbaratastes (ib. 4, 18) — Porem disto que o Mouro aqui notou, de *tudo o que* vio com olho atento, hum odio certo na alma lhe ficou (ib. 1, 69) — *Tudo o que* nasce na terra, o sol e a chuva o cria (Vieira, Serm., 5, 455) — *Tudo o que* se move neste mundo... será sogeito a teo imperio (ib. 5, 476) — O que sucede depois he *tudo o que* dissestes antes (ib. 5, 108) — Já vi *tudo o que* havia de ver nesta vida (ib. 5, 139) — No Ceo ha *tudo o que* quiserdes (ib. 5, 447) — E' *tudo o que* pode contra mim dizer (Herc., M. de C. 2, 267) — Seria impossivel dizer-te agora *tudo o que* está aqui dentro (ib. 2, 210).

Aos adjectivos substantivados *o necessario*, *o possivel*, *o util*, *o superfluo*, etc., significando o conjunto das cousas necessarias, possiveis, uteis, etc., antepõe-se hoje em dia a forma *todo* como em port. ant. Os seiscentistas usavam com estes dizeres ora *todo*, ora *tudo:*

He necessario desbastar-me de *todo o superfluo* e descartar-me de mim mesmo (H. Pinto 2, 386) — Tereis *tudo o necessario* para o sustento da vida (Vieira, Serm. 8, 179) — Em *todo o necessario* á vida temporal (ib. 8, 293) — Recuperar... *tudo o perdido* (ib. 5, 221) — Tendo depositado *tudo o precioso e lustroso* de seus thesouros (ib. 2, 14) — Ver junto *todo o raro e curioso* do mundo (ib. 5, 437) — Despreza *tudo o ameno e frondoso* das felicidades e glorias do seculo

(Bern., L. e C. 498) — *Tudo o bom e tudo o fermoso* que Christo fez, he o Divinissimo Sacramento (Vieira, Serm. 9, 294) — *Tudo o raro e admiravel* das regioens novamente sogeitas (ib. 5, 21) — *Tudo o precioso* que havia em seu palacio (Bern., N. Flor. 1, 133).

A pluralidade dos seres enuncia-se por meio de nomes appellativos na competente forma do plural. Ajuntando-se *todos, todas* a estes nomes alludir-se-á expressamente á totalidade numerica: *todas as palavras; todas as lagrimas.* Muitas vezes porem — e em especial se as unidades se acham dispersas no espaço ou no tempo, não se formando então no espirito a imagem de individuos reunidos — representam-se todos os seres congeneres por um ser typico, nomeia-se o individuo pela especie inteira, usa-se o singular em vez do plural, como quando dizemos: *o leão é animal feroz, a manga é fruta saborosa,* por *os leões são animaes ferozes, as mangas são frutas saborosas.*

Nestas condições, a *todos os leões, todas as mangas, todas as palavras* correspondem logicamente os dizeres *todo o leão, toda a manga, toda a palavra* no singular. Succede porem que, tomando-se o individuo pela especie, confunde-se o conceito do numero singular com o de qualquer individuo, e o vocabulo *todo* se nos afigura como synonymo do vocabulo *qualquer*. E como este ultimo exclue a presença do artigo, somos levados a dizer tambem sem artigo *todo leão, toda manga,* etc.

Exemplos desta confusão se topam em port. mod., não porem em tão larga escala como na era pre-camoneana, na qual se chegava a omittir o artigo ainda quando *todo* tinha sentido bastante arredado de *qualquer*, como em Corte Imp. 71: *obrando Deos obra toda a bondade e toda grandeza e toda eternidade,* e nestes passos da lenda dos Santos Baarlão e Josaphate: *era-lhe obediente... e toda subjeição e toda humildade trabalhando em toda virtude; abraçou-o cõ todo amor; livrei de todo error.*

Qual seja a tendencia da linguagem a partir do seculo XVI, pode-se ver pela maneira por que se tem tratado os dizeres *em toda a parte, por toda a parte, de toda a parte* usados em vez de *em todas as partes, por todas as partes, de todas as partes.* Camões emprega estas locuções no singular ora com artigo, ora sem elle:

Cantando espalharei *por toda parte* (Lus. 1, 2) — *Por toda a parte* andava accesa a guerra (ib. 3, 51) — Tudo provê com animo e prudencia, que *em toda a parte* ha esforço e resistencia (ib. 3, 79) — Se t'o tem dito já aquella ventura que *em toda a parte* sempre anda comigo, ó não na creias, porque eu quando a cria, mil vezes cada hora me mentia (ib. 9, 77) — Com Joanne, Rei forte *em toda parte*, que escurecendo o preço vai de Marte (ib. 4, 25) — Porque a gente maritima e a de Marte estão pera seguir-me *a toda parte* (ib. 4, 84) — Volvendo, ora se abaxe, agora se erga, nunca se ergue ou se abaxa, e hum mesmo rosto *por toda a parte* tem, e *em toda a parte* começa e acaba, em fim, por divina arte (ib. 10, 78) — Voar co pensamento *a toda parte* (ib. 8, 89).

A incerteza de que dão testemunho os trechos citados desapparece entre os escriptores do seculo seguinte, passando-se a usar desde então até o seculo XIX as ditas locuções adverbiaes sómente com o artigo. Nos diversos volumes de Vieira, Bernardes, F. M. de Mello e Herculano, em que pacientemente procurei tudo quanto se referisse ao caso, não consegui achar senão exemplos deste genero:

Andando a morte com a fouce ensanguentada *por toda a parte* entre gentios e christãos (Vieira, Serm. 8, 354) — *Em toda a parte* ou ardião, ou servião em odoriferos licores todos os aromas da India (ib. 8, 359) — Notai a palavra *ubicunque*, *em toda a parte*. *Em toda a parte*, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão as aguias (ib. 5, 250) — Assim devemos nós multiplicar as nossas [presenças] para assistir ao divinissimo Sacramento *em toda a parte* (ib. 5, 250) — Todos os males do genero humano carregavam *de toda a parte* sobre o coração de Paulo (ib. 5, 465) — Se estes dous espiritos são os que vos levam *a toda a parte* (ib. 1, 505) — Assi o faz a Virgem Piedosissima a todos os que a invocarem *em todas as partes* do mundo. Christo presente *em toda a parte* pelas palavras, com que o Sacerdote consagra a Hostia, Maria presente *em toda a parte* pelas palavras com que o necessitado a invoca (ib. 1, 747) — Soando temerosamente ao longe *por toda a parte* (ib. 8, 54) — O Ceo cerrado *por toda a parte* (Bern., N. Flor. 1, 86) — Concorrendo *de toda a parte* muitos mancebos (ib. 1, 292) — A presença de Deos, que hum Christão *em toda a parte* deve trazer diante dos olhos (ib. 1, 404) — Perigos e defeytos *em toda a parte* os ha (ib., L. e C. 51) — *Por toda a parte* não via... senão um crime (Herc., Lendas e Narr. 1, 161) — *Em toda a parte* deixara agentes e amigos fieis (ib. 1, 45) — Vassalos, que *de toda a parte* haviam corrido (ib. 1, 188) — *Por toda a parte* se verteu sangue (ib. 1, 263) — Alongava os olhos *por toda a parte* em busca de Theodemiro (Herc., Eur. 120) — A traição... está *por toda a parte* (ib. 69).

Este alvitre de não empregar senão a forma com artigo não se decidiram os seiscentistas a tomar ante os

dizeres *todo o genero* e *todo genero*. Lançavam mão do segundo, se queriam enunciar o conceito de modo mais vago, e utilisavam-se do primeiro se lhes importava expressar-se com mais emphase:

E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer *todo o genero* de lagrimas (Vieira, Serm. 5, 448) — Então conheceo que a vontade de Deos era que admitisse ao gremio da Igreja *todo o genero* de Gentios e tratasse da sua conversão (ib. 8, 23) — Quando S. Roque estava na sua prizão, concorrião ao carcere os enfermos de *todo genero*, os cegos, os mancos, os aleijados (ib. 2, 163) — Bastavão só sem memorias do passado, como pregoeiros presentes, os cegos, os aleijados, os tolhidos, os leprosos, e os outros enfermos de *todo o genero* (ib. 8, 360) — Só se acharam no arsenal de Malaca sete fustas...; boa parelha contra huma Armada de sessenta velas... fornecidas de tudo o necessario para a navegação e para a guerra; e sobretudo de muyta artilharia de *todo genero* (ib. 8, 205) — Aprendam a jugar as armas maritimas de *todo genero*: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia (ib. 8, 262) — Pollutos com *todo o genero* de vicios e enormidades (Bern., L. e C. 446) — Florido em *todo o genero* de virtudes e dons (ib. 454).

A. Herculano opta pelo emprego de *todo o genero* nestes e outros passos:

No soveral havia *todo o genero* de caça (Lend. e Narr. 2, 20) — Accusações de *todo o genero* (ib. 2, 189) — Prohibindo em sua casa *todo o genero* de divertimento (ib. 2, 301) — Tu evangelisavas a liberdade e condemnavas *todo o genero* de tyrannia (ib., Eur. 34) — Dos godos restam-nos... monumentos escriptos de *todo o genero* (ib. 308).

Em escriptores quinhentistas encontramos muitas vezes *todo o homem* (= *todos os homens*) e outros dizeres. Estes exemplos se multiplicam do seculo XVII em diante. Dignos de nota são os seguintes passos:

Todo ho gentio, assi homẽ como molher (Castanh. 3, 80) — Fará que *todo o Naire* se mova (Cam., Lus. 10, 14) — Em *toda a cousa viva* a gente irada provando os fios vai da dura espada (ib. 3, 64) — *Todo o homem* neste mundo deseja melhorar de lugar (Vieira, Serm. 5, 194) — *Toda a Republica* em *todo o tempo* ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz (ib. 2, 203) — *Todo o homem* que acaba a vida pendurado de hum pao he maldito (ib. 2, 420) — *Todo o lugar* mais alto que outros está sempre ameaçando ruina (ib. 5, 211) — *Todo o ministro* emquanto não cae é grande (Herc., M. de C. 2, 230) — *Todo o Regras* tem um Bugalho (ib. 2, 232).

O adjectivo substantivado, tendo caracterisada esta função pela presença do artigo, não pode perder este ar-

tigo, quando se lhe antepõe a palavra *todo*, ainda que se tenha em mente a noção de «qualquer».

Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros... receberão de *todo o illustre* os ossos (Cam., Lus. 5, 83) — *Todo o cativo* que levava punha consigo á mesa (Sousa, D. J. III, 146) — Recorra *todo o cahido* ou tentado ao deparador das almas perdidas (Vieira, Serm. 3, 234) — *Todo o proximo* tem direito (Bern., L. e C. 267) — *Todo o rico* de repente ou he ladrão ou herdeiro de ladrão (ib., N. Flor. 2, 214).

Achando-se a totalidade numerica dos seres rigorosamente definida por um numeral cardinal, a anteposição reforçativa de *todos* exigirá a suppressão do artigo sómente quando esteja subentendido o substantivo:

As Dorcadas passamos, povoadas das Irmaãs... que de vista total sendo privadas *todas tres* dhum só olho se servião (Cam. Lus. 5, 11) — Por *todos os quatro* lados (Vieira, Serm. 8, 36) — Subissem *todos tres* ao monte (ib. 8, 315) — Os criados... eram tres; *todos tres* tiveram cabedal (ib. 2, 22) — *Todos os quatro* Doutores da Igreja (ib. 2, 421) — A *todos os doze* Apostolos disse Christo (Bern., N. Flor. 1, 390) — Andou tanto... que pudera supprir o caminho de *todos doze* (ib. 1, 390).

O Artigo

Procede o artigo definido do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud.* Da primitiva forma, que seria *ello, ella,* dão testemunho *el*, usado unicamente em *elrei*, e, por outra parte, *lo*, evidente nas contracções dos pluraes *todolos, ambolos* e *pello, pollo*, ainda usadas no seculo XVI e outras da linguagem popular, como *ullo* (u = onde), *mailo* (= mais o). Excluidos estes casos, apparece por toda a parte, desde a mais remota phase da lingua portugueza, o vocabulo já sem vestigios do radical, inteiramente gasto, e reduzido á terminação atona *o, a* (escripto ás vezes *ho, ha*).

A função demonstrativa pode perceber-se ainda em dizeres nos quaes, ou pelo contexto, ou por ajuntar-se ao nome algum qualificativo ou frase equivalente, se aponta o ente ou entes de que se trata. Mas esta função se amorteceu desde que se tornou em costume o antepôr, sem grande necessidade, a qualquer substantivo o vocabulo *o, a,*

tornando-o seu companheiro quasi inseparavel. Desde então passou o demonstrativo a ser artigo.

É condição essencial do artigo o ter apoz si claro o nome de que depende, o qual será um substantivo ou outro vocabulo usado como tal. É por isso que a palavra *o*, originariamente a mesma, é artigo em *o bom livro, o escrever*, ao passo que continua na categoria de pronome demonstrativo em *livro melhor que o de Pedro, o que Pedro possue.*

A anteposição do artigo ao nome tem por fim avivar a attenção da pessoa a quem nos dirigimos. Lembra-lhe que o de que falamos lhe é conhecido, servindo o artigo para apontar mentalmente o dito objecto, como em *o sol, a lua, o mundo, o ar, a terra, o mar.* Aponta igualmente para cousas e individuos de que se tem conhecimento pela educação religiosa, literaria ou outra, como *o ceu, o inferno, o paraiso, o demonio;* mas não se ajunta á palavra *Deus*, salvo se vem acompanhada de expressão que lhe restringe o sentido.

Nomes de virtudes e vicios, e noções abstractas em geral, dizem-se com o artigo. Têm tambem artigo o appellativo concreto no singular, não sómente quando o appellativo se refere a um individuo determinado, mas ainda quando, figuradamente, se toma o individuo pela especie inteira: *o cão me mordeu; o cão é util ao homem.* No plural o artigo assignala a totalidade tanto dos individuos em geral, como dos comprehendidos em certo espaço ou tempo. A ausencia do artigo, pelo contrario, dará a entender que se fala apenas de individuos de numero incerto.

Apesar da incerteza numerica, o substantivo levará artigo se já houver sido mencionado anteriormente. Este emprego anaphorico pode ver-se em: *a casa foi assaltada por ladrões; mas, sendo presentidos, os ladrões fugiram.*

Nas enumerações, a repetição do artigo, chamando a attenção para cada um dos substantivos, mostra que se consideram os respectivos seres como distintos entre si, ou separados pelo espaço ou pelo tempo:

O vento e *o oceano* são as duas unicas expressões sublimes (Herc., Eur. 28) — Depois é que surgiu *o homem* e *a podridão, a arvore* e *o verme, a bonina* e *o emmurchecer* (ib.) — *A generosidade, o esforço* e *o amor* ensinaste-os tu em toda a sua simplicidade (ib. 34)

— *Os frankos* e *os vasconios* talam as provincias do norte (ib. 36) — *O enthusiasmo* e *o amor* tinham resurgido naquelle coração (ib. 12).

A não repetição do artigo indica que se consideram as cousas como estreitamente associadas, que os termos são synonymos ou quasi synonymos, que os seres, embora differentes, coexistem ou a acção se passa com elles simultaneamente:

Se a tanto me ajudar *o engenho e arte* (Cam., Lus. 1, 2) — *Do capitão e gente* se apartou com mostras de devida cortezia (ib. 1, 56) — Vestindo *a forma e gesto* humano (ib. 1, 77) — Pelo *affecto e enthusiasmo* nos impelle a quanto ha bom e generoso (Herc., Eur. VII) — Regulava *os direitos e deveres* communs (ib. 3) — Cederam por fim... *á fortuna e ousadia* do ambicioso soldado (ib. 4) — A luz ia... estampar nelles [muros] as sombras *das columnas e arcos* enredados das naves (ib. 9) — As idéas grosseiras do culto de Odin não se tem apagado de todo *nos filhos e netos* dos barbaros, convertidos ha tres seculos á crença do Crucificado (ib. 9) — Era por uma destas noites... em que a soledade *das praias e ribas* fragosas do oceano é absoluta e tetrica (ib. 23).

A suppressão total do artigo nas enumerações equivale a reunir ou associar rapidamente, tumultuariamente ás vezes, cousas diversas em um mesmo quadro:

Ao pôr do sol, gepidas, ostrogodos, scyros, burgundos, thuringios, hunos, misturados com outros, tinham mordido a terra catalaunica (Herc., Eur. 26).

A ausencia do artigo nas enumerações pode comtudo ser devida á circumstancia de se tratar de um numero indeterminado de seres:

Vem arnezes e peitos reluzentes, malhas finas e laminas seguras; escudos de pinturas differentes, pelouros, espingardas de aço puras, arcos e sagittiferas aljavas, partasanas agudas, chuças bravas (Cam., Lus. 1, 67).

É de notar que em seguida a este trecho o poeta, querendo chamar a attenção, escreve: *as bombas vem de fogo e juntamente as panellas sulfureas, tão danosas; porem aos de Vulcano não consente que dem fogo ás bombardas temerosas.*

Quando se usam os distributivos *um... outro...* com referencia a palavras mencionadas antes, a linguagem hodierna só permitte antepor-se o artigo ao segundo termo.

Data esta regra da era dos seiscentistas. Na linguagem antiga dizia-se *o um... o outro...* (como ainda hoje em francez *l'un... l'autre*):

Desculpando-se *o hum* e *o outro* (Zur., Ined. 4, 293); *As humas* como *as outras* (ib. 441) — Tomaste dous principios ambos falsos... — *O hum* he o que disseste dos effeitos... *O outro* principio falso he... (H. Pinto 1, 435) — E como a elle chegasse o Portuguez, e visse que falavam ambos a lingoa italiana, *o hũ* por ser sua natural, *o outro* pola ter acquirida... saudou cortesmente (ib. 1, 305).

Este mesmo uso do artigo se fazia quando os distributivos eram expressos por numeraes definidos:

Mil mouros... de que *os quinhentos* eram espingardeiros, e *os cento* bombardeiros... e *os outros* se chamaram servidores (Castanh. 4, 7) — Sete frades..., e *os cinco* tinha cada hũ sua cruz levantada, e *os dous* senhos retavolos de Nossa Senhora (ib. 5, 26).

Por outra parte, certas locuções, nas quaes hoje nos parece indispensavel o artigo, como *aos milhares, aos gritos*, etc., eram usadas outrora, e ainda no seculo XVII, sem tal determinação:

Os... que se bautizaram e fizeram christãos, não só se contaram *a milhares*, senão *a milhões* (Vieira, Serm. 8, 395) — Para que o sangue... dissesse *a gritos* quão verdadeiramente amava (ib. 2, 395) — Os vão contando *a pares* e nomeando de dous em dous (ib. 2, 356) — Guardas e escuitas, *a longe* e *a preto* [= perto] (F. Lopes, D. J. 219; porem em Vieira já: nem se doam *ao longe...* nem *ao perto*, Serm. 8, 464) — Lá hão de estalar *a pedaços* (Vieira, Serm. 2, 428) — Se no altar dera pão *a moyos* (ib. 5, 423).

Em portuguez antigo usava-se a locução *em outro dia* como equivalente do moderno *no outro dia, no dia seguinte*:

Em outro dia pella menhãa veo Barlaão ao infante Josaphate (S. Josaph. 16) — E mandou dizer a Zardã que *em outro dia* o queria ir veer (ib. 19) — *Em outro dia* foi fama polla terra que Barlaão era preso (ib. 22) — *Em outro dia* pella manhã foi elrei veer seu filho (ib. 34).

Em principio, os nomes proprios de pessoas não levam artigo, porque aquelle a quem falo em geral não conhece, uma por uma, as pessoas que eu conheço. Seguem esta regra a linguagem literaria e o falar culto; alguns autores todavia abrem ás vezes excepção para os nomes de individuos de que já tinham feito menção anteriormente:

Dos dous primeiros seus filhos Cain e Abel, *o Cain* foi reprovado, e *o Abel* escolhido (H. Pinto, 1, 344) — Foi muito ter o Imperador Vespasiano dous filhos Tito e Domiciano tão differentes, que *do Tito* não se contam senão cousas boas, e *do Domiciano* senão muito más (ib. 1, 156) — Os galeões de Nuno Alvares Pereira, e de João da Silva, e de Gonsalo Pereira de Castro escaparam por novos, que puderam melhor soffrer os mares: das galeotas a *do Ferreira* desappareceu, Diogo Nunes Pedroso e *o Tavares*, em vendo os signaes da tormenta, se acolheram onde melhor puderam: *o Tavares* entrou pela barraca de Baçain sem saber por onde hia; Diogo Nunes Pedroso atinou com a barra de Dio (Couto, Dec. 8, 11).

Na linguagem de intimidade, e no falar do povo, antepõe-se com frequencia o artigo a nomes de pessoas conhecidas daquelles com quem conversamos.

Ás vezes, a necessidade de distinguir um individuo de outro obriga a indical-os por meio da palavra *o:*

Hũ Joseph foy o que sonhou, e outro Joseph foi o sonhado. *O Joseph* que sonhou foi Joseph o filho de Jacob, *o Joseph* sonhado foi Joseph o esposo de Maria (Vieira, Serm. 7, 496) — *O Joseph* filho de Jacob sonhou sómente... Segue-se logo que *o Joseph* verdadeiramente sonhado foi o esposo de Maria (ib. 7, 496).

Nomes de rios, montes, e de certos mares usam-se com o artigo, não se referindo comtudo este ao nome proprio, mas ao appellativo (rio, monte, mar) que se tem em mente: *o Parahyba, o Vesuvio, o Baltico, o Adriatico, o Atlantico, o Danubio*, etc.

Analogamente, por subentender-se o termo «ilhas» se diz *as Hebridas, as Cycladas, as Berlengas, as Antilhas as Bermudas, as Canarias*. Dizemos todavia no masculino *os Abrolhos, os Açores* (*ilhas dos Abrolhos, ilhas dos Açores*) por influencia do genero destes nomes considerados como appellativos.

Raras vezes se permitte a ellipse, tratando-se de ilha no singular, como *a Trindade* por *a ilha da Trindade*. Em geral, enuncia-se sómente o nome proprio, diz-se: *Sardenha, Corsega, Malta, Madagascar, Chypre, Santa Helena, Cuba, Jamaica*, etc.

Sem artigo se dizem os nomes de cidades, exceptuando *o Cairo* (em que outros idiomas tambem empregam o artigo, por influencia do arabe *el-Kahira*, «a Victoriosa»), assim como *a Bahia, o Porto, o Rio de Janeiro, o Rio*

Grande por effeito da sua origem appellativa. Do francez tomou-se *o Havre*, *a Haya* (*la Haye*, traducção abreviada do hollandez *s'Gravenhaag*). O uso actual, eliminando o artigo neste ultimo nome, contraria a linguagem de Vieira, Serm. 11, 500: *da Haya passou a Lisboa*.

Como o emprego do artigo não tem que ver com a maior ou menor extensão do territorio, deveriam usar-se sem elle não sómente as denominações de cidades, mas ainda as de provincias e paizes. Vê-se, de facto, applicada esta regra aos antigos nomes *Portugal*, *Castella*, *Aragão*, *Leão*, *Murcia*, *Valencia*, *Granada*, *Marrocos*, *Navarra*, *Borgonha*, aos modernos *Bengala*, *Sofala*, *Angola*, *Benguela*, *Moçambique*, *Cambaia*, *Malaca*, *Colombia*, *Honduras*, *Venezuela*, *Guatemala*, *Nicaragua* e outros.

Mas a maior parte dos nomes em *-a* atono, de origem latina, ou creados segundo o typo latino, e referentes a paizes e grandes regiões, apparecem em port. mod., principalmente a partir do seculo XVII, com a faculdade de admittirem o artigo feminino. Teria influido aqui a noção latente de «terra».

Exemplos camoneanos por si sós não são decisivos, attendendo á circumstancia de que o poeta mais de uma vez se referiria aos paizes como a cousas personificadas. Levando-se porem em conta a linguagem dos prosadores daquelle tempo, conclue-se que *de Africa*, *de Asia*, *em Africa*, *de Turquia*, *de França* etc., era ainda linguagem predominante. Já o padre Vieira admitte francamente o artigo em: *pela Africa*, *pela Asia e pela America* (Serm. 5, 38); *pelas terras da Africa*, *da Asia* (ib. 5, 322); *na Asia e na America* (ib. 5, 321); *santuarios da Europa* (ib. 5, 343). Nem tem duvida em escrever *para a Grecia* (ib. 5, 18); *nas cidades da Grecia* (ib. 3, 199); *com a Turquia*, *da Turquia* (ib. 5, 19); *na Scithia* (ib. 5, 494); *nos desertos da Arabia* (ib. 3, 200); posto que se revele ainda bastante conservador ao tratar de outros paizes: *em Hespanha... em França... em Allemanha...* (ib. 5, 374). Algumas vezes o artigo pode ser ditado pela necessidade da clareza: *deixa a João a Asia*, *a André a Grecia*, *a Felippe a Sythia*, *a Bartolomeu a Armenia*, *a Matheus a Ethiopia* (ib. 5, 200).

A anteposição do artigo aos referidos nomes tornou-se

cada vez mais commum e parece generalisada hoje em dia.

Em *a India, a China, a Indo-China* o emprego da palavra *a* foi sempre obrigatorio, assim como o masculino *o* em *o Japão, o Industão, o Tibet, o Pamir, o Montenegro*. Fixou-se tambem o emprego do artigo em *o Egypto*. (Em Vieira ha bastantes exemplos, posto que de vez em quando occorra tambem *Egypto* sem artigo). A forma masculina nestes nomes deve-se parte ás terminações, parte á circumstancia de subentender-se o termo «paiz».

Em *o Brasil* antepoz-se ao nome o artigo no tempo em que o vocabulo ainda era appellativo, mas decisivo para a sua conservação no nome proprio foi a noção «paiz».

O primitivo conceito de «rio» determinou o uso do artigo em *o Amazonas* (provincia, estado), *o Maranhão, o Amapá, o Paraná, o Pará, o Ceará, o Piauhy*. Perdeu, pelo contrario, o termo appellativo toda a sua influencia em *Matto-Grosso, Alagoas* e *Minas Geraes*, desapparecendo nestes dous ultimos, com o artigo, o conceito de pluralidade (diz-se p. ex. *Minas Geraes produz muito; Alagoas é um estado maritimo*).

Deve-se provavelmente á ellipse o uso do feminino em *a* (capitania) *Parahyba*.

Em *o Peru, o Chile, o Mexico, o Canadá, o Panamá*, o artigo pode ser attribuido á noção latente de «paiz», assim como á circumstancia de serem geralmente masculinos os substantivos communs com taes terminações. Pode tambem ser imitação do estrangeiro.

Portugal não toma artigo; mas diz-se *a Beira, o Minho, a Galliza, o Alemtejo*, e, superfetadamente, *o Algarve* (*al Garb* em arabe quer dizer *o Occidente*).

Verbos:
especies, formas e significação

Verbo é a creação linguistica destinada a expressar a noção predicativa. Denota acção ou estado e nas linguas do grupo aryano possue suffixos proprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo numero (singular ou plural; em alguns idiomas tambem o dual), o tempo (actual, vindouro ou preterito) e o modo da acção (real, possivel, etc.).

O desapparecimento de certos suffixos pessoaes determinou em varias linguas modernas a necessidade de antepôr ao verbo o pronome pessoal da 1.ª e 2.ª pessoa e o da 3.ª quando não vem enunciado o substantivo sujeito. Em portuguez o uso do pronome pessoal não é obrigatorio senão na 1.ª e 3.ª pessoa do singular de certas formas verbaes identicas quando assim o exigir a clareza do pensamento. Nos demais casos o pronome serve apenas de reforço emphatico.

Chamam-se formas *finitas* do verbo todas aquellas que vêm sempre referidas a uma das tres pessoas do discurso e têm ou tiveram a respectiva desinencia, como *escrevo, escreve* (lat. *scribi-t*), *amava* (lat. *amaba-m*) e *amava* (lat. *amaba-t*).

A par destas, gera-se em todos os verbos um pequeno grupo de formas com apparencia e função de substantivo (infinitivo), adjectivo (participio) e adverbio (gerundio). São estas as formas *infinitas* do verbo, assim chamadas por constituirem vocabulos sem referencia especial a qualquer das pessoas do discurso.

Uma destas formas infinitas, o infinitivo, admitte (no idioma portuguez) uma formação secundaria com as diversas desinencias de pessoa; havendo portanto, alem

do infinitivo proprio ou impessoal, o infinitivo pessoal ou flexionado.

Os tempos do verbo são: para a acção que se passa no momento em que se fala, o *presente*; para a acção que já se passou o *preterito*, subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*; e para o facto vindouro o *futuro*, o qual pode ser em relação ao presente, isto é, *futuro do presente*, ou em relação ao passado, isto é, *futuro do preterito*. A este ultimo tem-se dado impropriamente o nome de modo condicional.

De muitas maneiras se pode imaginar uma acção ou estado; mas as formas verbaes simples de que a nossa lingua dispõe não nos permittem considerar mais de tres modos verbaes: o *indicativo* para a acção real, o *conjuntivo*, tambem chamado subjuntivo, para o facto duvidoso, provavel, potencial, optativo, etc., e o *imperativo*, por meio do qual se expressa a ordem, o pedido, o convite, a supplica, etc.

A exposição systematica de todas as formas de um verbo, finitas e infinitas, constitue a conjugação do verbo. São tres os typos de conjugação: na 1.ª o verbo tem o infinitivo terminado em *-ar*, na 2.ª em *-er*, e na 3.ª em *-ir*.

O verbo *pôr*, comquanto pareça constituir um quarto typo, não é mais que a contracção de *poer*, e devemos consideral-o como verbo irregular da 2.ª conjugação.

Desinencias pessoaes

Das desinencias pessoaes latinas não vieram ao portuguez nem *-m* da 1.ª do singular (excepto o vestigio na forma *som* < lat. *sum*, usada nos primeiros seculos do port. ant.), nem *-t* da 3.ª do singular. A forma latina *est* reduziu-se a *é*. O suffixo *-nt* da 3.ª do plural entrou para a linguagem depois de reduzido a *-n*, resultando d'ahi a nasalação da vogal precedente em *-un*, *-om*, *-am* ou -ũ, -õ, -ã (que por fim se fundiram no ditongo nasal *-ão*) e *-em* ou -ẽ.

Na 1.ª do plural todos os verbos conservam *-mos* < lat. *-mus*. Intacto ficou *-s* da 2.ª do singular; *-sti* e *-stis* latinos tornaram-se *-ste*, *-stes*.

As desinencias *-tes*, *-te* da 2.ª do plural continuaram a usar-se, abrandada a dental, sob a forma *-des*, *-de* ainda na linguagem do seculo XIV, estendendo-se este uso a *sondes*, creação analogica por influencia de *som* (port. mod. *sou*), *somos*. Desta epoca em diante *sondes* simplifica-se primeiro em *sodes*, depois em *sois*, a dental do suffixo desapparece por toda a parte, excepto no futuro do conjuntivo e infinitivo flexionado (nos quaes se manteve, apesar da vacillação havida ainda entre seiscentistas), nas formas *vades* (pres. do conj. de *ir*), *sede* (imperativo de *ser*), e no presente do indicativo e imperativo dos verbos monosyllabicos (e compostos) da 2.ª e 3.ª conjugação *ver*, *crer*, *ler*, *ir* (que tambem tem a forma *is*: *porque is aventurar* Cam., Lus. 4, 91), *rir* (*rides* a par de *ris*: *Senhores, lhes disse elle, de que vos ris?* Barros, Clar. 2, 209), *pôr*, *ter* e *ver*. Estes tres ultimos fazem *pondes*, *ponde*, *tendes*, *tende*, *vindes*, *vinde*, com o vestigio da consoante nasal das radicaes primitivas; os restantes verbos fazem *vedes*, *vede*, *credes*, *crede*, *ides*, *rides*, etc.

A tendencia, que a reacção conservadora não deixou ir por diante, de omittir a dental no fut. do conj. e inf. pess., é attestada por exemplos muitos entre os quaes estes passos dos sermões de Vieira: *para* [vós] *seres bem julgados* (5, 83); a par de *julgardes* (5, 85); *depois de vos pores em estado de penitencia* (5, 135); *se vos não converteres* (duas vezes) (5, 151); *se morreres no estado presente, se não chegares a esse depois, que ha de ser de vós?* (5, 152); *que vos ouça quando o chamares* (5, 154); a par de *se chamardes a Deos de todo o coração* (5, 155), etc. A manutenção definitiva da dental deve-se naturalmente á necessidade ou conveniencia, no tratamento ceremonioso, de diversificar a 2.ª do plural da 2.ª do singular.

Alternancia vocalica

Damos este nome á mudança soffrida pela vogal thematica em certas formas rhizotonicas. Está neste caso a troca das vogaes puras fechadas *e*, *o* respectivamente nas vogaes puras abertas ɛ, ɔ.

Conservam-se alheias a esta alternação todas as formas rhizotonicas de *chegar*, *ensebar*, *amancebar*, dos verbos em *-oar* (*vôas*, *corôas*, etc.), em *-ear* (*ceio*, *passeias*, etc.), em *-elhar* (*emparelhas*, *aconselha*, etc.), em *-ejar* (*almeja*, *deseja*, etc., exceptuando *invejas*, *inveja*, *invejam*), a forma *foi*, e actua finalmente como obstaculo á alternancia, em falar brasileiro, a consoante nasal posta immediatamente depois da vogal: *gema*, *tema*, *ordenha*, *comes*, *tomam*, etc.

NOTA. — No falar lusitano a tonica *o* soa como vogal aberta, em *come*, *tomas*, etc.

Exceptuados estes casos, verifica-se a alternancia regularmente na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, bem como na 2.ª do singular do imperativo de qualquer verbo com uma das mencionadas tonicas puras, desde que esta venha seguida de outro phonema: *queres*, *quer*, *choras*, *chora*, *adorna*, *rolas*, *chove*, *escreve*, *bebe*, *percebe*, *recebem*, *alegra*, *espera*, *fornece*, *resolve*, *fenece*, *cresce*, *descem*, *apoia*, *roes*, *doe*, *moe*, *tornas*, *tornam*, *jorras*, *olhas*, *olham*, *desfolham*, *rogas*, *jogas*, *rega*, *leva*, *sega*, *pegas*, *negas*, *despreza*, *perdes*, *governa*, *verte*, *fere*, *merece*, *adoece*, *veste*, *conserva*, *processa*, *refrescam*, *cessa*, *cede*, *gosas*, *afoga*, *escolhes*, *empregas*, *alterna*, *altera*, *berras*, *afivela*, *nivela*, *começas*, *protegem*, *mexem*, *forma*, *dorme*, *morre*, *torras*, *torce*, *despoja*, *arrojas*, etc.

A alternancia estende-se á 1.ª pessoa do presente nos verbos da 1.ª conjugação: *adorno*, *corto*, *afogo*, *pego*, *nego*, *meço*, *levo*, *toco*, *noto*, *jogo*, *erro*, *socego*, *esfrego*, *prego*, *choro*, *adorno*, *renovo*, *consolo*, *olho*, *molho*, *esboço*, *atravesso*, *cesso*, *alegro*, *espero*, *opero*, *altero*, *alterno*, *emprego*, etc.; e tambem a *peço*, *impeço*, *despeço* e *meço* dos verbos em *-ir*. Nos verbos em *-er*, porem, exceptuando a forma *quero*, a 1.ª pessoa resiste a qualquer mudança, ficando em contradição com as demais formas rhizotonicas: *bebo*, *escrevo*, *movo*, *cedo*, *concedo*, *corro*, *esqueço*, *mereço*, *escolho*, *colho*, *devo*, *resolvo*, *mordo*, *estabeleço*, *protejo*, *desço*, *cresço*, *mereço*, *appareço*, *forneço*, *rejo*, *estabeleço*, *torço*, *aborreço*, *mexo*, *verto*, etc.

O presente do conjuntivo, calcado todo, como é, no thema da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo,

necessariamente não terá senão vogal fechada nos verbos da conjugação em *-er*: *deva, resolva, escrevas, mereça, mereças, appareça, escolham*, etc.; ao passo que com alternancia se hão de usar *peça, peças, peçam, meça, meças, meçam*, assim como as formas conjuntivas da 1.ª conjugação: *comece, console, alegre, olhe, orne, cesses, espere, esperem, empregue, logre, negues, pegue, peguem, peque, chore, adore*, etc.

O verbo *dormir* tem as formas *dormes, dorme, dormem* com vogal tonica aberta, mas transforma em *u* a rhizotonica de 1.ª pessoa: *durmo* (phenomeno este de que trataremos d'aqui a pouco).

Inversamente, os verbos *bulir, consumir, cubrir* (ou *cobrir*, mais usada na graphia moderna), *cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir* e *tussir*, por analogia das formas *dormes, dorme, dormem* e imperativo *dorme* acabaram por transformar *u* em *o* aberto nos mesmos casos, dizendo-se, por exemplo, no indicativo: *subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem* e no imperativo: *sobe, subi*, etc. Na linguagem brasileira pronuncia-se *o* fechado nas formas alteradas de *sumir* e *consumir*.

A principio estes verbos em nada differiam dos demais verbos regulares (exceptuada apenas a forma *cuberto* ou *coberto*, participio de *cubrir*). Assim no portuguez antigo:

Quando fores em tal perigo... entam o *descubre* e dize (S. Graal 37) — *Sube* [imperat.] em cima de mim (Livro de Esopo 11) — Porque *fuges* de my? (S. Mar. Eg. na Rev. Lus. 20, 189) — *Fugem* ao mundo (ib. 200); Os sentimentos *acudem* (Virt. Bemf. 104) — *Acudem* (Ined. 5, 591).

Vestigios desta antiga linguagem são ainda:

Nunca o rio o *cubre* (Lam. Ined. 5, 564) — Primeiro que entrem no mar se *sumem* por baixo no veram (Barros, Dec. 2, 8, 1) — *Sube* já este sobrado (G. Vic. 3, 262) — Outra addição nos *acude* (ib. 3, 287) — *Encubres* (ib. 1, 333) — *Sumem-se* (Arr. 449) — *Descubre-me* [imperat.] sempre seus segredos (A. Ferr. 2, 344) — E tu Coimbra, *cubre*-te de tristeza (ib. 2, 236).

A adopção de *o* em vez de *u*, mais pronunciada a partir do seculo XVI, fez-se comtudo de modo desigual para os diversos verbos. Assim, ao passo que *foges, foge, fogem, acodes, acode, acodem* são formas do indicativo per-

feitamente estabelecidas na linguagem de Camões e A. Ferreira, o imperativo na mesma linguagem continua a ser invariavelmente *fuge*, *acude*; por exemplo:

Acude cedo... *acude* e corre (Lus. 3, 105) — *Acode* o sangue (ib. 4, 29; 4, 37) — *Fuge, fuge*, lusitano, *fuge* das gentes perfidas (ib. 2, 61; 2, 62) — A luz clara *foge* (ib. 4, 67) — Lhe *foge* a vida (ib. 3, 82) — *Fuge* antes que o mao vulgo te profane (A. Ferr. 2, 282).

Durante todo o seculo XVI persistem *destrues, destrue, destruem* (assim como a forma *estrue*, etc.); no seculo seguinte entram a fazer-lhes concorrencia *destroes, destroe, destroem*, Vieira Serm. 9, 250 e 9, 252 (a par de *destruem*, Serm. 5, 17) para se tornarem finalmente a linguagem usada no portuguez hodierno. *Consume, consumes, consumem*, desusados hoje, foram empregados por A. Ferreira (2, 146; 1, 61), Camões (Lus. 5, 2), Arrais (58), Vieira (Serm. 1, 258), G. Vicente (2, 144) e Filinto Elysio (20, 92; 20, 211; ao lado de *consome* 20, 275). *Entupe, entupes, entupem* occorrem em todos os quinhentistas e seiscentistas e, até, em A. F. de Castilho: *entupem-se-lhe* as ventas (Georg. 289).

Outro caso de alternancia é o da transformação das vogaes fechadas *o, e* respectivamente em *u, i*.

Mudança de *o* em *u* verifica-se em *durmo* e *durma, durmas* etc. do verbo *dormir* e nas formas de 1.ª pessoa *puz, pude* (lat. *posui, potui*) ao lado das de 3.ª pessoa *poz, poude*

Mudança de *e* para *i* dá-se na 1.ª do singular do presente do indicativo (e todo o presente do conjuntivo) de alguns verbos pertencentes á conjugação em *ir*: *firo* (< port. ant. **fero* < *feiro*); *sigo, sinto* (e compostos destes tres verbos); *dispo, visto, minto* e *advirto*. A alternancia estendeu-se a principio ás demais rhizotonicas do indicativo e a outros verbos da mesma conjugação. Vestigios disto são, no portuguez antigo, os imperativos *pidi* (por *pide*) (S. Josaph. 16), e *viste-te* (ib. 13); e no portuguez mod., os imperativos *minte-lhe* (G. Vic. 1, 303), *prosigue tu* (ib. 1, 319), *viste-te da sua lam* (H. Pinto 1, 176), *dá e fire quanto quiseres* (ib. 1, 45), *sigue-me firme e forte* (Cam., Lus. 10, 76), e o singularissimo indicativo *prosigue* em port. mod. (Castro, Ulys. 10, 49).

importa notar que na linguagem de Camões e outros escriptores da mesma epoca, e tambem em documentos de eras anteriores lê-se sómente *sigo, segues, segue, seguem* para as formas rhizotonicas do indicativo de *seguir*.

Quanto ás rhizotonicas de *servir, sentir* (e compostos) *vestir* e *advertir* houve hesitações no port. ant. e ainda nos autores de seculo XVI se nos deparam alguns exemplos discordantes do falar hodierno:

Vestam (S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198) — *Servo, servamos, servo* (S. Josaph. 26, 30; S. Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 198; Ined. 3, 487; F. Lopes, J. 23) — *Sento* (S. Graal 33; G. Vic. 3, 314; Arr. 464) — *Consento* (G. Vic. 2, 60) — *Sintem* e *sentem* (Ined. 5, 566; Leal Cons.) — *Synto* (Leal Cons. 63) a par de *consente* (Leal Cons. 14) — *Sintem, sinte* (Fern. d'Ol., Gram. 38, 39) — *Consintem* (Fern. d'Ol. 45) — *Advirtem* (Arr. 105).

Mudança de *e* para *i* soffreu tambem a 1.ª pessoa do singular de *impedir* e *despedir*, fazendo *impido, despido* (d'ahi o conjuntivo *impida, despida*) e a alteração se estendeu ao imperativo. Perdurou muito tempo esta linguagem, sendo ainda usada por escriptores seiscentistas:

Despide essa tu'alma (Ferr. 2, 263) — Com esta ultima advertencia vos *despido*, ou me *despido* de vós (Vieira, Serm. 2, 343) — Não havendo violencia que as [aguas] *impida*, se unem debaixo de huma superficie planissima (Bern. N. Flor. 4, 419) — Nem os [pobres] *despidamos* de todo vasios, nem a vida dos necessitados se converta em despojos de embusteiros (ib. 4, 405).

Em Mello (Ap. Dial. 141 e 33) occorrem já *despeço, despeça*, que com *impeço, impeça* acabaram por desalojar de todo as dicções antigas. Crearam-se estas novas formas por analogia de *peço;* modelou-se pelo verbo *pedir* a conjugação de *impedir, despedir* por dominar o sentimento de serem estes dous verbos oriundos daquelle. Na realidade, porém, filiam-se ao lat. *impedire, expedire*, ao passo que *pedir* procede do lat. *peto* (> * *petio*), *petii, petitum petere* *).

---

*) Do verbo *petere* occorrem na Ibero-Romania duas formas para a 1.ª pessoa do presente do indicativo: *peço* (de * *petio*), usado em Portugal e fixado na linguagem literaria deste paiz desde os mais antigos tempos; e *pido* (de *peto*), proprio do hespanhol e de alguns falares regionaes de Portugal. Observo

Da alternancia vocalica resultaram ainda *fiz* < port. ant. *fize* < lat. *feci*, em contraste com *fez* < port. ant. *feze* < lat. *fecit*, e *quiz* < port. ant. *quise* < lat. *quaesii* e *quaesiit*.

Do verbo *remir* são desusadas as rhizotonicas, supprindo-se a sua falta com o emprego do erudito *redimir*. Em escriptores de outrora occorrem exemplos do emprego das formas rhizotonicas:

Onde as culpas se encobrem, ou escusam facilmente, e se *rimem* mais levemente as penas (Luc. 1, 271) — Não só os *rime* e livra da cadea (Vieira, Serm. 2, 196) — Almas e corpos se *rimem*, almas e corpos se resgatam (ib. 2, 201).

Para os verbos *ferir* (e *conferir, referir, proferir, inferir*, etc.), *seguir* (e *conseguir, perseguir, proseguir*), *despir, servir, advertir, digerir, ingerir, divergir, competir, discernir, adherir, inserir, repetir, reflectir, suggerir, repellir, divertir* fixou-se o uso da dupla alternancia nas rhizotonicas do indicativo e imperativo a saber: vogal *i* na 1.ª pessoa, e *e* aberto na 2.ª e 3.ª: *firo, feres, fere, ferem, repito repetes*, etc.

Em *mentir* e *sentir* dá-se a modificação na rhizotonica de 1.ª pessoa, não se tolerando, em port. moderno, modificação alguma nas outras rhizotonicas, por não o permittir a vogal nasal.

Em *aggredir, progredir, transgredir* e *prevenir* usa-se a alternancia em *i* em todas as rhizotonicas: *aggrido, aggrides, aggride*, etc.; *previno, prevines*, etc.

Presente do indicativo

Desapparecida a desinencia *-t*, e simplificada a forma latina *est* em *é*, todos os verbos necessariamente tive-

---

a este proposito que laboraram em equivoco os que affirmam se usasse antigamente em port. literario *pido, pida, pidas* etc., em vez de ou a par de *peço, peça, peças*, etc. Tal maneira de dizer era tida por plebeismo. *Peço* é a forma sempre usada nos textos antigos: *peçote que tu a cerceasses* (S. Am. 514): *eu mais bem te peço que nom tenho merecido* (D. Duarte, Leal Cons. 320); *Senhores peço-vos hũu dom: que me outorguedes o que vos quero pedir* (L. de Linhagens f. XVI); *ora vos peço que me talhedes a cabeça com esta spada* (S. Graal 31); *peçovos por merçee que me leixedes hir em vossa companhia* (ib. 45); *eu vos peço tanto que sejades meus ospedes* (ib. 51); *porem vos peço por merçee que me perdoees* (F. Lopes, D. J. 27); *desto vos peço eu perdom e nom doutra cousa* (ib.).

ram de terminar em vogal na 3.ª do singular. Todavia em *val, quer, faz, jaz, praz, traz, diz, luz* e compostos de *-duz* (*produz, conduz*) não conseguiu a final *-e* sustentar-se como nos demais verbos de 2.ª e 3.ª conjugação. Da existencia de antigas formas dissyllabicas dão testemunho os seguintes passos:

Dizede que escudo *traze* (S. Graal 62) — *Traze* hũ escudo (ib.) — Que armas *trage?* (ib. 86) — A vontade do padre *traze* a nossa alma a perigo (S. Josaph. 26) — *Traze* (ib. 13) mas *praz* (ib. 14) — E que esto assy que fosse comprydo *dize*-o o livro dos Rex em muytos logares (Leal Cons. 136) — Tira-lhes o boo e virtuoso prazer e *faze*-os desconhecidos (ib. 35) [porem na mesma pagina: *fal*-los tornar ao primeiro cuydado]; *Faze*-o antrepoer (ib. 56).

(Elle) faze e *(elle) traze, dize,* occorrem na linguagem de D. Duarte occasionalmente e já como concessão ao falar archaico. Regular era naquelle tempo o uso da terminal *-e* nos verbos em *-uzir*, como *enduze, produze,* pratica de que ainda ficaram exemplos na linguagem quinhentista:

Vam per meia agua per que *transluze* a cor (Barros, Dec. 2, 8, 1) — Ali natura *produze* differentes (Cam., Lus. 9, 58) — Qual *reluze* nas faces da donzella (ib. 9, 61) — Todos os effeitos tem hũa só causa propria que os *produze* (Arr. 56) — Todas as vezes que os *reduze* á memoria, doe-se de si (ib. 80) — Nas quaes [embarcações] se vendião todas as cousas quantas a terra *produze* (F. M. Pinto, 2, 333).

A forma *requere* (de *requerer* com a 1.ª pess. do singular *requeiro*), foi sempre corrente, tanto no port. ant. como entre quinhentistas e seiscentistas; mas, facto interessante, para a 3.ª do singular do frequentissimo verbo *querer*, seiscentistas como quinhentistas não empregaram senão a forma simplificada *quer*. A forma dissyllabica que a precedeu, e que ultimamente se tentou restabelecer em Portugal, não foi, que me conste, documentada sequer em portuguez antigo. Infundada é a allegação da inexistencia da dicção *quel-o*, encontravel, pelo contrario, em:

E naquillo tambem comeo muito, *quello* metter em dieta (Sá de Mir., Vilh. 2, 218) — Pois ha tanto tempo que os leixou e *quellos* inda fazer mais saudoso (Barros, Clar. 2, 485) — *Quelo* a torto e a direito (Jer. Rib. Fis. 35) — Mas *quelo* a morte jantar (A. Prestes,

281) — Está severo: *quelo* assi? (ib. 31) — Ella não perde quilate na linha, e *quela* lavrada? (ib. 451) — Crece a cubiça como a dita, *quella* elle seguir emquanto lhe respondem tambem as cartas (Luc. 1, 385) — Quer achar o menino Jesus... *quello* achar pendente dos braços e peitos da mäy (Vieira, Serm. 11, 262) — Quer ver-vos;... sim quer ver-vos; *quel-o* e deseja-o (Fil. Elysio 20, 173) — Cede á força: os teus vassalos o querem; *quello* o teu povo (Herc., Lend. e Narr. 1, 83) — *Quel-o* sondar (Castilho, Tart. 82) — Ama ao senhor Tartufo e *quel-o* (Castilho, Tart. 59).

De *quere-o* é que não se sabe precedente algum em linguagem literaria. A fundar-se a reforma do idioma escripto e falado hodiernamente no uso pre-classico, os argumentos aproveitariam antes á restauração dos supramencionados, *praze*, *traze*, *faze*, etc. para a 3.ª pessoa e, até á restauração do preterito *quise*, apesar da dicção *quil-o*, á semelhança de *quel-o* nestes passos:

Este commettimento *quillo* tambem fazer com este ardil (Couto, Dec. 8, 22) — Receando o Biscainho que se lhe fossem poucos e poucos, *quillos* atemorizar com mandar lançar pregões (ib. 8, 25) — *Quillo* ter junto a sy na corte (Vieira, Serm. 2, 41) — Bem pudera Agustinho retratar-se verbalmente... mas *quillo* fazer e publicar por escripto (ib. 3, 122).

Por effeito do phonema *j* (iota) passou o radical da 1.ª pessoa do singular a divergir das formas restantes em *faço* (< facio), *jaço* (< jaceo), *valho* (< valio < valeo), *meço* (< metio (r), *peço* (< *petio < peto), *ouço*, (< *autio < audio), *ouso* (< audeo), *vejo* (< *vedio < video).

Nota. — A 1.ª pessoa do singular do verbo *jazer* não se usa no falar hodierno, tendo-a supplantado a locução *estou deitado*. Encontra-se porem *jaço* em quinhentistas (Sá de Mir. 1, 5), e sobretudo no portuguez antigo.

Mouro, a que no seculo XVI começa a fazer concorrencia *morro*, por analogia das demais formas do verbo *morrer*, é a variante de *moiro*, metathese de *morio* (r).

Trago deve referir-se a **traco* < *traho*; para as outras pessoas se dizia *trajes* ou *trazes*, *traje* ou *traze*, *traz*, etc., prevalecendo finalmente as formas com a consoante *z*.

Posso, podes, pode, etc., e *digo, dizes, dizemos, dizeis, dizem* explicam-se facilmente pela evolução phonetica.

Obscura é a questão da mudança do latim *perdo* em *perco*; ao passo que o port. ant. *perço* (pres. do conj. *perça, perças*, etc.) resulta naturalmente de **pertio* **perdeo*.

Arço, usado ainda por quinhentistas, ao lado de *ardes, arde*, etc., e devido, como *perço*, ao parasitario phonema *j* (iota), provem de **artio* < **ardeo* por *ardo*.

A presença de iota e *i* depois da consoante *n* nos verbos latinos *tenere, venire* e *ponere* determinou a acção regressiva da nasalação da propria vogal radical, resultando d'ahi *tẽio* (*tenho*), *tẽes* (*tens*), *tẽe* (*tem*), *tẽem* (*têm*), e semelhantemente *vẽio* (*venho*), *vẽes* (*vens*), *vẽe* (*vem*), e *vẽem* (*vêm*). Em *tẽ(e)mos* (*temos*), *tẽ(i)des* (*tendes*) de uma parte, e *vĩ(i)mos* (*vimos*), *vĩ(i)des* (*vindes*) da outra fez-se sentir o typo de conjugação a que cada um destes verbos pertence. Posto que *põer* pudesse desnasalar-se na forma infinitiva, em todo o caso não o fez no presente indicativo nem em outras formas com o mesmo thema. Vieram assim ao idioma *põio* (*ponho*), *pões, põe, põ(e)mos* (*pomos*), *põdes* (*pondes*) e *põem*.

Dos verbos romanicos *cader(e), seder(e), creder(e)* e *leger(e)* resultaram *caer, creer, seer* e *leer* em portuguez antigo, annullando-se a pronuncia de *d* e *g*. Dissyllabicos foram a principio estes verbos tanto no infinitivo como nas rhizotonicas *crees, cree*, etc., do que dão testemunho varios exemplos da poesia antiga. Na 1.ª do singular evitou-se o ditongo que proviria do accrescimo directo de *-o* aos radicaes acabados em vogal, inserindo o phonema *i* (*iota*) *caio, creio, seio* (e *sejo*) e *leio*.

Caer mudou-se em *cair* (cahir), dando portanto *caimos* (cahimos), *cais* (cahis). *Creer* e *leer* abreviaram-se em monosyllabos, com as formas correspondentes; *crês, crê, cremos, lês, lê, lemos*. A tendencia para o monosyllabismo verifica-se tambem na graphia *crêm, lêm* por *crêem, lêem*. *Seer* succumbiu pela forte concorrencia que lhe fez a locução *estar sentado*, e só atravez de algum velho anexim consegue apparecer no scenario da moderna linguagem literaria.

Sair (sahir) de *salir(e)* é notavel pela 3.ª do singular do port. ant. *sal*, depois mudado em *sae* (sai),

unica forma em que se reflecte intacta a radical latina. Nas outras pessoas temos *saio*, *saes* (sais), *sahimos*, *sahis*, *saem*.

Em *caibo* e *pairo* patenteia-se a metathese de *capio* e *pario*. *Saber* é regular em *sabes*, *sabe*, *sabemos*, *sabeis*, *sabem*. A forma *sei* da 1.ª pessoa do singular teria resultado de * *savio* < * *sabio* < *sapio* analogamente a *hei*, que proveio de * *haveo* < *habeo*.

Aver (ou *haver*, segundo graphia adoptada mais tarde), perdendo a consoante *v* no presente, produziu as formas contractas *ei*, *ás*, *á*, *emos* (ao lado de *avemos*), *eis* (ao lado de *avedes*, port. mod. *aveis*), *ão*.

Dar e *estar* formam respectivamente *dou*, *dás*, *dá*, *damos*, *dais* (port. ant. *dades*), *dão*; *estou*, *estás*, *está*, *estamos*, *estais* (port. ant. *estades*), *estão*.

Sobre-estar conjuga-se como *estar*, ao passo que o contracto *sustar* e os compostos *prestar*, *restar*, *obstar*, *constar* (impes.), assim como *circumdar* seguem o typo geral dos verbos da 1.ª conjugação.

O verbo defectivo * *var* ou * *vaer* (lat. *vadere*) tem o presente do indicativo *vou*, *vais* (port. ant. *vás*), *vai*, *vamos*, *vão*, faltando a 2.ª do plural. As tres primeiras formas e a ultima supprem as formas pessoaes de que ficou privado o verbo *ir*. *Vamos* concorre com *imos* e é linguagem geralmente mais aceita.

De *es*, *est*, *estis* do verbo latino *esse* ficaram em portuguez *és*, *é*, desapparecendo a 2.ª do plural. *Sum* alterou-se em *som*, *sõo* e port. mod. *sou*; *sumus* em *somos*, *sunt* em *som*, *são*. Para a 2.ª do plural creou-se, por analogia, *sondes*, *sodes*, *sois*.

Verbos em *-ear* e *-iar*

Todos os verbos em *-ear* fazem as tres pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo respectivamente em *-eio*, *-eias*, *-eia*, *-eiam*, (ou *-eo*, *-eas*, *-ea*, *-eam*, segundo a antiga graphia continuada por quinhentistas e seiscentistas).

Estas formas tem-nas todo o verbo a par do qual exista substantivo ou adjectivo da mesma raiz, terminado em *é* tonico, em *-eio*, *-eia*, ou *-éa*: *cear* (subst. *ceia*), *assear* (subst. *asseio*), *ratear*, *recrear* (subst. *recreio*), *recear*, *arear*, *arrear* (subst. *arreio*), *soffrear*, *enfrear*, (subst. *freio*), *sopear*, *apear* (subst. *pé*), *pear* (subst. *peia*), *afear* (adj. *feio*), *alhear*, *enlear*, *permear*, *mear* (de *meio*), *bloquear*, *passear*, *prear* (subst. *preia*), *menear*, *manear*, *estear* (de *esteio*) *idear*, *bolear* (de *boléa*), etc.

As mesmas formas do presente são proprias dos innumeros verbos em *-ear* derivados de substantivos e adjectivos que terminam em consoante, ou em vogal atona *a*, *e* ou *o* precedida de consoante (exceptuando-se comtudo *breve*, *amplo* e *lume* que deram *abreviar*, *ampliar*, e *alumiar*): *marear*, *senhorear*, *vozear*, *florear*, *grangear* (de *granja*), *folhear*, *gorgear*, (de *gorja*), *branquear*, *arquear*, *tartamudear*, *prantear*, *hastear*, *enxamear*, *sortear*, *nortear*, *banquetear*, *patentear*, *presentear*, *serpear*, *serpentear*, *afoguear*, *enlamear*, *bronzear*, *esfaquear*, *boquear*, *cabecear*, *mimosear*, *falsear*, *saquear*, *tornear*, *nomear*, *esporear*, *escoucear*, *guerrear*, *macaquear*, *tutear*, *tourear*, *sombrear*, *saltear*, *pratear*, *rodear*, *regatear*, *relancear*, *pleitear*, *desfeitear*, *rastear*, etc.

Seguem o mesmo typo de conjugação: *vadear* («passar a vau», der. de *vadum*) *semear*, *atear*, *bruxolear*, *bambolear*, *derrear*, *cecear* (pronunciar *ce*), *favonear*, *pavonear*.

Aos verbos em *-iar* pertencem as terminações *-io*, *-ias*, *-ia*, *-iam* (accento tonico em *i*) para as tres pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo. Indicam estes verbos em geral a coexistencia de substantivos e adjectivos em *-io*, *-ia*, dos quaes em grande parte se originaram: *esfriar*, os derivados de *via* (*aviar*, *desviar*, *enviar*, *obviar*, *transviar*), de *lia* (por *liga*: *liar*, *alliar*, *desliar*), *enfiar* e *fiar*, *afiar*, *desfiar*, *expiar*, *viciar*, *iniciar*, *officiar*, *copiar*, *enfastiar*, *basofiar*, *calumniar*, *bugiar*, *cambiar*, *ataviar*, *embaciar*, *arrepiar*, *propiciar*, *noticiar*, *exvasiar*, *auxiliar*, *conciliar*, *domiciliar*, *elogiar*, *vigiar*, *principiar*, *fantasiar*, *demasiar*, *policiar*, *seviciar*, *deliciar*, *beneficiar*, *prefaciar*, *inebriar*, *ludibriar*, *industriar*, *suppliciar*, *cariciar*, *divorciar*, *preludiar*, *repudiar*, *tripudiar*, *contagiar*, *privilegiar*, *presagiar*, *refugiar*, *plagiar*, *va-*

riar, *contrariar*, *salariar*, *secretariar*, *gloriar*, *inventariar*, *estriar*, *amnistiar*, *injuriar*, *expatriar*, *repatriar*, *pronunciar*, *annunciar*, *renunciar*, *denunciar*, *alliviar*, *guiar*, *tosquiar*, *assobiar*, *insidiar*, *vadiar* (de *vadio*); os onomatopaicos *ciciar*, *piar*, *miar*, *chiar*; os verbos *sitiar*, *radiar*, *associar*, etc.

São ainda verbos regulares em *-iar*: *alumiar*, *abreviar* e *ampliar*, acima mencionados; *fiar* (rad. *fid-*), *confiar*, *annuviar*, *saciar*, *extasiar*, *agraciar*, *apreciar*, *depreciar*.

Com o verbo *crear* deu-se a singularidade da alteração das formas latinas *creo, creas, creat, creant* em *crio, crias, cria, criam,* que se conservaram na literatura portugueza. Nas formações e derivados, em que o accento tonico passava para a terminação, o ouvido não distinguiria a vogal *e*; de sorte que sómente á lembrança do etymo latino em conflicto com a consciencia da pronuncia se deve attribuir a vacillação entre *creador* e *criador* (falando de Deus), *creação* e *criação* (do mundo), etc., observavel ainda em escriptores seiscentistas. Desta incerteza tira partido o falar hodierno, sobretudo no Brasil, para definir dous conceitos distintos com dous verbos differentes: *crear* (com formas proprias dos verbos em *-ear*), dar existencia, tirar do nada, e *criar*, educar, cultivar, promover o desenvolvimento, crescimento ou cultura de cousa existente. Consequentemente diz-se: *Creador do mundo, creação do mundo, creador da lei, criação dos filhos, criador e criação de gado, de gallinhas, de flores, de hortaliças,* etc. São distinções exigidas pelas condições modernas da vida.

Alumiar conjuga-se como derivado regular do substantivo *lume* em Sá de Mir. 227, onde a forma *alumea* rima com *vea* e *chea,* e ainda no mesmo autor pag. 396. Heitor Pinto não conjuga o verbo senão *allumio, allumias, allumia,* etc. e o emprega muitissimas vezes. A duvida porem continuou a existir ainda em tempo de Vieira:

Deos a allumea (Serm. 5, 254) — *Deos que allumea* (ib.) — *Allumia* (repetidamente em Serm. 1, 264 e 1, 272) — *Allumea* (ib. 2, 260).

Vingou por fim a forma em *-ia* de que occorrem abundantes exemplos em Manoel Bernardes.

Notoria é a circumstancia de certos verbos em *-iar* invadirem, com exito variavel, o dominio da conjugação em *-ear*. *Odiar* e *anciar*, apesar dos substantivos *odio ancia*, fazem *odeio, odeias, odeia, odeiam, anceio, anceias, anceia, anceiam.* Do mesmo modo *incendiar, mediar, remediar*. Conjugação analoga aconselha-se (Dicc. de Aulete) para *premiar;* mas ainda que se aponte um ou outro exemplo antigo neste sentido, vem isso contrariado pela formação normal cinco vezes usada em Vieira, (Serm. 2, 425): *Deus sempre premia misericordia*, etc., e em *este Senhor premia com bemaventurança* (Bern., L. e C. 336); *Deos premia* (ib. 392). *Negocêo, negocêa* occorrem em Sá de Mir. (215, 226, 199), Vieira (Serm. 3, 332, 7, 327, 7, 419), e em Bern. (L. e C. 109); *commercêam* em Vieira (Cartas 1, 37); *agencêa* em Bern. (L. e C. 2, 50) e Fil. Elysio (3, 54); *reverencêão* em Vieira (Serm. 3, 195, 3, 473, 5, 293, 14, 143). No Brasil o falar vulgar é propenso a não abrir excepção para estes ultimos verbos, dizendo *negocias, negocia, agenciam, commerciam, reverenciam*, do mesmo modo que *associas, influencias, evidenciam, silenciam, providenciam, estipendiam, vilipendiam, compendiam, diligenciam, distanciam.* Posto que parte destes verbos em *-enciar* e *-endiar* se conjuguem em Portugal amaneiradamente como se pertencessem ao typo *-ear*, parece que, tratando-se de creações modernas, sem apoio no uso tradicional, a analogia pediria se usassem as terminações *-io, -ias*, etc., a par dos substantivos em *-io, -ia* de que os verbos se derivam.

Gloriar-se conjugado segundo o typo dos verbos em *-ear* pertence talvez á linguagem popular de Portugal. Em linguagem escripta não teve boa aceitação. Occorre em Josaph. II: *ẽ que te gloreas*, e em J. Ferr. (Eufr. 352): *que se glorea.* Estes exemplos solitarios nada provam; podem ser devidos a erro de copia. Filinto Elysio escreveu conscientemente: *de imitar meu nome te gloreias* (rimando com *alheias*) (2, 121), *e della se gloreia* (2, 158). Porem o que representa a tradição literaria, e se nos depara em geral em linguagem antiga e moderna, é o verbo conjugado *glorio-me, glorias-te, gloria-se*, etc.:

E quem se quizer gloriar, em el *se glorij* (D. Duarte, Leal Cons. 48) — E *se gloriã* em esta voontade carnal (Ib. L. de Ensin. 80)

— Como *te glorias* (Sá de Mir. 428) — *Glorie-se* (P. A. Cam., apud. Sá de Mir. 664) — Que *se gloriam* em haver muitas [molheres] (Barros, Dec. 3 Prol.) — S. Paulo diz que *se gloria* nas tribulações (H. Pinto 2, 557) — Os verdadeiros religiosos *gloriam-se* de ser bem obedientes (ib. 1, 133) — E *se gloriam* nas tribulações sofridas (ib. 1, 271) — *Gloriam-se* tanto das galas os perdidos por esta vaidade (Vieira, Serm. 7, 398) — He possivel que... não estime e *se glorie* muito (ib. 7, 400) — Hum engano de que a tua piedade muito *se gloria* (ib. 11, 462) — Quem *se gloria* na feitura da obra (ib. 11, 572) — Mais tem a inclita Lisboa de que *se glorie* por este só filho Antonio (Bern. N. Flor. 4, 368).

Imperfeito do indicativo

Forma-se o imperfeito do indicativo accrescentando *-ava* ao radical dos verbos em *-ar*, e *-ia* ao radical dos verbos da 2.ª e 3.ª conjugação: *louvava, louvavas, louvava, louvavamos, louvaveis* (de *louvavades*), *louvavam*; *recebia, recebias, recebia*, etc.; *punia, punias, punia*, etc.

O complexo verbo *ser* tem o imperfeito *era, eras, era*, etc. filiado ao radical *es-* (verbo *esse*), cujo estudo compete á grammatica da lingua latina.

Do modelo em *-ia* afastam-se, apparentemente, as formas do portuguez mod. *tinha*, imperfeito de *ter*, *punha* de *pôr* e *vinha* de *vir*. Estes imperfeitos conservaram todavia até nossos dias, ainda que larvada, a nasal dos radicaes latinos *ten-, pon-* e *ven-*, para os quaes se transplantou o accento tonico proprio da terminação. Originaram-se as formas actuaes de *ṽĩa, tĩia, pũia*.

Preterito perfeito do indicativo

Os verbos em *-ar* formam o pret. perfeito do indicativo accrescentando ao radical *-ei, -aste, -ou, -ámos, -astes, -aram*: *cantei, cantaste, cantou*, etc. Excluem-se *estar* com o preterito perfeito modelado segundo o de certos verbos da 2.ª conjugação, e *dar*, com a 1.ª do sing. *dei*, mas as outras pessoas como se fora verbo da 2.ª conjugação (*déste, deu*, etc.). Nos verbos em *-ir* estas terminações se substituem por *-i, iste, iu, -imos, -istes, -iram*: *senti, sentiste, sentiu, sentimos*, etc. Exceptua-se o irregular *vir* com algumas terminações do typo geral da 2.ª conjugação.

Este typo geral dos verbos em *-er* forma o preterito perfeito com as terminações *-i, -este, -eu, -emos, -estes, -eram: nasci, nasceste, nasceu,* etc.

Vir faz *vim,* retendo a nasalisação antiga, *vieste, veio, viemos, viestes, vieram.* Em port. ant. havia *vẽeste vẽo, vẽeron,* de que se encontram exemplos em Nunes, Chrest. Arch. 43, 63, 64, 68 e passim.

Os verbos *teer* (port. mod. *ter*) e *seer* (extinto, de *sedere*) produziram *teve* (desnasalisação de *tẽui*) e *seve* (de *se(d)ui*); *estar* deu *esteve* de *ste(t)ui* por *steti.* Para a 1.ª do singular occorre em port. ant. *seve* e *sive, tive, estive;* as demais pessoas eram *teveste, teve, tevemos,* etc., *esteveste, estevemos,* etc., *seveste, seve,* etc. Hoje diz-se e escreve-se com *i: estiveste, tiveste, estivemos, tiveram,* etc.*)

A formação latina em *-ui* é responsavel não sómente pela existencia do preterito perfeito excepcional destes tres verbos, mas ainda pela producção de *houve, soube, coube, jouve, prouve* e *prougue, trouve, trougue* e *trouxe,* para os verbos *haver, saber, jazer, prazer* **) e *trazer.* O ditongo *ou* resulta de *au* por metathese: *habui* > * *haubi* > *houve; sapui* > * *sabui* > * *saubi* > *soube* e analogamente *capui* deu *coube, placui, prougue. Trouxe* proviria de * *traucsi* por *tracsi* e *trougue* de * *traugue. Trouve* e *jouve* parecem resultar de *tra(g)ui* e *ja(c)ui.* Talvez se filiem directamente a * *trar* e * *jar,* donde procederam as formas do futuro *trarei* e *jarei.*

O preterito latino *potui* deu *pude* para a 1.ª do singular e *poudeste, poude, poudemos* (ou *podeste, pode, podemos*), etc. para as outras pessoas. Hoje costuma-se pronunciar e escrever *pude, pudeste, poude, pudemos, pudestes, puderam.*

Posui e *posuit* deram *puse* e *pose* e semelhantemente os compostos *propuse, dispuse,* etc. para a 1.ª pessoa e *propose, dispose,* etc. para a 3.ª. Já no port. ant. se

---

*) Os compostos *prestar, obstar, restar, constar,* enquadram-se perfeitamente na categoria dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

**) *Comprazer* forma regularmente *comprazi, comprazeste, comprazeu,* etc.: *Valem mil festins, nos quaes sabeis que nunca me comprazi* (Herc. M. C. 2, 235). Encontra-se todavia *comprouve* em Castilho, Out. 71. O preterito *jouve* é desusado em port. hodierno, sendo substituido pela formação regular: *Aqui jazeu criança* (Castilho, Fausto 216). Consequentemente dizemos *jazera, jazesse* por *jouvera, jouvesse: Tinha-se atirado para cima da enxerga monastica e alli... jazera insensivel* (Herc. M. de C. 2, 222).

manifesta tendencia para reduzir estas formas a *puz*, *poz*, etc.:

Pose-a [graphia *possea*] (S. Graal 31) — *Pos*-se em oração (S. Josaph 18) — *Pose*-o (ib. 38) — *Pose*-lhe (ib. 40) — *Pos*-se de giolhos (ib. 41) — *Pose* o pee (Livro de Esopo 27) — *Pose*-os (F. Lopes, D. J. 150) — *Pose*-se (ib. 234) — E *poz* na villa (ib. 238) — *Pos* os pees (ib. 246) — *Pose*-lhe nome (ib. 293) — *Propose* aquelle doutor (ib. 360) — Eu *propuse* (ib. 363) — Me *despuse* a padecer (ib. 307).

A linguagem literaria moderna desde os quinhentistas aboliu, definitivamente em todos estes casos, o uso da vogal terminal.

Triumphou da mesma maneira a tendencia simplificadora na luta entre *fize* (ou *fije*) e *fiz*, entre *feze* e *fez*, e entre *quise* (ou *quije*) e *quiz*:

Esto *fige* eu (S. Josaph. 7) — Aquello que nom *quise* pera elles (ib. 17) — *Fize*-o [graphia *fizio*] (ib. 27) — *Feze*-o (ib. 10 e 15) — *Feze*-lhe (ib. 10) — *Fez*-lhe (ib. 30) — Eu te *fiz* (Livro de Esopo 50) — *Feze*-o (F. Lopes, D. J. 150).

Em alguns documentos antigos (Cancioneiros) occorre tambem a forma *fezo* por *feze*.

Os compostos de *fazer* conjugam-se como o verbo simples: *refiz, refizeste, refez, refizemos, refizestes, refizeram*. *Requerer* segue a conjugação regular: *requeri, requereste requereu, requeremos, requerestes, requereram;* ao passo que *querer* faz *quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, quizeram*.

O pret. perf. *fui*, que em portuguez tanto serve para o verbo *ser* como para o verbo *ir*, faz *fui, foste, foi, fomos, fostes, foram*. Em port. ant. usou-se *foi* para a 1.ª pessoa e *fuste* para a 2.ª:

Eu soom natural de gualiléa e *foy* pagão (S. Graal 85) — Ey nome juam o bastardo e *foy* filho de rei briam (ib. 108) — Tanto [eu] *foy* pecador, uelho e mancebo, que todos meus dias tenho perdudos (ib. 135) — Entom *fuste* prasmado (F. Lopes, D. J. 231) — Porque *fuste* revatada (S. Mar. Egypt., Rev. Lus. 20, 189).

Ver forma o pret. perf. como se se tratasse de verbo da 3.ª conjugação: *vi, viste, viu, vimos, vistes, viram*.

Derivações do preterito perfeito

Com o accrescimo de *-ra* ao thema do preterito perfeito, obtem-se o mais-que-perfeito; ajuntando *-sse* ao dito thema, forma-se o imperfeito do conjuntivo, e, finalmente, com a juncção de *-r* ter-se-á o futuro do conjuntivo. O thema puro, que dá lugar a estas derivações, pode achar-se obscurecido na 1.ª e 3.ª do singular, mas revela-se bem nas demais formas pessoaes. Exemplos: *houve, houvera, houvera, houvesse, houver; tiveste, tivera, tivesse, tiver; viemos, viera, viesse, vier; vimos, vira, visse, vir; quizemos, quizera, quizesse, quizer; fomos, fora, fosse, for; pudeste, pudera, pudesse, puder; puzemos, puzera, puzesse puzer; cantaste, cantara, cantasse, cantar; merecemos, merecera, merecesse, merecer; servi, servira, servisse, servir; soube, soubera, soubesse, souber; fizemos, fizera, fizesse, fizer*, etc.

Futuro

As linguas romanicas ficaram privadas das formas de futuro do indicativo que possuia o idioma latino. Suppriu-se a falta, unindo ao infinitivo o presente de *haver* para o futuro do presente e creando analogamente o futuro do preterito pela juncção do imperfeito *havia* (contrahido em *hia*) ao infinitivo. Deu este processo em portuguez *cantarei, cantarás, cantará, cantaremos, cantaredes* (port. mod. *cantareis*), *cantarão; cantaria, cantarias, cantaria, cantariamos, cantariades* (port. mod. *cantarieis*), *cantariam*. E assim para os demais verbos.

De *fazer, trazer, dizer, jazer* não podiam proceder senão formas regulares como as dos seguintes passos:

Dizel-o ei logo ao infante (S. Josaph. 8) — *Fazel-o emos* de manhãa (Livro de Esopo 45) — E ostras, *trazerei* dellas? (G. Vic. 3, 34) Ali onde seo corpo *jazerá* (Jos. Arim., Nunes, Chrest. Port. 62).

Porem, alem destas, usavam-se já no port. ant., e com mais frequencia, est'outras formas: *direi, diria, farei, faria, trarei, traria,* assim como o hoje quasi desconhecido futuro *jarei, jaria:*

E *jará* ainda hi tres annos (S. Graal 136) — E a tua alma... *jará* i ataa o dia que os mortos hã de resurgir (S. Josaph. 11) — Se dormires *jarás* ẽ grã folgança (ib.) — *Jarei* (Zur., Ined. 307) — *Jariam* (Zur. Guiné 188) — Até quando *jaremos* neste somno (Sá de Mir. 28, 2).

Durante bastante tempo se attribuiu a existencia destas formas mais breves á syncopação das formas mais extensas, sem no emtanto dar a razão do curioso desapparecimento da syllaba em tão poucos casos. Hoje explica-se o phenomeno referindo os futuros *direi, farei, trarei* directamente aos infinitivos *dir(e), far(e), trar(e)*, já existentes em latim vulgar. Para *jarei*, caso não se trate de uma forma analogica, haveria o infinitivo *jar*.

Imperativo

As formas proprias do imperativo, 2.ª pessoa do singular e 2.ª do plural, em geral não differem das respectivas formas pessoaes do presente do indicativo senão pela eliminação do *s* final: *canta, cantai; traze, trazei; faze, fazei*, etc.

O verbo *ser*, port. ant. *seer* (lat. *esse*) faz todavia *sê* (port. ant. *sei*), *sede*, formas identicas ás do extinto *seer* (lat. sedere).

Para a 2.ª do singular de *dizer* usava-se em port. ant. ora *dize* ora *di*, forma esta semelhante ao imperativo de *dicere* em outras linguas romanicas:

Padre, *di*-me... todas as cousas (S. Josaph. 16) — *Dize*-me [graphia *dizi-me*], padre, donde ouveste esta vistidura (ib. 13) — *Dy* ao abbade (Mar. Eg., Rev. Lus. 20, 188).

Na linguagem popular registrada por Gil Vicente:

Di, rogo-te... (2, 32) — *Dize*... (2, 161).

O imperativo latino *habe* deu em portuguez *(h)ave*, que se usou em todo o periodo do falar antigo:

Ave ssiso e farás tua proll (Livro de Esopo 22) — *Ave* grã prazer (S. Josaph. 46) — *Ave* misericordia e piedade de mim (Santa Pelag., Nunes, Chrest. 104).

No seculo XVI o falar popular ainda dizia:

Have tua gaita á mão (G. Vic. 2, 309).

A linguagem literaria neste mesmo seculo filia porem o imperativo directamente ao presente do indicativo do verbo portuguez:

Ha dó desta velhice (Ferr. Poem. Lus. 2, 195) — *Ha* piadade e mágoa dos seus fermosos olhos (ib. 2, 211) — *Ha* piedade e mágoa de tanta fermosura (ib. 2, 213).

O verbo *ir* tem *ide* e *i* para a 2.ª do plural correspondentes ás duas formas pessoaes do presente do indicativo. Exemplos de *i:*

Por mercee *hii* la, amte que começem e nom lho leixees fazer (F. Lopes, D. J. 30) — *I* lá tomar cuidado de filhos alheios (Sá de Mir. 2, 77) — *I*-vos apparelhar (Ferr., Poem. Lus. 2, 195).

Os imperativos *tira* e *guarda* seguidos de pronome reflexivo reduziram-se a *tir-te* e *guar-te:*

Mas *guar-te* de fazeres peor (Jos. Arim., Nunes, Chrest. 59) — *Guar-te* de arrependimentos sem cura (A. Ferr. Obras 2, 292) — *Tir-te* lá, que não hei hoje lá d'ir (ib. 2, 308).

A linguagem literaria moderna, exceptuando a frase *sem tir-te nem guar-te,* restabeleceu as formas completas destes verbos. Filinto Elysio 13, 292 ainda escreveu *guar-te; não m'as enxotes,* tendo o cuidado de dar em nota a explicação de *guar-te.*

A 2.ª pessoa do singular do imperativo de certos verbos distingue-se da respectiva forma pessoal do pres. do ind. não sómente pela falta da desinencia, mas ainda pela diversidade da vogal tonica durante certo periodo da linguagem. Assim, sendo correntes as formas *pedes, vestes, mentes, segues, feres* dizia-se:

Pide a teu padre (S. Josaph. 16) — *Viste*-te (ib. 13) — *Minte*-lhe (G. Vic. 1, 309) — Essa licença *pide* tu á justiça (Ferr. 2, 317) — Isso lhe *pide* em tuas orações (Ferr. Bristo 2, 362) — *Sigue* minha razão, minha vontade (ib. 2, 220) — *Sigue*-me firme e forte (Cam., Lus. 10, 76) — E diz [S. Paulo] na primeira a Timotheo: Homem de Deus, *sigue* a justiça (H. Pinto 1, 152) — *Viste*-te de sua lam (ib. 1, 176) — Dá e *fire* quanto quizeres, o vaso de Anaxoras, que a Anaxoras nunca o ferirás (ib. 1, 45) — *Pide*-me quanto quiseres, que eu to darei (ib. 2, 734) — Vai e vende quanto tens, e dá-o aos pobres,

e *sigue*-me (Vieira, Serm. 7, 172) — Se me queres lograr, *sigue*-me (ib. 4, 165).

Os quinhentistas, usando embora já invariavelmente *acodes, foges, cobres,* conservaram comtudo a vogal *u* no imperativo:

Fuge minha ira (Ferr. 2, 225)— *Fuge,* coitada, *fuge* (ib. 2, 253) — *Acude* e corre, pai (Cam. Lus. 3, 105) — *Fuge, fuge,* lusitano (ib. 2, 61) — *Fuge* das gentes perfidas e feras (ib. 2, 62) — E tu, Coimbra, *cubre*-te de tristeza pera sempre (Ferr. 2, 281) [Vide supra Alternancia] — *Fuge* dos muytos, *fuge* dos poucos, *fuge* ainda dhum sò (H. Pinto 1, 318).

O imperativo *fuge* occorre ainda em Vieira:

Fuge delles [aduladores] como de inimigos (Serm. 4, 228) — *Fuge* daqui e vayte para a tua patria (ib. 4, 241).

Poder e *querer,* dada a sua significação, difficilmente se dizem no imperativo. Não se usa a 2.ª do singular. Do plural registram-se:

Querede-vos de mim doer (Canc. Din. 40) — *Querede*-vos doer do meu mal (ib.) — *Querei* ora a quem vos quer, dai ó demo a opinião (G. Vic. 3, 151) — Estimai quem vos estima; se vos quizerem, *querei* (Prestes, 333) — Amay a quem vos ama, e aborrecey a quem vos aborrece; isto he, *querey* bem a quem vos quer bem, e *querey* mal a quem vos quer mal (Vieira, Serm. 4, 77) — *Querey* tudo o que podeis (ib. 8, 80) — *Podey* e *querey* (ib. 6, 309-10).

Conjuntivo

Substituindo a terminação *-o* da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo por *-e* nos verbos da 1.ª conjugação e por *-a* nos da 2.ª e 3.ª conjugação, obtem-se o thema do presente do conjuntivo: *cante, escreva, sirva, durma, sinta, faça, perca, jaça, meça, peça, acuda, veja, saiba, caiba, venha, tenha, ponha, possa, ouça, diga, siga,* etc.

Tão regular é esta formação que as rhizotonicas estão sujeitas ás mesmas regras de alternancia relativas a 1.ª do singular do pres. do indicativo. Confrontem-se *adores, adore, adorem* e *adoro; escreva, escrevas, escrevam* e *escrevo; durma, durmas* e *durmo; sinta, sintas, sintam* e *sinto,* etc.

Excepções: *haver* faz *haja; ser* faz *seja;* ao indi-

cativo *vou* corresponde *vá, vás, vá, vão* em contradição com *dou* e conj. *dê, dês, dê,* etc. De *estar, estou,* usou-se em port. ant. e entre os quinhentistas a formação regular: *estê, estês, estê, estemos, esteis, estêm* (*estêem*). Por influencia de *seja* alterou-se depois *estê* em *esteja*, que supplantou de todo a antiga forma.

Querer, quero faz *queira; saber* faz *saiba.*

A modelação do presente do conjuntivo pela 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, levadas em conta as excepções que acabámos de mencionar, é regra resultante de condições phoneticas similares (v. g. *facio* e *facia-m, vides* e *videa-m*) completadas pela analogia.

Gerundio

Como as demais linguas romanicas, o idioma portuguez não herdou do gerundio latino senão a forma ablativa. Termina o nosso gerundio em *-ando, -endo* ou *-indo,* conforme a conjugação a que pertence o verbo. Tem applicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do participio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjectivo e substantivo.

Participio do presente

O participio do presente latino deu em portuguez formas em *-ante, -ente, -inte.* Usadas porem em geral como substantivos e adjectivos propriamente ditos, poucos vestigios deixaram da antiga função verbal. Diz-se ainda hoje *homem temente a Deus,* e os quinhentistas ainda podiam escrever:

Rei e senhor natural, não *reconhecente* superior em o temporal (Barros, Dec. 4, 7, 1) — Cousas *tocantes* a piedade natural (Arr. 511) — Ilheos de Ires e Meitarana, *circumstantes* a Ternate (Barros, Dec. 4, 7, 9) — Perlas ricas e *imitantes* a cor da Aurora (Cam., Lus. 10, 102).

Mas estes dizeres dos quinhentistas devem-se levar antes á conta de latinismos do que á da linguagem

espontanea e natural propria da epoca. A mesma cousa se hade entender dos profusos exemplos de participio do presente existentes na Regra de S. Bento e dos que se encontram nos documentos officiaes e legislação da idade media. Se fosse proprio do falar usual, o participio do presente não escassearia, como escasseia, nas narrações, descripções e chronicas que possuimos do mesmo periodo.

Participio do futuro

O participio do futuro latino, de voz activa, apparece em portuguez apenas em alguns verbos intransitivos, com o mesmo conceito de acção ainda não realisada: *vindouro* (lat. *venturus*), *morredouro* (lat. *moriturus*), *futuro*.

O participio do futuro, de voz passiva, creação puramente erudita, em port., usa-se em *execrando* (= que deve ser execrado), *venerando, doutorando, examinando* e poucos casos mais. Uns empregam-se como substantivos, outros como adjectivos.

Participio do preterito

Regra geral para formar o participio do preterito: mudar a terminação *-ar* do infinitivo em *-ado*, e *-er* ou *-ir* em *-ido*. Para os verbos da 2.ª conjugação possuia o port. ant. tambem a forma *-udo*. *Leer, creer, teer* (e compostos) faziam constantemente *leudo, creudo, teudo, reteudo, conteudo, manteudo* (de que ainda hoje se conservam alguns vestigios). Quanto aos outros verbos vacillava-se entre *-udo* e *-ido*:

Sabudo (F. Lopes, C. J. 146, 227, 151) e *sabido* — *metudo* (ib. 170) *e metido* (ib. 245) — *conheçudo* e *conhecido* (ib. 197) — *atrevudo* (ib. 226) e *atrevido* (ib. 197) — *avudo* (ib. 204) e *avido* — *rreçebudo* (ib. 238) e *rreçebido* (ib. 263) — *proveudo* (ib. 293) e *provido* — *vemdudo* (ib. 337) e *vemdido* — *devudo* (ib. 343) e *devido* — *movido* (ib. 12) e *movudo* (ib. 32) — *convertudo* (S. Graal 42) e *convertido* — *confundidos* (ib. 43) e *confundudos* (ib. 44) — *comprendudo* (ib. 27) e *comprendido* — *ascondudo* (S. Josaph. 29) e *ascondido* (ib. 36 e 37) — *vençidos* (ib. 34) e *veençudo* (ib. 45) — *perdudo* (ib. 38) e *perdido* — *estendudo* (ib. 44) e *estendido*, etc.

Livres do processo nivelador ficaram desde os começos do idioma portuguez até os nossos dias *feito, dito, escripto, cuberto, aberto, posto* respeitando-se a formação latina, e *visto* correspondendo ao lat. *visum*. O participio de *vir*, *vindo*, não resulta directamente do lat. *ventum*, e sim do port. ant. *vĩir*, do mesmo modo que *findo* procede do port. ant. *fĩir*.

Alguns verbos têm, ou tiveram, dous participios: um regular em *-ido* ou *-ado*, e outro irregular, proveniente do latim ou creado no proprio idioma portuguez. A historia destes participios varia de verbo para verbo. Para obviar ao embaraço da superfluidade, procura-se em geral ou eliminar uma das formas, ou dar-lhe applicação differente:

Aceitado e *aceito*: Participio de *aceitar* é *aceitado* conforme a linguagem de quinhentistas e seiscentistas, que o empregavam junto a *ter*, junto a *ser*, nas construcções de participio absoluto e tambem como adjectivo:

Acceitada esta obediencia per elrey de Lião (Barros, 2, 6, 1) — Começava de denunciar a secta que *tinha acceptada* (ib. 1, 9, 3) — Que a fé de Jesus Christo Nosso Redemptor *fosse* per elles *acceptada* (ib. 1, 9, 5) — *Acceitadas* estas pazes (Santos, Eth. 1, 104) — A rainha, *aceitado* o governo... começou com muita severidade a tratar os negocios (B. Cruz, D. Seb. 1, 29) — Pubricada esta sentença, *foi aceitada* de ambas as partes com grande contentamento (F. M. Pinto 3, 165) — Entrava em novo escrupulo de *ter aceitado* (Sousa, Arc. 1, 64) — No anno seguinte... no qual *foi aceitado* o convento polla Provincia (ib. 1, 155) — O credito de Antonio Rodrigues de Moraes *está aceitado* (Vieira, Cartas, 1, 71) — Renunciando-a depois de *aceitada* (Vieira, Serm. 2, 11) — Pois se as espadas *erão* duas e ambas *aceitadas* e aprovadas por Christo, como necessarias, porque prohibio o Senhor a segunda...? (ib. 1, 804) — Dizendo-se que os thesouros forão offerecidos, não se diz se *forão aceitados*, ou não (ib. 4, 530) — Morte de cruz, escolhida e *aceytada* livremente (Bern. L. e C. 318) — *Tinha aceytado* o principio de morrer (ib. 468).

Conjuntamente com o participio *aceitado*, andava em uso o vocabulo *aceito*, servindo este de adjectivo e tendo o sentido de «agradavel»:

Foi eleito, e *aceitado* com muita conformidade, e alegria de todos os Religiosos... Aos padres mais graves da provincia foy em especial *aceita* a eleyção, entre os quaes o Mestre frey Luis de Granada (Sousa, Arc. 1, 37) — E por ser mais *accepta* [esta infernal

doutrina], tomavam-lhe as filhas por molheres (Barros, Dec. 1, 9, 3) — Pera offerecer oblação *accepta* a Deos (Vieira, Serm. 9, 291) — As outras taes razões a todos forão *aceitas* (Barros, Dec. 2, 3, 7).

Referindo-se a pessoas, o vocabulo *aceito* podia tomar a accepção «favorito», «preferido»:

Dadivas... que deo aos seus *acceptos* (Barros, Dec. 1, 9, 6) — Transtornavam o animo dos *acceitos* delrey (ib. 3, 2, 2) — Gastava... em grossas peytas aos *acceitos* a elrey (ib. 2, 2, 9).

Em port. hodierno dá-se a *aceito* a funcção de participio em competencia com *aceitado*, privando o vocabulo da significação que outrora tinha; e já como concessão á tendencia da linguagem popular nota-se um ou outro trecho em Vieira:

Mas que faria o Divino Asseguradoř, *tendo* já recebido, ou *aceita* em promessa a parte do cabedal? (Serm. 8, 283) — A mesma lançada que recebeo depois de morto, já a *tinha* antevisto e *aceito*, estando vivo (ib. 7, 351).

Comesto, comido: A forma herdada do latim foi cedo supplantada pelo uso do participio em *-ido*. Occorrem todavia exemplos de *comesto* em port. antigo e na linguagem quinhentista a par da forma regular:

Depois que o Conde e ho Meestre ouverom *comido* (F. Lopes, D. J. 26) — Nuno Alvarez se deceo do cavallo... nom avendo ainda *comido* nenhũa cousa (ib. 159) — E seendo já delle muito *comesto* [pelos cãaes] soterrarom-no (ib. 26) — Que vejão os Mouros se temos nós os cavallos *comestos* (Zur., Ined. 3, 128) — Tres dedos de taboa ás vezes *comesto* do busano (Barros, Dec. 2, 7, 1) — [As tapiocas] querem-se *comidas* quentes (G. Soares, 155) — Ha uma casta de mandioca que se quer *comesta* de anno e meio por diante (ib. 153).

Cinto, cingido: Recebeu do latim o port. ant. o participio *cinto*, e delle fez largo uso:

Espada que tiinha *çimta* (F. Lopes, D. J. 47) — Com cotas e braçaaes e espadas *cintas* (ib. 362), etc.

Mas *cingir* não escapou á tendencia de formar o participio dos verbos em *-ir* segundo um só typo:

[Vio levar] *cingida* a espada (F. Lopes, D. J. 320).

Generalisando-se em port. mod. o emprego da forma nova, desappareceu de todo o vocabulo *cinto* como par-

ticipio. Deste modo, em lugar da obscura linguagem *cintos de cintas ou de cordas* (Nunes, Chrest. Arch. 29) passou-se a dizer: *tirada a cinta com que andava cingido* (Barros, Dec. 3, 2, 1).

Situado e *sito:* Do substantivo *situs* derivou o lat. escolast. o verbo *situare* com o part. *situatum*. Alem daquelle substantivo usava o lat. classico o part. *situs*, do verbo *sinere*, com a accepção de «situado». O verbo portuguez *situar* tem o seu participio naturalmente em *-ado*. Raras vezes dão os escriptores preferencia ao latinismo:

Gurupi, que é outra capitania *sita* entre o Maranhão e o Pará (Vieira, Cartas 1, 135) — Era o monte Horeb, *sito* no mais interior daquelle deserto (Vieira, Serm. 3, 197).

Em Arraes, Dial. 255, ha *sita* e *situada*. Conhecida é ainda a formula: *predio sito á rua tal.*

Pagado e *pago:* O port. ant. offerece-nos innumeros exemplos das duas formas usadas indiscriminadamente:

Se a divida he já *pagada* (Foros de Beja, Ined. 5, 470) — Queremos e mandamos que sejão *pagos* pelos nossos almuxariffes (Livro Verm., Ined. 3, 394) — E já sabes como teu serviço ha de ser *pagado* (Zur., Ined. 3, 267) — E foi-lhe logo *pagado* o solldo dhuũ mes (F. Lopes, D. J. 148), etc.

A mesma pratica foi continuada em port. mod. tornando-se todavia mais frequente o uso de *pago:*

Os quaes damnos se os não pagou com a fazenda, foram *pagos* com sua morte (Barros, Dec. 1, 6, 8) — Foram *pagos* de seus soldos e mantimentos (Castanh. 3, 112) — Tu, de quem ficou tão mal *pagado* hũ tal vassalo (Cam., Lus. 10, 25) — O proprio povo tinha *pagado* uma parte das arrhas do seu casamento (Herc., Lend. e Narr. 1, 185) — De sobejo tens *pago* o erro de um coração inexperto (M. de C. 2, 180), etc.

O port. hodierno dá em geral preferencia ao participio *pago* omittindo de todo a linguagem *ser pagado.*

A origem de *pago* participio parece devida a uma nova adaptação semantica do substantivo deverbal *pago* (como mais tarde succedeu a *gasto, ganho*) em frases deste genero: *este dinheiro é pago* (=pagamento) *para tal serviço.* Inaceitavel é a hypothese da contracção ou syn-

copação da vogal tonica (e mais a consoante seguinte) no vocabulo portuguez *pagado*. Nem se percebe a que proposito viria tão singular reducção de esforço, uma vez que perdurava o uso de *pagado* para os mesmos effeitos a que servia o participio *pago*.

O sentido primitivo de «pacificar» que teve o verbo *pagar* (lat. *pacare* derivado de *pax, pacis*) manteve-se na expressão *irado e pagado* usada na formula estabelecida, com que os vassalos juravam fidelidade ao rei:

Eu Joam vos faço preito e menagem pelo vosso Castelo e Fortaleza... e vos acolherei e receberei no alto e no baixo della, de noute e de dia, e a quaesquer oras e tempos que seja, *irado e paguado*, com muitos e com poucos... (Ord. D. Man. 1, tit. 55).

Gastado e *gasto:* O verbo *gastar* nunca teve outro participio do preterito senão *gastado* no port. ant. e no port. mod. até o seculo XVIII, epoca em que se começa a introduzir na linguagem literaria o substantivo deverbal *gasto* com funçāo participial. Tem tomado tal incremento o seu uso, que já agora se evitaria o antigo participio em frases como as seguintes:

Munições *gastadas* (Castanh. 2, 79) — Tanta fazenda quanta tinha *gastada* (ib. 2, 10, 1) — Uns as armas alimpam e renovam que a ferrugem da paz *gastadas* tinha (Cam. Lus. 4, 22) — O tempo se resgata dando... tempo bem *gastado* por tempo mal *gastado* (Vieira, Serm. 9, 928) — Se foy mal *gastado* está cativo (Vieira, ib.).

Ganhado e *ganho:* Participio sempre usado em port. ant. e port. mod. é *ganhado*. Igual attribuição se deu ao vocabulo *ganho* no seculo XIX, e na incerteza entre as duas maneiras de dizer, vai-se manifestando hoje predilecção pelo participio intruso. Cotejem-se com o falar hodierno:

Vintem poupado, vintem *ganhado* (Prov.) — Sustentaremos a honra que temos *ganhada* (Castanh., 1, 83) — Estas cousas estam *ganhadas* (Barros, Dec. 1, 1, 11) — Foram perdendo o que tinham *ganhado* (Vieira, Serm. 8, 267) — Adornos... *ganhados* pelo trabalho (Mello, G. Cas. 117) — Tinham *ganhado* a immobilidade (Herc., Lend. e Narr. 2, 90).

Morto e *morrido:* A forma regular *morrido* só teve aceitação em linguagem literaria de port. hodierno. Não registrei exemplo anterior á epoca de Filinto Elysio:

O que porem é certo é não *ter morrido* o Duprez em casa do marquez de S. Jorge (Fil. Elysio, Obr. 20, 243).

Infinitas vezes se emprega o verbo *morrer* nas descripções antigas, nos escriptos de quinhentistas e seiscentistas, mas sempre com o participio *morto* conjugado naturalmente com o auxiliar *ser*, como nestes exemplos:

Nos tres dias que cometeo o vao, *eram mortos* vinte Portugueses (Barros, Dec. 1, 6, 5) — *Eram* já *mortos* trinta e sete homens [da doença] (ib. 3, 5, 10).

Morto e *matado:* É singular a aversão que sempre manifestaram os escriptores portuguezes pelo participio derivado naturalmente do verbo *matar*. Existia todavia o vocabulo *matado*, sobretudo em boca de judeus, do que dão testemunho os tres exemplos que occorrem em Gil Vicente, 1,350-351. Empregou-o frequentemente Samuel Usque; porem a gente letrada christan, quinhentista e seiscentista, conservou-se fiel á tradição de pedir o participio emprestado ao verbo *morrer*, dando-lhe significação activa. São innumeros nas chronicas e outros escriptos os exemplos semelhantes aos seguintes:

Por elle Soldão neste tempo *ter morto* tres grandes capitães (Barros, Dec. 2, 8, 3) — Dous trabucos nossos que lhe *tinham morta* alguma gente (ib. 2, 5, 7) — *Tendo* hum Domonio, chamado Asmodeo *morto* até sete maridos a Sara (Vieira, Serm. 2, 318) — Respondeo elle que já *tinha morto* hum urso e hum leão (ib. 9, 417).

Excepcionalmente, encontramos em M. Polo 45, v: *Muytos* [homens] *forom ally matados.*

Actualmente já não ha prevenção contra *matado*, quer com o verbo *ter*, quer o auxiliar *ser*.

Defeso e *defendido:* A forma regular não era desconhecida do port. ant.:

Esta ley seera *defendida* sotilmente per tantas provas e argumentos (C. Imp. 242).

Mas os escriptores preferiam o participio alatinado:

Eram bem *defesos* dos que estavam em cima do muro (F. Lopes, D. J. 314) — O rreino de Portugal foi por elle *deffeso* (ib. 88).

O verbo *defender* tinha tambem o sentido de «vedar», «prohibir», e assim o empregaram ainda escriptores do seculo XVI com o participio *defeso:*

Tinha o governador *defeso* a ele e aos outros que não passassem (Castanh. 3, 59) — Affonso d'Albuquerque tinha *defeso*... que nenhum homem de armas fosse em companhia dos mareantes (Barros, Dec. 2, 3, 4).

Hoje, *defeso* só se usa como adjectivo predicativo.

Despeso e *despendido:* Extremamente raro é o emprego de *despendido* na linguagem antiga. Na Chronica de D. João de Fernão Lopes occorre este exemplo:

Vissem como o que elle avia era *dispendido* (2, 145).

Em compensação, era de uso frequente o participio alatinado:

Os quaes contos... havia *despesos* na guerra (F. Lopes, D. J. 2, 181) — Tantas razões como... foram *despesas* (ib. 2, 190) — Foi todo aquell trabalho *despeso* em vaão (ib. 185).

João de Barros continuou a usar o mesmo participio:

Tinham já *despesa* toda a polvora (Dec. 2, 9, 5) — Ter *despeso* todo o cabedal (ib. 1, 1, 12).

Dos seiscentistas para cá não se conhece senão o participio *despendido*.

Resoluto e *resolvido:* Em portuguez hodierno o verbo *resolver* não tem outro participio do preterito alem de *resolvido*. O seu antecessor *resoluto*, rebaixado hoje á categoria de simples adjectivo, serviu largamente á conjugação no periodo dos escriptores seiscentistas. Vieira não emprega outra forma:

Ambas estas cousas sahirão hoje *resolutas* de hum conselho — Tenho *resoluto* de lhes tirar a vida e a coroa — Tem *resoluto* ou permittido (Serm. 2, 215, 218).

Filinto Elysio ainda usa *resoluto*, mas já admitte tambem a forma regular:

Ficou *resolvido* que d'ali a dous dias partiriamos (Obr. 20, 163).

Assolto, aussoluto (absolto, absoluto) e *absolvido:* As duas primeiras formas são peculiares ao port. ant.;

em seu lugar usaram-se mais tarde as parentheticas como restituições eruditas:

Aquell que legasse e assolvesse na terra, seria legado e *assolto* nos ceos (F. Lopes, D. J. 301) — *Absoltos* de seus peccados (Sá de Mir. 1, 212) — Dom Lourenço se achou sem culpa e foy *ausoluio* (Castanh. 2, 35).

O port. hodierno reconhece por participio sómente *absolvido*, já empregado por Bernardes em:

Foi *absolvido* [o corvo da excommunhão] e recuperou a saude (N. Flor. 1, 274).

F. J. Freire serviu-se da forma antiga em:

Quem morre fica livre de toda a obrigação e *absoluto* de toda a divida (Sec. Port. 94).

Vieira ainda usava o participio alatinado:

Do cativeiro do peccado... ficamos *absolutos* e livres (Serm. 7, 190) — Lá huns hão de ser *absolutos*, outros condenados; cá todos saem *absolutos* (ib. 7, 191) — Quando os dous havião de ficar *absolutos*, todos tres forão condenados (ib. 7, 208).

Elegido e *eleito:* Os escriptores do port. ant. não tiveram escrupulo em adoptar o participio em *-ido*. Assim Fernão Lopes:

Pode seer *emllegido* — Pessoa que ha de ser *emllegida* — Elles aviam *emllegido*, etc.

Porem a reacção erudita em port. mod. tanto insistiu no emprego de *eleito*, que hoje é a forma geralmente aceita. Vieira, no sermão para o dia de S. Bartholomeu (2, 346-370) só se utilisa do participio *eleito*. Mas os seiscentistas nem por isso desprezavam o participio regular:

Doze apostolos *elegidos* por Christo (Bern., N. Flor. 5, 523) — Forão *elegidos* (ib. 1, 333) — Tem *elegido* o meyo (Bern., L. e C. 32).

Entregue e *entregado:* O vocabulo antigo *entregue*, provavelmente do lat. *integer*, com alteração semantica, serviu de etymo ao verbo *entregar*, cujo participio normal é *entregado*. Identificados porem os conceitos expressos pelos dous vocabulos, adjectivo e participio, pas-

sou o antigo termo *entregue* a servir de participio e a ser usado mais frequentemente ainda do que a forma *entregado*: O trecho *e já entregado espera pelo golpe* (Cam., Lus. 3, 40) e alguns passos de F. M. de Mello indicam que *entregado* pode usar-se tambem com o sentido especial de «confiado», «resignado». Note-se ainda, na linguagem de outrora, o uso de *ser*, *estar* ou *ficar entregue de alguma cousa* e *entregar-se de alguma cousa:*

Fazemdo por esto guerra a ell... ataa que *fosse emtregue dos* ditos çem mill marcos douro (F. Lopes, C. D. J. 350) — Jorge d'Alboquerque tanto que *foi entregue da* fortaleza de Malaca, quiz logo entender nas cousas d'Elrey de Bintam (Barros, Dec. 3, 5, 4) — A toda conta e maneira queria elle *ser entregue de* tudo (Itin. 151) — Em me darem terlado de todo este processo, e hũa fee de como o comsul *fycava emtregue de* tudo (ib. 260) — E por esta razão ficou o coja beirão por testamenteiro e absoluto senhor de tudo, e logo tomou e *se entregou de* toda a fazenda e dinheiro (ib. 141) — E logo lhescreveo a tripoly... e que... fosse iaa *emtregarse daquella* fazenda (ib. 260).

Nado e *nascido:* Do participio primitivo ficou em portuguez até hoje o vocabulo *nada* (=nenhuma cousa), proveniente do lat. *rem natam*. Com função participial conservou-se *nado* apenas na locução *sol nado*. Em linguagem medieval occorre com frequencia o participio de filiação latina sem comtudo desprezar-se a formação popular *nascido*, e esta ultima vem a prevalecer do periodo quinhentista em diante.

Tolheito, *tolhido:* Da forma antiga são exemplos:

(Canc. d. Din. 94) vol-o tem louqu'e *tolheito*, e (Duarte, Ensin. 19): como se acertar em outra sella sera meo *tolheito*.

Coseito, *cosido:* O antigo participio foi ainda usado por João de Barros:

Zambucos *coseitos* com cairo (Dec. 7, 8, 4) — Meteo a nao ao fundo com os Mouros que a navegavam, todos *coseitos* em huma veela por não haver memoria delles (ib. 2, 14) — E Diego Pires com a galé grande e Payo de Sousa com a pequena fossem demandar as dos imigos *coseitas* em terra (ib. 2, 2, 7) — Hiam diante *coseitos* com a terra por descubridores (ib. 2, 1, 4).

Colheito, *colhido* e compostos: Registra-se o participio *colheito* em Sá de Mir. 500: *antes que este fruito fosse colheito*. Vingou o participio regular, continuando

comtudo a usar-se sempre até hoje o termo *colheita* como substantivo. Para os demais verbos formados de *colher*, oscillava-se no seculo XVI entre as duas formas participiaes, o que prova que já então estava condemnada a desapparecer a forma mais antiga:

Como... esteve *recolheito* em as naos... *Recolhido* Affonso d'Albuquerque ás naos (Barros, Dec. 2, 6, 5) — Convinha ser *recolhido* (ib. 1, 8, 10) — O qual achou já desafrontado dos mouros por serem *acolheitos* ao palmar (ib. 1, 8, 8) — Souberam ser elle *acolhido* pera o palmar (ib.) — Está *recolheita* na maior fortaleza (Barros, Clar. 1, 9) — Era *escolheito* antre todollos os outros (ib. 1, 327).

Salvo, salvado: O verbo *salvar* tem varias accepções. Significando «saudar», seu participio é *salvado:* Tem o mesmo participio se é tomado no sentido de «saltar». Significando porem «livrar de perigo», e conjugado com o verbo *ter*, diz-se ora *salvo* ora *salvado*. Desta forma regular são exemplos:

De lhe haveres *salvado* o redil (Fil. El. 13, 356) — O ter-me *salvado* de pretensões (ib. 20, 105) — Elle Nunalvares tinha em cem combates *salvado* a patria do dominio estranho (Herc., Lend. e Narr. 1, 278) — Dez como elle haveriam *salvado* o imperio de Theodemiro (Herc., Eur. 185) — Por terem... a elle... *salvado* infante (Castilho, Georg. 243).

Diz-se tambem *os salvados do incendio*, falando de objectos. Em outros casos é mais geral o uso do participio *salvo*.

Salvo (e não *salvado*) tambem se usa, desde o port. ant., com o valor de preposição, significando o mesmo que «excepto»:

Salvo clerigos e homens (F. Lopes, D. J. 4, 310) — *Salvo* a tomada (ib. 4, 325) — *Salvo* aquella que fogira (ib. 4, 402) — Nom sayo ha peleja com mays armas, nem mays homens, *salvo* estes cynquo (Doc. T. T. 93) — Nam possa aver outras rendas nem direitos, *salvo os dizimos* (ib. 59) — Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, *salvo as mãos* (Arr. 31) — Acordarão... que os medicos não entendessem em curar *salvo os doentes* das breves e remediaveis [enfermidades] (ib. 65) — Lazaro, que ha de dar, *salvo* as suas *chagas*, a lamber aos cães? (Bern. N. Flor. 2, 168) — Foram todos pelo rio arriba, *salvo as galés* (D. de Góes, D. M. 203) — Já ninguem ahi estava, *salvo* os dous cavalleiros (Herc., Lend. e Narr. 1, 70).

Infinitivo

Alem dos verbos com o infinitivo em *-ar*, *-er* e *-ir*, possue o port. mod. o verbo *pô-r*, o qual, tendo por terminação sómente a consoante *r*, parece, á primeira vista, constituir uma conjugação áparte. Procede comtudo este vocabulo do port. ant. *po-er* > *põ-er* (lat. *ponere*). É portanto um verbo contracto da 2.ª conjugação e explicavel pela deslocação do accento tonico para o radical. Deu-se este phenomeno, ao que parece, por fins do seculo XV. Provas evidentes do accento tonico na terminação se encontram na antiga poesia dos Cancioneiros, já pela contagem das syllabas, já pela rima de *poer* com outros vocabulos em *-er*.

No infinitivo *vir* é costume considerar *-ir* como terminação, ficando *v-* para radical. Fazendo-se a analyse á luz da historia, chega-se a outra conclusão. Trata-se aqui de um verbo contracto. O lat. *venire* deu em port. **vẽ-ir* > *vĩ-ir*. Deslocando-se depois o accento para o radical, ficou *vĩ-ir* e finalmente *vĩ-r*. O emprego deste infinitivo com vogal nasalisada era corrente em port. ant. como se vê a cada passo nos documentos daquella epoca (graphado *vinr* e *vijnr*). Dos quinhentistas para cá usa-se *vir* com a vogal pura.

Outros infinitivos contractos são *rir* de *riir*, *ter* de *teer* < *tẽ-er*, assim como *ver*, *ler*, *crer*, *ser* que procedem respectivamente de *veer*, *leer*, *creer*, *seer*.

Dos verbos de origem latina pertencentes á 2.ª e á 3.ª conjugação naquella lingua, só uma parte se ficou usando com a terminação *-er*, passando-se os restantes para a conjugação do typo *-ir*. Estão no segundo caso *prohibir*, *cumprir*, *fugir*, *pedir*, *fallir*, *consumir* (e compostos); *repellir* (e demais compostos do lat. *pellere*), *aspergir*, *persuadir*, *evadir*, *invadir*, *trahir*, *espargir*, *applaudir*, *submergir*, *discernir*, *dividir*, *residir*, *affligir*, *dirigir*, *exigir*, *opprimir*, *supprimir*, *comprimir*, *exprimir*, *extinguir*, *assistir*, *resistir*, *desistir*, *existir*, *consistir*, *abolir*, *attribuir*, *distribuir*, *arguir*, *annuir*, *delinquir*, *restituir*, *instituir*, *instruir*, *estruir*, *construir*, *incumbir*, *succumbir*, *ungir* e outros.

Muitos destes verbos não occorrem em port. ant.

senão como verbos da conjugação *-ir*, não se podendo apurar a epoca da transformação; outros, por sua vez, usaram-se, sem a menor duvida ainda por bastante tempo na linguagem literaria com os caracteristicos da 2.ª conjugação como se vê pelas seguintes formas:

Cingeo-a (S. Graal 13) — *Conjondeo* (ib. 90) — *Conjonderom* (ib. 92) — *Fingeo* (F. Lopes, D. J. 15, 45, 155) — *Enfinger*, *enfingede* (Din. Can. 71) — *Rreduzer* (F. Lopes, D. J. 297) — *Produz*ellas (ib. 272).

Com alguns verbos vacillava-se sobre a conjugação. Assim:

Requerir-vos (F. Lopes, D. J. 151) — *Requerer* (ib. 85) — *Requerer* (ib. 28) — *Requerir* (ib. 28) — *Requerisse* (ib. 148 e 250) — *Requerirom* (ib. 370) — *Requerio* (ib. 114) — *Requeresse* (ib. 17) — *Requeressem* (ib. 53) — *Requerissem* (D. D. Duarte, Leal Cons. 65).

E semelhantemente *querer*, de que usamos *requerer*, ao passo que se diz *inquirir*, *adquirir*; *verter*, *converter*, *perverter* e *advertir*, *divertir*; *eleger*, *colher* e *colligir*.

As formas *rreçebiste* (F. Lopes, 367), *offereçiste* (ib. 231), *perdiste* (Nunes, Chrest. Arch. 143), *prendiste* (S. Graal, 37 e Nunes, Chrest. Arch. 145), *mitiste* (S. Joseph., 27), *moviste* (Nunes, l. c. 148) indicam tambem tendencia para transportar os respectivos verbos para a 3.ª conjugação, posto que se conservasse o infinitivo em *-er*.

É de notar o lat. *mittere* que deu *metter*, com os compostos *prometter*, *arremetter*, *acometter*, *remetter*, *submetter*, *entremetter*, e por outra parte os compostos *admittir*, *permittir*, *demittir*, *omittir*, *transmittir*.

Verbos defectivos

Verbos que se desviam da conjugação normal por lhes faltarem formas pessoaes, temporaes ou modaes, chamam-se *defectivos*. Taes são: *precaver*, *aguerrir*, *empedernir*, *fallir*, *florir*, *fornir*, *adir*, *buir*, *condir*, *poir*, *embair*, *cernir*, *renhir*, desusados nas formas em que o accento tonico deveria cahir no radical (as tres pess. do sing. e a 3.ª do plur. do pres. do ind., assim como a 2.ª do sing. do imperativo) e em todo o pres. do conjuntivo (o qual se re-

gula pela 1.ª do sing. do pres. do indicativo), mas empregado em todas as formas que têm o accento na terminação: *precavemos*, *precaveis*, *precavia; embaimos*, *embais*, *embaindo; delinquimos* etc.

Dos verbos *demolir* e *abolir* não se usa a 1.ª do sing. do pres. do indicativo, nem o pres. do conjuntivo.

Preenchem-se os claros dos citados verbos defectivos por meio de circumloquios ou outros verbos de significação equivalente.

A esquivança em completal-os com os proprios recursos de *precaver*, *fallir*, *condir*, etc., deve-se ora ao receio de proferir expressões desagradaveis, por obscuras ou lembrarem outros verbos, ora á duvida relativa á applicação da alternancia vocalica. Esta ultima causa faz-se sentir nos verbos defectivos em *-ir*, cuja lista, outrora bastante longa, o tempo se tem incumbido de ir reduzindo. *Digerir* por exemplo faz hoje *digiro*, *digira*; F. Heitor Pinto não se conformaria com tal decisão e diria antes: *não ha ferro, por duro que seja, que não digistam* (1, 266) — (*a galinha*) *crua não ha quem a digista* (1, 107). B. J. de Oliveira (1879) incluia entre os defectivos: *compellir*, *discernir*, *expellir*, *submergir*. Mas hoje é usualissimo *discerne*, *expelle*, *submerge* e parece não haver repugnancia pelas formas *discirno*, *expillo*, *submirjo*.

Verbos que designam gritos de animaes são por alguns considerados defectivos, isto é, falhos da 1.ª pessoa, por inapplicaveis ao homem que fala. Contesta-se esse argumento pela linguagem das fabulas, em que imaginamos os animaes falantes, e, referindo-se a si proprios, usarão o verbo na 1.ª pessoa. Alem disso, em linguagem metaphorica pode-se attribuir ao homem o que é proprio das chamadas creaturas irracionaes.

Verbo defectivo que em forma finita não tem senão 3.ª pessoa chama-se verbo *impessoal* ou tambem *unipessoal*, como *chover*, *nevar*, *acontecer*, *constar* etc.

Conjugação mixta ou symbiotica

Alguns verbos, de si defectivos, preenchem os claros de sua conjugação com o auxilio de restos de antigos verbos existentes na lingua sem forma infinitiva

e exprimindo o mesmo conceito que o verbo principal. Esta associação intima de verbos fragmentarios, oriundos de raizes diversas e incapazes de vida propria e independente, constitue a conjugação mixta ou symbiotica.

Como exemplos typicos de symbiose temos a conjugação de *ser* e a de *ir*.

O lat. *esse*, constituido pelas raizes *es* e *bhu* (*fui*, *fuisti* etc.), e portanto já symbiotico antes de constituidos os idiomas romanicos, forma em port. o pres. do conj. tomando ao verbo *seer* (lat. *sedere*) as formas *seja*, *sejas*, *seja*, etc.

Do não menos interessante verbo *ir*, desapparece a deficiencia, graças á associação de alguns restos que ficaram ao portuguez do lat. *vadere* e ás formas de preterito *fui*, *foste* etc. e respectivos derivados, tomadas de emprestimo ao verbo *ser*.

Verbos nocionaes e relacionaes

Ao verbo accrescenta-se muitas vezes um adjectivo ou substantivo que indica o estado ou condição do sujeito durante a acção verbal, como nestes exemplos:

Partiu doente e *voltou são* — *Partiu criança* e *regressou homem* — *Vive feliz* — *Alçado* lhe *disse* eu (Cam., Lus. 5, 49) — *Cahiu morto* — *Chegam cançados* — *Nasceram mudos* — *Chegou rico* á patria (Vieira, Serm. 8, 249) — As flores *anoitecem murchas e quasi seccas*, mas com o orvalho da noite *amanhecem frescas, vigorosas e resuscitadas* (ib. 1, 882).

O adjectivo ou substantivo nestas condições é o annexo predicativo referido ao sujeito *).

Em construcções deste genero singularisam-se alguns verbos, como *ficar*, *parecer*, *tornar-se*, *ser*, *estar*, ou, ainda, *andar*, *vir* e *ir* usados em lugar de *estar*, por não se attribuir a taes verbos a significação concreta

*) Nada mais claro nem mais conciso do que esses dizeres em que dous vocabulos valem, associados, por duas proposições distintas. *Partiu doente* resulta dos pensamentos *partiu* e *estava doente quando partiu*. D'aqui o uso, em latim e outros idiomas, do caso nominativo para o annexo em taes frases. A' analyse do grammatico ou linguista não compete, claro é, volver a essa operação psychologica nem decompôr em muitas palavras o que a linguagem se limita a expressar em dous vocabulos.

que a principio tiveram ou ainda tem em outras construcções. *Ficar triste* não designa a permanencia, e sim a transformação do estado de alegria no de tristeza. O sentido existencial de *ser*, cujos vestigios ainda se conservam em frases como *era uma vez um rei* (cf. o latim *adhuc sumus* e *omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt* Cic.) e em outros dizeres, obliterou-se completamente, e de longa data, nas combinações com adjectivo ou substantivo. Mais evidente é o esquecimento da noção concreta do verbo *estar*, o qual necessita de arrimar-se á locução *em pé* para que se lhe perceba a accepção propria do latim *stare*, e é usado, alem disso, em *estar sentado, estar deitado* sem que se repare na catachrese de semelhantes construcções.

Compete ao verbo expressar o predicado, termo essencial a toda a proposição; e se esta prerogativa desapparece ou se diminue em *ficar, parecer, tornar-se, ser, estar*, etc. acompanhados de outro termo predicativo, compensa-se a perda, por assumir est'outro vocabulo, a principio usado como annexo, funções proprias do verbo. Em *F. está ou ficou doente, F. parece medico*, etc. é o segundo termo *(doente, medico)*, e não o verbo, que nos dá a informação precipua acerca do sujeito. E se este segundo termo aqui já não figura como simples annexo ou elemento accessorio da oração, mas antes como o verdadeiro predicado, o verbo, por sua vez, degradado a servir de expressão subsidiaria, é um vocabulo de significação extinta *(ser, estar)*, ou de significação incompleta *(parecer, ficar)*, ou de sentido latente *(andar, ir, vir)*.

Ser e *estar* continuam a ser usados junto a adjectivo ou substantivo não sómente pela tradição da linguagem, mas ainda em razão de seus elementos flexionaes. Um adjectivo, posto como predicado immediatamente depois do sujeito, nenhum esclarecimento daria acerca das relações de tempo e modo. Por superfluo o omittem o latim e outros idiomas em proposições como *vita brevis, ars longa*, que exprimem verdades geraes ou factos que se presumem verdadeiros em todos os tempos e em todas as circumstancias. Em portuguez, a tradição da linguagem não permitte essa pratica.

O annexo predicativo pode vir referido ao objecto ou complemento do verbo:

Deixei-*o menino* encontrei-*o homem* — Conheci-*o soldado* — As frutas comeu-*as* elle *verdes* — Deu [a setada] a hũa das cafras e derribou-*a morta* (Castanh., 2, 6) — [Insulas] *que* possue *soberanas* (Cam., Lus. 9, 21) — Conserval-*os* [i. e. os homens] *vivos*... e tel-*os ociosos* (Vieira, Cartas 2, 383) — Creou-*as* Deus *fracas* (Mello, Guia 118) — Abriu-se a terra e engoliu-*os* o inferno *vivos* (Vieira, Serm. 1, 1049).

Com alguns verbos o annexo predicativo referido ao objecto representa, não o estado simultaneo, mas a consequencia ou resultado do acto expresso pelo verbo:

Nomeou-*o director* — Elegeram-*no deputado* — Acclamaram-*no presidente* — Fizeram-*no socio* — Tornaram-*no invejoso*.

Os verbos *fazer* e *tornar* perdem aqui o primitivo sentido material para simplesmente denotar o produzir a mudança de condição ou estado. *Nomear*, *eleger*, *acclamar* conservam a significação concreta.

De um modo geral chamaremos verbos de função nocional ou, simplesmente, verbos *nocionaes* áquelles que não soffrem a influencia do annexo predicativo, e vem usados com o mesmo sentido e o mesmo officio de predicado como se tal annexo não existisse. Verbos de função relacional, ou verbos *relacionaes* são, pelo contrario, aquelles cuja accepção propria se apaga ou modifica por virem combinados com outro termo, originariamente annexo, ao qual transferem, ou com o qual dividem, o officio de predicado da oração.

Como annexo predicativo pode usar-se o participio do preterito em vez do adjectivo propriamente dito, com a differença que o participio, estando ainda viva a consciencia da sua origem verbal, exprimirá não uma qualidade, mas o estado resultante de um acto anterior. Comparem-se estes exemplos:

Tinha os olhos grandes e os labios grossos — Tinha os olhos *vendados* e a boca *ferida* — Conservou-os vivos — Trouxe-os *presos*.

O participio passa a servir de predicado e o verbo a que vem junto torna-se relacional em proposições como as seguintes:

A cadeira *está quebrada* — O seu nome *vem mencionado* na lista — As rosas *andam espalhadas* pelo jardim — Doações que *andam registradas* na Torre do Tombo (D. de Goes, D. Man. 1, 6) — O animal *parece ferido* — O leite *ficou estragado* — O escriptor *tornou-se conhecido*.

Nas construcções com *fazer*, *tornar*, *ter* e *haver* usou-se o participio passado a principio como annexo predicativo referido ao objecto. D'aqui a concordancia do participio com este objecto, conservada até principio do seculo XVII, em frases onde *ter* funcionava já como verbo relacional.

Nos seguintes passos não ha duvida que o participio continua a exercer função de annexo predicativo referido ao objecto, e o verbo *ter* conserva ainda a accepção concreta do latim *tenere:*

As aguias nas bandeiras *tem pintadas* (Cam., Lus. 8, 5) — *Sometida* Bizancio *tem* a seu serviço *indino* (ib. 3, 12) — *Tinha* nelle *postos os olhos* (Bern., L. e C. 2, 235) — Por muitos dias *tive perdido o juizo*, e mui *arriscada a vida* (Vieira, Cartas 2, 255) — Não acabam de sahir as resoluções que *têm suspensa* a *espectação* do mundo (ib. 2, 110).

Não menos evidente é a função primitiva do participio na frase *ter preso a alguem*, significando «conservar a alguem preso», como ainda a usaram, e com frequencia, os antigos escriptores, v. g. em:

Diego Lopez foi tragido a ElRei de Castella, e *tiinha-o preso* no arreal, avemdo dell mui gramde queixume (F. Lopes, D. J. 200) — Elle *tinha oitenta homens* do arraial *presos* (ib. 2, 26).

Interpretação analoga tem est'outro passo:

ElRey per dezoito ou vinte dias continuos *teve os nossos cercados* (Barros, Dec. 3, 3, 2).

Desta concepção primitiva de dous actos differentes, expressados um pelo verbo *ter* e o outro pelo annexo predicativo participial, originou-se uma forma verbal composta pelo esquecimento ou apagamento da noção concreta de *ter* ao mesmo tempo que vinha avultando o adjunto como conceito precipuo. Passou-se assim da juxtaposição de formas verbaes simples, independentes e de igual valia, á subordinação de um elemento ao ou-

tro, considerando-se como verbo principal o participio e *ter* como simples auxiliar. Esta combinação naturalmente só era possivel quando um e outro acto procediam do mesmo autor, isto é, quando o agente da acção expressa pelo participio não differia do sujeito do verbo *ter*.

O mesmo papel de auxiliar cabe tambem ao verbo *ser* nos exemplos seguintes e outros da mesma especie, devendo-se comtudo entender que o participio passado nestas combinações resulta de um annexo referido, não ao objecto, mas ao sujeito da oração:

Lopo Soares *era chegado* (Barros, Dec. 1, 10, 2) — *Era fallecido* ElRey Bolife (ib. 3, 6, 7) — *Era ido* o capitão (ib. 3, 1, 5) — Quasi dous annos que *eram corridos* depois de aberto o Concilio (Sousa, Arc. 1, 349) — Melhor lhe fora a tal homem nunca *ser nascido* (Vieira, Serm. 3, 238) — *Sou vindo* a Portugal com pretensão de hũa commenda (Arr. Dial. 257).

Da junção de *ser* com o participio de verbo intransitivo resultam, como vemos, dizeres de sentido similar a *ter chegado, ter fallecido, ter corrido, ter nascido, ter vindo* etc., cujo uso prevalece no falar hodierno. Unindo-se porem *ser* ao participio de verbo transitivo, dará a voz passiva deste segundo verbo.

Do contacto ou contiguidade de certos verbos com outras formas infinitas que não o participio do preterito podem originar-se tambem combinações semanticas, em que a forma infinita representa a acção principal e o outro verbo lhe serve de auxiliar, como nestes exemplos:

Está correndo — *Está escrevendo* — *Vou ler* este livro — *Vou pensar* — *Andar lendo* — O gosto de escrever que *vou perdendo* (Cam.) — Por seguirem o alcance aos que *andavam nadando* (D. de Goes, D. Man. 2, 33) — Abrirão de par em par as portas á malicia sameando enganos e hypocresias de que *andão* mays *inçadas* as escolas que de manteos de festa (R. Lobo, C. na Ald. 160) — Não só se *vão diminuindo* os alimentos (Vieira) — A tempestade *foi crescendo* — Destruem tudo quanto *imos dizendo* (ib.) — O reino dos ceus... *vem* chegando (ib.) — *Tornou a falar*, etc.

Se, em qualquer destas frases, estivessem os verbos ainda no primitivo estado de independencia, o gerundio, como adverbio, expressaria um acto secundario, posto que simultaneo ao do primeiro verbo; e o infinitivo denotaria um acto ulterior e accessorio ao do verbo

ir. Nas citadas frases vemos, pelo contrario, invertidos os papeis por effeito da combinação semantica. Gerundio e infinitivo de facto representam aqui os verbos principaes; *está* faz de auxiliar, dando o caracter de actualidade ás acções de correr, escrever, etc.; em *vou*, *imos*, *vem* apaga-se o conceito da locomoção, servindo taes vocabulos de elemento subsidiario, junto a gerundio, para pôr em evidencia a actualidade e continuidade do acto expresso pelo dito gerundio, e, junto a infinitivo, para denotar, a respeito dest'outro verbo, a intenção, vontade ou futuridade. Do mesmo modo, quem diz *torno a falar* não tem em mente a idéa de «retroceder» a um ponto, a um fim, mas a de «repetir» o acto de falar.

Posto que estes exemplos, e muitos outros do mesmo genero, não deixem a minima duvida sobre a funcção auxiliar de *ir*, *andar*, *vir* e *tornar*, é preciso comtudo advertir que estes mesmos verbos trazem muitas vezes a par de si outro verbo sob a forma infinita sem todavia operar-se a fusão semantica. Nesta hypothese, os dous verbos juxtapostos enunciarão cada qual um acto concreto. Será o caso de dous verbos simples pertencentes a orações differentes.

Sendo assim, devem naturalmente occorrer tambem casos intermediarios, em que será difficil decidir se se dá fusão perfeita ou se ha mera juxtaposição de verbos concretos.

Conjugação composta

Da combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerundio ou participio do preterito de um verbo nocional (v. principal), resulta a conjugação composta. *Anda*, *andou*, *andara* são formas do verbo *andar* na conjugação simples; *tem andado*, *terá andado*, *tivesse andado* pertencem ao mesmo verbo, porem na conjugação composta *ter andado*; *está andando*, *estava andando*, *esteja andando* fazem parte do mesmo verbo na conjugação composta *estar andando*.

Segundo praxe antiga dos grammaticos, consideram-se «tempos compostos» e conjugação perifrastica como cou-

sas distintas. Não o faremos aqui, depois de explicar, como nas paginas precedentes explicámos, que *ter andado* e *estar andando* nasceram de processos analogos. A primeira destas duas formas é linguagem antiga e commum a outros idiomas, e deve á circumstancia de ser desconhecida dos primeiros grammaticos a verdadeira historia das formas analyticas o ter sido encaixada como um «tempo composto» especial no systema de conjugação do verbo simples. Nasceu d'ahi a terminologia confusa (perfeito composto, *passé indéfini* etc.) e a difficuldade enorme de perceber o sentido exacto, nas diversas linguas, de *tenho visto, j'ai vu, I have seen, ich habe gesehen* etc.

Ver e *ter visto* (ou *haver visto*) são dous aspectos do mesmo verbo *ver*. No primeiro caso exprime-se a acção vagamente; no segundo define-se a acção como perfeitamente consummada. Em outro lugar (Difficuldades da Lingua Portugueza,[2] pag. 205) propuz as denominações de *aspecto imperfectivo* e *perfectivo* respectivamente para as duas especies de acção. Parallelamente ao aspecto imperfectivo *vejo, via, viu, verei* etc. conjuga-se no aspecto perfectivo *tenho visto, tinha visto, tive visto* (port. ant.), *terei visto*, etc.

Desta conjugação composta emprega-se o tempo presente em portuguez para denotar acto de realisação perfeita, porem durativo ou iterativo, abrangendo o momento em que se fala e podendo excedel-o, e raras vezes para exprimir com emphase um acto que durou sómente até este mesmo momento; nos demais tempos, não tem o aspecto perfectivo outro fim senão assignalar o acto perfeitamente executado no passado ou no futuro.

No preterito perfeito, o verbo desta conjugação composta significava a mesma cousa que na conjugação simples. *Teve visto* e *viu* eram cousas identicas. O uso baniu por superflua a forma mais longa. Esquecida hoje, attestam o seu emprego, entre outros, os seguintes passos:

Depois que el Rei *teve determinado* de pelejar... mandou duas gallees (F. Lopes, D. J. 26) — E como *teve feito* nella o que quiz, foi cercar D. João no forte em que esteve (Couto, Dec. 4, 10, 6).

O preterito imperfeito *tinha visto* de *ter visto*, cuja significação em virtude do aspecto perfectivo é mui proxima á do preterito mais-que-perfeito *vira* de *ver*, manteve a sua vitalidade e substitue muitas vezes, sobretudo na linguagem familiar, o dito mais-que-perfeito.

Nas conjugações compostas em que o verbo principal se usa sob a forma de participio passado, servem de auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e, por vezes, outros verbos, segundo vimos no capitulo precedente.

Nas combinações em que se emprega o verbo principal no infinitivo, o elemento auxiliar é *haver de*, ou *ter de* ou algum outro verbo que, de nocional, passa a funcionar como relacional. *Haver de partir* é linguagem antiga, e caracterisa o aspecto necessitativo. Do seculo XVIII para cá usa-se, a par desta forma, *ter de partir*, com sentido especialisado, indicando que a acção a praticar não depende da vontade do sujeito.

Com o gerundio por verbo principal combina-se *estar* como auxiliar, ou tambem *ir*, *vir* ou outros, apagando-se nestes a significação concreta de locomoção. Na conjugação composta assim formada enuncia-se a acção como passando-se rigorosamente no momento em que se fala (presente) ou do qual se fala (preterito ou futuro).

No seguinte quadro, pondo de parte a forma do imperativo, que é desusada em algumas das conjugações compostas, e o participio, que é privativo da conjugação simples, se demonstra que as diversas formas da flexão verbal se encontram tanto num como noutro typo conjugativo. E o que é verdade para os quatro exemplos de conjugação composta aqui figurados, tambem o é para os demais casos a que acima alludimos.

	Conjugação simples	CONJUGAÇÃO COMPOSTA			
	Aspecto imperfectivo	Aspecto perfectivo	Aspecto passivo (ou voz passiva)	Aspecto necessitativo	Aspecto do momento rigoroso
INFINITIVO	ver	ter visto	ser visto	ter de ver	estar vendo
PARTICIPIO DO PRETER .	visto				
GERUNDIO.	vendo	tendo visto	sendo visto	tendo de ver	estando vendo
INDICATIVO :					
Presente.	vejo	tenho visto	sou visto	tenho de ver	estou vendo
Pret. imperfeito. . .	via	tinha visto	era visto	tinha de ver	estava vendo
Pret. perfeito. . . .	vi	tive visto (port. ant.)	fui visto	tive de ver	estive vendo
Pret. mais-que-perf. .	vira	tivera visto	fora visto	tivera de ver	estivera vendo
Futuro	verei	terei visto	serei visto	terei de ver	estarei vendo
Futuro do pret. . .	veria	teria visto	seria visto	teria de ver	estaria vendo
IMPERATIVO	vê				
CONJUNTIVO :					
Presente	veja	tenha visto	seja visto	tenha de ver	esteja vendo
Pret. imperf	visse	tivesse visto	fosse visto	tivesse de ver	estivesse vendo
Futuro	vir	tiver visto	for visto	tiver de ver	estiver vendo

Verbos transitivos e intransitivos

Definido o verbo como palavra que exprime acção ou estado, não se conclue dahi que esta significação se deva conter toda sómente no verbo. Para que isto fosse possivel, seria necessario possuir nosso idioma uma contextura morphologica extremamente complexa. Muitos verbos requerem o accrescimo de um termo que lhes complete o sentido.

Chama-se *transitivo* o verbo cujo sentido se completa com um substantivo usado sem preposição ou occasionalmente com a preposição *a*, como nestes exemplos:

Amar o estudo — *Amar a Deus* — *Feriu o pé* — Antonio *feriu a Pedro* — Deus *creou o mundo* — O ourives *fez um annel* — A terra *produz trigo*.

O termo que integra o sentido do verbo transitivo tem o nome de *objecto directo* ou *accusativo* e toma a particula *a* quando denote ente animado e convenha por essa forma tornar bem clara a função objectiva do substantivo.

Examinando o papel semantico do objecto directo nos citados exemplos, notaremos que *a Pedro*, *o pé* postos em seguimento a *feriu* exprimem a pessoa ou cousa que recebe a acção; porem *o mundo*, *um annel*, *trigo*, que completam o sentido de *creou*, *fez* e *produz*, denotam o producto da acção. Num caso o accusativo significa um ser cuja existencia é anterior á da acção verbal; no outro caso, o ser apparece ulteriormente como resultado do acto que se pratica. Differente destas duas hypotheses é a significação do accusativo ou objecto directo de *amar*. Denota o ponto para onde se dirige um sentimento, sem que o objecto seja forçosamente affectado pelo dito sentimento. Exemplo typico:

Othello ama a Iago, e Iago odeia a Othello.

Certos verbos transitivos, taes como *dar*, *entregar*, *pedir*, *mostrar*, *dedicar*, *ceder*, *transferir*, *restituir* e outros, posto que se lhes accrescente o objecto directo,

continuam todavia com o sentido incompleto. Requerem ainda outro substantivo que designe o ente a quem a acção se destina. Este segundo termo, precedido sempre da preposição *a*, denomina-se *objecto indirecto* ou, particularisando, objecto *dativo;* e com elle não pode concorrer o accusativo senão desprovido de particula. Assim diz-se:

Entregar o prisioneiro ao general — *Mostrar o escravo ao rei* — *Restituir o filho á mãi*, etc.

Substituido o substantivo pelo pronome pessoal da 3.ª pessoa, caracterisa-se o accusativo pelas formas *o*, *a*, *os*, *as*, e o dativo pelas formas *lhe*, *lhes*.

O dativo tambem pode ser usado para designar o ente a quem a acção aproveita ou desaproveita. Será então um termo necessario para alguns verbos, porem accessorio para outros. Algumas vezes, confunde-se com as noções de lugar, posse, etc.

Verbos que não admittem accusativo chamam-se *intransitivos*. Aquelles que, como *viver*, *morrer*, não necessitam de complemento algum são os intransitivos puros ou absolutos. Os que não se usam senão com um termo complementar preposicionado, como *depender de alguma cousa, precisar de alguem ou de alguma cousa, concordar com uma opinião*, são os intransitivos relativos.

A este termo regido de preposição, com que se completa o sentido de verbos intransitivos, dá-se de ordinario o nome de objecto indirecto. Por ter alguma semelhança com as circumstancias expressas pelos adverbios, poderemos denominal-o objecto indirecto circumstancial.

A expressão preposicionada que, sem ser exigida pelo verbo, se lhe accrescenta como explicação accessoria — e este é o caso em *viver do ganhado*, *morrer de fome* — classifica-se como locução adverbial.

Posto que em geral não se confunda o verbo transitivo com o intransitivo, a linha de demarcação nem sempre pode ser rigorosa. Assim, se transitivos são os verbos *comer* e *beber* em *comer carne, beber vinho*, não ha duvida que estes mesmos verbos vem empregados intransitivamente em expressões como *o doente não come*

nem bebe, ou quando se usa o verbo *beber* sem objecto algum no sentido de «entregar-se á embriaguez». *Ouvir*, significando «não ser surdo», *engulir*, *sonhar*, *ver* ou *enxergar*, na accepção de «não ser cego», *mastigar*, *pensar*, *meditar* e outros, quando usados sem objecto algum para denotar apenas o funcionamento ou privação de um acto physiologico ou psychologico, tornam-se verbos tão intransitivos como *dormir*, *andar*, *manquejar*, *endoudecer*, *tossir* e *expectorar*. O proprio verbo *falar*, um dos que mais frequentemente occorrem na linguagem quotidiana, não pode gabar-se de pertencer a um typo definido. Transitivo em *falar uma linguagem*, *ouvir o que alguem fala*, *falar verdade*, *sem falar outra palavra*, emprega-se comtudo as mais das vezes como verbo intransitivo.

Casos ha tambem de serio embaraço para a classificação e analyse determinado pelo facto de considerar-se como instrumento da acção o que se devera ter como objecto directo. Assim em vez de *atirou-lhe a pedra*, — caso em que é clarissima a analyse e o sentido — pode-se dizer *atirou-lhe com a pedra*, desabonando, nesta segunda hypothese, os complementos instrumental e locativo a transitividade de *atirar*. É maneira de exprimir usada não sómente na linguagem familiar, mas tambem na literaria:

Atirou este homem *a um pobre com hum pão* d'esmola (Bern., N. Flor. 1, 410) — E *atirou* violentamente *com o livro* que tinha na mão para dentro da arca (Herc. M. de C. 2, 39).

Verbos que significam «extrahir», «tirar para fora» empregam-se como verdadeiros transitivos em *tirar o joio*, *tirar* ou *sacar proveito*, *arrancar arvores* ou *cabellos* e outras frases similares, em que é inadmissivel o uso de qualquer preposição antes do nome integrador do sentido verbal. Tratando-se, porém, de objecto que alguem traz guardado no bolso, no seio, na manga, na cinta ou na bainha (no caso de espada, punhal etc.) e que tira de todo para fora, é de uso enunciar com a preposição *de* o nome que serve de complemento a *tirar*, *puxar*, *arrancar*, *levar* *):

---

*) *Tirar*, *puxar*, dizem-se de qualquer objecto; *arrancar*, *levar* não se usam senão com referencia a arma branca. *Levar da espada* não é a mesma cousa que *levar mão da espada*. Com esta segunda maneira de dizer exprime-se apenas o acto de pôr a mão na espada, ao passo que *levar da espada*,

Logo *arrancou da espada* e se pos á porta a defender-lhe a entrada (Castanh. 8, 39) — *Arrancão das espadas* de aço fino os que por bom tal feito ali apregoão (Cam. Lus. 3, 130) — Do que se indignou tanto o capitão que *arrancou da espada* e remetteo a Francisco Gomes Leitão para o matar (Couto, Dec. 8, 3) — E *levando da espada* derrubou outro (ib. 8, 38) — E *levando da adaga* lhe foi dando huma e outra (ib. 8, 26) — *Levey de hũa gramde faca* que trazia cingida para o matar, e elle *de hũa adaga* (Itin. 173) — *Levou* o soltão baiazit *dũ punhal* e matou-o (ib. 195) — Respondeo o arcebispo com muyta mansidão... e logo *tirou do caderno* que trazia no seio, e mostrou-lhe nelle seu nome escrito (Sousa, Arc. 1, 101) — Não teve o arcebispo mais saborosa iguaria... e cheyo de alegria, *tirou de hũa faca* da cinta, e abrio hum pão (ib. 1, 189) — Por partes contrarias da praça ameaçaram a apontar duas companhias de soldados... os quaes vindo-se a encontrar no meyo da praça *levaram das espadas* e acometendo-se furiosamente, começaram a brigar com muyta destreza (ib. 2, 354) — Elle, não *puxando da* sua *espada*, senão *da* de seu amo morto, brigou com o matador e o matou (Bern., N. Flor. 1, 447) — Quando já estava a cavallo, *puxando do papel*, lia: Primeiramente, o frade... — (ib. 2, 28) — E logo, *tirando de huma faca*... foi descobrindo terra (ib. 2, 272) — *Levou da espada* para defender-se (ib. 1, 443) — O amouco... *puxando de huma* grande *navalha* vai cortando de seu corpo postas de carne (ib. 3, 182).

Exemplos ha, embora menos frequentes, de *arrancar espada*, *tirar espada*, sem preposição:

Gonsalo Pereira, sem *tirar espada*, se meteo em meio (Couto, Dec. 8, 16) — Assi se não *arrancou espada* (Sousa, Arc. 2, 415) — Entra outro representando a Neró, e *tirando a espada* manda que cortem cabeças (Vieira, Serm. 5, 90) — Cinge a espada... e logo, *arrancando a espada*, esgrime com ella, ferindo a terra e o ar tres vezes (Bern. N. Flor. 1, 444) — Os quatro sarracenos pozeram-se em pé de um pulo, e *arrancaram as espadas* (Herc. Lend. e Narr. 1, 9).

Não tem cabimento a particula *de* quando a arma não se tira senão parcialmente da bainha ou cinta:

Eu só com meus vassalos e com esta (e dizendo isto, *arranca meia-espáda*, defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Cavalleiros polacos, que costumam... *arrancar meia-espada*, como em protestação do animo pronto (Bern. 1, 438) — Dizendo estas palavras, levei a mão á cinta e *arranquei meio-punhal* (Herc. M. C. 1, 47).

A presença da preposição *de* com os verbos *arrancar*, *tirar*, etc., é devida provavelmente ao duplo contagio das

---

como claramente se vê pelos exemplos que apontamos, equivale a «arrancar da espada». *Levar* aqui tem o sentido de «levantar», «puxar fora e para cima», que ainda occorre em *levar ancora*, *levar ferro*, (Castanh. 5, 19; Vieira, Serm. 8, 271 e passim). *Leva da espada* quem desembainha a arma e a levanta para o ar.

noções de lugar donde a acção procede e instrumento com que o acto se pratica. Posto que não seja commum usar-se a particula *de* nesta ultima accepção, ha entretanto, provas evidentes desta possibilidade, como se vê em exemplos com outros verbos:

Hiam-lhe *dando das esporas* chãas muy grandes feridas (S. Graal, 119) — Feriram todos os cavallos *das esporas* (Zur. em In. 3, 22) — Dei rijamente *da vara* ao palafrem (Barros, Clar. 1, 97).

Puxar, quando seguido de nome que denote instrumento ou arma, pode construir-se não sómente com *de*, mas ainda com a preposição *por*, devido a novo contagio qual o do conceito de lugar por onde: *Todos puxam pelas armas* (Vieira, Serm. 11, 182). *Tirar*, empregado na accepção de «puxar», pode ser verbo transitivo, ou intransitivo seguido da particula *por:*

E *tirando pela campainha*, acudiu a porteira (Barros. Clar. 1, 19) — *Tira pela espada* (Vieira, Serm. 2, 164) — *Tirando a espada* (ib. 5, 90) — Os que *tiram por esta carroça* (ib. 9, 176) — Hũa carroça dourada *pela qual tiravam* hũa ovelha e hũ leão (ib. 9, 175) — Moyses com todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, *tira pela espada* e matou naquelle mesmo dia vinte tres mil homens (ib. 11, 136).

Pegar, verbo transitivo em *pegar o ladrão, o inimigo*, etc., tornando-se intransitivo, tem o luxo da construcção com as particulas *de, em, por:*

Pegou da tesoura (Bern., N. Flor. 1, 328) — *Pegando*-lhe *das redeas* (ib. 403) — *Pegou de hum pão* e lhe atirou com elle (ib. 408) — *Pegando-lhe por outros cabellos* (ib. 405) — O anjo lhe disse que *pegasse no peixe pela barbatana* (Vieira, Serm. 2, 318) — *Pegou na taça* (Herc., M. de C. 179) — *Pegando em huma escudela* (Her., L. e N. 1, 293) — *Pegando numa lanterna* (ib. 2, 136) — O senhor de Biscaya *pegou* então *de um osso* com sua carne e medula (ib. 2, 12).

Quando não concorram os conceitos de instrumento ou lugar, *pegar* é verbo transitivo, como no citado *pegar o ladrão*, etc., ou intransitivo com a particula *em*, como *pegar no somno*. Este uso hodierno differe da antiga linguagem, que se valia da preposição *de* em:

Querendo *pegar do somno* (Bern., N. Flor. 3, 492) — E *pegando delle* [mancebo] o procurava mergulhar como por zombaria (ib. 1, 404) — Ainda o Senhor não quiz que tão depressa *pegassem delle* [Jesus], mas com toda a brandura falou aos principes dos Fariseos

(Th. de Jes., Trab. 2, 30) — O qual [Malcos] querendo-se desmandar *pera pegar* primeiro *do Senhor* (ib. 2, 31).

O verbo *obedecer*, seguido de seu termo integrante, era tratado, na linguagem dos seculos XVI e XVII, não sómente como intransitivo, mas ainda como transitivo:

Lhe havia de *obedecer* (Barros, Dec. 2, 5, 11) — *Obedecer-lhe* (Arr., 357) — Não só offendiam a Antonio, mas *o obedeciam* e reverenciavam (Vieira, Serm. 3, 193) — [Os animaes] todos por instinto natural e sogeição inviolavel *o obedecião* (ib. 5, 451) — Lançou bando que todos os subditos do seu imperio... lhe viessem offerecer sacrificio publico, sob pena da vida e da sua indignação aos que assim *o não obedecessem* (ib. 11, 14) — Excusaes de vos cançar com quem teve a ventura de ver a Mafoma e de *obedecer-lhe* (Bern. N. Flor. 3, 11) — Todos a *obedecel-a* concorriam (Castro, Ulys. 5, 22).

Resistir usou-se amplamente como verbo transitivo a par da construcção com o nome preposicionado, servindo neste caso ora a particula *a*, ora *contra*:

Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão se *os resistira* (Cam., Lus. 5, 72) — Eu vi que *contra os Minyas*... todos *resistiram* (ib. 6, 31).

É de notar como Antonio Vieira, naquelles sermões onde repete o verbo frequentemente, varia a construcção utilisando-se das tres maneiras de dizer:

Para esperar e *resistir os assaltos* de tão bravo... inimigo (Serm. 8, 118) — Não *resisto estes unguentos* da Madalena (ib. 8, 125) — *Resistiu contra o peccado* (ib. 8, 117) — *Resistiu contra a morte e contra a honra* (ib. 8, 127) — E comtudo *resistir-lhe* com tanta violencia (ib. 8, 127) — Dá nas velas hum vento tão forte em popa para Japão, que não *o* podendo *resistir* nem o navio, nem o piloto, nem o demonio, foi tomar terra e dar fundo em Congoxima (ib. 8, 308) — [Deus] não consentirá jamais que sejais tentado sobre *o que* podeis *resistir* (ib. 9, 22) — Como pode ser que *lhe* pudesse *resistir* (ib. 9, 33), etc.

Comprazer, *agradar* e *desagradar* apparecem pela mesma epoca, ora como verbos transitivos, ora como intransitivos:

Por *lhe comprazer* (B. Cruz, Seb. 1, 156) — Querendo alguns fidalgos *comprazel-o* e contental-o (ib. 2, 67) — Tal era o amor de todos de desejarem servir el rei e o gosto de *o agradarem*, que não havia quem sentisse gastos e custos pera este fim (ib. 2, 23) — Por lhe parecer que como vassalos *o* queriam *comprazer* com esta offerta

(ib. 2, 188) — Chorem vossos olhos diante de seus pais, e *agradallo-eis* (M. Pinto, 3, 29) — [Estas impurezas] tanto offendem a Deus e *o desagradam* (Vieira, Serm. 9, 357) — Deve... procurar *agradallo* em tudo (Bern. N. Flor. 4, 358).

Mui numerosos são os exemplos da dupla construcção *soccorrel-o* e *soccorrer-lhe* em escriptores quinhentistas. Vieira construe o verbo em geral com accusativo. Mencionaremos os seguintes passos de uma e outra epoca:

O vento não servia pera *lhes* poder *soccorrer* a tempo (Barros, Dec. 3, 3, 6) — A nao *lhe* podia *soccorrer* (ib.) — Este, que *soccorrer-lhe* não queria, por não causar discordias intestinas, lhe diz... (Cam., Lus. 6, 48) — Viestes logo a *soccorrel-o* em tempo que elle disso tinha necessidade (H. Pinto, 2, 234) — Sem terem conta com a ley d'amizade que he fazer bem ao amigo que lho fez, e *soccorrer-lhe* em sua necessidade, podendo-o fazer (ib. 2, 270) — Amoesta a seu amigo, e *soccorre-lhe* no tempo da necessidade (ib. 2, 314) — Pedindo-lhe *o soccorresse* naquella perplexidade (Vieira, Serm. 7, 406) — Assim *o soccorreo* Deos (ib. 7, 406) — Não tinha outra cousa com que *os soccorrer* (ib. 7, 444) — Pois se *os* ia *soccorrer* (ib. 3, 531) — Foi o divino Mestre desde a praya a *soccorrel-os* (ib. 3, 531) — Nem com as migalhas que lhe cahiam da mesa *o soccorria* (ib. 7, 329).

O verbo *tocar* pode ser transitivo ou intransitivo (*tocar em*). Repare-se nos seguintes passos, em que Heitor Pinto exprime o mesmo pensamento, construindo este verbo ora com accusativo, ora com o objecto preposicionado:

Antre as cerimonias que goardava hũa era que não podia *tocar hera nem fava*. Blondo... diz que não podia elle *tocar em hera*; mas da fava não faz menção; e pelo contrayro Gaudencio Merula... diz que não podia *tocar na fava*, mas não faz menção da hera. (2, 543) — O que agora desejo saber he porque causa era vedado áquelles sacerdotes *tocar hera e favas* (ib.) — Quem quiser vida tranquilla não *toque favas* (ib. 2, 545) — Mandavam que os sacerdotes diaes não *tocassem hera nem favas* (ib. 2, 547) — Vedes aqui a causa porque os sacerdotes diaes não *tocavam hera nem fava* (ib. 2, 549).

Igualar occorre nos Lusiadas já como verbo transitivo, já como intransitivo:

Tal ha de ser quem quer co dom de Marte imitar os illustres e *igualal-os* (Lus. 8, 89) — A terra de Bengala, fertil de sorte que outra não *lhe iguala* (ib. 7, 20).

Em Vieira encontram-se estes passos:

Lucifer... não aquietou naquelle lugar, e quiz *igualar o seu* com o do mesmo Deus (Serm. 5, 194) — Que podem os homens fazer acçoens tão heroicas e levantadas que comparadas com as suas, *as igualem*, e ainda as excedão (Serm. 8, 124) — A grandeza do Pantheon de Roma não *iguala os maiores templos* da Christandade (ib. 8, 438) — A fortuna nunca *iguala os desejos* dos homens; mas se houvesse hũa fortuna tão grande, que não só *igualasse*, mas vencesse e excedesse *os desejos;* esta seria a mayor fortuna que se pode imaginar (ib. 2, 16).

É certo que o verbo *igualar* pode ter mais de uma accepção; mas, como se vê pelos exemplos precedentes, nenhuma das construcções corresponde a uma cambiante de sentido definida. Ha, alem disso, a forma pronominal *igualar-se* com uma variedade de complementos:

A branca areia as lagrimas banhavam, que em multidão *com ellas se igualavam* (Cam., Lus. 4, 92) — Nũa camilha jaz, que não *se iguala de outra algũa* no preço e no lavor (ib. 7, 57) — Nenhum gentio... *se lhe igualava* nesta idolatria (Vieira, Serm. 8, 273 etc.).

Aos verbos *investir* (na accepção de «acometter», «atacar»), *encontrar*, *topar* e *cumprir* ajunta-se o termo integrante ou directamente ou mediante a preposição *com*. Exemplos com o verbo *investir:*

Investio hum [navio inimigo] (Couto, Dec. 8, 37) — Tornou a *investir o inimigo* (ib.). *Investio com elle* (ib.) — *Investiu os inimigos* e começou a cortar orelhas (Vieira, Serm. 5, 479) — Eis que *o* [i. e. Tobias] *investe* hum grande peixe com a boca aberta, em acção de que o queria tragar (ib. 2, 318) — [Aristeu] com grão clamar *o investe* e algema-o sem dar azo a que se possa erguer (Castilho, Georg. 279) — Como has de *co'os polos investir* (Castilho, Metam. 69).

Quanto ao segundo destes verbos construiveis com a particula *com*, ha manifesta identidade de sentido em *hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco montez* (Es. 16), e *hũu dia aquelle asno o encontrou no caminho* (ib. 29). O termo integrante preposicionado empregou-o Vieira em *e tomando eu nas mãos o livro do mais diligente, abri e o primeiro passo com que encontrei, foy este* (Serm. 8, 3). Hoje dizemos *encontrar alguem* ou *alguma cousa*, e *encontrar com alguem*, ou, antes, *encontrar-se com alguem*, forma reflexa tambem usada, a par das outras, na linguagem archaica. Desconhece a forma reflexa o synonymo *to-*

par, o qual no falar hodierno continua a ser empregado com a mesma indecisão de outrora:

Toparam naquelle golfam *hũa nau grande* (Castanh. 2, 83) — *Toparam dous milaneses* (ib. 2, 24) — *Toparam com Lucas dafonseca* (ib. 2, 31) — *Topou com hũa nau* pequena (ib. 2, 15) — Se *ho topasse* (ib.) — *Ho topou* (ib.) — *Topou com a caravela* de Alvaro Gonçalves (Barros, Dec. 1, 1, 11) — *Topou huma nau* mui grossa (ib. 1, 5, 9) — Vá logo *topar com a peor enfermidade* (Vieira, Serm. 2, 170).

Data de longe a dicção *cumprir com* e são innumeros os passos em que ella occorre, alternando com frases onde o mesmo verbo apparece sem a particula. Basta attentar nos seguintes exemplos, entre os quaes se acham expressões familiares ao nosso falar quotidiano:

São tão verdadeiros que *cumprem com sua palavra* (Barros., Dec. 1, 10, 1) — *Mas tu* me dá que *cumpra*, ó gram rainha das musas, *co que quero* à nação minha (Cam., Lus. 10, 9) — *Cumprissem com sua palavra* (Barros, Dec. 1, 8, 7) — *Não cumpria sua palavra* (ib. 1, 5, 9) — Por *cumprir sua palavra* (ib. 2, 3, 8) — Pera ser dignamente eleyto e *cumprir com* sua *obrigaçam* (H. Pinto, 1, 189) — Quanto tenho que fazer pera *cumprir com a obrigação* de quem sou (ib. 1, 300) — *Cumpriam com* o que tinham *prometido* (D. de Goes, D. M. 256) — Pera que... podessem mais facilmente *cumprir com* sua *obrigaçam* (Luc. 1, 172) — O que fez *cumprindo com as obrigações* que tinha (ib. 1, 261) — Por onde se diga que não *cumpres com o que juraste* (F. M. Pinto, 3, 92) — Não deixeis de *cumprir co que deveis* (ib. 1, 75) — Queria *cumprir* inteiramente *com a obrigação* do officio (ib. 1, 81) — Hade ser forçado *cumprir* eu *co que devo* (ib. 2, 234) — *Cumpriram* como deviam *as obrigações* de seu sangue, não só *com a obrigação* de valerosos capitães, mas ainda *com a* de esforçados e valerosos soldados (Couto, Dec. 8, 38) — Quão mal *cumprira a promessa* (Castanh. 1, 38) — *Cumprir com minha obrigação* (Herc., L. e N. 1, 116) — Costumo *cumprir as minhas promessas* (ib. 1, 125) — *Cumprir com o seu dever* (ib. 2, 138) — Como quem tinha *cumprido com seu officio* (Vieira, Serm. 8, 357) — Encommendou aos colossenses que dissessem a Archippo... que *cumprisse com* as obrigações do ministerio (Bern. N. Flor. 3, 107) — Não via o modo de *cumprir com* essa *obrigação* (ib. 1, 465) — Alguns confessores *cumprem com* esta *obrigação* (ib. 3, 303).

A linguagem *cumprir com* é applicavel, tanto como *cumprir* simplesmente, quando o termo integrante exprime cousa intima ou propria do sujeito do verbo, como dever, obrigação, palavra, promessa. Tratando-se de cousa exterior ao individuo, costuma-se hoje omittir a preposição, apesar de exemplos em contrario na linguagem quinhentista:

Cumprir ao pé da letra *o que* elrey seu senhor mandasse (Castanh., 2, 92) — *Cumprir o mandado* (ib. 2, 93) —Jurou Meliquiaz de *cumprir as condições da paz* (ib. 2, 101) — *Cumpri com o regimento* (Barros, Dec. 1, Prol.) — *Cumprir com o regimento* (ib. 1, 1, 6) — *O qual regimento* elle *cumpriu* (ib. 1, 7, 2) — *Cumprir degredos* (ib. 2, 1, 1) — Ambos *cumpriram o precepto* de seu capitão (ib. 1, 10, 3) — Duas cousas lhe convinha fazer pera *cumprir com a instrucção* que lhe elrey... mandava (ib. 3, 4, 3) — Donde se causou querer elle *cumprir* ante *com a vontade* da gente de armas (ib. 3, 4, 6) — Muy desejoso de cumprir em tudo *com o serviço delrey* (Luc. 1, 272).

O verbo *apontar*, significando «mostrar com o dedo», usa-se acompanhado de nome, algumas vezes directamente, mas em geral mediante a preposição *para:*

Está-nos Deos mostrando todos os Reynos desse novo mundo... E *apontando para* a Africa, *para* a Asia, *para* a America, nos está dizendo:... Reyno de Portugal, eu te prometo a restituição de todos os Reynos (Vieira, Serm. 2, 84) — O servo de Deos, *apontando para* os enfermos, disse (Bern. N. Flor. 3, 16) — Perguntando-lhe o estribeiro-mór que cavallo mandava Sua Alteza sellar, *apontou* el-rei *um* que era rebellão (ib. 2, 238) — Isto se entende da especificação notavel, que *aponta* como com o dedo *alguma pessoa* em individuo (ib. 3, 91) — E logo, *apontando para* este ou aquelle servo..., lhe mandava que proseguisse ou emendasse ao certo (ib. 2, 232) — *Apontaria* o ministro *para* a espada da justiça (Herc. M. C. 2, 41) — Aquelle fez mais do que isso... E *apontava para* o crucifixo (ib. 1, 57) — Judeu! replicou D. Leonor, *apontando para* um cofre pequeno (Herc. Lend. e Narr. 1, 122) — Ao lusco-fusco ainda se viu sahir da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que *apontava para* as bandas de Cordova (ib. 1, 11).

Tomado o verbo na accepção de «fazer pontaria» assim como na de «dirigir-se alguma cousa em certo sentido ou para um ponto determinado» diz-se *apontar para:*

Tirou a espingarda... e a poz no rosto e *apontou para* hũa larangeyra que estava defronte, e pondo-lhe fogo... arrebentou por tres partes (F. M. Pinto 2, 217) — Está *apontando* o agudo cipariso *pera* onde é posto o etereo paraiso (Cam. Lus. 9, 57).

Com a significação de «mencionar, citar, referir», ou «assignalar, marcar», emprega-se *apontar* sem preposição:

Se bem não *aponto* o autor, passou [o caso] assim na verdade (Bern. N. Flor. 3, 480) — Não *apontei* a duvida senão para saber mais fundamentalmente a resposta (ib. 2, 53) — Para lhes *apontar* o direito caminho do céu (Herc. Lend. e Narr. 1, 257) — Seria fazer injuria aos que antes de nós escreveram, se deixassemos de *apontar os casos* (Sousa, S. Dom. 115).

Facilmente podemos distinguir, segundo o exposto á pag. 183 e seg. as noções de objecto directo, ou accusativo, e indirecto, ou dativo, quando se trate dos termos necessarios para completar o sentido de *trazer*, *dar*, *dizer* e muitos outros verbos do mesmo genero. Outro tanto não succede se nos acharmos em presença do verbo *ensinar* e, ainda, de mais alguns daquelles que em latim se construem com duplo accusativo. O nome da creatura a quem se ensina vem representado pelo accusativo, se se calar o nome da cousa ensinada, como em *ensinar os animaes, havemos de ensinal-os;* converter-se-á pelo contrario, em dativo, desde que se mencione o nome da cousa ensinada por meio de um substantivo, ou pronome, ou um termo substantivado ou oração substantiva, dizendo-se:

Ensinei-lhe o alphabeto, a musica — *Ensinei-lhe isso* — *Ensinar o Padre Nosso ao vigario* — *Christo* principalmente *nos ensinou... o fazer* a sua vontade (Vieira, Serm. 9, 65) — *Ensinou-lhe que havia Deus* (ib. 9, 56).

Sendo porém o nome da cousa ensinada expresso por um infinitivo regido da preposição *a*, o nome da pessoa se dirá indifferentemente no dativo ou no accusativo. Exemplos de diversas epocas:

Ensinaste-o a servir ao Deos alheo (S. Josaph. 27) — Quando *o* [sabujo] primeiro começam *a ensinar a achar* (L. de Mont. 88) — O andar ao monte *lhe ensina a teer* bõo tento na terra (ib. 28) — Quando *o ensinam a andar* na treela (ib. 68) — E nesta reputação *os* mandam *ensinar a ler* e escrever (Mend., Jorn. 2, 100) — A boa sabedoria *lhe ensina a passar* avante (H. Pinto, 1, 270) — *Ensinou os homens a fugirem* da sensualidade (ib. 1, 171) — Quasi sempre estava calado, *ensinando* elle *a falar os outros* (ib. 2, 589) — O sabedor calando *ensina os outros a falar* (ib.) — Hũ Deos que *lhe ensina a desprezal-os* (ib. 2, 66) — A necessidade inventora dos remedios *lhe ensinou a favorecer* as boas letras (ib. 2, 234) — *Ensinou-o* [a Aristoteles] Platão *a nadar* (ib. 2, 486) — *Ensinando-lhe a distinguir* e conhecer em si mesmo o grau heroico da virtude (Vieira, Serm. 14, 126) — E que pudessem [os meninos] estar no palacio do rei, para que elle *os ensinasse a escrever e a fallar* a lingua dos caldeus (Fig. Dan. 1, 4) — E *os ensinaste a santificar* o teu sabbado (Fig. II Esdr. 9, 14) — Alumiaste os povos e *a ser reis os ensinaste* (Fil. Elysio 3, 142) — *Ensinando-lhes a pedir* beijos a todas as mulheres (Camillo, Boh. do Esp. 434).

Enuncia-se hoje como dativo o nome do individuo a quem se faz pergunta, quando se empregue o verbo

perguntar, e explicito venha, como accusativo, aquillo que se deseja saber. Não era geral esta pratica no portuguez da idade media, em que tambem se usava, e a principio com muita frequencia, o nome da pessoa como accusativo, sendo portanto o verbo susceptivel de dous objectos directos. Exemplos de uma e de outra construcção:

Perguntaram-na que demandava (S. Graal, 1) — *perguntou-o* se era chagado (ib. 35) — *Perguntou-o* que homẽ era (ib. 37) — *Perguntou-lhe* que faria (ib. 50) — *Perguntou-lhe* quem matara aquel cavaleiro (ib.) — O padre *o perguntou* que eyxeco ouvera (ib. 53) — *Perguntou-lhe* se virom a besta desasemelhada (ib. 68) — *Preguntava-o* se lhe fazia mester algũa cousa (S. Am. 514) — *Preguntou-lhe* como avia nome (ib. 518) — *Perguntou-o* como avia nome (S. Graal 45).

Este mesmo hesitar entre a applicação do accusativo duplo e differenciação deste em accusativo de cousa e dativo de pessoa, apparece tambem nas construcções com *rogar;* mas com este verbo teve sempre vida mais longa o uso do accusativo de pessoa, de que se encontram até exemplos na lingua da Renascença:

Rogarom-no por deos que lhe dissesse daquelle sonho (S. Graal 109) — *Rogou-lhe* que lhe perdoasse (ib. 127) — *Rogou-o* mui aficadamente que lhe mostrasse o santo (S. Josaph. 43) — *Rogou-lhe* amaro por deos que o benzesse (S. Am. 511) — E este rrouxinol *ho rrogava*, quanto podia, que lhe désse o seu filho (L. de Es. 31) — *Rrogarom-no* que lhe désse hũu senhor (ib. 46) — Vendo [quem o não conhece] que vós Senhora, sendo quem sois, *o rogais* [i. e. a Christo], assim como atégora lhe confessava o ser humano, já lhe não pode negar o Divino (Vieira, Serm. 9, 86) — Emquanto Mãy, porque o gerou; em quanto intercessora, porque *a roga* (ib. 9, 87) — Se forçado da fraqueza do espirito *a rogardes*, descobris amor pera azo de maior sojeição (Ulyss. 55).

São transitivos os verbos *fazer*, *ver* e *ouvir*, e, completando-se-lhes o sentido por um nome ou pronome, será este vocabulo sempre um objecto directo. Nem o enunciaremos por outra forma naquellas frases mais complexas em que este mesmo termo sirva, por sua vez, de sujeito ao infinitivo de um verbo intransitivo ou de verbo usado intransitivamente:

Quando as outras *os vissem andar*, neste cuidado (Zur. P. M. 275) — *Viam ir os barcos* pera ella (ib. 312) — *Fizeram-nos encalhar*

(F. Lopes, D. J. 308) — No desejo de *o ouvir* (H. Pinto 1, 311) — Por vezes *o ouviram falar* cos demonios (ib. 3, 237) — *Os deuses faz descer* ao vil terreno, e os humanos subir ao ceo sereno (Cam., Lus. 9, 20) — A cubiça do proveito... *o faz obedecer* e ter respeito ao capitão (ib. 8, 77) — *Ouve mugir os bois* (Castilho, Georg. 125) — Euro *as fez cahir* naquelle mar tão vasto (ib. 227) — Nem isto *as fez calar* (Castilho, Mis. 103) — Cartas de Magdalena! Era quasi *ouvil-a falar*, prazer a que já tinha renunciado (Din. Morg. 2, 246).

Achando-se pelo contrario os verbos *fazer* e *ouvir* combinados com o infinitivo de um verbo transitivo acompanhado de seu proprio objecto directo, enunciar-se-á então o agente deste infinitivo sob a forma de objecto indirecto:

Lhe fez perder o sem e *lhe fez perder todo o coração* (S. Graal, 99) — O homem boom quando *lhe ouvio dizer*, *que* todavia *queria* poer maão em tall feito, foi tam ledo, que mais ser nam pode (F. Lopes, D. J. 12) — E quando *lhe* tall *rrazom ouvio dizer*, ficou hũu pouco como torvado (ib. 60) — *Fez* a afeiçom *escprever a algũus* em favor del Rey de Castella da guisa que nom aconteceram (ib. 250) — *Fez* logo *aos prisioneiros que* lhe *beijassem* a maão como a seo senhor (ib. 199) — *Lhe fizeram crer que* as cousas... *eram* bem differentes (Barros, Dec. 1, 6, 2) — *Lhe fazia saber que* (ib. 1, 6, 4 bis) — Para *o fazerem saber ao Çamorim* (ib. 1, 7, 9) — *Lhes fazia perder a vista* (ib. 1, 8, 5) — *Fazem-lhe a lei tomar* com fervor tanto, que presuppoz de nella morrer santo (Cam., Lus. 7, 33) — A mi lembra... que *lhe* ouvi eu *louvar* hũa vez *aquella sentença* de Thales (H. Pinto 1, 410) — E fazendo oração... *lhe ouviram dizer* com hũ grande suspiro: ó Jesu Christo, amores de my anima, põe, Senhor meu, os olhos em ti (F. M. Pinto, 3, 208) — *Fizeram-lhe perder a constancia*, *fizeram-lhe perder a paciencia*, *fizeram-lhe perder a conformidade*, e até *a conciencia lhe fizeram perder* (Vieira, Serm. 1, 825) — Muitas vezes *ouvi ao confessor* da Rainha nossa Senhora *estas palavras* formaes (ib. 13, 17) — Ao que devia cem cantaros de azeite *fazia-lhe escrever oitenta* (ib. 2, 232) — Pode ser que esteja neste auditorio quem *lho ouvio* (ib. 8, 151) — Mais de uma vez *lhe ouvira citar passagens* de autores romanos (Herc. M. de C. 1, 178) — *Ouvi-lhe rosnar não sei o que* de Zilla de Restello (ib. 2, 103) — O espanto de D. Dorothea, quando *lhe ouviu dizer que* as ceias não *entravam* nos seus habitos, foi tal que lhe tirou o animo de rejeitar (Din. Morg. 1, 31).

Se se usar *ver* como verbo regente da combinação com infinitivo transitivo, o vocabulo denotador do individuo que é visto praticar a acção virá expresso de ordinario pelo accusativo se for substantivo, e pelo dativo se for pronome pessoal:

E como *lhe vira matar* patrides (S. Graal, 99) — Persival foy todo espantado do *que lhe vio fazer* aaquel tempo e aquella ora (ib.

134) — *Vio-lhe leer hũua espada* muito limpa e bem corregida (F. Lopes, D. J. 63) — Quando *lhes viram apanhar os mortos* (Zur. P. M. 275) — *Verão os cafres... tirar* á linda dama seus *vestidos* (Cam., Lus. 5, 47) — *Vê* na agua salgada *ter o Tigres e o Euphrates uma entrada* (ib. 10, 102) — *A mesma sorte viu ter a* muitas suas *vizinhas* (ib. 3, 89) — E *vereis ir cortando o salso argento os vossos Argonautas* (ib. 1, 18) — Cousas... de alto espanto *ver as nuvens* do mar, em largo cano, *sorver as altas aguas* do Oceano (ib. 5, 18).

O verbo *deixar*, acompanhado de infinitivo de verbo transitivo com o competente objecto directo, e, tendo a accepção de «permittir», construe-se como est'outro verbo com o dativo de pessoa *lhe:*

Mandamos aos Alcaides que *lhe leixem veer as cousas* sobreditas (Ord. Man. 1, tit. 39) — Davam graças a Deus pela mercê que lhes fezera em *lhes deixar ver gente* daquella calidade (D. de Goes, D. Man. 1, 55) — No outro [dia] entretinha os curiosos da sua terra *deixando-lhes entrever os thesouros* da experiencia adquirida á custa de muitos annos de fadiga (Din. Morg. 1, 106).

Com um infinitivo intransitivo dir-se-á:

Que *a deixem morrer* e ao desamparo (Din. Morg. 3, 263).

Serve tambem a forma pronominal *lhe* para denotar a pessoa a quem se ordena que faça alguma cousa nas construcções do verbo *mandar* com infinitivo transitivo, tendo este seu complemento expresso:

Qualquer cousa *que lhes mandar fazer* o moço (L. da Mont. 233) — E com esto nom devem a atender que seu senhor *lho mande fazer* [i. e. servir em todallas outras cousas] (ib. 47) — Deshi que aquellas cousas *que lhes mandarem fazer*, que as nom errem de as fazerem como lhes elle mandar (ib. 204) — Appareceu Deus na çarça a Moyses e *mandou-lhe descalçar os çapatos*. Solve calceamenta de pedibus tuis (Vieira, Serm. 2, 380).

Causa primordial de se substituir, em certos casos, o dativo ao accusativo foi a necessidade da clareza. Exprimindo-se pela mesma forma pronominal tanto a pessoa como a cousa, teriamos, a permanecer rigorosa a construcção dos dous accusativos, a duplicação confusa do pronome em *perguntou-o-o* por *perguntou-lh'o, ensinou-o-os* por *ensinou-lh'os*, etc., e pouco lucidas deveriam parecer aos antigos portuguezes dicções como *fel-o crel-o*, pela circumstancia de attrahir o verbo regente

muitas vezes o objecto do verbo regido. Sem duvida que nos exemplos *lhes fazia perder a vista, lhe fizeram crer que..., quando lhes viram apanhar os mortos, quando lhe ouviu dizer que..., pode ser que esteja neste auditorio quem lh'o ouvio,* ha outro phenomeno a considerar alem da mudança da forma pronominal. Nas orações assim constituidas, *lhe, lhes* não se referem a um vocabulo isolado, mas ao conjunto da expressão predicativa. E desta mesma maneira se entende o objecto indirecto nos seguintes passos:

Aos seus almoxarifes mandou fazer toda *a despesa* (F. Lopes, D. J. 129) — Não cumpria *o que ElRey... lhe mandava fazer sobre isto* (Barros, D. 1, 6, 3).

Pronunciada ao acaso, e sem ligação com outros pensamentos, uma frase como *mandei-lhe escrever a carta* deixa por certo duvida sobre o verbo a que se ha de referir o termo *lhe;* mas isto não succede no discurso, em que pelo contexto, pela situação, se esclarece sempre a referencia.

Posto que a integração de sentido, em grande parte dos verbos que a exigem, não seja possivel ou usual senão por meio do substantivo (ou vocabulo substantivado) e do pronome, casos ha comtudo em que pode igualmente ser expressa por um infinitivo. Sómente não se deve ter por tão seguro aqui o criterio da ausencia ou presença da preposição para decidir se o infinitivo funciona, ou não, como objecto directo.

Complemento de verbo intransitivo é por certo todo o infinitivo preposicionado que fizer as vezes de um nome igualmente preposicionado, como em *desiste de combater* e *desiste do combate.* Complemento é, alem disso, o infinitivo expresso com particula e dependente de verbo intransitivo cujo sentido não se integre por outro vocabulo senão pelo infinitivo preposicionado. Tratando-se porém de verbo que pede objecto directo, i. é. de um verbo regente transitivo, deveria esperar-se que as frases se construissem sempre parallelamente: o infinitivo, posto em lugar do nome, ou do pronome *o,* havia de apparecer por toda a parte sem particula alguma. Entretanto tem restricções este principio. Assim é que, sen-

do regente um dos verbos *desejar*, *prometter*, *propôr*, *jurar*, *determinar*, *esperar*, *procurar*, *pretender*, *merecer*, *resolver*, vemos como facto não raro, mas usual, em portuguez antigo e quinhentista e, até, seiscentista, a preposição *de* anteposta ao infinitivo-objecto, podendo esta linguagem alternar com a da eliminação da particula, sem prejuizo do sentido:

Depois que eu conheçi Jesus Christo e *meriçi de seer* seu servo (S. Josaph. 39) — En tal guisa que *mereçamos seer* contados (ib. 49) — Tethys... *deseja de comprar*-vos pera genro (Cam., Lus. 1, 16) — Qualquer dos cortezãos aventureiro *deseja ser* com fervida vontade (ib. 6, 51) — Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas (ib. 6, 54) — *Procuramos*, como proprios da terra, *de habital-a* (ib. 1, 54) — Se *pretendes*, rei alto, *de vingar*-te (ib. 3, 38) — Só *de seguil*-o o exercito *procura* (ib. 3, 67) — Ellas *prometem... de ser* no Olympo estrellas (ib. 4, 85) — *Determinei de* assi nos *embarcarmos* (ib. 4, 93) — *Tirar* Ignez ao mundo *determina* (ib. 3, 123) — *Determinei* por armas *de tomal-a* (ib. 5, 53) — A que novos desastres *determinas de levar* estes reinos (ib. 4, 97) — *Determinam matal*-o em fim de tudo (ib. 10, 116) — *Prometiam de* o *fazer* (Vieira, Serm., 8, 407) — Nova ley que elrey não só promulgasse, mas *jurasse de* a *cumprir* (ib. 8, 232) — Eu vos *prometo de* vos *compor* um cantico novo (ib. 9, 427) — *Resolveu de acabar* com o homem e tiral-o da face da terra (ib. 9, 239) — *Tinha resoluto de* não *tratar* mais daquelle convento (ib. 9, 191) — Nem [sei] que conta *esperam de dar* a Deus (ib. 9, 471) — Eu te *prometto de* te *favorecer* toda a vida (Bern., N. Flor. 3, 8) — *Jurou de* nunca mais *vestir* armas (ib. 3, 196) — Has de *jurar de* não *descobrir* isso a pessoa alguma (ib. 1, 410) — Eu *proponho de* a *guardar*, ajudando-me vós cõ vossa opportuna graça, e *de fazer* quanto em mi for, porque todos os homens a guardemos (Bern., L. e C. 432).

Reconhecendo-se a inutilidade da particula entre o verbo transitivo e o infinitivo-objecto, foi esta desapparecendo do uso, nuns casos mais cedo, noutros mais tarde, até que por fim se fixou a linguagem hodierna, a qual, depois de qualquer dos mencionados verbos, só emprega o infinitivo puro como equivalente do objecto expresso por substantivo ou pronome.

Com o verbo *começar*, igualmente transitivo, prevaleceu, pelo contrario, a pratica das construcções discordantes, dizendo-se *começo o trabalho* e *começo a* (ou *de*) *trabalhar*, sem haver alteração semantica no verbo commum ás duas frases. Que á linguagem de outrora já deveria parecer dispensavel a particula, verifica-se por

varios exemplos do portuguez antigo e pelos muitissimos passos de João de Barros:

Começa singrar esta noyte (S. Amaro, 510) — *Começou fazer* suas orações (S. Josaph. 31) — *Começou fazer* vida solitaria (ib. 37) — *Começou servir* Nosso Senhor (ib. 48) — *Compeçou tirar e dar* com ssua espada grandes golpes (L. de Es. 54) — *Começando descobrir* (Barros, Dec. 1, 1, 13) — *Começaram lograr* as novidades (ib. 1, 1, 7) — *Começou* todo *correr* (ib. 1, 1, 11) — A gente *começou entrar* (ib. 1, 7, 5) — *Começam ventar* os ponentes (ib. 1, 7, 4) — *Começaram despender* sua palavra (ib. 1, 7, 11) — Já *começavamos chegar* ás portas do mar Roxo (ib. 1, 8, 1), etc.

Sem duvida que a par destes exemplos occorrem outros, em numero muito maior, de *começar de* e *começar a*.

Vozes activa, passiva e medial

O sujeito de verbo transitivo pode ser considerado não sómente como ponto donde parte a acção, mas ainda como o ponto para o qual a acção se dirige; e neste segundo caso se empregará o verbo no participio do preterito combinado com o auxiliar *ser*. Diz-se então que o verbo denotador da acção está na voz passiva, e que o sujeito é paciente, como nesta frase — *a ave foi ferida pelo caçador;* e chama-se, pelo contrario, voz activa, com sujeito agente, á conjugação simples, como em — *o caçador feriu a ave.* Por extensão, diz-se que está na voz activa, ou que tem forma activa, todo o verbo usado nos diversos tempos e modos da conjugação simples. Esta classificação facilita o estudo das formas, mas nem por isso se harmonisa sempre com a significação do verbo. *Andar*, *fugir*, *ir*, *voar* e outros intransitivos representam actividade em que o sujeito é, como nos transitivos activos, verdadeiro agente; porem em *padecer*, *adoecer*, *morrer*, *envelhecer*, *durar*, não se revela nenhuma actividade da parte do sujeito. São actos que nelle se consummam, estados pelos quaes passa, sem que para isso concorra o seu esforço. A condição do sujeito aqui é a de paciente. Est'outros intransitivos, ainda que tenham forma activa, aproximam-se pois, quanto á signi-

ficação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos activos.

Resta a considerar a terceira forma typica, sob a qual se apresenta ou pode apresentar o verbo. É aquella em que o conjugamos com o pronome reflexivo. É a forma intermediaria entre a voz activa e a passiva. Cabe-lhe por isso a denominação de voz media ou medial, que abrange as funções de reflexividade, reciprocidade e outras que vamos examinar.

Occorrem a cada passo em portuguez, como em outros idiomas, verbos acompanhados do pronome reflexivo. Servindo occasionalmente aos verbos transitivos, e usualmente a alguns dos intransitivos, o pronome vem a exercer funções differentes. Verifica-se aqui mais uma vez a deficiencia da linguagem, a desproporção entre os limitados meios de expressão e a variedade de conceitos e cambiantes de conceitos que nos importa exprimir.

A mais palpavel confusão que a linguagem faz, mas a intelligencia desfaz pelo encadeamento das idéas, consiste em utilisar-se ella das mesmissimas formas pronominaes *nos*, *vos*, *se* tanto para a reflexividade como para a reciprocidade. Não raro temos por de bom aviso accrescentar termos esclarecedores, como em *honramo-nos a nós mesmos* e *honramo-nos uns aos outros*.

Pondo de parte a hypothese da reciprocidade, nota-se facilmente que o verbo transitivo accrescido do pronome *se* pode exprimir situações differentes. Se dissermos por exemplo *Pedro, querendo matar-se, só conseguiu ferir-se*, significarão ambos os infinitivos actos rigorosamente reflexos, actos que, em lugar de se dirigirem para algum ser exterior, seguiram sentido contrario, praticando-os o sujeito sobre si mesmo. Mas nest'outro pensamento *Pedro, atravessando o jardim, feriu-se nos espinhos das roseiras*, já o acto de ferir não emana do sujeito, e queremos significar apenas que elle ficou ferido.

Usam-se para um e outro fim, alem de *ferir-se*, os verbos *arranhar-se*, *molhar-se*, *sujar-se*, *machucar-se*, *afogar-se* e varios outros.

Muitos verbos porem têm significação de tal especie que, conjugados pronominalmente, não se prestam a

ser interpretados como se executasse o sujeito algum acto reversivamente sobre a propria individualidade. *Espantei-me, enganei-me, convenci-me, enfadei-me, aborreci-me, zanguei-me*, só podem equivaler a «fiquei espantado, enganado, convencido, enfadado, zangado, aborrecido». A forma reflexa vem aqui dizer que o mesmo effeito que o sujeito, como agente, produz em outros individuos, se produziu inversamente nelle por uma causa qualquer do mundo exterior. Estes verbos conjugados pronominalmente têm de commum com uma serie de verbos intransitivos essencialmente pronominaes, o significarem sentimento. Por outras palavras para expressar o sentir zanga, medo, vergonha, piedade, arrependimento, etc. soccorre-se a linguagem de verbos pronominaes, ora de um typo, ora do outro: *angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepender-se, amedrontar-se, espantar-se, pasmar-se, enthusiasmar-se, apaixonar-se, apiedar-se, amercear-se, condoer-se, commiserar-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, compadecer-se, vexar-se, aborrecer-se, enfastiar-se* etc.

O estado d'alma pode despertar impulsos, e assim o sentimento virá a manifestar-se exteriormente por alguma actividade. Verbos pronominaes, neste caso, têm significação activa, denotando o pronome reflexivo a pessoa vivamente affectada. Taes são: *gloriar-se, vangloriar-se, jactar-se, ufanar-se, gabar-se, atrever-se, lamentar-se, queixar-se, obstinar-se, lastimar-se, desabafar-se* etc.

Não é comtudo verdadeira a reciproca desta regra. A linguagem tem caprichos. Dizemos *atrever-se*, ao passo que o seu synonymo *ousar* se usa sempre na forma activa.

Actos materiaes, em geral movimentos, que o sujeito executa em sua propria pessoa iguaes aos que executa em cousas ou em outras pessoas, ou de que resulta effeito identico ao dest'outros actos, dizem-se dando aos respectivos verbos transitivos a forma reflexa: *levantar-se, sentar-se, deitar-se, atirar-se, arremessar-se, dirigir-se, encaminhar-se, acolher-se, arredar-se, vestir-se, despir-se, ajoelhar-se, alçar-se, erguer-se, coçar-se, pentear-se, abaixar-se, preparar-se, afastar-se, apartar-se* etc.

Verbos desta especie dispensam por vezes o pro-

nome, como *mudar* ou *mudar-se* (para outro lugar), *ajoelhar* ou *ajoelhar-se*. Dos seguintes exemplos colligimos que, em dialogos, certos verbos podem repetir-se omittindo emtanto o pronome reflexivo:

Vilhalp. I: Não te queres calar; *recolhamo-nos*. Paje: *Recolhamos*, que emfim sempre ouvi dizer que melhor era o meu que o nosso. (Sá de Mir., 2, 266)— Disse o peregrino: *assentemo-nos* ao longo desta fresca ribeira... *Assentemos*, disse o religioso (H. Pinto, I, 86) — *Ergamo-nos* e caminhemos [disse o peregrino] ...*Ergamos*, disse o religioso, e caminhemos. (ib. 1, 140) — E porque isto he noite, *recolhamo-nos* para o lugar que daqui está parecendo logo alem desta ribeira (disse o portuguez). *Recolhamos*, disse o italiano, pois se nos encubriu de todo a clara luz do sol (ib. 1, 398) — Como (disse Antonio) nam *se chama* v. m. Joam d'Eyro? Si *chamo* (respondeo elle...) (Luc. 1, 363) — Ou nós não entendemos que cousa he justiça, ou nesta sentença *se encerra* algum mysterio? Sim, *encerra*, e muito grande (Bern. N. Flor. 3, 200).

Os actos expressos pelos verbos na forma reflexa referem-se, uns unicamente a pessoas, outros a pessoas ou a animaes, outros a entes animados ou inanimados, outros, finalmente, só a entes inanimados. Merece, alem disso, attenção a linguagem figurada, em que nos referimos a plantas e a seres inertes como se fossem dotados de vida animal e executassem movimentos proprios de homens e animaes. Neste exemplo de Herculano *o rio cobre-se com o seu manto de nevoas*, o sujeito *rio* está personificado, e o verbo tem rigorosamente o mesmo sentido que teria se falassemos de um rei que se cobre com o seu manto de arminho. Nem menos audaciosa se revela a imaginação nest'outra frase *a palmeira ergue-se altiva*, onde se troca um verbo de situação vulgar por outro de movimento para produzir a impressão de altura grandiosa.

Nas frases seguintes e em outras do mesmo genero, em que o verbo, tomado na accepção propria, tem para sujeito um nome de cousa, a voz medial significa que a acção se executa por si mesma no objecto de que se fala:

O predio incendiou-se, a vida extinguiu-se, a luz apagou-se, a agua congelou-se, o gelo derreteu-se, o leite estragou-se, a arvore desfolhou-se, o veu rasgou-se, o vestido descoseu-se, a nuvem desfez-se, a parede fendeu-se, a epidemia alastrou-se, a taboa despregou-se, o ro-

chedo despenhou-se, o galho bifurca-se, a flor abriu-se, o tronco partiu-se, a agua sumiu-se, o navio perdeu-se, a retina descolou-se, a pupilla dilatou-se, a ferida abriu-se.

E' como se dissessemos *ficou incendiado, ficou extinta, apagada, congelada,* etc.

Nestas frases os verbos na forma medial denotam actos espontaneos, sem agente ou causa apparente. A linguagem, aproveitando-se desta facilidade, torna o mesmo processo extensivo a casos de outra especie e trata como se espontaneos fossem actos emanados de agente que não se quer ou não se sabe mencionar. Tal é a origem de *vendem-se casas, alugam-se quartos, alarga-se a rua, desbarata-se a fortuna,* etc. Mas aqui, sendo latente a noção do agente humano, costuma-se collocar o substantivo no lugar que compete ao objecto directo, isto é, depois do verbo. Algumas vezes basta trocar a ordem das palavras para alterar o sentido, como em *estraga-se a roupa* e *a roupa estraga-se.* E vai-se mais longe. Como se tem em mente o conceito de alguem como agente, como sujeito psychologico, não se põe duvida em dar ao substantivo caracteres proprios de objecto e se usa o pronome *se* até com verbos intransitivos:

1. Um paço onde *se serve a Deus* he um deserto edificado (Vieira, Serm. 5, 538) — Olhos com que *se vê a Deus* (ib. 5, 372) — *Louva-se ao Deus* Termino (Castilho, Fast. 1, 149) — Por tudo isto *se admira a Vieira; a Bernardes admira-se* e *ama-se* (Castilho, Excerptos de Bern. 2, 285).

2. E' fraqueza *desistir-se da cousa* começada (Cam., Lus. 1, 40) — Não *se procede* mais na demanda (Barr., Dec. 1, 10, 2) — Na cruz *morre-se* huma só vez, no Sacramento *morre-se* cada dia (Vieira, Serm. 5, 560) — *Andava-se* de porta a porta não menos que em tres dias de caminho (ib. 5, 13) — *Creia-se* em cousas (Castilho, Fast. 1, 157) — *Acode-se* em tropel (ib. 1, 49) — *Trata-se* de salvar o imperio (Herc., Eur. 74) — *Vive-se* á luz da esperança (ib. 135).

Dos verbos intransitivos usados de ordinario na forma activa, admittem alguns occasionalmente a forma medial, accrescentando o pronome reflexivo algum conceito novo ao verbo ou exprimindo elle a acção mais energicamente. *Elle ficou-se com a fortuna* significa que o sujeito ficou com a fortuna definitivamente para si, ou que a tomou a outrem sem intenção de a restituir; ao passo que em *elle ficou com a fortuna* o verbo tem

sentido mais vago, equivalendo por ventura simplesmente a «coube-lhe em sorte a fortuna». Ao verbo *ir*, que na forma activa denota locomoção no sentido geral, damos a forma *ir-se* quando o acto é definitivo, ou violento ou equivale a desapparecimento. Assim distinguimos *Antonio foi para o mato*, *Antonio foi-se para o mato* e *o dinheiro foi-se*.

Por estes exemplos vê-se que, sendo o sujeito um ente animado, o pronome reflexivo mostra que elle é vivamente interessado no acto que executa. O interesse consiste ás vezes na satisfação de um impulso, mostrando-se o sujeito despreoccupado do mundo exterior. Tal é a causa do emprego do verbo medial nestes passos:

E assim por esta razão, que por si só bastava, como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, *estou-me* na minha cella (Vieira, Cartas 2, 158) — Porem Elias... *Estava-se* no seu paraiso, em summa quietação, em summo socego, em summa felicidade (Vieira, Serm. 1, 1112) — Eu *me vou* passando as ferias em Villa Franca, onde alternativamente vai tendo seus oito dias toda a nossa universidade (Vieira, Cartas 1, 229) — Os peixes pelo contrario lá *se vivem* nos seus mares e rios, lá se mergulham nas suas grutas, e não ha nenhũ tão grande que se fie do homem (Vieira, Serm. 2, 315).

As formas *partir-se*, *subir-se* e *descer-se*, de uso frequente em portuguez antigo e na linguagem da Renascença, differiam de *partir*, *subir* e *descer* em alliarem ao conceito de locomoção o de resolução firme ou de movimento brusco. *Partir-se* emprega-se, alem disso, tambem como synonymo de «apartar-se, separar-se»:

Fazem que se atreva Fernão Velloso a hir ver da terra o trato e *partir-se* co' elles pelo mato (Cam., Lus. 5, 30) — Já da real presença veneranda *se parte* o capitão pera onde peça... embarcação (ib. 8, 78) — Co elle *parte* ao caes (ib. 8, 79) — Diz que lhe daria embarcação bastante em que *partisse* (ib. 8, 80) — Não *parte* o Gama em fim, que lho defende o regedor (ib. 8, 84) — Do porto amado *nos partimos* (ib. 5, 1) — Começa a embandeirar-se toda a armada... por receber com festas e alegria o regedor das ilhas que *partia*. *Partia*, alegremente navegando, a ver as naos ligeiras lusitanas (ib. 1, 60) — Isto disse, e nas aguas se escondia o filho de Latona; e o mensageiro co'a embaxada alegre *se partia* pera a frota no seu batel ligeiro (ib. 2, 89) — Antes de *me partir* para o Brasil (Vieira, Cartas 2, 221) — Estes navios *se partem* tão arrebatadamente como quem vai fugindo á morte (Vieira, Serm. 2, 277) — Põe-se a cavallo, *parte-se*

para sua casa (ib. 5, 520) — Na terra cautamente apparelhavam armas e munições, que, como vissem que no rio as naos ancoravam, nellas ousadamente *se subissem* (Cam., Lus. 2, 17) — Começou a chover o diluvio de Noé... *subiram-se* os homens aos quartos altos... *subiram-se* aos telhados... *subiram-se* ás torres... *subiram-se* aos montes... Postos neste estado, os homens já não tinham para onde *subir* (Vieira, Serm. 3, 293) — *Dece-se* [o rey] do trono real em que se assentavam sempre os reys, conforme o costume daquelles tempos: rasga a purpura, veste-se de hum aspero cilicio (ib. 5, 145) — A mayor fineza que fez por nós aquelle incomparavel espirito, para desengano e remedio do reyno, foy *decer-se* da magestade á alteza (ib. 13, 57).

De *rir* e *sorrir*, na forma activa, diversificam *rir-se* e *sorrir-se* em vir o riso ou sorriso acompanhado de um sentimento intimo de zombaria, gracejo, contradição, descaso ou descrença. A frase *nesta casa tudo ri* significa a pura manifestação da alegria. Troque-se *ri* em *ri-se*, e entenderemos que a alegria vem com malicia. Emprega-se, comtudo, ás vezes a forma activa onde conviria a forma medial. Cotejem-se os exemplos:

Disse então a Velloso hum companheiro — começando-*se* todos a *sorrir:* «Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro he milhor de decer que de subir». (Cam., Lus. 5, 35) — Que tarantula tomou a esse doudarraz de Minos, que *ri* ás gargalhadas? (Fil. Elysio, 19, 247) — Tam bem são nella [tragedia Astrate] manejadas as paixões que os espectadores ás gargalhadas *riem* desde o principio da tragedia até ao fim (ib. 19, 265) — E *ria-se* com a mesma alma e a mesma intelligencia, da galhofa de Gil Vicente que os herejes como Erasmo admiravam e applaudiam (C. Castello Branco, Boh. do Esp. 283) — E a côrte de D. João 3.º, o Inquisidor, a *rir* ás escancaras (ib. 284) — Mas onde está a thaumaturga, que fez o milagre de converter este celibatario emerito, que eu conheci em Lisboa a *rir-se* do casamento? (Din. Morg. 2, 200) — Com grande espanto meu, ella olhava-me de longe *sorrindo* e na apparencia decidida a dirigir-me a palavra (Din. Ser. da Prov. 138) — *Rindo-se* das suas proprias façanhas (ib. 150) — *Sorri-me* á observação e continuei (ib. 156) — Se, pelo contrario, alguma cousa acontecia, que fizesse *sorrir* o filho — se as caricias lhe estancavam as lagrimas, olhava-o, esperando quasi vel-o *sorrir* tambem (ib. 168) — Dei a entender isto mesmo a Thomaz, elle *sorriu* (ib. 188) — Com o tempo falaremos [disse]. E *riu-se* (ib. 194) — *Sorri-me* da ingenuidade da confissão (ib. 196) — Apresentou-me logo á mãi, que, ao cumprimentar-me, *sorriu* e me fez signal de não falar a Thomaz na carta que eu recebera della (ib. 198) — Cada qual no gabinete lê uma obra de duvidosa moralidade; *ri-se*, diverte-se com a leitura (ib. 226).

Lembrar (a alguem alguma cousa) é verbo causativo. Diz o mesmo que «fazer alguem lembrar-se»,

«suggerir a lembrança», como em *lembrei-lhe a promessa que me fizera*. Nem sempre a causa determinante é, como neste exemplo, um agente pessoal; a memoria tambem pode ser despertada por uma cousa, um facto qualquer. Ás vezes as imagens do passado acodem ao espirito como que espontaneas, sem causa apparente. Para todos estes casos costumam os escriptores portuguezes, sobretudo os modernos, utilisar-se do verbo *lembrar* na forma activa, reservando a forma medial *lembrar-se* de preferencia para o despertar de idéas resultante do esforço proprio de meditar e em harmonia com elle. No Brasil não é uso distinguir tanto. Dizemos *lembrar* quando o agente é pessoal, como no exemplo acima, e para o mais serve-nos perfeitamente lembrar-se «de alguma cousa» ou «de alguem». Trechos de autores lusitanos:

Lembra-me acerca do entranhavel medo que esta gente tem, uma historia muitas vezes repetida e celebrada dos Mouros (Mend., Jorn. de Afr. 2, 10) — *Lembra-me* que fui um dia a um carcere destes visitar um cativo, onde vi hum judeu mui bem disposto e membrudo (ib. 2, 12) — Comtudo lhe pediram que *se lembrasse* do que os soldados daqui pretendiam (F. M. Pinto, 3, 160) — E passando eu no caminho pela porta Appia... vendo muytos pedaços de edificios antigos... *me lembrou* que lera em Fulvio... que aquelle era o lugar... E tambem *me lembrou* que lera isto em S. Augustinho (H. Pinto, 1, 282) — Mas quando pensava que seria padre, *lembravam-lhe* aquelles que tantas vezes vira em casa da Sra. Marqueza (E. de Queiroz, Padre Am. 29) — Amaro foi para o seu quarto, começou a rezar o Breviario, mas estava fatigado, vinham-lhe distracções, *lembravam-lhe* as figuras das velhas, os dentes podres de Arthur, sobretudo o perfil de Amelia (ib. 69) — Diante della, ao pé della, quando a via, não *lhe lembrava* que elle era — o padre Amaro, parocho da Sé (ib. 98) — Adeus, mãi, adeus. Pense em mim e *lembre-se de*... Paulina (Din. Ser. 181) — E qual é a mãi que *se* não *lembra* de seus filhos? (ib.).

O contrario de *lembrar-se* é naturalmente *esquecer-se*. A par desta forma medial possuimos, para casos especiaes, a forma activa *esquecer*, usada ora como verbo pessoal, ora como verbo impessoal com o dativo do nome da pessoa a quem a memoria falha. Com esta ultima linguagem se assignala que alguma lembrança não acode de pronto ou no momento opportuno; ao passo que *esquecer* uma pessoa a outrem, esquecer cousas, actos ou sentimentos que occupavam a attenção, é cessar de

pensar, de dirigir a attenção em tal sentido, e pode equivaler a «desprezar», «não fazer caso».

Postas estas differenças geraes como pontos culminantes, cumpre todavia advertir que na pratica podem apparecer apagadas as fronteiras entre as tres maneiras de dizer. Assim, falando de algum objecto que, por desattenção e contrariamente ao desejo, se deixa de levar a outro sitio, emprega Din. Ser. da Prov. 155 o verbo na activa: *Thomaz esqueceu isso um dia de manhã sobre a mesa*, o que é differente de *esquecer estudos*. Outras vezes, onde podia estar *esquecer alguma cousa a alguem*, escreve-se de preferencia *esquecer-se alguem de alguma cousa*. Esta linguagem é a mais usada no Brasil.

Exemplos portuguezes com os tres typos de linguagem:

Aquella sombra, ou antes aquelle corpo... afastou-se alguns passos e voltou-se de novo, passando em revista todas as janelas com escrupulosa attenção; porem *esquecendo-se* neste exame exactamente da unica que o havia trahido (Din. Serm. da Prov. 133) — E assim eu me deixava então enlevar pela reminiscencia das passadas scenas, que tão profundamente me fazia *esquecer* tristezas e alegrias presentes (ib. 136) — Talvez que essa idéa *esquecesse* (ib. 144) — Respondi ao abbade, que me havia dirigido não sei que pergunta que por insignificante *me esqueceu* (ib. 157) — O medico e o abbade *esqueceram* por um pouco a reciproca antipathia (ib. 163) — *Esquecer* Thomaz! (ib. 176) — Ia-*me esquecendo* participar-lhe que me formei em medicina (ib. 186) — E *esquecendo* toda a etiqueta, levantou-o ao ar como lhe fazia em criança (ib. 190) — E *esquecendo* até o habitual laconismo (ib. 193) — Agostinho *esquecera-se* de comer (ib. 235) — Ao ouvir estas palavras, Augusto *esqueceu* toda a hesitação (Din. Morg. 2, 256) — Não *lhe* podiam *esquecer* as claras eiras (E. de Queiroz, Am. 32) — Ás vezes mesmo *esquecia-se* de marcar (ib. 68) — Se ás vezes ao deitar *lhe esquecia* uma Salve Rainha, fazia penitencia no outro dia (ib. 74) — E não podia *esquecer* aquelles beijos de noite no pinheiral serrado (ib. 85) — Resolvia então *esquecel-a* (ib. 104) — Veja lá, não *lhe esqueça* alguma cousa, sr. parocho (ib. 137) — Tel-a-ia *esquecido?* (ib. 146) — Desejou *esquecel-o* [ao padre Amaro] (ib.).

Adverbios:
especies, formas e significação

O adverbio é um vocabulo determinativo do verbo, do adjectivo ou de outro adverbio. Accrescenta a est'-outras palavras o conceito de tempo, lugar, modo, etc. que lhes delimita ou esclarece o sentido, sem comtudo exercer, como o accusativo, o dativo e o objecto indirecto circumstancial (veja pag. 184), função puramente complementar.

Dos adverbios latinos, originados, na maior parte, de nomes ou pronomes, poucos passaram ás linguas romanicas. Enriqueceram-se estas todavia com algumas formações desconhecidas do latim literario, com varias creações novas e, em especial, com os adverbios em *-mente* que se tiram de adjectivos. Esta terminação nada mais é do que o ablativo do lat. *mens*, v. g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste typo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um suffixo derivativo.

Innumeraveis são as locuções adverbiaes resultantes da combinação de preposições com substantivos. Differem dos adverbios propriamente ditos apenas por serem frases mais ou menos longas. Na pratica muitas vezes se lhes applica, por commodidade, o nome de adverbios. *Com prudencia, com energia, com brandura*, etc. equivalem a *prudentemente, energicamente, brandamente*, etc.

Por este processo de combinar preposições com substantivos se crearam *acima, em cima, por cima, em baixo, debaixo, para baixo, á força, por força, de pressa, com pressa, de dia, de noite, de manhan, á manhan, apenas, a gran-*

des penas (port. ant.), *de coração, de maravilha, de graça, a fio, sem duvida, por um triz, ás rebatinhas, em silencio, de corrida, no mesmo ponto, de vagar, com effeito, em verdade, a caso* (port. hod. *por acaso*), *de nenhum modo, de proposito, de industria, de caso pensado, dest'arte, desta maneira, por ventura, emfim, por fim, a giros*, etc. Escreve-se hoje ligado *arriba* (em vez de *a riba*), *acima, debaixo, emfim*.

Em algumas locuções fica subentendido o substantivo (*maneiras, maneira, moda, modo*, etc.): *ás occultas, á ingleza, á franceza, ás direitas, ás boas, ás claras, ás cegas, ao natural*, etc.

Algumas vezes, por analogia de outros adverbios, antepoz-se preposição a adverbio preexistente: *de subito* (a par de *subito*), *de repente, de certo*.

Da combinação, em periodo romanico, de preposições com outras preposições ou com adverbios procedem: *depois* < *de pos* (*de post*), *de ante, de tras* (*de trans*), *ácerca, dentro* (*de intro*), *então* (*intunc*), *assaz* (*ad satis*).

Dividem-se os adverbios segundo a sua significação em adverbios de tempo, de lugar, de modo, de negação, affirmação, de duvida, de quantidade, de ordem. Muitos dentre elles exprimem condições e circumstancias de caracter determinado; outros denotam conceitos capazes de augmento ou diminuição. Estes ultimos são, como os adjectivos, susceptiveis de graus de comparação.

Faremos em seguida o historico de alguns adverbios.

Adverbios pronominaes — Originaram-se os nossos adverbios *aqui, cá* e *lá* das formas ablativas *hic, hac* do pronome demonstrativo latino agglutinadas a outras palavras (*eccu(m), ill(e)*. *Ahi*, outrora *hi* ou *i* ainda que pareça filiar-se a *ibi*, é provavelmente o proprio vocabulo *hi* (*c*) com função adverbial. *Ali* procede de *illic*. Poderiamos, pois, attendendo á etymologia, classificar as formas portuguezas como adverbios pronominaes.

Alem das formas *cá* e *lá*, occorrem em port. ant. *acá* e *allá* com a variante *alló*, e, como estas têm sentido directivo, deve-se concluir que se trata aqui da junção da preposição *a* áquellas antigas formas:

Nunca ouvemos tal tenpo pera fazer a vontade de aquelle que nos *aqua* enviou (S. Josaph. 32) — Temerõ-se de nõ ir elrei *allo*

aaquella festa (ib. 30) — Pois di-me, filho muito amado, como veeste *acá* e que se fez de ti depois que me de ti parti (ib. 44) — El-rei Barachias foi-se logo *alla* cõ muita gente (ib. 48) — Logo foy *alla* apos elles (S. Graal, 7) — A menos de el Rei *allo* hir com seu poder (F. Lopes, D. J. 130) — Foi Nun Alvarez *alla* por fallar ao Meestre (ib. 362) — Foi *alla* muita gente pera esto (ib. 316).

O moderno *ahi* adquiriu a inicial *a* por influencia de *aqui* e *ali*. Em escriptores quinhentistas ainda se encontra a cada passo o adverbio sem a vogal prothetica. Por esta mesma epoca vogava o emprego do dito adverbio na expressão *hi aver* com significação identica ao francez *y avoir*, não sendo porem obrigatorio em portuguez o emprego da particula. Assim, a par de frases com o verbo existencial simples, apparecem exemplos como os que se seguem:

Elles movem-se com dizerem que he verdade que não *ha i* verdade. Se *hi* não *ha* verdade, logo elles nã na dizem (H. Pinto, 2, 62) — [Alexandre] ouvindo dizer a Anaxarcho que *avia hi* muytos mundos, se pos a chorar (ib. 2, 68) — *Averá hi* sinaes no sol, e na lua, e nas estrellas (ib. 2, 169) — Onde *ha i* sol, *ha i* sombra (ib. 2, 592) — Onde *ha i* muyto beber, não *ha i* segredo (ib. 2, 613).

U (hu), onde, donde, aonde — Para denotar o lugar de presença, e o lugar de procedencia, serviram á linguagem antiga os adverbios *u* (lat. *ubi*), tambem graphado *hu*, e *onde* (lat. *unde*), podendo ambos fazer as vezes de pronome relativo:

Perguntou... que lhe dissesse, *hu* era o escudo, *onde* [= de que] tamto fallavam pella terra (S. Graal 33) — Soo aquella aruor sta ho muymento, *honde* saae a voz (ib. 41) — Aquel cavalleiro *honde* [= de quem] me vos fallastes (ib. 83) — E perguntou-os *honde* [= de que lugar] eram (ib. 84) — O lugar *u* pousava (S. Josaph. 15) — *U* he aquel enganador (ib. 20) — Mostra-nos a casa *u* mora (ib.).

Como porem a noção de procedencia se indicava em geral pela preposição *de*, creou a analogia o pleonasmo *donde*, o qual já em bem antigos documentos occorre ao lado da forma primitiva e com a mesma accepção. No Santo Graal lê-se:

Ataa que sayba *donde* saaem estas vozes [a par de: quem soubesse *honde* estas vozes saaem (59); contou-lhe *donde era* (36); *donde* veeo ho scudo (35)].

A vulgarisação de *donde*, tão expressivo para denotar procedencia, deu lugar a crer-se que o mesmo vocabulo, desprovido da caracteristica particula *de*, era tão sómente o synonymo do adverbio *u*. A esta modificação semantica precedeu naturalmente um periodo de confusão, de que dão eloquente testemunho estes passos do Livro de Esopo:

Pol-a [a linha] darredor da arvor *domde* a aguya tijnha sseus filhos (19) — Chegou a rraposa ao pee da arvor *omde* a aguya tijnha sseus filhos (18) — Levou-hos a hũu ninho *hu* estavam sseus filhos (18).

Superfluo pareceu afinal o adverbio *u*, e fadado a desapparecer. Na segunda phase do port. ant. vai escasseando o seu emprego, até tornar-se raridade na linguagem quinhentista e seiscentista, onde se nos depara combinado com o artigo sob a forma interrogativa *ulo* (significando «onde é o», «onde está o») e, até, *adullo* por influencia do superfetado *adonde*, de que adiante falaremos:

E *ulas* cavallarias que tendes para me levar (G. Vic. 3, 46) — Onde está o entendimento? *Ulo* ser e autoridade de fidalgo? (Sousa, Arceb. 1, 433) — *Adullo* o teu malvaisco, Britez filha, e o solimão? (Mello, Fid. Apr. 25) — Pois *adullos* mariolas? (ib. 52).

Ulo podia vir seguido de um demonstrativo como em G. Vic., 3, 67: *Hulos esses namorados?*

Cedido o posto do antigo adverbio ao vocabulo *onde*, nem por isso se mostram d'ahi por diante convencidos os escriptores de que o termo sem algum reforço prepositional basta sempre para indicar o que o lat. *ubi* indicava; e assim *aonde* e *donde*, só ou augmentado em *adonde*, passam a usar-se tambem como synonymos de *onde*.

Exemplos quinhentistas:

Poderia passar a gente nos bateis das naos a outra banda do rio, *donde* a fortaleza está situada (Mend., Jorn. de Afr. 1, 40) — Na casa *donde* estes homens estavam com o capitão (ib. 1, 98) — Tornando ás tendas *donde* passámos a noite (ib. 1, 99) — *Donde* estará ella agora? (J. Ferr., Ulys. 357) — Verás a ultima terra *adonde* viviam tres irmãs (Castr., Ul. 7, 71) — Num aposento *adonde* repousando em alto

sono a Gorgoris achava (ib. 8, 13) — Undoso leito, *donde* repousava o mar (ib. 1, 30).

Exemplos seiscentistas:

Nem o será nunca *aonde* a ley e a religião não for a mesma (Vieira, Serm. 8, 486) — Isto acontece *aonde* falta a resolução (ib. 8, 486) — E logo me ausentey daquelle lugar para este *aonde* agora me vedes (Bern., N. Flor. 2, 75).

Abundantes exemplos de *aonde* por *onde* encontram-se em Vieira, Serm. 14, 130-131:

Roma, *aonde* os exemplos de todo o genero de virtudes são tantos... em outras cidades e côrtes do seculo, *aonde* o costume dos vicios se fez ley — No inferno, *aonde* todos são maus, nenhum se envergonha dos outros — Porque ha de envergonhar-se hum demonio, *aonde* todos são demonios, e hum condenado *aonde* todos são condenados? — *Aonde* a cobiça... se tem por fortuna e se inveja, quem se envergonhará de ser avaro? — *Aonde* a maior arte he o engano... quem se envergonhará de mentir?

Exemplos setecentistas:

Por saber *donde* habite, ou quem seja ella, seguiu, voando, os passos da donzella (Durão, Caram. 4, 7) — Nem cuido que outro [terreno] visses mais ameno, nem *donde* com mais gosto a gente viva (ib. 6, 176) — E na escura caverna, *adonde* Jove [outro espirito] espalha a luz tremenda (ib. 1, 10).

Donde e *adonde* foram usados tambem com significação directiva:

Leva-me *adonde* reynas (Bern., L. C. 500) — Levanta o coração *adonde* és chamado para a eternidade (Bern., N. Flor. 2, 75) — Sobe até *donde* quer (Mello, Ap. Dial. 272) — São como mercadorias, que segundo a parte *donde* [= para onde] se encaminhão, valem ou não valem (ib. 272).

Muito dignos de ser notados são estes passos de Mello, Ap. Dial.:

FONTE V. Emfim, *donde* [= para onde] o levão agora?
SOLD. A deytallo no mar como cisco, ao que suspeito (272) — *Donde* [= onde] os não houve? (279) — AUTH. *Aonde* [= onde] força ha, direito se perde. — BOCALINO. E ás vezes *onde* não ha força (299).

Do dialogo á pag. 8 do Fidalgo Aprendiz, do mesmo autor, conclue-se que *donde são?* equivale a *unde sunt* e *donde estão?* a *ubi sunt*.

Apesar de todos estes exemplos e outros que deixamos de mencionar, prevaleceu a doutrina de considerar taes casos como applicação secundaria ou impropria dos adverbios *onde*, *donde* e *aonde*, cabendo-lhes expressar respectivamente a noção locativa, a de procedencia e a directiva. O port. literario hodierno cinge-se a esta regra e não toma para modelo exemplo classico que, por ventura, della se afaste.

Porende, porém — Filiados ao adverbio latino *proinde* e respectiva forma abreviada *proin*, usam-se na antiga lingua portugueza, *porende* e *porém*, tendo ambos o sentido de «por isso»:

E vay-se tam toste que o nom poderedes já oje acalçar. E *porende* vos louvaria de ficardes (S. Graal, 116) — Comendo do fruito que lhe elle defendera, e *porẽ* foi tirado e lançado do paraiso terreal (S. Josaph. 10) — Quando elrei esto ouvio, sospeitou que algũa sanha ouvera delle o infante, e que *porẽ* se partira delle (ib. 18) — Destruio pois *porende* o castello (S. Graal, 90) — Me parecem poucos; *por emde* tornei pera me dardes mais vassalos (F. Lopes, D. J. 17) — [O Meestre disse] que nom compria a seu serviço de se desavirem a tall tempo: e que *porem* lhe rrogava que em tall sazom nom ouvesse com elles desaveemça (ib. 361).

Deu o uso geral a preferencia ao termo mais curto, de modo que *porende*, cada vez mais raro, acabou por extinguir-se, ficando desconhecido do port. mod. Mas a palavra *porém* não penetrou na linguagem da Renascença sem uma notavel transformação semantica. Em vez de significar «por isso», «por essa razão», passa a dizer o mesmo que «mas», «apesar disso», «comtudo». Deixa de expressar a noção de causa determinante de certo acto, para denotar opposição de idéas ou pensamentos. O primitivo adverbio transmuda-se em conjunção adversativa.

Ponto de contacto entre situações tão diversas está nas frases negativas, e foi naturalmente por ellas que principiou a transição semantica. Cotejem-se com a linguagem antiga certos passos do falar moderno, nos quaes, sem prejudicar o sentido, se poderia substituir *não porém* por *não por isso*, ou *nem por isso:*

Forom feridos... *nom porem* de perigosas feridas (Zur. Guiné, 452) — E ainda que quando o levaram diante del-rei desmaiou, *não*

desfalleceu *porem* em sua firmeza, mas foi hum natural pejo (Mend. Jorn. de Afr. 2, 129) — A corda quebrou outra vez, parece que com piedade, mas *não* quebraram *porem* os duros animos dos crueis algozes, antes com gram presteza foram buscar a um poço outra (ib. 2, 122).

A origem adverbial de *porem* dá a razão da possibilidade de collocar-se esta palavra no meio e, até, no fim da oração, lugar improprio das conjunções:

O forte Baçaim se lhe dará, não sem sangue *porem* (Cam., Lus. 10, 61) — Dizem. Eu não o creio *porem* (Garr., Viag. 1, 68) — O floreo nome não te engane *porem* (Castilho, Fast. I, 93).

Operada a alteração semantica, só pela lei de inercia se explica o continuarem os quinhentistas a empregar as linguagens *e porem, mas porem* nas orações adversativas. Leitores modernos dos Lusiadas attribuiram a segunda expressão a liberdade poetica, deslise ou cousa que o valha. Sem razão; ella occorre mui frequentemente em João de Barros e outros e, até, em Fernão d'Oliveira. São deste grammatico os exemplos seguintes:

Desta letra *q* parece Quintiliano duvidar... a quem segue Diomedes, *mas porem* Marçiano diz outra cousa, e comtudo os latinos aperfiem comsigo (40) — *Mas porem* para saber todas estas cousas requere-se ler e ver muyto (66) — *Mas porem* podemos saber (70) — *Mas porem* se achassemos hũa cousa nova (83) — *Mas porem* dos nossos e tirados ha hi alghũs que não seguem a regra que demos (98) — *Mas porem* dos verbaes... tiraremos isto (ib.).

Posto que a differença de significação do vocabulo *porem* seja um dos caracteristicos entre a linguagem antiga e a moderna, cumpre notar que no antigo falar já podiam occorrer, de quando em quando, frases em que *porem* teria o sentido que se lhe dá hoje, como nestes exemplos:

Nom embargamdo esto que assi he dito... alguũs *porem* teem oppeniom que amballas cousas que dissemos... neeste feito concorrerom (F. Lopes, D. J. 330) — Era hũu homem pequeno de corpo, de boas feições *poremde* (ib. 314).

Pois, depois — Da particula latina *post* procede a forma portugueza *pois*, usada a principio como adverbio e logo como conjunção. Ao adverbio simples não tardou a preferir-se a forma reforçada *depois* e tambem *despois*.

Existem comtudo na linguagem antiga exemplos da forma simples empregada com função adverbial e tendo o sentido de «mais tarde»:

Quando el esto ouvjo, sayo e foy-sse ao paaço. E *pois* achou seu filho com gram companha de cavaleiros que vjnham com elle do torneo (S. Graal 52) — E fez logo hũa promessa que em toda aquella demanda nom comesse senam pam e aguoa; e teve *pois* esta promessa muy bem (ib. 119) — Em tam foy a seu cavallo e cavalgou e leixou o cavaleyro e a donzella que bem fezerom *pois* quanto prometerom (ib. 121) — Daquel cavaleyro e daquella donzella sayo *pois* licanor o grande, boo cavaleyro, que matou meragis (ib. 121).

Talvez — Antigamente, quando não havia plena certeza da veracidade de um facto, era costume inserir a resalva *por ventura* na informação que a outrem se dava. Hoje damos preferencia a *talvez*, tendo-se perdido de todo o sentimento da accepção primitiva deste dizer. Não reparamos, sequer, na juxtaposição *tal vez*, com que se denotaria, não a duvida por parte do individuo informante, mas um conceito de tempo referido ao verbo da oração.

Tal vez foi a principio, de facto, nada mais que um adverbio de tempo, significando «certa vez» «alguma vez», «uma vez por outra»:

Deus nosso Senhor no Testamento Velho commummente fallava por Anjos. Assim fallou a Abrahão, a Jacob, a Isaac e a outros. E *tal vez* fallou de hũa çarça, como a Moyses; *tal vez* de hũa tempestade como a Job (Vieira, Serm. 12, 75) — Daqui naceu o ditado dos mareantes, que *tal vez* basta hum pão para fazer cem leguas, e *tal vez* para fazer huma legua não bastam cem pães (ib. 8, 176) — Muitas vezes passava os tres e os quatro dias, e *tal vez* a semana inteira, sem comer bocado (ib. 8, 184) — *Tal vez* convem a afabilidade com o amigo... e *tal vez* convem... mostrar-se austero ainda ao igual (Mello, Ap. Dial. 148) — *Tal vez* succede que a mãi ama com maior excesso o filho de que teve peyor parto (ib. 405) — Agora nos parecem altos montes, agora soberbos edificios; *tal vez* rios caudalosos, e *tal vez* fresquissimos arvoredos (ib.) — Algumas [testemunhas de vista] juraram que *tal vez*, dizendo-se missa, succedeu florecer a casula e o calix, com que o sacerdote a dizia (Bern. N. Flor. 2, 321) — Hião amontoados [os cadaveres] em grandes carroças... e pendurados braços, pés e cabeças, que *tal vez* se despedaçavão entre as rodas. Não havia mortalha bastante, e andavão estas ás rebatinhas. *Tal vez* se vio hũa criança ainda viva puxar pela teta da mãi já morta (ib. 3, 74).

Nos Sermões de Antonio Vieira ha muitos exemplos como os precedentes, mas tambem já apparecem

outros em que a expressão adverbial pode ser interpretada no sentido que se lhe dá hoje. Isto quer dizer que já então se vinha operando a evolução semantica. *Tal vez* referido, a principio, sómente á incerteza da epoca dos successos, passava a applicar-se á incerteza da realidade dos mesmos successos. Sem embargo desta evolução, perduraram ainda longo tempo reminiscencias do antigo uso.

No Caramuru de Santa Rita Durão (1781) deparam-se-nos os exemplos seguintes:

A lingua aprendem, recebendo alimentos commutados pelas especies que ao gentio vendem; *talvez* os tem co'a cithara encantados, *talvez* com cascaveis todos suspendem; mas o objecto que a vista mais lhe assombra é ver dentro do espelho a propria sombra (6, 67) — De ouro fino os cabellos pareciam... e uns dos outros *talvez* se dividiam, e outra vez um com outro se enredava (10, 3).

Embora — Posto que a instituição dos oraculos e agouros estivesse morta desde muito tempo, perdurou na era medieval, e ainda na idade moderna, a crença de que o exito dos actos humanos dependia da hora em que eram emprehendidos. D'ahi o costume de se accrescentar a frases optativas ou imperativas, por sinceridade, ou mera cortezia, a locução *em boa hora.* Se dominava a má vontade para com outrem, e convinha manifestal-a, recorria-se, pelo contrario, ao agouro *em hora má.*

Entre gente menos educada a necessidade de desabafar o malquerer era tão imperiosa como a de expressar desejos bons; e o frequente uso de *em hora má* na boca do povo teve por effeito não sómente conglobar-se a locução em um só vocabulo, mas ainda ficar este alterado e desbastado em *eramá, ieramá, aramá,* e transformado, até, em *amará.* Comedias e farças do seculo XVI consignam estes plebeismos. *Amara* (leia-se *amará*) occorre em Gil Vicente 3, 73 (2 vezes) e 3, 74.

O agouro benevolente enunciado pela formula *em boa hora* entende-se claramente de passos como os seguintes:

Vaamos *em boa hora* nosso caminho (Zur., Guiné 337) — Que dissesse *em boa hora* o que lhe aprouvesse (ib. 186 — Venhaes *em boa hora*... e nam perdoeis a minhas orelhas, porque já entendo ao que vindes; avezado sou a ouvir cousas que me dão pena (Arr. 555).

Fundiu o uso as tres palavras em uma só, *embora*, sendo adoptada sem o minimo escrupulo pela linguagem literaria. Deixando em silencio, por desnecessarios, outros muitos exemplos de escriptores antigos e modernos, mencionarei apenas isto de Vieira: *Vay-te embora, ou na má hora* (Serm. 1, 208).

Tornou-se usual acompanhar a forma imperativa de *ir* e *vir* dos votos de bom exito. Esta noção, comprehendida no adverbio *embora*, desluziu-se da consciencia hodierna, que confusamente descarrega nelle o conceito de «afastamento», como se os verbos não dissessem já a mesma cousa. Com este criterio, e desconhecendo-se o sentido que outrora teve o adverbio *embora*, torna-se inintelligivel o seu emprego junto a verbos que denotam repouso, v. g. em Vieira, Serm. 11, 422:

Queria Christo introduzir o Sacramento, e lançar fora o cordeiro da Ley, e para isso permittio que o cordeiro estivesse *embora* na mesma mesa com o Sacramento: que desta maneira se desterram com suavidade as sombras das leys velhas... Estejão agora juntos o Sacramento e o Cordeiro, que amanhã irá fora o cordeiro, e ficará o Sacramento.

Não se usou este adverbio sómente para augurar bem ou desejar hora propicia ás empresas humanas. Introduziu-se tambem em orações optativas e outras para denotar que se concede a possibilidade do facto, ou que o individuo que fala não se oppõe ao seu cumprimento. Da alteração semantica dão testemunho os seguintes passos:

Ria *embora* quem quizer, que eu em meu siso estou (G. Vic.) — Respondeu por vezes que morressem *muito embora*, que melhor era morrerem cá que no sertão, porque morriam baptizados (Vieira, Cart. 1, 118) — O que está mais longe perca-se *embora* (ib. 1, 463) — As promessas do premio dilatem-se *embora* (Vieira, Serm. 2, 395) — Honrem-se *embora* com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação (ib. 5, 360) — Mate-me *embora*, comtanto que seja imperador (ib. 5, 466) — Mas Francisco Xavier, venha-lhe *embora* a tentação dormindo, que dormindo e acordado, sempre está seguro (ib. 8, 104).

Desta pratica veio o transformar-se, em port. hod., o adverbio *embora* em conjunção concessiva, mudando-se naturalmente a contextura das orações. A principal pas-

sou a servir de subordinada, e a correlata despe-se da particula *que*, convertendo-se em principal, dizendo-se v. g.: *embora honrem essas arvores os seus montes, os nossos valles não hão mister quem procure a sua exaltação*. Em Filinto Elysio 14, XIX já se encontra: *embora cumpra o traductor com esses tres deveres*.

Adverbios extintos

Alguns adverbios do falar antigo cahiram em desuso, acabando por ficarem de todo esquecidos, em virtude da concorrencia triumphadora de outros dizeres de significação equivalente.

Suso, a suso; a juso*) — Correspondiam os dous primeiros ás modernas dicções *acima*, *para cima*, ao passo que o terceiro exprimia a noção opposta de *abaixo:*

De X maravedis *a ssuso* dem 1 maravedi, e de X maravedis a *iuso*, dem meio maravedi. (Foros de Santarem 1179, ap. Port. Mon. Hist. L. et Cons. 404) — Aquel de que *suso* falamos (S. Josaph. 40) — Depártiam todas aquestas decimas e todas aquestas outras cousas, assi como *suso* é nomeado. (Testam. de Aff. II, 1. c. 16).

Estas expressões eram geralmente usadas na primeira phase do port. ant., mas ao mesmo tempo já se iam insinuando na linguagem *a cima* e *em fundo* para supplantal-as de todo mais tarde:

De dez maravedis *a cima* dem huum maravedi, e de dez maravedis *a iuso* meyo maravedi. (Foros de Beja, ap. 1. c. 641) — Paguem os direitos reaes... como *em fundo* som scritos (ib. 640).

A fundo, em fundo — O periodo aureo do dominio das locuções adverbiaes formadas com o substantivo *fundo* estende-se do seculo XIV ao seculo XV:

O lobo da parte çima, e o cordeyro... da parte de *fumdo* (L. de Esopo 10) — A rrã tirava *pera fundo*... e ho rrato tirava pera cima (ib. 11) — Vjrom vyr huũ cavalleiro *por fumdo* da ribeyra (S. Graal 15) — Deçeo *afumdo* e cavallgou (F. Lopes, D. J. 23) — Como o Bispo de Lixboa e outros forõ mortos e lançados da torre da See

*) De *juso* conservamos ainda o derivado *jusante*, que significa «baixa-mar».

afumdo (ib. 23) — Que tardada he essa que vos la fazees, que nõ deitaees esse treedor *afumdo?* (ib. 25) — Sahiu Nun Alvarez a folgar pela praya *afumdo* (ib. 63).

Posto que andasse em uso a palavra *baixo* e o seu derivado *abaixar* (*encobrirom-se os de cavallo e os de pee em huũ baixo*, F. Lopes, D. J. 170; *abaixarom as lamças*, ib. 159), as locuções *em baixo*, *para baixo*, servindo de adverbios eram em todo o caso no seculo XV ainda metaphoras arrojadas que vinham apparecendo rara e furtivamente.

Entre numerosos exemplos de *a fundo* do Livro Vermelho de D. Affonso V (Coll. de Ined.), depara-se-nos um de *abaixo* a pag. 477. Fernão Lopes, D. João, pag. 16, arrisca o adverbio *embaixo*, voltando porem logo ao *em fundo:*

E corremdo assi com grande prazer, descoseo o vemto os sinaaes de Portugall que hiam *em baixo* e ficarom pendurados... E disserom a ElRei que nom era bem de os sinaes de Portugall andarem assi *em fumdo*.

Dos quinhentistas em diante, em vez de *em fundo*, *a fundo*, etc., não se diz senão *embaixo*, *abaixo*, etc.

Acima, em cima — Se consideramos sómente o conceito de lugar superior, que ainda hoje denotam, evidentemente não devem figurar estes adverbios na lista das dicções cahidas em desuso. Mas o substantivo *cima* se usou, durante algum tempo, para significar a parte terminal de alguma cousa não sómente no sentido da altura, mas ainda no sentido do comprimento, designava fim, termo em geral. Assim *dar cima* ou *cimar* = *dar fim, pôr termo: E lhe fezesse dar boa cima ao que começara* (S. Josaph., 18); *este he o que ha de dar cima aas aventuras* (S. Graal, 11); *e jará ainda hi tres annos, ante que cime sua pendença* (ib. 136). Daqui veio a applicação secundaria, hoje desconhecida, do adverbio e locuções prepositivas, em que *cima* equivale a *fim:*

E por esto sofreo tanto que *aa cima* foi vencido (S. Graal, 103) — Depois que se conhoçerom, forom muy ledos e *aa cima* acordarom-se que se nom partissem (ib. 88) — Matou Meragis... assi como este conto devisará (= explicará) *em cima* do nosso livro (ib. 121).

Toste — Chegado ao francez *tôt*, pelo seu aspecto phonetico, usou-se todavia com accepção differente. *Toste* em nosso idioma queria dizer *de pressa:*

Quando virom hir tristam assi fazendo tam gram doo e hir tam *toste*, como se corressem em pos elle (S. Graal, 72) — Entam caeu el rei em terra, er levantou-se o mais *toste* que pode (ib. 81) — Começou-se de hir tam *toste* que nom ha beesta no mundo que a alcançar podesse (ib. 83).

Asinha — De mais vitalidade que o termo precedente, que desappareceu da linguagem no proprio port. ant., est'outro synonymo de *de pressa* occorre com grande frequencia ainda na linguagem dos quinhentistas:

Nunca me pareceo quando vos tinha que vos visse mudadas tão *asinha* em tão compridos annos de tormento (Cam., Son.) — Começou ho governador de fazer a fortaleza de pedra e barro pola acabar mais *asinha* (Castanh., 4, 43) — Quam *asinha* elles e ellas fenecem (H. Pinto, 2, 240).

Estomce — Não se generalisou o uso deste adverbio no port. ant. Occorre frequentemente em concomitancia com *entom* em F. Lopes:

Entrarom *estomçe* quantos quiserom (F. Lopes, D. J. 24) — Per ventuira *estomçe* ou depois (ib. 16) — E falladas *estomçe* muitas rrazoões (ib. 368) — Contra este nom seemdo ingrata, o promoveo *estomçe* a alteza de gramde e homrroso offiçio (ib. 373).

Samicas (= talvez), **cajuso** (= por acaso), **a fór** (= á moda) e outras dicções de que temos noticia pelas obras de Gil Vicente, pertencem á linguagem plebéa ou provincial, e como taes não tiveram entrada na linguagem culta dos escriptores.

Deshi — Como synonymo de *depois* e alternando com este termo, se usou em port. ant. o adverbio *desi* (graphado tambem *deshi* e *dessi*), resultante da combinação da preposição *des* com o adverbio *i (hi* ou *ahi)*. Encontra-se ainda com frequencia em João de Barros e Heitor Pinto.

E ferio aquel meo filho... E depois ao outro, *dessi* ao terceyro, *dessi* ao quarto, *dessi* ao quinto (S. Graal, 67) — Elle partio pera Estremoz, e *desi* pera Evora, e depois pera Monte Moor (F. Lopes, D. J. 162) — Mandou lançar em cada huũ seu harpeo e *deshi* começou de ferir nos Gigantes (Barros, Clar. 2, 26).

Inde, ende, en — A forma mais antiga, identica ao lat. *inde*, occorre em uma noticia de torto do tempo de D. Sancho I, publicada por Leite de Vasconcellos em Textos Archaicos 14, 15. A sua significação é «disso», «delles», «dahi»: *filarũ-li illos inde VI casales* (= tiraram-lhes disso seis casaes); *que desfructarũ e que li nunqua inde derũ quinnõs* (= lhes nunca disso deram quinhões).

Em documentos posteriores apparece o mesmo adverbio alterado em *ende*, usando-se raramente a respectiva forma contracta *en*, a qual se assignala emtanto na linguagem dos Cancioneiros:

Maravilhan-s'en (Canc. Aj.) — Ei noj'e pesar *em* (ib. apud Vasc. Text. Arch. 20 e 24) — Aja *ende* a meiadade (Nunes, Chr. Arch. 14) — Assi começamos nos hir apos ella e nom nos partiremos *hende* (S. Graal, 83) — Elrey, quee era *ende* mui ledo (ib. 1) — Que mal vos *hende* verra (ib. 84) — Maravilhou-se *emde* muito (F. Lopes, D. J. 139).

Este adverbio cahiu em desuso no seculo XVI. Em algumas obras anteriores á Chronica de D. João nota-se a sua ausencia ou, pelo menos, já a extrema raridade deste vocabulo. Fernão Lopes o empregaria como archaismo por espirito conservador.

Tamalavez — Encontravel uma ou outra vez em algum autor quinhentista ou seiscentista, o adverbio *tamalavez* entra no rol dos vocabulos de emprego raro. Não se pode affirmar que é reliquia de uso anterior mais generalisado, porque faltam as provas. Com a significação de «um pouco», «um tanto», «alguma cousa» foi empregado este adverbio por Francisco Manuel de Mello:

Hora que livro bem encadernado e melhor impresso he essoutro, que está ali diante roido dos ratos *tamalavez?* (Ap. Dial. 336). — Se houver lugar podeis aqui *tamalavez* detervos com dous manuscriptos encadernados, que não parecem senão livros (ib. 388).

E do mesmo modo se interpreta o sentido do adverbio nestes passos de Gil Vicente:

Má nova he essa pera mi. Se assi for como dizes, digo qu'eramá cá vim. Porem esperae-me assi, fallarei *tamalavez* (1, 269) — Ide antre as nove e as dez; assoviaes vós bem, meu rei? Ou tossi *tamalavez*, que logo vos entenderei (ib. 2, 157) — S'eu trouguera mais vagar, sorrira-me eu *tamalavez* (ib. 1, 247).

Na Chronica dos Frades Menores (ed. Nunes) occorre o adverbio *malaves*, que parece relacionar-se com *tamalavez*. Nos dous exemplos apontados pelo commentador, o sentido é porem diverso. *Malaves* equivale a «apenas», «difficilmente»:

E vio aquelle fraire levantar-se e estava ferventemente em oraçom e foy levantado em no aar aquella noite tres vezes ataa altura do paço e fazia em no aar tam grande chamto e choro por alma de aquelle senhor que *malaves* foy visto alguum que a tam amargosamente chorasse por seus parentes e amigos finados (1, 57) — E o poboo dava vozes, dizendo comtra os fraires que esto era feito por arte diabolica... E aa çima [= finalmente] *malaves* amansado o poboo, [o diabo], ouvindo todos, ameaçava a frey Antonio (2, 208).

Adverbios pleonasticos

Os adverbios *logo*, *agora*, e *hoje*, occorrem ás vezes accrescidos de outra locução adverbial de sentido equivalente, tendo este reforço por fim dar ao adverbio mais vigor e emphase. Para o primeiro destes vocabulos permitte o falar hodierno a repetição *logo logo* e tambem certos dizeres como *logo no mesmo instante*, *logo no mesmo dia*, etc. Em port. ant. e ainda na linguagem popular do seculo XVI se dizia *logo essora* e *logo nessora*:

Mando que *logo nessora* se cumpra o que tens pedido (G. Vic., 1, 377) — Como o rato sente o gato, me sentira *logo essora* (ib. 1, 363) — Já t'eu dera hũa tamanha, que tu foras *logo essora* (ib. 3, 226) — Eu virei *logo nessora*, se m'eu la não detiver (ib. 3, 38) — Ellas [companhias] virão *logo essora* (ib. 2, 45) — I buscar asinha *logo nessora* hũa honrada lavradora de leite pera criar (ib. 3, 25).

Ao adverbio *agora* ajuntava-se pleonasticamente *est'hora*, tornando-se porem o sentido igual ao que hoje se diz por *agora mesmo*, *ha bocadinho:*

Não falleis em Deus agora, porque está aqui Pedreanes, que chegou *agora est'hora* (G. Vic., 3, 250) — Caroto: Ha muito? [subentende-se: que passou o rasto do ladrão?]. Draguinho: *Agora est'hora* passou por estes penedos. Eil-o aqui fresco d'agora não ha meia hora, nem creio que ha dous credos (ib. 2, 18).

O sentido de *hoje* avivava-se pelo accrescimo de *em este dia* ou *este dia*. Bastantes exemplos se colhem em Vida de S. Amaro, texto publicado por O. Klob:

O meu senhor deus que me tanta graça fez que me *oje ẽ este dia* mostrou a cousa deste mũdo que eu mais desejava de veer (511) — Eu ey desejos muy grandes de meus cõpanheiros de que party *oje este dia* (513) — *Oje em este dia* averedes huũ boõ ospede e dé muy sancta vida (514) — E *oje em este dia* veeredes quanto ẽ este mũdo desejastes (515) — Que *oje ẽ este dia* eu vejo quanto bem em este mũdo cobijcey (516) — *Oje em este dia* aa hora de terça (517).

Desta antiga locução pleonastica conservou o port. mod. a dicção *hoje em dia*, a qual porem já desde o seculo XVI apparece com o sentido alterado. Em lugar de se referir sómente a um dia, passa a significar vagamente a epoca actual. Pouco usada como synonymo de *hoje em dia* é *o dia de hoje:*

Inda que a terra Santa e os lugares della estem ao presente quasi de todo destruidos, tem-se o *dia de hoje* tão particular memoria das cousas que a Escritura Sagrada a faz, que parece de fé o que contam os da terra (Arrais, 317) — Esta amizade... ha *hoje em dia* entre os varões justos (H. Pinto. 2, 288) — Muytos ha *hoje em dia*, que com verdade se podem chamar sal da terra e luz do mundo (ib. 2, 558).

Adverbios accrescidos da terminação -*s*

E' do dominio do falar plebeu, e não da linguagem culta, o uso de varios adverbios com accrescentamento de -*s*, como se se tratasse da formação de plural. Gil Vicente nas Comedias e Farças registra varios casos; entre elles figura *quiçais* e sua metathese *sicais*, não se tendo comtudo creado a metathese correspondente á forma simples *quiçá:*

Entonces vos abrirei de muito boa vontade (G. Vic., 3, 31) — E *siquaes* sereis vós minha, *entonces* veremos nós (ib. 3, 131) — Ella [a Virgem Maria] lhe promettia de lhe dar um bom castigo, que horas nunca lhe rezou, nem della *soes* se acordou (ib. 1, 140) — Nem tam *soes* para o barqueiro, não me deixaram nem tanto (ib. 1, 351) — *Quiçais* era o Sancto este Jesu Christo (ib. 1, 348) — E eu feri-me por esse chão... sem *soes* motrete de pão (ib. 1, 257) — E *sicais* andou com ella (ib. 1, 125) — Depois que a eu usar *entonces* poderá ser (ib. 3, 151).

Um unico adverbio com augmento de *-s*, *antes* por *ante*, conseguiu implantar-se na linguagem literaria acabando por cercear o dominio da forma primitiva. Deve-se a innovação, ao que parece, á influencia de alguns adverbios *(depois, atrás)* de significação correlata terminados em consoante sibilante. De notar é todavia que, funcionando como preposição, *ante* jamais soffreu mudança. Igualmente sem accrescimo consonantal se disse sempre o adverbio *deante, diante,* com sentido local, resultante de *de + ante,* ao passo que esta mesma combinação com sentido temporal produziu *de ante, de antes* e *dantes,* fixando-se estas formas augmentadas da sibilante definitivamente em port. mod. A duvida que na linguagem antiga reinava entre *ante que* e *antes que,* decidiu-a o falar moderno em favor desta ultima forma. Do antigo uso de *ante* differente do actual dão testemunho estes passos:

Os outros nom aviam ende pesar; *ante* eram mui ledos (S. Graal, 12) — Nom he direito que o outrem saiba *ante* que vos (ib. 36) — *Ante* de hora de prima (ib. 45) — *Ante* de hora de terça (ib. 54) — *Ante* ora de terça (ib. 102).

Locuções adverbiaes

Para os effeitos da analyse lexeologica costuma-se distinguir a locução adverbial do adverbio simples. Este é um só vocabulo, aquella é uma combinação de vocabulos, a qual tem a mesma função que o adverbio simples.

A locução adverbial é formada de preposição + substantivo, ou tambem de preposição + substantivo + adjectivo. Ha comtudo certos dizeres em que se deixa de mencionar um dos termos principaes da locução.

1.° Omissão do substantivo:

Por se usarem frequentemente e parecerem dicções assaz intelligiveis sem a constante repetição do mesmo substantivo, dispensou-se, por economia de linguagem, a palavra *modo* em *de ordinario, de pronto, de leve, de li-*

geiro (*perto está de se arrepender quem julga de ligeiro*, Vieira, Serm. 2, 716) e outras semelhantes.

Em *á primeira*, *da primeira* subentende-se ora o termo *vez*, ora o termo *vista*, adequando-se este mais ao port. mod.:

Dona Enes, quamdo *aa primeira* veo pera a corte. (F. Lopes, D. J. 354) — Hia... desacompanhado dos senhores fidallgos que *aa primeira* comsigo trouvera (ib. 292) — Husavom de seu livre poder, desdenhamdo quem *aa primeira* tomavõ por capitaães (ib. 79) — E forom logo *aa primeira* muito dacordo (ib. 113) — Mal fezemos! Que milhor viviamos *da primeyra* que aguora (L. de Esopo 46) — O cavalleiro *á primeira* mostrou-lhe bom rosto, e deshi tornou mui furioso (Barros, Clar. 1, 226) — Um capa em collo, que *á primeira* parecia algũa cousa, já agora não terá que despender, e parece que cahiu da forca (Sá de Mir. 2, 110).

Completa a palavra *hora* o sentido de *á derradeira*, *na derradeira* nestes exemplos:

Agora estais carregada e embaraçada com cousas que, *á derradeira*, hão de ficar (G. Vic. 1, 194) — Eu não digo nada. Eu lhes fallarei lá *na derradeira* (ib. 1, 312) — E dei-t'eu a roca, Catalina, e subi em cima da pereira, e tu agora *á derradeira* jogas comego almolina (G. Vic. 1, 131) — A cristaleira e o almotacel pequeno bailarão *á derradeira* (ib. 1, 128).

Na locução *de primeiro*, equivalendo *a principio*, o substantivo que falta pode ser *momento* ou outro com o mesmo sentido:

E quando tornou, quise achegar aas reliquias, como *de primeiro* (Frad. Mend. 1, 32) — E logo, oramdo Samto Antonio, os cabellos hordenados forom restituidos a cabeça daquela molher asy como *de primeiro* (ib. 1, 237) — E me mandou outra vez chamar, e me fez a mesma pergunta de novo e tornala a escrever ao que respondi como de *prymeyro* (Itin. 59) — *De primeiro* tivemos o tempo tão quente e calmoso, que andavam os homens a bordo como na Ribeira de Lisboa. (Hist. Trag. Mar. 3, 16) — Os doentes iam melhorando, e os mais convalescendo, e já não recahiam tantos como *de primeiro*, do que parece era a causa a carne salgada assada e muito roim que comiam (ib. 3, 19) — Não teve todo o gaudio que esperou *de primeiro* (F. El. 13, 42) — Sahiu mal *de primeiro*, depois menos, logo melhor; por cabo ás maravilhas (ib. 13, 278) — Segredo é *de primeiro*; depois conquistas são (ib. 13, 280) — Essas bizarras damas que *de primeiro* me tinham deslumbrado (ib. 19, 82).

2.º AUSENCIA DA PREPOSIÇÃO:

Certas locuções adverbiaes de tempo como *esta noite*, *outro dia*, *um dia*, *este mez*, *este anno*, *todo o dia*, *todos*

os dias, toda a noite e outras, em que o analysta dá por falta da preposição *em*, estão consagradas pelo uso e têm sentido tão definido, que este se altera, em algumas dellas, em se empregando a particula.

Não seria caso aqui de restabelecer a preposição, porque não houve desapparecimento. Em portuguez sempre assim se disseram estas locuções sem o vocabulo *em*. Facto analogo se dá em outras linguas romanicas. Vê-se bem que se trata da continuação do emprego de um caso obliquo sem preposição usado em latim e, em especial no latim vulgar, para certas expressões quotidianas.

Os escriptores quinhentistas e seiscentistas estendem esta pratica de não mencionar a particula a outras locuções de tempo, notadamente referindo-se a datas, anno, dias da semana ou do mez, ou dias de denominação particular segundo o calendario christão:

Partio-se Vasco da Gama *hũa quinta feyra* pela menhãa que forão dezaseis de novembro (Castanh., 1, 3) — Partio-se *hũa sexta feira oyto dias de dezembro* (ib. 1, 3) — A qual [alma] deo a Deus a cinco horas *hum domingo* pela manhã dezesseis de dezembro (Barros, Dec. 2, 10, 8) — E partio da ilha *o primeiro de Agosto* de onze (ib. 2, 7, 2) — A primeira terra que tomaram foi a barra de Goa *dia da Assumpção de N. Senhora*, que he a quinze dias de Agosto (ib. 2, 7, 3) — A maior parte dellas partiram deste porto de Lisboa *dia de N. Senhora da Annunciação* (ib. 2, 7, 2) — Determinou-se... de sahir em terra em amanhecendo *sabbado vespera* de Pascoa (ib. 2, 7, 9) — A esta lembrança nos excita a igreja catholica, quando *dia de cinza* nol-a põe na cabeça (H. Pinto, 2, 630)— Chegou a Lisboa *ho primeiro de Setembro* do mesmo anno (Castanh., 1, 48) — Não folgou nada, porque se não fiava deles pola deslealdade que tinhão cometida *ho anno passado* (ib. 2, 74) — Tendo dito que *dia das Cadeias de S. Pedro* se havia de desatar a sua alma do corpo (Vieira, Serm. 8, 270) — Succedeu esta batalha *dia de Pascoa da Resurreição onze de abril* de mil e quinhentos e doze (Bern., N. Flor. 1, 150).

Não tem preposição *uma vez, duas vezes, tres vezes*, etc. e sem ella podem-se dizer as expressões em que *vez* é precedido de numeral ordinal:

Perdeu *uma vez* a bolsa — E *a primeyra vez* que o embaixador foy ver ho governador, lhe deu hũas manilhas douro (Castanh., 3, 118) — Julgaram que ou *a primeira vez* que passou a linha... ou *a segunda*... lhe refervera o juizo (Vieira, Serm. 8, 298).

Valem por adverbios *rumo, via, caminho, rota batida* e outros dizeres, que, desprezada a preposição, se accre-

scentam a verbos intransitivos, como *ir*, *partir*, etc., afim de denotar direcção:

Com a qual presa *rota batida* se fez *via* do Reino (Barros, Dec. 1, 1, 10).

Da antiga locução *outra hora* formou-se o nosso adverbio *outrora*, equivalente a «em tempo passado». Esta especialisação de sentido é moderna. *Outra hora* tinha significação mais literal e podia referir-se a uma hora futura:

A qual astucia foi mandar a todolos seus capitães... que *outra hora* não fizessem tal cousa, senão que os castigaria (Barros, Dec. 2, 1).

Com a preposição *a* occorre esta locução em Zurara (Ined. Port. 3, 300):

Quando *a outra hora* ouverdes mester.

A negação

Com a palavra *não* enunciamos em geral o conceito negativo. Alem deste vocabulo livre, existe tambem a negativa incorporada em certas expressões pronominaes, adverbiaes e conjuncionaes: *nem* (do lat. *nec*, *neque* e *não*); *nenhum* (do latim *nec unus*); *nunca* (do lat. *nunquam*, *ne unquam*); *ninguem* equivalente a *não alguem*; e *nada*, que significa exactamente *não alguma cousa* por evolução semantica de um antigo participio do verbo «nascer». O adverbio *jamais* usa-se em sentido negativo como synonymo de *nunca*.

Aos adverbios compete, por principal função, modificarem a idéa expressa por verbo, adjectivo ou outro adverbio. Que se usam tambem para alterar o sentido de outras palavras alem destas, deprehende-se não sómente da creação de *nem*, *nenhum*, *ninguem*, mas ainda da collocação da negativa em frases como *não os antigos habitantes*, *mas os invasores são os donos da terra*. Redistribuir, em attenção á analyse, as palavras de orações deste genero, de modo que a negativa venha a ficar junto

do verbo, dá lugar a fazer-se esta objecção: E porque se recorre, em certas occasiões, á «desordem» oracional?

Quanto á presença, dentro da mesma oração, de outros termos negativos alem da palavra *não*, é facil de ver que não anda o raciocinio dos homens cultos bem emparelhado com o sentimento popular. Para o povo, o accumulo de negativas indica reforço. Entende a gente de letras, pelo contrario, que negar o negado equivale a affirmar; mas abre excepção — admittindo, pois, que se suspenda este raciocinio — desde que o novo termo negativo não anteceda o adverbio *não*. Segundo esta doutrina, aceita na linguagem literaria do port. mod., é licito dizer:

Na feitoria *não* avia *nem hum* só prego, ...*nem* outra cousa *nenhũa* das que erão necessarias (F. M. Pinto, 3, 203) — *Não* tinham cousa *nenhũa* pera comerem (ib. 3, 214) — *Não* aparecia cousa *nenhũa* (ib. 3, 276)— *Não* falou mais palavra *nenhũa* (ib. 7, 277).

Differentemente de nós, e de accordo com a linguagem vulgar, os escriptores antigos, e ainda alguma vez os quinhentistas, empregavam sem restricções a negação dupla, e até triplice, com effeito reforçativo:

Nem eu *nom* vos faço prazer (Canc. Aj. 6) — *Nem* doo *nom* avedes de mi (ib. 218) — Posto que *nada nom* vissem (Zur. C. P. 237) — *Nenhum nom* lhe soube dizer (ib. 372) — *Nem*... *nom* estavam (ib. 445) — *Nenhuma não* sahisse (ib. 571) — *Nõ* digas a *nenhũu nẽhũa* cousa de teu feito (S. Am. 111) — *Nũqua* hy morya *nẽgũu* de *nẽhũa* door (ib. 111) — As gallees de Castella nom poderom alcançar as de Portugall, *nem* ellas *nom* quiserom aferrar com ellas (F. Lop., D. J. 231) — Que todos tivessem olho na bandeira real pera *nenhum não* tomar terra senão depois que a elle tomasse (Barr., Dec. 2, 3, 4).

Ao contrario da pratica moderna, a oração dependente dos verbos *escapar de* e *defender*, significando «prohibir», ou expressão analoga, dizia-se antigamente sob a forma negativa:

Nom guardando aquel consselho de sancto agostynho em que *defemde* que jamais *nom* se acoste acerca dalgũa molher. (D. Duarte, Leal Cons. 105) — E assi *escapou* o comde Joham Fernandez *de nom* seer morto (F. Lop., D. J. 7) — E por decreto publico foi *defeso* que *ninguem* navegasse (Barr., Dec. 1, 3, 11) — E quasi *escapou de* o *não* matarem os seus escravos (ib. 2, 6, 7) — Affonso d'Albuquerque tinha *defeso* ... que *nenhũu* homem de armas fosse em companhia dos mareantes (ib. 2, 3, 4) — E quasi milagrosamente *escapou de não* ser morto com toda a gente que levava (ib. 3, 7, 3).

Defender seguido de negação é linguagem usual nas Ordenações de D. Manuel:

Defendemos geralmente em todos Nossos Reynos, que pessoa algũa *nom* mate, *nem* cace perdizes, nem lebres (5, tit. 84) — E bem assi *defendemos*... pessoa algũa *num* mate, nem cace coelhos (ib.) — *Defendemos*, que *ninhũa* pessoa *nom* tenha manceba theuda em mancebia (5, tit. 30).

Com o verbo *prohibir* usou-se tambem a negativa na oração complementar:

Prohibido tinha Deos a nossos padres sob pena de morte *que nam comessem* fruita de certa arvore plantada em o Paraiso terreal (Arr. 591) — Havia outro novo e segundo decreto seu, em que *prohibia* que *nenhum* homem nem mulher pudesse entrar á sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida (Serm. 11, 24).

Desusada no falar culto de hoje é a expressão negativa *até não* para significar «emquanto não». Topam-se bastantes exemplos desta linguagem em escriptores quinhentistas e alguns nos Sermões de Vieira:

Mas o malvado Saul *não* descançava *até* o *não* matar (H. Pinto, 1, 251) — E lhes disse que elle tinha feito voto solenne e jurado... de não deixar aquelle cerco *até não* pôr a cidade por terra (F. M. Pinto 3, 59) — Tentou logo tornar a proseguir seu intento e effeituar o que tinha determinado, que era não levantar aquelle cerco *até não* ser senhor da cidade (ib. 3, 119) — Não se quiz desembarcar nem sahir em terra *até* elle *não* vir (B. Cruz, Seb. 1, 57) — Não haviam de afrouxar dos combates *até não* arrasar os muros (ib. 1, 77) — Não querem cessar estes barbaros, *até não* beberem o nosso [sangue] (ib. 1, 133) — Não hão de desistir do que começaram *até não* levarem a obra ao cabo (Vieira, Serm. 7, 124) — Nas Ilhas Baleares para costumarem as muchachas a acertar ao alvo, não lhe dão de almoçar *até* o *não* acertarem (Bern. N. Flor. 4, 11).

A negativa reforçada *nunca jamais* aceita-se hoje por boa, sendo menos conhecida a inversão *jamais nunca* (Canc. Aj. 52). Em port. ant. occorrem tambem *jamais não* e *já nunca:*

Ay terra minha madre porque te nõ abres e colhe-me dẽtro que *jamai nõ* viva ẽ este mundo? (S. Amaro 512) — *Nunca jamais* aqui venha outro semelhante (Zur. Guiné, 143) — Reynava gozando daquelle Oriente... onde *nunca já mais* anoitece (Sousa, Arceb. 2, 380) — Que... *nunca jamais* se pudesse alcançar delle que para os taes provimentos, mayores nem menores intercedesse por pessoa alguma (Vieira, Serm. 8, 235).

Uma das maneiras de produzir bem a impressão de alguma qualidade ainda não excedida até o momento actual, consiste em accrescentar á expressão superlativa uma oração adjectiva em que introduzimos o adverbio *jamais*. Escriptores antigos assim como quinhentistas e seiscentistas, e, entre estes, principalmente Antonio Vieira, empregavam para o mesmo fim de preferencia a palavra *nunca:*

A melhor dona que eu *nunca* vi (Canc. Aj. 118) — Cantavă milhor, que *nunca* foy homẽ que ovisse (S. Am. 122) — Ho mais rico presente que te *nunca* foy dado (Castanh. 1, 50) — Foy o milhor gentio que *nunca* ouve naquella terra (F. M. Pinto, 3, 94) — A honra mais cruel que *nunca* vio o mundo (Vieira, Serm. 8, 351) — A maior e mais poderosa armada que *nunca* partio da India (ib. 8, 382) — A frota deste anno é a mais rica que *nunca* partio do Brasil, porque vai nella embarcado o Sr. D. João de Lencastre (Vieira, Cartas 2, 344) — Era o zelador mais verdadeiro que *nunca* teve a sua patria (Vieira, Serm. 2, 159) — O mais formoso theatro que *nunca* vio o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que *nunca* ouviram as academias (ib. 3, 254).

O mesmo effeito que nos exemplos precedentes se consegue dando á oração adjectiva forma positiva, mas additando-lhe outra com a conjunção *nem* e o verbo em tempo differente:

O mais perfeito amor que *ha nem* pode haver, he o das tres Pessoas Divinas (Vieira, Serm. 3, 505) — Quero referir dous breves exemplos dos dous melhores filhos que houve, *nem* hade haver, que são Jesus e Maria (Bern. L. e C. 304).

Frequente em quinhentistas e seiscentistas, e sobretudo no vigoroso estilo de Antonio Vieira, é a inserção de *nunca*, *nem*, ou *ninguem* em frases interrogativas, como para anticipar que a resposta só poderá ser negativa:

Quem se contentou *nunca* com o primeiro desejo? (H. Pinto, 2, 67) — Quem vio *nunca* tal? Quem ouvio *nunca* dizer d'outro tal amor? (ib. 2, 185) — Viste-me *nunca* andar em demanda com ninguem, senão hũa em Santarem? (G. Vic. 3, 172) — O sal está carregado com a divida da Hollanda, e, se carregarem mais e o tabaco excessivamente, quem irá comprar um *nem* outro? (Vieira, Cartas 2, 122) — Quem poderá bastantemente considerar *nem* comprehender as infelicidades... que em si contém a desgraça geral de hũa peste? (Vieira, Serm. 2, 174) — Que poder se viu *nunca* no mundo que fizesse hũa risca no ar, e puzesse limites ao de hũa parte, para que não passasse á outra? (ib. 2, 182) — Pode haver tesouro *nem* mais precioso, *nem* mais barato? (Bern., N. Flor. 1, 209).

As alternativas negativas enunciam-se usualmente por *nem... nem...* Mas antes de nomes ou pronomes cala-se ás vezes o primeiro *nem*, produzindo o segundo *nem* a surpresa de que o termo anterior tambem se ha de tomar em sentido negativo:

Peroo um *nem* outro nom recebeo morte nem ferida (Zur., D. P. 550) — Creendo que el Rei Dom Hemrrique *nem* o Principe nom aviam poder de passar (F. Lopes, D. J. 132) — Elrey meu senhor *nem* eu nom vos poderemos acorrer (ib.) — Os astrologos tratam do porvir, de que *elles nem ninguem* sabe pouco nem muito (S. de Mir., 2, 117) — Tambem vos cabe aqui ficardes *mãi* do perturbador, do falsario que *vós nem elles* ereis, nem sois (Th. de Jes. 2, 59) — Tu *nem* algum dos homens não me podeis dar mais (Bern., L. e C. 384).

Curiosa é a presença de *nem* no seguinte passo, em que não se nega cousa alguma:

Peroo estes, *nem* outros muitos que feridas ouverom neste cerco, per graça do Senhor todos cobraram saude (Zur., P. P. 446).

A negativa aqui provem de certo de ter o autor em mente este pensamento:

Peroo estes, *nem* outros muitos nom morreram.

Caso parecido com este é o passo de Barros, Clar. 2, 194:

[Clarinda] tornou-se como num leão bravo, dizendo mil injurias a Arfila, pois tivera o atrevimento de falar a *ninguem* pela janella de sua camera.

Este *ninguem* provem de anterior prohibição de falar com pessoa alguma.

Em lugar da conjunção *ou* vem ás vezes *nem* para expressar com mais vivacidade a não-existencia de alguma cousa em certa epoca:

Os convidados para o banquete da Gloria antes de virem os apostolos, *nem* os profetas, já estavam convidados (Vieira, Serm. 3, 433) — Já estavam convidados antes de haver apostolos *nem* profetas (ib.).

Nunca significa o contrario de «sempre». Refere-se a toda e qualquer epoca sem outra demarcação senão o ponto desde quando, se o verbo estiver no futuro; ou o

ponto até quando, se o verbo estiver no preterito. Assim em *nunca irá* equivale a «em qualquer tempo a partir do momento presente», e em *nunca foi* diz o mesmo que «em qualquer tempo até o momento presente». Por hyperbole applica-se este adverbio a um facto de duração curta e bem delimitada, para negal-o de um modo absoluto, significando *nunca* o mesmo que «nenhum só instante», «nenhuma só vez».

E sayo-se da caravella tam passamente, que *nunca* dos nossos pode seer sentido (Zur. Guiné 143) — E como quer que os moços da camara... soubessem nadar, *nunca* quiserom desamparar seu capitam (ib. 145) — O qual [Dinis Dyaz] partido com sua companha, *nunca* quis amaynar, ataa que passou a terra dos Mouros, e chegou aa terra dos negros (ib. 158) — Pretendendo... entrar na Igreja... *nunca* poude meter o pé dentro da porta: porque quantas vezes a isso acomettia com toda a sua força, tantas era rebatida (Bern., N. Flor. 2. 331).

Preposições:
especies, formas e significação

Ha pontos de contacto entre os adverbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente adverbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjectivo ou tambem a adverbio e modifical-os, desempenham as preposições papel analogo ao dos suffixos dos antigos casos obliquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e tambem ao infinitivo como forma nominal) para lhes accrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtem mais completamente e com mais clareza do que era possivel com os poucos casos obliquos da declinação latina.

A preposição pode ser representada por um vocabulo ou por uma combinação de vocabulos: *sobre o outeiro*, *em cima do outeiro; em uma gaveta*, *dentro de uma gaveta; sob o dominio*, *debaixo do dominio*, etc. Havendo necessidade ou conveniencia, differençamos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo typo o nome de locuções prepositivas.

Vieram-nos as preposições parte do idioma latino que conhecemos atravez da literatura, parte do romanico; outras foram tiradas de adverbios portuguezes accrescentando-se-lhes a palavra *de: depois de*, *diante de*, *defronte de*, *em cima de*, etc.

Grande numero das particulas usadas na lingua mãi desappareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao portuguez: 1) sem modificação de forma, *ante*, *contra*, *de*, *per;* 2) alteradas, *ad* > *a; post* >

pos; cum > com; inter > antre, entre; sine > sem; trans > tras; pro > por; secundum > segundo; in > en, em; sub > sob, so. De *tenus* viria, segundo alguns, *ataa, até, té;* segundo outros, filiar-se-ia esta particula ao arabe *hatta.* De *super* resultou *sobre,* forma esta que, em port. ant., occorre com syncope de *r* quando seguida do artigo *lo, la: sobelo, sobolo* por *sobre lo.* Camões ainda se utilisou da antiga maneira de dizer em: *Ali a cabeça a flor Cefisia inclina sobolo tanque lucido e sereno* (Lus. 9, 60).

Algumas destas particulas continuaram a usar-se como em latim; outras tiveram novas applicações alem das antigas; em *tras* alterou-se completamente o sentido primitivo. Cada preposição teve originariamente um sentido delimitado; mas a associação de idéas tornou possivel o alargamento do dominio semantico de algumas a ponto de invadirem umas o dominio das outras e se confundirem por vezes as particulas na applicação pratica. É o que passaremos a estudar.

De — *De* é a preposição empregada com mais frequencia e para fins os mais diversos. Exprimia em latim a principio afastamento no sentido «de cima para baixo», differindo de *ab* que significava afastamento no sentido horizontal. Executando-se porem na pratica os movimentos segundo linhas mais ou menos inclinadas, desfazia-se o sentimento rigoroso das noções «vertical» e «horizontal» e *de* se confundia com *ab.* Sacrificada foi afinal esta ultima. Não estava fadada a perpetuar-se a distinção que se fazia, por meio de preposições, entre o afastamento precedido de movimento de dentro para fora e a separação partida dum ponto da superficie. *De* torna-se equivalente a *ex,* e est'outra preposição desapparece por superflua.

Muito antes de annexado por completo o dominio semantico das duas outras particulas, para o que concorreu principalmente o latim vulgar, se differenciara do sentido de afastamento e procedencia contido em *de* o conceito de «referente», «a proposito de» usado em *de aliquo loqui.* Compete a latinistas examinar como se operou a transição para esta applicação secundaria.

A tendencia para conquistar mais terreno acabou

por fazer que *de* se tornasse «la préposition favorite de la latinité postérieure», como a caracterisou Goelzer.

A combinação *de* + substantivo pareceu então apta não sómente para substituir com mais largueza o ablativo, mas ainda para tomar o posto do genitivo, nos differentes conceitos que a este caso competia exprimir na declinação latina. Assim reconhecemos o chamado g. subjectivo em *amor de mãi* (amor matris), o g. objectivo em *amor da patria* (amor patriae), o g. possessivo em *casa do rei* (domus regis), o g. especificativo em *vicio da embriaguez, virtude da abstinencia* (virtus abstinentiae), o g. de qualidade em *homem de grande talento* (homo magni ingenii), o g. partitivo em *muitas das casas*, e os de quantidade, peso, medida e grandeza em *multidão de homens, libra de carne, valla de quinze pés* (fossa quindecim pedum). A forma equivalente ao g. de idade (puer decem annorum) empregou-se em portuguez não sómente em dizeres como *menino de dez annos*, mas ainda depois de certos verbos: *sendo de dez annos e vendo um religioso... acodio* (Bern., N. Flor. 1, 378); *morrendo de vinte e seis annos* (ib. 2, 335); *morreu Joseph de idade de cento e dez annos* (Vieira, Serm. 2, 419).

Da significação mais antiga e principal de «lugar donde» procede o emprego da preposição *de* para denotar causa.

Buscar retrospectivamente o motivo ou causa determinante de alguma acção é de facto um processo que, projectado no espaço, equivale a remontar ao *lugar donde* alguma cousa toma origem e tem seguimento. Nesta analogia se funda o emprego da preposição *de* com sentido causal:

Passamos a grande ilha da Madeira, que *do muito arvoredo* assi se chama (Cam., Lus. 5, 5).

O motivo de que resulta o acto não é necessariamente extrinseco; pode residir no individuo de que se fala, ser uma qualidade, estado ou attributo proprio delle, usando-se então da palavra *de* não sómente antes de substantivos (*de medo, de nojo, de raiva, de susto*, etc.), mas tambem antes de um simples adjectivo:

Saltaram embaixo apos os inimigos que já *de quebrados* se retiravam (Castanh. 5, 63) — E nisto, *de mimosa*, o rosto banha em lagrimas (Camões, Lus. 2, 40) — He Velloso no braço confiado e *de arrogante* crê que vai seguro (ib. 5, 31) — Vereis este, que agora pressuroso por tantos medos o Indo vai buscando, tremer d'elle Neptuno *de medroso* sem ventos suas agoas encrespando (ib. 2, 47) — Com huma benção que lhes lançava ás redes, as não podiam arrastar *de muyto cheas* (Vieira, Serm. 8, 236).

Estando o verbo na passiva, o nome do agente se dizia, quer em port. ant., quer em linguagem da Renascença, de ordinario com a preposição *de*, por ser o agente o ponto de procedencia do acto dirigido sobre o sujeito paciente. Devia entretanto confundir-se este conceito com os de causa e meio ou instrumento. Mas a tradição, em todo aquelle periodo, poude mais que esta tendencia, sendo relativamente poucas as vezes em que se deu preferencia á preposição *por*. No falar hodierno apparece invertida a situação: predomina *por*, ao passo que *de* ou é de uso occasional, ou se reserva para certos e determinados verbos.

Exemplos do seculo XVI:

Não consente que em terra tam remota se perca a gente *della* tanto *amada* (Cam., Lus. 1, 100) — Foi *delle* alegremente *agasalhado* (ib. 1, 95) — O cabo Arsinario o nome perde, *chamando-se dos nossos* Cabo Verde (ib. 5, 7) — Já descoberto tinhamos... nova estrella, não *vista de* outra gente (ib. 5, 14) — O Zaire passa claro e longo, rio *pelos antigos* nunca *visto* (ib. 5, 13) — Os mares nunca *d'outrem navegados* (ib. 5, 37) — [Vi] levantar-se no ar hum vaporzinho e subtil fumo, e *do vento trazido*, rodear-se (ib. 5, 19) — Fortalezas, cidades e altos muros, *por elles* vereis, filha, *edificados;* os Turcos, bellacissimos e duros, *delles* sempre vereis *desbaratados* (ib. 2, 46).

Certos verbos transitivos como *encher*, *adornar*, *guarnecer*, *rodear*, *cercar*, *cobrir* e outros são susceptiveis de duas construcções: uma, em que lhes basta o sujeito e o objecto directo, v. g. em *flores adornam a sala;* outra em que, sendo sujeito um ente animado, se requer, alem do accusativo, um termo denotador daquillo com que se preenche ou põe em effeito a acção, como em *as crianças adornam a sala de flores*. Prevaleceria a principio a intuição de lugar ou cousa *donde* se tira o material para a execução do acto, explicando-se assim o emprego habitual da preposição *de* para o segundo complemento.

Occorrendo todavia casos em que tal intuição se confundia com a de meio ou instrumento, ou est'outra se impunha nitida ao espirito, necessariamente surgiu a concorrencia de *com*.

Diz-se *cobrir a mesa de flores*, porem *cobrir a mesa com um panno*, *cobrir o rosto com as mãos*, o que mostra que o emprego de *com* vem a proposito quando uma cousa unica ou duas ou mais cousas unidas tem por fim tapar ou encobrir por completo; ao passo que *cobrir de* se diz de cousas esparzidas ou accumuladas sobre outra. Assim se explicam os passos:

Sentaram-se ambos em suas *cadeiras, que estavam cubertas com pannos* de borcadinho (Barros, Dec., 1, 9, 4) — *Hum elefante cuberto de pannos* de seda e arraiado de borlas (ib. 1, 9, 5) — [A outra terra da ilha] *cuberta de arvoredos* (ib. 1, 10, 1) — O corpo ficou sobre o presbyterio *cuberto com hum panno* de brocado (Sousa, Arceb. 2, 380) — Não era menos de ver a praya *cuberta de povo* sem numero (ib. 2, 352) — Armou-se hũa *mesa, cobrio-se com hum panno* de brocado (ib. 2, 381) — [Os *altares* todos estavam] *cubertos de flores* (ib. 2, 341) — Em Jerusalem havia hum *monte* mais alto, *cuberto de oliveiras*, que era o Olivete, e outro *outeiro*, ou monte mais baixo, *cuberto de caveiras*, que era o Calvario (Vieira, Serm. 2, 404) — Bellos e veneraveis eram os dois platanos. O adro, *cubriam-no* todo *com as suas sombras fechadas* (Herc. Lend. e Narr. 2, 122).

Differença analoga existe entre *coroar de* e *coroar com*:

Pagaram parias em perolas o Indo e o Ganges, não *coroados de juncos e espadanas*, como o padre Tibre, mas *com grinaldas* de rubis e diamantes (Vieira, Serm. 2, 20) — Misericordias *coroadas* ou *com a coroa* sacerdotal, como era a de Judas, ou *com a coroa* de Faraó (ib. 2, 408).

Sem embargo da usualissima linguagem *vestir de* (*todos vestiam de pelles*, Vieira, Serm. 5, 4, *veste-se de hum aspero cilicio*, ib. 5, 145, *o soldado... se vestiu de hũ habito religioso*, ib. 8, 304), serviram-se os escriptores tambem de *vestir com*, *estar vestido com* ou *em*:

Hia *vestido com huma opa* de brocado (Barros, Dec. 1, 5, 5) — Mas quando o viram pelas ruas em corpo, sem capa,... *vestido com huma roupeta* tão pobre... julgaram que... lhe refervera o juizo (Vieira, Serm. 8, 298) — Vedes por ventura entre esses Gentios hum homem de melhor cor que elles, mal *vestido em huma roupeta* preta (ib. 8, 394) — Vindo o Anjo *vestido em hum pelote* (ib. 5, 92) — Via-

se... hum homem *vestido em sobrepelliz* que... parecia ser clerigo (Sousa, Arceb. 2, 346).

Falando de vestes de cerimonia, diz-se *vestir* ou *revestir com* ou *em:*

Depois da morte... o *revestir com* esta nova *estolla* (Vieira, Serm. 8, 392) — O bispo de Fez *revestido em pontifical* (Sousa, Arceb. 2, 391).

O conceito instrumental que se accrescenta a *dar* (significando «bater», «dar pancadas») e *ferir*, era enunciado em port. ant., e ainda em linguagem quinhentista e seiscentista, já pela preposição *de*, já pela preposição *em:*

Deo *das palmas* e *dos geolhos* em terra (S. Graal, 81) — E hiam-lhe *dando das espadas* chaãs muy grandes feridas (ib. 119) — *Ferio* o cavallo *das* sporas e *ferio-o* [a Boorz] *dos peitos* do cavallo (ib. 128) — Saibha bem *ferir das sporas* (D. Duarte, L. de Ens. 13 e semelhantemente 59 e 103) — Continuavam sempre de *dar cõ as sporas* ao cavallo (ib. 70) — Deve-sse de *dar com as sporas* poucas vezes (ib.) — Estimulando minha propria carne, se rebella contra mim, e me *dá de bofetadas* (Vieira, Serm. 8, 115) — Seu corpo estimulado pelo demonio, lhe *deu de bofetadas* (ib. 8, 116) — *Dando-lhe de punhaladas* (Mello, Apol. Dial. 78).

Denotadora de separação e afastamento em geral, *de* tambem serve para exprimir o desvio da imminencia do perigo e assim se emprega depois de certos verbos como *defender*, *guardar* e adjectivos de significação cognata; mas a taes actos se pode associar a resistencia e *de* poderá equivaler a *contra:*

Não se souberam *goardar das* correntes (Castanh., 2, 22) — Vão *seguros de* ladrões (ib. 2, 16) — Por isso só vos guia e vos *defende dos* immigos, *do* mar, *do* vento irado (Cam., Lus. 7, 31) — Os Naires sós são dados ao perigo das armas, sós *defendem da* contraria banda o seu rei (ib. 7, 39).

Serve a preposição *de* não sómente para assignalar o ponto no espaço donde alguma cousa começa e se estende para outro ponto, mas tambem para marcar a epoca ou o instante desde quando algum acontecimento perdura. Torna-se então synonyma de *des, desde* com sentido temporal:

Erão na corte dous mancebos Fidalgos que Elrey criara *de moços* (Zur., Ined. Port. 3, 277)— Como se *de longo tempo* ho ouvessem por senhor (F. Lopes, D. J. 152) — Assi foy desbaratada a frota dos imigos *de horas* dalmorço até toda aquela noyte (Castanh. 2, 26) — Durou *de pola manhaã* até tarde (ib. 2, 51) — Sempre os guia já *de longos annos* (Cam., Lus. 9, 18) — A noite se passou na lassa frota com estranha alegria e não cuidada, por acharem da terra remota nova *de tanto tempo* desejada (ib. 1, 57) — A mesma Senhora achou a seu filho, perdido *de tres dias* (Vieira, Serm. 3, 25) — Arvorezinhas plantadas *de pouco* (Bern., N. Flor. 1, 167) — Nunca, *de memoria* de homens, mercador Judeu... recusara aceitar (Herc., M de C. 1, 98).

O conceito de procedencia dá á locução *de si* o sentido «sem causa exterior», «sem influencia vinda de fóra», «espontaneamente» e pode algumas vezes interpretar-se como «pessoalmente»:

Estando no altar, em quanto se disse a missa, arvorada huma bandeira da Cruz da Ordem da Cavallaria de Christo, que no fim da missa o mesmo Bispo benzeo, e *de si* Elrey a entregou a Pedralvares Cabral (Barros, Dec. 1, 5, 1) — Emquanto o negocio *de si* não dava outro conselho (ib.) — Sentindo Vasco da Gama a torvação delles, mandou fazer sinal com que cessou aquelle tom, que os assombrava, e *de si* chegou-se ao zambuco del Rey, o qual o recebeo como homem, em cujo peito não havia má tenção (ib. 1, 4, 6).

Des, desde — Explicar o vocabulo *des* como proveniente da combinação *de ex* é lançar mão de uma etymologia commoda e, á primeira vista, razoavel. É comtudo tal origem posta em duvida por bons investigadores. Não sei se devemos aceitar o etymo *de ipso*, proposto por Meyer-Lübke, mas descreio da possibilidade de se haver fixado em latim vulgar e no romanico o uso de *ex* para uma combinação á parte e pleonastica quando esta preposição já vinha sendo supplantada por *de* e tinha a vitalidade antiga prestes a extinguir-se.

Como quer que seja, *des* se emprega durante todo o periodo do portuguez medieval, significando ponto de partida e referindo-se tanto a lugar como a tempo. A forma *desde*, empregada na linguagem da Renascença, nada mais é que o artigo *des* accrescido da preposição *de*, por analogia de *antes de*, *depois de*, etc. O port. ant. utilisou-se da forma primitiva:

Des dia de pinticoste (S. Graal, 58) — *Des* entom nom vivo eu (S. Josaph., 11) — *Des* omde o mar mais lomge espraya, ataa terra

jumto com a cidade (F. Lopes, D. J. 197) — *Des* a porta de Samta Catherina ataa torre d'Alvoro Paaez (ib.).

Da coincidencia do valor desta preposição com uma das applicações de *de* é excellente exemplo este passo de Vieira:

Conheciam *de mais tempo* a Joseph porque o conheciam *desde* menino (Serm. 2, 151).

Com — Esta preposição exprime companhia, instrumento, causa, maneira. Das duas primeiras relações dimanam as demais, havendo companhia quando a um ente se associa outro para pôr em effeito ou soffrer a mesma acção; ao passo que é instrumento o ente, igualmente ligado a outro e para o mesmo fim, mas de si inerte, ou considerado como tal:

Eu só *com* meus *vassallos*, e *com esta* [espada]... defenderei da força dura e infesta a terra nunca de outrem sojugada (Cam., Lus. 4, 19) — Partir-se *co elles* pelo mato (ib. 5, 30) — Porem eu *cos pilotos*, na arenosa praia, por vermos em que parte estou, me detenho em tomar do sol a altura (ib. 5, 26) — Um dia a vi *co'as filhas* de Nereo (ib. 5, 52) — Perseguem-no *co'as lanças* (ib. 4, 34) — Gedeão *com panellas* de barro desbaratou os Madianitas (Arrais, 307) — Cortando vão *co* rudo *arado* os campos lioneses (Cam., Lus. 4, 8) — A verdura tinge *co sangue* alheio (ib. 4, 35).

Ao termo «instrumento» costuma-se preferir o termo «meio» quando aquillo com que se põe em effeito algum acto, é cousa abstracta. Assim diz-se que a preposição *com* denota o meio nos seguintes passos:

Com mercês sumptuosas me agradece, e *com razões* me louva esta vontade (Cam., Lus. 4, 81) — Foram de Emanoel remunerados... e *com palavras* altas animados (ib. 4, 83) — As cousas arduas e lustrosas se alcançam *com trabalho* e *com fadiga* (ib. 4, 78) — Se queres *com pactos* e *lianças* de paz e de amizade sacra e nua, comercio consentir das abundanças das fazendas (ib. 7, 62). — Huns pelejam *com esforço* e *valentia*, outros *com ardis* e *artificios* (Arrais, 318).

A transição do conceito de instrumento ou meio para o de maneira observa-se em certos dizeres referentes a partes do corpo, ou actos proprios dellas, podendo-se ás vezes substituir taes expressões por algum verbo acompanhado de adverbio de modo:

Mas ella, *c'um* fermoso *riso* honesto, respondeu: Qual será o amor bastante de nimpha, que sustente o de hum gigante? (Cam., Lus. 5, 53) — Assi contava, e *c'um* medonho *choro* subito d'ante os olhos se apartou; desfez-se a nuvem negra, e *c'um* sonoro *bramido* muito longe o mar soou (ib. 5, 60) — *Com* torva *vista* os vê (ib. 4, 35).

Locuções formadas com substantivos abstractos, ainda que se possam transformar em adverbios terminados em *-mente*, nem por isso perdem o caracter de instrumentalidade ou meio:

E sopesando a lança quatro vezes, *com força* tira (Cam., Lus. 4, 38) — E os inimigos que domarom *com violencia*, trataram e conservaram *com humanidade* (Arrais, 311) — Notam *com diligencia* o curso das estrellas (ib. 318) — Usam de cavallos armados e arreados *com* muyta *elegancia* (ib.).

Posto que ao conceito de companhia se associe em geral o de conformidade de acção, pois se costuma ajuntar um ente a outro como participante da mesma situação ou para o ajudar ou acompanhar em algum acto, todavia pode ás vezes o ajuntamento significar luta e antagonismo entre os seres, como em *pelejar com*, *estar em guerra com*, *combater com*, onde a linguagem se limita a assignalar o conceito de companhia, da acção praticada em commum, deixando ao bom senso o cuidado de accrescentar o resto: opposição, contrariedade, acção reciproca, etc.

Nos exemplos seguintes, em que se usa *pelejar com*, significa o complemento ora instrumento, e portanto conformidade de acção, ora o individuo contrario, e portanto acção antagonica:

Tanto que chegaram á vista dellas, logo lhe fallecem as *forças com que* dantes *pelejaram* (Cam., Lus. 6, 88) — Não ha peito tão alto e tão quente que de desconfiança não se afronte, em quanto não conheça e claro veja que *co braço dos seus* Christo *peleja* (ib. 3, 109) — Ao capitão pedia que lhe dê mostras das fortes armas de que usavam quando *cos inimigos pelejavam* (ib. 1, 63) — Que tornará [o Mouro] a vez septima, cantava, *pelejar co invicto e forte Luso* (ib. 10, 18).

A preposição *com* pode tambem denotar facto simultaneo ou parallelo a outro:

Já na cidade Beja vai tomar vingança [de Trancoso destruida] Affonso que não sabe sossegar, por *estender co'a fama a curta vida* (Cam., Lus. 3, 64) — Não *perde a presteza co'a idade* (ib. 3, 80) — *Co este o reino* prospero *florece* (ib. 3, 96) — O claro estreito aonde Hele *deixou co nome a vida* (ib. 3, 12) — *Crescendo cos successos* bons primeiros no peito *as ousadias* (ib. 8, 72) — Se é certo que *co rei se muda o povo* (ib. 4, 17).

O facto simultaneo, ou que acompanha a alguem, pode actuar sobre este individuo e manifestar-se como causa determinante da sua acção ou situação:

As molheres pejadas *moviam co estrepito* horrendo da artelharia (Arrais, 307) — Não poude *cos temporaes* chegar á cidade de Gidda (ib. 307) — Os animos altivos *co'a prospera fortuna* da guerra (ib.) — E estando nesta afronta chega a maré que *se não via com a grande revolta* (Castanh. 1, 75).

Outras vezes, pelo contrario, cabe ao sujeito exercer acção sobre a pessoa ou cousa que se acha junta a elle ou se suppõe estar em face delle e á sua mercê:

Nas brutas feras... e nas aves agrestes... *com pequenas crianças* viu a gente *terem tam piadoso sentimento*, como *co'a mãi* de Nino já *mostraram*, e *cos irmãos* que Roma edificaram (Cam., Lus. 3, 126) — Mas vendo Mafamede que muytos o tinham em pouco..., buscou *invenção efficaz com gente do povo*, para se segurar deste desprezo, dizendo que era profeta e nuncio de Deos (Arrais, 315) — A Ley de que Christo *usa com os seus* (ib. 340) — Juntamente a cobiça do proveito que espera do contrato lusitano, o faz obedecer e *ter respeito co capitão*, e não *co mauro engano* (Cam., Lus. 8, 77) — Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,... *cos seus* hũa ira insana *não refreia*, põe na fama alva noda negra e feia (ib. 10, 47).

Contra — Usou-se esta preposição a principio com o sentido de «face a face», «frente a frente», e conforme a esta accepção se dizia em port. ant.:

Tu es *boo* homẽ *contra deos* (S. Graal, 134) — E elrei tendeo as maãos *contra o çeeo* e disse: Jesu Christo... beento sejas tu (ib. 10) — E leixou de colher suas verças e foe *contra elles* e salvou-os. E elles se humildarom muyto *contra elle*, e salvarom-no (ib. 109) — E *disse* estomce o Meestre *contra elles:* Que he isto, amigos? (F. Lopes, D. J. 30).

Da era camoneana para cá substitue-se sempre em taes frases a preposição por outra *(para, a)*, entendendo-se que *contra* denotaria sentimentos de inimizade ou actos de ameaço e resistencia.

Em linguagem quinhentista usava-se frequentemente *contra* nas referencias a pontos geographicos a que se dirige algum movimento, ou para onde alguma cousa se estende; casos estes em que o falar hodierno dá preferencia á preposição *para:*

Fez armadas que *correram* as prayas de Africa, e os mares *contra o mar Austral* (Arrais, 296) — [Sagres] dista hũa legua do cabo de S. Vicente, donde partiam as frotas a *abrir caminho contra as regiões Orientaes* (ib. 296) — Os Chinas que *habitam contra o Meio Dia* são morenos (ib. 318) — Viu *correr* a gente *contra a praia* (Barros, Dec. 1, 3, 2).

Empregamos porem *contra*, hoje como em outros tempos, quando se trata de movimento contrario a outro movimento, ou esforço opposto a outro (*remar contra a maré*), ou ir de encontro a algum obstaculo (*bater contra a parede; ir contra a lei*), ou dirigir um movimento perpendicularmente a uma superficie (*collocar as pedras contra o muro*).

A — A particula *ad* começou a usar-se em latim para enunciar o conceito de direcção ou movimento para algum ponto, de aproximação e final junção de uma cousa a outra. Este mesmo sentido vive ainda em nossa preposição *a*, apesar da concorrencia de *para*, que lhe cerceia por vezes o emprego.

Serve a preposição, alem disso, para exprimir noções decorrentes do conceito primitivo. Com o sentido de lugar onde, isto é, denotando, não a direcção em que se encaminha o movimento, e sim o ponto terminal, já se usava *ad* no latim vulgar e occorrem, até, alguns exemplos deste genero em Varro e Tito Livio. O emprego em francez de *à* com os nomes de cidades filia-se a esta pratica antiga. Em portuguez não podemos dizer senão com a preposição *a: ir com a trouxa ás costas, trazer o collar ao pescoço, estar alguem á cabeceira, á mesa,* etc. Com outra qualquer particula se alteraria aqui o conceito da situação. Nas locuções *á direita, á esquerda,* posto que se trate de lugar onde, a palavra *a* indica que este lugar fica na direcção de uma ou outra das nossas mãos.

A imagem que temos na mente de um ponto de

afferencia, que serve de norma, ou segundo o qual alguma cousa se faz, devemos o uso de *a* nestes dizeres: *a meu ver; vestir-se á ingleza* (i. e. segundo a moda ingleza); *estar á vontade, formado á imagem do primeiro Adam* (Arrais, 450); *a gosto de alguem; a geito.*

Notavel é o emprego de *a* para significar instrumento e meio: *a ferro e a fogo; á força; á viva força; salvar-se a nado; a remo surdo; á voga arrancada; a troco de trabalho; a toda a pressa, viver á custa alheia, matar a tiro, á traição,* etc.

A connexão entre o sentido instrumental e a primitiva accepção directiva não é nada transparente; mas em todo o caso só ella explicará o haver-se fixado o uso de *a* nestes dizeres, quando a linguagem podia dispor — e a cada momento dispunha — de outras preposições mais aptas para expressar o meio e a instrumentalidade. Parece que a transição de sentido se teria feito, ao menos em alguns casos, atravez do conceito de afferencia. *Fazer alguma cousa á força* ou *á pressa* significaria a principio fazel-a segundo, ou á maneira de força ou pressa.

Serve-nos ainda a preposição em certas locuções de «tempo em que» alguma cousa se passa, como sejam: *a esta hora; ao outro dia* (a par de *no outro dia*); *ao tempo que; ás tres horas* (differente de *em tres horas*); *a 22 de julho,* etc.

Em — Esta particula exprime interioridade com referencia tanto a lugar como a tempo. Mas não se limita a isto o seu emprego. Pode denotar mera superposição (*pôr pé em terra*), estado de alguma cousa (*arvore em flor, ouro em pó*), divisão, distribuição (*obra em dous tomos*), etc.

Occorre a cada momento no discurso para significar o lugar onde as cousas se passam. Menos conspicuo é o emprego de *em* com accepção directiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberiamos explicar a presença de *em* em bom numero de locuções.

Dizeres que signifiquem «lugar para onde», se construem em portuguez geralmente com *a* ou *para* e, ás

vezes, *contra*. Usa-se todavia *em* com evidente sentido directivo junto aos verbos *lançar*, *metter*, *pôr*, *deitar*, *admittir*, *sahir*, *saltar*, *sahir em terra*, *passar* e *passar-se em* (para algum paiz) e outros:

Assi fogem os Mouros, e o piloto, que ao perigo grande os guiara, crendo que seu engano estava noto, tambem foge *saltando na agua* amara (Cam., Lus. 2, 28) — Despois, *lançando* arpeos ousadamente *na capitania* imiga, dentro *nella saltando*, a fará só com lança e espada de quatrocentos Mouros despejada (ib. 10, 28) — Da alma *transborda em o corpo* e vestidos a verdadeira fermosura (Arr. 740) — Do ceo o *precipitou no Inferno*, e do supremo lugar, que affectou no Empireo, ao infimo dos abismos (Vieira, Serm. 5, 229) — Por tres cousas, como todo o mundo sabe, se moveu elrei a *passar em Africa* (Mend., Jorn. de Afr. 1, 25).

Podem-se, sem duvida, imaginar com varios destes verbos situações de «lugar onde», isto é, casos em que o complemento significa o ponto em que a acção se effectua, e não aquelle para o qual ella se encaminha ou destina.

Nas dicções *crer em*, *pensar em*, *meditar em*, *reflectir em* e outras congeneres, a preposição evidentemente significa a direcção da crença, do pensamento, da meditação, etc.

As locuções, *em honra de*, *em premio de*, *em castigo de*, *em favor de*, *em pena de*, *em pago de*, *em recompensa de*, *em louvor de* são formações analogicas creadas segundo o typo latino *in honorem alicujus*, em que a preposição denota o fim que se tem em vista, o objectivo a que algum acto se destina, o effeito que delle deve resultar. Vem pois a preposição *em* usada aqui com sentido directivo.

Verbos que significam «passar de um estado a outro», como *transformar*, *converter*, etc., tem, alem do objecto directo, um complemento formado com a preposição *em*. A construcção latina a que este complemento se filia é *in* com accusativo, usando-se este caso, por significarem taes verbos movimentos encaminhados em determinado sentido. Em portuguez não pode ser outra a interpretação e a razão do emprego de *em* nos exemplos seguintes:

Converte-se-me a carne *em terra* dũra, *em penedos* os ossos *se fizeram* (Cam., Lus. 5, 59) — Iam-*se* as sombras lentas *desfazendo*

sobre as flores da terra *em frio orvalho* (ib. 2, 92) — Mas Affonso... em nossa Hesperia, que a soberba do barbaro fronteiro *tornou em* baxa e humillima *miseria*, fora por certo invicto cavalleiro (ib. 4, 54) — Nem temais, Herculano, que *se transformem* os Portuguezes animosos *em mercadores* cubiçosos (Arrais, 312) — Com outro «eu sou no Egypto» *se trocaram* aos Irmãos de Joseph as tristezas *em festas*, os temores *em parabens*, e as prisoens *em abraços* (Vieira, Serm. 2, 165).

Nas frases *em comprimento*, *em largura*, *em altura*, *em profundidade* tem a preposição a mesma explicação que nas frases latinas *in longitudinem*, *in latitudinem*, as quaes se usaram com accusativo de accordo com o sentimento de «lugar para onde» seguem as linhas de medição.

Trás, atrás (de), detrás (de) — Filia-se a preposição *trás* ao latim *trans*, tendo havido perda da consoante nasal e notavel alteração de sentido. Com a anteposição de *ad* e *de* formaram-se os adverbios *atrás*, *detrás*, dos quaes por sua vez se geraram as locuções prepositivas *atrás de* e *detrás de*.

Trás emprega-se com verbos de movimento e significa «após», «em seguimento de», «em busca de»:

E assi corremos *tras elle*, como *tras* quem nos leva enganados e roubados os desejos (H. Pinto, 1, 409) — Não vas *tras* tuas concupiscencias (ib. 1, 112) — Tres cousas diz aqui Christo aos que quiserem ir *tras elle* (ib. 1, 113).

Pode-lhe fazer as vezes a preposição *após:*

Será bom irmos com o padre, que com suas palavras e doutrinas nos levará *tras si*, assi como homem que leva *após si* cachorros soltos com lhe ir lançando pedaços de pão, que vão comendo (H. Pinto, 1, 84) — Vai *após* as pegadas das manadas de teus gados (ib. 1, 48).

Atrás (de) e *detrás (de)* usaram-se por muito tempo indiscriminadamente, e com mais frequencia a segunda forma, o que se deve attribuir á influencia de *de fronte*, *diante* (*de ante*), etc. Semelhante ao falar hodierno é o emprego de *tornar atrás*, significando «reconsiderar um acto» neste passo de João de Barros:

Algumas pessoas notaveis... o faziam *tornar atras* do que estava assentado (Dec. 2, 10, 1).

Todavia, quer neste sentido metaphorico, quer na accepção material de volver em direcção contraria a caminho já percorrido, empregou Camões ora os adverbios *atrás* e *pera trás*, ora *por detrás* e *pera detrás:*

Da determinação que tens tomada não *tornes por detrás*, pois é fraqueza desistir-se da cousa começada (Lus. 1, 40) — Põe no madeiro duro o brando peito, *pera detrás* a forte nao *forçando* (ib. 2, 22) — *Torna pera detrás* a nao forçada (ib. 2, 24) — Era maior a força em demasia, segundo *pera trás* nos *obrigava*, do mar que contra nós ali corria, que por nós a do vento que assoprava (ib. 5, 67) — Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana *atrás tornou* as ondas de medroso (ib. 4, 28).

Outros exemplos do emprego da forma *detrás (de)*, discordantes em parte do falar corrente de hoje:

Da besta nom podemos seer derribados senõ pera hũa de quatro partes, pera deante, e *pera detrás*, ou pera cada hũa das ilhargas (D. Duarte, Ensin. 20) — Os que me deviam alguma cousa, já ficam *detrás de* mim (Barros, Dec. 2, 3, 9) — Os nossos per *detrás* lhe escalavam as carnes de morte (ib. 2, 5, 9) — Chegaram estoutros que ficaram *detrás* (ib. 2, 7, 3) — Foi esperar o impeto dos nossos *detrás dos* muros e não fora delles (ib. 2, 7, 9) — Per *detrás* lhe deo com o cris pelas costas (ib. 2, 9, 3) — Os que hiam diante, e os que hiam *detrás* (Vieira, Serm. 3, 57 e 58).

Raros exemplos de *tras* empregado junto a preposição alem das citadas se nos deparam em port. ant.:

Os caães corriam *em tras* ell (Livro de Esopo 41) — E lançar-sse cõ o pee da outra parte aa maneira de desvyo mais derriba *contra tras* (D. Duarte, Ens. 106).

Pós, após, em pós, de pós — O latim *post*, perdida a consoante final, deu ao portuguez as formas *pós* e *pois*, servindo uma de preposição, a outra de adverbio e conjunção.

Cedo se generalisou a pratica de usar a preposição reforçada com a anteposição de *a*, *de* ou *em*. Da forma simples primitiva encontram-se todavia alguns exemplos em port. ant.:

Cavalgou em seu cavallo e foy-se *pos* elle (S. Graal, 115) — Veemos *pos* vos atee aqui (ib. 5) — Quando boorz esto ouvio, nom foy bem seguro, ca *pos* morte de Calagrenac matal-o ya seu jrmaão, se o desarmado achasse (ib. 130) — Começou-se a hir muj de rrixo *pos* elle (ib. 59).

Servia-se o port. ant. indiscriminadamente de *em pos*, *a pos* e *de pos*, com os mesmos verbos de movimento, sem attender a que as particulas de reforço consideradas em si exprimiam relações diversas:

E dom Juam o bastardo foi atras a besta ladrador, e galaaz *depos* o çervo... e dom dinac *depos* dom tristam (S. Graal, 60-61) — — E nom andou muyto e scoytou e vjo vyr *em pos* elle tam rijamente huũ cavaleyro sobre huũ cavalo (ib. 61) — Quando a vio, começou de hir *apos* ella (ib. 69) — Começou hir *em pos* ella (ib.) — Vi vyr tristam *em pos* mim (ib. 72) — Amdando *em pós* ell com huũm paao na maão (Esopo 18).

Com referencia a tempo ou a um successo ulterior, usava-se de preferencia *de pós*. Talvez tambem *após:*

Depos esto envjou el rei pella rainha e pellas donzellas e donas (S. Graal, 23) — *Depos* elle chegou ho ermjtam (ib. 11) — Nem que amedes outro *depos* mjnha morte (ib. 57) — *Depos* vesperas... aveeo que acharom huũ castello (ib. 73) — Logo se rrecearom de o Iffante poder reinar *depos* sua morte (F. Lopes, D. J. 93).

Tambem se usou, ainda que menos frequentemente, *empós de* em lugar do simples *empós:*

E queremdo seguir *empós de* aquelle que o avia roubado... foy aa praça pera alquiaar huũa mula (Frad. Men. 1, 358) — Ouciosas fabulas que seguem *em pós do* vento e careçem de toda verdade (D. Fern. 2).

Hoje em dia estas diversas formas são desusadas, exceptuando unicamente *após*, que equivale tanto a «depois de», como a «atraz de» com verbos de movimento.

Per, por, pera, para — Do emprego outrora florecente de *per* preposição não conserva a linguagem moderna mais que os vestigios *de per si*, *de per meio*, *perante* e *pelo* < *pello* (contracção de *per* + *lo*), forma esta que, usada a par de *polo* < *pollo* (contracção de *por* + *lo*) e com ella confundida, acabou por supplantal-a definitivamente.

Tinha *per*, como em latim, o valor de «atravez de», «por meio de», e podia significar «lugar por onde» alguma cousa se estende e duração «de algum acontecimento»:

Nom devemos cöostramger nenhũa perssoa que digua nenhũa cousa *per força* nem *per* medo (L. de Esopo, 53) — Depois *per dias*

começarõ de sse assenhorar delles (F. Lopes, D. J. 123) — Quando elle *per hi* passara (ib. 124) — Sahirom hũu dia *per mandado* do Meestre (ib. 126) — *Per aquestes avysamentos* que screvo se pode veer como convem guardar tempo (D. Duarte, Ens. 112) — Se *per graça* special do senhor deos nõ for ajudado (ib. 115) — Correrem *per mato* espesso... *per lama*, augua ou ervaçal (ib. 118).

Em alguns dizeres parecia apagar-se a fronteira entre o sentido proprio desta particula e o dominio semantico de *por* do lat. *pro*. Esta confusão occasional não seria todavia o bastante para determinar o desapparecimento de uma das preposições. Attribuiremos o phenomeno antes á pronuncia mui parecida dos dous vocabulos atonos, prevalecendo a particula que, pelas opportunidades de sua applicação, se usava com mais frequencia.

Entre as funções de *por*, alem das que competiam a *per*, destacaremos em primeiro lugar o sentido de «em favor de»:

De nove desembargadores que eram, teve Sua Alteza quatro *por si*, e todos os outros seguiram o voto contrario, que foy em favor do capitão (Arrais, 33).

Deste sentido originou-se — já em latim com a preposição *pro* — a significação de «em lugar de», da qual por sua vez decorre a de «em troca de» e «equivalencia». Estes valores conservaram-se em portuguez:

Na cabeça *por gorra* tinha posta ũa mui grande casca de lagosta (Cam., Lus. 6, 17) — Têm *por mestra* a longa experiencia (ib. 5, 17) — *Polos doze Pares* dar-vos quero os doze de Inglaterra e o seu Magriço (ib. 1, 12) — *Por cobre* teriam ouro (Arr., 311).

Mais facil e mais pronta foi, por outra parte, a transição do conceito de «em favor de» para o de «fim», «intenção». Mas em port. ant. e ainda em linguagem camoneana se usou a preposição confusamente, tanto para denotar o fim propriamente dito, como para significar a causa:

1) Fim — E *por saberem* o esmo em que logar eram, traziam dous traadores (F. Lopes, D. J. 325) — E com hum delles furavõ a terra per cima *por veerem* o çerto onde já chegavam (ib. 325) — Foi *por cobrar* Villa Viçosa (ib. 321) — *Por vos servir*, a tudo apparelhados (Cam., Lus. 10, 143) — Deixas criar ás portas o inimigo *por*

ires buscar outro de tão longe (ib. 4, 101) — Cos principaes senhores se aconselha mas só *por ver* das gentes a sentença (ib. 4, 12). — *Por nos não magoarmos* ou mudarmos do proposito firme começado, determinei de assi nos embarcarmos sem o despedimento costumado (ib. 4, 93) — Queimou o sagrado templo de Diana... Herostrato, *por ser* aa gente humana *conhecido* no mundo e nomeado (ib. 2, 113).

2) Causa — Cuidou *por a gram festa* e prazer em que seriam postos em aquell dia,... que de salto e cupitamente podia tomar o logar (F. Lopes, D. J. 331) — Deu muitas graças a Deos, que *por sua grande misericordia* o quisera guardar (ib. 333).

Persiste até os nossos dias o emprego de *por* para denotar a causa; porem quanto a significar effeito a attingir, cahiu esta preposição em desuso, sendo supplantada por *para*. A delimitação de sentido trouxe a vantagem de evitar ambiguidades que só pelo contexto, e ás vezes nem assim, se podiam resolver. Empregava-se tambem *porque* como equivalente de *para que;* mas o sentido aqui se percebia logo pelo verbo no conjuntivo.

A forma *pera* usou-se em todo o periodo do port. ant. e ainda no port. mod. do seculo XVI e principios do seculo XVII. Nos Lusiadas occorre a forma *para* sómente com pronomes e com o artigo definido (v. as notas á edição de Epiph. Dias); Frei Luis de Sousa ainda continua a utilisar-se de *pera;* Vieira e Bernardes não escrevem senão *para.*

O aspecto e a significação do vocabulo induzem a crer que *pera* se teria originado de *per + ad.* Podia comtudo ter resultado, e esta etymologia parece mais correcta, da combinação de *pro + ad.*

Empregada com o valor de «destinação» e «lugar para onde», rivalisa fortemente com a particula *a,* sendo a differença tão difficil de perceber que os casos de regencia fixa, em que certos verbos e adjectivos se construem uns sempre com *a* e outros sempre com *para,* não se explicam senão pelo capricho do uso. Compete ao diccionario, e não á grammatica, particularisal-os. Evidentemente, apresentam-se tambem casos em que o uso vacilla. Assim, ao mesmo tempo que se diz *partir para algum lugar*, dando ao complemento sempre a mesma preposição, junto a *ir*, *caminhar*, *fugir*, synonymos de *partir*, é licito optar entre *a* e *para*. Cito alguns passos

de Antonio Vieira, nos quaes varia a particula sem apparente alteração de sentido:

Só Christo *caminhou* voluntario *á morte* sabida, todos os outros sem vontade *á morte* ignorada (Serm. 2, 390) — Abraham [*caminhava*] *ao sacrificio* sabido, Isaac *ao sacrificio* ignorado (ib.) — *Caminhou* animosamente *a ella* (ib.) — Desde este ponto começava Christo a *caminhar para a morte* (ib. 391) — Despido por despido não he melhor *hir* com o bom ladrão *ao Paraiso*, que com o mao *ao Inferno?* (ib. 3, 354) — Ou são absoltos, e *vão para o Ceo*, ou condenados, e *vão para o Inferno* (ib. 2, 435) — *Fugio para* o Egypto (ib. 3, 179) — *Foge para o monte* (ib.) — *Fugir* com Christo *ao monte* (ib. 3, 199) — Para *hir ao Ceo*, não nos pede Deus mais que a pureza do coração e das mãos (ib. 9, 361) — Vejo que nos *imos ao Inferno* sem remedio (ib. 2, 307) — [Dia] em que os bons hão de *hir para o Ceu*, e os maos *para o Inferno* (ib. 2, 435).

Não é entretanto provavel que o padre Vieira repetisse, na mesma pagina, o complemento com outra preposição sem o levar a isso o intuito de estabelecer differença, ainda que subtil. Com *a* significaria o escriptor, ao que parece, simplesmente o movimento directo; *para* denotaria o movimento mais demorado.

Mais palpavel é a differença entre as particulas quando a um verbo expresso em qualquer das suas formas se accrescenta outro verbo, porem no infinitivo, que indique o resultado ou fim a que visa a acção. Sendo este fim um successo futuro, mais ou menos remoto, e contingente, emprega-se geralmente *para*, como preposição mais apropriada. Algumas vezes, porem, o resultado a alcançar parece prender-se mais intimamente ao acto determinante, vindo logo apoz elle ou entrando em via de execução desde o momento em que o acto determinante se inicia. Parece aqui vir mais a proposito a preposição *a*, e seria este sentimento o que dictou o seu emprego nos trechos seguintes:

Quando Christo redemptor nosso entrou no horto *a orar* a seu Padre, apartou comsigo os tres mais favorecidos discipulos (Vieira, Serm. 8, 102) — Decião tambem a terra *a adoral-o* (ib. 8, 104) — Partiram em hum catur *a encontrar* o sagrado hospede (ib. 8, 357) — Eu me parto para o cabo de Comorim... *a soccorrer* aquelles pobres Christãos (ib. 8, 188) — Tirou hũa cruz que trazia sobre o peito, deu-a a hũm menino, dizendo que a désse *a beijar* ao endemoninhado (ib. 8, 165).

Depois do verbo *ser* dizemos a noção de destino com a preposição *para: é para elle, para todos; é para ver*, etc. Depois de *estar* usa-se *para* com verbo no infinitivo para significar acto de realisação futura: *está para casar, para mudar-se*, etc. *Estar* seguido de *a* + infinitivo denota a acção mais proxima ou immediata, e tambem se usa, principalmente em Portugal, para exprimir o tempo presente (*estar a dizer* = *estar dizendo*).

Conjunções:
especies, formas e significação

A conjunção é geralmente tida por uma palavra invariavel que serve para ligar as orações. O qualificativo «invariavel» vem aqui como reminiscencia do antigo systema grammatical que dividia as palavras em flexivas e inflexivas. Fora disso, não tem valor; nem poderiamos imaginar sequer que um vocabulo destinado a funcionar como elo entre os enunciados mais ou menos complexos dos pensamentos fosse susceptivel de genero, numero e caso. Com quem haveria de concordar? Se é para distinguir a conjunção do pronome relativo que se mantem aquella caracteristica, importa não esquecer que o pronome relativo, representando sujeito ou objecto, é termo essencial á oração, ao passo que a conjunção, como o quer a referida maneira de definir, é elemento estranho.

Discutivel é a serventia de ligar orações. Elemento novo interposto entre dous systemas homogeneos tanto pode cimentar como desunir; e para ligar palavras a palavras, frases a frases, orações a orações, basta pronuncial-as seguidamente sem pausa. Que a linguagem creasse vocabulos expressamente para este effeito, por não poder encadear os enunciados dos pensamentos sem tal recurso, não é cousa crivel. Ahi estão as construcções asyndeticas, tão intelligiveis para os povos atrazados, e tão claras e elegantes para os homens de cultura superior. E até aquella particula a que damos o nome de «integrante» e raras vezes omittimos em portuguez, em certos dize-

res communs do inglez ou do allemão mais vale desapparecida que ostentando-se, v. g. em *I think he is here* por *I think that he is here; ich glaube, er kommt* por *ich glaube, dass er kommt.*

Do ponto de vista phonetico, a presença ou ausencia da particula não accelera nem retarda o ligamento entre duas orações. A pausa, imperceptivel entre a oração principal e a subordinada substantiva, é e continua a ser a mesma entre a principal e outras subordinadas, ou entre coordenadas, podendo-se marcar por virgula, ponto e virgula, dous pontos e, até, por meio de ponto final.

De que natureza será pois o valor da conjunção? Consideremos dous trechos do Monge de Cister (1, 18 e 1, 94): a) *Elle percebeu que tornara a mim: pos-se em pé: eu estendi para elle as mãos: deu-me uma das suas: apertei-a entre as minhas e levei-a á boca e beijei-a.* b) *Entrei: ninguem reparou em mim: todos andavam como pasmados.*

No exemplo *a)* narram-se factos que se passam successivamente e a particula *e* anteposta sómente aos dous ultimos verbos, poderia vir iniciando tambem cada uma das demais orações que se seguem a *Elle percebeu que tornara a mim,* caso o autor quizesse reduzir as pausas e sacrificar a vivacidade do estilo.

No exemplo *b)* a construcção é toda asyndetica. O segundo facto *ninguem reparou em mim* contradiz a espectativa que acompanhava a acção de entrar. Querendo significar explicitamente esta contradição, o autor poria no rosto da segunda sentença a adversativa *mas.* E esclarecendo afinal a causa do inesperado acontecimento, servir-se-ia da particula *porque* como introducção a *todos andavam como pasmados.*

Deste exame se deprehende que a conjunção faz parte, como elemento accessorio, sómente daquella oração em cujo inicio se acha, tendo por objecto apresentar o respectivo pensamento como correlato a outro. Mostra a particula que não se deve tomar tal pensamento como asserção absoluta e independente, segundo succederia com dous aphorismos ou dous theoremas reunidos ao acaso.

Faz-se a construcção asyndetica por concisão ou ele-

gancia de estilo, quando se conta com a intelligencia do ouvinte para perceber o sentido sem a particula. Como porem é limitada a capacidade desta intelligencia, predomina o emprego da construcção syndetica, e certas conjunções não se podem subentender em caso algum.

Chamaremos proposição inicial áquella que, enunciada de ordinario em primeiro lugar, serve de ponto de referencia a outra ou outras que denominaremos proposições sequentes. Pertencem a esta segunda categoria todas as coordenadas, copulativa, adversativa, causal, alternativa (disjuntiva), etc., e todas as subordinadas. Feita esta distinção, observaremos que as conjunções pertencem em geral ás proposições sequentes; a algumas porem respondem outras particulas correlativas nas proposições iniciaes. Servem ellas ás vezes de mero reforço, como no caso de *ou... ou...*, onde a particula só é imprescindivel na alternativa sequente. Outras vezes, como em *não sómente... mas tambem...*, o sentido ficaria incompleto sem a correlativa.

Accrescentemos, para completar estas considerações, que um enunciado sequente em relação a outro anterior, pode por sua vez servir de inicial relativamente a proposição ulterior. E é assim que se torna possivel o encadeamento logico dos pensamentos de qualquer discurso.

Não tem a conjunção valor de simples elo mecanico posto entre orações; mas serve á linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciaes. A particula dá a uma dellas o caracter de sequente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos signaes com que em meio de um trecho musical se annuncia mudança da tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assignala a relação logica em que a sequente está para com a inicial. É pois uma particula que exerce sua influencia, não como o adverbio e a preposição sobre um vocabulo, mas sobre uma oração em conjunto.

Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porem, a julgar por aquellas cujo historico se conhece, a linguagem não teria creado vocabulos especiaes para constituir a nova categoria. Serviram a este fim adverbios que, de modestos determinantes de um conceito unico, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e

serviram tambem pronomes do typo relativo-interrogativo, ou themas pronominaes accrescidos de novos elementos.

Da respeitavel serie de conjunções que faziam parte do idioma latino muito poucas passaram ás linguas romanicas. Em portuguez existem *e* (et), *ou* (aut), *nem* (nec), *quando*, *se* (si), *como* (tem o sentido de *quum* e de *quomodo*, posto que pelas leis da phonetica só se filie ao segundo destes vocabulos), e *que*, usada no latim vulgar. A substituição de *sed*, *autem*, por *mais* (depois *mas*), do adverbio *ma(g)is*, data do periodo pre-lusitano. Sobre a evolução de *proinde* em *porende*, *porém*, veja-se pags. 213-214.

A falta das demais particulas supprem-na creações novas, isto é, adverbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como o amplo emprego de *que*, simples, ou combinado com preposições e com adverbios ou locuções de caracter adverbial, e, ainda a forma verbal *quer* (em *quer... quer...*, *onde quer que*, *quando quer que)* para expressar o conceito optativo.

Segundo nas frases *segundo vejo*, *segundo dizem*, *segundo se affirmou* (Barros, Dec. 2, 3, 1), *segundo parece* (Vieira, Serm. 9, 44) e outras do mesmo genero, é exemplo da possibilidade de uma preposição servir de conjunção. A linguagem antiga usava, alem disso, *segundo* com sentido causal:

E *segundo* estão victoriosos... hey medo que nos fação daqui alevantar (Castanh., 1, 85) — Que elrey folgaria coele *segundo* ho vira amigo de honrras (ib. 1, 25) — Se os mouros nos aferram *segundo* sam muytos e nós poucos, não temos salvação (ib. 1, 43) — E *segundo* a cidade era rica, foi o despojo de roupa e alfaias pouco mais de cincoenta mil cruzados (Barros, Dec. 2, 6, 6) — Informa o cauto Gama das armadas... Diz-lhe que vem de gente carregadas e dos trovões horrendos de Vulcano, e que pode ser delles opprimido, *segundo* estava mal apercebido (Cam., Lus. 9, 7) — Eis pelo monte apparece e, *segundo* ao mar caminha, mais apressado do que fora vinha (ib. 5, 31) — O recado que trazem he de amigos, mas debaxo o veneno vem cuberto, que os pensamentos erão de inimigos, *segundo* foi o engano descuberto (ib. 1, 105) — Era maior a força em demasia, *segundo* pera trás nos obrigava (ib. 5, 67) — Mais nascimentos haviamos mister, *segundo* são muitas as mortes, assim de doença como violentas (Vieira, Cartas 2, 183).

Chamam-se geralmente coordenativas as conjunções que estabelecem parallelismo syntactico entre duas ora-

ções, e subordinativas aquellas que apresentam uma oração como elemento integrante ou modificativo de outra, isto é, dão-lhe o caracter ou de substantivo ou de adverbio. Mas a linha de demarcação entre as coordenativas e as subordinativas adverbiaes não é bastante clara. Nenhuma duvida ha sobre as especies copulativa, adversativa e disjuntiva, que pertencem ao primeiro grupo; porem entre as particulas causaes figura *porque* ora como coordenativa, ora como subordinativa, emquanto *visto que, já que, como* são sempre da segunda classe.

Entre as subordinativas integrantes separamos *que*, particula da asserção (*sei que elle virá*), de *se, como, quando, porque*, particulas da duvida ou interrogação indirecta (*não sei se virá, quando virá, como virá, porque virá*). As tres ultimas são adverbios interrogativos com applicação secundaria; *se* é conjunção que, a par de seu antigo papel de particula condicional, se usa tambem para fazer vezes das extintas particulas interrogativas latinas *num, an, ne, utrum*.

Se não filiamos a integrante *que* directamente á conjunção latina *quod*, por se opporem a isso as leis phoneticas, somos todavia forçados a admittir que o etymo verdadeiro, qualquer que fosse (*quia, quid*, etc.), teria, a partir de certa epoca, adquirido valor semantico igual ao daquella particula, cursando então simultaneamente com ella na linguagem vulgar e acabando por supplantal-a. (Veja-se Meyer-Lübke, Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft[2], 105).

Mas com indicar sómente que a oração equivale a um substantivo, o qual serve de sujeito ou objecto a outra oração, a particula não revela nenhum colorido proprio, sendo de estranhar, a julgar pelo estado actual da linguagem, que para assumir a sentença a desejada feição integrante fosse necessario e bastasse antepor-lhe o pronome relativo. Não foi emtanto rigorosamente este o processo primitivo. *Quod* tinha seu antecedente demonstrativo (*hoc, illud, id*), com que á guisa de summario se antecipava um enunciado, como em *hoc uno praestamus vel maxime feris, quod exprimere dicendo sensa possumus*. O antecedente podia, sem prejuizo do sentido, omittir-se, e sendo esta pratica mais simples, tornou-se ella pouco a pouco

em costume ao mesmo tempo que se ia obliterando a consciencia da função pronominal de *quod*. O enunciado *non pigritia facio, quod non mea manu scribo* era a alteração semantica de outro que, reconstituido, equivaleria a «não faço por preguiça isto (= o seguinte), *que* não escrevo de proprio punho». O esquecimento, factor essencialissimo na evolução da linguagem, transformou, em taes construcções, o valor primitivo de *quod* ora em conjunção causal, ora em particula tão inexpressiva que já no latim da decadencia veio a servir de mero expoente das orações subordinadas cujo caracter não se definisse por meio de outra particula. Herdeira de *quod* assim differenciado é a conjunção portugueza *que*, com a variante *ca (qua)* usada no falar antigo para exprimir o sentido causal.*)

Se equivalia a substantivo, a oração subordinada podia, como o nome propriamente dito, ser regida de preposição. Isto se verifica quanto a *de*, a *a*, a *com*, que regem a oração inteira. Nas mesmas condições se acharam a principio *por* e *pera (para)*; não tardaram porem a combinar-se com *que*, nascendo desta união conjunções de causa e fim. *Des* (*desde*) *que* e *até que* constituem conjunções de tempo; *sem que* denota exclusão.

Serve a oração integrante de objecto directo a *dado, posto, admittido* e outros participios usados como o ablativo absoluto em latim, para expressar concessão, hypothese, etc. Perdura nestes participios geralmente o sentido proprio do verbo; *posto* entretanto ligou-se semanticamente á particula, produzindo a conjunção concessiva *posto que*. Vieira (Serm. 3, 76) empregou o participio ainda com a accepção primitiva: *Mas eu tão longe estou de encalhar neste baxo* (*posto que o seja* [isto é: *supposto que o seja*]), *que antes o exercicio de pescador me parece o melhor noviciado que estes Apostolos podiam ter*.

Este processo creador de novas conjunções ou locuções conjuncionaes revela-se sobremodo fecundo nas combina-

*) Os factores de um phenomeno linguistico são multiplos, e é possivel que a conjunção *quod* procedesse não sómente do pronome relativo, mas tambem do pronome interrogativo. Para admittir, como alguns linguistas se inclinam a crer, que todos os factos se devam referir sómente a frases interrogativas, faltam argumentos convincentes. Sobre a questão se *ut*, desbancado por *quod*, teria tido historico semelhante ou differente, apenas se sabe que aquella particula tambem é de origem pronominal.

ções de adverbios e dizeres de caracter adverbial com a particula *que: a fim que* (port. hod. *afim de que*), *sem embargo que, com tanto que, ante(s) que, depois que*, etc.

Nestas, como em outras locuções conjuncionaes, o elemento adverbio nada mais é que um vocabulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar a um verbo, mas afasta-se delle, emigra da respectiva oração, attrahido por uma particula, á qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova especie. Basta ver o historico do adventicio *ainda* em *ainda quando* e *ainda que*.

As particulas *que* e *quando* de per si bastam para denotar concessão, uma vez que o verbo esteja no modo conjuntivo. Segundo esta primeira phase estão redigidos os exemplos: *eu por huma parte hey dó deste coitado,* **que** *não seja mais que pelo pão que lhe como* (Ferr. Bristo, 2, 396); e **quando** *de seu cuidado e trabalho colham algum fruto, esse quando menos ficará onde nasceo* (Vieira, Serm. 5, 356). Na segunda phase, insere-se na oração principal emphaticamente o adverbio *ainda*. Deste typo é: *E* **quando** *a fortuna tanto mal me fizesse,* **ainda** *prestarei pera chocarreiro de hum principe, que he o melhor officio que se agora usa* (Ferr. Bristo 2, 397). Exemplo da ultima phase, em que o adverbio se transfere para a oração subordinada: *Toda a vida de Xavier era huma perpetua oração e contemplação,* **ainda quando** *parecia mais divertido* (Vieira, Serm. 8, 320).

Ás vezes a locução conjuncional vem a adquirir valor muito diverso do sentido de adverbio. *Tanto que* se emprega geralmente como conjunção temporal até o seculo XVIII, mas o falar hodierno lhe restitue o sentido de quantidade ou intensidade. *Assi que* mantem por muitos seculos a accepção modal, conforme ao adverbio componente, mas na linguagem de hoje se usa como conjunção temporal.

A maneira de dizer propria de certa epoca pode soffrer mudança pondo-se de accordo com outras dicções de uso mais geral. *Logo que*, locução temporal hoje usualissima, succedeu a *logo quando* e *logo como:*

Logo como tomou do reino cargo, tomou mais a conquista de mar largo (Cam., Lus. 4, 66) — *Logo quando* a [carta] ly, entrei comigo em grandes differenças (Diogo Bern., O Lima 218) — *Logo*

quando [a procissão] acabou de despegar da igreja, ouve muyta gente devota que... quiz empregar a tarde em visitar á vontade a sepultura (Sousa, Arceb. 2, 375).

Entre os adverbios de reforço que costumam deixar a oração principal para juntar-se com a particula da oração secundaria está *então*, correlato de *quando*. Esta construcção, empregada com liberalidade por varios quinhentistas, parece ser imitação do idioma latino:

A riqueza *entam* a alcançaram, *quando* a perderam (H. Pinto, 2, 67) — Porque *entam* a tribulação perde sua força, *quando* se lhe atravessa diante a paciencia (ib. 2, 139).

Correlatos emphaticos das conjunções concessivas são *todavia*, *comtudo*, *entretanto*, *ainda assim*. Não se transferem para a oração concessiva:

E *ainda que* alguns sejam de obscura geração, *todavia* são venerados e acatados (H. Pinto, 1, 133) — E *ainda que* tomar este cargo seja contra minha vontade, *comtudo* faço-o por cumprir com a vossa (ib. 1, 147).

Comtudo pode vir em companhia da adversativa *mas:*

Não deyxo de entender... *Mas comtudo* eu vejo que os principes... sempre estimaram muyto homens letrados (H. Pinto, 2, 231).

O emprego de *comtudo*, *todavia*, *entretanto*, *emtanto* como correlativos emphaticos é uma applicação puramente occasional dos ditos vocabulos. Resta a saber se fora deste caso servem de conjunção ou de adverbio. Á tendencia de incluil-os na categoria das particulas adversativas em attenção a terem sentido semelhante ao da palavra *mas*, objecta-se que a synonymia é imperfeita, e tanto que se usam, ou se podem usar, concomitantemente com essa particula. Parece antes acharem-se na fronteira indecisa que medeia entre o adverbio e a conjunção.

Na linguagem da Renascença, *entretanto* e *emtanto* têm valor temporal de «entrementes», «emquanto isto succede»:

As halcyoneas aves triste canto junto da costa brava levantaram... Os delfins namorados, *entretanto*, lá nas covas maritimas entraram, fugindo á tempestade e ventos duros (Cam., Lus. 6, 77) — E que *emtanto* podia do trabalho passado ir repousar, e em breve tempo daria a seu despacho um justo talho (ib. 7, 65).

Em port. ant. apparece *entretanto* com o caracter de conjunção equivalente a «emquanto», mas é reducção de *entretanto que*, cujo uso perdura no port. mod.

Entretanto elle assy anda soo, he bem que digamos dos aqueecimentos dos outros (Zur., Guiné 309) — Nom se quis de todo leixar em repouso com esta vitorya... mas *entretanto* os outros estavam em seus fallamentos, apartou hũ daquelles Mouros preguntando-lhes se sabya (ib. 427) — E [o catual] fez que mandava buscar almadias, e dissimuladamente mandou esconder os donos dellas, porque as não dessem. E *entretanto que* as yão buscar levou Vasco da Gama ao longo da praya (Castanh., 1, 71).

Inintelligiveis á primeira vista nos parecem hoje em dia as orações iniciadas pelos dizeres — *por tal que* e *com tal que*, de que se encontram ainda exemplos em escriptores do seculo XVI. São reducções de *por tal razão* (ou *fim*) e *com tal condição que*, denotando a primeira forma «fim», e a segunda «condição»:

Tu me queres dar este pam *por tall que* nom ladre (L. de Esopo, 47) — Para saberes aquello pera que foste feito e conheçeres o teu creador, *por tall que* leixes as treevas em que ataa ora viveste (S. Josaph., 16) — Porem me praz assi della seer nomeada *por tal que* o nome deste meu scripto concorde com a maneira em que per mercee do senhor deos me trabalho sempre viver (D. Duarte, Leal Cons. 3) — Por tanto faça-se, *com tal que* em quanto o duque for vivo não se vá Cademia de casa da rainha (Barros, Clar. 1, 155) — Eu vos juro e prometo de fazer quanto me mandardes, *com tal que* me deis a vida (ib. 1, 102) — Aqui chovão sobre mim penas e dores temporaes, *com tal que* me perdoeis as eternas (Arrais, 433).

A conjunção *caso* (em *caso venha*, *caso chova*, etc.) procede da reducção de *caso que*, a qual maneira de dizer é por sua vez forma reduzida de *sendo caso que*. Alem deste sentido condicional ou hypothetico podia, antigamente, *caso que* usar-se com accepção concessiva decorrente do pensamento *posto* (= supposto) *caso que*. Vem explicita est'outra formula em Ruy de Pina, D. Duarte 85: *Mas posto caso que passasseis e tomasseis Tanger, Alcacer, Arzila, queria, Senhor, saber que lhe farieis.* Este duplo sentido affecta a locução *em caso que*, a qual á pag. 20 do mesmo livro de Ruy de Pina tem valor differente do hodierno:

Excuso de as [lamentações] especificar: somente saiba-se que *em caso que* [= *posto que* ou port. hod. *ao passo que*] nas mortes

dos reis e principes geralmente se fazem sempre signaes de grandes sentimentos, na deste glorioso rei, assim em prantos e lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos se fez por muitos com muita especialidade de dor.

Entre os quinhentistas frequentemente se topam exemplos de *caso que* com valor concessivo de «posto que» «ainda que»:

E como os religiosos dalta estofa, *caso que* sejam spirituaes, todavia são humanos, parece que terão pouco merecimento com o desgosto de servirem (H. Pinto, 1, 129) — Os cervos feridos da erva, *caso que* vão fugindo do caçador, todavia como levam nas entranhas o farpão emervado, vem-lhe morrer nas mãos (ib. 1, 97).

Como quer que seja e *como quer que fosse* usam-se hoje como frases crystalisadas para significar duvida ou incerteza sobre se é real um facto referido antes ou se é real outro que o contradiga. Em port. ant. occorrem os mesmos dizeres, tendo o verbo «ser» sujeito e o competente adjectivo predicativo, e tambem apparece *como quer que* antes de outros verbos. Nestas orações completas *como quer que* equivalia a «posto que»:

Aparelhou logo Pallenço sua fusta pera sayr a terra, e *como quer que* a calma fosse muy grande, todavya eram muy grandes vagas na costa, as quaaes nunca derom lugar que a fusta podesse prooar em terra (Zur. Guiné 337) — *Como quer que* o mar comunalmente per todas suas partes, em aquelles tempos seja perigoso, ally o he muyto mais, por aazo das grandes correntes, que ally ha (ib. 28) — Quando El-Rei D. Affonso vio que não podia achar este Santo Corpo, *como quer que* muito lhe pezasse, remeteu seu pezar á vontade de Deus (D. Galvão, D. Aff. Henr. 81).

Mentre, com as variantes *mentres que*, *em mentre*, pertence ao port. ant. Supplantou-o o synonymo «emquanto»:

Destruio pois porende o castello; mas nom *mentre* persival foi vivo (S. Graal, 90) — Ca ja mais nom serei leda, *em mentre* vos fordes triste (ib. 75) — Huũ cam furtou hũa posta de carne; e fugindo com ela passava per hũa pomte, e *memtres que* passava, guardou na augua, e vio a ssombra da carne que levava na boca (L. de Esopo, 12).

Em que diz o mesmo que *ainda que;* mas a linguagem literaria, a não ser na frase *em que pese*, dá-lhe em geral menos apreço que a outras locuções concessivas.

Occorre bastantes vezes em Gil Vicente, e não é raro em Heitor Pinto:

E mais sereis avisada que não me respondereis nada, *em que* ponha fogo a tudo (G. Vic., 3, 145) — Não ha hi por hu correr, *em que* m'esfolem a pelle (ib. 3, 178) — Nunca mais hei de fiar em fidalgo desta sorte, *em que* o mande San Matheus (ib. 3, 220) — *Em que* hũ homem seja no corpo mais feo que Thersites, sendo virtuoso, he mais bello que Nireu (H. Pinto, 2, 677) — Aqui acha hũa cousa que lhe contenta, e alli outra, *em que* seja com trabalho (ib. 2, 629) — Assi como as arvores que não dão fruto, *em que* estẽ verdes e viçosas, todavia são cortadas e lançadas no fogo; assi os maos, *em que* vivam ricos e prosperos, e comtudo quando se não percatarem, serão cortados da morte e lançados no inferno (ib. 2, 577).

Ao port. ant. pertencem *peró*, *em peró*, *em peró que* e *peró que*. Escriptores do seculo XVI que se utilisavam destes dizeres só o faziam por tendencia archaisante. Nos Lusiadas não ha exemplo. João de Barros manifesta predilecção por taes conjunções sem attender a que já vinham systematicamente substituidas por outras em certas publicações mais antigas do que as Decadas e o Clarimundo. *Peró que* e *emperó que* em geral, como *peró* e *emperó* em orações com verbo no conjuntivo, empregavam-se como synonymas de *ainda que*, *posto que*. Com o verbo no modo indicativo *peró* e *emperó* adquiriam valor de conjunções adversativas como *porem*, *comtudo:*

E *em pero que* o caminho era muito temeroso por muitas serpentes e muitas bestas bravas que andavã em aquel ermo, o santo mancebo todo tinha em nada (S. Josaph. 42) — E elle já quanto ameeçou de conhecer a fraqueza dos falsos deoses *pero que* nõ quis entõ receber perfeitamente o lume de Jesu Christo. *Em pero* já nõ honrrava os seus saçerdotes nẽ fazia as festas nẽ oferecia sacrificios aos idolos como soia, mais tinha o coraçõ ẽ duvida (ib. 29) — *Pero* negros fossem, assy tinham almas como os outros (Zur. Guiné 94) — O qual artificio, *pero que* a invenção delle se dê a diversos authores, mais parece per Deos inspirado (Barros, Dec. Prol.) — Gomes Eannes de Zurara... em soma diz que ambos estes cavaleiros descubriram esta ilha; *peró* sempre nomea a Tristão Vaz por Tristão, como pessoa menos principal (ib. 1, 1, 3).

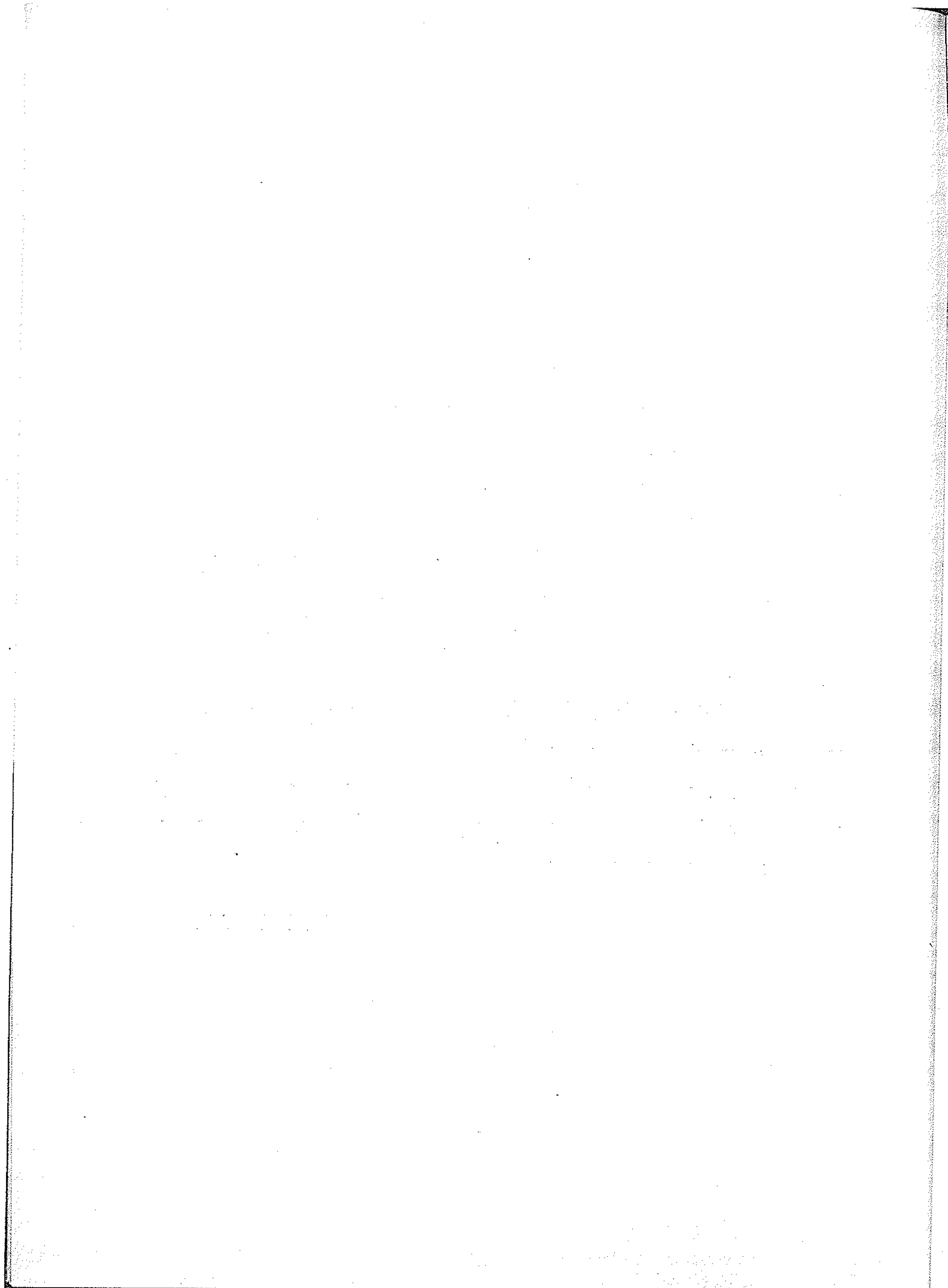
FORMAÇÃO DE PALAVRAS
E SYNTAXE
DO
PORTUGUEZ HISTORICO

PROLOGO

Na sessão solemne em que ao autor da «Lexeologia do Portuguez Historico» se fez entrega do primeiro premio Alves, instituido para a melhor obra sobre lingua portugueza, ao agradecer declarei: «À confiança que a illustre Academia Brasileira de Letras depositou em minhas investigações premiando a Lexeologia, espero corresponder publicando dentro de pouco a parte complementar deste trabalho escripto com a mesma direcção de vistas.»

Isto foi em dezembro de 1921. Em cumprimento da promessa escrevi o presente volume. Um anno e tanto, ou mesmo dous annos, para o trabalho do autor, a composição typographica, a revisão de provas e impressão do livro, não se contará, creio eu, como prazo muito longo.

M. SAID ALI.



INDICE

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

SYNTAXE

Formação de palavras

DERIVAÇÃO EM GERAL

Não nos occuparemos aqui com a creação dos vocabulos *ab ovo*, mas apenas com a formação corrente de palavras por meio dos processos de derivação e composição, excluindo deste estudo os termos novos, geralmente internacionalisados, e creados por homens eruditos com material puramente grego ou latino para supprir a falta de denominações apropriadas a certos conceitos modernos.

Importa primeiro fixar o que se deve entender por derivação e composição. Sobre o sentido destes termos e o dominio linguistico que lhes compete correm opiniões encontradas. Consiste a composição em crear palavras novas combinando vocabulos já existentes. A derivação, por outra parte, toma palavras existentes e lhes accrescenta certos elementos formativos com que adquirem sentido novo, referido comtudo ao significado da palavra primitiva. Postos estes elementos no fim do vocabulo derivante (geralmente com a suppressão previa da terminação deste) chamam-se **suffixos**, e o processo de formação toma o nome particular de **derivação suffixal.**

Elementos formativos existem differentes destes, que se collocam antes da palavra derivante, e se chamam **prefixos**; tal processo é o da **derivação prefixal.** Mas os prefixos são, na maior parte, preposições e adverbios, isto é, vocabulos de existencia independente, combinaveis com outras palavras. Equivale isto a dizer que não está bem demarcada a fronteira entre a derivação prefixal e a composição.

A divisão em derivação suffixal e prefixal que aqui fazemos e adoptamos nas seguintes paginas, coincide com a maneira de ver de Meyer-Lübke, Nyrop e outros modernos linguistas, contrariando portanto aquelles que excluiam ou excluem do conceito de derivação os prefixos e todas as palavras formadas com prefixos. Est'outra doutrina, plausivel á primeira vista, em se tratando de particulas usadas como vocabulos independentes, tropeça comtudo ao chegar o momento de analysar elementos formativos do typo *dis-*, *re-*, *in-* negativo, e aquelles que, como *pre-*, *ob-*, já não usamos como palavras isoladas. É facil affirmar que *dis-*, *re-* e o negativo *in-* representam particulas inseparaveis que são ou foram preposições ou adverbios. Equivale este argumento a uma petição de principio. Nada se sabe da existencia de taes vocabulos independentes nem em latim nem em outra qualquer lingua indo-européa. Por toda a parte occorrem estes elementos funcionando sempre como prefixos. Alem disso, muito é de notar que, quando se demonstrasse a existencia real dessas syllabas em passado remoto, não já como elementos formativos, mas como verdadeiros adverbios ou preposições, ainda assim não poderia prevalecer tal facto como argumento, a menos que com a noção do prefixo se derrocasse tambem a de suffixo, o qual, segundo a linguistica admitte e por vezes claramente demonstra, procede tambem de expressão que a principio se usou como palavra independente. De modo que, tiradas as ultimas consequencias do vicioso raciocinio, ficariam comprehendidas no dominio da composição não só as palavras creadas com elementos preformativos, mas tambem as que se constituem com elementos postformativos, desapparecendo por completo o conceito de derivação.

Que mesmo na derivação suffixal nem sempre é facil determinar a linha que a separa do processo da composição, vê-se pelo historico dos adverbios em *-mente*. Emquanto em latim só se usaram dizeres como *fera mente, bona mente* (ou *feramente, bonamente,* pois se pronunciariam ligando as palavras), em que se combinava o substantivo com qualificativos adequados á sua significação, o processo em vigor era, quando muito, a composição, formavam-se palavras compostas. Desde porem que com igual facilidade puderam vogar combinações como *rapidamente, recentemente,* já a pa-

lavra *mente* tinha perdido a significação e valor de substantivo e, de termo componente, passava a funcionar como suffixo creador de adverbios.

Evolução semelhante se observa nas linguas germanicas, em que bom numero de suffixos de derivação nominal procedem de antigos substantivos e adjectivos. Basta lembrar o suffixo *-ly*, em inglez, o qual procede de *like*.

As linguas enriquecem seu vocabulario, não sómente combinando palavras entre si ou ajuntando-lhes prefixos e suffixos, mas ainda dando a certos vocabulos sentido novo, fazendo-os servir em categoria differente. *Ser*, *jantar*, *dever*, *poder* tanto são infinitivos como substantivos. *O frio, o bello, o sublime* applicam-se a noções abstractas; *o cego, o louco, o rico, o avarento* referem-se a pessoas, funcionando pois o adjectivo como substantivo. Taes factos se observam na linguagem, quer estudada synchronicamente, como nos exemplos que acabamos de referir, quer examinada diachronicamente. *Lente, ribeiro, receita, estado, oriente,* hoje usados só como substantivos, procedem de antigos adjectivos e participios.

No entender de alguns grammaticos, faz parte da derivação o estudo deste enriquecimento do vocabulario sem auxilio de elementos formativos, e dão-lhe o nome de derivação impropria por ser processo notoriamente dissemelhante do processo commum. Não adoptaremos aqui esse parecer. A mudança de sentido e de função que soffrem as palavras, examina-se em outras partes da grammatica, e, a dedicar-se uma parte especial a tão interessante assunto, deverá denominar-se semantica e não derivação.

Parece cousa extremamente facil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplos como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira,* que não requerem especial cultivo da intelligencia para alguem saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana.* São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lucida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessario algum estudo para se perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal evolução de forma e sentido, que surge um curioso conflicto entre o sentimento geral do vulgo e o facto encarado á luz da pesquisa scientifica.

Para o commum dos homens que falam portuguez, a palavra *esquecer* se apresenta como um verbo primitivo, do qual se tiram *esquecimento, esquecedor, esquecediço;* para o linguista, é alteração de *escaecer* e palavra derivada, em ultima analyse, de *caer*, forma antiga de *cahir*. *Receber*, para quem fala e pensa em portuguez, é outro verbo primitivo; se lhe lembrarem que *re-* é elemento formativo, objectará que não existe nenhum verbo *ceber*. O linguista analysa de outro modo e, deixando o portuguez, remonta ao latim para decompôr o dito verbo em *re+cipere*<*re+capere*.

Ha entretanto exagero neste methodo de analyse erudita. O sentimento de linguagem é factor essencial, sem o qual as formas e creação de palavras perderiam sua significação. E muito de levar em conta é esse sentimento se, diversificado da lingua-mãi, apparece desde a constituição do novo idioma e assim se conserva até os nossos dias. De maneira que a formula mais razoavel para explicar *esquecer, receber, vingar, julgar, resistir*, etc., seria declarar que são antigos verbos derivados que passaram a funcionar como verbos primitivos.

DERIVAÇÃO SUFFIXAL

a) Substantivo e adjectivo

-aria (*-eria*) — Ao elemento formativo *-aria* do port. ant. correspondem castelh. *-eria*, ital. *-eria*, franc. *-erie*. O seu historico é commum a estas diversas linguas. Para evitar prolixidade, deixaremos de parte o estudo comparativo; explicaremos a proveniencia do suffixo á luz de alguns exemplos do nosso idioma. Palavras do genero de *cavallaria, rouparia, feitiçaria* devem a sua origem á junção do suffixo *-ia* aos derivantes *cavalleiro, roupeiro, feiticeiro*, do mesmo modo que *frontaria, romaria, padaria* procederam de *fronteiro, romeiro, padeiro;* mas por um erro de analyse veio a imaginar-se que aquelles vocabulos se filiariam directamente a *cavallo, roupa, feitiço*, e deste erro resultou o novo suffixo *-aria*, com o auxilio do qual se crearam, por analogia de sentido, innumeras outras palavras.

Porque preferiu o port. ant. *-aria* a *-eria*, forma mais proxima de *-eiro?* Que assim o exigisse a pronuncia, é possivel; mas seria caso particular, pois que exemplos como *fantesia* permittem pôr em duvida que *a* não accentuado soasse realmente como a vogal pura quando tonica. Concorreu talvez para fixar-se a escripta, senão a pronuncia, a reminiscencia da terminação latina *-aria*, embora esta tivesse accentuação differente. Como quer que seja, certo é que em port. ant. occorre geralmente *cavallaria, frontaria, montaria*, etc. Os quinhentistas, e em parte tambem os seiscentistas, receberam e continuaram o uso tradicional; mas por meiados do seculo XVI já se sente a influencia do hespanhol, a que se junta depois a influencia do italiano, occorrendo de vez em quando a forma *-eria*. Nas Decadas de Barros publicadas em 1552, 1553 e 1563 (que são as primeiras edições): *cantaria* (1, 8, 9), *artelharia* (2, 3, 4, oito vezes; 2, 1, 6, oito vezes; 2, 1, 5, duas vezes, etc.), *frontaria* (1, 8, 9; 2, 1, 7; 2, 3, 4, duas vezes; 2, 3, 5),

cavalaria e *cavallaria* (2, 1, 3; 1, 1, 2; 1, 1, 11), *feitecerias* (2, 1, 4; 3, 6, 6).

Nos Lusiadas (edição de 1572) occorrem: *infantaria* (7, 45), *especiaria* (2, 4), *artelharia* (7, 12) e tambem *artilheria* (1, 89), *tapeçaria* (9, 60).

Na Vida do Arcebispo de Frei Luis de Sousa (edição de 1619) ha: *tapeçarias* (l. 5, cap. 2); *artilharia* (l. 6, cap. 25, cap. 13 bis, cap. 9), *infantaria* (l. 6, cap. 13), *cavallaria* (l. 6, cap. 9 bis), *arcabuzaria* (l. 6, cap. 9, tres vezes), *arcabuzeria* (l. 6, cap. 25, cap. 13), *mosquetaria* (l. 6, cap. 25, cap. 13, cap. 9, bis), *imagineria* (l. 6, cap. 12).

Nos Sermões de Vieira — refiro-me sempre á primeira edição — encontramos: *caça* e *montaria* (5, 437), *artelharia* (5, 452; 5, 473; 5, 492; 5, 494 bis; 5, 495; 5, 496 quatro vezes; 5, 497; 9, 451, etc.), *infantaria* (5, 502), *tapeçarias* (3, 245; 11, 460), *tapecerias* (5, 459), *cavallaria* (5, 493; 2, 418) e *cavallerias* (1, 368, tres vezes), *bufonerias* (1, 596).

Pelos seculos XVIII e XIX perturba-se ainda mais a antiga graphia com a frequente leitura dos livros francezes, escrevendo-se, a par de *laçaria, pedraria, cavallaria,* etc., com bastante insistencia *infanteria, artilheria* e outros, na illusão de se tirarem taes derivados com todo o rigor da logica linguistica. Recentemente, vai-se reagindo contra semelhante dualismo, procurando-se restabelecer a antiga terminação *-aria.* Resistem a este tentamen, entre outras palavras, principalmente *galeria* (cf. Vieira, Serm. 2. 445: *salas e galarias douradas*), *parceria, loteria,* vocabulo importado do italiano, e *bateria,* do francez, com sentido differente do termo *bataria,* usado por quinhentistas e seiscentistas, e que denotava a acção de bater.

A productividade do suffixo *-aria* manifesta-se sobretudo na formação de nomes que exprimem:

a) ramos de negocio e industria e lugares onde elles se acham estabelecidos: *drogaria, luvaria, chapelaria, ourivesaria, alfaiataria, tinturaria, marcenaria, carvoaria, tanoaria, lavandaria, confeitaria.*

b) noção de collectividade: *saccaria, pedraria, arcaria, fradaria, frascaria, casaria, confraria, caixaria, armaria, berraria, fusilaria, gritaria.*

Diz-se *correria*, e não *corraria*, por influencia do verbo *correr*.

c) actos proprios de certos individuos, ou o resultado destes actos: *palifaria, velhacaria, pirataria, sovinaria, judiaria, zombaria, galantaria, tafularia*.

-ez, -eza, -icia, -ice, -icie — Filiam-se ao lat. *-itia, -itie-*, sendo de notar que a alteração em *-ez, -eza* denuncia serem estas as formas populares mais antigas do idioma. O primeiro destes suffixos *-ez*, parece ter sido no começo menos productivo que o segundo. Vocabulos ha de forma dupla: *altiveza* e *altivez, rudeza* e *rudez, dobreza* e *dobrez, pequeneza* e *pequenez, ardideza* e *ardidez, intrepideza* e *intrepidez, escasseza* e *escassez*.

Alguns termos em *-eza*, por effeito da concorrencia de outras formações que significavam a mesma cousa, tornaram-se menos usados ou desappareceram de todo. *Igualeza* (V. Bemf. 93, 100, 189, Leal Cons. 281), *favoreza* (F. Lopes. D. J. 1), *maleza* (V. Bemf. 100), *crueleza* (ib.), *liberaleza* (L. Cons. 96, V. Bemf. 188), *blandeza* (L. Cons. 96), foram substituidos por *igualdade, favor, maldade, crueldade, liberalidade, brandura*.

O suffixo *-ice*, se fizermos abstracção do seu papel em *ledice, velhice, meiguice* e poucos exemplos mais, revela em geral forte affinidade electiva por adjectivos que exprimem vicios ou defeitos pessoaes, produzindo substantivos denotadores de actos que aberram do procedimento de pessoas serias ou sensatas: *malandrice, sandice, tolice, parvoice, gatunice, bebedice, patetice, perrice, doudice, rabugice, fanfarrice*.

Por analogia, adquirem sentido pejorativo tambem outros nomes em *-ice* formados de vocabulos que originariamente significam qualidades, condições ou occupações serias: *beatice, bacharelice, modernice, grammatiquice*, etc.

O suffixo *-icia* occorre em *caricia, delicia, malicia, milicia, noticia, pericia, policia, immundicia* e alguns outros vocabulos tomados ao latim. Falta-lhe a facilidade de produzir novos substantivos no seio da lingua portugueza. Tomou a forma *-iça* em *justiça, cubiça, cortiça, preguiça*.

A terminação *-icie*, modelada sobre o latim, é propria do port. moderno: *calvicie, canicie, superficie* (outrora *superficia*), *immundicie*, etc.

-ança, -ença, -ancia, -encia — Posto que do latim *-antia, -entia* procedesse *-ança, -ença*, o numero de palavras que com a terminação assim modificada passaram ao portuguez popular ou nelle se crearam segundo este modelo, é todavia muito inferior ao dos vocabulos em *-ancia, -encia* que ulteriormente se foram buscar ao latim classico. Alguns, como *igualdança* (L. Cons. 209), *perdoança* (L. Cons. 55), *significança* (C. Imp. 116), cahiram em desuso; *querença* conservou-se em *malquerença* e *bemquerença*; *nacença* tem sido eclipsado por *nascimento*; a *ensinança* prefere-se *ensino* e *ensinamento*; *peendença* (Jos. 37 e passim) foi substituido por *penitencia*; *conhecença* pelo vocabulo *conhecimento* (perdurando o emprego de *conhecença* apenas como termo de marinha); *convença* (ord. D. M. 4, tit. 52) por *convenção*; *criança*, de equivalente a «criação», «cria de qualquer animal» (*criança de peixe* em Hist. de Lamego, *criança de vacca, de veado*, etc., em Gabr. Soares), passou a ter sentido especialisado. Conservaram-se como outrora: *mudança, esperança, confiança, perseverança, governança, bonança, lembrança, matança, folgança, herança, temperança, fiança, semelhança, parecença, licença, presença, sentença, differença, doença, tença* e outros.

-ame, -ume — Accrescentam ao termo derivante a noção de collectivo em *velame, vasilhame, cordoame, vergame, pellame, chorume, cardume. Tapume* é porção de taboas dispostas para tapar. *Negrume* é grande massa negra.

-agem, -adego, -adigo, atico — Do latim *-aticu-* se originaram estas diversas terminações. *-adigo* e *-adego* ocrem em port. ant. *padroadigo* (Auto de part. apud Nunes, Chrest. Arch. 11), *compadradigo* (F. Lopes, D. J. 359), *achadego* (Ord. D. Man. 5, tit. 41) e outros. *-atico* só apparece em termos da linguagem culta. *-agem* produziu o adjectivo *selvagem* (tambem usado como substantivo) e uma serie de substantivos que, em port. moderno, são todos do genero feminino, exceptuando *personagem*, termo que se usa ora no masculino, ora no feminino. Tem o suffixo *-agem* sentido muito variavel. Em *plumagem, ramagem, pastagem, roupagem, ferragem, folhagem*, accrescenta aos termos derivantes a noção collectiva; *portagem, barcagem, carcera-*

gem, fumagem significam ou significavãm certos impostos; *abordagem, hospedagem, malandragem, ladroagem, vadiagem, aprendizagem* denotam actos ou estados.

-ugem — Poucos os derivados com esta terminação: *ferrugem, salsugem, pennugem, rabugem, lanugem, babugem, amarugem, lambugem.*

-dão, port. ant. **-dom, -doõe; -tude** — Procede a terminação *-dão* do latim *-tudine-*: *multitudine>multidoõe>multidom>multidão.* Produz nomes abstractos tirados de adjectivos. Alguns dos vocabulos vieram directamente do latim. Outros são formações analogicas que surgiram depois de constituido o idioma portuguez. O grupo das palavras hoje mais em voga consta de: *amplidão, certidão, fortidão, laxidão, escravidão, lentidão, mansidão, multidão, negridão, podridão, pretidão, solidão, vastidão, vermelhidão, amarellidão, escuridão, gratidão* e *ingratidão, exactidão* e *inexactidão, frouxidão, prontidão.*

O termo *simildom* do port. ant. foi substituido por *semelhança.* A linguagem culta tem buscado ao latim outras palavras em *-tudine-*, limitando-se porem a alterar esta terminação em *-tude: amplitude, magnitude, latitude, longitude, acritude, mansuetude.*

Do italiano tomámos, atravez do francez, *attitude,* que se filia ao latim *aptitudine-.*

-dade — Forma portugueza do latim *tate-*, propria de grande numero de substantivos abstractos tirados de adjectivos.

Se o termo derivante termina em *-avel, -ivel* ou *-uvel,* restitue-se-lhe a forma latina primeiro que se forme o derivado: *probabilidade* (de provavel), *fallibilidade, possibilidade, amabilidade, affabilidade, solubilidade,* etc. Se em latim *-tate* era precedido da syllaba *-ni-*, nasalisa-se em portuguez a vogal anterior a esta, e supprime-se *i: virgindade* (de virginitate-), *divindade* (de divinitate-), *orfandade* (de orphanitate-), *trindade, bondade.* Exceptuam-se: *unidade, immunidade, impunidade.*

Houve igualmente suppressão de *i* em *beldade, maldade, crueldade, fieldade, igualdade, humildade.*

Nas palavras posteriormente tomadas ao latim e cuja parte thematica acabava em *li-,* conservou-se a vogal: *fi-*

delidade, debilidade, realidade, fragilidade, legalidade, frugalidade, gentilidade, criminalidade, irrealidade, docilidade, parcialidade, pontualidade, etc.

Em *humidade*, do latim *humiditate-*, houve suppressão da syllaba *di-* por influencia da consoante dental seguinte.

-al, -ar — Com as terminações *-alis, -aris* tirou o latim de substantivos numerosos adjectivos. Procedem ambas de um antigo elemento formativo *-li*, trocando-se *-alis* em *-aris* por dissimilação, quando havia um *l* previo situado no fim do radical, ou, menos frequentemente, no meio delle ou no principio. Passando taes adjectivos ao portuguez, fez-se distinção analoga no emprego de *-al* e *-ar*: *final, fatal, igual, total, dorsal, geral, rural, usual, substancial, causal, annual, principal, espiritual, legal, frugal, penal, natural; particular, consular, circular, solar, regular, popular, singular, escolar, exemplar, familiar* (porem: *filial*), *vulgar, palmar, militar, lunar, luminar, limiar, preliminar, linear* (a par de *lineal*).

Plural apparece alterado em *plurar* em Vieira, Serm. 2, 283 e 9, 115, provavelmente por analogia de *singular*. A linguagem antiga offerece-nos em Corte Imp. *plular, plularidade,* formas repetidas innumeras vezes na pag. 43.

A maior parte destes vocabulos usaram-se sempre como os adjectivos em geral; alguns, a par da função de adjectivos, desenvolveram o sentido e a função de nomes communs, sendo applicados para denominar certas pessoas e cousas (*capital, pessoal, official,* etc.); outros finalmente, tomando o lugar dos substantivos cujo sentido especificavam, transformaram-se em verdadeiros nomes communs. Perdida a noção da função primitiva, tornou-se possivel crear, por analogia dos vocabulos deste ultimo typo, outros substantivos directamente sem passar pela phase intermediaria de qualificativos. Sobremaneira notaveis são as palavras em *-al* que se derivam de nomes de vegetaes e com que se designa o conjunto de plantas da mesma especie que cobrem certa extensão de terreno: *bananal, feijoal, cafesal, pinhal, faial, carvalhal, funchal, rosal, laranjal, morangal, cerejal, arrozal, olival, batatal, faval, mamoal, pepinal,* etc.

Nos adjectivos *divinal, celestial, eternal, perennal, humanal, angelical, mundanal, apostolical, perpetual,* ha excesso de elementos formativos. Significam o mesmo que

divino, celeste, eterno, perenne, humano, angelico, mundano, apostolico, perpetuo, a par dos quaes occorrem em linguagem religiosa. Formaram-se por analogia de outros termos de derivação regular pertencentes ao mesmo circulo de idéas. Os ministros da Igreja, creando *divinalis, aeternalis,* inspiraram-se nos muitos vocabulos em *-alis* com que se designavam cousas proprias do rito pagão. Esta reminiscencia e a circumstancia de ter o pleonasmo por effeito reforçar a idéa, fizeram com que as novas creações soassem mais efficazes que os simples qualificativos *divinus, aeternus.* Outros adjectivos crearam-se depois segundo o modelo *divinalis, aeternalis.* Em Virtuosa Bemfeitoria, Corte Imperial e outras obras de port. ant. usam-se com frequencia as formas ampliadas em *-al.* O povo devoto, ouvindo-as dos sacerdotes, não teria difficuldade em as repetir. Gil Vicente entretanto as costuma pôr em boca de personagens que falam linguagem culta: *eternal* (3, 328; 1, 182; 1, 206; 1, 210) a par de *eterno* (1, 172); *mundanal* (3, 348); *divinal* (3, 354; 1, 186; 1, 207; 1, 210); *humanal* (3, 354) a par de *humana* (1, 187); *angelical* (3, 354); *celestial* (1, 202).

-dor, -tor, -sor, -or, -dura, -tura, -sura, -ura. — As consoantes *d, t* e *s* com que alguns destes elementos formativos começam, e que nelles parecem incorporadas, são em rigor suffixos proprios de themas participiaes. O historico destes elementos formativos remonta ao latim. Em portuguez, observaremos que, juntando *-or* ou *-ura* a themas do participio do preterito, obtêm-se respectivamente nomes de agente e nomes de acção, sendo necessaria, em verbos regulares da 2.ª conjugação, a mudança previa de *-id-* em *-ed-*: *escriptor, escriptura; armador, armadura; atador, atadura; benzedor, benzedura; mordedor, mordedura; roedor, roedura; urdidor, urdidura; polidor, polidura; torcedor, torcedura; brunidor, brunidura*, etc.

Em geral ha maior facilidade para a formação dos nomes de agente que para a dos nomes de acção, constituindo-se estes muitas vezes com outros elementos formativos. Certos substantivos em *-ura* soffreram mudança de sentido, sendo applicados para designar objectos materiaes: *fechadura, ferradura.*

Em alguns nomes em *-or* deu-se transferencia de sentido do nome da pessoa agente para o nome do objecto com que se pratica a acção: *regador, aquecedor, abotoador, ascensor, raspador*.

Muitos termos de origem verbal, quer em *-or*, quer em *-ura*, introduziram-se no idioma por via erudita; outros foram recebidos directamente do latim, desapparecendo porem os respectivos verbos, ou tomando estes forma differente: *censor, censura, fractura, clausura, pintor, pintura* (de *pictor, pictura*, verbo *pingo*), *genitura, cultura*, etc.

A sobrevivencia, na linguagem popular, de nomes em *-ura*, perdida a relação associativa que tinham com certos verbos latinos, emprestou ao elemento formativo novo aspecto, habilitando-o para juntar-se tambem a adjectivos. Assim é que já nos primeiros tempos da lingua portugueza havia substantivos em *-ura* derivados de adjectivos, aos quaes pouco a poucó se foram juntando outros muitos: *longura, largura, brancura, verdura, grandura, negrura, grossura, formosura*, etc.

Alguns dos nomes em *-ura* existentes em port. ant. cederam o lugar a outras formações. Taes são: *tristura* (L. de Esopo 54; Virt. Bemf. 93; G. Vic. 3, 24) a par de *tristeza* (Josaph. 12, 19, 20; D. Duarte, Leal Cons. 55, 77); *folgura* (Virt. Bemf. 93; G. Vic. 3, 41) a par de *folgança* (Virt. Bemf. 125); *frihura* da mãao (D. Duarte, Ens. 87), *friura* da neve (Jos. 43); *dulçura* (D. Duarte, Leal Cons. 85; Josaph. 24); *calçadura* (Corte Imp. 6), *falsura* (ib. 51).

-douro — A dental tem aqui a mesma origem que em *-dor, -tor*, acima estudados. O elemento formativo *-douro*, que em port. ant. se dizia *-doiro*, procede do lat. *-toriu-*; em alguns casos filia-se ao part. do futuro em *-turu-* (*vindouro* de *venturu-*; *morredouro* de *morituru-*, etc.). Os substantivos formados com a terminação *-douro* denotam, na maior parte, lugar onde uma acção se pratica ou pode praticar: *miradouro, ancoradouro, escoadouro, batedouro, cevadouro, sangradouro; matadouro, desaguadouro, sorvedouro, surgidouro, bebedouro*.

Alguns exprimem meio ou instrumento: *dobadoura, suadouro, cingidouro*.

Ha tambem bastantes vocabulos que penetraram na linguagem por via erudita, mantendo estes a terminação *-torio: purgatorio, oratorio, auditorio, refeitorio, vomitorio, dormitorio, laboratorio, consistorio, infusorio, genuflexorio, vesicatorio, lavatorio, escriptorio, directorio,* etc.

É sobretudo consideravel o numero de adjectivos de fonte culta com que se tem enriquecido o idioma: *preparatorio, expiatorio, declamatorio, derogatorio, gratulatorio, exprobratorio, peremptorio, informatorio, divinatorio, derivatorio, revogatorio, deprecatorio, emigratorio, transitorio, inhibitorio, satisfactorio, propiciatorio,* etc.

Pertencem a este grupo os adjectivos derivados de themas participiaes em *-s: suasorio, compulsorio, divisorio, illusorio,* etc.

-ado, -ada, -ido, -ida, -ato, -ata — Possuem as diversas linguas romanicas, umas mais, outras menos, substantivos abstractos e concretos cuja creação se deve á simples adaptação semantica do participio do preterito de certos verbos. Em portuguez, são deste genero *defesa, presa,* etc., e de entre os nomes produzidos por verbos regulares: *finado, legado, achado, cercado, entrada, tornada, chegada, tomada, picada, bordado, passado, caçada, sahida, subida, partida, partido, vestido, sentido, comida, bebida, arremettida, investida* e muitos outros.

Tem-se perdido, em parte ou de todo, — principalmente no caso dos nomes concretos — a noção da identidade morphologica de taes nomes com os participios, prevalecendo por fim o sentimento de serem derivados immediatos de verbos no infinitivo. Quer isto dizer que *-ado, -ada, -ido, -ida,* em vocabulos com função de substantivo, passaram a ser considerados como elementos formativos, como suffixos. Isto se effectuou sobretudo com a forma feminina *-ada,* que até veio a applicar-se como elemento formativo extraordinariamente fecundo, para derivar substantivos.

Varia muito o sentido dos derivados desta especie, mas podem-se agrupar em typos semanticos mais ou menos comprehensivos. Distinguem-se como principaes e bastante caracteristicos os seguintes:

1) O suffixo *-ada* accrescenta a um substantivo a noção de golpe ou ferimento. O termo derivante será então:

a) nome de arma ou de instrumento capaz de ferir ou outro objecto empregado para este fim ou simplesmente para dar golpe: *punhalada, facada, canivetada, bombardada, paulada, zargunchada, navalhada, chibatada, cajadada, bengalada, machadada, fouçada, frechada, pedrada, enxadada*, etc.;

b) nome de parte do corpo que serve ou pode servir de arma aggressiva: *chifrada, dentada, trombada, unhada, ferroada, bicada, punhada, patada;*

c) nome de parte do corpo com a qual se bate contra alguma cousa: *umbigada, cabeçada, palmada;*

d) nome de objecto proprio para escrever, riscar ou pintar, denotando o derivado um golpe, traço ou movimento: *pincelada, pennada.*

2) Pode o mesmo suffixo significar medida ou quantidade que comporta o objecto representado pelo termo derivante: *batelada, barcada, garfada, fornada, tigelada, carrada, carroçada, colherada, cestada, braçada.*

3) Outras vezes tem sentido collectivo: *meninada, boiada, rapaziada, carneirada, garotada, canzoada, estacada, ramada, galhada, enxurrada, papelada.*

4) Unido a alguns nomes de frutas e outros alimentos, denota bebidas, conservas e preparados culinarios: *cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada, bacalhauada*, etc.

Todos os nomes da categoria 1) exprimem sempre um acto praticado com rapidez e parece que por esta mesma relação associativa se crearam por outra parte vocabulos como os seguintes: a) *lufada, nortada;* b) *risada, gargalhada;* c) *fanfarronada, quixotada, hespanholada;* d) *cartada, jogada.*

A noção commum de duração de tempo deu origem á formação do grupo *jornada, noitada, temporada.*

Entre os derivados masculinos typicos em *-ado* devemos assignalar os que se applicam a titulos honorificos, a territorios governados por certos titulares, a alguns cargos elevados, a certas instituições, posições e condições sociaes e politicas: *viscondado, arcebispado, principado, ducado, patriarchado, bispado, pontificado, protectorado, condado,*

archiducado, almirantado, eleitorado, apostolado, chantrado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado, etc.

Em alguns casos, em vez de *-ado* usa-se *-ato*, como forma mais proxima do latim: *clericato, tribunato, syndicato, generalato, triumvirato, baronato, cardinalato*, etc.

A forma erudita *-ato* é tambem empregada na nomenclatura scientifica: *nitrato, carbonato, silicato, sulfato*, etc.

Os derivados em *-ata* tomaram-se, uns do latim, outros do italiano ou outra lingua romanica: *concordata, sonata, serenata, vulgata*, etc.

-ção, -são — Procedem respectivamente do lat. *-tion-*, *-sion-*, em que as consoantes *t* e *s* pertencem a themas formativos do participio do preterito. Servem para derivar nomes abstractos dos verbos. Muitos destes vocabulos datam da mais antiga phase do portuguez; outros se crearam depois e ainda se vão creando segundo o modelo da formação latina. O verbo derivante pode ser de linguagem popular ou de fonte erudita; em qualquer caso o suffixo toma sempre forma portugueza: *povoação, audição, persuasão, fusão, perseguição, coroação, consecução, nomeação, posição, declaração, obrigação, invocação, solução, comparação*, etc.

-mento — Ajunta-se este suffixo a themas verbaes para constituir substantivos que denotam acção. Se entre os nomes assim formados alguns ha com sentido concreto, é que o vocabulo com que a principio se designava o acto foi ulteriormente applicado para denominar o meio ou o producto. Certos termos, como *documento, monumento*, vieram com sentido especialisado do latim para o portuguez, desamparados dos verbos que lhes deram origem e que se extinguiram com a lingua-mãi. *Instrumento*, applicado a objectos concretos, usa-se em portuguez como nas demais linguas romanicas, como se não tivesse nenhuma connexão com *instruere, instruir*, de que se derivou *instrucção* como nome abstracto. Só em linguagem juridica é que o termo *instrumento* nos recorda ainda a significação primitiva (*publico instrumento*, etc.).

Notavel facilidade tinha o port. ant. para crear substantivos abstractos terminados em *-mento*. A prodigalidade de seu emprego é, até, um dos traços caracteristicos da linguagem escripta daquella epoca; mas quando co-

meça a prevalecer o gosto quinhentista, desde logo se nota o desuso de muitos dos ditos vocabulos, dando-se preferencia, sempre que era possivel, a palavras com outras terminações.

Em port. ant. encontram-se a miudo: *lembramento* (D. Duarte, Leal Cons. 41, 82, 170) a par de *lembrança* (ib. 82); *repousamento* (ib. 52); *mostramento* (ib. 61, 95) a par de *mostrança* (ib. 314); *curamento* (ib. 62, 68); *tiramento* (ib. 63); *mudamento* (ib. 64, 107) a par de *mudança* (ib. 72); *gastamento* (ib. 65), *avysamento* (ib. 68); *fallamento* (ib. 89, 310; C. Imp. 18); *desprezamento* (D. Duarte, Leal Cons. 86, 223) a par de *despreço* (ib. 315); *soltamento* (ib. 89); *defendimento* (ib. 233; S. Josaph. 17); *aballamento* (ib. 305); *contrariamento* (D. Duarte, Ens. 80); *satisfazimento* (Virt. Bemf. 228); *remimento* (Corte Imp. 214, 215); *reduzimento* (ib. 153) *duramento* (ib. 18) a par de *duraçom* (ib.); *produzimento* (ib. 74); etc.

A eliminação destes vocabulos não impediu comtudo que se continuassem a empregar muitos outros e que a elles se juntassem ainda varias creações novas. A linguagem hodierna tem sentido a necessidade de recorrer frequentemente a este processo de formação, sobretudo quando tem a escolha entre as terminações *-ção* e *-mento*.

-eiro, -ario (-airo) — Os nomes que em latim classico tinham o elemento formativo *-ariu-* passaram para o portuguez, ao tempo em que este idioma se constituiu, geralmente com essa terminação alterada em *-eiro*: *primeiro* (primariu-), *celleiro* (cellariu-), *dinheiro* (denariu-), *ribeiro* (ripariu-), etc.

A evolução foi naturalmente *-ariu->-airo>-eiro;* porem não possuimos documentação de **primairo*, **dinhairo*, etc.

Occorrem todavia em port. ant. alguns termos, uns por se terem introduzido ulteriormente, outros por constituirem excepção á regra geral, nos quaes *-ariu-* apparece com a forma *-airo*: *sudairo*, *contrairo*, *fadairo*, *vigairo*, *boticairo*, etc.

Sob a influencia erudita, foi-se desfazendo a metathese, volvendo taes vocabulos á forma primitiva, e enriqueceu-se o idioma com outros termos em *-ario*, to-

mados á lingua-mãi. Este processo de haurir directamente na fonte latina ou de crear vocabulos novos segundo a norma latina tomou incremento em port. mod. e ainda em nossos dias se recorre a elle com frequencia. Deste typo são: *argentario, monetario, mostruario, aviario, funcionario, horario, fraccionario*, etc.

A lista dos nomes de origem erudita é extensa, como tambem o é a serie das palavras que se formaram com a terminação *-eiro;* notam-se entretanto poucos casos de formas parallelas como *operario* e *obreiro, ovario* e *oveiro, solitario* e *solteiro.*

Extraordinariamente productivo é o suffixo *-eiro, -eira*, na formação de nomes com que se caracterisam homens e mulheres pelos seus officios, negocios e outras occupações: *pedreiro, barbeiro, peixeiro, artilheiro, lavadeira, fiandeira, parteira, cesteiro, banqueiro, bombeiro, carteiro, sineiro, toureiro, carroceiro, leiteiro, sapateiro, cozinheiro, relojoeiro, aventureiro, corrieiro, gaioleiro, pregoeiro, marinheiro, taverneiro, catraeiro, vendeiro, luveiro, mineiro, copeiro, chaveiro*, etc.

Em alguns casos especialisou-se ou modificou-se o sentido que a principio teria o vocabulo. *Pedreiro* não é qualquer homem que se occupa com pedras, e sómente aquelle que levanta muros e paredes. *Caixeiro* já não se applica ao individuo a cujo cargo está a caixa, mas equivale a empregado vendedor. Nem sempre se tira o nome de pessoa directamente do nome do objecto ou objectos materiaes em que se occupa. Pode filiar-se tambem a nomes de officio em *-aria*, como *marcineiro, serralheiro* que se prendem aos vocabulos *marcinaria, serralharia.* Pode tambem ser um termo introduzido do estrangeiro, como *joalheiro.*

Muitos dos vocabulos em *-eiro* são nomes adjectivos: *foreiro, verdadeiro*, [veado] *galheiro, campeiro*, [cão] *perdigueiro, fragueiro, dianteiro, fronteiro, passageiro, poedeira, grosseiro, certeiro, rasteiro*, [vento] *ponteiro, costeiro, ordeiro*, etc.

São igualmente adjectivos grande numero das formações em *-ario: originario, ordinario, diario, plenario, precario, funerario, tributario, subsidiario*, etc.

De muitos nomes de frutos, flores e outros productos vegetaes se derivam por meio dos suffixos *-eiro, -eira* sub-

stantivos que designam a respectiva planta ou arvore. A forma masculina ou feminina depende geralmente do genero do nome primitivo. Exemplos: *mangueira*, *jaqueira*, *limoeiro*, *laranjeira*, *pereira*, *cidreira*, *nogueira*, *cerejeira*, *amendoeira*, *goiabeira*, *roseira*, *craveiro*, *jasmineiro*, *goiveiro*, *amoreira*, *palmeira*, *paineira*, *caneleira*, *loureiro*, *oliveira*, *macieira*, *avelleira*, *coqueiro*, *cafeeiro*, *sovereiro*, *jambeiro*, *sabugueiro*, *abieiro*, *abacateiro*, *genipapeiro*, *morangueiro*, *pecegueiro*, *parreira*, *videira*, *marmeleiro*, *joazeiro*, *cajueiro*, *espinheiro* ou *espinheira*.

De *castanha* deriva-se *castanheiro* e *castanheira;* de *canfora*, *canforeiro;* de *figo*, *figueira*. Se da denominação de flor, fruto, etc. não se costuma formar derivado, designa-se o vegetal por meio de locuções adequadas: *pé de dahlia*, *planta de chá*, etc.

De varios nomes de cousas derivam-se outros nomes em *-eiro* ou *-eira* para denotar aquillo em que taes cousas se guardam: *charuteira*, *cigarreira*, *cartucheira*, *alfineteira*, *paliteiro*, *assucareiro*, *agulheiro*, *cinzeiro*, *tinteiro*, *saleiro*, *papeleira*, *compoteira*, *geladeira*, *manteigueira*, *leiteira*, *cafeteira*, *chocolateira*, *saladeira*, *sopeira*, etc.

Carteira soffreu alteração semantica; pode significar certo movel, e tambem o objecto que se traz no bolso e em que se guarda dinheiro. *Chaleira*, que a principio significava «vasilha propria para chá», cedeu este sentido ao termo concorrente *bule*, reservando para si a accepção de «vasilha em que se ferve agua.»

Designativos de lugares onde se guardam animaes são *gallinheiro*, *potreiro* e *coelheira*.

O derivado pode tambem designar um objecto que tem qualquer serventia referente á cousa denotada pelo vocabulo primitivo: *assadeira* (objecto em que se assa), *frigideira*, *pulseira* (joia que serve para o pulso), *banheiro* e *banheira*, *gorgeira*, *perneira* (peça que resguarda a perna), *mosquiteiro* (cortinado que resguarda dos mosquitos), *calçadeira*, *candieiro*, etc.

Algumas vezes vem o suffixo accrescentar ao termo primitivo a noção de grande massa ou accumulo intenso: *nevoeiro*, *poeira*, *papeira*, *lameiro*, *chuveiro*.

Pedreira é nome que se applica á pedra de vulto de onde se fragmentam e extraem pedras menores. Por analo-

gia de *pedreira*, formaram-se *caieira*, *carvoeira*, *ostreira*, *nitreira* e outros. Neste typo de derivados podemos incluir *formigueiro* e *vespeiro*, que significam ajuntamento dos respectivos insectos e tambem a habitação por elles feita.

De *cabello* se forma o collectivo *cabelleira*. *Berreiro* significa «muitos berros» que se soltam consecutivamente, sem intermittencia.

Barreiro no sertão é nome dado a terrenos salitrados, muito procurados pelos animaes.

O suffixo *-eira* serviu tambem á formação de alguns nomes abstractos ou não, que exprimem, na maior parte, defeitos physicos ou moraes, ou situações e actos desagradaveis, maus ou ridiculos: *cegueira*, *gagueira*, *gafeira*, *manqueira*, *catarrheira*, *ladroeira*, *maroteira*, *pasmaceira*, *bandalheira*, *borracheira*, *asneira*, *bebedeira*, *lazeira* (de laz[ar]-eira), *choradeira*, *frioleira*, *canceira*.

-edo — Tem sentido collectivo em: *olivedo*, *arvoredo*, *olmedo*, *vinhedo*. Significa objecto isolado de grande vulto em *rochedo*, *penedo* (de *pena* por *penha*). Occorre tambem em *lagedo* (pavimento de lages), *brinquedo*, *folguedo* e alguns outros vocabulos.

-ismo — Os termos *catecismo* (*catechismo*), *christianismo*, *paganismo*, *aphorismo*, *exorcismo* e varios outros devem-se ao latim da Idade Media, sendo uns tomados directamente ao grego, outros formados analogicamente. Algumas destas palavras puderam, graças á Igreja Christan, vulgarisar-se facilmente; mas nem por isso perderam o seu caracter erudito, e a linguagem popular, usando-as embora com frequencia, não manifestou a menor disposição para tornal-as typo productor de novos derivados em *-ismo*. A tarefa de mudar a situação coube á lingua culta, influenciada pelo movimento intellectual que se operou em França nos seculos XVIII e XIX. Não só adoptou grande numero de vocabulos creados no estrangeiro e que se internacionalisaram, mas ainda tornou o suffixo *-ismo* apto a produzir palavras tiradas de derivantes nacionaes.

Serve este elemento formativo sobretudo para dar nome a doutrinas religiosas, philosophicas, politicas, artisticas: *mahometismo*, *calvinismo*, *protestantismo*, *lutheranismo*, *theismo*, *atheismo*, *polytheismo*, *budhismo*, *brahma-*

nismo, epicurismo, darwinismo, positivismo, materialismo, espiritualismo, monotheismo, espiritismo, fetichismo, socialismo, cosmopolitismo, republicanismo, capitalismo, federalismo, radicalismo, nihilismo, terrorismo, jacobinismo, gongorismo, marinismo, byronismo, wagnerismo, symbolismo, naturalismo, impressionismo, etc.

Designa a maneira de falar propria de certas pessoas em *vulgarismo, plebeïsmo;* a imitação de lingua estrangeira em *latinismo, grecismo* ou *hellenismo, gallicismo, anglicismo, arabismo, americanismo, mexicanismo*, etc.; particularidades de certas expressões que as differençam do falar usual em *archaismo, neologismo, solecismo, barbarismo.*

Denota a maneira de proceder ou de pensar de accordo com o procedimento ou a doutrina propria de certo genero de individuos em *heroismo, pedantismo, fariseismo, patriotismo, janotismo, servilismo*, etc.

Em linguagem scientifica caracterisa certos phenomenos: *magnetismo, galvanismo, tympanismo, meteorismo, ptyalismo, rheumatismo, traumatismo, synchronismo, estrabismo*, etc.

-ista — É outro suffixo de origem grega. A sua primeira applicação foi aos partidarios das doutrinas e systemas acima referidos. Este mesmo uso perdura ainda hoje para a maioria dos nomes em *-ismo* de formação moderna: *calvinista* (porem *mahometano, lutherano, protestante*), *atheista* (a par de *atheu*), *budhista, darwinista, positivista, materialista, socialista, terrorista, communista* (porem *jacobino*), *symbolista, impressionista*, etc.

A par desta serie de nomes existem outros, na maior parte modernamente creados ou importados do estrangeiro, com que se designam individuos cuja occupação se relaciona com o objecto a que se refere o termo derivante: *florista, flautista, jornalista, copista, dentista, fadista, chronista, machinista, organista, latinista, hellenista, trocista, rabequista, paizagista, accionista, seminarista, novellista, romancista, folhetinista, naturalista, estadista, dormidista*, etc.

-oso — Suffixo de immensa fecundidade, formador de adjectivos que se tiram de substantivos e algumas vezes tambem de verbos. Denota o estar provido da qualidade ou

objecto expresso pelo termo derivante, ou abundancia de alguma cousa em: *caprichoso*, *orgulhoso*, *venenoso*, *difficultoso*, *penhascoso*, *furioso*, *gorduroso*, *arenoso*, *invejoso*, *mentiroso*, *ambicioso*, *anguloso*, *ancioso*, *pedregoso*, *argiloso*, *amoroso*, *gangrenoso*, *ulceroso*, *espinhoso*, *desejoso*, *cuidadoso*, *rigoroso*, *noticioso*, *sulfuroso*, *salitroso*, *raivoso*, *teimoso*, *vaidoso*, *leitoso*, *zeloso*, *bondoso*, *maldoso*, *terroso*, *tinhoso*, *geitoso*, *garboso*, *fogoso*, *poroso*, *talentoso*, *populoso*, *montanhoso*, etc.

Ás vezes o adjectivo pode ter sentido activo, significando « produzir ou provocar alguma cousa » : *doloroso*, *saboroso*, *appetitoso*, *dispendioso*, *ruinoso*, *oneroso*, *assombroso*, *delicioso*, etc.

Alguns adjectivos podem-se usar em duplo sentido: *temeroso*, « que é cheio de temor » ou « que provoca temor », *lamentoso*, *lastimoso*, *vergonhoso*, *angustioso*, etc.

Em certos casos o suffixo toma a forma *-uoso*: *voluptuoso*, *montuoso*, *impetuoso*. Estes vocabulos já vieram assim formados do latim. Novo é *luxuoso* (francez *luxueux*).

-udo. — Significa « provido de » nos adjectivos *sisudo*, *pontudo*, *bicudo*. Em outros adjectivos denota grande massa ou tambem qualidade, tamanho ou feitio desmesurados: *pelludo*, *cabelludo*, *barrigudo*, *narigudo*, *espadaudo*, *orelhudo*, *repolhudo*, *façanhudo*, *lanudo*, *guedelhudo*, *bochechudo*, *carnudo*, *polpudo*.

Por metaphora diz-se *cabeçudo* para significar « teimoso em demasia ».

-avel, -ivel, -uvel. — Esta ultima forma *-uvel* occorre em *soluvel* e *voluvel*. Com *-avel* tiram-se adjectivos de verbos da 1.ª conjugação; *-ivel* emprega-se para formar adjectivos de verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação. Exprimem a possibilidade da acção, ora em sentido activo, como *duravel*, *perecivel*, ora, e mais frequentemente, em sentido passivo: *vulneravel*, *desejavel*, *substituivel*, *vencivel*, *remediavel*, *supportavel*, *violavel*, *aceitavel*, *censuravel*, *louvavel*, *toleravel*, *apreciavel*, *admissivel*, *reduzivel*, *removivel*, *punivel*, *corrigivel*, *definivel*, *discutivel*, etc.

-isco, -esco — Parecem filiar-se estes suffixos ao germanico *-isk*. Alguns linguistas lhes dão por origem o grego *-iskos*. Em portuguez existem com a primeira destas formas

os adjectivos *mourisco*, *levantisco* e o nome *chuvisco*. Termos em *-esco* vieram a principio ao nosso idioma atravez do italiano, mais tarde concorreu o francez: *tudesco*, *turquesco*, *barbaresco*, *carnavalesco*, *burlesco*, *grotesco*, *fradesco*, *dantesco*, *pedantesco*, *truanesco*, *principesco*, *brutesco*, *cavalleiresco*. Do mesmo typo é o substantivo *soldadesca*.

-ez, -ense — Desempenham papel notavel na formação dos nomes patrios; *-ez*, reducção de *-ense*, é a forma popular que se fixou em muitos vocabulos: *portuguez* (*portugalez*), *francez*, *inglez*, *genovez*, etc.

-ense, forma primitiva, restabelece-se nas modernas creações: *fluminense*, *bracarense*, *cearense*, *paraense*, *maranhense*, *eborense*, *conimbricense*, *viennense*, etc.

-ano — Os adjectivos de uso geral tirados de nomes appellativos, como *mundano*, *humano*, foram quasi todos recebidos do latim. A linguagem culta creou *diluviano*, *siluriano*, etc. Sobre os modelos *ciceroniano*, *horaciano*, etc., cunharam-se *camoniano*, *shakespeariano*, *wagneriano*, e outros. Mas onde se revela sobretudo a fertilidade do suffixo é na creação ou de nomes de seitas como *lutherano*, *anglicano*, *gallicano*, *ultramontano*, *mahometano*, ou de nomes patrios, como *americano*, *bahiano*, *parahybano*, *cubano*, *peruano*, *prussiano*, *alemtejano*, *açoriano*, *asturiano*, *italiano*, *napolitano*, *sevilhano*, *indiano*, etc.

-iço, -icio — Do participio do preterito de certos verbos se derivam, por meio do suffixo *-iço*, adjectivos que denotam propensão para um acto ou facilidade de se poder realisar o dito acto. Em varios destes adjectivos entende-se o verbo em sentido activo, em outros attribue-se ao termo derivante sentido passivo, reflexivo ou causativo: *abafadiço*, *chegadiço*, *movediço*, *quebradiço*, *fugidiço*, *mettediço*, *escorregadiço*, *espantadiço*, *assustadiço*, *alagadiço*, *esquecediço*, *pegadiço*, *achadiço*, *sumidiço*, *perdidiço*, *malhadiço*, *levadiço*, *encontradiço*, *arrojadiço*.

Alguns derivados da 2.ª conjugação terminam em *-ediço* por *-idiço*.

A par destes derivados verbaes em *-iço* existem outros em *-icio*, como *translaticio*, *accommodaticio*, que a linguagem erudita tirou directamente do latim.

Com o suffixo *-iciu-* produziu o latim tambem alguns derivados de nomes adjectivos que, passando ao portuguez, tomaram a forma *-iço: noviço* (noviciu-), *porcariço* (porcariciu-), *vindiço, adventiço* (adventiciu) *.

Com a mesma terminação occorrem em nosso idioma alguns adjectivos e substantivos cuja filiação latina nem sempre é evidente, formados em parte por analogia: *roliço, inteiriço, magriço, passadiço, castiço. Sediço* filia-se ao verbo *sedere*, provindo de *sediticiu* (cf. abruzz. *sedetičče*). *Mestiço* vem do latim *misticius*, empregado por S. Jeronymo; *postiço* procede de *posticius* por *apposticius* < *appositicius; feitiço* filia-se a *facticius*.

Por via erudita introduziram-se em portuguez com a terminação *-icio: natalicio, pontificio, vitalicio, esponsalicio* e outros.

-lento, -ento. — Occorre o primeiro destes suffixos em *opulento, corpulento, somnolento, turbulento* e outros adjectivos herdados do latim ou modernamente tomados a este idioma pela linguagem culta. Postos de parte taes vocabulos, verifica-se que estancou a productividade do suffixo *-lento. Flatulento*, que veio provavelmente por intermedio do francez, e *famulento* são excepções. Fecundo se tornou, pelo contrario, *-ento* do latim *-entus* (ex. *cruentus*), formativo escassamente usado na lingua-mãi. A sua significação varia; pode denotar «ter a qualidade de», «ser dotado de», «estar cheio de» «ter a semelhança de», «ser propenso a», etc., como se vê cotejando os seguintes exemplos: *vidrento, gosmento, barrento, bulhento, sarnento, peçonhento, rabugento, verruguento, pardacento, alvacento, cinzento, aguacento, lamacento, resinento, odiento, ciumento, crapulento, ferrugento, bolorento, bexiguento, nojento, musguento, natento, farinhento, sebento, pachorrento, areento, gafeirento, fedorento*, etc.

Algumas vezes amplia-se *-ento* em *-orento, -arento: friorento, sumarento. Sedorento* por *sedento* lê-se em Leal Cons. 145: *dar de comer aos famintos e de beber aos sedorentos*.

---

*) Em diccionarios da lingua latina faltam varios termos em *-icius*. A existencia de *porcaricius, vaccaricius* e outros é documentada por Wölfflin em Archiv für lateinische Lexikographie, vol. V.

b) Verbos

Verbos que em portuguez se formam por derivação immediata seguem o modelo da 1.ª conjugação: *murar*, *jardinar*, *casar*, *mesquinhar*, *almoçar*, *fantasiar*, *telephonar*, *telegraphar*, *modelar*, *ancorar*, *orientar*, *calafetar*, *armazenar*, etc.

Seguem ainda a mesma conjugação a maior parte dos verbos de derivação mediata, isto é, aquelles que interpõem um elemento formativo entre o termo derivante ou vocabulo basico e o suffixo caracteristico do verbo. Entre as formações desta especie avultam os verbos em *-isar*, *-ear*, *-ejar*, e *-ficar*.

A formação em **-isar** (ou **-izar**, segundo outros escrevem, attendendo á etymologia grega dos verbos em -ιζειν) tem applicação amplissima na linguagem moderna, creando-se os verbos quer de substantivos quer de adjectivos: *organisar*, *feitorisar*, *civilisar*, *fertilisar*, *moralisar*, *symbolisar*, *amenisar*, *monopolisar*, *generalisar*, *solennisar*, *canalisar*, *brutalisar*, *centralisar*, *colonisar*, *vaporisar*, *electrisar*, *harmonisar*, *satyrisar*, *economisar*, *terrorisar*, *pulverisar*, *realisar*, *legalisar*, *immortalisar*, *utilisar*, *pluralisar*, *particularisar*, *vulgarisar*, *divinisar*, *sympathisar*, *antipathisar*, *militarisar*, *popularisar*, *fanatisar*, *arborisar*, *horrorisar*, *agonisar*, *fraternisar*, *rivalisar*, *neutralisar*, *socialisar*, *democratisar*, *anarchisar*, *volatilisar*, *espiritualisar*, *formalisar*, *penalisar*, *finalisar*, *nacionalisar*, *personalisar*, *subtilisar*, *tranquillisar*, *dogmatisar*, *escrupulisar*, etc.

-ficar (ou **-ificar**) é suffixo erudito, do latim *-ficare* (*-ificare*), tem as mais das vezes o sentido de «fazer», «tornar em estado de»: *falsificar*, *damnificar*, *rectificar*, *clarificar*, *petrificar*, *identificar*, *purificar*, *bonificar*, *dignificar*, *dulcificar*, *nidificar*, *simplificar*, *unificar*, *fortificar*, *pacificar*, *mystificar*, *bestificar*, *estratificar*, etc.

-ejar forma principalmente verbos com significação frequentativa: *apedrejar*, *forcejar*, *gargarejar*, *lacrimejar*, *gotejar*, *gaguejar*, *esbravejar*, *voejar*, etc.

De alguns nomes de cores derivam-se, por meio deste suffixo, verbos que exprimem «mostrar cor verde, negra, etc», como: *verdejar*, *negrejar*, *branquejar*, *amarellejar*.

-ear dá verbos de sentido frequentativo ou simplesmente durativo e tambem outros de significação menos precisa: *sapatear*, *floretear*, *assetear*, *golpear*, *saborear*, *pentear*, *custear*, *esporear*, *pleitear*, *fraquear*, *coxear*, *vozear*, *saquear*, *bloquear*, *mastrear*, *folhear*, *rarear*, *chapear*, *baratear*, *laurear*, *sanear*, *planear*, *guerrear*, *altear*, *galantear*, *falsear*, *prantear*, *nortear*, *grangear*, *canhonear*, *sortear*, *clarear*, etc.

Verbos em **-ar** derivados de adjectivos em *-ante*, *-ente*, *-ento*. — São deste typo os seguintes que nada offerecem de extraordinario: *abrilhantar*, *aquentar*, *presentar*, *pacientar*, *violentar*, *aviventar*, *opulentar*, *peçonhentar*, *aparentar*, *ensanguentar*, etc.

A analogia creou porem, a par destas formações regulares, os verbos *aformosentar*, *afugentar*, *amollentar*, *emmagrentar* e alguns outros do mesmo genero, como se houvesse os etymos *formosento*, *fugente*, *mollento*, etc.

Verbos de derivação mediata pertencentes á 2.ª conjugação tomam o suffixo *-ecer* < lat. *-escere*, como *favorecer*, *fortalecer*, *escurecer*, *embranquecer*, *bolorecer*, *lourecer*, etc. É suffixo productivo de numerosos verbos, sobretudo parasyntheticos.

DERIVAÇÃO PREFIXAL

con-, com-, co- — Desnasalisa-se a vogal *õ* antes de outra vogal e antes de *l* e *r*: *co-irmão*, *co-herdeiro*, *collaborar* (pronuncie *co-laborar*), *correligionario* (pronuncie *co-religionario*), *coincidir*, *coefficiente*, *coexistir*, etc.

Antes de *m* e *n* pronunciar-se-ia outrora *cõ* e é possivel que se conservasse a nasalidade ainda por muito tempo; hoje costuma-se pronunciar com vogal pura *co-mover*, *co-migo*, *co-nexo*, *co-meter*, *co-memorar*, *co-missão*, *co-mandante*, etc., embora a graphia corrente produza a illusão de se estar nasalisando o prefixo.

A noção de companhia e as alterações de sentido por que passou a preposição *com* reflectem-se necessariamente no mesmo vocabulo usado como prefixo. Entretanto, nem sempre é possivel fazer a analyse sem recorrer ao latim. Em muitos dos antigos compostos, como *commercio*, *considerar*, *conservar*, alterou-se o sentido primitivo de tal forma que hoje em nada parecem differir de outras palavras simples.

in-, im-. — Qualquer que seja o seu valor semantico, pronuncia-se *ĩ* e está sujeito ás seguintes alterações phoneticas. Simplifica-se na vogal pura *i* antes de *l* e *r*: *illegivel*, *illegal*, *illimitado*, *illogico*, *illegitimo illetrado*, *irreligião*, *irracional*, *irresponsavel*, *irremissivel*, *irreflectido*, etc., que se dizem *i-legivel*, *i-legal*, *i-racional*, etc.

Desdobra-se em vogal *i* e consoante *n* se se combina o prefixo com palavra iniciada por vogal (ou *h*): *inevitavel*, *inexplicavel*, *inoffensivo*, *inocular*, *inefficaz*, *inhabil*, *inhibir*, *inelegante*, *inexistente*, *inesperado*.

Desdobra-se em vogal e consoante e accrescenta *e* nestes dous vocabulos: *inenarravel*, *inelutavel*.

Se em lugar de *ĩ* se usa *ẽ* (graphia *en-*, *em*), dá-se desdobramento antes de vogal ou *h*, como em *enaltecer*, mas a nasalidade se conserva antes de *r* e *l*: *enrijar*, *enrolar*, *enraivar*, *enlutar*, *enrugar*, *enroupar*, *enroscar*, *enlodar*, *enlamear*, *enraizar*, etc.

Usa-se ĭ com dous valores semanticos de accordo com a sua origem dupla:

a) prefixo negativo: *incompleto*, *inutil*, etc.;

b) adverbio-preposição latina *in* com sentido directivo: *inundar*, *implantar*, *inscrever*, *inspirar*, *insurgir*, *incorrer*, *immigrante*, etc.

De muitos dos vocabulos desta segunda especie não se pode fazer analyse semantica sem remontar ao latim. A forma ẽ é a romanisação, no Occidente, de *in* adverbio-preposição: *ensinar*, *entender*, *emprestar*, *emprehender*, etc.

des- — Contrariamente a alguns grammaticos, penso que este prefixo não procede da juncção das preposições latinas *de* e *ex*. Semelhante operação não se fazia em latim culto e é improvavel que o latim vulgar, onde justamente o emprego de *ex* como preposição tendia a desapparecer, sentisse a necessidade de aggregal-a a outra particula para constituir prefixo duplo. A meu ver, *des-*, como prefixo usado com sentido negativo ou de contradicção, é a romanisação de *dis-*, forma esta que se manteve inalterada em certo numero de vocabulos recebidos da lingua-mãi, mas cuja faculdade de crear novos termos dentro do dominio da lingua portugueza se transferiria á forma *des-*. A alteração phonetica veio acompanhada de sensivel differenciação semantica, desenvolvendo-se fortemente o sentido negativo que se começava a observar em latim *dispar*, *dissimilis*, e outros vocabulos, apagando-se ao mesmo tempo o sentido de separação ou divisão proprio do prefixo latino.

Phenomeno linguistico de outra ordem é o emprego de *des-* com sentido positivo, ou pleonastico, resultante não da fusão de elementos latinos, mas da confusão de elementos já romanisados. É aliás extremamente diminuto o numero de vocabulos dest'outra especie; foram creados depois de constituido o idioma, e usam-se, quasi todos, como meras variantes de outras formações: *desinquieto* e *inquieto; desalliviar* e *alliviar; desfarelar* e *esfarelar; descalvado* e *escalvado; descampado* e *escampado* e alguns mais.

Como successor do lat. *dis-*, produz o prefixo *des-* substantivos que denotam:

a) cousa contraria ou falta daquillo que é denotado pelo termo primitivo: *desabrigo, desordem, desconfiança, desconforto, desprimor, desamparo, desaccordo, desharmonia, desventura, deshonra, desavença, desattenção, desrespeito, desequilibrio, desproporção, descaso;*

b) cessação de algum estado: *desengano, desillusão, desaggravo, desuso;*

c) cousa mal feita: *desserviço, desgoverno.*

Forma adjectivos em que se nega a qualidade primitiva: *descortez, deshumano, desconnexo, desconforme, desleal, desnatural, desigual.*

Nos verbos denota:

a) acto contrario ao acto expresso pelo verbo primitivo: *desenterrar, desfazer, desabotoar, desenrugar, desapertar, desentupir, desobedecer, desembrulhar, desatar, descoser, desembainhar, desembaraçar;*

b) cessação da situação primitiva: *desempatar, desopprimir, desmammar, desenganar, desimpedir;*

c) tirar ou separar alguma cousa de outra: *descascar, desmascarar, descaroçar, desbarbar, desbarrar, desfolhar, desbarretar;*

Em *desfigurar* denota mudar de aspecto.

ex- — Reapparece em portuguez em vocabulos recebidos do latim ou que a esta lingua se foram buscar ulteriormente. Romanisada, usamol-a sob a forma *es-* e com função diversificada da latina. Serve-nos sobretudo para a formação de parasyntheticos verbaes que denotam acções demoradas ou movimentos frequentemente repetidos: *esfriar, esquentar, espernear, espreguiçar, esgravatar, escoucear, esbombardear, esburacar, esvoaçar,* etc.

re- — Une-se com verbos e tem o valor adverbial de «outra vez», «de novo»: *reassumir, reatar, recomeçar, recompôr, rehaver, reconquistar, reconstruir, reeleger, refazer, refundir, reimprimir, reviver, renascer, reproduzir, restabelecer, reanimar, reapparecer, reflorir, referver, retomar,* etc.

O mesmo sentido tem o prefixo no parasynthetico *remoçar*, «ficar outra vez moço». A idéa que prevalece no espirito, ao crearem-se taes verbos, é a de volta, com vigor

novo, ao ponto inicial de acções que com o tempo se enfraqueceram, alteraram ou desfizeram. Se imaginamos que a acção primitiva não tem perdido, antes augmenta a sua energia, então o prefixo *re-* indica o contra-movimento acompanhado de esforço com o fim de paralysar ou inutilisar aquella energia: *refluir*, *reagir*, *repugnar*.

Ás vezes subsiste sómente a idéa contraditoria ou negativa, como em *reprovar*, em relação a *approvar*. Outras vezes torna-se dominante a noção de acto repetido: *recortar*, *retalhar*. Em *resaudar* significa «retribuir a saudação»

Na linguagem comica de Portugal encontramos *re-* com valor reforçativo em combinação com outras palavras alem dos verbos:

Isto é cama não de bem, mas de *rebem* (A. Prestes, 310) — Quero e sou *recontente* (ib. 323) — Mui *resenhor* meu (ib. 185) — Eu adivinhei primeiro esta *redoudice* rasa (Chiado, Nat. Inv. 86) — Vós sois meu *resenhor* (ib. 33) — SAP: Digo-te que *re-não* quero. DIABO: Digo-te que si, *re-si* (G. Vic. 1, 224).

soto-, sota- — Do lat. *subtus: sotavento, sotopôr*. Usava-se outrora em combinação com alguns substantivos para designar o individuo que, em caso de impedimento de outrem, lhe suppria a função:

Sota-comitre, sota-capitão, sota-piloto (Sousa, S. Dom. 143), *soto-capitão* (Castanh. 1, 68).

suso- — Do lat. *susum*<*sursum*. Occorre em port. ant. combinado com alguns participios significando «acima»: *susodito*, *susonomeado*.

sobre-, super-, supra- — O port. ant. utilisa-se geralmente da forma *sobre-* em innumeros vocabulos que continuam a dizer-se do mesmo modo ainda hoje. As formas eruditas *supra-* e *super-* são de predilecção da linguagem moderna em *supradito* por *sobredito*, *superposição* por *sobreposição*, *supranumerario* e nos termos creados novamente ou que se vão buscar ao latim: *superintendente*, *supersensivel*, *superfetação*, etc.

ante- — Tanto exprime tempo como lugar: *ante-hontem*, *ante-vespera*, *ante-camara*, *ante-sala*.

anti- — Prefixo grego, usado para significar opposição de idéas, de sentimentos, de tendencias, de crenças, etc.: em *anti-militar*, *anti-social*, *anti-semita*, etc.; e

effeito contrario ou combativo de certo estado em *antiseptico*, *anti-rheumatico*, *anti-hygienico* e outros vocabulos analogos, creados na maior parte em nossos tempos. Bem mais antigos que todas essas creações são *Antichristo*, termo vulgarisado pela religião christan para designar certo ente que está por vir ao mundo e que será o contrario de Christo, e *antipapa*, que era o papa schismatico eleito em opposição ao papa legitimo.

circum-: *circumvizinho*, *circummurado*. Outras formações com este prefixo remontam á lingua latina.

cis- — Em vocabulos creados pela linguagem culta: *cisalpino*, *cisplatina*. Significa «da parte d'aquem».

vice-, viso-, vis- — Procedem do lat. *vice*. A variante *viso-* usou-se em *viso-rei;* hoje se diz sómente *vice-rei*. Applicava-se este termo ao governador nomeado para representar o rei em provincia ou colonia afastada da metropole. *Vis-* occorre em *visconde*, é o titulo immediatamente abaixo de *conde*. *Vice-almirante* significa posto immediatamente inferior a *almirante*. *Vice-* exprime o titulo dado a pessoa que deve substituir a outrem nos seus impedimentos nestas formações: *vice-presidente*, *vice-consul*, *vice-chanceller*, *vice-reitor*, *vice-mordomo*.

bis- — Do lat. *bis* usa-se em *bisavô*, *bisneto*, e em termos cultos *bissexto*, etc.

pre-, pro-, per- — Usados em formações eruditas com o mesmo sentido que tinham em latim.

contra- — Prefixo muito fecundo: *contra-veneno*, *contra-senso*, *contratempo*, *contraminar*, etc.

entre-, inter- — A forma romanceada *entre-* (que em port. ant. ás vezes alternava com *antre*) soffreu sempre a concorrencia da forma latina, porem menos no port. ant. que no falar hodierno, mais propenso a latinisar as creações novas. A par de *entrever* temos *intervir* (port. ant. *entrevir*) e possuimos *entremetter*, *entremeio*, *entrecorrer*, *entretecer*, *entreter*, etc., ao mesmo tempo que *intermedio*, *intercurso*, *interlunio*, *interoceanico*, etc.

so-, sub- — A preposição *so* do port. ant. foi desbancada em port. moderno pela forma erudita *sob* que se trans-

forma em *sub* quando serve de prefixo. Como elemento formativo conservou-se todavia *so* em *sonegar*, *sobraçar*, *soerguer*, *sujeitar*, *sujeição*, *sujeito* (por *sojeitar*, etc.), *soterrar*, *sorrir*, embora tal não succedesse com os antigos *sojogar*, ou *sogigar*, *somerger*, *soverter* e *someter* (ainda usado nos Lusiadas).

trans- — Conservou-se esta forma nas palavras portuguezas onde prevalece a tendencia culta. A linguagem popular alterou-o em *tras-*, *tres-*, *tra-*, *tre-*: *tresladaçom* (Corte Imp. 127, 128), *traladaçom* (ib. 129), *treladaçom* (ib.), *tresladar* (ib.), *traladado* (ib.), *trasmudar* (ib. 46), *tresmudar*, *trasbordar*, *traspassar*, *tresvariar*, *tresler*, *tresloucado*, *tresfolegar*.

DERIVAÇÃO PARASYNTHETICA

Na derivação commum, em que de um vocabulo primitivo se tira um vocabulo novo, faz-se uso ou da suffixação ou da prefixação. Occorrem entretanto palavras, como os verbos *ajoelhar*, *embarcar*, *apodrecer*, para cuja formação parece haver-se recorrido ao emprego simultaneo de um e outro processo derivativo. Dá-se-lhes o nome de *parasyntheticos*, e são geralmente verbos ou parasyntheticos verbaes; rarissimos são os parasyntheticos nominaes ou nomes directamente constituidos pelo duplo processo. A particula nestas formações não affecta o sentido proprio do nome (substantivo ou adjectivo) que serve de elemento radical, e a sua presença, em certos casos, não influe na significação verbal. *Aquietar*, *enverdecer*, *emmurchecer* usam-se como equivalentes de *quietar*, *verdecer*, *murchar*.

A particula pode ser um verdadeiro prefixo, como *es-*, que accrescenta ao verbo a idéa de acção completa (*esvasiar*), de acção repetida (*esbombardear*, *escoucear*), de acção dispersiva (*esfarelar*), etc. Pode tambem ter caracter de preposição, como *a-*, *em-*, e neste caso é de notar que os chamados parasyntheticos são devidos antes a nomes preposicionados do que a simples nomes como elementos derivantes. De *forca* se derivaria naturalmente *forcar;* mas a idéa de «lugar onde», *em forca*, do pensamento latente «pôr em forca», fez com que se creasse *enforcar;* de *pobre* bastaria derivar *pobrecer* se não fosse o pensamento «transformar em pobre», tirando-se pois de *em pobre* o verbo *empobrecer;* do pensamento «passar a podre», isto é, ao estado de podre, veio *apodrecer*. E assim por diante, presidindo ás combinações com *em* e *a* a idéa de «pôr em algum lugar», «passar a algum estado ou situação», ou outra idéa correlata. Sobre os primeiros modelos desta especie creou naturalmente a analogia numerosos outros derivados, nem sempre cogitando de lhes analysar o sentido.

Parasyntheticos verbaes com base substantiva: *abençoar*, *amaldiçoar*, *ajoelhar*, *apoderar*, *aninhar*, *encarecer*, *enclausurar*, *avistar*, *apinhar*, *atapetar*, *apregoar*, *enfileirar*, *embeiçar*, *enregelar*, *encorporar*, *espiolhar*, *esfarelar*, *acolchoar*, *abotoar*, *aleitar*, *espavorir*, *esgaravatar*, *esburacar*, *espreguiçar*, *espesinhar*, *esfrangalhar*, *espernear*, *esvoaçar*, *esfusilar*, *amanhecer* (<*amanhãecer*), *anoitecer*, *associar*, *acariciar*, *amotinar*, *engatilhar*, *ensaboar*, *enraizar*, *encolerisar*, *embainhar*, *embarcar*, *empestar*, *apestar*, *afunilar*, *acutilar*, *avinhar*, *apavorar*, *empastelar*, *empapelar*, *enforcar*, *alistar*, *enraivecer*, *ageitar*, *embarrilar*, *envasilhar*, *enfarinhar*, *acorrentar*, *afadigar*, etc.

Parasyntheticos verbaes com base adjectiva: *avivar*, *aligeirar*, *enrijar*, *enrijecer*, *aquietar*, *entesar*, *engordar*, *entortar*, *endireitar*, *encrespar*, *esfriar*, *empeorar*, *afear*, *avermelhar*, *adelgaçar*, *aformosentar*, *empobrecer*, *enriquecer*, *esclarecer*, *esquentar*, *esvasiar*, *apodrecer*, *amadurecer*, *aportuguezar*, *enlouquecer*, *ensandecer*, *engrandecer*, *endurecer*, *amollecer*, *entristecer*, *enfraquecer*, *embrutecer*, *enrouquecer*, *ennegrecer*, *ennobrecer*, *empallidecer*, *ensurdecer*, *emmudecer*, *envelhecer*, *enternecer*, *entorpecer*, *encarecer*, etc. Em *adoecer*, *aquecer*, *esmiuçar* houve reducção dos adjectivos *doente*, *quente*, *miudo*. *Adormecer* e *estremecer* procedem dos verbos *dormir* e *tremer*. Parecem filiar-se ás formas *dormente* e *tremente*.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Consiste a derivação, segundo o exposto nas paginas precedentes, em formar um vocabulo novo addicionando a outro vocabulo ou a seu radical um prefixo ou um suffixo. O termo derivado resulta da ampliação do termo derivante.

Alem deste processo normal, existe outro, o da derivação regressiva, em que se faz exactamente o contrario, obtendo-se a palavra nova, não por addição, mas por subtracção do elemento formativo. Dá-se este phenomeno por um erro de raciocinio. O termo pre-existente é realmente primitivo, mas produz a impressão de ser derivado por causa da sua semelhança com outros vocabulos que, por sua vez, são derivados; e assim vai-se-lhe crear um supposto termo derivante á guisa dos derivantes dest'outros vocabulos.

Na formação das palavras de derivação regressiva o portuguez não faz mais do que continuar um processo já usado em latim, sobretudo na linguagem vulgar. De *usus, cantus* se derivaram *usare, cantare* quando foi desapparecendo o emprego dos verbos *uti* e *canere,* e de *cursus* se formou *cursare,* que se empregou a par de *currere.* Dados estes modelos de derivação regular, crearam-se analogamente os substantivos *computus* e *costus* para os verbos *computare* e *costare*<*cŏnstare;* mas nest'outros casos procedeu-se á derivação regressiva.

Aos substantivos assim originados de verbos costumam os linguistas chamar **deverbaes** ou **postverbaes,** ou simplesmente, substantivos **verbaes.** Esta ultima denominação é pouco aceita.

A linguagem popular é mais propensa a crear e empregar substantivos *deverbaes* do que a linguagem culta. Nas obras escriptas em port. ant. nota-se a falta de muitos admittidos em port. moderno. É possivel que a productividade se tenha manifestado mais fortemente do seculo XVI para cá; mas a escassez dos deverbaes na antiga linguagem

literaria pode tambem ser devida á circumstancia de se considerarem muitos desses vocabulos como expressões demasiadamente plebéas. Ainda hoje possuimos exemplos disso. Tendo o substantivo *almoço* produzido o verbo *almoçar*, o povo regressivamente creou de *jantar* o substantivo *janta*, termo não empregado pelos que timbram em falar «correctamente».

Os deverbaes podem ser masculinos ou femininos. Alguns têm ao mesmo tempo forma masculina e feminina. Sem fazer distinção entre os que vieram do latim e os que em epocas differentes se formaram no seio da lingua portugueza, mencionamos:

1.º masculinos em *-o: amparo, desamparo, atrazo, adorno, arranjo, assento, amanho, castigo, fustigo, emprego, nado, reclamo, esforço, reforço, vôo, escôo, erro, começo, choro, embargo, desmancho, apparelho, appello, degelo, repouso, recuo, descuido, transtorno, reparo, mergulho, suspiro, afinco, descanço, desprezo, mando, desmando, commando, confronto, rodeio, galanteio, bloqueio, garganteio, gorgeio, grangeio, custeio, vozeio, floreio, passeio, festejo, gargarejo, gracejo*, etc.

2.º masculinos em *-e: embarque, desembarque, combate, rebate, levante, destaque, corte, toque, porte, transporte, traspasse, debate, encaixe, realce*, etc.

3.º femininos em *-a: amarra, pesca, replica, supplica, perda, apara, sobra, conserva, descarga, leva, engorda, desova, desobriga, derruba, renuncia, denuncia, disputa, affronta, duvida, muda, fala, lavra, rega, esfrega, apanha, visita, escolha, entrega*, etc.

4.º masculinos e femininos: *pago, paga; custo, custa; troco, troca; achego, achega; grito, grita; ameaço, ameaça.*

COMPOSIÇÃO

Chama-se palavra composta a toda combinação de vocabulos que serve de nome especial para certo genero de seres, ou com que se exprime algum conceito novo, differenciado do sentido primitivo dos elementos componentes. É o resultado da evolução e fusão semantica destes elementos, devendo-se notar que muitas das actuaes palavras compostas, antes de se fundirem semanticamente para representar uma idéa simples, tiveram um periodo de existencia bastante longo em que não se distinguiam de outros grupos syntacticos. Em outros casos o processo da composição effectua-se desde logo ou em tempo muito breve.

A par daquelles exemplos que satisfazem a todos os requisitos, mostrando consummada por completo a fusão semantica, occorrem naturalmente combinações que se acham ou parecem achar-se na phase de transição, isto é, em via de se tornarem palavras compostas. Difficultam sobremodo a analyse, não sendo de admirar que a seu respeito reine desaccordo entre linguistas, classificando uns como verdadeiras palavras compostas o que a outros se afigura como meros grupos syntacticos do typo commum.

As denominações «juxtaposição» e «palavras juxtapostas» usam-se ás vezes para assignalar essas combinações de categoria duvidosa, mas não se podem tomar em sentido rigoroso. Darmesteter, querendo estabelecer differença exacta entre composição e juxtaposição, propoz um criterio simples, mas tão insustentavel na pratica, que não poude deixar de provocar a justa critica de Bréal, A. Thomas, Nyrop, Wundt e outros. Segundo o notavel investigador, a ellipse seria a essencia da composição, ao passo que a juxtaposição consistira na soldadura mais ou menos intima de elementos reunidos sem ellipse, simplesmente postos uns ao lado dos outros segundo as regras ordinarias da syntaxe.

Pôr ellipse entende-se ahi tanto a ausencia de palavra ou frase que em certos casos liga o sentido dos termos componentes (p. ex. no fr. *timbre-poste*), como tambem o desapparecimento da terminação ou parte da terminação do primeiro componente (como em *liquefazer*). Mas é preciso notar que o primeiro termo pode, na sua parte final, soffrer tambem alterações que não se capitulam de ellipse; de maneira que o lat. *manifestus* (por *manufestus*) não seria nem propriamente juxtaposto nem composto. Bréal chama a attenção para semelhantes casos, e, contrariando a doutrina, sustenta que em francez *beau-frère, belle-fille, beau-père* são verdadeiros compostos, pois que para os constituir é condição necessaria e bastante que dous termos reunidos façam sobre o espirito a impressão de uma idéa simples. «Logo que o espirito reune em uma só idéa duas noções até então separadas, todas as sortes de reducções ou de petrificações do primeiro termo se tornam possiveis. Mas são factos accessorios, cuja presença ou ausencia em nada altera a essencia das cousas. A verdadeira composição tem seu criterio no espirito.»

Accrescente-se a estas considerações que o composto representa uma idéa simples, porem caracterisada geralmente pela alteração ou especialisação do sentido primitivo. O francez *beau-père* significa «sogro» e nada mais tem que ver com as noções «bello» e «pai». *Guarda-roupa* não é qualquer objecto onde a roupa se guarda, e sim certo movel construido para tal fim.

Não ha orthographia uniforme para as palavras compostas; umas quer a convenção que se escrevam reunindo os termos em um só vocabulo; outras se representam interpondo o traço d'união; para outras finalmente é costume escrever os termos separadamente como se não houvesse composição alguma.

Custa-nos considerar do mesmo modo que os compostos de typo commum aquellas combinações de palavras ou frases de que a nossa fantasia, por metaphora ou qualquer motivo desconhecido, se serve para dar nome a plantas, a animaes e a certos objectos, como sejam: *amor-perfeito, linda-flor, cravo de defunto, herva de S. João, malmequer, bemmequer, alma de gato, amor-de-homem, malicia-de-mulher, pé-de-moleque*, etc.

Nas denominações *pica-pau*, para a ave que se singularisa por trabalhar com o bico no tronco das arvores, e *girasol*, flor que acompanha o movimento solar, usam-se palavras compostas tomadas no sentido proprio e susceptiveis de analyse quer morphologica, quer semantica. Mas o nome *amor-perfeito* não tem outra significação senão que o termo *amor* com um qualificativo se applicou por metaphora para designar certa especie de flor e a respectiva planta. *Linda-flor*, se não fosse sabermos ser o nome vulgar dado a certa planta do genero *Coreopsis*, seria um disparate, pois que afinal de contas qualquer flor de jardim pode ser linda.

Mas ainda assim, apesar de não serem estas expressões tomadas em sentido proprio, não as excluiremos da categoria das palavras compostas. Metaphoricas ou não, preenchem a condição necessaria, pois denotam uma idéa simples e se usam com accepção especial. *Amor-perfeito* ou *linda-flor*, como denominação de certas especies de plantas, tem sentido restricto do mesmo modo que *pica-pau*, que não é applicavel a qualquer ave que fere com o bico o tronco das arvores.

Os vocabulos que constituem a palavra composta podem ser dous substantivos, combinados ou directamente ou por meio de preposição; dous adjectivos; adjectivo combinado com substantivo; um dos termos pode ser pronome adjunto, ou numeral, sendo o outro um substantivo; pode-se unir uma particula (preposição ou adverbio) a nome ou verbo; e pode finalmente resultar a palavra composta da junção de verbo com substantivo ou com outro verbo.

Quando se estuda o phenomeno da composição dentro do dominio de certo idioma, deve-se attender principalmente ao que esse idioma tem produzido com seus proprios recursos. Não servem de prova para os factos palavras compostas pre-existentes á formação do dito idioma, ou importadas de outra lingua, dando a impressão de palavras simples. Pela creação do vocabulo *vinagre*, fr. *vinaigre*, ital. *vinagro* não é responsavel a lingua portugueza, e este exemplo não attestaria a possibilidade de formarmos um vocabulo novo, combinando um substantivo com um adjectivo. A analyse em portuguez daria aliás mau resultado,

primeiro porque não consta que existisse nesta lingua algum adjectivo popular com a forma *agre;* em segundo lugar, parece que o resultado da composição, na melhor hypothese, havia de ser *vinhagre.*

Combinação de SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO. — A lingua portugueza não revela muita facilidade em formar por si palavras novas juntando um substantivo a outro, excepto para as denominações de animaes e plantas. Varios dos termos assim constituidos que andam disseminados pelo nosso lexico, não têm valor para a analyse, por serem traducções ou aportuguezamentos de expressões que tiveram seu berço fora de Portugal. *Couve-flor* e *beterrava* transplantaram-se do fr. *chou-fleur*, ital. *cavoli-fiori* e fr. *betterave. Quartel-mestre* e *vagomestre* correspondem ao fr. *quartier-maître* e *vaguemestre*, imitações do all. *Quartiermeister* e *Wagenmeister. Café-concerto* veio directamente de França. *Caixeiro-viajante, algodão-polvora, carro-dormitorio, papel-moeda* traduzem, e de maneira feliz, *commis-voyageur, coton-poudre, wagon-lit, papier-monnaie.* As proprias expressões *mãi-patria, lingua-mãi, astro-rei,* que tanto nos agradam, não brotaram espontaneamente em solo lusitano; antes dos portuguezes já os francezes diziam *mère-patrie, langue-mère, astre-roi,* etc.

Creação lusitana, senão hespanhola, é a palavra *arco-iris.* A par da expressão *arco-celeste* (e pop. *arco da velha*) havia o termo *iris*, que significava a mesma cousa. Ainda em Vieira, Serm. 9, 312:

E em roda do tronco... vio hũa Iris, ou Arco celeste: 9,450: *A Iris ou Arco celeste he o sinal da paz que Deus deu aos homens desde o tempo do Diluvio.*

Ligou-se por fim um substantivo a outro, ficando eliminado, por desnecessario, o adjectivo especificador do primeiro vocabulo.

Sem influencia estrangeira se crearam ainda *fidalgo-aprendiz, parede-mestra, chave-mestra* e outros compostos formados com o termo *mestre* ou *mestra* (exceptuando naturalmente *quartel-mestre* e *vagomestre*).

As combinações *mestre-sala, mestre-escola* estão em lugar de *mestre de sala, mestre de escola.* A preposição não se supprime em *mestre de capella, mestre de armas, mestre de cerimonias, mestre de obras,* etc.

Nas denominações de animaes e objectos o segundo termo tem geralmente função descriptiva e indica a semelhança ou alguma relação remota que o animal ou objecto ou alguma de suas partes tem com outro ser: *peixe-espada*, *peixe-agulha*, *peixe-boi*, *peixe-serra*, *urubu-rei*, *tamanduá-bandeira*, *porco-espinho*, *pombo-leque*, *manga-espada*, etc.

Combinação de SUBSTANTIVO+PREPOSIÇÃO+SUBSTANTIVO — Condiz a formação desta especie de palavras compostas muito com a indole da lingua. Umas se caracterisam pela delimitação de sentido, servindo para designar certas condições especiaes de pessoas ou certos objectos determinados; outras são denominações dadas por metaphora a objectos em virtude de sua semelhança com outras cousas ou por outro motivo qualquer: *homem de estado*, *pai de familia*, *estrada de ferro*, *mãi d'agua*, *menina dos olhos*, *arma de fogo*, *orelha de pau*, *pé-de-gallinha*, *pé-de-cabra*, *unha de boi*, *beijo de frade*, *brinco de princeza*, etc.

SUBSTANTIVO + ADJECTIVO — Em umas combinações o adjectivo vem posposto ao substantivo; em outras, vem em primeiro lugar.

1.º O adjectivo vem depois do substantivo: *agua-forte*, *amor proprio*, *aguardente*, *agua-regia*, *aguas furtadas*, *arma branca*, *Idade-Media*, *mão-morta*, *cabra-cega*, *fogo fatuo*, *sangue frio*, *obra prima*, *mão cheia* (ou *mancheia*), *criado-mudo*, *mãos-rotas*, *mão-pendente*, *mão-tenente* (na frase *á mão tenente*), etc.

Ás vezes os dous vocabulos se unem mais intimamente, soffrendo o primeiro termo alteração ou perda de sons na sua parte terminal: *boquiaberto*, *manirroto*, *cabisbaixo*, etc.

2.º Vem em primeiro lugar o adjectivo: *gentilhomem*, *preia-mar*, *baixa-mar*, *bellas-artes*, *livre-pensador*, *meia-cara*, *meia-idade*, *meia-noite*, *meio-dia*, *alto-forno*, etc.

ADJECTIVO+ADJECTIVO — Unem-se muitas vezes dous adjectivos, ora para indicar que alguma pessoa ou cousa participa ao mesmo tempo de uma e outra qualidade, como em *surdo-mudo*, *claro-escuro*, *luso-brasileiro*, *anglo-saxonio*, *tragi-comico* (por *tragico-comico*), *heroi-comico*, ora para delimitar o sentido de um dos qualificativos, como em *verde escuro*, *azul marinho*, etc.

Pronome + substantivo — Combinações desta especie são *Nosso Senhor* e *Nossa Senhora*, expressões usadas como equivalentes de «Deus» e «Sagrada Virgem», e bem assim as formas de tratamento empregadas para pessoa de certa categoria *Vossa Alteza*, *Vossa Paternidade*, *Vossa Senhoria*, *Sua Santidade*, etc.

Numeral + substantivo — Occorre esta formação em *bisavô*, *bisneto*, *trigemeo*, *tres-folhas*, *mil-homens*, etc. Os nomes dos dias da semana *segunda-feira*, *terça-feira*, etc., vieram ao portuguez do latim vulgar *secunda-feria*, *tertia-feria*, etc., expressões perfeitamente documentadas no texto de lat. vulgar da *Peregrinatio Aetheriae*.

Combinações com os adverbios mal e bem — É consideravel o numero de palavras compostas formadas com o auxilio destes adverbios: *bemdizer*, *maldizer*, *maldição*, *bem-aventurado*, *mal-aventurado*, *bem-afortunado*, *bem-criado*, *malcriado*, *mal-intencionado*, *bem-intencionado*, *mal-andante*, *bem-soante*, *mal-soante*, *bem-ferido*, *maltratar*, *mal-soffrido*, *malbaratar*, *malquerença*, *bemquerença*, *malquisto*, *bemquisto*, *malfeitor*, *mallograr*, *mallogro*, etc.

Combinação de verbo + substantivo: *Saca-rolhas*, *saca-trapo*, *beija-flor*, *quebra-nozes*, *quebra-cabeça*, *quebra-mar*, *tira-flor*, *tira-teimas*, *limpa-trilhos*, *limpa-chaminés*, *lança-perfumes*, *furta-fogo*, *fura-bolos*, *fura-paredes*, *guarda-louça*, *guarda-roupa*, *guarda-mão*, *guarda-braço*, *guarda-comida*, *mata-fome*, *mata-mouros*, *mata-pau*, *mata-ratos*, *mata-cavallo*, *manda-chuva*, *desmancha-prazeres*, *trinca-nozes*, *trinca-pintos*, *espanta-ratos*, *espia-maré*, *troca-tintas*, *lava-pés*, *lava-pratos*, *pica-peixe*, *pica-pau*, *mata-piolho*, *passatempo*, *passa-culpas*, *bate-folhas*, *bate-estacas*, *pinta-monos*, *busca-pé*, *tiradentes*, *louva-Deus*, *ganha-pão*, *papa-vento*, etc.

Posto que *portar* não se use em portuguez com o sentido transitivo de «trazer», «segurar» (como fr. *porter*, ital. *portare**), attribue-se-lhe comtudo tal accepção empregando-o, á imitação do estrangeiro, nos compostos: *porta-voz*, *porta-bandeira*, *porta-estandarte*, *porta-lapis*, *porta-relogio*, etc.

*) De uso corrente é todavia o termo *portador*. O verbo *portar* occorre nos Foraes, *portar armas*, e em outros documentos antigos. Depois cahiu em desuso.

Tambem não são de genuina creação indigena os termos *parapeito, para-quedas, para-raios, para-vento,* apparentemente formados com o auxilio do nosso verbo *parar*. *Parapeito,* usado em port. da Renascença, foi importado do ital. *parapetto*. *Para-quedas* é simples aportuguezamento de *parachute,* creado pelo aeronauta Blanchard. *Para-raios* e *para-vento* vieram ao idioma por ageitamento do fr. *paratonnerre, paravent,* ital. *paravento*. Postos de parte estes poucos vocabulos, que se devem á pre-existencia de denominações estrangeiras para certos objectos, não se conhecem em portuguez nomes compostos em que se applicasse o verbo *parar* com o sentido que ahi se lhe dá.

Na analyse das combinações de verbo com substantivo suscitou-se duvida sobre a forma verbal empregada, se seria a 3.ª do sing. do presente do indicativo, ou se a 2.ª do sing. do imperativo. Darmesteter examinou minuciosamente o caso no tocante á lingua franceza e chegou á conclusão de que, para os vocabulos mais antigos, se recorreu geralmente ao imperativo. Nos compostos de creação moderna, estudando a linguagem do povo e interrogando a operarios, poude convencer-se de que para os nomes de certos utensilios não tinham esses homens senão o sentimento da forma indicativa. «De facto, pode affirmar-se que o povo vê commummente nestas especies de palavras um indicativo, e nada mais, e que, portanto, todos os compostos creados em nossos dias para satisfazer ás necessidades do commercio e da industria, contêm na realidade o indicativo: *Porte-cigares, copie-lettres, serre-papiers,* etc.».

Chegando a este resultado objectivo, devia, me parece, o notavel investigador contentar-se com assignalar os dous processos differentes. Seduzido todavia pelos seus proprios estudos sobre a forma imperativa como elemento componente, prosegue e, em argumentação erudita e brilhante, mas não satisfatoria, procura firmar uma doutrina geral, parecendo-lhe por fim poder submetter os compostos modernos á sua these favorita, de modo que os supra-ditos exemplos *porte-cigares,* etc., acabam por figurar na lista dos compostos com o verbo no imperativo.

Que o uso desta forma verbal prevalecesse a principio, não se contesta. Nem se negará o seu emprego em alguns compostos modernos, sobretudo levando-se em conta o espi-

rito gallez. Em lingua portugueza haverá alguma cousa de analogo; mas em geral, não se pode afastar a convicção de que domina o sentimento do emprego do indicativo e que com este sentimento se creou a maior parte dos vocabulos compostos de verbo e substantivo. Não creio que fosse preciso dirigir-se uma pessoa a um objecto material, a modo de ordem, para que nascesse o termo *saca-rolhas*. A falta de nomes apropriados com que designar cousas e caracterisar pessoas, suscita instintivamente a idéa de se appellidarem, e de maneira bem expressiva, aquellas pela sua função, pelo fim a que servem, estas pelos actos ou attributos particulares que as differençam de outras pessoas. Quer isto dizer que a estas denominações typicas que se enunciam por meio de palavras compostas de verbo e substantivos, precedem e estão latentes pensamentos mais desenvolvidos, v. g. «objecto que saca rolhas», «instrumento que quebra nozes», «ave que beija flor», «homem que desmancha prazeres», «caranguejo que espia maré», «officio com que se ganha pão», etc. Mas o individuo falante, confiado na sagacidade do ouvinte, deixa de parte dizeres desnecessarios. Basta antepôr artigo á combinação de 3.ª pessoa verbal com o substantivo, para se entender desde logo que se trata de algum ente a quem é proprio tal acto ou função.

O segundo elemento componente, isto é, o substantivo, faz em geral papel de objecto directo. Soffre comtudo restricções a regra quando o nome se combina com a forma verbal *guarda-* e este verbo se toma no sentido de «resguardar» ou «proteger contra». Em *guarda-roupa*, *guarda-comida*, *roupa* e *comida* é aquillo que se guarda; mas em *guarda-lama*, *guarda-chuva*, *guarda-sol*, *guarda-pó*, entende-se que os respectivos objectos resguardam *contra* a lama, a chuva, o sol, o pó. Esta ultima interpretação é tambem a que cabe no caso de *para-raios*, *para-quedas*, *para-vento*, como nos equivalentes *guarda-raios*, *guarda-vento*, *guarda-quedas*, ao passo que *parapeito* se diz de parede ou muro que ampara ou resguarda o peito.

VERBO + VERBO — São poucas as combinações desta especie: *Vai-vem*, *perde-ganha*, *ganha-perde*, *corre-corre*.

Syntaxe

PROPOSIÇÃO EM GERAL

«Definição do conceito da proposição que seja geralmente aceita, não existe.» Com esta observação preliminar expõe Brugmann as divergentes definições formuladas pelos pensadores modernos que mais profundamente meditaram sobre tão importante assunto. Não as commenta, não as critica; não propõe formula que as substitua. Mas assignala como um dos pontos principaes do desaccordo a maneira de encarar as interjeições, os vocativos, os verbos impessoaes e, até certo ponto, os imperativos.

Feito este reparo na *Kurze vergleichende Grammatik* (1904), Brugmann dedica-se ao estudo do problema e, annos depois, publica em monographia os resultados das suas investigações apresentadas á Sociedade Saxonia de Sciencias de Leipzig. Nesta monographia, em que o eminente glottologo se abstem de definir o que seja oração, vêm analysadas as relações entre as condições psychicas e as formas oracionaes que as exprimem, relações cuja existencia todos reconhecem, mas cujo estudo anda esparso por uma porção de capitulos de qualquer grammatica scientifica, sem que ninguem se atreva a incluil-o e desenvolvel-o no capitulo da oração propriamente dita. Temos por judiciosas as observações de Brugmann e faremos por aproveitar suas idéas nesta parte de nosso livro.

Quanto a definir a proposição, oração ou sentença, sem pretender dizer melhor do que Hermann Paul, Delbrück e Wundt, quer-nos parecer que, alem da questão dos verbos impessoaes, interjeições, etc., persiste ainda uma grave difficuldade, que se aplainaria um tanto se os grammaticos se aferrassem menos a certos principios de logica e os psychologos se desacostumassem um pouco mais de ver na

linguagem com que se exprime a oração o reflexo perfeito da creação do pensamento e deixassem de identificar sempre a combinação dos termos da oração com o processo mental de juntar conceitos. Conviria reflectir que um pensamento não se exprime necessariamente da mesma maneira, com o mesmo numero de palavras, nas diversas linguas do mundo.

Definir grammaticalmente a proposição recorrendo a principios estabelecidos na logica tradicional, é mover-se em circulo vicioso; pois que a logica, neste caso, não podendo penetrar directamente no processo psychico, teve de fundar as suas conclusões na manifestação deste processo por meio da linguagem. O que a logica estabelece e ensina parece racional em certos casos geraes; não assim em outros. A proposição *a arvore é verde* não se apresenta em nosso cerebro decomposta em *arvore* e *verde*, como duas imagens distintas que se vêm juntar para constituir o pensamento. Por outra parte, podemos com um só vocabulo, como *amo, escrevo,* expressar duas idéas, a do acto e a do individuo que o pratica.

Se se considera quão facilmente qualquer pessoa com certo preparo escolar aponta, em um trecho de leitura, as diversas orações explicitas e as distingue umas das outras, parece que estas, pelo menos, devem ter certos caracteres faceis de perceber sem ser preciso ir procurar nos refolhos do raciocinio se o enunciado confere ou não com o processo que ahi se passa. No discurso puramente expositivo reconhecem-se taes orações, uma por uma, pelos differentes verbos no «modo finito», o que quer dizer que se notam — segundo a linguagem de nossa lexeologia — tantas proposições quantas as formas finitas dos verbos, quer em conjugação simples quer em conjugação composta.

E não nos indicará esta regra empirica o caminho para chegar a alguma formula, com que mais claramente, mais correctamente se defina o que seja a proposição? O verbo, pelo menos o verbo nocional, representa o predicado, isto é, um facto que o individuo falante sabe ou sente e de que dá ou procura dar conhecimento ao individuo ouvinte. É sobretudo esta ultima circumstancia, o communicar o facto a outrem, o querer tornal-o sabedor de cousa que

desconhecia, é isto, digo, o que caracterisa o predicado, e portanto a proposição.

Veremos ainda confirmado o mesmo principio, se passarmos a examinar a proposição em que se exprime o predicado por meio de um adjectivo. As palavras *esta casa é grande* constituem oração porque o ouvinte as percebe como informação ou opinião sobre a grandeza de certa casa. O vocabulo *é* tem aqui valor de verbo relacional, mas a sua presença dá ao adjectivo o caracter de termo predicativo, e na pratica serve de ponto de apoio para reconhecer a oração.

Ás vezes a proposição não representa uma noticia, uma informação propriamente nova para o ouvinte — como succede, por exemplo, com os aphorismos, os ditos proverbiaes e as leis da sciencia para quem as conhece — porem a mesma sentença, repetida sempre nos mesmos termos, vem em todo o caso como que reavivar a memoria.

Estas considerações permittem concluir que para o grammatico, para o linguista, é de pouca monta accrescentar á definição da oração cousas proprias do dominio da logica e da psychologia e que levam os pensadores a enredar-se nos meandros da metaphysica. Não é essencial averiguar rigorosamente o que se passa no intellecto dos individuos falante e ouvinte como pontos de partida e chegada do pensamento; o que importa é assignalar que um individuo transmitte a outro o conhecimento de um facto por meio de certa combinação de palavras ou, ainda, por uma só palavra.

Com estas bases iremos naturalmente discriminar outras orações alem das do typo mais perfeito, que é o das orações explicitas. Distinguiremos tambem as interjeições que não passam de meros gritos espontaneos, daquellas que se proferem calculadamente contando tornar o ouvinte sabedor do que pensamos ou sentimos.

TERMOS DA PROPOSIÇÃO

Os factos que chegam á nossa percepção representam-se-nos ou como factos propriamente ditos sem referencia a quaesquer seres, ou como acções que se passam com alguem ou alguma cousa. Estão no primeiro caso os phenomenos da natureza que se traduzem pelas expressões verbaes *chove, troveja,* etc. Formam estes verbos sentido perfeito e constituem orações de um só termo, tambem chamadas orações sem sujeito.

O caso mais frequente é todavia aquelle em que em nosso cerebro existem dous conceitos, o de um ser e o da acção que com elle se passa, como nestes pensamentos: *a terra move-se; o menino aprende.* Expressos estes pensamentos em linguagem adequada, temos as proposições de dous termos, os quaes se chamam *sujeito* e *predicado.*

Se o intellecto não pudesse conceber outros pensamentos senão os deste segundo typo, é claro que o psychologo e o grammatico nada mais haviam de enxergar em um discurso senão proposições formadas de dous elementos, e o predicado, definido necessariamente como sendo aquillo que se diz do sujeito, reclamaria sempre o dito sujeito como termo correlato. Tem com effeito vigorado essa concepção exclusivista da proposição; e ajuntando-se ao preconceito a circumstancia de identificar-se o verbo finito geralmente com o predicado, não se iria naturalmente com semelhante base imaginar a possibilidade de uma oração sem sujeito. Certo é todavia que as orações de um só termo do typo *chove, troveja* não têm sujeito, porque não pode ser sujeito aquillo que ninguem menciona e de que ninguem cogita. Nem tem valor de argumento a circumstancia de achar-se o verbo na 3.ª pessoa. Esta forma verbal se emprega necessariamente por analogia, pois que a linguagem não dispõe de outro meio de expressão para descrever factos quaesquer que não se refiram ao individuo falante ou ao individuo ouvinte.

Inconfundiveis com taes orações são aquellas em que não se menciona senão o predicado, tendo porem os interlocutores a consciencia de que se está falando a proposito de algum ser. Nestas condições o verbo tem um sujeito mental. Este ou se perceberá facilmente pelo contexto, e então será elliptico, ou se deixou de nomear por conveniencia ou por ser difficil especifical-o, e em tal caso diremos que o verbo tem sujeito indefinido. Para dar a entender que se trata de sujeito indefinido, basta muitas vezes pôr o verbo na 3.ª pessoa do plural, ainda quando o agente real seja uma pessoa só. Refere-se sempre a ente humano:

Matom o Meestre! *matom* ho meestre nos Paaços da Rainha! Acorree ao Meestre que *matam* (F. Lopes, D. J. 21) — Ontẽ *prenderã* aqui hũ e antonte outro (Mor. Palm. 1, 367) — E junto do gigante estavã tres donzellas... Nisto *abriram* a porta e o gigante as meteo dentro (ib. 1, 164) — Nisto *baterã* aa porta da torre com muita pressa. Platir foy a abrir por ver quẽ era e achou hũ homem antigo a maneyra de grego (ib. 1, 281) — Nesta hora recebi hũa carta de Portugal em que me *nomeavão* os companheiros que Vossa Reverencia tinha... Tambem me *dizem* que está ahi o meu mimoso frey João da Cruz (Sousa, Vida do Arceb. 1,254) — O governador bradou impaciente: Que he isto, Portuguezes? *Tirão-vos* das mãos a victoria! *Tirão*-vos a bandeira! (Frei de Andr. D. J. de Castro 310) — Eis que *tocão* neste momento a campainha da portaria, acode o porteiro, acha hum cesto de pão (Arg. S. Caet. 265).

Presuppõe o emprego da 3.ª pessoa do plural que ficam excluidos ou são de todo estranhos á acção os individuos falante e ouvinte. Para incluil-os no numero das pessoas que deixamos de especificar, temos de recorrer a outro expediente. A linguagem antiga podia valer-se para este effeito do vocabulo *homem* com função de pronome indefinido. Este processo desappareceu, e se modernamente se emprega por vezes a expressão *um homem*, sente-se bem que já não é o antigo pronome, e sim um simples substantivo. Compare-se o seguinte exemplo com os que vêm citados á pag. 90 da Lexeol. do Port. Hist.:

Pode caber em entendimento com juizo maior loucura que trabalhar de dia e de noite *hum homem* e cançar-se e desvelar-se e matar-se pelo que passa com a vida...? (Vieira, Serm. 5, 53).

Mas o emprego de *um homem* (ou seu equivalente *uma pessoa*) tem importancia muito secundaria, comparado com o uso do verbo na forma reflexa, linguagem de sentido vago e que tanto se applica ao caso da inclusão dos individuos

falante e ouvinte, como ao caso da sua exclusão. Aos exemplos mencionados á pag. 164 da Lexeologia accrescentaremos ainda estes:

Ficarão tão contentes que não *se tratou* mais na successão do novo rei (Barros, Dec. 1, 10, 2) — Sepulcro quotidiano onde *se morre* á vida e *se nasce* á morte (Vieira, Serm. 5, 562) — Nem com os reys nem com os santos, nem com Deus *se pode* tratar sem ser mal julgados dos homens (ib. 5, 72) — O nome não lhe saberei eu dar, mas digo que he... hũa morte interior, que *se sabe* sentir, mas não *se sabe* explicar (ib. 5, 519) — Ao inferno *se vai* de sete annos (ib. 5, 151) — *Tratou-se* de dar nome ao minino (ib. 5, 555) — No baluarte de S. João *se resistia* á violencia do ferro sem temer a do fogo (Freire de Andr. 207) — Dest'arte... *se remonta* ao Polo (Castilho, Fastos 1, 32) — *Foge-se* (ib. 1, 131) — *Louva-se* ao deus Termino (ib. 1, 149) — Sobre taes corações ao bem propensos, sem custo e com delicias *se imperava* (ib. 1, 27) — *Lutava-se* com honra então, *cahia-se* com gloria, *vencia-se* muitas vezes morrendo (Garr. Viag. 1, 152) — *Variou-se*, *varia-se* em tudo (Garr. Cam. 231) — Obedecer-me no momento em que *se trata* não de ambições de gloria, mas da redempção da Hespanha (Herc. Eur. 271).

A este typo de linguagem pode-se juntar a formula *diz que*, usada em Portugal, mormente entre o povo, como equivalente de *diz-se que* (caso não tenha resultado de eliminação de outro vocabulo ou não seja reducção de *dizem que*):

Passem as calmas da Linha, onde *diz que* tambem refervem as consciencias (Vieira, Serm. 6, 410) — O verdadeiro Alfageme *diz que* era um espadeiro ou armeiro cutileiro ou cousa que o valha (Garr. Viag. 1, 62) — *Diz que* então (e então só) por mais que se buscassem duas vaccas iguaes... por toda essa região não houve dar com ellas (Castilho, Met. 215) — Cobras ...que *diz que* pastam terra (ib. 95).

Em outro lugar (Lexeol. do Port. Hist.) mostrámos as relações existentes entre as vozes activa, passiva e medial e procurámos esclarecer as diversas funções semanticas do pronome reflexivo. Vimos tambem que nas proposições do typo *vendem-se casas* é latente a noção de um agente humano, do mesmo modo que nos varios exemplos acima transcriptos. A interpretação semantica é pois a mesma. A circumstancia de em *vendem-se casas* se dizer, como realmente se diz em linguagem culta, o verbo no plural, fazendo-o concordar com o substantivo que se segue, é um dos illogismos grammaticaes, em que se continua a manter a forma demandada pelo sentido originario sem attender a que este sentido se acha alterado. A incoherencia salta aos olhos, não sómente quando se comparam as construcções de verbo transitivo

com as de verbo intransitivo, mas ainda quando se cotejam duas frases com o mesmo verbo transitivo, redigidas uma com o substantivo no plural precedido da preposição *a*, a outra com o substantivo sem preposição: *adora-se aos deuses* e *adoram-se os deuses.*

Vem aqui a proposito uma observação interessante feita por E. Löfstedt quanto ao latim vulgar. No manuscripto da Peregrinatio Aetheriae existe este trecho *Primum aguntur gratiae Deo, et sic fit orationem pro omnibus.* A maior parte dos editores emendaram *fit oratio* como o estava a pedir a grammatica. Löfstedt restabelece a lição primitiva e mostra em outros escriptores vestigios de que em lat. vulgar se praticava a construcção das formas passivas impessoaes com accusativo objecto. Em Petronio (nas edições de Bücheler e Friedländer, de accordo com os manuscriptos) occorre *faciatur, si tibi videtur, et triclinia.* Em lat. da idade media apparece *Matthaeum legitur, psalmos erat ante legendum.*

Alguns grammaticos querem explicar o nosso vulgarismo *vende-se casas* pela influencia do pronome *on* francez. Resta saber como explanariam os phenomenos analogos de latim vulgar.

Outro caso semelhante de illogismo é o da construcção *ha homens, houve epocas,* em que o verbo tem exacta e rigorosamente a accepção de «existir», estando completamente apagado da memoria o pensamento primitivo que deu lugar a empregar-se o verbo *haver* com sentido existencial. Nem á linguistica historica nem á linguistica comparada é possivel reconstituir esse pensamento e fixar o termo que serviria de sujeito á respectiva proposição. Quem busca este termo não dá prova de muita sagacidade nem de muito tino, se acaba por affirmar que *ha homens* tem sujeito occulto, mas ninguem sabe que palavra é. O que ha de positivo nestas orações existenciaes é que, dando-se grande transformação no pensamento, a linguagem ou forma de exprimir conservou-se em atrazo ou paralysada.

Posto que certos dizeres como *Pedro chora, peixes nadam* constituam proposições de sentido perfeito, bastando um vocabulo para expressar o sujeito e outro para o predicado, é todavia impossivel discursar longamente com o só recurso de proposições tão simples. Os dous termos essen-

ciaes necessitam muitas vezes de outros termos secundarios que lhes completem o sentido, que os individuem ou especifiquem, ou lhes accrescentem outro qualquer esclarecimento. E estes termos secundarios podem por sua vez vir acompanhados tambem de seus dizeres completivos e elucidativos.

Estas amplificações de sujeito e predicado dividem-se em:

a) *objecto* directo ou indirecto (ou complemento), que é o nome ou pronome com que se completa o sentido do predicado ou do sujeito;

b) *attributo*, que é o adjectivo, pronome-adjectivo ou numeral ou qualquer locução que especifica ou individua o sentido do substantivo;

c) *apposto*, ou apposição, isto é, um substantivo que se pospõe a outro substantivo ou a um pronome a titulo de equivalencia, significando o mesmo ente;

d) *adverbio;*

e) *annexo predicativo* (V. Lexeologia pag. 138 e seguintes).

Attributo e adverbio como elementos da oração tambem são conhecidos pelas denominações de adjunto attributivo e adjunto adverbial. Em vez de «adjunto» poder-se-ia tambem dizer «determinante», vocabulo este que dá logo idéa da função; caberia então a qualificação de «determinado» ao termo cujo sentido se delimita.

Tudo aquillo que se communica a outrem é ou no sentido positivo ou no sentido negativo: quer isto dizer que a proposição é **affirmativa** ou **negativa.**

O pensamento pode estar completamente formado no intellecto da pessoa falante, ou só parcialmente por falta de algum dado que deverá ser fornecido pelo ouvinte. No primeiro caso a oração terá caracter declarativo e chamar-se-á **declarativa** (ou **expositiva**). No segundo caso será proferida com tonalidade differente, dando-se deste modo a entender o desejo de ver supprida a falta com a informação ministrada pelo ouvinte. A oração desta especie chama-se oração **interrogativa.**

PROPOSIÇÕES SECUNDARIAS

Parataxe e hypotaxe

Os termos completivos e elucidativos e, até, o proprio sujeito de uma proposição nem sempre se podem expressar por meio de simples vocabulos e combinações de vocabulos ou locuções. Faz-se mister muitas vezes desenvolvel-os de modo que venham a ter a forma de novas proposições. Estas, attendendo ao papel que desempenham, passam a chamar-se *secundarias*, *dependentes* ou *subordinadas*, denominando-se oração principal aquella que contém o predicado denotador do facto que mais importa communicar ao ouvinte. As orações principal e secundaria ou secundarias, consideradas como um todo, constituem a *oração composta*.

As subordinadas são orações *substantivas* se fazem as vezes de um substantivo, funcionando por exemplo como sujeito ou complemento; chamam-se orações *adjectivas* se têm o valor de determinante attributivo, e *adverbiaes* se modificam o sentido do verbo como os adverbios. Esta é divisão geral de caracter pratico, mas convem notar que não é extremamente rigorosa; as adverbiaes, se bem abrangem as especies tempo, lugar, modo e outras, como na divisão do adverbio, comprehendem tambem algumas que não se enquadram nesta categoria lexica.

A oração *explicita* do typo expositivo, quer principal quer subordinada, caracterisa-se por ter, claro ou subentendido, um verbo em forma finita: *pediu-me que o procurasse; nem elle nos visita, nem nós a elle*. Chamaremos orações **implicitas** aos dizeres em que se exprime o facto por uma forma verbal infinita (infinitivo, gerundio ou participio do preterito), sendo esta forma usada como equivalente de alguma oração explicita subordinada, e podendo facilmente desdobrar-se em tal oração: *chovendo* (= se chover), *não sahirei; estuda afim de saber* (*afim de que saiba*).

Na oração composta podem occorrer duas ou mais orações secundarias, quer de categorias differentes, quer da mesma categoria. E neste ultimo caso podem ser parallelas e exercer a mesma função; do mesmo modo que dous ou mais adjectivos se referem a um só nome, dous ou mais substantivos representam o sujeito ou o objecto. A relação existente entre taes proposições secundarias parallelas é expressa por uma conjunção coordenativa. São proposições secundarias coordenadas entre si, embora subordinadas igualmente á mesma principal.

Outra possibilidade de construcção é aquella em que, alem da principal e respectiva secundaria, occorre, dependente desta ultima, uma segunda subordinada. Será proposição secundaria de 2.º grau, como nestes exemplos: *disse-lhe que não sabia quem era tal homem; será readmittido se provar que está innocente*, etc.

Aos termos «coordenação» e «subordinação» prefere a linguistica moderna as expressões *parataxe* e *hypotaxe*. Será conveniente que o estudante de syntaxe se familiarise com estes dous vocabulos e conheça alguns factos que não se costumam mencionar em compendios.

Na linguagem primitiva empregavam os homens proposições umas apoz outras, que tinham todas a forma de orações principaes. O discurso tinha feição paratactica. Nesta serie de proposições havia com certeza umas que eram subordinadas a outras, que as completavam, que as determinavam. Percebia-se a differença pelo sentido, não pela forma. Creando-se porem conjunções apropriadas, ou antes adaptando-se a esta função vocabulos de outra categoria (cf. cap. das conjunções), poude-se por meio da linguagem estabelecer as variedades da parataxe e differençar esta da hypotaxe. Da evolução do pronome demonstrativo anaphorico para pronome relativo nasceu a oração subordinada a que chamamos adjectiva ou relativa.

Dá-se parataxe quando a uma proposição inicial se accrescenta proposição copulativa, adversativa ou disjuntiva, que se reconhecem ou pela presença de particula caracteristica ou pelo sentido (construcção asyndetica). Dá-se ainda o mesmo phenomeno se a segunda oração é causal, e se usa, sem conjunção ou com a particula *porque*, tendo esta o sentido do fr. *car*, ingl. *for*, all. *denn*; quer isto

dizer, a proposição causal constituirá um pensamento áparte, podendo haver uma pausa forte entre ella e a proposição inicial. Se porem existe união mais intima, e *porque* corresponde a fr. *parce que,* ingl. *because,* all. *weil,* a oração causal figura como subordinada.

Seguindo-se á sentença inicial uma proposição que tenha por fim exprimir o effeito, a consequencia (conclusiva, consecutiva), haverá parataxe se a construcção for asyndetica ou se se empregar como conjunção *logo, portanto, por conseguinte, por consequencia,* ou se se usar *de modo que, de maneira que, de sorte que,* estando completo o sentido da primeira oração. Será evidentemente caso de hypotaxe a combinação por meio dos mesmos dizeres *de modo que, de sorte que,* etc., quando sem a segunda oração ficar suspenso ou alterado o sentido da sentença inicial. Confrontem-se: *as duas nações chegaram afinal a um accordo; de modo que estamos livres do perigo da guerra. Não proferiu a sentença de modo que contentasse a todos.*

Por estas considerações e pelo estudo que na Lexeologia fizemos do sentido e origem das particulas conjuncionaes, vê-se que nem sempre se manifesta bem clara ao analysta a differença entre parataxe ou coordenação e hypotaxe ou subordinação.

INTERROGAÇÃO INDIRECTA

Inconfundivel com a sentença expositiva, de que se utilisa o individuo falante para transmittir seus pensamentos a outrem, é a frase que elle lhe dirige sob a forma de pergunta, quer proferida isoladamente, quer em meio de um discurso. Percebe-a o ouvinte logo pela tonalidade mais alta que, em frase de certa extensão, costuma ser mais notoria no fim, ao contrario das frases expositivas, as quaes em geral terminam por uma nota mais grave. Confrontem-se: *Chove. Chove? Ficarás. Ficarás? Perdeste um grande amigo. Perdeste um grande amigo?* Tambem se assignalam pela elevação de voz certos termos interrogativos com que se pode iniciar a pergunta.

Da interrogação directa differe a interrogação indirecta, que se exprime por meio de oração composta com a tonalidade habitual da linguagem expositiva, constituindo-se a oração principal com um verbo denotador de desconhecimento ou desejo de ser informado, e enunciando-se sob a forma de subordinada, iniciada por particula dubitativa ou expressão interrogativa, aquillo sobre que se deseja ter informação ou conhecimento: *Não sei se ficarás; diga-me se elle está em casa; quizera saber onde anda, quando virá e porque se demora*, etc.

Cahiu em desuso a construcção antiga segundo a qual a *perguntar* e a *dizer* com a accepção de «perguntar» se seguia a conjunção *que*, mencionando-se depois a subordinada iniciada por expressão interrogativa:

Não teve em conta *dizendo que pera que* era aquilo bõo, *que porque* lhe não mandava ezcarlata, que isso era o que queria (Castanh. 1, 6) — *Disse... que porque* não desembarcava ho governador (ib. 4, 13) — *Perguntou-lhe ...que como* trazia armas...? (Barros, Dec. 2, 10, 5) — Martim Affonso ficou muito enfadado, *dizendo*-lhe *que com que* se havia de resgatar se estava alli perdido como elle via? (Couto, Dec. 4, 4, 10).

O mesmo processo se observava tambem depois de *responder*, *replicar*, quando a resposta consistia em nova pergunta:

Replicaram-lhe, *que porque* não queria o jazigo onde estava o duque com seu marido? (Bern. N. Flor. 2, 304) — O Senhor *respondeo* a isto *que para que* lhe perguntava isto (Th. de Jes. 2, 40).

LINGUAGEM AFFECTIVA

Do typo da linguagem commum com que se traduzem factos proprios do dominio da intelligencia, e em que só se manifesta o intuito de informar ou o desejo de ser informado, diversificam as orações exclamativas e as exclamações em geral. Ditadas pelo sentimento e por certos estados particulares da alma, pronunciam-se com intonação propria, sobresahindo por esta forma no meio da linguagem quotidiana.

Levados em conta estes elementos novos, a oração exclamativa pode, em tudo o mais, ser constituida como a oração expositiva explicita. Na escripta assignala-se a differença pelo ponto de exclamação. Comparem-se: *Chove. Chove! Cahiu o ministerio. Cahiu o ministerio!* Num caso narra-se o facto; noutro revela-se a surpresa. Ás vezes a exclamação tem caracter ironico: *Boa está essa! Essa é boa! É boa teima! Bem aviado estou eu! Bom sobrinho tem elle!*

Não é comtudo a oração completa, exarada com todos os seus termos, a forma em que sempre se revestem os dizeres exclamativos. Sendo rapidas as explosões de sentimento, nada mais natural do que o procurar external-as em poucas palavras e em tempo rapido. Daqui procede a predilecção pelas frases breves e orações abreviadas ou reduzidas aos conceitos essenciaes:

Da etherea gavea hum marinheiro, pronto co'a vista: *Terra! terra!* brada (Cam. Lus. 5, 24) — Eis as lanças e espadás retiniam por cima dos arnezes. *Bravo estrago!* (ib. 3, 113) — Nenhum commettimento alto e nefando... deixa intentado a humana geração. *Misera sorte, estranha condição!* (ib. 4, 104) — Tu, Hermengarda, *recordares-te? Mentira!...* (Herc. Eur. 46) — *Christo e avante!* bradaram os godos; e os esquadrões de Ruderico precipitaram-se ao encontro dos mosselemanos (ib. 99) — E um velho ostiario viera cahir de bruços sobre as lageas do pavimento, soltando o grito doloroso que por tantos milhares de bocas diariamente se repetia: — *os arabes!* (ib. 136) — *Prestes!* chamae-os aqui; Abdulaziz deve ter chegado. *Que venha!...*

Que venha salvá-los! (ib. 158) — *De pé,* cavalleiros! *Aos infieis,* em nome de Christo (ib. 180) — Meu Deus, *o cavalleiro negro!* (ib. 184).

Certas frases de linguagem familiar, enunciadas a principio por extenso, ficaram reduzidas pelo uso continuado a formulas crystalisadas, apparentemente inanalysaveis, que em determinadas occasiões todos repetem sempre da mesma maneira sem que alguem cogite em reconstituir as frases com seus elementos primitivos. Taes são os dizeres *Boas! Ora essa! Pois não! Pois sim!* que podem significar muita cousa; e no *viva!* com que damos expansão ao enthusiasmo sentido por alguma pessoa, já não nos acode ser este o verbo ou predicado restante de uma oração optativa. Nem se nos dá disso, pois não hesitamos em dar tambem vivas aos irremediavelmente mortos. Por outra parte, *Oxalá*, accomodamento do arabe *en shâ allah* («se Deus quizer», «assim Deus queira») á pronuncia portugueza, continua a usar-se como expressão de desejo, embora se tenha apagado a consciencia da origem islamitica dessa exclamação.

Quanto ás interjeições *ai! ah! oh!*, etc., é evidente que ellas devem ser encaradas por dous aspectos. Se são apenas gritos involuntarios que nos faz soltar a dor, a raiva, o susto, o pasmo, o nojo, a alegria, o riso, etc., ficam necessariamente aquem do dominio da linguagem. Se os mesmos gritos são utilisados de proposito para impressionar melhor o individuo ouvinte e provocar nelle a sensação que taes gritos costumam provocar, o papel das interjeições será como o das proposições.

Posto que nem sempre se possa traçar rigorosa linha de fronteira entre as duas maneiras de considerar a interjeição, ha todavia casos bastantes que não deixam lugar a duvida alguma. Para lamentar a desgraça presente ou futura de alguem, basta, por exemplo, antepor *ai de* a um nome ou pronome. É linguagem intelligivel, satisfaz ao fim que se quer e vale tanto como uma oração:

Ai de vós, escribas e phariseus hypocritas... levareis um juizo mais rigoroso (S. Math. 23, 14) — *Ai de ti* Corazain, *ai de ti* Bethsaida... haverá menos rigor para Tyro e Sidonia que para vós outros, no dia de juizo (ib. 11, 21-22) — *Ai de mim!* Logo se me enxugaram as lagrimas, porque eram de consolação, e essa lembrança as estancou! (Herc. Eur. 43).

É certo que expressões do genero de *ai de ti, ai de vós* não são analysaveis e decomponiveis nos elementos sujeito e predicado. Mas é preciso notar que a *conditio sine qua non* da proposição não é a analysabilidade, é antes a circumstancia de se exprimir com uma combinação de palavras (ou uma simples palavra) um pensamento ou sentimento. Ora, succede que as referidas formas exclamativas dizem uma e outra cousa; dão a conhecer um juizo desfavoravel a respeito da sorte de alguem e ao mesmo tempo o sentimento de pesar que tal pensamento produz no individuo falante.

Digno de exame é o modo facil com que o homem se utilisa das vozes ou gritos que involuntariamente costuma pronunciar em certos momentos e, moderando-lhes a tonalidade, os incorpora reflectidamente nos seus discursos, afim de obter effeitos de expressão que não conseguiria com os sós recursos da linguagem commum. Sirva de exemplo a mesma interjeição *ai*, usada não somente como nos casos ha poucos referidos, mas ainda em accepção que poderiamos chamar translata; isto é, quando não existe propriamente afflicção ou dor, porem apenas uma afflicção simulada, ou melhor, mera contrariedade que convem manifestar.

Ai os meus craveiros de Manjerona! — *Ai* os meus olhos de alecrim (A. José, Alecr., 37) — *Ai* que me ensopou! Que mal lhe fiz eu? (ib. 38) — *Ai*, que a moça me fala por equivocos (ib. 45). Mas *ai* que me apagaram a vela com um assopro! (ib. 55). *Ai* sobrinha sem ventura! (ib. 14). *Ai*, que me afogo, Senhor! (ib. 51).

Repare-se, alem disso, no vocabulo *ai*, usado como substantivo synonymo de «dor» e «grito de dor», por onde se vê que uma voz originariamente pertencente ao dominio affectivo pode muito bem penetrar na linguagem intellectiva e ahi fazer o mesmo officio que qualquer outro nome de cousa. *Ai* tambem se usa como exclamação de alegria, mas com esta significação não é susceptivel de converter-se em nome appellativo.

De todas as exclamações nenhuma se apresenta com uso tão frequente e sentido tão variado como a interjeição *oh*. Basta modificar o tom de voz para cada caso particular e ella denotará alegria, tristeza, pavor, nojo, espanto, admiração, dor, piedade, etc., ou servirá simplesmente para

chamar a attenção de alguem para aquillo que se pretende dizer. Usa-se, sem que seja obrigatorio o seu emprego, antes dos vocativos e antes das frases já de per si exclamativas iniciadas por *quanto, que, quão, como*, etc. Serve de reforço. Comparem-se as seguintes exclamações:

Oh! que cea já tão cara! (A. Prestes, 198) — *Oh! como* isso é bom! (ib. 377) — *Como* é galantinho! *Que lindo* que está! (ib. 85). — *Que alegria!* (ib. 99) — *Que má rua...!* (G. Vic. 320) — *Oh que joias* esmaltadas, *oh que boninas* dos ceos, *oh que rosás* perfumadas! (ib. 3, 90) — *Oh que* maldita *molher!* (ib. 3, 98) — *Que galante! Que rosa! Que diamante! Que* preciosa *perla* fina! (ib. 3, 65) — *Quam doce* he o louvor, e a justa gloria dos proprios feitos, quando são soados! (Cam. Lus. 5, 92) — *Oh que* famintos *beijos* na floresta! E *que* mimoso *choro*, que soava! *Que afagos* tão suaves! *Que ira* honesta...! (ib. 9, 83) — *Quantos rostos* ali se vem sem cor... (ib. 4, 29) — *Quantos montes* então que derribaram as ondas que batiam denodadas! (ib. 6, 79).

No tocante ao vocativo, não se pode, com o presupposto creado pela definição tradicional da proposição, dizer qual seja o seu verdadeiro lugar no discurso. Certo é que não temos o direito de collocal-o no mesmo plano inferior em que andam as interjeições quando não passam de meros gritos involuntarios. Deve-se antes considerar que o vocativo figura em todas as linguas, e em todas ellas é um meio de expressão imprescindivel, pois que o homem para se communicar com seus semelhantes busca primeiro despertar-lhes a attenção e a cada passo sente a necessidade de os chamar pelo nome. É tão consciente a linguagem do vocativo como a do verbo no imperativo, e ambas dimanam do mesmo fundo psychico. Alem disso, parece desarrazoado reconhecer no lat. *serve* o caso vocativo de *servus*, isto é, affirmar que é um substantivo com certa forma flexional, e depois repudiar o dito substantivo e negar-lhe qualquer função entre as unidades oracionaes ou elementos constitutivos do discurso. O defeito está, repito, na maneira estreita de entender o que seja a proposição, segundo a qual só se contempla a linguagem intellectiva com os termos sujeito e predicado, evidentes ou suppriveis pelo senso ou pela imaginação. Para quem está preso a tal criterio, necessariamente hão de exorbitar do discurso regular os vocativos e muita outra cousa propria da linguagem affectiva.

Sendo differente a nossa maneira de ver, parece-nos que o vocativo, comquanto seja indecomponivel em sujeito

e predicado, tem, pelo tom em que é proferido, o valor de um verbo no imperativo com a significação de «ouvir» ou «prestar attenção», mas ao mesmo tempo se limita a pôr em relevo, por symbolos phoneticos, sómente o nome da pessoa a quem o discurso se dirige, ou o equivalente desse nome (substantivo ou pronome).

Como o nome ou pronome nas sentenças de caracter expositivo ou narrativo, assim pode o vocativo achar-se acompanhado de termos que lhe servem de attributo, expressos por simples vocabulos ou locuções ou desenvolvidos em orações subordinadas. Quer isto dizer que o vocativo, pertencente embora á linguagem affectiva, pode trazer em sua dependencia dizeres proprios da linguagem intellectual que satisfazem a todos os requisitos da analyse oracional, constituindo portanto uma oração subordinada. Ora, como toda a sentença deste genero presuppõe sempre uma oração principal ou um termo de oração principal como elemento subordinante, claro está que no caso de se achar uma sentença na dependencia do vocativo, cabe a este a função ou de oração principal ou de elemento da oração principal. Entre os sobejos exemplos literarios em que estes factos se verificam basta recordar os seguintes:

Oh tu, que tens de humano o gesto e o peito... a estas creancinhas tem respeito (Cam. Lus. 3, 127) — E vós tambem, oh terras transtaganas, afamadas co dom da flava Ceres, obedeceis ás forças mais que humanas (ib. 3, 62) — Oh tu, a cujos reinos e coroa grande parte do mundo está guardada, nós outros, cuja fama tanto voa,... te avisamos que he tempo que já mandes a receber de nós tributos grandes (ib. 4, 73) — Divina guarda, angelica, celeste, que os ceos, o mar e terra senhoreas! Tu que a todo Israel refugio deste por metade das aguas Eritreas... Porque somos de ti desemparados...? (ib. 6, 81-82).

CONCORDANCIA EM GERAL

Consiste a concordancia em dar a certas palavras flexionaveis as formas de genero, numero ou pessoa correspondentes á palavra a que no discurso se referem. É pratica decorrente da propria flexiologia. Desde que de um vocabulo se offerecem varias formas á escolha, e o dito vocabulo vem determinar, esclarecer ou informar alguma cousa a respeito de outro, escolheremos naturalmente aquella forma que se harmonisar com est'outro termo.

A concordancia não é, como parecerá á primeira vista, uma necessidade imperiosamente ditada pela logica. Repetir num termo determinante ou informativo o genero, numero ou pessoa já marcados no termo determinado ou de que se fala, é antes uma redundancia. Daqui vem o desapparecimento da flexão (e portanto da concordancia) do adjectivo predicativo em allemão e do adjectivo, quer predicativo, quer attributivo, em inglez. O systema de suffixos de pessoa, tão desenvolvido no verbo das antigas linguas syntheticas, e que caracterisava a concordancia do verbo com o sujeito, perdeu o seu valor em muitas linguas modernas, bastando nestas mencionar-se o pronome sujeito. No imperfeito do verbo inglez perdura a concordancia para a 2.ª pessoa do singular. Para as demais pessoas do mesmo tempo, a regra que manda concordar o verbo com o sujeito é mera ficção; diz-se *loved*, indifferentemente para *I, he, we, you* e *they*. Em nosso idioma, posto que digamos *um, uma, dous, duas, duzentos, duzentas*, etc., ninguem repara na falta de analoga variação de genero para os quantitativos *tres, quatro, cinco*, etc. Os qualificativos em *-e* não são menos adjectivos que os que acabam em *-o;* mas a regra de concordancia só os attinge quanto ao numero, singular ou plural, e não acode a ninguem a lembrança de que se deveria distinguir formalmente *homem pobre* e *mulher pobre* do mesmo modo que se differença *homem rico* e *mulher rica*. Escolhemos de entre

as variações de *pouco* aquella que convem ao genero e numero do nome a que se refere; e não sentimos o minimo embaraço em applicar o comparativo *menos* forma unica, tanto a nome masculino como a feminino, a singular como a plural.

Nos casos mais elementares empregamos em portuguez instintivamente a forma variavel mais adequada. Os determinantes tomam o genero e numero da palavra determinada (substantivo ou pronome), quer se usem attributiva, quer predicativamente. O verbo, variavel em numero e pessoa, se empregará com a terminação que se harmonisar com o respectivo sujeito. Havendo, associados, dous ou mais nomes, porem todos do mesmo genero e numero, pedirão naturalmente a forma do plural, tanto para o determinante, como para o verbo a que servirem de sujeito.

A difficuldade da escolha começa quando a forma variavel se tem de applicar a termos associados, mas de differente genero, numero ou pessoa. Nestas condições estabeleceu a tradição as seguintes regras fundamentaes. A palavra determinante se usa:

a) no masculino, se as palavras determinadas forem uma do genero masculino, a outra do genero feminino;

b) no plural, se concorrer uma palavra determinada deste numero com outra do numero singular.

O verbo irá:

a) para o plural, se os sujeitos forem de numero differente;

b) para a 1.ª do plural, se entre os sujeitos se incluir a 1.ª pessoa;

c) para a 2.ª do plural, se entre os sujeitos estiver incluida a 2.ª pessoa e não figurar a 1.ª.

Estas regras dão idéa da pratica da concordancia em traços muitos geraes. Não se applicam a todos os casos, e, quando aproveitaveis, não podem ter a pretenção de valerem sempre com o rigor proprio das formulas mathematicas. Teremos de fazer, portanto, o estudo dos casos particulares mais importantes. Notaremos para alguns delles não uma, mas duas concordancias que se contrariam, e que se justificam em epocas successivas.

Primeiro que entremos neste estudo, convem explicar o sentido do termo *synese* (pronuncie *sínese*) de que frequentemente nos utilisamos. De ordinario, quando se diz que certo termo deve concordar com outro, tem-se em vista a forma grammatical deste termo de referencia. *Duzia*, *povo*, embora exprimam pluralidade e multidão de seres, consideram-se, por causa da forma, como nomes no singular. Ha comtudo condições em que se despreza o criterio da forma e, attendendo apenas á idéa representada pela palavra, se faz a concordancia com aquillo que se tem em mente. Á frase assim constituida e que, analysada segundo os meios de expressão, parece incongruente, dão os grammaticos os nomes de *constructio ad sensum* ou, hellenisando a parte explicativa, *constructio kata synesin*, ou, abreviando, simplesmente *synesis* (em portuguez *synese*). Consiste portanto a synese em fazer a concordancia de uma palavra não directamente com outra palavra, mas com a idéa que esta suggere.

CASOS PARTICULARES DE CONCORDANCIA

Nas construcções, usadas mais em port. quinhentista e seiscentista do que em port. hodierno, nas quaes o artigo, adjectivo, pronome adjunto ou quantitativo sendo commum a dous ou mais substantivos, não vem expresso senão antes do primeiro substantivo, a concordancia se faz sómente com este:

Tanto mar e terras (Cam. Lus. 2, 76) — Em *nenhum porto ou praia* (ib. 2, 83) — Com *tanta miseria e adversidade* (ib. 2, 104) — Da terra tua *o clima e região* (ib. 2, 109) — *Vosso preço e obras* (ib. 2, 86) — *Cuja valia e obras* (ib. 1, 38) — *A forma e gesto* (ib. 2, 86) — Assi mereça *eterno nome e gloria* (ib. 2, 52) — Ao outro dia polla menhã... se despedio *daquelle pay e mãy*, que tanto tempo o criaram. (Mor. Palm. 1, 190) — Assi passaram todo *aquelle dia e noite* sem repousar nenhũ espaço (ib. 1, 460) — *Deste Henrico e Therasia* nasceo Affonso Henriques (Arr. 287) — Andaram todo *aquelle dia e noite* a misericordia dos ventos (Freire de Andr. 218).

O substantivo precedido de *um e outro*, *um ou outro*, *nem um nem outro* se diz geralmente no singular, não obstante se referirem taes locuções a mais de um ser: *uma e outra cousa*, *um e outro lugar*, *uma ou outra vez*, *um ou outro elemento*, *nem uma nem outra cousa*, *nem um nem outro filho*, etc. Está em contradição com esta regra o seguinte passo de Fr. Luis de Sousa:

Não erão bem despedidos de *hum e outro Arcebispos* quando o convento se encheo de alto abayxo da melhor gente da villa (Vida do Arceb. 2, 174).

Servindo de sujeito a locução *um e outro* com substantivo no singular, claro ou subentendido, o respectivo verbo, enunciado depois do sujeito, usa-se ora no singular ora no plural. Damos preferencia ao plural quando os seres a que se refere *um e outro* se nos representam no espirito como individuos ou entidades perfeitamente distintas:

Hum e outro fizeram seus protestos e requerimentos (Couto, Dec. 4, 3, 6) — *Hũ e outro amor* não só *calificou*, mas *igualou* seus quilates (Vieira, Serm. 7, 47) — *Hũa e outra declaração juntas declaram* maravilhosamente a virtude da remora (ib. 2, 319, 320) — *Huma e outra cousa* lhe *desagrada* (Bern. N. Flor. 2, 251) — *Huma e*

outra Majestade aceitaram e *receberam* o novo e sobrenatural parentesco (Vieira, Serm. 11, App. 14) — Vede a differença com que *hũ e outro ouviram* hũ non licet (ib. 7, 55) — Seguio-se d'ahi que *hum e outro começaram* a ter guerras entre si (ib. 7, 489) — *Hũ e outro inimigo continuaram* em rezar o rosario (ib. 9, 194) — De repente, *um e outro desappareceram* como se a terra os houvera engulido (Her. M. de C. 1, 44) — *Hum e outro tiverão* a fortuna de o elegerem por mestre (Arg. S. Caet. 60).

Com o verbo *ser* é mais frequente o emprego do singular:

Huma e outra apprehensam foy vehemente: *huma e outra imaginação foy* causa (Vieira, Serm., 8, 124) — *Huma e outra doutrina he* de Salomão (Bern. N. Flor. 1, 268).

Todavia para designar cousas differentes:

Supposto que *huma e outra* [Igreja] *sejam* a mesma na Fé, sacramento e dogmas (Bern. N. Flor. 4, 395) — *Hum e outro lugar eram* os mais altos (Vieira. Serm. 5, 211).

Sendo o sujeito expresso pela negativa *nem um, nem outro*, o verbo usa-se no singular:

Affirma-se que *nem um nem outro falou* verdade (Sousa, D. João 3.º, 75) — *Nem hũa nem outra diligencia se poude* fazer (Bern. N. Flor. 1, 141) — *Nem huma nem outra cousa* he necessaria (ib. 1, 281).

Quando uma serie de sujeitos separados entre si pela particula *nem* termina por um dos pronomes indefinidos *alguem, outrem, ninguem* ou *algum, outro, nenhum* referidos ao substantivo *homem*, o verbo a enunciar-se em seguida toma a forma da 3.ª pessoa do singular de accordo com o ultimo termo da serie, desprezando-se os anteriores:

Nem eu, nem ninguem tem annos nem dias (H. Pinto 1, 23) — Os astrologos tratam do porvir, de que *elles nem ninguem sabe* pouco nem muito (Sá de Mir. 2, 117) — Sem *ella nem outrem* o *conhecer* delle (Mor. Palm. 1, 137) — Seu proprio nome he Deserto; pay *nem eu nem outro* o conhece (ib. 1, 267) — Até ver como vós, padre, provais que *nem vós, nem homem algũ está* (H. Pinto 1, 5) — He cousa verdadeiramente admiravel *que nem Moysés, nem algum outro* o *pudera* cuidar ou imaginar (Vieira, Serm. 14, 103) — Não era necessario *que elle nem outro o dissesse* (ib. 14, 144) — Com que *nem ellas nem outrem* se *podia* ver (ib. 11, 308) — Espero em Deus que *nem elles nem outrem ha de* possuir nada dellas (Vieira, C. 1, 52) — Era este canto doloroso e tetrico... que elle derramava em torrentes de amargura ou de fel sobre pergaminhos que *nem o ostiario nem ninguem tinha* visto (Herc. Eur. 19) — Desde esse momento, debalde o duque de Cantabria o buscou: *nem elle, nem ninguem* mais o *viu* (ib. 302).

O termo final da serie de sujeitos pode enunciar-se tambem por um nome cuja significação abrange todos ou algum dos sujeitos anteriores e que vem combinado com qualquer dos indefinidos *algum, outro, nenhum, todo.* O verbo apoz estes sujeitos costuma-se pôr no singular:

Nem cão, nem gato, nem adibe, nem outro bicho do mato *chegou* a pôr-lhe boca (Sousa, D. J. 3.º, 296) — Estou certo que *nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principados e Potestades nem o presente, nem o futuro, nem tudo o que he forte no mundo, nem o mais alto, nem o mais profundo, nem alguma outra creatura* nos *poderá* separar da Charidade de Deus (Vieira, Serm. 8, 77) — *Nem elle nem outro escritor sagrado escreveo* as obras da conservação (ib. 1, 718).

Se a serie negativa termina por *algum dos..., nenhum dos..., algum dos outros..., nenhum dos outros...,* o verbo toma a forma do plural, ou a do singular:

Ele nem nenhũ dos outros não *quiserão* (Castanh. 3, 69) — E todavia *nem elle nem algum dos seus chegaram* a viver mais de hum anno (Bern. N. Flor. 4, 437) — *Nem Lucas, nem algum dos outros Evangelistas dizem* expressamente quando o diabo tornasse a tentar a Christo (Vieira, Serm. 2, 73) — E comtudo *nem o mesmo* Adam *nem algum de* seus descendentes *chamou* nunca tal nome a Eva (ib. 14, 44).

Irá o verbo para a 1.ª ou a 2.ª do plural se entre os sujeitos houver algum dos pronomes *eu, nós* ou *tu, vós:*

Tu, nem algum dos homens não me *podeys* dar mais (Bern. L. e C. 384).

Sendo a serie de sujeitos, cuja acção se nega, constituida por substantivos referentes a seres animados e pronomes da 1.ª ou 2.ª pessoa, ou por estes pronomes sómente, a presença de *eu* ou *nós* exigirá o verbo na 1.ª do plural; a de *tu* ou *vós* (faltando pronome de 1.ª pessoa) exigirá o verbo na 2.ª do plural:

Nem minha irmãa, nem eu... estamos faltas de juizo (Bern. N. Flor. 1, 189) — Pois *vos nẽ elle não perdeys* nisso nada (Mor. Palm. 1, 267) — Tambem vos cabe aqui ficardes mãi do perturbador, do falsario, que *vós nem elles ereis nem sois* (Fr. Th. de Jes. 2, 59) — E posto que *vós, nem vossos filhos entrasseis* naquelle sagrado (Vieira, Serm. 3, 73).

Filinto Elysio seguiu esta regra em:

Nem eu, nem vós commettemos imprudencia alguma (20, 265) — *Nem eu, nem vós escapariamos* á sua vingança (20, 275).

Desprezou-a comtudo neste passo:

E mais ha no tal culto varias palavras que *nem eu nem ellas entendiam* (3, 219).

No seguinte trecho de Antonio Vieira, em que um sujeito é ser animado, o outro é ente inanimado, o orador, conservando o verbo no singular, como que evita sommar cousas heterogeneaes:

Sim, respondeo intrepidamente o piloto; porque o padre Francisco Xavier me prometeo, *que nem eu, nem embarcação* que governasse, *havia* de perecer no mar (Serm. 8, 224).

Se todos os sujeitos precedidos de *nem* forem expressos por substantivos no singular, o verbo commum a elles costuma-se dizer no plural:

Nem o manipulo da contrição, *nem o cingulo* da castidade, *nem a alva* da graça justificante *vestem* a sua alma (Bern. N. Flor. 4, 126) — *Nem Joseph, nem Policarpo disseram* (ib. 2, 174) — *Nem Abrahão nem Jacob* os *conheceram* (Vieira, Serm. 9, 53) — *Nem um movimento nem uma palavra tinham interrompido* a attenção geral (Herc. M. de C. 1, 222) — *Nem a resignação nem o consolo são* possiveis para ti neste momento (ib. 2, 203) — Eis o que *nem Fr. Amaro, nem Fr. Sueiro, nem o meditativo Fr. Julião comprehendiam* (ib. 2, 300) — João das Regras associou-se á execução do plano do monge... predispondo todavia as cousas de modo que *nem João Affonso nem o Arcebispo viessem* nunca a suspeitar (ib. 2, 332) — Alguma cousa que fazia lembrar um desses archanjos malditos, expulsos do céu quando ainda não *existiam nem o espaço nem o tempo* (ib. 2, 314).

Casos ha todavia em que se prefere empregar o verbo no singular:

Onde *nem a palavra nem a significação se estranha* (Vieira, Serm. 7, 85) — Decreto seu, em que prohibia que *nenhum homem, nem mulher pudesse entrar* á sua presença (ib. 11, 24) — *Nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava* a lhe moderar as ancias nem as vozes (Vieira, Serm. 1, 324).

Se entre os sujeitos ligados pela conjunção *e* se achar o pronome *eu* ou *nós*, o verbo se usará na 1.ª pessoa do plural. Occorrendo entre os ditos sujeitos o pronome *tu* ou *vós*, e não havendo nenhum da 1.ª pessoa, o verbo irá por via de regra na 2.ª pessoa do plural:

Acordo que *eu e estes fidallgos ouvemos* (F. Lopes, D. J. 22) — *Fallemos tu e eu* (G. Vic. 3, 270) — Escreverey tudo isto pera que *tu e ellas o leais* (H. Pinto 1, 477) — As quaes *elle e eu beijaremos* (Barros, Clar. 1, 73).

Algumas vezes porem, avultando o sujeito mais proximo do verbo como conceito precipuo na mente do individuo que fala, concordará o verbo com o dito sujeito desrespeitando-se a regra precedente:

Senhor, vos sabees bem como eu som criãdo del Rei dom Fernando... e a homrra e acreçemtamento que em mim fez, por a quall cousa *eu e quaesquer* criados que seus sejam, *se deviam* doer muito de sua desomrra e vingalla per hu quer que podessem (F. Lopes, D. J. 10) — Das cavas para fora nam saya se nam hũ e hũ, que não sendo assi poderiã sahir tantos, que *eu e os que me vẽ correriã* risco (Mor. Palm. 3, 327) — Desejo que *tu e quantos me ouvem se tornem* taes qual eu sou (Arr. 464) — E é tão grande a differença... *que vós e todos aquelles de que eu então me servir*, não só *hão de fazer* o que eu faria, senão maiores obras ainda (Vieira, Serm. 3, 33) — Assim tambem se sirva [a Virgem Maria] de te visitar a ti, e ao fruto do teu ventre, para que *tu* que és a arvore, *e o fruto* que deres, *sejão* para alegria dos Anjos, e gloria de Christo bemdito (Arg. S. Caet. 320) — *Tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra (Herc. M. de C. 1,153) — Se são embusteiros os que nos guiam para a vida eterna, que *serás tu, e os teus*, que meteis a pique as almas no Inferno? (Bern. N. Flor. 2, 77).

No seguinte exemplo teve o autor em mente a pluralidade «cousas», «seres», e neste sentido fez a concordancia:

Sei, amigo, que só *tu* neste misero universo —, *e o sepulcro* tambem — alfim me *restam* (Garr. Cam. 180).

Ligando-se a um sujeito no singular outro no singular ou no plural, e empregando-se para este effeito, em lugar da conjunção copulativa *e*, a palavra *com*, afim de tornar mais clara a participação simultanea e por igual dos diversos sujeitos no mesmo acto ou na mesma situação, o verbo que vier depois irá para o plural:

Ele com os outros nossos se viram... em perigo (Castanh. 1, 91) — Elrey lhe disse que *ele com todos seu irmãos se fossem* logo fora da cidade (ib. 3, 141) — *Eu com outros 26 companheiros nos fomos* para Malaca (F. M. Pinto, 3, 182) — Finalmente *Antonio Correa com toda sua gente se fizeram* senhores daquella fortaleza (Barros Dec. 3, 3, 5) — Chegaram a Çaragoça... onde *elrei com a Rainha Dona Isabel* sua molher *entraram* antes de comer, sem nenhuma festa (D. de Goes, D. M. 33) — Dentro se *recolheram o regedor* da cidade *com muitos naires* (ib. 244) — Quando *Christo Senhor nosso com seus discipulos foram* convidados áquellas vodas (Vieira, Serm. 7, 298) — *Eu com o Dobrão ficamos* para outro dia (Mello, Ap. Dial. 88) — *O juiz da terra com os vereadores* arrecadando e revolvendo as mallas do defunto *encontraram* alli com hum microscopio (Bern. N. Flor. 4, 305) — Alegrou-se o bispo, vendo os exuberantes frutos da Divina graça; *elle com o seu clero catequizaram e bautizaram* por muitas semanas a copiosa multidão (Bern. N. Flor. 4, 223) — *O Santo com a Communidade passaram* a tomar posse do templo (Arg. S. Caet. 243).

Serviu-se desta concordancia o autor dos Lusiadas no seguinte passo:

Mas ha-se de soffrer que o fado desse a tam poucos tamanho esforço e arte, que *eu co grão Macedonio e o Romano demos* lugar [= cedamos lugar] ao nome lusitano? (1, 75).

Mas desde que *com* não podia ser substituido por *e*, punha o verbo no singular:

E propondo-lhe [Venus ás filhas de Nereo] a causa a que deceo, *com todas* juntamente *se partia* (2, 19).

Nos seguintes trechos recorrem os autores á concordancia alternativa como o poderiam fazer se em lugar de *com* escrevessem *e:*

E *eu com estes trinta* que *ficam iremos* com a gente de pee detras vós (Zur. Ined. 269) — Porem *eu cos pilotos*, na arenosa praia, por *vermos* em que parte *estou, me detenho* em tomar do sol a altura e compassar a universal pintura (Cam. Lus. 5, 26).

Faz-se a concordancia sómente com o primeiro sujeito se o verbo se achar immediatamente depois delle, isto é, posto entre o primeiro sujeito e os co-participantes, ou se o verbo se achar no começo da oração:

A guia fogio coeles (Castanh. 3, 151) — *Tu deves* de ir tambem *cos teus* armado esperal-o em cilada (Cam. Lus. 1, 80).

Duvidosa é a concordancia do verbo *ser*, denotando equivalencia e usado entre dous substantivos de numero differente. Á primeira vista parece que se deveria aferir a forma verbal pelo nome mencionado em primeiro lugar por ser este lugar proprio do sujeito; porem nem sempre pode prevalecer tal criterio, pois que a inversão, frequente em outras sentenças, tambem nos permitte aqui imaginar o sujeito posto em ultimo lugar, e devendo com elle concordar o verbo. Testificam a liberdade de concordancia os seguintes passos:

E descendo ás Armas particulares dos Reyes que sabemos. *As do Emperador he hũa Aguia* preta de duas cabeças em campo de ouro (R. Lobo, C. na Ald. 18) — *As insignias* de seu estado Real *he huma enxada* mui pequena com hum cabo de marfim, que traz na cinta (Barros, Dec. 1, 10, 1) — *O geral vestido* de todos *são pannos d'algodão*, que fazem na terra, e outros que lhes vem da India (ib.) — *A madeira principal* que alli havia pera este mister *eram mangues*, que se criam ao longo daquelles alagadiços (ib. 2, 10, 2) — Todolos seus *trabalhos he esgrima* floreada ao som de umas argolas miudas (ib. 1, 9, 3) — *A causa era as estacadas* com que tinham atravessado o rio (ib. 2, 7, 5) — *A vida* daquella cidade *era os man-*

timentos que lhe vinham pelo mar (ib. 2, 9, 5) — *Os reynos, as monarchias e os futuros era a materia*... em que elle estava cuidando (Vieira, Serm. 8, 8) — *Asia são aquelles* vastissimos e poderosos *imperios*, onde reynaram os Ninos, as Semiramis, os Xerxes... *Asia são aquellas terras* populosissimas nas quaes... se edificaram as Ninives e Babylonias (ib. 8, 14) — Por ventura *Herodes he muytos reys: Herodes he muitos principes?* (ib. 5, 526) — *A caridade não he duas virtudes*, huma com que amamos a Deus, e outra com que amamos ao proximo (Bern. N. Flor. 4, 215) — *Huma cousa são as occupaçoens* do officio, e outra as da pessoa (ib. 4, 194) — Bem sabem os versados na Mythologia que as *fabulas* da gentilidade *era* a sua *theologia*, cujos segredos querião os doutos occultar por este modo (ib. 4, 7).

Sendo primeiro termo um nome no plural denotador de povo, os quinhentistas frequentemente empregavam a forma *é* no singular concordando com o termo *gente* claro ou subentendido:

Naquella paragem de Melinde *os negros cafres* do sertão *he gente* muito bestial e fera (Barros, Dec. 2, 3, 2) — *Os povos* destas ilhas *he* de cor baça e cabello corredio (ib. 3, 5, 5) — Ptolomeo... conjeitura que *os Hespanhoes he gente* bellicosa que se não deixa desprezar (Arraes 263).

Dizem-se com o verbo no singular as locuções *é muito, é pouco, é mais de, é menos de, é tanto* junto a especificação de preço, peso, quantidade, medida:

Cinco mil livras é muito (Herc. M. de C. 2, 52) — *Doze leguas é pouco* — *Vinte metros é mais do que preciso*, etc.

Nas interrogações directas ou indirectas, começadas pelos pronomes interrogativos absolutos *quem, que, o que*, o verbo *ser* concorda sempre com o nome ou pronome que se lhe segue:

Quem são estes? Quem eram elles? — Que são honras e glorias para vós?

Nas orações constituidas por um dos pronomes *tudo, isso, isto, aquillo*, o verbo *ser* e substantivo no plural, o verbo toma a forma do plural:

São isto ardijs da pobreza (Eufr. 61) — *São isto leis* da cidade infaliveis (Regat. 33) — *Isso são gados* perdidos (G. Vic. 1, 358) — Eu acho no meu caderno *qu'isto são desaventuras* (ib. 1, 380) — *Tudo eram traças* do mesmo Amam (Vieira, Serm. 11, 25) — *Tudo são effeitos* da estimação dos homens (ib. 5, 546) — Para os semeadores *isto são glorias* (ib. 1, 35) — *Tudo* na casa *eram prevenções* festivas (Bern. N. Flor. 2, 300) — *Tudo* no mundo *são sombras* que passam (Math. Aires, Vaid. 34) — *Aquillo* não *são vozes*, são ecos do coração (ib. 231) — Como *tudo eram armas* de fogo, obrava menos o valor

que a contingencia (Freire de Andr. 176) — *Isso foram conselhos* desta senhora (Ant. José, Alecr. e Mang. 14) — *Aquillo são convulsões* (ib. 19) — *Tudo foram vôos*, por isso agora *tudo são penas* (Ant. José, D. Quix. 37).

Empregando-se com o pronome *tudo* a inversão, isto é, começando-se pelo verbo *ser*, este tomará a forma do plural, como em *eram tudo memorias de alegria* (Cam. Lus. 3, 121), mas pode tambem conservar-se no singular concordando com o pronome: *Tratemos do que cumpre e não seja tudo floreos se me nam quereis estilar* (Eufr. 19).

Nos exemplos acima expostos, o pronome indefinido é o sujeito da oração, pois representa aquillo de que se quer communicar alguma cousa ao individuo ouvinte. Não tem ahi lugar o torcer a frase e o pensamento, afim de dar, por amor á regularidade da grammatica normativa, como sujeito o nome no plural enunciado espontaneamente por ultimo. O sentimento de linguagem em taes casos é bem differente daquelle em que *tudo* é de facto predicado da oração, como nos exemplos seguintes:

O protestantismo convem por isso ao Reino Unido, onde os quatrocentos mil senhores do solo *são tudo*, e são nada quinze ou vinte milhões de servos de gleba e de mendigos (Herc. Lendas e Narr. 2, 20) — Nós temos ouvido a alguns que na execução das leis as formas *são tudo* (ib. 1, 20) — Ésta parede e esta janella *são tudo* o que resta dos antigos paços d'apar S. Martinho (ib. 1, 76).

Nas orações construidas com o verbo *ser*, em que um termo é substantivo e o outro um pronome pessoal, o verbo concorda com o pronome pessoal:

O dono sou eu — As *victimas fomos nós* — Nas minhas terras, o *rei sou eu* (Her. M. de C. 1, 229) — Todos os meus *bens sois vós* (Vieira, Serm. 11, 521).

Achando-se associado ao pronome pessoal *eu* ou *tu* um pronome de 3.ª pessoa no plural, faz-se ás vezes a concordancia do verbo *ser* com esta 3.ª pessoa: *Hoje os pregadores são eu e outros como eu* (Vieira, Serm. 1,43).

Sendo sujeito da oração um pronome relativo, o verbo concorda com o termo antecedente, sujeito ou objecto de outra oração:

Nós, que eramos cativos e pobres, com a pobreza e mendiguez ficamos ricos (Vieira, Serm. 2, 193) — *Eu que prégo* aos peyxes, para que vejais quam feo, e abominavel he [o escandalo], quero que o vejais nos homens (ib. 2, 325) — Assi és *tu que jazes* nessa sepultura (ib. 1, 125) — Tambem me culpava a *mim, que* vos *fiz* companhia (Bern. N. Flor. 4, 18).

Se o referido antecedente do pronome *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjectiva usa-se geralmente na 3.ª pessoa. Com as formas *os, as* emprega-se todavia o verbo na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural, querendo-se pôr em evidencia a inclusão da pessoa que fala ou daquella ou daquellas a quem se dirige a palavra. Pode-se tambem interpretar esta concordancia como sendo o demonstrativo o apposto do pronome pessoal *nós* ou *vós*, subentendido. Cotejem-se os seguintes exemplos:

Os que vistes as mayores Cortes da Europa, vereis a authoridade com que saem em publico os Nuncios Apostolicos (Vieira, Serm. 8, 160) — Como pode ser que eu, e vós que o ouvis, e todos *os que vivemos*, sejamos já pó? (ib. 1, 92) — *Os que nascemos* homens respondemos tão mal ás obrigaçoens de nosso nascimento (ib. 2, 345) — Só resta fazer-vos hũa advertencia muyto necessaria para *os que viveis* nestes mares (ib. 2, 342) — *Vós os que deixastes* por mim tudo e me *seguistes*, sentar-vos-eis no dia do meu juizo sobre doze cadeiras (ib. 2, 361) — *Os mais velhos, que me ouvis e estais* presentes, bem vistes neste Estado... que os mayores, que cá foram mandados, em vez de governar e augmentar o mesmo Estado, o destruiram (ib. 2, 328) — Isso dizeis *vós outros... os que não herdastes* um nome antigo (Herc. M. de C. 1, 30).

Funcionando o antecedente do pronome *que*, não já como sujeito ou objecto, e sim como predicado do verbo *ser*, faz-se a concordancia com o sujeito deste verbo. Tal é o uso em port. ant., em linguagem quinhentista e seiscentista, e em parte tambem em port. hodierno:

Eu ssom aquella que te punguo e faço nojo comtra tua võotade (L. de Esopo 24) — *Som... homem que* sempre *possuy* fazenda (Zur. Ined. 3, 26) — *Eu fui o ladrão que roubei* vossa gloria (Th. de Jes. 2, 103) — Ganhey muyto em *ser ho primeiro Portugues que* na lingoa *resuscitey... fuy* tambem *ho primeiro que mostrey* ho engano que muytos tinhão (Castanh. 3, Prol.) — *Fuy ho primeiro Portugues que tomey* tão homrrada empresa, e lhe *dey* fim tanto a minha custa (ib. 7, Prol.) — *Fui eu o primeiro que brotei* este fruto (Barros, Dec. 1, Prol.) — Não *sois vós o primeiro que a deixastes* por ouro (R. Lobo, C. na Ald. 61) — Eu sou *aquelle* occulto e grande cabo... *que* nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo, Plinio, e quantos passaram, *fui* notorio (Cam. Lus. 5, 50) — *Sois vós aquelle* que um dia... me *mandastes* camarinhas...? (G. Vic. 3, 154) — *Eu fui aquelle que preguei* os primeiros annos do reynado de Vossa Majestade... *eu sou o mesmo que torno* a prégar hoje o fim dos mesmos annos (Vieira, Serm. 13, 2) — Vós, Pedro, *sois o valente que havieis* de morrer por mim (ib. 2, 334) — *Eu sou o principe* dos exercitos de Deus, *que* em seu nome *venho* assistir e ajudar (ib. 1, 218) — *Fui eu o primeiro que diligenciei* os acasos de tornar a ver-te (Fil. Elysio, 19, 150) — *Sou eu o primeiro que* não *sei* classificar este livro (Herc. Eur. 308) —

Elle não me dizia nada. *Fui eu o primeiro que falei* (Herc. M. de C. 1, 29).

Contrariamente a este uso escreveu Filinto Elysio 14,5:

Direi que não *sou eu o primeiro Portugues que* delles *se servia* mui de proposito.

Muito digna de notar-se, sobretudo pela abundancia de exemplos em Vieira e Bernardes, é a construcção parallela á syntaxe latina em *non is sum qui glorier*, na qual se considera o pronome demonstrativo apenas como elemento intermediario. Mas ao passo que o latim frequentemente calava o pronome demonstrativo antecedente, a lingua portugueza usada até fins do seculo XVIII não se prevalecia desta liberdade:

Tu és o que morreste, aquella vida era tua (A. Ferr. 2, 273) — Quem te disse que *eu era o que te sigo?* (Cam. Lus. 9, 77) — *Vós sois o que dissestes:* Deixo o mundo e vou ao Padre (H. Pinto, 1, 496) *Nós fomos os que matamos* os seus naturaes (Castanh. 2, 98) — Não *fui eu o que preguei* (Vieira, Cartas, 2, 265) — *Eu fui o que descompuz* o governador (ib. 2, 261) — *Vós sois os que* me *sustentais* as Cartuxas e os Buçacos (Vieira, Serm. 2, 324) — Ou *seja o sol o que se move*, ou *nós os que nos movemos*... os effeitos são os mesmos (ib. 2, 443) — *Eu sou o que domei* os Leões e os Ursos no deserto (ib. 5, 130) — *Eu sou o que* mais *duvido* (ib. 5, 281) — Não *sou eu o que hei de* deixar as minhas raizes (ib. 5, 348) — Não *sou eu o que o digo* (ib. 8, 9) — *Seja eu o que* lhe *faça* a questão (ib. 8, 76) — *Eu serei o que* as *proporei* (ib. 9, 420) — *Sejamos nós os que roguemos* por ella (ib. 9, 16) — *Eu sou o que sou... Eu o sou o que edifico* os Reinos, e os *dissipo* (ib. 2, 239) — Não *és tu o que* só *restaste* dos quatro animaes que eu fiz reinar no meu mundo?... Não *és tu... o que* sempre *reynaste* com dolo, e *julgaste* contra a verdade, e *amaste* a mentira? Não *és tu o que debellaste* os muros e *conquistaste* as cidades, *e destruiste* as casas, e *roubaste* e *despojaste* os pobres do fruto dos seus trabalhos? Não *és tu o que atribulaste* e *affligiste* os innocentes, e *tyrannizaste* os que te tinhão offendido, e sobretudo *o que disseste* injurias, afrontas, e blasfemias contra o Altissimo? (ib. 13, 210) — Não *sou eu o que devo* responder-lhe, senão todos os Autores (Bern. L. e C. 140) — *Eu fui o que fiz* isso (ib. 352) — E *nós fomos os que* não *queremos* receber (ib. 400) — Ah peccador atrevido e infame! *Tu foste o que açoutaste* a Jesus, tu *o que* o *coroaste* de espinhos, *o que* lhe *lançaste* salivas no rosto, *o que* o *pregaste* na Cruz (ib. 570) — *Eu sou o que devo* dal-a (Mello, Ap. Dial. 187).

A mesma concordancia e a mesma praxe de não omittir o pronome demonstrativo se observava quando o sujeito do verbo *ser* fosse da 3.ª pessoa:

Ella [a justiça] *é a que dá* o merecimento (H. Pinto, 1, 153) — *Maria foi a que se assentou* a seus pés sagrados (Vieira, Serm. 5, 566) — E *a lingua foi a que persuadiu* o povo a que cresse em Deus (ib. 8, 435) — *A lingua foi a que converteu* o rei (ib.) — Brasonava de *ser elle só o que seguia* e defendia as partes de Deus (ib. 8, 443) — A *sciencia ou ignorancia he a que dá* ou tira o ser, e *a que diminue* ou accrescenta a perfeição do amor (ib. 2, 376) — *A honra foi a que enganou* e destruiu o primeiro homem (ib. 9, 69) — *A vida he* e não a morte, *a que leva* os homens ao inferno (ib. 9, 70) — *O juizo he o que medita a boca e a lingua he a que fala* (ib. 9, 101) — *Deus era o que falava* (ib. 9, 131).

O falar hodierno, continuando embora a dar ao verbo da segunda oração terminações de 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoa de accordo com o sujeito do verbo *ser*, differe todavia da praxe antiga em enunciar o relativo *que* prescindindo do antecedente *o, a, os, as*:

Não *fui eu que* o *assassinei* (Herc. Eur. 284) — *Foste tu que* me *buscaste* (Her. M. de C. 1, 86) — Não *serei eu que assista* a elle (Herc. Lendas e Narr. 1, 241) — *Sou eu que exponho* (Castilho, Met. 41) — *Sou eu que venho* salvar-vos (Herc. Lendas e Narr. 2, 46) — *Sou eu que te mando* vás vestir as vestiduras de missa (ib. 2, 65) — *És tu que deves* lembrar-te delle (ib. 1, 119) — *Vós sois que doestaes* os honrados burguezes desta leal cidade em minha pessoa (ib. 1, 10) — Mas *fui eu, eu que* lh'o *preparei, eu que* lh'o *dei* a beber (Garrett, Fr. 119) — Não *foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que* o *sachou* e *plantou* (Garr. Viagens 1, 9) — *Fui eu que* me *esqueci* (E. de Q. Crime 68) — Não *fora elle que abdicara* (ib. 153) — *Foi elle que escreveu* o artigo? (ib. 176) — Não *sou eu que o quero* (ib. 204) — *Fui eu que disse* ao padre Natario (ib. 217) — *Sou eu que peço* (ib. 225) — *Fui eu que pedi... fui eu que sonhei...* E *foi tua madrinha que* t'os *cortou* (Din. Morg. 2, 73).

A linguagem *sou eu quem...*, usada a par de *sou eu o que...*, remonta ao seculo XVIII, não ficando desde logo decidido se esta modificação acarretaria, ou não, mudança de concordancia. Se *quem* equivalia a *aquelle que, o que*, era natural que persistisse o antigo processo de regular a forma do segundo verbo pela do verbo *ser*. Deste raciocinio é illustrativo o seguinte trecho de um volume publicado em 1711:

Não *sou eu aquelle que* pela boca de Montano *vomitey* publicamente muytas palavras cheias de horrivel blasphemia? Não *sou eu quem*, tomando a Maximilla por instrumento, *obrei* diversas e atrocissimas maldades...?. Não *sou eu quem*, influindo em Ario, *invadi* a Alexandria e *alcancey* o triunfo de que affirmassem ser creatura o Filho de Deus vivo? *O que* por meyo de Manes, *semeey e propaguey* a heresia dos Manicheus e *persuadi* que me votassem jejuns e peni-

tencias? *O que* por meyo de Donato, *assoley* toda a Africa? Eu, eu sou o mesmo (Bern. N. Flor. 3, 406).

Desrespeitou-se comtudo frequentemente a praxe, pondo o segundo verbo na 3.ª pessoa quando o sujeito de *ser* era de 1.ª ou 2.ª. Não se funda este novo processo em razão tão logica, como hoje geralmente se suppõe; mas surgiu por contagio, por usar-se o termo *quem* em orações de outra especie com o verbo na 3.ª pessoa. Filinto Elysio uma vez que escreveu, segundo o costume antigo, *eu sou o que lhe aponto a aurora* (2, 81), não foi senão coherente ao traçar frases como as seguintes:

Nem *sois quem lutais:* luta arquejando contra a Razão robusta o vão orgulho (3, 148) — Nós *fomos quem* no berço o *embalámos* com Delias Cantilenas (1, 274) — E *tu és quem tens* a culpa de eu viver sempre á sombra (13, 72) — Não *fui eu quem* o *privei* della (19, 115) — *Nós somos quem* tanta ventura lhe *devemos* (19, 155) — E *eu* mesma *fui quem* taes desgraças me *grangeei* (19, 221).

E já deixando-se arrastar pela corrente que ia esquecendo um velho preceito de concordancia, escreve o mesmo autor:

Se *sou eu quem* a essa vinda vos *convida*, ah! forrai a inutil jornada (19, 49) — *Sereis vós quem* me *ensine* (19, 101) — *Sois vós*, Susanna, *quem venceu* (19, 120) — *Vós* e unicamente vós, *sois quem* me occupa o animo (19, 150) — E *és tu quem* me *é* assim traidora (20, 26) — *Sou quem* vos *despedaça* o coração (20, 36) — *Sois vós quem* m'o *assegura* (20, 67) — *Fui eu quem lançou* a afflicção numa familia da primeira plana (20, 79).

A. P. de Figueiredo, Biblia Sagrada (1794-1819), serve-se geralmente da linguagem antiga. *Eu sou o que venho da batalha, e o que escapei do combate; tu és, oh Deus, o que me vingas; eu João sou o que ouvi e vi estas cousas*, etc., mas tambem offerece exemplos como este:

Não *sou eu quem* o *inventei* de minha cabeça (Num. 16, 28).

Os seguintes passos dos Cantos de Gonçalves Dias mostram que o nosso grande poeta possuia ainda o sentimento de que o verbo da segunda oração devia concordar com o sujeito do verbo *ser*, não só quando a antiga expressão *o que* era substituida por *que*, mas tambem quando em seu lugar se usava *quem:*

Arde o pau de resina fumosa, não *fui eu*, não *fui eu que* o *acendi* (C. do Piaga) — Mas por fim do triumpho cruento direis vós se *fui eu quem menti* (Tabyra) — *Sou quem prendo* aos ceus a terra (A Morte).

É sobremodo eloquente a serie de exemplos nestes versos de «Te Deum»:

Na innocencia do infante *és tu quem falas;*
A belleza, o pudor — *és tu que* as *gravas*
Nas faces da mulher, *és tu que* ao velho
Prudencia *dás*, e *o que* verdade e força
Nos puros labios do que é justo *imprimes.*

És tu quem dás rumor á quieta noite,
És tu quem dás frescor á mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas.*

És tu que do oceano á furia insana
Pões limites e cobro, — *és tu que* a terra
No seu vôo *equilibras,* — *quem* dos astros
Governas a harmonia, como notas
Accordes, simultaneas, palpitantes
Nas cordas d'Harpa do teu Rei Propheta
. . . .

Á força de combater-se uma concordancia que não é mais do que o corollario de um phenomeno de syntaxe historica portugueza fundada em syntaxe latina, tem desapparecido da linguagem literaria o emprego de *quem* com verbo em 1.ª ou 2.ª pessoa, vigorando todavia a antiga concordancia desde que se empregue *que* em lugar de *quem.*

Por outra parte, o emprego systematico de *quem* com verbo em 3.ª pessoa, excluindo de todo a outra concordancia a pretexto de ser este pronome equivalente de «aquelle que», é falar amaneirado dos nossos dias que pecca por excesso de raciocinio dentro de limitado circulo de idéas. Vê-se a regra applicada escrupulosamente emquanto a referencia se faz a pessoa no singular, como *fui eu quem mandou.* Tratando-se de pluralidade, já não se cogita da regra; porquanto não se vê o mesmo açodamento para dizer, como o pediria a coherencia, *fomos nós quem mandaram, fostes, vós quem fizeram,* etc. Com o verbo no singular ainda é possivel construir. Coteje-se com os supracitados exemplos de Filinto Elysio o seguinte:

Eram as paixões, os vicios, os affectos personalisados *quem fazia* o serviço dos seus poemas (Herc., Lendas e Narr. 2, 305).

Se, em construcções como *fui o primeiro Portuguez que mostrei o caminho*, era costume pôr o verbo da oração restrictiva de accordo com o sujeito da primeira oração, desprezando-se o antecedente immediato do pronome *que*, isto é, o predicado do verbo *ser*, parece que a mesma pratica se deveria tornar extensiva áquellas construcções em que o dito antecedente ou predicado de *ser* denotasse selecção, dizendo-se pois analogamente: *fui um dos primeiros Portuguezes* (ou *fui dos Primeiros Portuguezes*) *que mostrei o caminho*. A linguagem familiar de hoje, espontanea e despreoccupada de combinações logicas e formulas grammaticaes, manifesta notoria predilecção por esta concordancia. Se a tendencia se funda, como parece, em habito consagrado por muitas gerações, devemos notar comtudo que a tradição literaria se revela mais timida neste ponto, fazendo a concordancia algumas vezes com o sujeito do verbo *ser*, outras porem com o respectivo predicado. O receio parece diminuir quando o verbo da oração relativa se combina com o reflexivo *se* indicando agente indeterminado:

Esta foi *hũa das maiores ditas que se vio* (Eufr. 106) — Manuel de lacerda *foy dos primeiros que subio* (Castanh. 3, 27) — Este foy *hũ dos noveis que* no dia do torneo *fez* moores cousas em armas (Mor. Palm. 1, 183) — Esta foy *hũa das milhores batalhas* e mais pera ver *que* nunca em nenhũa parte *se vio* (ib. 1, 485) — Uma [nao].... que foi *das mais fermosas velas que se vio* em toda a Europa (Barros, Dec. 1, 6, 7) — E alguns quizeram dizer que a razão... foi per elle Diogo Lopes ser *huma das principaes partes que favoreceo* as cousas delle viso-rey (ib. 2, 4, 3) — Foi esta viagem *uma das mais bem afortunadas que se fez* de tão grossa armada (ib. 1, 7, 11) — Alem de ser *um dos mais illustres feitos que* na India *se fizeram* (ib. 2, 3, 1) — O qual caravelam veo e foy *hũa das cousas que* té então *se vio* da India por milagrosa (ib. 3, 1, 6) — Porque a entrada desta cidade *foi hum dos illustres feitos que* té aquelle tempo *se fez* naquellas partes (ib. 2, 1, 2) — Foi *hum dos maiores golpes que se vio* (ib. 2, 1, 6) — Era este Catual *hum dos que estavão corrutos* pela maometana gente (Cam. Lus. 8, 81) — Nós *fomos dos primeiros que chegámos* a elle (Santos, Eth. 1, 320) — A Santa Casa de Misericordia de Lisboa he *huma das notaveis grandezas que illustram e acreditam* esta real cidade (ib. 4, 176) — E eu fui *um desses que* no auto dos Pastores e em mais outros *fiz* meu papel a gosto dos vizinhos (Fil. El. 3, 219) — Elle [reino] foy *hũa das primeiras terras* de Espanha *que recebeo* a fé de Christo (Sousa, S. Dom. 2).

O verbo, na oração relativa, posto no singular em concordancia, não com o termo no plural que lhe serve

de antecedente, mas com o termo selectivo *um*, occorre tambem por vezes na linguagem literaria, quando a oração começa por *um dos...que*:

Huma das cousas que me mais *espantou* desno tempo que comecei a revolver livros foi a demasiada negligencia dos chronistas destes reguos (D. de Goes, D. M. 577) — *Huma das cousas que* muito *agradou* sempre a Deus em seus servos, foi a peregrinação (Vieira, Serm. 5, 568) — E *huma das cousas que* muito *alegrou* ao novo visitador foi, não achar já por estas aldeas entre os Christãos mais antiguos o infame abuso da carne humana (Sim. de Vasc. 118) — *Huma das cousa que derrubou* Galba do Imperio foy tardar algum tanto (Bern. N. Flor. 2, 181).

O phenomeno do emprego do verbo no singular em vez do plural na oração relativa observa-se tambem em grego, em latim, em inglez, em allemão, em hespanhol, em francez. A. Tobler cita Boileau *M. de Soubise est un de ceux qui s'y est le plus signalé* e da Academia Franceza *L'astronomie est une des sciences qui fait le plus d'honneur à l'esprit humain*. Explica o mesmo linguista o facto como uma attracção ou assimilação progressiva.

O adjectivo e o verbo servindo de attributo ou predicado á palavra *gente* dizem-se de ordinario no singular, notadamente se se acham junto deste substantivo ou se vem interposto outro vocabulo ou locução curta:

Muita *gente* da terra se *achava* morta pelas ruas (Barros, Dec. 2, 6, 6) — Da armada a *gente vigiava* (Cam. Lus. 1, 58) — A *gente estranha* pelas cordas já *subia* (ib. 1, 49) — Esperam que *a guerreira gente saia* (ib. 1, 86) — Não *soffre* muito *a gente generosa* andar-lhe os cães os dentes amostrando (ib. 1, 87).

Ao uso do verbo no singular de accordo com o sujeito *gente* preferem todavia os escriptores algumas vezes o verbo no plural, ao descreverem situações que impressionam sobretudo pelo numero consideravel de individuos:

Vendo os nossos como *a gente* destas terradas *andavam* nadando por se acolher a terra (Barros, Dec. 2, 2, 3) — *Povoavam* os degraos *muyta sorte de gente* que pareciam enfermos, huns nas cabeças entrapados, outros em terem muletas, outros bordões nas mãos, todos esperavão pela benção do Santo (Sousa, Vida do Arceb. 2, 348).

Se a referencia ao collectivo vinha afastada delle pela interposição de dizeres muito longos ou se fazia indirectamente por via de um adjectivo, pronome ou verbo em oração secundaria, havia toda a liberdade para o em-

prego da synese. Barros, Camões e outros quinhentistas são insignes na pratica desta linguagem:

A *gente* forasteira com a mesma necessidade (posto que *tinham* tomado armas contra nós, mais por temer *receberem* por isso mao tratamento del rey...) *confiados* no que Affonso d'Albuquerque mandou notificar... *mandaram*-lhe pedir seguro pera se *tornarem* á cidade e *estarem* nella té se *embarcarem* pera suas terras (Barros, Dec. 2, 6, 6) — Não erão ancorados quando *a gente* estranha polas cordas já sobia; no gesto *ledos vem*, e humanamente o Capitão sublime *os* recebia (Cam. Lus. 1, 49) — Sahindo a *gente* descuidada, *cahirão* facilmente na cilada (ib. 1, 80) — O grande estrondo a maura *gente* espanta, como se *vissem* horrida batalha. Não *sabem* a razão de furia tanta. *Cuidam* que seus enganos são sabidos (ib. 2, 25) — Ditosa *gente*, que não *são* de ciumes offendidos (ib. 7, 41) — A *gente* destes barcos era baça, *vinham* vestidos de pannos d'algodão listrados (Goes, D. Man. 40).

Não sendo obrigatorio o uso do verbo no plural, e dependendo esta forma unicamente da intenção do autor de pôr em relevo a pluralidade de individuos que exercem ou soffrem a mesma acção, podem-se naturalmente redigir periodos nos quaes alternam nomes, pronomes, adjectivos e verbos no plural com verbos no singular:

A *gente* da cidade aquelle dia, *huns* por amigos, *outros* por parentes, *outros* por ver somente, *concorria*, *saudosos* na vista e *descontentes* (Cam. Lus. 4, 88) — A *gente* que esta terra *habita*, posto que todos ethiopes *eram*, mais humana no trato *parecia* que os outros... Com bailes e com festas de alegria a nós *vierão* (ib. 5, 62) — Se esta *gente*, que *busca* outro hemispherio, cuja valia e obras tanto amaste, não queres que *padeçam* vituperio... não ouças mais, pois és juiz direito, razões de quem parece que he sospeito (ib. 1, 38).

Predominando o sentimento de collectividade sobre o de seres individuaes, usa-se o verbo no singular:

Não *se contenta a gente portugueza*, mas seguindo a victoria *estrue* e *mata*; a povoação sem muro e sem defesa *esbombardeia*, *accende* e *desbarata* (Cam. Lus. 1, 90).

O termo *gentio* tambem pode dar lugar ao emprego da synese:

E depois que esclareceo que a terra foi appellidada, *acudio* tanto *gentio*, que *pareciam* gralhas que desciam das arvores (Barros, Dec. 1, 7, 2) — *O gentio* da cidade, como o principal mantimento de que se sustenta he pescado, vendo não ter modo de poder ir pescar, *ordenaram* huma cilada aos bateis de Vicente Sodré (ib. 1, 6, 7) — *O gentio* do interior daquellas terras *fazem* desta moeda thesouro (ib. 3, 3, 7).

No seguinte passo faz o poeta a concordancia não com o vocabulo «figuras», como o pediria a linguagem, mas

com o termo «varões», que tem em mente, e que vêm representados nas figuras:

Estas figuras todas que aparecem, *bravos* em vista e *feros* nos aspeitos, mais *bravos* e mais *feros* se conhecem pela fama nas obras e nos feitos. *Antigos* são, mas inda resplandecem co nome entre os engenhos mais perfeitos (Cam. Lus. 8, 2).

Não é commum a synese com os vocabulos *multidão, povo*. Encontram-se esparsos estes exemplos:

Era muyto amado de seu *poboo*, por *os* manteer em dereito e justiça (F. Lopes, D. P. 14) — Em esto o *poboo Romaão começaram* de se alvoroçar, delles armados e outros sem armas, como algũas vezes soem de fazer; e *forom-se* (F. Lopes, D. F. 362) — Quando todo o *povo* o vio assi armado, sabendo a causa porque se queria combater, *começaram* a rogar a Deus em suas vontades que ajudasse ao cavalleiro (Barros, Clar. 1, 86) — A cuja vista se *abaterão prostrados* com profundissimo acatamento toda a *multidão* immensa do genero humano resuscitada (Vieira, Serm. 2, 430) — Simão Mago apellidou hum dia todo o *povo* Romano para o *verem* subir ao Ceo (ib. 6, 296) — Porem a *multidão* de todos os presentes, posto que dentro do Templo, não se *voltaram* para o Altar a dar graças e louvores a Deus, mas attonitos e pasmados *estavam todos* com olhos pregados nos Apostolos (ib. 8, 412).

Os dizeres *um grande numero de, grande multidão de, grande quantidade de*, quando considerados como synonymos de *muitos*, fazem prevalecer o conceito de pluralidade, concordando o verbo com o nome ou pronome a que taes expressões se ajuntam. D'aqui o emprego do plural nestes passos:

Assi accenderam a furia dos Gentios e Mouros das naos que eram presentes, que *vieram* com aquelle impeto *hum grande numero delles* sobre os nossos (Barros, Dec. 1, 9, 4) — Aqui *dos Scythas grande quantidade vivem* (Cam. Lus. 3, 9) — Então *um grande numero de crianças, de velhos e de mulheres... atravessam* por meio das duas fileiras (Herc. Eur. 149) — *Uma grande multidão de crianças, de velhos. de mulheres penetraram* na caverna (ib. 296) — *Um grande numero de velas branquejavam* sobre as aguas do estreito (ib. 62).

No seguinte exemplo, talvez por mencionar-se o verbo em primeiro lugar, faz-se a concordancia com o substantivo *numero*:

Lhe *saio* ao encontro *grande numero de molheres* (H. Pinto, 1, 250).

A synese que põe o verbo no plural de accordo com o termo complementar de outro vocabulo, pode ser devida

a ter o escriptor em mente outra formula da mesma proposição:

Peró *nenhuma destas branduras*, de que D. Lourenço quiz usar, *aproveitaram*, antes *deram* ousadia aos da terra de tirarem ás frechadas a quem levava este recado [por influencia de: *estas branduras... não aproveitaram, antes deram...*] (Barros, Dec. 1, 9, 4) — Diz Avidio Casio... que quasi *nenhum* dos grandes varões Romanos *deyxaram* filhos illustres [p. infl. de: *os grandes varões* Romanos *não deixaram...*] (H. Pinto, 2, 722) — *O numero dos quaes* entre estes e os que morreram na praia *passaram* de quinhentos, e dos nossos dezoito [p. infl. de: *os quaes... passaram em numero...*] (Barros, Dec. 2, 1, 6) — E a *substancia das palavras eram* que elle não sabia que causa haveria pera aquelle moço de tão pequena idade ser mais verdadeiro herdeiro do que elle era [p. infl. de: *as palavras em substancia eram...*] (ib. 3, 5, 2) — *A formosura de Paris e Helena foram* causa da destruição de Troia [p. infl. de: *As fermosas Paris e Helena foram* causa...] (H. Pinto 2, 669) — *Uma tempestade de paixões* tumultuosas e encontradas me *dilaceravam* o coração [p. infl. de: *paixões em tempestade...* me dilaceravam...] (Herc. M. de C. 1, 40).

No seguinte trecho, vem o verbo *demoram* no plural evidentemente por haver o autor pensado um *todas estas terras, que formam grande tracto,* como respectivo sujeito:

Seguindo o grande arco que faz aquelle golfo pelas costas da mesma Bengala, Pegu e Siam até o estreito de Cingapura, o mais austral de todo o Oriente, todas aquellas terras ficão á mão esquerda, e o mar por onde se navegão, que he o mesmo golfo á direita. Finalmente continuando depois de Malaca os reynos de Camboja, Champá e Cochinchina, e o vastissimo Imperio da China, *todo este grande tracto de terras demorão* á mão esquerda, e o mar ou mares do Oceano Chinense até o Japão á direita (Vieira, Serm. 8, 158).

Verbo que tenha por sujeito algum dos dizeres *parte, grande parte, a maior parte,* tratando-se de muitos seres, usa-se no singular se a expressão fraccionaria se referir a nome collectivo: *parte do povo fugiu; a maior parte do exercito morreu de fome.* Usa-se no plural, ou tambem no singular, se a referencia se fizer a um substantivo no plural. A synese aqui é de applicação frequente e aceita como boa linguagem na grammatica do port. hod. Comparem-se com o falar actual estes exemplos quinhentistas:

Os amigos de Antonio *parte foram destruidos; parte desbaratados* (H. Pinto 1, 275) — A causa principal... fora... *estarem* em seu poder *a maior parte das especiarias* (Barros, Dec. 1, 4, 8) — *A maior parte dos quaes*, como gente offerecida á morte, não *se contentaram* esperar os nossos detrás das tranqueiras (ib. 2, 1, 6) — O viso-rey, a quem *parte destas cousas* per intelligencia delrey de Cochij *eram descobertas...* mostrou neste verão ter mais forças (ib. 2, 1, 4).

A locução *o grosso de*, com sentido equivalente a «a parte mais numerosa de», seguida de nome no plural, costuma-se dizer com o verbo no singular, se elle vier junto do sujeito:

Quando o fronteiro cahiu, *o grosso dos mouros fugia* já para alem do pinhal (Herc. Lendas e Narr. 2, 93).

Havendo porem entre o sujeito e o verbo interposição de dizeres longos ou sendo o contexto tal que recae a attenção principalmente sobre a noção de pluralidade, o verbo diz-se no plural:

Collocados na entrada do valle, uma parte dos cavalleiros offerecer-lhes-iam debil resistencia, cedendo pouco a pouco... Então o *grosso dos cavalleiros*, em cilada nas selvas que se dilatavam para as alturas... *acomettel-os-iam* pelas costas (Eur. 268).

Nenhuma influencia sobre o verbo têm as locuções *obra de, cerca de, passante de, perto de, mais de, menos de*, postas antes de um numero plural para indicar quantidade aproximativa:

Ficarom hi *mais doiteemta* (F. Lopes, D. J. 220) — *Hião* co ele *obra de tres mil* homens (Castanh. 3, 59) — *Sahiram* á praia *obra de oito mil* homens (Barros, Dec. 2, 2, 3) — *Seriam* juntos *passante de oitenta mil* homens (ib. 1, 3, 9) — Foi tirando até setenta; *restaram* apenas *obra de uma duzia dellas* (Herc. Lend. e Narr. 2, 157).

Em exemplos como *já lhe ficava atraz mais de cincoenta legoas* (Vieira, Serm. 8, 214), o verbo não concorda com *cincoenta legoas* nem com a expressão *mais de*, porem está no singular por ter-se presente no espirito a noção de «distancia de cincoenta leguas».

Os chronistas quando designavam uma pessoa ou cousa pelo nome usado no Oriente, costumavam empregar o verbo *ser* no plural na definição ou explicação que incidentemente davam do termo. Referiam-se naturalmente a todas as pessoas ou cousas similares á que constituia assunto da narrativa:

Seguindo assi ho governador sua rota pera a costa da India foy surgir no porto da ilha de Anjadiva... onde achou hũ *patamar que* antre os Indios *sam* como antre nos os correos. (Castanh. 2, 9) — Apareceo *hũa panguejava que sam* hũs navios... compridos (ib. 3, 51).

Curiosa concordancia é a do verbo *ser* nas orações incidentes em que se determina a distancia de um ponto a outro. Em vez de pôrem o verbo no singular de accordo com o sujeito, empregavam-no os chronistas no plural fa-

zendo a concordancia com o numero de leguas, dias, etc. Exemplos desta linguagem são frequentissimos em Fernão Lopes, João de Barros e outros:

Partira de *Çamtilhana que som dalli cinquo legoas* (F. Lopes, D. P. 56) — Ataa o dito *moesteiro, que eram dalli dezasette legoas* (ib. 114) — Estando elle em *Repelim, que serão té quatro legoas* de Cochij, mandou grandes amoestações a elrey de Cochij (Barros, Dec. 1, 7, 1).

Na determinação das datas faz-se concordar o verbo *ser* com o numeral denotador do dia do mez. Fundados neste principio, escreveram os chronistas:

Hũa *quinta feyra* que *forão tres Dagosto* se partio Vasco da gama (Castanh. 1, 2) — E ao outro *dia* que *forão 28 de Julho* (ib.).

Divergindo do francez, inglez, allemão, dizemos no plural *Que horas são? São duas horas, eram quatro horas*, etc. E assim se encontra na linguagem escripta do port. mod.

São dez horas: as horas de sua mercê se retirar (Herc. M. de C. 2, 28) — *São horas* de vos recolherdes, e eu vou retirar-me (ib. 2, 43) — *São horas* de partir (ib. 2, 50).

Contrariando este costume, podia-se dizer em port. ant. com o verbo no singular:

Logo me quero hir, ca já *he horas* de comer (F. Lopes, D. J. 18).

A concordancia acima, em que a noção de «horas» prevalece sobre a de «tempo», «instante», tornou-se extensiva á linguagem *deram quatro horas, cinco horas*, etc., como se o verbo *dar* fosse synonymo de *soar*. Fixou-se o emprego do dito verbo *dar* na especificação das horas em virtude da accepção «bater», «dar pancadas», querendo-se significar que «o relogio deu» ou «bateu tantas pancadas». Vê-se portanto que com o costume de calar, por brevidade de linguagem, o sujeito da oração, se deslocou o termo aferidor da concordancia para *horas* ou *pancadas*, complemento do verbo *dar*. Restabelece-se todavia a concordancia primitiva desde que se mencione a palavra *relogio* juntamente com o verbo:

Neste momento *o relogio deu* dez pancadas (Her. M. de C. 2, 27) — *O relogio tinha dado* onze pancadas (ib. 2, 43) — Ás oito horas devia nascer para elle um dia de gloria e contentamento, ou de desdouro e zanguinha. *Deram as oito* (Herc. Lendas e Narr. 2, 226).

Nomes (ou pronomes) usados como termos esclarecedores do sentido do sujeito e que o acompanham, quer directamente sob a forma de appostos, quer mediante a particula *ou* significando identidade ou equivalencia, não constituem multiplicidade de sujeitos. A concordancia se fará com um termo só, que pode ser ou o nomeado em primeiro lugar antes de qualquer termo esclarecedor, ou o equivalente mais proximo do verbo ou adjectivo:

Edificou em huma *fortaleza, ou castello, chamado* Wideleshores (Bern. N. Flor. 4, 18) — A rainha desmontava de um palafrem branco, em que viera do *cadafalso ou tablado erguido* no topo occidental da Rua Nova (Her. M. de C. 2, 162) — D'ahi para cima *um gibão* de mulher, *ou vasquinha, preto e affogado* na garganta, *escondia* debaixo das multiplicadas pregas as formas emmagrecidas daquelle corpo (ib. 2, 175) — *O truão, bobo ou bufão era* uma casta de animal indispensavel nos alcaceres regios e senhoriaes (ib. 2, 252) — É ao sentimento do dever, da justiça, da piedade filial que *o teu prelado, o teu amigo* te *revoca* (ib. 2, 210) — Crendo que *essa grande benção* de Deus, *a franca e intima alegria, podia* penetrar no recinto consagrado ao egoismo das pequeninas vanglorias (ib. 2, 244).

A particula *ou* posta entre differentes substantivos, todos no singular, pode denotar alternativa, perplexidade, incerteza ou duvida. Se a situação for tal, que o verbo não comporte ou pareça não comportar como sujeito senão um dos substantivos nomeados, a concordancia se fará no singular:

Crendo que *Fainama ou alguma de suas irmãas era* morta (Barros, Clar. 1, 55) — E todas as grandes matronas que dentro da successão dos seculos *ou a graça ou a fortuna, ou a natureza fez* singulares, foram a sombra deste sol (Vieira, Serm. 7, 153) — *O temor ou o pejo* destas palavras *fez* por então aquietar a todos (Freire de Andr. 236) — *Deus ou o demonio torceu*-te os designios (Herc. M. de C. 2, 208) — *O cutello ou a prostituição é* o que os arabes offerecem á innocencia (Herc. Eur. 155) — Que lhe *importava esse vulto, essa mulher, ou esse demonio* que se *interpunha* entre elle e o alvo a que se dirigia? (Herc. M. de C. 2, 123) — A má vontade para tudo quanto *o berço ou a fortuna poz* acima della (ib. 2, 69) — *Que Deus? Que homem? ou que demonio* me *aturdiu* a cabeça socegada... (Fil. El. 1, 269).

Acção que pode ser praticada tanto por um como por outro dos seres expressos pelos substantivos ligados pela conjunção *ou*, enuncia-se pondo o verbo no plural. É de saber que nestas condições *ou* muitas vezes é substituivel por *e*, sem prejuizo de sentido:

As penas que *S. Pedro ou seus successores fulminam* contra os homens (Vieira, Serm. 2, 343) — *O Nilo ou o Tejo não devem* as suas correntes ás terras por onde *passam* (ib. 9, 52) — Ahi, *a luctuosa negrura* dos trajos do homem *ou as cores cançadas* das roupas feminis não *dão* o aspecto de festas de sombras ao folgar dos vivos (Herc. M. de C. 2, 244).

Ás vezes o segundo termo, precedido de *ou*, se enuncia como que estendendo parentheticamente o caso a outro individuo. A concordancia do verbo se fará então com um sujeito só:

Os mercadores naquela terra fazião o que *ho senhor dela ou seu governador* lhes *mandava* (Castanh. 3, 105) — Se *todos, ou algum delles, viram* alguma hora dor semelhante á sua (Vieira, Serm. 11, 471) — *Hum cardeal, ou hum Papa* emquanto *homem*, não *he* mais que huma pessoa (Bern. N. Fl. 2, 237) — *Religioso ou sacerdote*, que *fita* os olhos em mulher, bem *poderá* ser bom religioso e sacerdote, mas por então não o parece (ib. 2, 394) — Se *o porteiro Fr. Julião, ou outro subdito seu*, ainda mais somenos, *quizesse* alevantar-lhe a grimpa (Herc. M. de C. 2, 195).

Usando-se *ou* antes de nome identico a outro, porem no plural, para denotar que se admitte rectificação de numero, o verbo concordará com o termo mais proximo, isto é, no singular se se achar o verbo no principio da oração, mas no plural se vier depois do sujeito no plural:

O poder ou poderes do homem *erão* sobre todos os peyxes (Vieira, Serm. 6, 293) — *A parte ou partes* contrarias... *hiram* citar as outras partes (Ord. D. Man. 1, tit. 38) — E nom tendo por onde paguar será preso atee *a parte ou partes serem* satisfeitas (ib.) — *Essa crença ou* antes *essa infinidade de crenças*, unidas só em guerrear a igreja de dezoito seculos... não *podem* deixar de viver de um mysticismo perfumado (Herc. Lendas e Narr. 2, 201; é um caso de synese, «infinidade de crenças» sendo equivalente a «muitas crenças»).

Concordancia analoga á precedente, isto é, com o nome mais proximo, se applica tambem ao termo determinante do nome:

Capazes de lhe entortarem *uma ou mil missas cantadas* (Herc. Lend. e Narr. 2, 269) — Sem que fosse possivel perceber contra *qual ou quaes individuos* se accumulava tanta sanha (ib. 1, 54).

Falando-se de diversos individuos que tenham o mesmo nome ou que pertençam á mesma familia, ou nomeando-se os monarchas da mesma dynastia, o respectivo nome proprio toma a forma do plural: *os Affonsos, os Cesares, os Sousas, os Stuarts, os Antoninos, as tres Marias, os Scipiões*, etc.

Distinguindo as pessoas de igual nome por meio de adjectivos ou determinativos, costuma-se dizer no singular repetindo para cada caso o nome proprio, como *Scipião Africano e Scipião Asiatico*, *Henrique Terceiro e Henrique Quarto*. Afastaram-se deste uso os seguintes trechos quinhentistas:

O quarto e quinto Affonsos e o terceiro (Cam. Lus. 1, 13) — Concordancia analoga: Em breves tempos acabei a *oitava e novena Decadas* (Couto, Dec. 8, Prol.).

Nome proprio no plural tambem pode usar-se metaphoricamente para significar individuos que têm dotes ou qualidades que os tornam comparaveis a individuo famoso por taes dotes ou qualidades. *Os Hercules* quer dizer «os homens fortes como Hercules», *os Ciceros* «os oradores semelhantes a Cicero», etc.

Quando se designa um homem ou uma mulher por alguma particularidade caracteristica de seus actos ou de seu aspecto, a concordancia se faz com o termo *homem* ou *mulher* que temos em mente:

Aquelle mãos-rotas cahiu na miseria — Dizey-me, tia, quem he *aquelle roupa longa*, tão *melancolico* e *mysterioso*...? (Mello, Ap. Dial. 197).

Qualificativo commum a dous substantivos no singular e posposto a elles, costumava-se dizer outrora no singular concordando com o ultimo substantivo, e raramente no plural e no masculino se eram os nomes de genero differente. Esta segunda maneira de dizer tem tomado vulto em port. mod.:

Hũa espada e hũ punhal ricos (Castanh. 6, 25) — As eguas de Arabia continuão em carreira desapoderada *hum dia e noite inteira* (Bern. N. Flor. 4, 266) — Assim como aquelle perfido deo a lançada, manou da ferida *sangue e agoa verdadeiros* (Bern. N. Fl. 4, 420) — Não procurava na algibeira o amago e substancia da *idealidade e poesia britannicas* (Herc. Lendas e Narr. 2, 304) — Expirara em Toletum depois de ter estabelecido leis politicas e civis e a *paz e ordem publicas* nos seus vastos dominios (Herc. Eur. 2) — Para cuja grandeza contribuira... esta [a raça conquistada] com as tradições da *cultura e policia romanas* (ib.) — Ao cabo da estreita senda da cruz acharia elle, porventura, *a vida e o repouso intimos?* (ib. 11) — Angustias que resultam da *esperança e do temor combinados* (Herc. M. de C. 2, 173) — Revestido d'*estola e pluvial pretos* (ib. 2, 292) — Para não ir de encontro á *tradição e crença communs* (ib. 2, 249) — Iam ainda mais uma vez provar-se *com a destreza e com a pericia arabes* (Herc. Lendas e Narr. 2, 87).

A palavra *meio*, servindo de qualificativo a um nome, toma, como outro qualquer adjectivo, o genero e numero desse nome:

Celebraram as *meyas noites* com procissão de golodices gostosas (Mello, Ap. Dial. 23) — O fustigar da chuva nas vidraças progressivas das *meias-janellas* (Herc. Lendas e Narr. 2, 133) — O relogio dava as horas e as *meias-horas* — Ter a forma de *meia-lua*, *meia-laranja*, etc.

Empregada porem com valor adverbial, isto é, como determinante de adjectivo, a palavra *meio* offerece uma das mais curiosas anomalias de concordancia. A forma invariavel, que por via de regra então lhe compete, occorre sem duvida na pratica; mas, a par della, e com igual ou maior frequencia, vem nas diversas epocas da linguagem moderna usada a forma variavel, dando-nos o estranho espectaculo de um adverbio flexionado. *Meio* e suas variações têm em taes construcções ora o sentido de «um tanto», «em parte», ora o de «quasi» (*meio morto*, etc.):

Huns caem *meios-mortos*, e outros vão a ajuda convocando do Alcorão (Cam. Lus. 3, 50) — Outros *meios mortos* se afogavão, quando do ferro as vidas escapavão (ib. 3, 113) — Esta, *meia escondida*, que responde de longe á China... he Japão (ib. 10, 131) — Dous estavão já *meos mortos* (Castanh. 1, 85) — Tamanha multidão de ĩmigos... que tudo cobriã e todos *meyos nus*, e hũs baços e outros negros (ib. 1, 68) — As sete [naos] ficarão *meas alagadas* (ib. 1, 31) — Foram queymados muytos mouros... e outros sayão *meos queymados* (ib. 2, 96) — Acharam alguma gente da propria terra quasi *meios salvages* no modo de seu viver (Barros, Dec. 1, 6, 1) — Os povos Cellates era gente baixa, e vil, e os naturaes da terra *meios salvages* (ib.) — Naquelle sitio se mostram algumas ruinas dos edificios della [cidade] *meios cubertos* de area (ib. 2, 8, 1) — Pera os nossos não ficarem magoados e *meio injuriados* de leixarem aquelle imigo sem maior castigo (ib. 2, 9, 3) — Tendo os olhos *meios abertos* (ib. 2, 10, 8) — Mandara começar quinze navios de remo, os quaes estavam *meios feitos* e eram guardados per té cincoenta Mamelucos (ib. 2, 8, 3) — Entraram *meios-mortos* pela cidade (ib. 2, 2, 5) — Que estes *meyo mortos* o fossem de todo (Bern. N. Flor. 1, 255) — Com as cabeças *meyo descubertas* (ib. 1, 331) — Os olhos *meyo chorosos* (ib. 1, 408) — Estão *meyo amadorrados* (Bern. L. e C. 58) — Os outros corpos estão *meyos podres* (Bern. N. Flor. 2, 75) — Ficara em terra *meya morta* (ib. 2, 356) — Ossadas... já *meyo comidas* do tempo (ib. 2, 360) — A qual cobra estava sobre huma pedra *meya entrada* (ib. 2, 235) — Rodeado de mesquinhas e *meio-arruinadas* casas (Herc. Lendas e Narr. 1, 88) — Cadaveres fetidos, não só de cavallos, mas tambem de homens, cujas carnes, *meias devoradas* pelos cães ou pelo tempo, lhe deixavam branquejar as ossadas (ib. 1, 182) — Os paços do Almirante, já *meio-demolidos*

(Herc. M. de C. 2, 117) — Estava [a porta] *meia-aberta* (ib. 2, 155) — Neste momento as portas da igreja *meio cerradas* abriram-se de golpe (ib. 2, 294) — Vê-se... a janella *meia-aberta* de uma habitação antiga (Garr. Viag. 1, 88) — Os olhos ainda *meio fechados* (ib. 1, 202) — Obras de tapeçaria *meias-feitas* (Garr. Fr. L. de S. 26).

Foi, a meu ver, por influencia das construcções com *todo* posposto ao nome, e cuja analyse aliás é differente, que veio a variabilidade de *meio* junto ao adjectivo. Sobre a frase *a casa está toda arruinada* calcou-se *a casa está meia arruinada*. (Veja-se a proposito de *todo*, Said Ali, *Difficuldades da Lingua Portugueza* [2], pag. 176).

Quando observamos em um ser duas qualidades, attributos, ou condições que se contradizem, e queremos significar a incerteza de nosso juizo, antepondo a cada um dos dous adjectivos (ou substantivos que fazem as vezes de adjectivo) a palavra *meio*, é costume deixar de fazer a concordancia:

Eram linguas e meyas linguas. Meyas linguas, porque eram *meyo européas* e *meyo Indianas*, porque eram *meyo politicas* e *meyo barbaras* (Vieira, Serm. 8. 165) — Joanninha *meio recostada, meio deitada* dormia profundamente (Garr. Viag. 1, 195) — O sineiro da minha *meio rural, meio urbana* parochia (Herc. M. de C. 2, 59) — Como se a consciencia de ter praticado um acto nobre e generoso... houvesse apenas sido um palliativo temporario contra a loucura, *meio natural meio voluntaria*, em que por tantos annos vivera (ib. 1, 251) — Raça achavascada, *meio-mourisca, meio-servil* (ib. 1, 219) — Eu sei lá, atalhou o hortelão com a cara *meio riso, meio colera* (ib. 2, 90).

Destoa da linguagem deste ultimo exemplo o seguinte passo de Garr. Viag. 1, 250: *dor meia dor, meia prazer*. Parece que o emprego da forma *meia* foi devido a ser esta palavra precedida e seguida do mesmo termo feminino *dor*.

Verbo que se enuncia depois de sujeito multiplo, constituido por substantivos no singular associados pela copulativa *e*, occorre ora com a forma plural ora com a forma singular. A primeira destas linguagens é a mais usada em port. hod. Quinhentistas, principalmente Camões, e tambem seiscentistas manifestam predilecção pelo emprego do verbo no singular quando os sujeitos são nomes abstractos e o segundo termo serve de completar, esclarecer ou reforçar o sentido do primeiro:

Triste ventura e negro fado os *chama* neste terreno meu (Cam. Lus. 5, 46) — Teu seguro porto, cuja *brandura* e *doce tratamento dará*

saude a um vivo, e vida a um morto (ib. 5, 85) — Cuja *manha e grande esforço faz* enveja á gente (ib. 8, 26) — Se alta *fama e rumor* delles *se estende* (ib. 8, 40) — Todo seu *proposito e vontade era* deter alli os descubridores da India (ib. 9, 1) — *A sobriedade e temperança* nos nossos Reys naturaes *he* tam *louvada*, que de muy poucos sabemos que bebessem vinho (R. Lobo, C. na Al. 68) — O que *a natureza, a arte e a graça organizou e unia* naquellas extremidades (Vieira, Serm. 11, 207).

Considerados como entidades distintas, ou cousas personificadas, os termos abstractos pedem o verbo no plural:

Mas *a natura ferina e a ira* não lhe *compadecem* que as costas dê (Cam. Lus. 4, 35).

Nos seguintes passos o emprego do singular explica-se pela synese, tendo o escriptor em mente respectivamente «a minha patria, assim como o sol», «a vontade», «o ferro mortal», «o tempo»:

Somente sei que he gente lá de Hespanha, onde *o meu ninho e o sol* no mar *se banha* (Cam. Lus. 7, 68) — A maior perigo, a mor affronta, por vós, ó rei, *o espirito e carne é pronta* (ib. 4, 80) — Em cujo corpo *a morte e o ferro entrava* (ib. 4, 40) — Fuge que *o vento e o ceo* te *favorece* (ib. 2, 61).

Se o verbo denota actos que occorrem successivamente com os differentes sujeitos, usa-se no plural:

O olho ironico, a face risonha e a meia fronte de Alle surdiram junto á aresta do alisar de marmore (Herc. M. de C. 2, 156) — O mestre d'Aviz parecia distrahido a principio; mas, pouco a pouco, *a attenção*, logo *a curiosidade*, depois *o interesse, o espanto, a agitação pintaram*-se-lhe successivamente no gesto (ib. 2, 280).

Denotando os diversos sujeitos no singular pessoas, animaes ou objectos concretos perfeitamente definidos e distintos uns dos outros, o verbo, vindo depois, toma a forma plural:

Já *Phlegon e Pyrois vinham* tirando cos outros dous o carro radiante (Cam. Lus. 5, 61) — *Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam* arruinar a machina do mundo (ib. 6, 76).

Se, depois de enumerados varios sujeitos ligados pela conjunção *e*, se emprega recapitulativamente a palavra *tudo*, o verbo que se segue toma a forma do singular, concordando sómente com este termo recapitulativo:

Os campos, as flores, as aves, os rios, tudo nos *serve* de jogo innocente (M. Aires, Vaid. 178) — *O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo passa* (Vieira, Serm. 5, 11) — *A rodeira e as curvilheiras e as sergentes, tudo abalara* para assistir ao grande drama

de Corpus (Herc. M. de C. 2, 158) — A estas palavras, *rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se poz* de joelhos (Herc. Lendas e Narr. 1, 255).

Exceptuam-se desta regra aquellas construcções em que, fazendo-se uso do verbo *ser*, o predicado é expresso por um substantivo no plural:

Pontos, coros e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos intimos (Garr. F. L. de Sousa VIII).

Tudo pode referir-se a um numero mais ou menos consideravel de individuos que temos em mente; o verbo nem por isso deixa de conservar-se no singular:

Tudo ficou pasmado; mas vendo e ouvindo o rir descompassado do ichacorvos, o povo começou a refluir para a praça (Herc. Lendas e Narr. 1, 103) — *Dispara tudo* em longas gargalhadas (Castilho, Fastos, 1, 49).

Se o substantivo precedido de *e* se usa a modo de explicação parenthetica, generalisação ou especialisação, elle não influirá na concordancia:

Ensine logo Adão, ensine o homem. *Eva e a mulher* [= Eva, e em geral a mulher] não *ensine* (Vieira, Serm. 3, 267).

Se se enuncia o predicado primeiro que os diversos substantivos-sujeitos ligados pela conjunção *e*, e sendo estes nomes de pessoas differentes, o verbo se usa geralmente no plural:

Vem a fazenda á terra... Co ella *ficam Alvaro e Diogo* (Cam. Lus. 8, 94).

Casos ha todavia de verbo no singular concordando apenas com o nome mais proximo. Mas esta linguagem não é favorecida por todos os escriptores igualmente. Nos Lusiadas ha um exemplo, em Heitor Pinto varios; Vieira, em certas occasiões, insiste em pôr o verbo no singular. Nestes casos excepcionaes parece quererem os escriptores pôr em relevo actos que occorrem successivamente, podendo-se repetir o verbo para cada sujeito. *Passou Phidias e Lysippo* equivaleria a *Passou Phidias e passou Lysippo*:

Tentou Peritho e Theseo, de ignorantes, o reino de Plutão horrendo e escuro (Cam. Lus. 2, 112) — Como o *conta Suetonio Tranquillo e Eutropio* (H. Pinto, 2, 669) — Na piquena ilha de Chou *nasceo Hipocrates, e Phidias, e Apelles*, hum principe dos medicos, outro dos imaginarios, outro dos pintores (ib. 2, 747) — Vote cada hum no que professa... Nos casos da religião *vote Samuel e Hely*; nos nego-

cios da guerra *vote Joab e Abner;*... nas occurrencias da navegação e do mar... *vote Pedro e André* (Vieira, Serm. 2, 217) — Ainda que lho *pedisse Noé, Job e Daniel,* não lho havia de conceder (ib. 2, 93) — Ainda que *interceda Noé, Job e Daniel* [quatro vezes na mesma pagina] (ib. 2, 94) — Do mesmo pai *nasceo Isaac e Ismael* (ib. 7, 148) — Na mesma hora *nasceo Jacob e Esau,* hum foi amado de Deus, outro aborrecido (ib. 7, 149) — Na mesma terra *nasceu Caim e Abel,* e hum foi o primeiro tyranno, outro o primeiro martyr (ib. 7, 148) — Na estatuaria *passou Phidias e Lysippo;* na pintura *passou Timantes e Apelles;* na architectura *passou Meliagenes e Democrates;* na musica *passou Orpheo e Anfion;* na historia, Tucidides e Livio (ib. 5, 9) — E la *vay o nosso governo, os nossos lugares e dignidades, e a nossa nação* (Bern. N. Flor. 4, 31).

A timidez quanto ao emprego do verbo no singular desapparece entre os escriptores de todos os tempos, desde que os sujeitos pospostos ao verbo se refiram a cousas ou sejam nomes abstractos. É syntaxe sobretudo usada quando se trata de cousas semelhantes, ou quasi semelhantes, ou pouco distintas:

Se a tanto me *ajudar o engenho e arte* (Cam. Lus. 1, 2) — Muito pouco *val esforço e arte* contra infernais vontades enganosas; pouco *val coração, astucia e siso* se lá dos céos não vem celeste aviso (ib. 2, 59) — Mas nunca poderá com força ou manha a fortuna inquieta pôr-lhe noda, que lh'a não *tire o esforço e ousadia* dos bellicosos peitos (ib. 3, 17) — *Chega-se o prazo e dia* assinalado (ib. 6, 58) — Mas comtigo *se acabe o nome e a gloria* (ib. 4, 102) — O que alli *fez a malicia e a crueldade* dos ministros, *deve* em nós *fazer o fervor e prudencia* do espirito (Bern. N. Flor. 4, 118) — Elle folga e ri assentado no throno que lhe *deu a traição e o perjurio* (Herc. Eur. 67) — Padecer e calar é o que nos *manda o evangelho e a sancta regra* (Herc. M. de C. 2, 268) — Dessa fonte inexhaurivel *mana a resignação e a paz* (Herc. Lendas e Narr. 2, 202) — Esperando que da morada dos mortos *surgisse* para mim *descanço e esquecimento* (Herc. Eur. 78) — Essa loucura que o cheiro de sangue produz é um respiradouro por onde *resfolegará a indignação e a colera* enthesourada por annos neste coração (ib. 77).

Exemplos de uma e outra concordancia com sujeitos denotando cousas concretas:

Cobrem ouro e aljofar ao velludo (Cam. Lus. 2, 95) — Não lhe *aproveita* já *trabuco* horrendo, *mina* secreta, *ariete* forçoso (Cam. Lus. 3, 79) — *Lustra* co sol *o arnes, a lança, a espada* (ib. 3, 107) — *Diga*-me agora *a terra e o ceo,* digam-me os homens e os anjos (Vieira, Serm. 7, 367) — *Fugio* delle *o ceo e a terra* (ib. 5, 28).

Emprega-se o verbo no plural quando a cada um dos sujeitos pospostos se segue um complemento verbal differente para cada caso e se faz uma pausa depois do verbo commum (a qual ás vezes vem indicada pela pontuação):

Deste modo *receberam Italico o premio* da sua fé, *e seu competidor o castigo* do seu peccado (Bern. N. Flor. 4, 269) — *Necessitam* aqui *o Mestre de alguma explicação, e o discipulo de seu vexame* (ib. 1, 22).

Verbo no singular e sem pausa occorre em:

Por *haver elrey* Dom João *empenhado* na facção *o poder, o infante* Dom Luis *a pessoa* (Freire de Andr. 5).

Para significar que alguma cousa é digna de ser vista ou reparada, usam-se as frases *é de ver, é para ver, é de reparar* com o verbo *ser* no singular quando antepostas ao substantivo, ainda que este se ache no plural. São frases stereotypadas resultantes de *é cousa de ver, é cousa para ver*, como a principio se diria:

He muito *de reparar os dous termos* com que no Testamento Velho se figuram a Maternidade da Senhora e a Cruz de Christo (Vieira, Serm. 2, 287) — *Era* muito *para ver os braços* que se levantavam e estendiam do meyo da multidão (ib. 8, 358) — Se o dia não fora de tanto cuidado, muito *seria para ver os homens grandes* de todas as cidades juntos (ib. 3, 151) — *Era para ver os nossos* investindo os Mouros (F. J. Freire, D. H. 59) — *He para admirar as estranhas cousas* que diziam sobre este ponto (F. J. Freire, Hor. 125).

Diz-se todavia o verbo no plural se vier enunciado depois de substantivo no plural:

Estes anjos eram de ver porque vestiam varias cores e roupas muito ricas (Sousa, Vida do Arc. 2, 21).

O verbo *haver*, fazendo as vezes do verbo *existir*, usa-se no singular ainda quando se refira á existencia de muitos seres expressos por substantivo no plural. Remonta esta pratica ao periodo latino em que *habere*, mantendo ainda o sentido primitivo, teria sujeito proprio. Differenciado o sentido e obliterada da mente a noção do dito sujeito, continuou-se todavia a usar o verbo no singular. A repugnancia que sempre houve pelo emprego da forma *hão* como verbo nocional contribuiu para que, não sómente em linguagem literaria, mas ainda em linguagem popular, se dissesse até hoje sempre no presente do indicativo *ha homens, ha nações*, etc. Por analogia se havia de usar tambem o singular nas demais formas do verbo, não sendo comtudo de estranhar que nest'outras prevalecesse alguma vez a razão semantica sobre a força do antigo uso. Em alguns escriptores notaveis do seculo XIX têm-se apontado

varios exemplos de orações existenciaes com *houveram*, *houvessem*, etc., no plural. Mas a novidade vem de mais longe. De Mathias Aires (1752) são estes passos:

Quantos Achilles *terão havido*, cujas noticias se acabarão só porque não tiverão Homeros que as fizessem durar hum certo tempo...? (Vaid. 29) — De quantas acções fará menção a historia, que já mais se virão?... E de quantos nomes, que nunca *houverão?* (ib. 363) — Deste modo he que antigamente *havião* Nobres, porque em todo o tempo *houverão* poderosos (ib. 396) — Emquanto *houverem* cores, sombras e pretextos, hão de padecer a verdade, a justiça, e a virtude (ib. 327).

Outros autores contemporaneos de Mathias Aires evitaram, escrupulosos e fieis á tradição, escrever orações existenciaes com o verbo *haver* no plural. Que esta forma alternava com o singular na linguagem falada daquelle tempo, deprehende-se destes passos de Antonio José da Silva:

Se não *houvessem* boas almas, já o mundo estava acabado (Alec. e Mang. 38) — Para que não *hajam* duvidas no dote, assentai-vos e sabereis o que haveis de levar (ib. 47).

Os pronomes *tu* e *vós* exigem naturalmente, um o verbo na 2.ª pessoa do singular, outro o verbo na 2.ª do plural. Porem se tratarmos a pessoa a quem nos dirigimos por *vossa mercê*, *você*, *o Senhor*, *vossa reverencia*, *vossa senhoria*, *vossa alteza*, etc., poremos o verbo na 3.ª pessoa por causa do substantivo que entra em taes dizeres; e como dativo e accusativo destes tratamentos usaremos as formas pronominaes *lhe*, *o*, *a* proprias de 3.ª pessoa, mas as formas *o*, *a*, em lugar de concordarem em genero com os ditos nomes, são referidas unicamente ao sexo da pessoa. Esta mesma synese se estende á concordancia dos adjectivos:

Vossa Reverencia agradeça a Deos as mercês que *lhe* faz (Sousa, Arceb. 1, 211) — *Vossa Reverencia*, ainda que Nosso Senhor *o* fez maganimo, bem sei que *deseja* minha tornada pera se ver *desapressado* dessa tempestade de negocios... Nosso Senhor *o* cubra de sua consolação e graça (ib. 1, 222) — Peço-*lhe* [a V. R.] por amor de Deus e, encarrego-*lhe* a consciencia que daqui não *tire* hum ceitil (ib. 1, 220) — Quantas cartas de lá vem todas não falão outra cousa senão de quão bem *V. R. tem* mão no leme e de quão *amado he* dos de fóra e dos de casa (ib. 1, 212) — *Escreva*-me o que nisto está feito e quão *rico* V. R. *está* (ib. 1, 208).

Não permitte o port. moderno que, depois de dar a alguem um tratamento que demanda o verbo na 3.ª pes-

soa, se salte dessa pratica para o pronome *vós* e 2.a pessoa do plural. Seguimos neste ponto rumo contrario ao port. ant. Naquelle tempo, se se dava ao principe *vossa mercê*, *vossa senhoria*, etc., taes expressões pediam, como sujeito de oração, naturalmente o verbo na 3.a pessoa; mas empregavam-se ainda com certa parcimonia, sendo necessario voltar logo ao pronome *vós* e insistir no uso deste pronome:

Sempre farei o que *vossa senhoria mandar;* porem a mi me parece que o infante meu irmão no que *vos* requere, não faz menos do que *vós* (Pina, D. Duarte 56) — Esto que me *vossa alteza manda* fazer se deve a meu juizo antre outras *vossas* louvadas obras muito estimar (Duarte Galvão, D. Aff. Henr. 31).

Por volta do seculo XVI o tratamento cerimonioso com as referidas expressões *vossa mercê*, etc., começa a ganhar vulto, tornando-se tão importante como o pronome *vós*. Pede então o bom estilo que se volva, de quando em quando, a este pronome. Resulta d'ahi alternarem não sómente as formas verbaes, mas ainda occorrerem ora *vós*, *vos*, *vosso*, ora *lhe*, *o*, *a*. João de Barros, dedicando a Chronica do Imperador Clarimundo a D. João III, escreve:

E elle me fez dispor os dias passados pera servir *V. Alteza* na trasladação desta chronica. E sabendo isto de mim, *usastes* tão liberalmente comigo, dando-me a isso favor... No qual tempo por vontade da Summa potencia *recebestes* o real cetro digno de *Vós*, e *vós* muito mais delle (Prol.) — São em *V. Real Senhoria* exemplo pera quem perfeitamente quizer obrar. E como eu, Illustrissimo Principe, fosse criado sobre a disciplina destas magnificas obras, que no discurso de *sua* vida *tem* feito... quiz imitar *seu* virtuoso exercicio, lendo as vidas e obras dos passados (Prol.).

Semelhantemente lemos a pags. 180-181:

Senhora, veja *Vossa Alteza* o que *manda*, pois a isso sou vindo diante de *vós*, e pois já de mim não *tem* necessidade, *permita* beijar-*lhe* as mãos.

E no prologo das Decadas, que tambem dedica ao monarcha:

Apresentei hum debuxo feito em nome de *Vossa Alteza*... afim de aparar o estilo de minha possibilidade pera esta *vossa* Asia. A qual pintura por ser em nome de *Vossa Alteza* assi contentou a elrei *vosso Padre*...

Samuel Usque, contemporaneo de João de Barros, dirige-se a Dona Gracia Nasci nestes termos:

Era justo offerecel-o a *Vossa Excellencia*... pois nos remedios que *aveis* dado *sentistes* e ynda *sentis* seus trabalhos... Nesta parte

nam me cega afeiçam em ser eu yllustrissima Senhora *vossa* feitura... enfluindo todas juntas suas vertudes na ultima provincia da terra, *vós* sobre todas *fizestes* e ynda *fazeis* sayr a luz o fruto das plantas que estam laa naquella escuridade sepultadas. Pello que *lhe* peço como costumada *he* de me fazer merces beninamente *aceite* este pique no serviço (Trib. Prol.).

Hoje, que a combinação de *vossa* com *senhoria*, *alteza*, etc. apparece crystalisada em nossa mente como um todo, como um só vocabulo com função de pronome pessoal, a primeira impressão que nos vem da leitura dos trechos supra-ditos é a de incongruencia estranhavel em escriptores de nota, como o são os autores de taes trechos, e tanto mais em epistolas e dedicatorias, onde se costuma usar de linguagem muito apurada. Todavia, se nos transportarmos á epoca de então e reflectirmos mais detidamente, julgaremos melhor e acharemos senso logico na disparidade e, até certo ponto, mais senso do que na concordancia que acabou por ficar consagrada. Effectivamente, uma vez que se proferia um possessivo, e este possessivo era o vocabulo *vossa*, a referencia se fazia ao possuidor *vós*; presuppunha-se o tratamento de *vós* para o individuo a quem o discurso era dirigido. Esta situação veio a ficar perturbada quando o homem, não contente com o tratamento directo magnificado pela pluralisação, entendeu dever ainda honrar e lisonjear o seu superior, fingindo dirigir-se a uma das suas virtudes, qualidades ou condições extraordinarias. Se esta manifestação de louvor ou deferencia era passageira e calculada só para certos momentos — e assim o era a principio —, o verbo se usava sim na 3.ª do singular em toda oração que tivesse por sujeito o termo *mercê*, *senhoria*, *alteza*, etc., perseverando-se comtudo, fora destes casos excepcionaes, no tratamento de *vós* e verbo na 2.ª do plural. É por isso que dirigindo-nos ao Creador, cujos attributos nada têm que ver com as lisonjas e titulos honorificos de que usam os mortaes uns com os outros, se diz:

Mas só digo e lembro a vossa Majestade, senhor que estes mesmos que agora *desfavoreceis* e *lançais* de *vós*, pode ser que os *queirais* algum dia e que os não *tenhais* (Vieira, Serm. 3, 481) — Parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana Bondade, senhor, que o *fizereis* assim facilmente (ib. 3, 490).

Quanto á *Majestade* com que se sobredoura a grandeza dos monarchas terrenos, é de notar que veio o titulo

a Portugal com Filippe II de Hespanha, quando o dominio de Portugal passou á coroa de Hespanha; e insistiu-se neste tratamento para com o rei, de tal sorte que se foi retrahindo cada vez mais o *vós*, já um tanto vulgar. Diogo de Couto, em 1597, 1603 e 1616, posto que ainda empregue *vosso Pai*, em todo o caso já se abstem de recorrer, como o fazia João de Barros, ao pronome *vós* e 2.ª pessoa do plural em concomitancia com *Vossa Majestade* e formas pronominal e verbal na 3.ª pessoa do singular:

Mostraremos ao mundo que, assi como em *Vossa Magestade* se acha a ventura de Cesar e prudencia de Fabio, o esforço de Scipião, assi *lhe* não falta a humanidade e clemencia de Filippo (Dec. 4, XXXVI) — Verá *Vossa Magestade* nos raros e espantosos feitos que estes *seus* vassallos tem feito (ib. XXXVI) — Mas ter *Vossa Magestade* tanta lembrança que até os que acabaram já ha tantos annos *quiz* que participassem da grandeza de *suas* mercês, mandando-me que lhe traga seus feitos á luz, cousa foi em que parece *quiz* imitar a Deus, que he em resuscitar mortos (ib. XXXIII) — Por mandado do muito catholico Rey D. Felippe *vosso Pai* de gloriosa memoria (ib. 7, Prol.) — Compuz por mandado do muyto catholico e prudente Rey D. Felippe *vosso Pai* e pelo de V. Magestade, que muytos annos viva (ib. 8, Prol.).

É evidente que se a locução *Vossa Majestade* veio a funcionar como pronome pessoal, outro tanto se havia de dar tambem com *Vossa Senhoria*, *Vossa Paternidade*, etc., usando-se estas igualmente com o verbo na 3.ª pessoa do singular e abandonando-se o tratamento de *vós*, desde o tempo em que prevaleceu o costume de dar a certas personalidades titulo honorifico de accordo com a sua posição social. De *vossa mercê* resultou *você*, que adquiriu sentido familiar, mas isto naturalmente não influiu na syntaxe de concordancia.

Os pronomes *elle*, *ella* não se applicam á pessoa com quem se fala, como succede em italiano com *Ela*, *Lei*. Occorrem emtanto alguns exemplos na literatura portugueza que ou reflectem certo falar regional ou são vestigios de antiga linguagem mais generalisada. Estarão no primeiro caso:

BRAZIA NUNES: Bons dias lhe dê Deos, Domingas Nunes — DOM. NUNES: *Ella* vê que manham tam desabrida, pera quem vai ganhar a vida (Regat. 20) — Se quer *ella*, comadre, tal nam diga, perdeo em mim hũa grande amiga (ib. 21) — SILVIA: Acabem'a em me ler a carta, qu'eu soo maa ledor de letra tirada, assentemo-nos... ZELOT: Como *ella* mandar (Eufr. 103) — SILVIA: Folgo tanto de

falar com *elle*, como com meu irmão... ZELOT: Eu nessa conta me tenho pera a servir (ib.).

Outra parece ser a explicação destes passos:

Aqui cabia bem tomar eu nas mãos louvores de *vossa senhoria*, pois hahi campo larguissimo pera me per elle poder nelles esprayar, mas eu nam o farey porque sey quanto mais *elle* quer merecelos, que ouvilos: cousa natural d'altos animos, ter a honra em muyto e o pregão della em pouco (H. Pinto, 1, X). — E pois essa fazenda que [vossa Reverencia] feitoriza e mordomea, he toda de Deos, que nem eu nem *elle* a herdamos nem ganhamos, convem na dispensação della ter o olho posto somente em Deos, e grite quem gritar, e murmure quem murmurar (Sousa, Arceb. 1, 183) — Por isso veja *V. R.* lá, pois o Senhor quiz que *elle* agora fosse Bispo na obrigação e sustancial do officio, ainda que não ponha mitra (ib. 1, 210) — Se *V. R.* quando esta ler não tiver gastado polo menos os duzentos mil reis em cubrir os pobres nestes frios que vão, heyme de aqueixar muyto *delle*, e chamar-lhe mais apertado que hũa certa pessoa que calo (ib. 1, 211) — Nenhũa cousa seria parte pera diminuir hum ponto do credito e boa opinião de *V. S...* nem da boa vontade e affeição de S. Santidade para com *elle* (ib. 2, 280).

FUNÇÕES DOS TEMPOS VERBAES

a) Presente

Quando empregamos o verbo no presente do indicativo, queremos significar que a acção se passa durante o tempo, breve ou longo, em que estamos falando ou discorrendo sobre o assunto. A noção do presente, claro é, não se ha de limitar ao instante fugaz em que se profere o verbo. Qualquer acontecimento, qualquer acto, por muito breve que seja, tem duração mais longa. Não haveria enunciado sem a cognição e portanto sem a preexistencia do facto; e, por outra parte, terminado o enunciado verbal, para o qual bastou um só segundo, o facto nem por isso deixará de perdurar ainda algum tempo. Por outras palavras, a forma do presente refere-se ao que começou no passado e terminará no futuro. Praticamente, porem, sempre que os momentos inicial e terminal não nos parecem muito afastados do instante da palavra, consideramos a expressão verbal como *presente momentaneo*.

Em caso contrario, isto é, quando sabemos ou imaginamos que o acto ora em via de execução data de longo tempo e promette continuar por espaço igualmente longo ou indeterminado, classificaremos a expressão verbal como *presente durativo*. Tem este sentido o verbo em dizeres como os que se seguem:

A terra em si toda *he* baixa, alagadiça, retalhada com lagos e rios (Barros, Dec. 1, 9, 3) — A terra *gira* em torno do sol — *Descarrega* este rio as suas aguas no Oceano.

Outra applicação da mesma forma verbal é aquella a que chamaremos *presente frequentativo*. Se no caso precedente entendemos que a acção se tem executado sem solução de continuidade, nest'outro caso, pelo contrario, consiste o phenomeno numa serie de actos da mesma especie que se repetem com intervallos mais ou menos longos. A forma do presente aqui significa que os ditos actos se

effectuam em epoca mais ou menos longa, a qual abrange o momento de agora. Dada a intermittencia, pode succeder que justamente este instante coincida com uma das pausas ou interrupções, falhando então o acto apesar da denominação «tempo presente». O presente frequentativo não se refere necessariamente ao que agora se está fazendo, e sim áquillo que se costuma fazer:

A mosca achou hũa formiga, e compeçou-lhe a desonrrar de maas palavras, dizendo: Tu, formiga mizquinha... nom *comes* senom trijguo e eu *como* viandas nobres, e *como* nas mesas dos reis e dos senhores; tu *bebes* augua na terra, e eu *bebo* com taças e copas d'ouro preçiosas; tu *andas* com os pees na lama, e eu *ando* pellos rrostros dos reys e dos senhores (L. de Esopo 24) — E com isto vive Francisca com tal trato que nem *varre* a casa, nem *lava* hum prato (Regat. 21) — Ao modo como nós cá *escrevemos* em livros... assi elles de ambalas partes *escrevem* em folha comprida ou curta; e depois que tem escrito grande numero de folhas em continuação de livros, *mettem*-as entre duas tallas de pao (Barros, Dec. 1, 9, 3) — Pois, Senhor, como *empregais* e *despendeis* tantas vezes o preço infinito de vossas palavras... com esse infeliz homem? (Vieira, Serm. 2, 81).

Dada a possibilidade das accepções durativa e frequentativa, natural é que se digam com o verbo no tempo presente todas as proposições consignadoras de factos reputados verdadeiros em qualquer epoca ou que costumam repetir-se e verificar-se sempre da mesma maneira, como succede com os proverbios, aphorismos, theoremas, principios ou leis geraes da sciencia, etc.

Frequente, sobretudo em linguagem familiar, é o emprego do presente do indicativo para denotar acções que ainda estão por ser postas em effeito. Este *presente-futuro* tem sobre o futuro propriamente dito a vantagem de ser forma mais simples; é alem disso bom recurso de linguagem para produzir impressão mais viva, pois que, expondo os successos vindouros, como se já fossem realidade actual, suggerimos no ouvinte a certeza do cumprimento e lhe faremos esquecer as contingencias do futuro. Comparem-se *amanhan vou á sua casa* e *irei á sua casa*.

Actos pertencentes ao dominio do passado, e que portanto devem ter como forma de expressão o verbo no preterito, enunciam-se ás vezes por meio do verbo no presente. Resulta esta pratica da consciencia que temos de serem as imagens remotas um tanto apagadas em relação ás actuaes. Aproximal-as de nós e enquadral-as no tempo

presente terá por effeito impressão mais viva no espirito do ouvinte. É sobretudo notorio este effeito na narração de actos differentes que se succederam uns aos outros com decisão e rapidez, podendo então a serie de orações terminar bruscamente por um verbo no presente, como neste exemplo:

Tanto que Architofel vio isto... *põe-se* a cavallo, *parte-se* para sua casa, *faz* seu testamento, *deita* hum laço a hũa trave, *enforca-se* (Vieira, Serm. 5, 520).

Mais harmoniosos entretanto parecem os periodos ou narrações do referido typo em que, sem prejudicar a vivacidade da linguagem, se faz a terminação volvendo á forma do preterito:

Estavam as molheres e filhos de terra vendo o perigo, e em suas almas correndo a mesma tormenta. Crescia a passos iguaes o medo e desesperação. *Desemparam* a praya, *correm* ao convento, e voz em grita *publicam* o perigo, *pedem* soccorro, *amesquinham*-se, *carpem-se*. *Compadeceo-se* o Santo, *foy-se* prostrar diante do Santissimo Sacramento (Sousa, Arc. 2, 144) — Aconteceo hir hum dia prégar longe, tornou tarde e moydo e afadigado do caminho. Eis que *tangem* a vesperas: no mesmo ponto *deyxa* mesa e comer, e *caminhou* pera o coro (Arc. 2, 114) — Tinha um dos mais nobres moradores de Viana hum filho mancebo doente, aggravou-se o mal, *juntam-se* os medicos, *assentam* que morre, que se trate d'alma, e acudam apressadamente aos Sacramentos. Entretanto *correm* os parentes ao Convento affligidos e desalentados, *pedem* algũa reliquia do Santo, *levam* hũa tunica que fora sua, *lançaram*-na sobre o enfermo; e *foy* Deos *servido* que sem outro beneficio tornasse das portas da morte (ib. 2, 307).

Este chamado presente *historico*, que figura os acontecimentos passados como se se viessem desdobrando no proscenio da vida hodierna, apparece menos nos escriptos em prosa do que em linguagem poetica, que é aquella onde a força imaginativa melhor se manifesta. Nos Lusiadas occorre a cada passo, dando vigor e colorido a toda a sorte de narrações e descripções. Como exemplos citarei sem muito escolher:

Recebe o capitão alegremente o Mouro e toda sua companhia; *dá*-lhe de ricas peças hum presente, que só pera este effeito já trazia; *dá*-lhe conserva doce, e *dá*-lhe o ardente não usado licor, que dá alegria. Tudo o Mouro contente bem *recebe*, e muito mais contente *come* e *bebe* (Lus. 1, 61).

A Camões porem não bastou empregar o presente historico em innumeros exemplos como o precedente, que agradam a qualquer leitor. Nota-se-lhe tambem certa fa-

cilidade não commum em jogar com as duas formas verbaes, usando ora do presente, ora do preterito e chegando até a desrespeitar a conformidade de formas temporaes que deve existir entre oração principal e oração subordinada ou entre as subordinadas. Exemplos desta ultima especie, desagradaveis aos ouvidos modernos e sem influencia na literatura post-camoneana (salvo em um ou outro poeta imitador), são frequentes nos Lusiadas. Apontarei aqui os seguintes:

Vejo hum estranho vir de pelle preta, que *tomaram* por força *emquanto apanha* de mel os doces favos da montanha (Lus. 5, 27) — *Vi* logo por sinaes e por acenos *que* com isto *se alegra* grandemente (ib. 5, 29) — Com dadivas alegres lhe *rogava que o leve* á terra onde esta gente estava (ib. 1, 98) — E porque tudo *note* e tudo *veja*, ao capitão *pedia que lhe dê* mostra das fortes armas de que usavam (ib. 1, 63) — O Gama lhe *pedia* primeiro *que se assente* (ib. 7, 75) — Mas vendo o capitão que *se detinha* já mais do que *devia*, e o fresco vento o *convida* que parta e tome asinha os pilotos de terra e mantimentos, não *se quer* mais deter, que ainda *tinha* muito pera cortar do salso argento (ib. 6, 3).

De Gabriel Pereira de Castro, um dos imitadores de Camões, é este trecho:

Conta-nos como o grande Heitor *deseja* saber o que no exercito *passava*, que a elle o *manda*, porque *note* e *veja* se a gente grega *espera* ou se *embarcava*; se os animos *dispõe* para a peleja, e o que sobre isto entre elles se *tratava* a ver, *dizia*, estes segredos *vinha*, e aqui me *trouxe* a má fortuna minha (Ulyss. 6, 51).

Confrontem-se com os exemplos de linguagem literaria os seguintes dizeres proprios do falar do povo:

Vou e vendo hũa viola e hum gibão de fustão e botas de cordovão, que tinhão inda boa sola, que durarião hum verão; e vendi hũa gualteira e fiz da pousada feira (G. Vic. 3, 14) — Emfim, *vou* eu muito asinha, *empenho* hũa sella que tinha, e *albardo* o meu cavallo (ib. 3, 175) — Esta noite eu lazerando sobre hũa arca e as pernas fora, elle *acorda*-me a hũa hora... *faz*-me accender candieiro, e que lhe tenha o tinteiro (ib. 3, 178).

b) **Imperfeito e perfeito**

São do dominio do passado todos os successos realisados, todos os actos que se puzeram em effeito antes do momento de os relatarmos e que não chegaram a durar até este momento. Para exprimir estes actos e successos servem-nos as diversas formas do preterito do indicativo.

O preterito imperfeito denota:

a) acção durativa:

Estavas, linda Ines, posta em socego (Cam. Lus. 3, 120) — Por estas naos os Mouros *esperavam* (ib. 9, 4) — Parece que o temor o *tornava* no que devia de fazer (Barros, Dec. 3, 8, 9) — E como foi sobre uma pouca de olla, que *estava* na coxia,... foi vista de huma torre alta, onde *estava* posta huma atalaia pera dar signal (ib. 3, 7, 2) — E continuando nossa viagem assi destroçados como *hiamos* mais tres dias, nos deu hum temporal de vento esgarrão (F. M. Pinto 2, 198) — Os ventos nordestes nos *eram* ponteyros, e as agoas *corriam* muyto contra nós (ib. 2, 199).

b) acção frequentativa, costume:

Quando os Censores *achavam* Roma muyto chea de gente, *descarregavã-na* mandando algũa della a povoar outra provincia (Arr. 248) — [Hum mancebo costumado de menino a nadar dentro no mar] *penetrava* os intimos e remotissimos mares, *tornava* muytas vezes á praya, e *avisava* os marinheiros das tempestades (ib. 251) — Em cada hum anno todos no verão *navegavam* suas mercadorias destes lugares pera os portos de sima (Barros, Dec. 2, 1, 4) — Nem falemos em Maria Briolanja, que *vendia* limam, cidra e laranja (Regat. 22) — *Dezia* minha may Margarida Vas... filha, eu, tu, tua tia e tua avó, todas nos tornaremos cinza e pó (ib.) — Acudindo-lhe com agoa quando *esmoreciam* que era muytas vezes (F. M. Pinto 2, 293).

O preterito imperfeito é o tempo da acção prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a occasião em que a acção terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do inicio. O preterito perfeito pelo contrario fixa e enquadra a acção dentro de um espaço de tempo determinado:

Pedralvarez... *mandou* arvorar huma cruz mui grande no mais alto lugar de huma arvore, e ao pé della se *disse* missa (Barros, Dec. 1, 5, 2) — E ele *se foy* ás casas onde dõ Garcia estava, e dahi ho *levou* aa fortaleza e com hũs grilhões ho *mandou* meter na torre de menagem onde *esteve* oyto dias (Castanh. 7, 58) — Já em algum tempo aquella imagem *recebeo* alli adoração (Barros, Dec. 2, 5, 1) — Todo o mundo que o demonio hoje *offereceo* a Christo foy por hũa alma alhea (Vieira, Serm. 2, 82) — Agora que *me vinguei* de ti, faça Deus de mim o que quizer (Couto, Dec. 8, 15).

Algumas vezes, como neste passo *Eu conheci hum homem fidalgo que tinha o corpo semeado de escamas* (Arr. 251), parece á primeira vista referir-se o preterito perfeito a uma epoca vaga e indeterminada. Seria incorrecta tal interpretação. *Eu conheci*, no perfeito, posto que corresponda a tempo mais ou menos longo, todavia dá a entender que o conhecimento se travou em certo dia e ter-

minou em outra occasião ou porque morresse o individuo, ou porque eu desde então nunca mais o visse. O imperfeito *eu conhecia* não teria cabimento neste caso.

Repare-se tambem na diversidade de sentido em *sabia que seria condemnado* [sabia desde quando?] e *soube que seria condemnado* [isto é, fui informado em certo momento de que seria condemnado]. Em francez se diria num caso *je savais* e noutro *j'ai appris*.

Suppõem alguns grammaticos que ao imperfeito compete principalmente exprimir acção simultanea a outra acção passada. Não justificam tal hypothese dizeres como *quando a vi, chorei*, para acções momentaneas, ou *quando a via, chorava*, para actos repetidos.

Um caso muito especial, e de linguagem forçada, é o uso do imperfeito em frases onde deveria estar a forma do presente. São raros os exemplos. Camões aventurou:

Dar-te-ei, senhor illustre, relação de mi, da lei, das armas que *trazia* (Lus. 1, 64) — Deste Deus-homem, alto e infinito, os livros que tu pedes não *trazia* (ib. 1, 66).

E para completar estas ousadias, põe o poeta o futuro do preterito em lugar do futuro do presente:

Se as armas queres ver, como tens dito, cumprido esse desejo te *seria* (Lus. 1, 66).

Bem podia Camões usar desta linguagem em attenção á rima, já que não era rigoroso em observar, como vimos atraz (pag. 101 e 102), a conformidade das formas temporaes que a logica estabelece entre as diversas orações.

Na narração de actos passados que se foram succedendo uns aos outros, é costume pôr os respectivos verbos todos igualmente no preterito perfeito. Ás vezes, sobretudo em port. ant. e quinhentista, apparece desrespeitada esta harmonia, passando-se de subito á forma do imperfeito. Em tal caso quer o autor pôr em evidencia que est'outros actos são durativos ou frequentativos:

A cegonha *meteo* o bico e o collo demtro, e *comia* e *dizia* aa rraposa: Amiga, comede (L. de Esopo 22) — Ho pastor.... *tomou* hũm carneiro e *pose*-o d'avante o lleom: ho lleom nom lh'o *quys* tomar, e *mostrava*-lhe ho pee... e *rrogava* ao pastor que lh'a [a espinha] tirasse (ib. 27) — O leam... ho *conheçeo* e *chegou*-sse a elle e *andava*-o lambendo e *defendia*-o dos outros lleões que lhe nom fezessem mall (ib. 28) — Hũu lobo *furtou* hũu bode e *levou-ho* a hũu gram ssilvado e aly o *comia* a sseu gram ssabor (31) — Depois que o linho *foy* grande,

fez d'elle rredes e laços, e *tomava* muytas aves (ib. 45) — E depois que *camtou*, o gaviam *scarneçia* d'elle (31) — O cavaleyro *tomou* hũu ssodairo e *enxugava* ho rrostro (ib. 54).

O imperfeito nestes passos não corresponde ao falar moderno. Hoje empregariamos, em seu lugar, o preterito perfeito ou lançariamos mão das combinações: *poz-se a comer*, *poz-se a andar e defender*, *começou a tomar muitas aves*, *poz-se a enxugar o rosto*, etc., que significam acção durativa e frequentativa.

O imperfeito tanto pode expressar a acção durativa realisada ao tempo de outra acção passada ou logo depois, como certa acção que habitualmente se praticava. O sentido interpreta-se pelo contexto. Quando o seu emprego possa dar lugar a equivocação, dá-se outro torneio á frase. Assim no trecho *e depois este gaviam voou em hũa arvor omde armavam aas aves com ho visco, e enviscou-se* (L. de Esopo 31), o port. mod. não hesitaria em substituir *armavam* por *costumavam armar*.

O verbo de sentido existencial, servindo de começo a lendas, contos ou historias do passado, diz-se hoje geralmente no imperfeito. *Era uma vez um veado*, etc. O port. ant. servia-se da mesma forma verbal se empregava *haver;* mas se recorria ao verbo *ser*, preferia a forma do preterito perfeito:

Conta que em hũua provincia *avya* hũu hõem bóó que avya nome amaro (S. Amaro 507) — Comta-sse que *foy hũa vez* hũu ladrom que queria de noute rroubar hũa casa (L. de Esopo 47) — Comta-se que *foy* hũu senhor que tynha hũu branchete, com o qual muytas vezes brincava (ib. 21) — Diz que *foy hũa vez* hũu leom que jazia em hũu mato de so hũa fremosa verdura (ib. 43).

c) Mais-que-perfeito

Quando queremos significar que certo facto occorreu antes de outro facto passado, damos ao competente verbo a forma do mais-que-perfeito. Satisfaz esta forma ao intento nas tres pessoas do singular e na 1.ª e 2.ª do plural, ao passo que as terminações *-aram*, *-eram*, *-iram* são identicas ás do preterito perfeito e com ellas se confundem. Não ha inconveniente nisto desde que pelo contexto se entenda o sentido; fazendo-se porem mister dissipar duvidas, em-

prega-se em lugar do mais-que-perfeito simples a combinação *tinham*+participio do preterito, dando ao auxiliar a desinencia pessoal respectiva. Não serve emtanto esta forma composta só para differençar o mais-que-perfeito do preterito perfeito, nem se limita o seu emprego a 3.ª pessoa do plural. Ella substitue a forma simples em qualquer pessoa, e nesta pratica tanto foi insistindo a linguagem falada que o estilo familiar de hoje lhe dá indiscutivel preferencia sobre as formas em *-ara*, *-era*, *-ira*. A linguagem escripta, posto que procure sempre pôr em primeiro plano o emprego destas formas simples, por lhe parecerem mais elegantes, utilisa-se todavia da combinação *tinha*+participio do preterito com menos liberdade, é certo, mas da mesma maneira que na linguagem falada.

A referida combinação verbal, segundo vimos na Lexeologia, em rigor não é mais do que o preterito imperfeito de certa conjugação composta; *tinha quebrado* é o imperfeito de *ter quebrado*, que se diz da acção completamente consummada e que é aspecto differente da acção vaga e indefinida *quebrar*. Em virtude do sentido primitivo é a forma *tinha quebrado* mais apta que o simples *quebrara* para affirmar com precisão e energia a realisação do acto passado anterior a outro.

Estes diversos casos acima referidos que, em linguagem escripta, podem determinar o emprego ora de uma ora de outra forma verbal, acham-se reunidos nos seguintes passos colhidos nas primeiras paginas do Eurico de A. Herculano:

A raça dos wisigodos conquistadora das Hespanhas *subjugara* toda a peninsula havia mais de um seculo. Nenhuma das tribus germanicas que... *tinham vestido* sua barbara nudez com os trajes despedaçados, mas esplendidos, da civilisação romana, *soubera* como os godos ajunctar esses fragmentos de purpura e ouro para se compôr a exemplo de povo civilisado (1-2) — Leuwighild... *acabara* com a especie de monarchia que os Suevos *tinham instituido* na Gallecia e *expirara* em Toletum (2) — A podridão *tinha chegado* ao amago da arvore, e ella devia seccar (4) — Uma longa paz com as outras nações *tinha convertido* a antiga energia dos godos em alimento das dissenções intestinas (5) — O orgulhoso Favila não *consentira* que o menos nobre gardingo pusesse tão alto a mira dos seus desejos (10).

É de notar na pag. 4 da mesma obra o trecho:

As virtudes civis e, sobretudo, o amor da patria *tinham nascido* para os godos logo que, assentando o seu dominio nas Hespanhas, *pos-*

suiram de paes a filhos o campo agricultado, o lar domestico, o templo da oração e o cimiterio do repouso e da saudade.

O verbo *possuiram* deve-se interpretar aqui como preterito perfeito por causa da conjunção *logo que*. Sendo assim, *tinham nascido* exprime acto simultaneo, senão consequente, ao do preterito *possuiram*. Mas o autor empregou *tinham nascido* como mais-que-perfeito, isto é, como occorrencia anterior a outros successos que ao depois expõe e que vão constituir o assunto principal da sua narração.

As formas verbaes em *-ara, -era, -ira* têm applicação secundaria nas proposições condicionantes e condicionadas, fazendo as vezes do imperfeito do conjuntivo e do futuro do preterito. Sendo tal linguagem communissima entre quinhentistas e seiscentistas, que a herdaram do port. ant., não tiveram os grammaticos duvida em considerar em taes casos as ditas formas *-ara, -era, -ira* como collateraes de *-asse, -esse, -isse,* e *-aria, -eria, -iria,* ainda que morphologicamente não procedam senão do mais-que-perfeito latino.

Porem esta equivalencia tem limites. Em certos casos é impossivel a substituição. Nunca se empregam as formas em *-ara, -era, -ira* em lugar das que são proprias do imperfeito do conj. e do fut. do pret. em dizeres como *para que fizesse, disse que viria, comtanto que partisse,* e outros. Entretanto faz-se ás vezes a troca em oração concessiva:

Ainda que algum de nós *soubera* de certo e *tivera* revelação que a sua alma se nam havia de salvar, só por ser alma, a não havia de dar por nenhum preço do mundo (Vieira, Serm. 2, 81).

A forma do mais-que-perfeito pode tambem supprir o imperfeito do conjuntivo em certas orações exclamativas:

Prouvera a Deus! (por *prouvesse a Deus!*) — Aos deoses *aprouvera!* (Agamn. 86) — Oh quem não *fora* nascido, ou acabasse de viver! (G. Vic. 3, 72).

d) **Futuro**

O futuro é a forma verbal apropriada para significar que certo acontecimento, inexistente na epoca em que se fala ou de que se fala, se ha de effectuar, em todo o caso,

mais tarde. A linguagem porem não restringe o emprego do futuro sómente a este caracter narrativo, profetico ou annunciativo. Serve-se tambem da mesma forma verbal artificiosamente, referindo-se a factos ou intenções que se passam na actualidade, mas que convem expôr como se pertencessem ao dominio vago e indefinido do porvir. Do futuro propriamente dito, denotador de actos realmente vindouros, dão prova os exemplos seguintes, em que, de accordo com a epoca de que se trata, se emprega ora o futuro do presente, ora o futuro do preterito:

Aqui de Dom Filippe de Menezes se *mostrará* a virtude em armas clara (Cam. Lus. 10, 104) — Dissestes que *olharieis* e *verieis* e parece que os aspectos do olhar e ver nesses dous divinos planetas se encontraram (Vieira, Serm. 13, 141) — Jurava que eu era boa e meiga, que eu era bella; que *seria* sua esposa (Herc. M. de C. 2, 177) — Asseguarava-lhe tambem que o caridoso parocho lhe *proporcionaria* os demais soccorros a que não chegava a sua pouquidade (ib. 2, 359) — Não *tardará* que os Arabes desçam do Calpe e se derramem pela provincia de Hespanha (Herc. Eur. 70.) *Continuarei* as minhas correrias nocturnas para as bandas do Calpe (ib. 71).

Passando ás applicações secundarias, comecemos por assignalar a função *imperativa* ou *compulsiva* de que é capaz o futuro do presente na 2.ª pessoa do singular ou do plural. Este futuro compulsivo — assim lhe chamaremos por commodidade de linguagem — pode ser ou *categorico* ou simplesmente *suggestivo*.

O typo *categorico* exprime uma ordem dada no tempo presente, contando-se que será cumprida. É linguagem mais energica que o modo imperativo, pois que não faz o minimo caso da vontade do individuo com quem se fala. São deste teor as determinações e mandamentos do Antigo Testamento:

Não *acendereis* lume em todas as vossas casas no dia de sabbado — *Farás* tambem hum altar de pau de setim — *Honrarás* a teu pai e a tua mãi — Não *matarás* — Não *furtarás* — *Trabalharás* seis dias e *farás* nelles tudo o que tens para fazer, etc.

A forma da linguagem pode ser tal, que o verbo no futuro venha a ficar na 3.ª pessoa, tendo um sujeito da 3.ª pessoa; mas desde que se subentenda que a acção só pode ser posta em effeito pelo individuo de quem se exige obediencia, o dito futuro pertencerá ainda ao typo categorico:

O dia setimo *será* para vós santo — E farás para o seu serviço caldeiras... e uma grelha de bronze em forma de rede; em cujos quatro cantos *haverá* quatro argolas de bronze, que porás abaixo da area do altar; e a grelha *estará* até ao meio do altar, etc.

Nas disposições de leis em geral e nas clausulas contratuaes definem-se as obrigações, dando aos respectivos verbos a forma do futuro na 3.ª pessoa. É claro que aqui não se pretende annunciar ou profetisar acontecimento; devemos incluir este futuro no typo categorico. Posto que as mais das vezes não dimanem taes obrigações de uma autoridade individual capaz de impôr a sua vontade e exigir cumprimento, procedem todavia de certas instituições que têm a mesmissima força.

O *futuro suggestivo* é outro substituto do imperativo. Pelo tom de voz em que é proferido e pelo contexto reconhecemos que é cousa diversa do futuro categorico. Se por meio deste, segundo vimos, o individuo que fala quer fazer sentir que tem autoridade e está disposto a prevalecer-se della em caso de desobediencia, ao servir-se do futuro suggestivo, procurará, pelo contrario, provocar em outrem apenas o sentimento da necessidade de pôr em effeito aquillo que deseja ver praticado. A forma do futuro neste caso tem sobre o imperativo commum a vantagem de dar a perceber que se conta com a realisação vindoura da acção, que esta realisação é uma quasi profecia, mas que não se entende senão como simples conselho, pedido ou suggestão. É um estratagema de linguagem, pois intimamente esperamos que o individuo a quem nos dirigimos, suggestionado por nossas palavras, não opporá resistencia ao cumprimento da nossa vontade. A frase *dar-me-ás o dinheiro immediatamente*, enunciada de modo categorico, é aspera e vem prenhe de ameaças; a frase suggestiva *dar-me-ás o dinheiro quando puderes*, proferida em tom ameno, é recebida como expressão de cortezia. Nos passos seguintes faz-se uso do futuro compulsivo suggestivo:

Queria que por amor de mi fosseys la e vos combatesseis co guardador della por minha parte e em meu nome, e, vencendo-o, *trareys* o escudo do vulto a esta corte (Mor. Palm. 1, 480) — E vós, alma, *rezareis*, contemplando as vivas dores da Senhora; vós outros *respondereis*, pois que fostes rogadores até gora (G. Vic. 1, 202) — Vedes aqui hum collar... e dez anneis... Neste espelho vos *vereis*, e sabereis que não vos hei de enganar. E *poreis* estes pendentes, em cada orelha seu (ib. 1, 193) — E se eu viver, *usarás* commigo da misericordia

do Senhor; se porem for morto, não *cessarás* nunca de usar de compaixão com a minha casa (I Reis 20, 14-15) — D. Judas, disse esta em tom mavioso, tu has de fazer serviço a elrei para esta jornada. *Darás* os dous mil maravedis velhos (Herc. L. e N. 1, 122).

Confrontem-se os citados trechos com est'outros, em que se emprega o futuro compulsivo com valor categorico:

Será bom que vos caleis, e mais *sereis* avisada que não me *respondereis* nada (G. Vic. 3, 145) — Tu has de ficar aqui. Olha, por amor de mi, o que faz tua senhora. *Fechal-a-ás* sempre de fora (ib. 3, 146) — E *dirás* a tua mãe mais, que me guarde os corporaes (ib. 3, 232).

Exemplos ha susceptiveis de interpretação tanto num como noutro sentido. Assim ora parece convite ironico, ora simples ordem o que Gil Vicente faz o personagem Diabo dizer ás almas que se dirigem para o outro mundo:

Entra, entra, e *remarás* (G. Vic. 1, 220) — Embarque vossa doçura que cá nos entenderemos; embarcae, e partiremos; *tomareis* hum par de remos (ib. 1, 226) — Ponde hi o chapeirão, e *ajudareis* a botar (ib. 1, 227).

A duvida póde dissipar-se e a expressão verbal adquirir perfeito caracter categorico quando ao futuro commum se substitue a forma composta de *haver de*+infinitivo. É linguagem de uso mais frequente:

Vós não *haveis de fallar* com homem, nem com mulher que seja (G. Vic. 3, 145) — Vós não *haveis de mandar* em casa somente hum pello; s'eu disser isto he novello, *haveil-o de confirmar*. E mais quando eu vier de fora, *haveis de tremer* (ib. 3, 146) — Avisa-te que *has de estar* sem barrete onde eu estou (ib. 3, 136).

A formação propria do futuro não é aquella a que em nossos dias, e particularmente no Brasil, mais frequentemente se recorre para traduzir a noção de futuro suggestivo. Prevalece sem duvida em certos casos como *o Sr. me perdoará* por *perdoe-me o Sr.;* mas em outros dizeres costumamos servir-nos do presente do indicativo ou de uma combinação verbal em que entre a forma do presente. *O Sr. hoje janta* (em vez de *jantará*) *commigo* é frase que tem o mesmo valor que o imperativo empregado para significar convite; *vais-me fazer um favor, vais copiar esta carta* equivalem a pedidos; e para aconselhar a alguem o que deve fazer, diremos v. g. o *Sr. segue por esta rua afora, toma a quinta rua á esquerda, e dobra a primeira esquina do lado direito*. São formas do presente que estão em lugar dos futuros suggestivos *seguirá, tomará, dobrará*.

Muito differente dos casos até aqui examinados é o *futuro problematico*, isto é, o emprego da forma verbal denotadora de acção ainda não consummada quando se tem duvida ou incerteza sobre factos ou successos proprios do tempo presente.

É um processo engenhoso de dizer, de affirmar e de fazer crer uma cousa verdadeira ou não verdadeira, que não acarreta responsabilidade para o individuo que assim se exprime. Transplantando o facto da actualidade para uma epoca vindoura satisfaz-se entretanto a uma necessidade de ordem psychologica; pois que, se o facto se me apresenta na mente como uma duvida, como um problema, é claro que a solução só poderá vir futuramente, e eu no meu enunciado terei de servir-me de uma forma verbal em harmonia com essa solução futura do meu caso. Nesta asserção problematica *o prisioneiro a estas horas estará morto* sou levado a empregar a forma *estará* por influencia do pensamento *só mais tarde se ha de saber isto ao certo*. O que agora digo acerca da morte do prisioneiro, é portanto a antecipação de um juizo dependente de averiguação que ainda não se fez. Como manifestação de certeza direi *entre os pontos A e B ha um espaço de cincoenta metros*, pois que a distancia foi medida, dando o dito resultado; mas, se disser *entre os pontos A e B haverá um espaço de cincoenta metros*, quero significar que supponho existir tal distancia, e ella *existirá* depois que se proceder á medição e for verificado o meu calculo. Nas referencias a acontecimentos passados, o verbo tomará naturalmente a forma do futuro do preterito: *haveria naquella noite duas mil pessoas na rua*.

Neste sentido empregaram os escriptores o futuro frequentemente:

Averá vinte e seis ou vinte sete annos que em Beja se achou hum marmore com a inscripção que eu tresladei (Arr. 246) — E da villa Rexet te a foz do rio Eufrate, que *será* espaço de cincoenta e oito leguas, está a ilha Cargue, notavel neste mar, que *distará* da terra firme cinco leguas (Barros, Dec. 3, 6, 4) — Os moradores do qual [lugar] leixaram a povoação de baixo, que *seriam* algumas dez ou doze casas (ib. 3, 8, 9).

O futuro problematico tambem se emprega em expressões interrogativas. Parallelamente a *Que é isto? Que foi aquillo?* existem *Que será isto? Que seria aquillo?*

Quando se espera resposta immediata, faz-se a pergunta segundo o primeiro processo; com a forma do futuro, pelo contrario, reconhece-se ser difficil satisfazer de pronto á pergunta, devendo vir a resposta futuramente, pouco importando que o espaço de tempo entre a pergunta e a resposta seja longo ou breve, de horas ou de minutos. Visa portanto a linguagem aqui uma averiguação vindoura exactamente como nas asserções problematicas.

Dirigindo a uma segunda pessoa a pergunta com o verbo no futuro a proposito de alguem ou de alguma cousa, servir-me-ei de um modo de inquirir polido e em todo o caso cauteloso. Revelarei a minha curiosidade e, embora desejoso de informação, finjo não esperar que me respondam. Deste futuro *diplomatico* differe a pergunta quando a dirigimos tão sómente a nós mesmos. Neste caso, mostraremos que nos preoccupa a solução do problema, e que esta solução, impossivel ao presente, acharemos nós por ventura em tempo vindouro.

O futuro *problematico* do preterito é empregado não raro por Antonio Vieira em interrogações para expôr ou suggerir uma perplexidade seria, mas de pouca dura, com que interrompe de subito alguma narração. Em certos passos este futuro do preterito pode ser interpretado como incerteza ou vacillação da parte do sujeito do verbo; em outros parece antes que o orador se dirige ao auditorio e, valendo-se da dita forma verbal, quer significar que os successos que agora vai narrar não correspondem ao que se esperaria:

Isto é o que a razão, a verdade, e a justiça devia aconselhar e persuadir a Xavier. Mas como *mostraria* elle que era morto o mesmo que tinha sido vivo? Sahe e apparece o sagrado deposito em terra e no mesmo ponto todos os que estavão feridos, e espirando da peste, se levantaram subitamente sãos (Serm. 8, 355) — Põem a proa em terra, mas hum navio que sahia do mesmo porto os avisou que estava cheyo de piratas... E que *faria* o demonio e o que se governava por elle? Ao menos forçados deste modo *seguiriam* a sua derrota ao Japão? De nenhũ modo. Resolvem arribar outra vez a Cantão desfazendo a viagem (ib. 8, 308) — Deu conta desta mudança a Xavier; e que lhe *responderia* elle? Não quero que percais a fazenda, nem arrisqueis a pessoa (ib. 8, 288) — Emfim partiram e chegaram; e que *faria* então Joseph sobre aquella promessa com todo o poder da monarchia nas mãos? Instruio aos irmãos que... respondessem que eram pastores de ovelhas (ib. 8, 240).

Uma vez que dos successos proprios de epoca presente ou passada podemos dar noticia, ou a elles alludir, empregando respectivamente o futuro do presente e o futuro do preterito para significar a nossa duvida ou incerteza sobre a realisação effectiva, segue-se que o futuro em taes casos representa papel analogo ao modo potencial em certos idiomas, e suppre em portuguez as combinações verbaes *poder* ou *dever* com infinitivo. Um exemplo notavel em port. antigo e quinhentista é o da expressão *ouvirieis* por *deveis ter ouvido* ou *provavelmente ouvistes:*

Aallem de ell seer mui çeoso como já *ouvirees*, desprougue-lhe muito de taaes amores (F. Lopes, D. J. 354) — Mamdou seus rrecados aa tia e aa sobrinha, de guisa que a ouve estomçe, como *ouvirees* dizer (ib.) — Creio que ja *ouvirieis* e sabeis (Pina, D. Du. 60) — Esta dona... a qual se chama Eutropa, tia do grã Dramusiando, que bẽ *ouvirieis* nomear (Palm. 1, 396) — E por esta rezam se chamam estes montes os montes das tres hirmaãs como ja algumas vezes *ouvirieis* nomear (ib. 1, 171) — Mas olhai, Senhor, como he certo o que ja *ouvirieis* que de tres cousas nace a ingratidam (Eufr. 48) — Ja *ouvirieis:* vem a ventura a quem a procura (ib. 23).

Comparem-se os seguintes passos de port. mod.:

O que o Mela escreve que os homens da Mauritania sam para pouco, *seria* no seu tempo (Arr. 236) — A nao, estando atravessada e sem governo começou a sordir sobre a vaga; *seria* caso, mas pareceo milagre (Fr. de Andr. D. J. de Castro 36) — O valeroso Cavalleiro... lhe respondeo que... se em Cambaya havia renegados, *serião* de outras nações (ib. 249).

Servem finalmente as duas formas do futuro para caracterisar as *asserções condicionadas*, dependendo o emprego de uma ou outra forma do sentido da proposição condicionante. Se esta se refere a um facto cuja realisação esperamos ou, pelo menos, não julgamos impossivel, empregaremos o futuro do presente: *se puder, lá irei.* Se allude a facto que não se realisou nem se realisará, servir-nos-emos do futuro do preterito: *se pudesse, lá iria.* Destes dous casos, e particularmente da substituição das formas verbaes por outras, quer na proposição condicionada, quer na condicionante, tratámos desenvolvidamente na pag. 107. Quanto á descabida denominação de modo condicional dada ao futuro do preterito, e sómente a elle, por occorrer em proposições condicionadas, remettemo-nos para o que já escrevemos no livro *Difficuldades da Lingua Portugueza*[2], 229-242.

EMPREGO DOS MODOS

a) **Imperativo**

É função essencial do imperativo denotar ordem, convite, conselho, pedido, supplica, quer dizer manifestações de vontade ou desejo acompanhadas da esperança do seu cumprimento da parte do individuo a quem nos dirigimos. Outras formas verbaes podem occasionalmente preencher o mesmo fim, porem sempre como função secundaria.

Formas proprias tem o imperativo portuguez sómente para os sujeitos *tu* e *vós* nos dizeres affirmativos. A deficiencia nas frases negativas para os ditos sujeitos, nas affirmativas ou negativas para os sujeitos *você, o Sr.*, etc., e para a 1.ª pessoa do plural, suppre-se recorrendo a formas do presente do conjuntivo.

O imperativo é *categorico,* se exprime ordem cujo cumprimento se exige, ordem que dimanará ou de homem consciente de sua superioridade em relação a outro, ou do Ser supremo, como nestes passos biblicos:

Toma a Isaac, teu filho unico a quem amas, e *vai* á terra da Visão (Gen. 22, 2) — *Sae* da arca tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos comtigo. *Faze* tambem sahir todos os animaes (ib. 8, 16-17).

Apesar do nome «imperativo», são em geral taes as circumstancias e as relações da vida humana, que o modo imperativo vem a servir com mais frequencia como expressão de convite, conselho ou pedido, e portanto em situações de igual para igual ou de inferior para superior, sendo então o sentido diametralmente opposto ao de ordem ou mando.

Consideraremos a nossa forma verbal como imperativo rogativo não sómente quando denota pedido propriamente dito, mas ainda quando significa imprecação, invocação e outras noções semelhantes:

Dai-nos o pão nosso de cada dia — *Perdoai*-nos as nossas dividas — Senhor, *valei*-me aqui; *dizei* a este homem que me dê huma cabeça destas (Barros, Dec. 3, 8, 9) — *Dai*-me agora hum som alto e sublimado, hum estilo grandiloco e corrente (Cam. Lus. 1, 4) — *Inclinai* por hum pouco a magestade (ib. 1, 9) — *Vinde*, vos peço, meus senhores, para casa de vosso servo, e *ficai* nella (Gen. 19, 2).

Classificaremos como typo differente deste o imperativo *incitativo* ou *exhortativo*, isto é, o imperativo usado para induzir alguem a fazer alguma cousa no seu proprio interesse, ou para fazer sentir que esta pessoa não é menos interessada que o individuo falante. Está comprehendido nesta categoria o imperativo denotador de conselho, convite, admoestação, advertencia, insinuação e outras noções semelhantes:

A' feira, á feira... *comprai* aqui pannos, *mudai* os vestidos, *buscai* as çamarras dos outros primeiros (G. Vic. 1, 155) — *Mette-te* nessa silveira, qu'eu d'aqui hei d'espreitar (ib. 1, 168).

b) **Indicativo e conjuntivo**

Primeiro que tudo convem esclarecer uma questão de terminologia. *Indicativo* é termo consagrado pelo uso. Á duvida entre *conjuntivo*, que significa «modo unido, conjunto», e *subjuntivo*, que indica «modo subordinado», responde-se que nenhum dos dous termos exprime com exactidão o que seja o respectivo modo verbal.

Elle não só occorre em orações subordinadas, mas, em varios idiomas, tambem em orações principaes, e este emprego em orações principaes é justamente o mais antigo. Nem a linguagem creou um modo especial para o verbo da oração dependente, nem esta função é privativa do conjuntivo. Ha muitos casos de oração subordinada em que, pelo contrario, o uso do indicativo é simplesmente obrigatorio. Dada a liberdade de escolha, pois não pensamos em propôr um termo novo que ninguem aceitaria, decidimo-nos pelo nome *conjuntivo*.

Com o verbo no indicativo se enuncia a certeza ou realidade do facto; por opposição de idéas, entende-se que o conjuntivo será o modo da irrealidade ou incerteza. Mas este conceito que só visa o polo contrario não basta

para definir o emprego do conjuntivo. Trata-se de um problema complexo, a começar pela circumstancia que ás funções proprias do cunjuntivo se ajuntaram em latim ainda as do optativo, o qual em outros idiomas indo-europeus constituia um modo á parte. Considerando certos casos de emprego de conjuntivo que especialmente ferem a attenção, somos tentados a classifical-o em volitivo, potencial, optativo, deliberativo, concessivo, prospectivo, hortativo, etc.; mas não convem insistir muito na especificação de taes categorias, pois não ha limites seguros que as separem umas das outras. Deve-se trabalhar por enquadral-as todas em duas ou tres classes geraes.

Que ha um typo de conjuntivo do desejo, da aspiração, reconhece-se logo nas orações optativas (*Prouvesse a Deus!*). Usa-se em portuguez tambem esta mesma forma modal para o imperativo negativo e para certos dizeres que denotam vontade, ordem ou convite. Na oração principal em que se interroga ou naquella em que meramente se expõe, usamos o indicativo. Na subordinada emprega-se ora um, ora outro modo. Examinaremos estes diversos factos, procurando descobrir a razão da preferencia dada já ao indicativo, já ao conjuntivo, e observando ao mesmo tempo a variação da linguagem em epocas differentes.

As interrogações *quem é, qual é, que cousa é,* feitas sob a forma directa, dizem-se sempre com o verbo no modo indicativo; postas porem sob a forma de orações subordinadas, occorrem com o verbo *ser* ora no indicativo, ora no conjuntivo. O primeiro modo apropria-se ás perguntas que requerem resposta immediata: *perguntando-lhe primeiro quem era* (Mor. Palm. 1, 322) — O emprego de *quem* (*que* ou *qual*) *seja* ou *fosse* suppõe, pelo contrario, que não se pode responder sem primeiro reflectir:

Perguntado hũ sabio *qual fosse* a vida, deo hũa volta e desappareceo, mostrou-se, e escondeo-se logo para mostrar que era momentanea e fugia com grande velocidade (H. Pinto, 2, 532).

É sobretudo depois de *não saber, não conhecer, sem saber* e outros dizeres denotadores de ignorancia ou duvida, que têm cabimento as subordinadas *quem seja, qual fosse,* etc.:

Qual a materia *seja não se enxerga* (Cam. Lus. 10, 78) — Todos quatro juntamente chegarão aa entrada da ponte *sem se co-*

nhecer quaes fossem os primeiros (Mor. Palm. 1, 103) — Fazia espanto em todalas cortes de principes onde chegava, *sem* ninguem *saber quem fosse* (ib. 1, 144) — *Qual fosse*, disse o doctor, a tenção dos homicidas na morte de Cesar, *nã no sey* (H. Pinto 2, 472) — Quem assim discorre *não sabe que cousa seja* religião, nem que religião seja esta (Vieira, 11, 272) — *Que alma fosse* esta de generosidade tão dura, *não se sabe* em particular (ib. 14, 28) — *Quaes fossem* estes vinte e quatro modos de negar eu o *não sei*, nem me occorrem (ib. 2, 115) — Questão he curiosa nesta filosofia, *qual seja* mais precioso e de maiores quilates; se o primeiro amor, ou o segundo (ib. 2, 385) — Com grande advertencia e justiça não diz [Horacio] «poeta cyclicus», mas «scriptor». Porem *quem fosse* este escritor a que elle allude, não he facil de averiguar (Cand. Lus. A. poet. Hor. 85) — A disputa sobre *qual seja* a lição verdadeira he mui renhida (ib. 221).

Em lugar do conjuntivo pode todavia estar o indicativo, mormente se não se trata de pôr em evidencia a perplexidade, ou esforço de indagação:

O emperador ficou em extremo descontente de *não saber quem era* [o cavalleiro] (Mor. Palm. 1, 174) — E posto que os de hũa banda *não sabiam quem erã* os da outra, estavã todos tan contentes e confiados de se acharem juntos, que cada hũs cuydavão que a outra parte seria mais fraca (ib. 1, 237) — O alvoroço foi tamanho em algũs, *que nã sabiam qual era mayor*, se o contentamento de o ver naquella casa pera sua salvaçam delles, se a paixão que sentiam do perigo em que o viam a elle (ib. 1, 276) — Eu *nam sey quem soys* (ib. 1, 347) — Elle se foy ao gigante Gatam, que o fez *sem saber quem era* (ib. 1, 87).

Não se costuma empregar senão o indicativo *quem é, qual é, quem foi*, etc., quando o verbo da oração principal está na affirmativa ou tem caracter de affirmação. Entretanto encontramos por vezes exemplos com as formas *quem seja, qual fosse*, etc., parecendo querer o autor alludir a qualquer sombra de duvida que no espirito do leitor ou ouvinte possa haver a respeito de facto verdadeiro:

No capitulo doze do Apocalypse diz S. João que appareceo no ceo hũ grande prodigio... e *declarando* logo *qual fosse* este prodigio e sua grandeza, diz que era hũa mulher (Vieira, Serm. 2, 13) — A [estola] que Deus deu a Xavier despachado logo e sem dilação, *sabe-se com evidencia qual fosse*, porque foi visto muitas vezes com ella (ib. 8, 342) — *Quem fosse* ou *representasse* esta mulher ninguem haverá que o não tenha entendido (ib. 9, 251) — Posto que elle por seus estudos *sabia* já *que cousa seja* recto discernimento em materias poeticas, como bom discipulo de seu grande pai, com tudo sempre lhe quer [Horacio] dizer huma cousa muito importante sobre este ponto (Cand. Lus. A. poet. Hor. 168).

Sendo questão meramente subjectiva isto de avivar ou desprezar a duvida sobre algum facto, não é muito de

estranhar que o escriptor exprima o seu pensamento ora com o conjuntivo, ora com o indicativo:

Pera se *saber quem fosse* este gigante, em cujo poder Dom Duardos estava, diz a istoria que... (Mor. Palm. 1, 10) — Pera se *saber quem era* este cavalleiro diz a istoria que... (ib. 1, 492).

Importa notar que nas sobreditas orações subordinadas, constituidas com pronome interrogativo e verbo *ser*, pode-se usar *seria* como equivalente de *fosse:*

Tendo Dramusiando em muito a valentia de todolos que naquelle valle entravam. Mas Primaliã nam podia julgar *quem fosse...* e não sabia determinar *quem seria* o que co elle se combatia (Mor. Palm. 1, 104) — Chegando-se mais por ver *quem seria,* acabou de conhecelo pelo escudo que tinha nas mãos (ib. 1, 342) — Houve hum mercador grande usurario chamado Jacob. Não dizem os annaes dominicanos *em que terra fosse;* mas mercador e Jacob bem se deixa ver *de que nação seria* (Vieira, Serm. 9, 478).

A forma modal em que se reveste o verbo nas asserções com sujeito indefinido, *certas pessoas dizem, certas cousas se perdem,* e outras do mesmo typo, nada offerece de extraordinario. Frequentemente, parecendo-nos esta singela linguagem pouco apropriada para convencer, preferimos valer-nos de outra maneira de dizer, por meio da qual se dirija a attenção do ouvinte não sómente para o facto annunciado pelo verbo, mas ainda, e em particular, para a existencia real dos seres a que se refere o sujeito indefinido. Desdobramos então em duas a oração primitiva, assignalando o sujeito por meio de oração existencial e dando ao predicado a feição de oração subordinada: *pessoas ha que dizem, ha cousas que se perdem.*

Neste desdobramento a oração subordinada tem, como a principal, o verbo no indicativo. Já não succederá o mesmo se se negar ou puzer em duvida a existencia das pessoas ou cousas indefinidas. O verbo na segunda oração irá então para o conjuntivo:

Em hum bello dia *não ha vento que encrespe* as aguas, *que perturbe* as aves, e *que desfolhe* as flores (Air. Vaid. 237) — *Não ha furor a que* hum homem se não *entregue* só pela vaidade de ser cabeça de um dogma (ib. 261) — Que parte *haverá* no corpo *que* não *tenha* hum movimento proprio! (ib. 352) — *Nenhum christão ha que* não *diga* que ha de fazer penitencia (Vieira, Serm. 5, 149) — *Não ha cousa que* mais *obrigue... não ha outra que* mais *provoque* (ib. 1, 178) — *Não ha escriptura que diga* (ib. 1, 136) — *Que vivo ha que queira* ser pai ou filho de hum enforcado? (ib. 1, 167) — *Ha ouvidos que* não *sejam* de ouvir? (ib. 1, 177) — *Não ha pinceis* nem cores *que possam* estampal-os na tela (Herc. M. de C. 2, 189).

Se a oração existencial tiver por sujeito o pronome *quem*, ou se ao verbo *haver* se seguir o pronome *quem* como sujeito da oração subordinada, usar-se-á nesta ultima o verbo no conjuntivo, não sómente quando se derem as condições da regra precedente, mas ainda quando todo o enunciado tenha caracter affirmativo:

— *Não havia quem quizesse* nem lhe *lembrasse* buscar repouso (Sousa, Arc. 2, 188) — *Não havendo quem catequise* nem *quem administre* sacramento, *havendo* porem *quem cative* e *quem tyrannise* (Vieira, Cartas 18) — *Quem ha que* não *reconheça* em todas estas propriedades o sanctissimo sacramentto? (Vieira, Serm. 1, 742) — *Ha quem o diga?* (ib. 5, 561) — *Não haverá quem se queixe* delle (ib. 5, 105) — *Quem haverá que respeite* a prohibição das leis na falta de tudo contra a durissima lei da necessidade? (ib. 9, 168) — *Quem ha que não conheça* a sua culpa? (Aires, Vaid. 242) — *Quem ha de haver que negue...?* — (ib. 391).

A ausencia ou inexistencia de individuo ou individuos que deveriam executar a acção mencionada na segunda oração, pode exprimir-se por outros dizeres alem do verbo *haver: Falta quem governe, não falta quem queira*, etc.:

Não *faltaria* quem melhor o *servisse* (Sousa, Arc. 2, 214) — Não *faltou quem inventasse* novo genero de reliquias (ib. 2, 200) — *Não faltará quem cuide e diga o contrario* (Vieira, Serm. 1, 178).

No seguinte trecho de Antonio Vieira causa estranheza que as orações subordinadas de resposta dupla tenham uma o verbo no indicativo, a outra no conjuntivo. Parece comtudo que o autor neste ultimo caso quiz alludir a duvida que poderia subsistir na mente de seus ouvintes:

E *houve* jamais no mesmo mundo *quem fosse* senhor de todo elle?... algum *houve*, que o *poz* em praxi, como Tiberio... e hum só *houve*, que realmente *tivesse* esta grande fortuna, que foy o mesmo que a perdeo, Adam (Serm. 8, 174).

Completando-se o sentido dos verbos *crer, cuidar, pensar, suppor, imaginar, entender, presumir* e *achar* (significando «pensar», «crer») e o impessoal *parecer* (a alguem) por meio de oração substantiva que exprima um facto considerado como real, o verbo desta segunda oração se diz em geral no indicativo, algumas vezes porem no conjuntivo.

Casos de verdadeira hesitação com o verbo *ser* são os seguintes:

Cuydaram que [os nossos] *eram* turcos (Castanh. 1, 5) — Fez paz com Vasco da gama *cuydando que fosse* Turco (ib. 1, 6) — *Cren-*

do que fossem turcos ou mouros (ib.) — Entendeo Nicolao Coelho que *cuydava* ele *que* os nossos *eram* mouros (ib.) — Mandou logo visitar *crendo que fossem turcos* (ib.) — *Cuydando que fosse* outra cousa (ib. 1, 7).

Em Gil Vicente occorre:

Commendo ó demo o aviso, que sempre *cuidei que* nisso *stava* a boa condição; *cuidei que fossem* cavalleiros fidalgos e escudeiros, não cheios de desvarios, e em suas casas macios e na guerra lastimeiros (Obras, 3, 147-8).

O indicativo da subordinada em *cuidei que stava* parece significar que, embora contrariada, a opinião continua de pé; o conjuntivo em *cuidei que fossem* confessaria uma desillusão, um modo de pensar que não resistiu á logica dos factos.

Outras vezes — e deste caso occorrem mais exemplos — o conjuntivo refere-se a actos de realisação futura. Este emprego é sobretudo notavel quanto ao imperfeito do conjuntivo, o qual apparece nas narrações alternando com o futuro do preterito e como seu equivalente:

Estavã todos tam contentes e confiados de se acharem juntos que cada hũs *cuydavã que* a outra parte *seria* mais fraca (Mor. Palm. 1, 237) — *Cuydando que* per aquella via mais prestes se *vencessem* (ib. 1, 250) — *Cuydando que* com isso milhor que per outra via *ganharia* sua amizade (ib. 1, 252) — *Cuydando* que o *matassem* (ib. 1, 266) — Sempre eu *cuidei*, oh padre poderoso, *que* pera as cousas que eu do peito amasse te *achasse* brando, affabil e amoroso (Cam. Lus. 2, 39) — As forçosas raizes não *cuidaram que* nunca pera o ceo *fossem* viradas (ib. 6, 79) — Nunca me *pareceo* quando vos tinha *que* vos *visse* mudadas tão asinha em tão compridos annos de tormento (Cam. Son.) — Mandou Rumecão acometer o baluarte S. João, *crendo* pela informação dos escravos *que achasse* a entrada franca (Freire de Andr. 231) — Foram combater em grande determinação *cuydando que rompessem* o esquadrão (Couto, Dec. 4, 5, 6) — Quando *cuidou que ferrasse* a costa de Chaul, achou-se na enseada de Cambaya já com o inverno cerrado (ib. 4, 1, 4) — *Cuidava* eu *que* correndo *desceria* do monte ao valle, onde tinham deixado os dous criados com o jumento, e que, contando-lhes o que passava, *subissem* todos tres ao monte e, quando o não persuadissem, o *atassem* por força com os mesmos cordeis (Vieira, Serm. 8, 315).

Que o indicativo é a forma apropriada para exprimir um facto real ou actual em relação ao tempo presente ou passado dos verbos *crer*, *cuidar*, *pensar*, etc., vê-se pelos numerosos exemplos que se colhem em qualquer periodo da linguagem:

Eu *creio que cuidais que sou* correio que vai e vem polas costas (G. Vic. 3, 226) — *Cuidava que* ninguem se *podia* igualar co ella (Mor. Palm. 1, 185) — *Creo que deve* ser mui perto (ib. 1, 268) — Não *presumo que* a vista me *enganava* (Cam. Lus. 5, 19) — Não *cuide* ninguem *que falta* prudencia ás gentes (Arr. 305) — *Não creias,* fero Boreas, *que te creio que* me *tiveste* nunca amor ardente (Cam. Lus. 6, 89) — Quando imagina *crê que he* a latina (ib. 1, 33) — *Eu imaginey que podia* ser a antiga Moro (Arr. 243) — *Não creio que* os que governam as conquistas *cuidam* o mesmo (Vieira, Serm. 5, 338) — Todos estes authores não conheceram nem *suppunham que* o Anjo do Apocalypse *representava* a S. Francisco Xavier (ib. 8, 15) — *Cuidais que eu sou* Deos só de perto (ib. 5, 338) — *Não cuide* algum escrupuloso *que me atrevo* demasiadamente (ib. 8, 123) — Quasi *cuidando que* tambem não *estava* em si o prégador (ib. 8, 210) — *Cuidava* eu *que* para remediar a fome *era* melhor meyo cavar e trabalhar que jogar (ib. 8, 254) — *Cuidamos que foi* a cruz o que o matou (ib. 8, 335) — Não *creio que pode* haver caso em que mais habitualmente se entenda aquella sentença (ib. 8, 458) — Quem *cuidais que está* tendo mão na peste...? Quem *cuidais que* a *está* rebatendo...? (ib. 2, 181) — *Não achas que era* uma predilecção exquisita? (Herc. M. de C. 2, 317) — E *pensavas que* eu *pretendia* salvar-te (ib. 2, 320) — *Pensei* então *que corria* grande risco em a conservar em casa (ib. 1, 92).

Requer o verbo no conjuntivo a oração que completa o sentido da expressão impessoal *é possivel,* usada para manifestar a incerteza ácerca de algum acontecimento: *é possivel que venha, é possivel que escape.* Proferida porem em tom interrogativo ou exclamativo com o intuito de revelar a surpresa ou espanto ante a contradição entre a espectativa e a realidade, exprime-se emphaticamente esta realidade pondo o respectivo verbo no modo indicativo. É sobretudo na oratoria do padre Antonio Vieira que encontramos com frequencia esta linguagem:

He possivel que ha tantos mundos e *que* eu ainda não *acabei* de conquistar hum? (Serm. 8, 193) — *He possivel que* em hum dia *hei de* perder e ficar orfãa de hum e outro filho? (ib. 3, 85) — *He possivel que sou* eu tido no mundo pelo valente da fama e *que bastou* hũa mulher para me vencer...! *He possivel que me prezo* eu de principe verdadeiro e *que mandei* cometer hũa aleivosia tão grande... e que a hum vassalo tão fiel... lhe *tirei* tambem a vida enganosamente! *He possivel que* me *fez* Deos rey do seu povo para lho conservar e defender *e que consolo* eu a nova da rota do meu exercito, com a nova da morte de Urias e *que pesa* mais na minha estimação a liberdade de um appetite...! *He possivel que* eu *sou* o celebrado de benigno e piadoso e *mando* tirar a vida a hum homem...! (Serm. 5, 129-130).

Outras vezes, o mesmo autor não põe duvida em valer-se do modo conjuntivo, chegando até a entremear esta linguagem com os exemplos sobreditos:

He possivel que me *tenha* o mundo por profeta e que não *antevisse* eu que de hũa vista se havia de seguir hum pensamento...! *He possivel que* me *preze* eu de inteiro e *que*, sendo tão justificada a causa de Nabal... não *bastasse* para me aplacar a sua justiça... e *que... pudesse* mais hum memorial acompanhado do seu rosto que da sua razão! (Serm. 5, 129-130) — *He possivel*, Senhor, *que estejais* nessa Cruz julgado e condenado, sendo a mesma innocencia, e eu não soffrerei ser julgado e condenado, sendo peccador! (ib. 5, 140) — E *he possivel que* o seu crecer *dependa* do Bautista? (ib. 5, 545).

Em port. hod. usa-se o modo conjuntivo, salvo se d'ahi resultar sentido ambiguo. Assim diriamos, com Ant. José da Silva, Alec. e Mang. 14, *É possivel que vejo a um filho de meu irmão!* para significar «custa-me a crer que me acho em presença de um filho de meu irmão». Com o conjuntivo *é possivel que veja* exprimiriamos antes a possibilidade de chegar a ver mais tarde a referida pessoa.

Á exclamativa *Quem dissera* (ou *Quem diria*) segue-se uma oração substantiva em que se enuncia o acontecimento que veio frustrar a nossa esperança. A linguagem corrente põe o verbo no modo indicativo. Contrariam este uso os passos de Math. Aires, Vaid.:

Quem dissera que o amor, que he como a alma de toda a natureza, *tenha* na vaidade o seu principio, e algumas vezes o seu fim (165) — *Quem dissera que* hum mesmo objecto *seja* capaz de inspirar amor e aborrecimento! (200).

Entretanto a pags. 325 e 326 da mesma obra se escreve de accordo com o uso geral:

Quem dissera que a escuridade das trevas *pode* ter lugar na mesma parte em que a luz preside! *Que* huma voz irracional e rouca *pode* entrar sem desordem no concerto da armonia! *Que... pode* ter valor a pedra tosca! *Que* o metal grosseiro *tem* hum preço igual ao metal brilhante!

Quando as exclamações iniciadas pela conjunção *que* se proferem como orações independentes, isto é, sem virem expressos outros dizeres a que se subordinem, usamos o verbo no conjuntivo:

E *que* as profecias de Xavier *viessem* finalmente a conseguir tal authoridade...! (Vieira, Serm. 8, 225) — *Que* já o mundo e a vida não *saibão* enganar! *Que vejamos* tantos desenganos da vida em tão poucos annos de vida! (ib. 5, 541) — *Que* nam *corte* os cabellos Sara depois de pentear desenganos; e *que* os cabellos de Absalão na idade de ouro *sintão* os rigores do ferro! (ib.).

Orações que denotam factos em contradição com a espectativa, usam-se com o verbo no modo conjuntivo quando servem de complemento a *admirar*, *admirar-se*, *espantar-se*, *é maravilha*, *é admiração*, *é de pasmar*, *é incrivel*, e outros dizeres denotadores de espanto e surpresa:

Não *me espanto que* a mesma Rainha... *se quizesse* fazer fundadora (Vieira, Serm. 2, 208) — *Não me espanto que* de cousas tão estremadas *saisse* hũ estremo tamanho (Mor. Palm. 1, 353) — O que mais *admira* he *que* o moço... não *julgasse* que o velho endoudecera (Vieira, Serm. 8, 315) — Não *he maravilha que* na synagoga judaica e na historia do presente Evangelho os *vejamos* semelhantes (ib. 9, 366) — *Não he muito que* [= não é de admirar que] lhe *sejam* mais agradaveis (ib. 9, 296) — *É maravilha que* um miseravel *cubra* outro (Ant. José, Alecr. 19).

Os verbos *permittir*, *consentir*, *admittir*, *obstar*, *impedir*, *prohibir*, *recommendar*, *aconselhar*, *ordenar*, *fazer* (significando «causar», «occasionar») e outros que se usem com o mesmo sentido que qualquer destes, uma vez que se referem a actos a serem executados ulteriormente, ou áquillo que se ha de continuar a fazer ou deixar de fazer, requerem naturalmente o modo conjuntivo na oração complementar:

Conselhavam os sabios da Grecia *que* nam *se procurassem* muitas amizades (Eufr. 63) — *Permittiu* Deos *que* hum dos presos... *tivesse* modo de escapulir (Couto, Dec. 4, 9, 4) — Domesticos já tanto e companheiros se nos mostrão, que *fazem que se atreva* Fernão Velloso a hir ver da terra o trato (Cam. Lus. 5, 30) — *Disse*-lhe *que* com tal condição a *recebesse* e *levasse* (Sousa, Arc. 2, 230) — *Mandou que* lhe *trouxessem* hum escapulario (ib. 2, 283) — Mandou-os *avisar* que tal não *fizessem* (ib. 1, 105) — Não *obsta que* o preço e merecimento da esmola *seja* daquelles que a dão (Vieira, Serm. 2, 197) — *Consentiu que*... lhe *cortassem* hũa parte tão principal (ib. 8, 159) — Como havemos de *impedir que* as cousas nos *pareção* o que são? (M. Aires, Vaid. 205) — A vaidade das sciencias *não consente que haja* cousa de que ella não possa nem se saiba aproveitar (ib. 291) — O ar puro e immovel *faz que* as fontes *corrão* e não *murmurem*; *que* as aves *cantem* com mais suavidade, e mais ternura, *e que* as flores *cresção* livremente (ib. 237).

Em Gil Vicente, os actos decorrentes do causativo *fazer* vêm expressos por verbos não só no conjuntivo, mas tambem no indicativo. Não se descobre na diversidade da forma verbal outra razão semantica senão o intuito de particularisar occasionalmente (ainda que por gracejo ou ironia) factos existentes no momento em que se fala e verdadeiros em todos os tempos:

E que fazem os poderes dos sinos [= signos] resplandecentes? *Fazem que* todalas gentes ou *são* homens ou mulheres, ou crianças innocentes (Obras 1, 149) — He tão alto seu reinado... que *faz* per curso ordenado *que* tanto *val* hum cruzado de noite como de dia. *E faz que* hũa nao veleira... não *preste* sem pregadura (ib. 1, 152) — As constellações não alcançam mais poderes que *fazer que* os ladrões *sejam* filhos de mulheres (ib. 1, 153).

As expressões impessoaes *é necessario*, *é justo*, *é bom*, *importa*, *cumpre*, *basta* e outros dizeres de significação analoga, com que se affirma ou nega a conveniencia ou necessidade de fazer ou perseverar em fazer alguma cousa, requerem a forma conjuntiva para o verbo da oração complementar:

Que se diga, que S. João nasceo comprido o tempo, porque não antecipou o nascimento, *bem está* (Vieira, Serm. 5, 539) — *Que fação* grande penitencia os grandes peccadores, *he* muito *justo* (ib. 5, 552) — *Bem he que o faça* o tempo (ib. 5, 539) — *Basta que* as [heresias] *deteste* e as *mate* em si mesmo (ib. 9, 374) — *Importa que* daqui por diante *sejais* mais republicos e zelosos do bem commum (ib. 2, 329) — *Necessario he que olheis* por vós e *que* não *façais* pouco caso da doutrina (ib.) — Não *he necessario que faça* algum acto de virtude (M. Aires, Vaid. 318) — *O ponto he que fique* satisfeita em hum homem a gloria de arguir, e em outro a vaidade de responder (ib. 279) — Não *bastava que* essa mesma fortuna *tivesse* poder nas cousas que nos rodeiam (ib. 342).

De notar é todavia que com o verbo *bastar* se combina por vezes uma oração com o verbo no indicativo. Allude-se então particularmente a um facto certo e actual:

Basta que nosso inimigo *faz* e nós não *fazemos?* (Vieira, Serm. 2, 222) — *Basta que é* fidalgo? (Ant. José, Alecr. 23).

Querer e *pedir* (e seus synonymos *rogar*, *supplicar*, *implorar*, etc.) completados por uma oração iniciada pela particula *que*, requerem para esta segunda oração o conjuntivo como forma propria para denotar factos a cuja realisação se aspira: *Peço a Deus que me favoreça; quero que me obedeça; pedia que o mandasse; queria que o guardasse*, etc.

Por influencia da regra geral vem o conjuntivo empregado depois do verbo *querer*, ainda quando os actos sejam referidos á vontade divina, os quaes não dependem de contingencias, mas se effectuam necessariamente. Occorrem entretanto exemplos de accordo com a noção que se tem dessa vontade superior e omnipotente:

Quiz Deos e meus peccados *que faleceo* e *se perdeo* todo o meu bem (Couto, Dec. 4, 6, 7) — *Quer Deos que trago* um corninho por amor do quebranto (Ant. José, Alecr. 16).

A oração explicita complementar do termo *prometter*, tomado na accepção de obrigar-se ou offerecer-se uma pessoa a pôr em effeito alguma cousa em outra epoca que não a actual, exprime-se em port. hod. por uma forma verbal adequada a este acto vindouro e tirada sempre do modo indicativo. Outrora podia servir ao mesmo fim o conjuntivo, quer se usasse *prometter* com a dita accepção, quer se tomasse o vocabulo — o que se fazia frequentemente — no sentido de afiançar ou garantir factos realisaveis de per si, sem a acção, vontade ou intervenção de quem assegura seu comprimento. Se por meio da expressão *eu prometto* se queria afiançar a realidade ou existencia de um facto não por cumprir, e sim actual, a respectiva oração tinha necessariamente o verbo no presente do indicativo:

Prometi a Jesu Christo *que guardasse* [por *guardaria*] a limpeza da virgindade (S. Josaph. 32) — Antes lhe *prometia qu'ē* todas as cousas de seu gosto o *ajudasse* (Mor. Palm. 1, 471) — Eu te *prometo que he* boa candieirada essa pera tua alma (Eufros. 57) — *Prometo que* não se *chame* desamparada a poder que eu possa (ib.) — Eu te *prometo que* nam me *metas* a palha na albarda (ib. 61) — Se Christo lha não mandara metter na bainha, eu vos *prometto que havia cortar* mais orelhas que a de Malcho (Vieira, Serm. 2, 333) — Tambem vos *prometto que* Deos *pagará* esta misericordia e verdade (ib. 2, 424) — Se a mesma censura viesse á Bahia por appelação, *eu prometo que iria* de cá mais bem sentenciada (ib. 13, 9) — Se houvera justiça... *eu* vos *prometo que*... não *houvera* tantas guerras (ib. 2, 403) — *Eu* vos *prometo que havia de correr* menos o papel e *que haviam de voar* os negocios (ib. 2, 434) — *Eu* te *prometto que andes* na boléa (Ant. José, Alecr. e Mang. 41) — *Eu* te *prometto que tu fiques* desenganado, e por estes par de annos não montarás a cavallo (A. José, D. Quix. 3).

Se a oração explicita complementar denota acto cumpridouro do verbo *jurar*, é ainda o indicativo o modo de que se utilisa o port. hod. para enuncial-o. Antigamente, no falar popular como no falar culto, servia ao mesmo fim frequentemente o conjuntivo:

Sobre a quall [patena] elRei pos suas maãos, *juramdo que* nelle *guardasse* e *cumprisse* todallas cousas e cada hũa dellas... e *que* nunca *vehesse* contra ellas em parte nem em todo (F. Lopes, D. J. 350) — *Juro* ao corpo de Deos *que* esta *seja* a derradeira (G. Vic. 3, 145) — *Juro* em todo meu sentido que se solteira me vejo, assi como eu desejo,

que eu saiba escolher marido (ib. 3, 148) — *Juro* a Christo *que* vos *dê* mil bofetadas (Regat. 28) — Tanto que o escrivam da Chancelaria for provido do officio, ante de o servir *jurará que* bem e verdadeiramente o *serva* (Ord. D. Man. 1, tit. 13) — Eu Foam *juro* aos Sanctos Avangelhos em que ponho as mãos *que* bem, fiel e verdadeiramente *serva* este officio (ib.) — *Jurarão* na Chancelaria *que* o *façam*... e nom se *movam* por amor, nem desamor (ib. 1, tit. 20).

Podia-se empregar tambem o indicativo (futuro):

E assi *juro que* quanto a mim, e minhas forças e juizo for possivel, eu *servirei* o officio... como a serviço de Deos,... comprir (Ord. D. Man. 1, tit. 29).

Oração explicita que sirva de complemento a verbos, substantivos e adjectivos denotadores de desejo, esperança, temor, prazer, desgosto, pesar e outros sentimentos, usa-se por via de regra com o verbo no conjuntivo:

Desejamos que fique — *Receoso* de *que morresse* — *Lamento que* teu filho não *possa vir* — *Estimaria que* não *tardassem* as noticias — *Sinto* profundamente *que tenha* adoecido — *Folgo que estejas* bom — *Estimarei que* as suas obras *correspondam* ás suas palavras (Ant. Jos. Alecr. 35) — *Desejara que triunfasse* a mangerona (ib. 8).

Verbos ha todavia que, achando-se comprehendidos na precedente classe, como *esperar*, *temer*, vem empregados, com maior ou menor frequencia, tambem com o indicativo na oração dependente.

Esperar pede o conjuntivo se o facto a cumprir-se é muito duvidoso ou representa mera aspiração; mas virá o segundo verbo no futuro do indicativo se a realisação do facto é tida como certa:

Espero que não *hey de enfastiar* (Vieira, Serm. 8, 159) — *Esperava* o mundo, *que* quando apparecesse em publico, *fosse* com tal apparato, que representasse a grandeza da suprema Magestade que o enviava (ib. 8, 298) — Posto que lhe falte o braço direito, *espero* e prometo *que serão* tantas as suas victorias do esquerdo, que... do esquerdo se diga: Et decem millia a sinistris tuis (ib. 8, 373) — Do religioso pode-se *esperar que faça* bom hum homem (ib. 8, 482) — Todos estes juizes hão de ser julgados hoje, e *espero que hão de sair* bem julgados (ib. 5, 122) — Agora pedir-vos-ei a mercê que *espero* me *concedais* (Herc. M. de C. 1, 119).

A oração que completa o sentido dos verbos *temer*, *recear*, diz-se de ordinario com o verbo no conjuntivo. Algumas vezes a certeza ou quasi certeza de ver cumprido o acontecimento que se receia, pode dar lugar a preferir-se o verbo no futuro do indicativo:

Temeo que aquellas feridas *fossem* as derradeiras de seus dias (Mor. Palm. 1, 169) — Desejou saber-lhe o nome, *receando que fosse* algũ amigo seu (ib. 1, 485) — Attentai com quem lutais que *temo que cahireis* (G. Vic. 1, 163) — Alguns *temeram que fossem* os mesmos barbaros (Vieira, Serm. 8, 188) — Muyto *temo que* vos não *ha de succeder* bem nesta viagem (ib. 8, 225) — *Receias* acaso *que* te *accuse* a consciencia... (Herc. M. de C. 2, 210) — Dir-se-ia *recear que* os restos inanimes de sua irman *podessem* ver alguma cousa (ib. 2, 310).

Em proposição concessiva usa-se, de cem annos a esta parte, em geral o verbo só no modo conjuntivo. A linguagem dos seculos precedentes soccorria-se ora do indicativo, ora do conjuntivo nas orações de *ainda que*, podendo-se assim distinguir pela forma verbal se o facto era real ou simplesmente imaginado:

Ainda que temeo que aquellas feridas fossem as derradeiras de seus dias, consolava-se (Mor. Palm. 1, 169) — Todos sabeis... que hum homem a quem deram huma bofetada, *ainda que tirasse* pela espada contra seu inimigo, se não chegou a lhe tirar sangue, não ficou desaffrontado (Vieira, Serm. 8, 116) — [S. Paulo] *ainda que tirou* tres vezes pela espada da oração, nam chegou a lhe tirar sangue (ib. 8, 116) — *Ainda que* huns e outros são imagens, elles são imagens com as raizes na terra (ib. 5, 344) — *Ainda que* o sangue assim recolhido *bastava* para nosso remedio, não bastava para a gloria de Christo (ib. 8, 100) — Com a agitação da tartana cahira ao mar e *ainda que* lhe *lançaram* huma taboa e se *valeo* della, era certo o seu naufragio á vista do impulso e alteração dos mares (Arg. S. Caet. 384) — Para com a sua assistencia conseguir o beneplacito de seu Filho, a quem, *ainda que tinha offendido* ingrato, desejava agradar como servo (ib. 91).

O port. hod., construindo sentença causal de *como*, prefere o imperfeito do indicativo ao imperfeito do conjuntivo para os actos passados, e serve-se do indicativo se tem de pôr o verbo no tempo presente. Antigamente era mais frequente o emprego do imp. do conj. e em alguns autores occorrem tambem exemplos do presente do conjuntivo:

Como a tarde *fosse* serena e as arvores com gracioso ar *se meneassem*... lhe trouve aa memoria aquelle gracioso tempo (Mor. Palm. 1, 4) — *Como* o gigante *viesse* folgado e *fosse* dos mais fortes do mundo... pelejava tam animosamente (ib. 1, 60) — E *como* o amor de Deos *seja* alto e *vença* todas as cousas, fica o bom subdito alto e vencedor obedecendo a hum baixo e vencido (H. Pinto 1, 129) — *Como* amizade *seja* hũa das boas cousas que ha no mundo, e *seja* fundada em virtude e razão natural, e no mesmo Deos, está claro que a não ha entre perversos e depravados inimigos da virtude (ib. 2, 289) — *Como* não *achasse* mais que folhas [na figueira], amaldiçoou-a (Vieira, Serm. 5, 540).

Nas proposições consecutivas significa o modo indicativo que o facto decorrente de outro se acha consummado, que se consummará com certeza, ao passo que o conjuntivo diz simplesmente que se visa conseguir o dito facto:

Faz [a mentira] nos entendimentos hũs nevoeiros tam cerrados e obscuros *que* lhe não *deyxa* ver a certeza e realidade das cousas (H. Pinto, 2, 561) — Com tal salvo conducto *que passem* per qualquer porto (ib. 2, 22) — O nosso engenho todo se esforça em pôr as cousas em huma perspectiva tal, *que*, vistas de um certo modo, *fiquem parecendo* o que nós queremos que ellas sejam, e não o que ellas são (M. Aires, Vaid. 227) — A immensidade de regras, de opiniões e de doutrinas de tal sorte os occupa, *que ficam* como presos e immoveis (ib. 305).

Accrescentando-se a uma proposição outra com o mesmo valor syntactico, porem iniciada pela particula *ou* para significar alternativa ou pensamento contraditorio, irá o verbo para o indicativo ou para o conjuntivo, de accordo com a forma modal do verbo da primeira proposição.

Se são duas proposições independentes, enunciadas com o intuito de asseverar que uma, sem que se possa decidir qual, corresponde necessariamente á realidade, emprega-se em ambas o verbo no modo indicativo: *ou vencemos ou morremos; ou são mouros ou gentios.*

Usa-se, pelo contrario, o conjuntivo, quando a alternativa se refere a pensamentos secundarios, isto é, a orações dependentes em que se aponta, mas não se procura resolver, a duvida sobre a causa, condição ou outra circumstancia que por ventura influiu ou possa influir num facto mais importante e que constitue a oração principal. Pode-se exprimir a duvida não sómente por *ou... ou...*, mas tambem por *quer... quer...*, *ora... ora...* ou simplesmente pelo conjuntivo do verbo *ser: seja... seja...*, *fosse... fosse...*, etc.:

Ora fossem forros, *ora* cativos (Zur. Guin. 89) — *Quer seja* principe, *quer seja* capitam de principe (ib. 149) — *Quer ganhemos, quer percamos*, tudo nos fica na mão (G. Vic. 1, 267) — Em cada viagem, *ou partissem* muytos navios *ou* poucos, conhecia o successo de cada hum (Vieira, Serm. 8, 219) — O outro pão he de todos, *ou tenham* fé, *ou não tenham*, *ou estejam* em graça, *ou não estejam* (ib. 9, 293) — Os dias da minha vida... *ou eu queyra, ou não queyra*, hão se de acabar brevemente (ib. 1, 1088) — A cabeça da aguia, que estava da parte direita... he Constantinopla, cabeça do imperio do Turco, *ou se considere* desde Roma, que foy o principio do Imperio Romano, *ou se considere* desde Jerusalem, que foy o lugar donde Esdras vio e escreveo a visão (ib. 13, 212).

Os quinhentistas tambem empregavam o indicativo na alternativa de orações causaes. Ás vezes serviam-se do indicativo a par do conjuntivo:

— *Ou que* a natureza ali os *produzio, ou que fossem* trazidos... todo o circuito desta ilha he coalhada de lagartos de agua (Barros, Dec. 2, 5, 1) — *Ou que* não se *atreveo* tornar ao Senhor com tamanha perda, *ou que* a fortuna o *chamava*, leixou-se ficar naquelle reyno (ib. 2, 5, 2) — *Ou que elle* a *ouvisse, ou que* alguem lho *foi* dizer (ib. 2, 3, 5).

Do conjuntivo nos servimos geralmente em oração secundaria quando queremos alludir a factos que, embora proprios para contrariar ou prejudicar, não exercem em todo o caso tal acção sobre outro facto capital cuja realisação affirmamos ser verdadeira:

Caiba a nossos corpos a sorte que lhe couber e *façam* seu fim no ventre das aves... não temos que temer (Arr. 543) — Já não faço caso dos homens nem dos seus juizos: *digam* o que quizerem (Vieira, Serm. 5, 139) — *Faça* os tiros que quizer o juizo dos homens que, se o coração está ferido de Deus, ou não offendem, ou não magoam (ib.).

Nos enunciados de caracter condicional, em que a hypothese condicionante se refere a um facto inexistente e cuja realisação não se espera ou não parece provavel, serve o imperfeito do conjuntivo para exprimir a dita hypothese, empregando-se na oração principal o futuro do preterito: *se a guerra se declarasse, estariamos perdidos.* Taes formas verbaes podem todavia ser substituidas. Em port. ant. e em linguagem da Renascença preferiam-se geralmente formas como as do mais-que-perfeito no indicativo, quer numa, quer noutra oração: *se assim fizera, andara mais avisado.* Na linguagem familiar do port. hod. costuma-se substituir ao futuro do preterito o imperfeito do indicativo: *se pudesse, andava mais depressa.*

Vem de longe este falar vulgar, chegando a ser aceito na linguagem escripta:

Se não *andavão* sobre aviso, lá *ia* a cepa e a cepeira (G. Vic. 1, 265) — Se alguem *pudera* julgar antes do fim, *era* Deus (Vieira, Serm. 5, 76) — Se Christo *arrancara* olhos e fizera cegos... então *tinhão* razão de se escandalisar de Christo (ib. 5, 68) — Se Deus nos *deixara* tentar mais do que podem as nossas forças, então *tinhamos* justa causa de recusar as tentações (ib. 9, 22).

Referindo-se a hypothese a algum facto vindouro cujo cumprimento se espera ou se admitte como provavel, servimo-nos do futuro do conjuntivo para exprimil-a, pondo

o futuro do indicativo na oração principal, para representar o facto vindouro decorrente da dita hypothese: *se seguirem o conselho, serão felizes*. É de notar que nas Ord. de D. Manuel muitas disposições nas quaes regularmente se faz uso desta linguagem, trazem intercalladas outras hypotheses e situações secundarias com os respectivos verbos no imperfeito do conjuntivo e no futuro do preterito, como se fossem hypotheses remotas. Hoje em dia não se redigem leis desta maneira:

E *se* a casa, ou qualquer outra propriedade, onde a moeda falsa *for* feita nom *for* do culpado, em o dito maleficio, e o senhor della no dito tempo *estevesse* tam perto della, e *tevesse* com o culpado tanta conversaçam, que razoadamente se *podesse* congeiturar que dello *deveria* seer sabedor, *será* confiscada; salvo *se* o dito senhor tanto que do dito maleficio *fosse* sabedor o *descobrisse* a Nós, ou a Nossas Justiças; ca em tal caso nom *perderia* o senhor sua casa, ou propriedade, onde a moeda falsa *fosse* feita, pois do dito maleficio nom era consentidor: porem *se* o dito senhor da casa, ou propriedade ao tempo do maleficio *estevesse* di tam longe que razoadamente nom se *podesse* congeiturar que dello *fosse* sabedor, em tal caso nom *perderá* sua casa ou propriedade, onde o maleficio *fosse* feito (Ord. 5, tit. 6).

Proposições condicionantes caracterisadas pela conjunção *se*, quando se referem a actos que imaginamos existirem no momento presente ou terem-se effectuado em epoca anterior, dizem-se com o verbo no modo indicativo e no tempo presente, ou preterito, conforme o caso:

Pois *se* o reyno já então *era* chegado, como pedimos nós ainda agora que venha?... *Se queremos* remissão de peccados, tomemos a penitencia como bautismo... *Se tendes* fé, como não fazeis penitencia? (Vieira, Serm. 5, 149) — *Se* me *ouve* algũ que esteja resoluto de nam se converter já mais, não fallo com elle (ib. 5, 150).

Muitas vezes emprega-se o presente do indicativo em proposições condicionantes nas quaes poderia estar o futuro do conjuntivo. Esta pratica tem perfeito cabimento para os successos cuja realisação podemos suppôr tanto no futuro mais ou menos remoto, como dentro do dominio do presente que se estende no sentido do porvir e com elle se confunde:

Se pomos a Deos aos pés do mundo, crece o mundo, e diminue Deos, *se pomos* o mundo aos pés de Deos, crece Deos e diminue o mundo (Vieira, Serm. 5, 546) — *Se dais* a Deos o que Deos vos dá, dareis muito; mas *se dais* a Deos o que o mundo vos promete, dais muito mais (ib. 5, 548).

Proposições com o verbo no presente do indicativo, por meio das quaes se manifesta uma opinião, ou um intento, e cujo sentido parece completo, são ás vezes accrescidas de uma clausula condicionante que começa pela particula *se*, mas, contra a espectativa, tem o verbo no imperfeito do conjuntivo. Esta flagrante dissonancia entre as formas verbaes das duas orações funda-se na necessidade, que sente o individuo que fala, de passar do tom assertivo para a linguagem cautelosa ou diplomatica, em que ou expõe uma cousa provavel e muito natural como possibilidade muito remota, ou lamenta ter de considerar como possibilidade remota o que desejara fosse realidade:

Ay, senhor, que boas palavras [subentendendo-se: são essas!] disse a donzella, *se* a obra *dissesse* co'ellas (Mor. Palm. 1, 462) — Sam vossas cousas tais que me fazẽ mudar a vontade que me aqui trouve, e desejar servir vos na cura dessas feridas, *se* em minha pousada *quisesseis* repousar os dias que para isso forem necessarios (ib. 1, 84) — Nã he mao esse simile, disse o negociante, *se fosse* verdadeiro (H. Pinto, 2, 321) — Estes estudantes bons mancebos sam, *se nam fossem* tam devassos (Eufr. 88).

EMPREGO DO INFINITIVO

Posto que se costuma dizer *ir a serviço, vir a serviço*, pondo regularmente a preposição *a* antes do substantivo denotador da acção para cujo effeito alguem se move de um sitio para outro, todavia, se em lugar do dito nome usarmos de um infinitivo com o mesmo sentido, diremos *vir servir* sem particula e *ir servir* de preferencia a *ir a servir*.

Tem sem duvida emprego frequente a linguagem *vir a*+infinitivo, porem já com a diversificação semantica de resultado final. *Vim a saber* equivale a «soube finalmente»; *vir a ser rico* equivale a «acabar por ser rico».

Ha comtudo exemplos em que se conserva a significação primitiva:

Dize porque te detẽes que já me nam *vẽes a ver* (Ving. de Aga. 52).

A combinação de *ir a*+infinitivo, pelo contrario, occorre em geral apenas como forma mais explicita que a mesma linguagem sem a particula *a*:

Pedio-me que a *fosse a ver* muitas vezes (Eufr. 29).

Em raros casos o infinitivo preposicionado posto depois de *ir* tem significação passiva:

Gil: A hum fidalgo da sala tal fazeis? Sabel-o-ha el-rei. Belt. Saberá que lho direi quando *fordes a enforcar* (Mello, Fid. Apr. 55) — Os defuntos que *vão a enterrar* (Vieira, Serm. 8, 125) — Dizemos que morreo; que *vai a enterrar*, que está sepultado, que ha de resuscitar (ib. 11, 454).

Servindo a combinação das fórmas de *ir* com outro verbo no infinitivo para denotar locomoção no sentido de effectuar um acto ulterior, pareceu a mesma linguagem apropriada tambem a expressar, ainda que exaggeradamente, primeiro a decisão para a dita locomoção, e por fim a decisão para um acto qualquer ou a certeza

do seu cumprimento. Assim nos dizeres *vou ler agora mesmo esta carta, vou dizer já o que penso, vai chover, elle vai ficar zangado* e outros do mesmo genero, tão frequentes em nosso falar quotidiano, vem o primeiro verbo já sem o sentido de deslocamento de um ponto para outro. Funciona como auxiliar dos diversos infinitivos, significando a forma assim composta um acto cuja realisação proxima promettemos com firmeza, falando de nós mesmos, ou damos como certa, falando de outrem.

Está ainda á espera de esclarecimento satisfactorio o curioso facto, commum a outros idiomas modernos (ainda que em casos diversos do portuguez), de antepôr preposição a infinitivos dependentes de certos verbos, sendo entretanto tal o sentido destes termos regentes que parece dispensavel a particula. Em portuguez usa-se antes do referido infinitivo ora *a*, ora *de*, podendo a syntaxe variar de uma epoca para outra, o que ainda mais complica a analyse.

Assentado está hoje que se deve dizer *atrever-se a fazer alguma cousa* e, sem preposição, *ousar fazer*. Em port. ant. e tambem em era quinhentista não eram nada claras as idéas sobre a regencia destes verbos synonymos:

Nom *ousava de tanger* (S. Mar. Egyp. 201) — Nom *se atrevom* per pallavras *mostrar* suas descreenças (D. Duarte, Leal Cons. 257) — Nom *ousava de falar* (Eufr. 29) — Sem algum *ousar de cometter* a passagem (Barros, Dec. 1, 1, 2) — Não se *atreveram irem em companhia* destes religiosos (ib. 1, 3, 5) — Isto *me* não *atrevo pairar* salvo á força de grande necessidade (J. Ferr. Ulyss. 338).

Ao sentir hodierno é imprescindivel a preposição em *obrigar a fazer*. A linguagem antiga entendia que tanto se havia de empregar *de* como *a*, e até se podia omittir a particula depois de *obrigar, ser obrigado* e *ser teudo* (synonymo de *ser obrigado*):

Quanto o desejo os *obrigava ir* em sua companhia, tanto a necessidade os constrangia a se tornar ao reyno (Barros, Dec. 1, 1, 11) — Com condição que... fosse *obrigado descobrir* pela costa em diante cem leguas (ib. 1, 2, 2) — Tão *obrigado a cumprir* o que lhe mandava (ib. 1, 3, 2) — Ficaram *obrigados de varrer* e alimpar a igreja (ib. 1, 3, 10) — Per este modo de lhes dar fiado os *obrigam cavar* (ib. 1, 10, 1).

Que não havia a minima differença de sentido, e que era perfeitamente licito fazer uso de qualquer das tres formas segundo o capricho e sabor do momento, prova-se pela variada linguagem com que se repetem os mes-

mos pensamentos no tit. 37 do livro 4.º das Ord. de D. Manuel:

Será theudo tornar todo aa partiçam — Nom *será obriguado trazer* as ditas novidades aa colaçam — *Será... obrigado refazer* ao irmão — *Sam obriguadas a refazer* — *Será obriguado de* as *trazer* aa colaçam *Será obriguado trazer* aa colaçam — *Será theudo de trazer* aa partilha — *Será* o marido *theudo dar* aos filhos... partiçam — *Sejam theudos de venderem* — Nom *será theudo tornar* os fruitos, etc.

Esta pratica de ora enunciar ora omittir a particula antes do infinitivo dependente observa-se ainda em outros casos da lingua antiga. Assim causa-nos estranheza ver a variedade de linguagem quando rege ao infinitivo algum destes verbos: *começar*, que hoje só se construe com preposição *a* ou *de; costumar*, que dizemos acompanhado de *a*, se este verbo estiver no participio do preterito. Para o primeiro destes verbos bastem os exemplos referidos na pag. 160 da Lexeologia. Para o segundo sirvam os seguintes:

Todos *eram costumados a pelejar* (Barros Dec. 1, 5, 10) — *Eram costumados andar* neste recolhimento (ib. 1, 5, 5) — *Eram costumados ver* somente hum ou dous navios (ib. 1, 3, 12).

Soer, synonymo de *costumar*, e verbo hoje pouco usado, podia-se construir com *a* antes de infinitivo completador do seu sentido:

Cantavã hũ canto que *sooẽ a cantar* na Sancta igreja (S. Am. 51) — Agua que os negros *soiam a pôr* na praia (Barros, Dec. 1, 1, 15).

Ao verbo *dever* se ajuntava infinitivo, ou directamente ou por intermedio de preposição, que podia ser *de* ou *a*. A terceira maneira de dizer cahiu em completo desuso, porem a hesitação entre *deve ser* e *deve de ser* perdura até a epoca presente.

A par da linguagem, hoje corrente, *haver de*+infinitivo, dizia-se outrora tambem *haver a*+infinitivo como neste exemplo: *como se hoje ouvesses a partir deste mundo* (S. Josaph. 12) — Porem o papel que aqui faz a particula é cousa difficil de explicar. Do prestimo della devia estar pouco convencido Manuel Bernardes e, ainda menos, Candido Lusitano, escriptor estimavel do seculo XVIII, pois que a supprimiam, aquelle de quando em quando, e este com frequencia bem notoria:

Não havemos ser como meninos de teta (Bern. N. Flor. 4, 417) — *Havemos esmolar* (ib. 4, 412) — *Havião ser* cidades (ib. 4, 297). — Que a praça *havia conservar-se* (Cam. Lus., D. Henr. 94) — Não soffria o animo intrepido do infante D. Henrique considerar que *havia apparecer* na presença de seu pai (ib. 108).

Em port. ant. podia-se calar entre dous verbos não sómente a particula inexpressiva, mas por vezes tambem a preposição claramente denotadora de certa relação existente entre as duas acções diversas. Assim notamos a falta da particula *de*, com que se exprime a causa determinante do conceito «ter vergonha» ou «correr-se» nestes passos:

Corro-me cometer-lhe cousa tam desarrazoada (Eufr. 31) — *Corro-me* dizer-vo-lo (ib. 22).

E fazia-se sobretudo este jogo com a dita particula, tomada no mesmo sentido, depois do verbo *folgar*, e isto ainda perdurava em era quinhentista:

Folgavam de comprar escravos (Barros, Dec. 1, 3, 3) — *Folgando ter* a communicação dos nossos (ib. 1, 5, 4) — *Folgavam ganhar* jornal por lhes ser mui bem pago — *Folgavam de vir* com elle — Certeza he de pais *folgarem ter* em quem carreguem as culpas dos filhos (J. Ferr. Ulyss., 340).

Pratica diametralmente opposta consiste em completar o sentido de certas frases com o infinitivo, antepondo-lhe a particula *de*, sem que esta tenha função apreciavel. Observa-se cousa semelhante em francez. Com relação a certos verbos de sentido transitivo já dissemos o bastante na Lexeologia. A par destes verbos é frequente em port. ant. o emprego de frases com o infinitivo preposicionado do typo das seguintes:

Bem *seria folia de atender* golpe de homẽ (S. Graal 50) — Recebi ẽ resposta que nõ *era cousa convinhavel de tu morreres* agora (S. Josaph. 45) — Pois te *praz de me leixares* ainda conversar (ib. 17) — *Seria bom de hirem* a Mançor (Zur. C. M. 408) — Milhor he que ajas assi filho *ca de o fazeres* morrer (S. Josaph. 35) — Depois te direi aquello que *conpre de fazeres* (ib. 16) — *Acontece* aos reys *de o fazerem* (L. de Mont. 35) — Bem creo que de *força será de teer* em ello o coraçom (ib. 39) — Ao rrey *he dado* sempre *de seer* acompanhado (ib. 39) — A elles *convinha de fazer* (ib. 47) — Nom *era bem de* o assi *cercarem* (ib. 192) — Pouco ou *nada valeria de as poerem* (ib. 203) — Tende, Senhor, *por bem de me allumiar* (Th. de Jes. 3, 80) — *Fazeis bem de o desculpar* (Barros, Clar. 1, 133).

Ao infinitivo preposicionado se transferiram as funções exercidas por certas formas infinitas do verbo latino que foram desapparecendo, não chegando a introduzir-se em linguas romanicas. O supino em *-um*, por isso que denotava direcção ou fim a que se encaminhava um acto, não fazia mais do que o proprio infinitivo empregado para igual effeito; e desde que este sentido especial se podia assinalar com a preposição *a*, como se fez em romanico, já o supino seria mais do que superfluo.

O supino em *-u*, empregado como dativo e, depois, como ablativo de um substantivo verbal, combinava-se com certos adjectivos e denotava direcção e delimitação. Admittiam esta forma verbos que significavam «dizer» e «perceber» e alguns outros, mas o seu uso começa a escassear entre os poetas do latim classico. Substituiam-no pelo infinitivo que, apesar das diversas funções adquiridas, não perdera ainda a função originaria de dativo, sendo pois, nestas condições, equivalente do segundo supino. A esta forma corresponde em portuguez o infinitivo ora precedido de *a* ou *para*, ora precedido da particula *de*.

O lugar do gerundio-genitivo foi occupado pela combinação *de*+infinitivo; *ars vivendi* = *arte de viver*. O gerundio-accusativo regido de *ad*, e o gerundio-dativo, que já em latim vinha sendo supplantado pelo uso do accusativo com *ad*, foram substituidos por infinitivo precedido de *a* ou *para*.

Combinado com certos adjectivos ou com o verbo *ser* ou *estar*, o infinitivo preposicionado pode ter sentido passivo, correspondendo umas vezes ao supino *-u*, outras ao gerundio latino:

Isto procedia de ser elle *mau de contentar* (Barros, Dec. 1, 6, 6) — Foi cousa maravilhosa e *dura de crer* (ib. 2, 2, 8) — Estes anjos *eram de ver* porque vestiam varias cores e roupas muyto ricas (Sousa, Arceb. 2, 371) — E quando se foy assentar á mesa, estava já tudo tal, que nem *era para ver* [sentido passivo], quanto mais *pera ter sabor* [sentido activo] (ib. 2, 235) — As cousas não *eram para dizer*, nem *são para ouvir* (Vieira, Serm. 5, 330) — Não disse «vede-o», senão «ouvi-o»; porque *estando* Christo tanto *para ver*, *estava* muyto *para ouvir* (ib. 8, 68) — Hum engenho agudo muyto *he para lastimar* (ib. 2, 243) — Esta mesma representação he muyto *difficultosa de conservar* (ib. 5, 345) — Isto que tão facilmente se diz, não he tão *facil de entender* (ib. 2, 61) — Era cousa *maravilhosa de ver* (ib. 2, 163) — Em

nós *serão* ainda mais *de estranhar* estes termos (ib. 7, 476) — Esta virtude he mais *facil de louvar* que *de descobrir* (Freire, D. H. 375) — Este passo he *difficil de entender* e *peior de traduzir* (Freire, Arte poet. de Hor. 184) — Emmudeçam arbitrios e discursos *faceis de escrever*, mas *impossiveis de executar* (Vieira, Serm. 9, 417).

Com o adjectivo *digno* usa-se o infinitivo ora na forma activa, ora na passiva, ora na reflexiva:

Disse cousas *dignas de notar*, que nenhum dos infieis alcançou (H. Pinto, 2, 59) — Entendiam ser a vida contemplativa excellente e *digna de desejar* (ib. 2, 111) — He muito novo e *digno de se notar* aquelle termo (Vieira, Serm. 5, 504) — Huma circumstancia *digna de se saber* (ib. 8, 161) — Mas he muyto *digno de reparar* que... hia no mesmo navio (ib. 8, 36) — Daqui se inferem duas consequencias muito *dignas de ser notadas* (ib. 8, 392).

Infinitivo pessoal

O infinitivo em portuguez tem a particularidade de poder referir a acção a um sujeito determinado e expressar este facto por meio das terminações *-es* (2.ª do sing.) *-mos*, *-des*, *-em* (para as 3 pess. do plural) faltando á 1.ª e 3.ª do sing. desinencias que as distingam do infinitivo impessoal. Ao verbo assim empregado para individualisar a acção dá-se o nome de infinitivo *pessoal* ou *flexionado:*

Somos ledas de *tu padeceres* por Christo (Nunes, Chrest.[2] 218) — Menos mal he *saberem os pequenos* enganar que *poderem os grandes* por via de ignorantes ser enganados (Arr. 361) — Era costume *contribuirem os Christãos* para sustentação dos velhos necessitados (ib. 511) — Donde vem *dizerem as molheres* prenhes que ás vezes está no ventre tão quieta a criança (ib. 569) — Dizendo *serem aquellas cousas* engano (Barros, Dec. 1, 238) — O *serdes vós* tam miudo nas cortesias me deu muyta pena (R. Lobo, C. na Ald. 3) — Que cousa poz aos homens entre as estrelas senão *o saberem* dar? (ib. 133) — Perdoe-te o ceu *o haveres*-me obrigado a sacrificar aos pés desse orgulho o sentimento de amor (Herc. Eur. 283).

A forma pessoal é regularmente usada na combinação de *ao*+infinitivo servindo de equivalente a uma oração temporal explicita iniciada pela conjunção *quando:*

Ao aproximarem-se, os dous exercitos de nuvens prolongaram-se (Herc. Eur. 53) — Rugindo de colera *ao contemplarem* este espectaculo, apertavam contra o peito a cruz das espadas (ib. 166) — Os arabes

adivinharam-no *ao descortinarem* o espectaculo que tinham ante si (ib. 230) — Não causariam nem estranheza nem receio *ao apparecerem* ahi sem seus donos (ib. 242).

Nas exclamações e interrogações que se limitam a enunciar um facto por meio do verbo no infinitivo acompanhado, se o sentido o exigir, de complemento ou outro termo accessorio, recorre-se á forma pessoal quando se quer deixar patente que o acto é referido a um sujeito determinado:

E *ousares* tu, ladrão, calumniar tal santo! (Castilho, Tart. 99) — Tu, Hermengarda, *recordares-te?!* (Herc. Eur. 46) — *Morreres?!* Oh não! (ib. 289) — *Assassinares* uma fraca mulher, assassinar-te a ti proprio e *renegares* da vida eterna (Herc. M. de C. 1, 2).

Neste ultimo exemplo teve o escriptor por desnecessario accrescentar novamente a flexão ao repetir o verbo em *assassinar-te a ti proprio*.

Mencionando-se claramente o sujeito em taes frases interrogativas e exclamativas, pode-se entretanto juntar-lhe um infinitivo impessoal. Com esta linguagem se accentua o contraste entre o agente e a acção, que determinam a surpresa, parecendo cousas incompativeis:

Alcarac, nõ poso creer taaes cousas, como me dizes, ca som contra natura; *quatro mil cavaleiros mãteer* lide a tantos e tã boos como os meus erã! (Livro de Linhagem 189) — *Vós arriscar* vossa Pessoa, e a vossa vida! *Vós ir* padecer e morrer a mãos de vossos inimigos (Vieira, Serm. 7, 269) — E bem, Senhor, *vós* a *mim lavar*-me os pés (ib. 7, 354).

Usa-se o infinitivo com a forma impessoal nas combinações em que lhe cabe exprimir a noção predicativa principal, competindo ao verbo precedente denotar, alem das noções de pessoa, numero, tempo e modo, certas modalidades, como sejam: inicio da acção (*começar a*, *pôr-se a*), duração ou continuidade (*estar a*, *continuar a*), repetição (*tornar a*, *costumar*, *soer*), terminação (*cessar de*, *deixar de*, *acabar de*), necessidade (*haver de*, *ter de*, *dever*, *precisar de*), possibilidade ou capacidade (*poder*), vontade ou desejo (*querer*, *desejar*), esforço ou tentativa (*buscar*, *pretender*, *tentar*, *ousar*, *atrever-se a*):

Podiamos respirar uma viração mais pura — *Se vos posesseis a contemplar* aquelle gesto — As reflexões de Fr. Lourenço *começavam a seccar* soffrivelmente — Os senhores *costumavam residir* nas terras

a elles sujeitas — *Precisamos de chegar* antes delles — *Deviam pagar* a multa — *Tiveram de contentar-se.* — Taes razões *deixam de subsistir* — *Continuaram a ficar* enraizados no solo portuguez — *Acabamos de examinar* a sua figura e vestuario — São os capitães que *buscam ordenar* as batalhas — Debalde os almougares *tentavam suster* a corrida — *Ousavam offender* esses desgraçados — Não *queriam obedecer.*

Está no mesmo caso o infinitivo dependente de *saber*, denotando est'outro verbo em tal combinação, á semelhança de *poder*, a faculdade de fazer alguma cousa, a capacidade de fazer uso de um conhecimento, adquirido previamente:

Sabião festejar moderadamente as graças alheas (R. Lobo, C. na Ald. 76) — Não *sabem dar* hum passo sem palanquino (ib. 84) — Havia um livro que fazia o que nunca *souberam fazer* os commentarios de cada um delles (Herc. M. de C. 1, 71) — Choréas vividas e variadas que só elles *sabiam tecer* (ib. 1, 78).

É ainda com a forma impessoal que se usa o infinitivo dependente de: *a*) *ir*, *vir*, por se ter em vista sómente o acto em si, como resultado de movimento ou intento; *b*) *vir a*, *chegar a*, por ser o infinitivo aqui o verbo principal, a que os verbos regentes, apagado o conceito proprio de locomoção, servem de auxiliares:

Vozes confusas *vieram despertar-me* (Herc. M. de C. 1, 37) — Como se receassem que as paredes da acanhada cella podessem *vir a revelar* alguma parte dos seus intentos (ib. 1, 139) — Por algumas destas leis... *chegaram a ficar* sujeitos a graves penas aquelles que ousavam offender esses desgraçados (ib. 1, 71) — Onde as terradas de Ormuz *hiam fazer* sua aguada (Barros, Dec. 2, 3, 2).

Ha uma excepção possivel á regra relativa ao infinitivo dependente de *poder*, *dever*, *querer*, *começar*, *costumar*, *deixar de* e respectivos synonymos. É quando elle vem tão afastado do verbo subsidiario que ficaria obscuro o sentido se o agente não fosse novamente lembrado pela flexão do infinitivo:

E aaquelles que alli nom vierom *podeis* lhes *notificar* vossa tençom pedindo-lhes conselho e ajuda... e des y *ordenardes* per bom espaço como la vades com entençom de morrer ou vencer (Zur. ap. Ined. Port. 482) — Parece que não *podião tirar* nada delles, nem *elles levarem* mais (R. Lobo, C. na Ald. 63) — Bem lhe *pode* o principe *negar* o que elles pedirem, e *elles prezarem-se* muito dessas negaçoens (Vieira, Serm. 2, 97) — Mas a selva *começa a rarear*, e os ginetes *a resfolegarem* com mais violencia (Herc. Eur. 227) — Nẽ por isso em todalas festas e cousas passadas *deixarã* sempre ambos *de serẽ* tidos como

pessoas muy principaes naquella companhia (Mor. Palm. 1, 327) — *Deviam*-no trazer todos vocês nas palmas, *dar* mil graças aos céus, e *acabarem* de crer (Castilho, Tart. 11) — *Possas tu*, descendente maldicto de uma tribu de nobres guerreiros, implorando crueis forasteiros *seres* presa de vis Aymorés (G. Dias, Y-Juca-Pyrama).

Posto que com os verbos *buscar*, *tentar*, *pretender*, *ousar*, *atrever-se a* se use, como acima dissemos, o infinitivo impessoal, outros verbos ha denotadores de esforço ou tentativa, com os quaes occorrem tambem exemplos de infinitivo flexionado:

Esforça-te cada dia *por sobires* aa mui alta contemplaçõ de *Nosso Senhor* (S. Josaph. 12) — Que seja por ti enxenpro aos outros que nunca *se trabalhẽ de enganarẽ* os filhos dos reis (ib. 27) — Mandou-lhes que *trabalhassem por tomarem* algũs homẽs naturaes da cidade (F. M. Pinto 1, 247) — *Trataram de se recolherem* por terra (Couto, Dec. 5, 33) — Emquanto duravam os requerimentos referidos *trataram* os Religiosos *de acomodarem* o corpo no cayxão (Sousa, Arc. 2, 196).

Ás combinações verbaes constituidas com *mandar*, *deixar* ou *fazer* e infinitivo impessoal, pode-se juntar um termo que exerça a dupla função de objecto do verbo regente e sujeito do infinitivo regido; mas este segundo verbo, indifferente ao numero e pessoa de seu sujeito, continuará a usar-se com a forma impessoal:

Mandou alcarac *Reis e Infantes e outros altos homees acometer* os christãos (Port. Mon. Hist. I Script. 186) — O fumo *faz fugir as abelhas* (Josaph. 13) — *Farei os asnos zurrar e cantar os rouxinoes* (G. Vic. 3, 281) — Isto dizendo, *manda os diligentes ministros amostrar* as armaduras (Cam. Lus. 1, 67) — *Os deuses faz decer* ao vil terreno, e os *humanos subir* ao ceo sereno (Cam. Lus. 9, 20) — *Faz hir* docemente murmurando *as agoas* (ib. 10, 6) — Os assopros esforça iradamente com que *nos faz vencer* a grão torrente (ib. 5, 67) — Trabalhos que *vos fação ser* aceitos ás eternas esposas e fermosas (ib. 10, 142) — Ha muitos homens tão palavrosos que *vos* não *deixão tomar* carta na conversação (R. Lobo, C. na Ald. 82) — Entre tanto *deixa andar os homens* nesta vida semelhantes aos brutos (Arr. 575) — Os [preceitos] positivos que *nos mandão seguir* o bem, os negativos que *nos mandão fugir* o mal (Vieira, Serm. 5, 536) — *Fazei-os parar* (Herc. Eur. 210) — Um brado subito deste *os fez parar* (ib. 216) — Mandava prender os juizes... e *os fazia descer* por cordas aos subterraneos (Herc. M. de C. 1, 120) — Aquelle attractivo divertimento *fizera voar as horas* (ib. 1, 211).

A regra precedente tambem se applica ás combinações de *ver* e *ouvir* com infinitivo quando os dous verbos, regente e regido, vêm proximos um do outro. Achando-se

porem o infinitivo afastado do primeiro verbo pela interposição de dizeres um tanto extensos, poderá tomar flexão de accordo com o sujeito. Occorre, alem disso, o infinitivo flexionado, onde ha intenção de realçar o sujeito. Em todas as epocas da linguagem são sobretudo numerosos os exemplos de *ver*+infinitivo impessoal. Citarei apenas os seguintes, de uma e outra especie:

Ali *veeriades cavalos* sem senhores *andar* soltos (Nunes, Chrest. Arch. 48) — *Vy* estes portogueeses asi *revolver* a lide e *ferir* tã estranhamente (ib. 56) — *Vio estar cordas* d'orgõos e *viollas* (ib. 66) — Eu *vi governar muytos* [entenda-se *muytos* como sujeito de *governar*] e *vi morrer muytos* (Vieira, Serm. 3, 174) — Prodigiosos *excessos que* cada dia *vemos crescer* mais (ib. 5, 491) — Mas quando eu para cá *vi tantos vir* daquelles cães, mais depressa hum pouco vim (Cam. Lus 5, 35) — *Verão morrer* com fome *os filhos* caros... *verão os Cafres... tirar* á linda dama seus vestidos (ib. 5, 47) — *Verá braços e pernas hir* nadando (ib. 10, 36) — *Vimos as Ursas*, a pesar de Juno, *banharem-se* nas aguas de Neptuno (ib. 5, 15) — *Viu* de antigos, longinquos e altos montes *nascerem duas claras e altas fontes* (ib. 4, 69) — A vizinhança que dirá, se meu marido aqui não 'stá *e vos ouvirem cantar?* (G. Vic. 3, 35) — *Viram desapparecer os godos* numa garganta estreita (Herc. Eur. 233) — *Ouviu ramalhar as arvores* (Herc. Lendas e Narr. 2, 40) — *Ouve mugir os bois* (Castilho, Georg. 125) — Nada mais delicioso para o coração do que *ouvir estes dous irmãos fallarem* della (Castilho, Out. 70) — Apenas *vissem fluctuar... os estandartes* (Herc. Eur. 198) — Os pastores *viram os nossos cavalleiros transporem* o Sallia (ib. 263) — *Viram reluzir* no chão *troços d'armas* (ib. 207) — Tinham-se abalado para o combate apenas *viram partir os esquadrões* de Ruderico (ib. 101) — Não *ouve fallar as pedras; bradar as inscripções, levantar-se as estatuas* dos tumulos (Garr. Viagens 2, 8).

Junto a verbos que significam «declarar», «mostrar», «pensar», pode-se usar, como equivalente de oração complementar explicita, uma construcção de infinitivo que differe do chamado accusativo com infinitivo da grammatica latina em ter o sujeito sempre na forma propria (nominativo). Se este sujeito não é o mesmo que o do verbo regente, terá o infinitivo naturalmente a forma pessoal. Se o sujeito é o mesmo, pode a forma pessoal servir para pôl-o novamente em relevo:

Para que indinasse a elrey contra elles com algumas razões apparentes, que lhe deram para o caso, *affirmando serem* verdadeiras (Barros, Dec. 1, 4, 9) — *Dizendo serem* aquellas cousas engano (ib. 1, 3, 10) — Começaram nomear Christo Jesus e sua Madre... *dizendo serem* Christãos (ib. 3, 3, 10) — E estando elle e os outros contentes, *cuidando terem* bom posto... foram de noite todos chamados (ib. 3, 2, 9) — Por-

que se começavam as cousas da India *mostrar serem* maiores do que té li tinhamos sabido (ib. 2, 3, 9) — *Mostrando* não *serem* tão infelices (ib. 3, 1, 1) — *Mostravam terem* recebido muito dano (ib. 3, 6, 9) — Estiveram mui promptos, *mostrando terem* contentamento na paciencia (ib. 1, 5, 2) — Começou de lhe [aos Mouros] perguntar donde vinham... Os quaes *responderam virem* de Dio (ib. 2, 10, 8) — E porem todos *confessam serem* estrangeiros e não proprios indigenas e naturaes da terra (ib. 3, 5, 6) — *Confessam deverem*-vos a vida que vivem (Sousa, Arc. 2, 33) — Ainda... se enxergavam alguns orificios profundos, que *mostravam terem servido* para embeber as traves da ponte (Herc. Eur. 236).

Com o verbo *parecer* usado impessoalmente combinam-se construcções de infinitivo flexionado:

— *Parece serem* sómente vindos a este effeito (Barros, Dec. 1, 1, 14) — Vio o mar coalhado de malhas vermelhas, que *parecia serem* degollados alguns bois (ib. 2, 8, 1) — *Parecia quererem* saltar no regaço do Santo (Sousa, S. Dom. 242) — Já devastavam o norte da Lusitania e *parecia encaminharem-se* para o lado de Tude (Herc. Eur. 128) — Espreitando... o caminho que seguia a multidão dos infieis, os quaes lhes *pareceu dirigirem-se* para o lado do celebre mosteiro da Virgem Dolorosa (ib. 169) — Assemelha-se-lhes a ũa legião de demonios e a um rir infernal o tinir das espadas, o resfolegar dos cavallos e o murmurar dos cavalleiros, que *parece entoarem*-lhes já o hymno da morte (ib. 229).

Se se emprega *parecer* como verbo pessoal, prefere-se, sobretudo em port. hod., combinal-o com infinitivo sem flexão. Exemplos contrarios, com infinitivo flexionado, se encontram ás vezes em linguagem quinhentista. No falar de hoje occorrem mais frequentemente quando o infinitivo vem afastado de *parecer* pela interposição de outras palavras:

Vinham em tres batalhas armados a seu modo... assi ordenados em fieiras, e modo de cantar, que *pareciam virem* na ordem das procissões da invocação (Barros, Dec. 1, 3, 9) — As naos... andavam á vontade das ondas, sem acudir a leme, as quaes com aquelles impetos muitas vezes *pareciam cortarem* pelo ar, e não pela agua (ib. 1, 5, 2) — Os corceis... mordiam os freios brilhantes e *pareciam adivinhar* que estava proximo um dia de combate (Herc. Eur. 83) — Os leves escudos orbiculares, que os compridos saios de malha *pareciam tornar* inuteis... brilhavam com as suas cores vivas e variadas (ib. 93) — *Pareciam rolar* pela encosta (ib. 221) — As aves aquaticas... *pareciam* nos seus voos incertos, ora vagarosos, ora rapidos, *folgarem* com os primeiros dias da estação dos amores (ib. 42) — As sombras *pareciam dançar* e agitar-se (ib. 283) — O guerreiro conservou-se por algum tempo immovel e com os olhos cravados nos astros scintillantes, que *pareciam sorrir-lhe* e *chamá-lo* para o seio immenso do Senhor (ib. 278).

Quando se exprime por meio de um infinitivo regido da preposição *de* a causa determinante de um sentimento e se quer mostrar que a pessoa a quem este verbo se refere é ou deve ser vivamente affectada pelo sentimento, dá-se ao infinitivo a forma pessoal. O termo de que depende o infinitivo preposicionado pode ser verbo, adjectivo ou substantivo.

a) Alegria, contentamento:

Folgaste de achares em mi o que viste (Zur. Ined. Port. 3, 202) — Que sempre nos reinos havia homens amigos de novidades, que *haviam de folgar de* o *servirem* (Couto, Dec. 5, 2, 1) — Não t'o posso dizer assim depressa, pois bofee que has de *folgar* bem *de* o *saberes* (J. Ferr. Eufr. 245) — *Folgam de se enganarem* pera sua desculpa (J. Ferr. Eufr. 159) — Elles se desviaram, vendo que era elrey, *contentes de se verem* fora de tamanho receo (Mor. Palm. 1, 210) — Não somente ousados *se contentão de soffrerem* da terra firme os damnos, mas inda o mar instabil exprimentão (Cam. Lus. 10, 91)— *Folgarás de veres* a policia portuguesa na paz e na milicia (ib. 7, 72) — Ficando contentes e *alegres de verem* entre aquelles dous fidalgos tamanhas discordias (Couto, Dec. 4, 4, 3) — Não *se contentavão de* o *verem* hũa vez (Sousa, Arc. 1, 411) — Ficava no couce o Cabido da Sé de Braga com sobrepellizes e mursas, *alegres* todos aquelles veneraveis Padres *de se verem* chegados a solenizar a gloria e triumpho de hum Prelado de que foram suditos (ib. 2, 372) — *Folgay*, Antiocho, *de terdes* exprimentado os revezes da fortuna (Arr. 76) — Não *contentes de serem* tintoreyros dos affectos, o querem tambem ser das horas (Mello, Dial. Ap. 42) — Platão não tinha condição de lisonjar os tyrannos, nem outras pessoas algũas: antes em duas obras extranha muyto o vicio da adulação e a condição daquelles que *folgam de* os *adularem* (H. Pinto, 2, 311) — Tem obrigação as Religiosas portuguesas de se edificarem e *alegrarem* muito *de verem*... hum tão novo e particular espirito na profissão de seu estado (Vieira, Serm. 5, 569) — Aceitaram ellas [freiras] facilmente a condição, muito *satisfeitas de se verem* alliviadas para sempre das instancias ou perseguição da reforma (ib. 9, 191).

b) Espanto, admiração:

Espantavan-se de não *verem* nenhũs dos inimigos (Castanh. 2, 6) — Os que com elle iam ficaram *espantados de verem* a multidão das chagas (D. de Goes, D. M. 3, 40) — *Espantados de verem* tamanha destruição (ib. 2, 33) — Não *te espantes* de Baco nos teus reinos *receberes* (Cam. Lus. 6, 15) — *Pasmas-te* de me *veres* a mim, ou *de* te *veres* a ty em tamanha honra? (F. M. Pinto 3, 169) — Nós todos estavamos como *pasmados de vermos* o modo com que attribuião suas cousas á causa principal de todos os beẽs (ib. 2, 66) — Nam *te* deves *espantar de* a *veres* tal tornada (Ving. de Agam. 97) — Estes, *pasmados de verem* o sol, que se não movia; aquelles, tambem *pasmados de esperarem* pelo sol, que não chegava (Vieira, Serm. 7, 505) — *Pasmam* todos *de* o *verem* vivo (ib. 11, 362) — Ao estrondo da artilharia, nunca

d'antes ouvido naquellas regiões, se abalaram, como attonitos, dos arredores de suas serranias, bandos de barbaria, *suspensos de verem* que sustentava o corpo das aguas maquinas tão grandes como a de nossas naos da India; e muito mais *de verem* hospedes tão estranhos, brancos, com barba e vestido, cousas entre elles nunca imaginadas (Sim. de Vasc. XXXII) — Os nossos não receando tanta esperteza em gente bruta, ao romper da manhã entraram pela ilha, e *pasmados de a verem* deserta, conheceram o engano (F. J. Freire, D. H. 260) — *Assombram-se* as Nereidas *de avistarem*... bosques, edificios (Castilho, Metam. 23).

c) Ufania, orgulho:

Os que tem algũa indole e *se prezam de serem* verdadeiros filhos de seus pais, soẽ ser emulos de sua dignidade (Arr. 42) — *Gloriando-se de* já *serem* senhores daquella costa (Barros, Dec. 2, 1, 2) — Nem houve mais officiaes que nas artes mecanicas *se prezassem de terem* as perfeições que os antigos teverão (Castanh. 7, prol.) — Mas elles *gloriando-se de terem* em seu thesouro hum varão insigne... fingiram (H. Pinto 1, 336) — Na sagrada Escritura lemos que os filhos de Israel *se prezavam de procederem* de Abraham e de Israel (ib. 2, 726) — Abrirá novo caminho pera ti, grande imperio, que *te arreas de seres* de Candace e Sabá ninho (Cam. Lus. 10, 52) — *Gloriam-se de serem* os primeiros (Sim. de Vasc. 120) — A tua gloria é outra e mais bella; a *gloria de seres* o vencedor dos vencedores da cruz (Herc. Eur. 294).

d) Vergonha:

Eu esperava que te avia de criar cõ toda guarda e que fosses soffrimento e logo da minha velheçe e que ficasses por bom socessor do meu Reino, mais tu nõ has *vergonha de* me *mostrares* obras de inmigo mortal (S. Josaph. 23) — *Vergonha* havias tu de ter *de* me *allegares* com o Santo (Bern. N. Flor. 1, 52) — Pois não nos *envergonhamos de nos prezarmos* de lindos, sendo homens? (ib. 4, 73) — Dalli expedia os repetidos exploradores que quasi *envergonhados de* não *desempenharem* a expectação, vinham pela costa de Barbaria (F. J. Freire, D. H. 152) — *Envergonhamo-nos de* muitas vezes não *seguirmos* na vida pratica os dictamés do christianismo (Herc. Lendas e Narr. 2, 193) — E ainda estes se detem com *vergonha de* me *verem* (Sousa, Arc. 1, 521) — Em *nos* começando a *envergonhar de repetirmos* que no ensino das primeiras letras não cabe novidade (Castilho, Outono X).

e) Temor, esperança, desesperança:

Já *desesperamos de* te *vermos* alegria (Ving. de Agam. 50) — *Desconfiados de poderem* atinar com elle (Sousa, Arc. 2, 144) — Sem aver outra cousa que perturbasse aquelle contentamento mais que o *receo de serem* por algum modo conhecidos (R. Lobo, C. na Ald. 95) — *O temor de serem conhecidos* os desviava sempre do povoado (ib. 90) — [Os presos] tem logo *esperança* certa *de serem* livres (F. M. Pinto 2, 88) — Muitos se escusão de emprestar dinheiro a juro... por *recearem ficarem* defraudados (Bern. N. Flor. 1, 435).

Não ha necessidade de accrescentar ao exposto outras rubricas e mais exemplos. Medite antes o leitor sobre o espirito que ditou os trechos citados, faça o cotejo imaginando as mesmas frases com o infinitivo sem flexão e verá quanto perderiam a energia e clareza se de facto os autores as houvessem escripto com o infinitivo impessoal. Em outro lugar (*Difficuldades da Lingua Portugueza*², pags. 97-98 e 110-111) mostrei neste sentido o bastante a proposito de dous bellissimos exemplos camoneanos que, contrariando certa regra grammatical erronea, causavam estranheza por não se haver até então cuidado de procurar lições parallelas em outros escriptores e, colligida uma razoavel serie, decidir se eram estes os que desconheciam as delicadezas e os segredos da linguagem ou se era o formulador da tal regra quem se havia enganado. Cumpre advertir que seria erro não menos grave do que essa regra estatuida a priori o cahir no extremo opposto e concluir dos numerosos exemplos aqui citados e divulgados que se daria sempre a forma flexionada ao infinitivo dependente de *folgar de*, *espantar-se de*, etc. Os escriptores portuguezes, que neste ponto não conheciam systematismo, regulavam-se para cada caso particular unicamente pelo sentimento de linguagem, e assim muitissimas outras vezes não havendo razão para fazer valer a emphase, posto que empregassem os mesmos verbos, adjectivos ou nomes, se lhes impunha a necessidade de recorrerem ao infinitivo sem flexão. Limitar-me-ei a citar:

Ha muitas cousas que não queremos dizer e *folgamos* em extremo *de* as *ouvir* (R. Lobo, C. na Ald. 77) — Os verdadeiros religiosos *gloriam-se de ser* bem obedientes e não se afrontam de obedecer a outros mais baixos (H. Pinto, 1, 133) — Os subditos *folgam de se accomodar* a suas condições (ib. 2, 587) — Por mais que *nos gloriemos de* os *frequentar* (Arrais 165) — Os quais se *prezaram de guardar* juntamente a ley de Christo e a de Moysés (ib. 164) — Ás portas o recebe acompanhado das Nymphas que *se estão maravilhando de ver* que cometendo tal caminho entre no reino da agoa o Rey do vinho (Cam. Lus. 6, 14) — Mas muito mais *se espantarã de ver* a maneira da cova (Mor. Palm. 1, 327) — Elrey e o emperador Trinco e os outros reys ficarã pouco *contentes de ver* aquelle descontentamento de Floramã (ib. 1, 334) — Aos que *se envergonham de poupar* a vida, para a perder com gloria quando o dia do sacrificio chegar, darei eu o exemplo (Herc. Eur. 225).

O infinitivo regido da preposição *de*, quando usado

como complemento especificador ou delimitador de uma noção expressa por substantivo ou adjectivo, tem a forma impessoal se se considera a acção em abstracto. Havendo porem conveniencia ou necessidade de referir a acção em especial a um sujeito, recorrer-se-á ao infinitivo flexionado:

Ha homens tão *soffregos de fallarem* tudo, que atalhão as palavras ao que lhes começa a responder (R. Lobo, C. na Ald. 76) — São tam *amigos de levarem* hum comprimento té o fundo que nem com o silencio vos defendeis dos seus (ib. 82) — Sendo essas honras tão *merecedoras de serem* estimadas (Sousa, Arc. 1, Prol.) — Proposição inventada e asserta por mestres mintirosos, *amigos de lisonjearem* os Summos Pontifices (ib. 1, 261) — Tão *amigos de conservarem* a Fé e sua pureza, e *de* a *dilatarem* forão sempre seus pais e avós (ib. 1, 311) — Achar-te-ás muito cheyo de vicios e peccados, que te fazem totalmente *merecedor de seres* digno instrumento de tão santa empresa (Vieira, Serm. 11, 248) — Ha muitos malaventurados *incapazes de comprehenderem* a sancta poesia que derrama em nossa alma o espectaculo da natureza (Herc. M. de C. 2, 228) — Nem seiscentos Chaparros seriam *capazes de* lhe *entortarem* uma ou mil missas cantadas (Herc. Lendas e Narr. 2, 268) — Os godos, porem, tinham a *vantagem de caminharem* ordenados (Herc. Eur. 90) — Requeimados pelo sol ardente... *incapazes de conhecerem* a vantagem da ordem e disciplina, estes homens rudes combatiam meios-nús (ib. 96) — Quem te deu, pois, o *direito de correres* a morte certa? Quem te deu *o direito de apagar* no sangue dos ultimos godos o unico facho que alumia as trevas do futuro da escravisada Hespanha? (ib. 183).

Com a idéa do effeito produzido ou almejado por um acto de coerção ou constrangimento costuma avivar-se tambem a imagem da victima da coerção. D'aqui procede o frequente emprego da forma pessoal no infinitivo dependente de *obrigar a*, *constranger a*, etc.:

Ninguem as *obriga a queimarem-se* (Castanh. 2, 6) — Tanto que o primeiro tocar o buzio, todos os outros que o ouvirem *são obrigados a tocarem* logo os seus so pena de morte (F. M. Pinto, 3, 190) — E como a ley natural nos *obrigue a* não *fazermos* o que não queriamos que nos fizessem (H. Pinto, 2, 278) — *Constrangeo* muytos homens *a fazerem-se* falsos (ib. 2, 546) — Pera com isso os *obrigarem a fazerem* feitos dignos de serem por elles eternizados (Couto, Dec. 4, Epist.) — Mas por derradeiro... os *constrangeo a* lhe *pedirem* paz (Arr. 273) — Os pobres mendigos das portas, que aqui acudiram em grandes bandos, dando-se por *obrigados a celebrarem* tambem segundo suas forças a festa (Sousa, Arceb. 2, 372) — Parecia mais movimento de poder celestial que amor da terra o que os *obrigava a* o *reconhecerem* por santo e digno de tal veneração (ib. 2, 382) — Serão *forçados a se accomodarem* com a paz (Vieira, Cartas, 2, 57) — *Obrigou* a muitos doutores *a filosofarem* nas indulgencias dos vivos (Vieira, Serm. 7, 205) —

Obrigar os donos do achado *a darem* premio a quem achou (Bern. N. Flor. 1, 431) — A mesma razão nos *obriga a passarmos* pelos achaques (Mello, Ap. Dial. 355) — A falta de christãos habilitados para tractarem materias de fazenda publica, *obrigou* os reis portugueses *a desprezarem* a lei das côrtes (Herc. Lendas e Narr. 1, 128) — Para *obrigar* os povos *a pagarem* um imposto que por propria autoridade lançara (Herc. M. de C. 1, 130) — Queixavam-se de que... os *obrigava a trabalharem* gratuitamente nos reparos dos seus castellos (ib.).

Confrontem-se com os exemplos que acabamos de citar est'outros em que o uso do infinitivo impessoal se refere essencialmente ao acto em si, não havendo lugar para novamente pôr em evidencia a personalidade:

Isto *obrigou* os Religiosos *a cortar* por todas as contrariedades, e *tratar* de o mudarem com muyta pressa (Sousa, Arc. 2, 409) — Aquelles em cujos peitos Deos encerrara ouro e prata eram *obrigados a desprezar* os metais da terra (Arr. 311) — Como os Hebreos amavão tanto ao seu Moysés e se vião *forçados a* o *deixar*, fazião este discurso (Vieira, Serm. 5, 567) — Arrastado pelos turbilhões de fugitivos, forcejando por *obrigá-los a voltar* o rosto contra os arabes... o duque de Cordoba combatia mui longe delle (Herc. Eur. 120) — Os que não cairam ante a acha d'armas foram *constrangidos a fugir* (ib. 221) — *Obrigados a parar* frequentemente para conhecerem a que parte elles se dirigiam (ib. 233) — Os nossos ginetes, ensinados a voltarem sós ao campo christão do deserto quando os ardis ou perigos da guerra nos *obrigam a abandoná-los*, não causariam nem estranheza nem receio ao apparecerem ahi sem donos (ib. 242).

Com *ensinar a* emprega-se de ordinario infinitivo sem flexão para designar simplesmente o acto que se ensina alguem a praticar; *ensinei-te a escrever*, *a nadar* (e não *a escreveres*, *a nadares*). Desde porem que se desenvolve o infinitivo em frase com termos explicativos de certa extensão, torna-se ás vezes conveniente personalisal-o, chamando assim novamente a attenção para o respectivo sujeito:

Em vós he gentileza esse receyo, e ainda que fosse fingido, eu o tenho por a primeira regra de fallar bem, pois *insinais aos discretos a* o não *fazerem* com sobeja confiança (R. Lobo C. na Ald. 79) — Cf.: Os dous amigos *nos insinarão a acertar* (ib. 100) — Pois ella *nos ensina a amarmos nossos amigos* (Sousa, Arc. 2, 348) — Cf.: Que *nos ensina a morrer* hũs pelos outros (ib. 2, 341) — *Ensinou os homens a fugirem* da sensualidade (H. Pinto 1, 171) — Os nossos ginetes, *ensinados a voltarem* sós ao campo christão do deserto... não causariam nem estranheza nem receio (Her. Eur. 242).

Com *pronto a* ou *para* emprega-se tambem ora o infinitivo impessoal, ora o pessoal:

Mais *promptos para entender* as respostas e resoluções de suas duvidas (Arr. 381) — Aqui estamos *promptos para obedecer* o que mandares (Vieira, Serm. 5, 480) — Pedras... *promptas para serem* collocadas em seus logares (Herc. Lendas e Narr. 1, 228) — Dize aos nossos cavalleiros que antes de romper a manhan estejam a cavallo com a lança em punho *promptos a marcharem* para a entrada do valle (Herc. Eur. 266).

Nas orações reduzidas em que se usa o infinitivo regido de qualquer das preposições *até, para, com, em, sem, por, em vez de, antes de, depois de, alem de, sobre,* emprega-se ora a forma impessoal, ora o infinitivo flexionado. A forma impessoal tem cabimento quando se cogita sómente da acção:

Armemo-nos de prudencia e paciencia *pera receber* os contrastes desta vida (Arrais 81) — Este he o veo posto sobre o coração dos Judeus que olhão pera Moysés, *sem pôr* os olhos em Deos (ib. 157) — He tão culpavel o feitio que nisso se perde como o que usão as mulheres *em desmentir* as graças da natureza (R. Lobo, C. na Ald. 83) — Vamos com elle, *sem nos apartar* hum ponto (Vieira, Serm. 5, 538) — Esperaram seu imperio ou consentimento *para vingar* suas injurias (ib. 5, 478) — O juizo de Deos he o seguro que nos dá o mesmo Deos *para não temer* os juizos dos homens (ib. 5, 80) — Só nos servirá *para notar* no mesmo fogo a differença, como servem as sobras, e os oppostos *para* mais *illustrar* os contrarios (ib. 5, 502) — Os que passavam curvavam-se *para beijar* a fimbria da sua estringe (Herc. Eur. 36) — Ao pôr do sol, gepidas, ostrogodos... preparavam-se *para morrer* (ib. 26) — O nome de Al-Gharb (o Occidente) que, igualmente deram á Peninsula *para a distinguir* de Mauritanea (ib. 321) — Que não tardes *em fortificar* essa estreita passagem (ib. 64).

Convindo, pelo contrario, pôr em evidencia o agente do verbo, emprega-se o infinitivo pessoal. Que é arbitro, para a escolha entre as duas formas de infinitivo preposicionado, o intuito do proprio escriptor, e não um preceito grammatical fixo *), decidiu-o Antonio Vieira nos seguintes passos:

Parece que havia de dizer: os Anjos ouvem a palavra de Deos *para a fazerem* e nam, os Anjos fazem a palavra de Deos *para a ouvirem*... Pois porque diz que fazem *para ouvir*, e não ouvem *para fazer?* (Serm. 3, 53) — Guardaram a palavra de Christo *antes de a ouvir* (ib. 3, 53) — Executaram a palavra de Christo *antes de a ouvirem* (ib. 3, 54) — Os que hião detrás, não he muito que o fizessem *depois de ouvirem* e *verem* a Christo: mas que o fizessem os que

*) Reporta-se a esse preceito Faria e Sousa em commentos á linguagem camoneana. Soares Barbosa reviveu o reparo do commentador, formulou a regra e desprezou-a na pratica, como todos os escriptores portuguezes d'alem-mar.

hiam diante *sem verem* a Christo, nem o *ouvirem*, esta foy a maravilha (ib. 3, 58).

Sobe ao port. ant. o emprego do infinitivo pessoal para produzir o mencionado effeito:

Cavaleyros de todo o mundo veem aa corte, (e) muy mais aynda *por* vos *veerem* ca por al, delles *por* vos *veerem* e delles *por auerem* vosa conpanha (S. Graal) — [Eu muito roguei a Nosso Senhor] que dures ẽ teu trabalho *ataa gaanhares* coroa esplandecente, ca ainda nõ lidaste avondosamente *pera averes* o galardõ que te está aparelhado (Josaph. 45) — Mandavã em scripto os nomes d'algũus d'antre elles que lhe parician antre ssy mais ydoneos *pera rreynarem* (Nunes, Chrest. Arch. 100) — E *por seerem* mais certos, lhe preguntarom como avya nome (ib. 101) — Non filhedes tresteza, nẽ esmaiedes, ca tempo averedes *pera filhardes* vingança (ib. 55).

Mas não foi senão em port. mod. que se reconheceu toda a importancia de semelhante linguagem. Os exemplos são literalmente sem conta. Escolheremos alguns:

Epoca quinhentista e seiscentista:

Era o que os Mouros desejavão *pera* os *tomarem* a sua vontade (D. de Goes, D. M. 285) — Como estais *sem irdes* a pregar a santa fé? (Cam. Lus. 10, 119) — Enchem-se os peitos todos de alegria *por terem* o remedio verdadeiro *pera acharem* a terra que buscavam (ib. 2, 89) — Todos morreram *sem* se *quererem* entregar (Barros, Dec. 2, 3, 6) — E já pode ser que caisseis vós neste erro, ou *por* não *advirtirdes*, ou *por* mais não *entenderdes* (Arrais, 52) — Assi se ficam cõ a letra da escritura, *sem entenderem* o espirito della (ib. 156) — *Depois de gastarem* algũas palavras de comprimento chegaram Dom Julio e Solino (R. Lobo, C. na Ald. 34) — Vão com a pratica em muletas *até tomarem* assento com muito trabalho (ib. 78) — As risadas *alem de arguirem* falta de entendimento são mais impertinentes quando hum homem festeja seus proprios ditos (ib. 76) — Disseram que só *com comerem* e *usarem* muito do sal concebião alguns animaes (ib. 85) — Homens que servem *sem saberem* porque (H. Pinto 1, 367) — Acho eu muita graça aos Prégadores que *para* nos *representarem* a terribilidade do juizo divino, trazem aquella authoridade ou oraculo de Deos a Samuel (Vieira, Serm. 5, 65) — As proposições filosoficas *para serem* axiomas, hão de ser de Aristoteles; as Medicas *para serem* aforismos, hão de ser de Hypocrates; as geometricas *para serem* theoremas hão de ser de Euclides (Vieira, Serm. 9, 141) — *Em vez de aborrecerem* o mal, aborrecem a luz (ib. 3, 110) — São taes os teus poderes, como os meus, que despidas do Céo os rayos, e elles *depois de executarem* tornem a ti e te digão: Aqui estamos promptos para obedecer o que mandares? (ib. 5, 480) — Os rayos, *depois de calificarem* a sua obediencia com a execução, então he que protestam *com dizerem:* Aqui estamos (ib.) — Mas *para governarem* e *terem* jurdição, todas forão primeiro cortadas das mesmas raizes (ib. 5, 348) — *Em lugar de dizerem* que o queriam ouvir disseram que queriam ver (ib. 7, 255) — *Antes de nascerem* nem *serem*, já estavão juntos (ib. 7, 298) — Tu *em quereres* que não padeça,

queres que eu o não seja (ib. 7, 269) — Já sabemos que és nascido *para* nos *alegrares* e *espojares* com o riso (Bern. N. Flor. 1, 53).

Epoca hodierna:

Depois de a *examinarem* por largo espaço, voltavam ao campo (Herc. Eur. 88) — As vozerias que sussurravam ao longe foram pouco a pouco esmorecendo, *até cahirem* num silencio tremendo (ib. 97) — São como dous bulcões ennovelados que, *em vez de correrem* pela atmosphera nas azas da procella, rolam na terra (ib. 99) — Os cabos das decanias, *antes de seguirem* os fugitivos, tinham enviado um buccellario (ib. 220) — Os melhores almogaures deviam persegui-lo sem descanço *até o captivarem* (ib. 221) — Lançaram-se despeadamente após elle *para* o *alcançarem* antes que chegasse ao bosque (ib. 222) — Cerceando-lhes os membros desguarnecidos quasi *sem serem* vistos (ib. 84) — Os dous dias que me pediste *para chorares* o teu cativeiro passaram (ib. 196) — Grande era o preço que davas por uma filha da serva raça dos godos: guarda-o *para* o *empregares* melhor: *para comprares* as livres e nobres donzellas do teu paiz (ib. 201) — Persegui-o *até* o *encontrardes* (ib. 216) — A falta de christãos habilitados *para tractarem* materias da fazenda publica, obrigou os reis portugueses a desprezarem a lei das cortes (Herc. Lendas e Narr. 1, 128) — Tu, *em vez de* os *condemnares* á forca, ainda lhes prometterás desaggravo (Herc. M. de C. 1, 223) — Tomam odio prematuro aos livros, que os despojam das suas suaves horas, *sem* nada lhes *darem*, *nem prometterem* (Castilho, Out. XII) — Por ultimo queriamos, *sem nos desviarmos* do nosso guia, retocar... um ou outro descuido (ib. 72) — Com os esforços que fizerem para melhorar futuros a todas as familias, *para facilitarem* a todos os velhos com o melhoramento da sua descendencia (ib. 59) — Vai e deixa-te lá estar *até veres* chegar o bergantim (Garr. F. L. de Sousa 102) — Junctámos as nossas miserias *para as chorarmos* como irmãos que somos (Garr. Viag. 2, 151).

Conserva-se impessoal o infinitivo usado com sentido passivo e forma activa, e bem assim o infinitivo preposicionado que suppre o supino e formas gerundiaes latinas de que tratámos á pag. 136: *discursos faceis de escrever; homens maus de contentar; estão para morrer; cousas muito para lastimar; os castigos de Deus são para temer; as obras estavam por fazer*, etc.

A presença de um complemento e a necessidade de pôr em evidencia um sujeito novo podem comtudo determinar o emprego da forma pessoal na construcção *é para* + infinitivo: *ele as* [letras] *pos alli pera mostrar que a ymagem do escudo era pera a verẽ e elle pera se guardarẽ delle* (Mor. Palm. 1, 361).

EMPREGO DO GERUNDIO

Não supplantaria o gerundio ao participio do presente, tão usado em latim, se ás funções verbaes proprias não accrescentasse aquellas que competiam ao participio. O papel de adjectivo, sobremodo conspicuo nest'outra forma infinita, reapparece de facto occasionalmente nas terminações *-ando*, *-endo*, *-indo*. Bernardes (N. Flor., 4, 60) alludindo a um trecho da Vulgata, em que occorre o participio *ludens*, e parafraseando o dito trecho, compõe este cabeçalho de capitulo:

Deos menino *jugando* as cartas com outra Rosa do Carmelo, e *dando* barato; *perdendo* e *pagando* comsigo mesmo.

Por circumloquio poderia servir-se de oração adjectiva dizendo: *Deus menino que joga... que dá barato*, etc.

Analogo desdobramento, se não preferisse a concisão, faria o autor nos seguintes passos:

Santo Quintino, senador romano, que foy banhado em azeite e *pez fervendo*... que foy atanazado com *faxas ardendo* (N. Flor. 4, 78) — Eu porque sou hum homem particular *roubando* o pouco que posso sou digno de morte; mas tu que és ladrão grande e roubas o mundo inteiro, todavia como és emperador, és digno de honra, e ninguem pode culpar-te (ib. 4, 121) — Ajuntemos pois esta fabula... com a que fantaziou mais atrevido Ariosto do ginete Rabicano, gerado só de fogo e do vento, e *pastando* ar como camalião (ib. 4, 267) — Nicephoro Calixto refere de Teridates, rei de Armenia, com outros muitos da sua corte, convertidos em cochinos e *mordendo-se* huns aos outros, em castigo de que teve a S. Gregorio Thaumaturgo quatorze annos preso (ib. 3, 464) — Depois de passar a voz, costuma ficar ainda o echo *resultando* das paredes (ib. 2, 219) — Teve por certo que havia alli almas *padecendo* tormentos por ordem da justiça divina (ib. 2, 263) — Ahi, balas e mais balas *disparando!* Ahi, settas e mais settas *chovendo!* (ib. 1, 240) — A todos estes se podia applicar o symbolo ou hieroglyphico da serpente *mordendo* a propria cauda (ib. 3, 450).

Confronte-se com o exemplo de Bernardes *azeite e pez fervendo* est'outro da Chron. dos Frades Men. 1, 29: *trouxerom os vasos cheos de olio e de vinagre fervente.*

Equivale sem duvida a oração adjectiva o gerundio nestes exemplos de escriptores que precederam a Bernardes:

De junto do qual [samorij] se alevantou hum homem de grande idade, que era o seu Brahmane maior, vestido de humas vestiduras brancas, *representando* nellas, e em sua idade e continencia, ser homem religioso (Barros, Dec. 1, 4, 8) — Se os fidalgos de Braga querem ver passeyos de ginetes formosos, e mulas gordas e anafadas e nuvens de pagens enfeitados e *rugindo* sedas, desenganem-se (Sousa, Arc. 1, 145) — Prelados santos e religiosos, convertidos oje em Platões e Tullios *formando* respublicas gentilicas com razões e preceitos em todo humanos (ib. 1, 141) — Amanheceo o dia nomeado: aparece o Arcebispo na Sé com mesa posta e escrivão comsigo, e meirinho *convocando* testimunhas (ib. 1, 396) — Entrando hum comediante no theatro *representando* a Lucifer... entra outro *representando* a Nero (Vieira, Serm. 5, 90).

Como o adjectivo, o gerundio pode denotar não sómente attributos temporarios, mas ainda qualidades essenciaes, inherentes aos seres, proprias das cousas:

Acudiam cartas do nosso arcebispo a miude, escritas com muito calor, e *pedindo* a Sua Santidade declarasse a preminencia conhecida da Igreja de Braga sobre todas as de Espanha (Sousa, Arceb. 2, 221) — Algumas [comedias] havia com este nome [Tabernaria] *contendo* argumentos mais solidos, como bem prova João Savio (Freire, Art. poet. de Hor. 146) — Gregorio IX diminuio a prohibição do Concilio de Pariz por huma Bulla expedida em 1231, *prohibindo* a leitura das obras de Aristoteles (M. Aires, Vaid. 204) — Achar-se-hão na Secretaria de V. M. papeis, cartas, e lembranças minhas, *prevenindo*, *lembrando* e *pedindo* a V. M. aquillo que, a meu fraco juizo, parecia mais conveniente ás presentes occorrencias (Franc. M. de Mello apud Boh. do Esp.) — Carta de lei *dando* o Regio Beneplacito á Bulla Dominus ac Redemptor da extincção dos Jesuitas (apud. Boh. do Esp. 309) — A cadeira... ostentava... a sua solida base terminada em duas gargulas, uma *imitando* o corpo de um leão rapante com face humana, outra o de homem estirado sobre o ventre com a carranca leonina (Herc. M. de C. 2, 158) — Existe tambem uma carta... dirigida ao infante D. Henrique, *dando*-lhe conta de um auto-da-fé que se acaba de celebrar (Herc. Inq. 3, 187) — Eram os primeiros [diplomas], além da bulla de perdão, um breve *eximindo* do confisco por dez annos os criminosos sentenciados; outro *suspendendo* por um anno a entrega ao braço secular dos réus de crime capital (ib. 3, 323) — O breve *Cum saepius*, *annunciando* a elrei a remessa da bulla... é datado de 5 de julho (ib. 3, 325) — Tres documentos originaes sobre este assumpto se acham na Collecção... São dous acordos assignados por Ugolino e por Montepoliziano a 24 de março de 1549, *contendo* o que fica substanciado neste §, e uma declaração de Lucas Geraldo, em que se obriga a pagar as dividas (ib. 3, 335).

Ao participio do presente latino, substituivel por in-

finitivo, usado em *vides puerum currentem*, *Tibicinam cantantem audis*, etc., corresponde em portuguez o emprego do gerundio junto ao objecto directo dos verbos *ver* e *ouvir:*

Vereis o mar fervendo aceso cos incendios dos vossos pelejando (Cam. Lus. 2, 54) — *Hum sacerdote vê brandindo* a espada contra Arronches (ib. 8, 19) — Só por *ouvir o amante* da donzella Euridice *tocando* a lyra (ib. 7, 29) — *Viram* ao longe *dous navios* brandamente cos ventos *navegando* (ib. 2, 68) — Era para *ver os nossos investindo* os Mouros no principio das ruas, e estes andarem por ella ondeando (Freire D. H. 59) — *Vio hum homem* nú com dous dardos na mão *conduzindo* um camello (ib. 199) — *Vio cortando* aquelles mares *outro navio* portuguez (ib. 203).

Funciona este gerundio como adjectivo e em seu lugar pode-se pôr uma oração adjectiva. Das duas maneiras de dizer dão testemunho os exemplos seguintes:

E foy ouvida em no aar *hũa voz* de Jesu Christo, *dizemdo* que elle queria que aquella regra fosse guardada (Frad. Men. 1, 48) — *Ouviram vozes* dos angeos *que cantavam* com melodia louvores a Deus (ib. 1, 54) — *Ouvio hũa voz que* lhe *fallava* com voz humanall (ib. 1, 17).

Usa-se com frequencia o gerundio para denotar acção simultanea a outra ou que succede dentro do periodo de duração de outra. Equivale este emprego do gerundio a oração explicita iniciada pela conjunção *emquanto* ou *ao mesmo tempo que*. Exemplos deste gerundio de simultaneidade colhem-se facilmente na linguagem narrativa. Em Camões são notaveis, entre outros, os seguintes passos:

Os animaes cavalgam de Neptuno, *brandindo* e *volteando* arremessões (Lus. 4, 21) — Os Pereiras tambem arrenegados morrem, *arrenegando* o céo e os fados (ib. 4, 40) — E nós coa virtuosa companhia de mil religiosos diligentes, em procissão solene a Deus *orando*, pera os bateis viemos caminhando (ib. 4, 88) — *Comendo* alegremente lhe perguntavam, pela arabica lingoa, donde vinham (ib. 1, 50) — *Gritando* mareiam velas (ib. 2, 24) — Levam *gritando* as ancoras acima (ib. 2, 65) — Como doudo corri, de longe *abrindo* os braços pera aquella que era vida deste corpo (ib. 5, 55) — Eu, *levantando* as mãos ao santo coro dos anjos... a Deos pedi que removesse os duros casos que Adamastor contou futuros (ib. 5, 60).

Emprega-se tambem o gerundio na narração de um facto, não rigorosamente simultaneo a outro, mas em todo o caso realisado immediatamente antes ou pouco antes de outro acontecimento. Corresponde aqui a forma infinita a uma oração explicita introduzida pela conjunção *depois que:*

O qual gallego *sahindo* com outros em terra, quando veio ao recolher, se leixou ficar como homem que queria saber o que lá passava (Barros, Dec. 1, 8, 9) — Mas Marte... o forte escudo *deitando* pera tras, medonho e irado, a viseira do elmo de diamante *alevantando* hum pouco... e *dando* hũa pancada penetrante co conto do bastão, no solio puro... disse assi: Ó padre... não ouças mais (Cam. Lus. 1, 36-38) — Isto *dizendo*, o Mouro se tornou a seus bateis com toda a companhia, do capitão e gente se apartou, com mostras de devida cortezia (ib. 1, 56) — Isto *dizendo*, manda os diligentes ministros amostrar as armaduras (ib. 1, 67) — Pera o ceo crystalino *alevantando*... os olhos e despois, nos mininos atentando... pera o avô cruel assi dizia: Mova-te a piedade (ib. 3, 125-127) — *Sopesando* a lança quatro vezes, com força tira; e deste unico tiro muitos lançaram o ultimo suspiro (ib. 4, 38) — Mas hum velho d'aspeito venerando, que ficava nas praias entre a gente, postos em nós os olhos, *meneando* tres vezes a cabeça, descontente... taes palavras tirou do experto peito (ib. 4, 94) — Assi *passando* aquellas regiões, por onde duas vezes passa Apollo... vimos as Ursas, apesar de Juno, banharem-se nas aguas de Neptuno (ib. 5, 15).

Outras vezes dá-se o caso inverso, denotando a oração explicita o facto que se realisa primeiro, e exprimindo o gerundio um acontecimento ulterior. — Poder-se-á então desdobrar o gerundio em oração coordenativa iniciada pela particula *e:*

Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, *recebemdo*-a depois de praça (F. Lopes, D. J. 348) — Foy visitar... os portaaes.. e alli lhe apareçerom os samtos apostollos *abraçando*-o amigavelmente e *fazendo*-lhe graças (Frad. Men. 1, 14) — Mas o leal vassallo... se vai ao Castelhano, *prometendo* que elle faria dar-lhe obediencia (Cam. Lus. 3, 36) — Achámos ter de todo já passado do Semicapro peixe a grande meta, *estando* [e que estavamos] entre elle e o circulo gelado austral (ib. 5, 27) — Foi o primeiro a receber o premio o infante D. Duarte, seguio-se-lhe o infante D. Pedro, e a este seu irmão D. Henrique, *acabando* a cerimonia com o conde de Barcellos (Freire, D. Henr. 88).

Querendo expressar com mais rigor a precedencia immediata de um facto a outro ou a coincidencia exacta de dous factos, combina-se o gerundio com a preposição *em*. Esta linguagem, equivalente a orações iniciadas ora por *logo que*, ora por *no momento em que*, tem applicação em port. hod. principalmente quando se trata de acontecimentos futuros.

Os escriptores da Renascença empregavam-no com igual facilidade na narração de factos consummados em tempo passado. Cotejem-se os seguintes exemplos com o falar hoje corrente:

Tem lapidairos que a [pedraria] conhecem tam bem que trazendo-lhe hum punhado de terra, *em a vendo* logo dizem as pedras que acharão (Castanh. 2, 22) — E como Fernão Eanes era muyto esforçado, *em* os immigos *chegando* sobre ho pagode, sayo-lhes ao encontro (ib. 6, 40) — E como Lionel de Lima estava perto, *em ouvindo* a grita acodio logo (ib. 6, 65) — Sayram algũs fora da cidade a ver o que era; e *em apparecendo* vio-os João Serrão (ib. 5, 65) — *Em desembarcando* [os Portugueses] começam os Mouros de desparar os berços que estavam na estancia (ib.) — *Em vendo* [Monçaide] o mensageiro, com jocundo rosto, como quem sabe a lingoa hispana, lhe disse: Quem te trouxe a estoutro mundo...? (Cam. Lus. 7, 25) — Vós poderoso rei, cujo alto imperio o sol, logo *em nascendo*, vê primeiro (ib. 1, 8) — Foram surgir adiante, e *em surgindo* por o rio ser alcantilado, saltaram muytos em terra (Dam. de Goes, D. Man. 108) — *Em amanhecendo*, sairam a caçar (ib.) — *Em* Duarte Pacheco *chegando* ao passo de Cambalão, esteve até o romper da alva no meo do rio, e *em amanhecendo* se chegou perà terra (ib. 111) — [Os Naires] lhe quiseram tolher que nam desembarcassem, mas *em chegando* ao porto despararam a artelharia, com que os imigos fugiram (ib.) — *Em* se *ouvindo* o nome do Summo Pontifice, do Padre Geral, e esta palavra obediencia, obedeceo o Santo, obedeceo a terra (Vieira, Serm. 8, 373).

O gerundio precedido de *em* pode tambem exprimir um facto durativo, equivalendo a uma oração temporal começada pela conjunção *emquanto*. Desta linguagem andam exemplos esparsos em port. ant.:

Do conhecymento das doenças, criamento e enssyno [das bestas] *em seendo* novas nõ entendo fallar (D. Duarte, Ens. 12) — E se *em durando* os ditos dous meses, em que assi andar pelo Reyno o dito homiziado, cometer algũu maleficio... perderá o privilegio do couto e será punido pelo maleficio (Ord. D. Man. 5, 52) — Por servir a Deus *em vivendo* tinha renunciado a seu filho legitimo do dicto ducado com a pompa do mundo, e estava em religião com certos nobres homens apartado (R. de Pina, D. Duarte 43) — Aprovou todalas cousas que *em sendo* Papa ordenara (ib.).

Actos simultaneos ou successivos podem passar-se como cousas independentes, sem haver influencia de um sobre outro. Muitas vezes porem existe entre elles evidente relação de causa e effeito. O effeito exprime-o o gerundio em exemplos como os seguintes, em que a oração principal tem caracter meramente expositivo ou narrativo:

Os ventos brandamente respiravam, das naos as velas concavas *inchando* (Cam. Lus. 1, 19) — Ja no largo oceano navegavam, as inquietas ondas *apartando* (ib.).

Presta-se igualmente o gerundio a exprimir a causa determinante de outro facto, sendo este enunciado sob a

forma de oração principal. Nestas condições o gerundio diz o mesmo que as orações subordinadas causaes caracterisadas pelas conjunções *porque*, *como*, *visto que*, etc.:

O çamorim, *vendo* que per nenhum modo de quantos commetteo o podia mover, assentou publicamente de ir contra elle com mão armada (Barros, Dec. 1, 7, 1) — Duarte Pacheco *sentindo* esta desconfiança e temor que elrey trazia, o esforçou (ib. 1, 7, 5) — E *sendo* ja Velloso em salvamento, logo nos recolhemos pera a armada, *vendo* a malicia feia e rudo intento da gente bestial bruta e malvada (Cam. Lus. 5, 34) — O padre Baco ali não consentia no que Jupiter disse, *conhecendo* que esquecerão seus feitos no Oriente se lá passar a lusitana gente (ib. 1, 31) — Não falta com razões quem desconcerte da opinião de todos na vontade... *Podendo* o temor mais, gelado, inerte, que a propria e natural fidelidade, negam o rei e a patria (ib. 4, 13) — Nam quis Dom Joam de Meneses sair a estes, *esperando* que decessem mais das aldeas (D. de Goes, D. Man. 109).

Muitas vezes o gerundio serve para denotar o modo, o meio ou instrumento:

Muitos dos naturaes de Cochij se passavam do reyno a outras partes, *fugindo* de noite em barcos (Barros, Dec. 1, 7, 5) — A disciplina militar prestante não se aprende, senhor, na fantasia, *sonhando*, *imaginando*, ou *estudando*; senão *vendo*, *tratando* e *pelejando* (Cam. Lus. 10, 153) — A lei tenho daquelle... que padeceo deshonra e vituperio, *soffrendo* morte injusta e insuffribil (ib. 1, 65) — Tem o Tarragonez que se fez claro *sojeitando* Partenope inquieta (ib. 3, 19) — Elles como acordados os sentiram, *voando* e não *remando* lhe fugiram (ib. 2, 66) — Ja Christo neste tempo lhe ordenava que *padecendo* fosse ao ceo subido (ib. 10, 117) — Dizem que desta terra, coas possantes ondas o mar *entrando*, dividiu a nobre ilha Samatra (ib. 10, 124) — Mas os anjos do ceo *cantando* e *rindo* te recebem na gloria que ganhaste (ib. 10, 118) — Senacherib por aquella blasphemia perdeo o exercito, a coroa e a vida: o exercito, *fugindo* ignominiosamente; a coroa, *rebellando-se*-lhe os vassallos: e a vida, *sendo* morto por seus proprios filhos (Vieira, Serm. 8, 202).

Por meio da forma gerundial se podem dizer abreviadamente as orações condicionaes:

Pague o dobro do que paguaria *sendo* em rixa (Ord. D. Man. 5, tit. 11) — Rogando-lhe que logo lha mandasse antes que anoytecesse, e não lha *mandando*, que iria por ela (Castanh. 5, 65) — *Falando* propriamente e a nosso proposito, titulo não he outra cousa senão hum sinal e denotação do direito (Barros, Dec. 1, 6, 1) — Ainda lhe ficou esperança que *tornando* outra vez, alcançaria victoria (ib. 1, 7, 8) — Não teve resistencia: e se a tivera, mais damno *resistindo* recebera (Cam. Lus. 2, 69) — Mansamente as amarras lhe cortavam, por serem, *dando* á costa, destruidos (ib. 2, 66) — Assi como a bonina... *sendo* das mãos lascivas maltratada... o cheiro traz perdido e a cor murchada (ib. 3, 134) — Assi fica o numero comprido, *contando* duas vezes o do

meio (ib. 3, 54) — *Insistindo* tu, por derradeiro com não vistas victorias, sem receio, a quantas gentes vês porás o freio (ib. 4, 74) — [Acudiu] a mãi, para que, *estando* cahida, se levantasse; e ao filho, para que, *estando* longe..., a buscasse (Vieira, Serm. 8, 218).

Em exemplos como os que se seguem usa-se a forma gerundial como equivalente de oração concessiva introduzida por *posto que*, *ainda que*, *apesar de que*, etc.:

Occultos os juizos de Deus são. As gentes vãs, que não os entenderam, chamam-lhe fado mau, fortuna escura, *sendo* só providencia de Deus pura (Cam. Lus. 10, 38) — Vio Alexandre Apelles namorado da sua Campaspe e deu-lha alegremente, não *sendo* seu soldado exprimentado, nem *vendo-se* n'hum cerco duro e urgente (ib. 10, 48) — Chamam-te illustre, chamam-te subida, *sendo* dina de infames vituperios (ib. 4, 96) — Com esta confiança até Susana, *sendo* mulher, e não só desamparada, mas até condenada de todos, só com levantar os olhos ao Ceo... prevaleceo contra os injustos e infames juizes (Vieira, Serm. 8, 201) — A resolução da qual [falla] estava... na pouca obediencia que lhe elrey de Cochij tinha, *sendo* elle çamorij do Malabar (Barros, Dec. 1, 7, 1).

Dada a variedade de relações e circumstancias expressaveis pelo gerundio, succede por vezes fazer-se um encadeado de orações implicitas todas com o verbo sob a forma gerundial, mas de especies differentes, devendo cada qual ser interpretada segundo o pedir o sentido:

A jangada dos vinte paraos... se adiantou de toda a frota, *chegando-se* pera nossa caravella e bateis, *tirando* muitas bombardadas com que davam assás de trabalho aos nossos. Mas *avendo* ja bom espaço que de huma e de outra parte fervia a artelharia... mandou Duarte Pacheco tirar com hum camello que ainda não descarregara (Dam. de Goes, D. Man. 112) — Os quaes [christãos] *indo* deste reyno na armada do almirante, em lugar de marinheiros, leixaram-se ficar com os nossos em a feitoria, *simulando* que eram lapidarios, *sendo* seu proprio officio bombardeiros e fundidores de artilharia (Barros, Dec. 1, 7, 1).

O gerundio denotador de acção simultanea, posto ao lado de certos verbos, combina-se com elles, constituindo uma das variedades da conjugação composta, como deixámos explicado a pags. 142 e 143 da Lexeologia. A mais perfeita das combinações faz-se com as differentes formas do verbo *estar*, o qual perdendo muito cedo a significação de «estar em pé», «permanecer», passou a ser empregado como simples auxiliar. Esta combinação de *estar*+gerundio com que se denota o momento rigoroso, faz parte do falar quotidiano de hoje e occorre frequentemente na linguagem literaria da Renascença:

E da casa maritima, secreta, lhe *estava* o deus nocturno a porta *abrindo* (Cam. Lus. 2, 1) — Desta maneira emfim lhe *está dizendo* (ib. 2, 43) — Quando depois de hum pouco *estar cuidando* (ib. 3, 3) — Não de outra sorte a timida Maria *falando está* que a triste Venus (ib. 3, 106) — Vai ajudar ao bravo Castelhano, que *pelejando está* co Mauritano (ib. 3, 114) — Hũa suave e angelica excellencia, que em si *está* sempre as almas *transformando* (ib. 3, 143) — As mãos lhe *estava atando* hũ dos duros ministros rigurosos (ib. 3, 125) — Da boca do facundo capitão *pendendo estavam* todos embebidos (ib. 5, 90) — Dureza nossa vida ha de ser, segundo entendo que o trabalho por vir m'o *está dizendo* (ib. 6, 41) — *Estava* o sol nas armas *rutilando* (ib. 6, 61) — Assi Pompilio, ouvindo que a possança dos imigos a terra lhe corria, a quem lhe a dura nova *estava dando*, « Pois eu, responde, *estou sacrificando* (ib. 8, 31).

Usado ao lado dos verbos *andar*, *ir* e *vir*, o gerundio terá o sentido de simultaneidade, formando oração á parte, caso nos ditos verbos prevaleça o conceito de locomoção. Se, pelo contrario, servirem apenas para denotar duração e actualidade da acção expressa pelo gerundio, passam a funcionar como verbos auxiliares de uma conjugação composta. Nos seguintes exemplos interpreta-se a forma infinita ora neste sentido como elemento combinativo, ora como acção simultanea á dos verbos de locomoção *andar*, *ir* e *vir:*

As memorias gloriosas daquelles reis que *foram dilatando* a fé e o imperio, e as terras viciosas de Africa e Asia *andaram devastando*, e aquelles que por obras valerosas se *vão* da lei da morte *libertando* (Cam. Lus. 1, 2) — E vereis *ir cortando* o salso argento os vossos Argonautas (ib. 1, 18) — *Rompendo* os ramos *vão* da mata escura (ib. 1, 35) — Pedio afincadamente que o desenganasse se era verdade que o avia de ajudar nestes trabalhos, ou se eram somente mostras o que *andava fazendo* (Goes, D. M. 110) — Pera verem algũs gentis homens de sua casa que *andavam jugando* á pella (ib. 29) — E por mandado seu *buscando andamos* a terra oriental que o Indo rega (Cam. Lus. 1, 52) — Não soffre muito a gente generosa *andar*-lhe os cães os dentes *amostrando* (ib. 1, 87) — O lucido planeta que as horas *vai* do dia *distinguindo* chegava á desejada e lenta meta (ib. 2, 1) — E se *buscando vás* mercadoria (ib. 2, 4) — As ancoras tenaces *vão levando* com a nautica grita costumada (ib. 2, 18) — A linda Ericina, que *guardando andava* sempre a gente lusitana (ib.) — Dest'arte *vai fazendo* a gente amiga (ib. 2, 58) — Nos perigos passados *vão fallando* (ib. 2, 67) — E faz correr vermelho o rio que Sevilha *vai regando*, co sangue mauro, barbaro e nefando (ib. 3, 75) — Quem tudo em fim *vencendo andava*, da larga e muita idade foi vencido (ib. 3, 83) — Tantos trofeos do Mahometa *alevantando vai* (ib. 3, 89) — *Vindo* o Castelhano *devastando* as terras sem defesa, esteve perto de destruir-se o reino totalmente (3, 138) — *Matando vão* amigos e parentes do adultero conde e da rainha (ib. 4, 4) — Cidade nobre e antiga a

quem *cercando* o Tejo em torno *vai* suave e ledo, que das serras de Conca *vem manando* (ib. 4, 10) — O campo *vai deixando* ao vencedor (ib. 4, 43) — Das pontas dos cabellos lhe cahiam gotas, que o corpo todo *vão banhando* (ib. 4, 71) — Pera os bateis *viemos caminhando* (ib. 4, 88) — Qual *vai dizendo:* Ó filho, porque me deixas misera e mesquinha? — (ib. 4, 90) — Eu, que *chorando andava* meus desgostos, comecei a sentir do fado imigo por meus atrevimentos o castigo (ib. 5, 58) — Ja Phlegon e Pyrois *vinham tirando* cos outros dous o carro radiante quando a terra alta se nos *foi mostrando* (ib. 5, 61) — E o deus, que foi... convertido em peixe... inda *vinha chorando* o feio engano que Circe tinha usado coa formosa Scylla (ib. 6, 24) — Os ventos, mais que nunca impetuosos, começam novas forças a *ir tomando* (ib. 6, 37) — Eis o mestre, que *olhando* os ares *anda*, o apito toca... E porque o vento *vinha refrescando*, os traquetes das gaveas tomar manda (ib. 6, 70) — Nós já *vamos* com medo *escrevendo* semelhantes acções (Freire, D. H. 131) — As pedras de que só formam os padrões *vão perdendo* a união das suas partes (Math. Aires, Vaidade 34).

Em port. ant. o gerundio podia usar-se não só com a preposição *em*, mas igualmente com a particula negativa *sem*. Desta linguagem, que em port. moderno foi substituida por *sem*+infinitivo ou *não*+gerundio, colhem-se numerosos exemplos, sobretudo nas obras de Fernão Lopes. Cotejem-se os seguintes:

Filharam sandia delleitaçom em algũas cousas com pecado *sem sperando* boa nem virtuosa fim (D. Duarte, Leal Cons. 207) — *Sem* o *dando* a entender (D. Isab. 51) — E possa em ella morar... *sem* por ella *pagando* pensom algũa (Ord. D. Aff. 4, tit. 74) — *Sem teendo* algũa justa e lidema razom (ib. 4, tit. 75) — *Sem* lhe *poendo* tall contradiçõ, confesso-o (F. Lopes, D. J. 349) — E el que os sentio, *sem sabendo* quem eram, rreçeou-sse muito (ib. 4) — *Sem quebrando* esta aveemça (F. Lopes apud Ined. Port. 4, 180) — *Sem fazendo* (Zur. Guiné, 59, 130) — *Sem havendo* nenhuma contrariedade (Zur. apud. Ined. Por. 2, 385).

